



Estarei ao seu lado

DA MESMA AUTORA DE GÊMEOS: AMANDO QUEM EU ODEIO E PETER ENCONTRA O AMOR

DANIELLE VIEGAS MARTINS



ESTAREI AO SEU LADO

Danielle Viegas Martins

2018

Copyright © 2018 DANIELLE VIEGAS MARTINS

Capa: Jéssica Macedo
Revisão: Igraínne Marques
Diagramação: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ESTAREI AO SEU LADO

1ª Edição - 2018
Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[DEDICATÓRIA](#)

[PLAYLIST](#)

[DANIELLE](#)

[JOHN](#)

[OS HAUSER](#)

[O SEQUESTRO](#)

[JOHN E DANIELLE](#)

[“ESTAREI AO SEU LADO”](#)

[SUSPEITA?](#)

[PETER](#)

[MUITO MAIS QUE GRATIDÃO](#)

[OS HAUSER](#)

[A VIDA É UMA PERMUTA?](#)

[HUGO](#)

[AMOR E DOR](#)

[TODA AJUDA É BEM-VINDA](#)

[APENAS UM MAL-ENTENDIDO](#)

[MAIS FORTE DO QUE APARENTA](#)

[AULAS, LIVROS, CINEMA E... FLORES](#)

[JOHN – REVELAÇÕES](#)

[DANIELLE – REVELAÇÕES](#)

[COM O CORAÇÃO PLENO](#)

[A FESTA DE FORMATURA](#)

[EDGARD, SUSPEITO NÚMERO UM?](#)

[HELENE, O ANJO MAU](#)

[KLAUS](#)

[OS CAMINHOS PELOS QUAIS A VIDA NOS LEVA...](#)

[DANIELLE](#)

[AMORES IMPOSSÍVEIS](#)

[DIA DE PRAIA](#)

[ENTRE O SONHO E A REALIDADE](#)

[RESISTINDO À TENTACÃO](#)

O BEIJO ROUBADO

TERAPIA DA BELEZA

O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE I: QUEM DÁ MAIS?

O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE II: A SAUDADE TEM FIM HOJE

O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE III: UM CASAL APAIXONADO
COMO OUTRO QUALQUER

O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE IV: A REALIDADE SUPERA O
SONHO

EU JÁ SONHEI COM A VIDA E, AGORA, VIVO UM SONHO

NÃO SEI SE PODEREI SER SEU AMIGO

A VOLTA DE SCHNEIDER

DE VOLTA A ONDE TUDO COMEÇOU

ADEUS, DR. PETER

NÃO HÁ NADA TÃO RUIM QUE NÃO POSSA PIORAR

VOCÊ NÃO É QUEM EU PENSEI QUE FOSSE

SEMENTE DA DISCÓRDIA

UMA INOCENTE ATRÁS DAS GRADES

TE AMO MAIS QUE A MIM MESMO

MORTE NA MANSÃO HAUSER

POSSO FICAR AQUI COM VOCÊ?

QUEM MANDOU MATAR JOHN HAUSER

HORA DO BANHO, DR. PETER; HORA DA VERDADE, SR. HAUSER

A JUSTIÇA SENDO FEITA

OFENSAS, DESENCONTROS, MAS TAMBÉM ESPERANÇA

HORA DE SEGUIR EM FRENTE

GRÁVIDA

NÃO HÁ MAL QUE DURE PARA SEMPRE

QUER SE CASAR COMIGO?

QUASE UM FINAL FELIZ, MAS...

E A AJUDA VEM DE ONDE MENOS SE ESPERA

EPÍLOGO

E O TEMPO PASSA...

UM NOVO COMEÇO

[NÃO PRECISO DE AJUDA](#)

[O MUNDO DO DR. PETER](#)

[CONHEÇA OS OUTROS TRABALHOS DA AUTORA](#)

[BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA](#)

[COMPARTILHE SUAS IMPRESSÕES](#)

[COM A AUTORA](#)

DEDICATÓRIA

*À minha mãe, Maria Edurirges, que é meu exemplo
máximo de integridade e amor incondicional;
e ao meu filho Gustavo, que foi o principal incentivador
para que esta obra nascesse.*

PLAYLIST

ESTAREI AO SEU LADO

Conheça as canções que foram trilha sonora dos capítulos do livro:

<https://open.spotify.com/playlist/2tO0FccbeUjyXfONkgF00H>

Muitas vezes perdemos a possibilidade de felicidade
de tanto nos prepararmos para recebê-la.
Por que então não agarrá-la toda de uma vez?"

LADY SUSAN

ROMANCE EPISTOLAR DE JANE AUSTEN.



DANIELLE

Danielle dirigia tranquilamente por aquela estrada do interior do Maranhão há quase duas horas. Com o rádio alto, acompanhava a música tema da animação *Snoopy e Charlie Brown*, filme que assistiu com o sobrinho Hugo, de quem se lembrava com um sorriso agora. Cinema sempre havia sido um dos passatempos preferidos dos dois e Danielle gostava de compartilhar bons momentos ao lado do garoto de oito anos, que era tão cinéfilo quanto ela. Agora, no carro, cantava porque se sentia feliz por ter ido passar as férias do trabalho em sua terra natal.

Essa era a primeira vez que ela voltava ao Maranhão desde a morte precoce de seu pai. As lembranças agora a assaltavam, nítidas. Quando partiu da ilha de São Luís para morar no Rio de Janeiro junto com a mãe, Rita, e os irmãos, Danielle tinha apenas dezesseis anos. D. Rita tinha uma irmã que já morava há quase vinte anos na Cidade Maravilhosa. Com o apoio da tia, Danielle e sua família se estabeleceram e o Rio passou a ser seu novo lar.

Com a mudança, contudo, Danielle precisou deixar para trás seus melhores amigos: Pedro e Rose. Os três se conheciam desde crianças e eram inseparáveis. Quando Pedro falou que tinha entrado para um grupo de escoteiros, logo Danielle e Rose também participavam das atividades. Os amigos se encantaram a filosofia do movimento escoteiro e com a oportunidade de participar das expedições, fazer trilhas, se animaram com os acampamentos de fins de semana e logo disputavam para ver quem ganhava mais distintivos. Era um fato: as lembranças de Danielle relacionadas ao Maranhão estavam sempre associadas aos amigos.

E, quase dez anos após a partida de Danielle, os amigos se reencontraram em um grande acampamento das tropas do 188º Grupo Escoteiros do Mar, que agora acontecia na cidade de Imperatriz. Para ela, o evento foi uma oportunidade de voltar à adolescência. Era como se o tempo não tivesse passado. O acampamento contava com quase cento e vinte pessoas.

Aquelas férias estavam fazendo muito bem a ela. A rotina de Danielle se resumia ao trabalho. Seu tempo livre era dividido entre cinema e seus amados livros, mas sentia-se feliz por ter aceitado o convite dos amigos e poder relembrar aquela época tão especial de sua vida. Só após reencontrá-los, percebeu o quanto havia sentido a falta de cada um deles ao longo de todos aqueles anos, apesar de conversarem com frequência por telefone.

Sua amiga Rose tinha prosseguido com seus planos de um dia se tornar

enfermeira e Pedro agora era fiscal do IBAMA. Já Danielle decidiu-se pela carreira de professora de inglês: lecionava literatura em uma universidade pública no Rio de Janeiro desde o fim de seu mestrado, há três anos, e amava o que fazia.

— Meu Deus! — Danielle sentiu seu coração bater descompassado.

Ela freou o mais rápido que seus reflexos permitiram, tentando desviar de uma picape Hilux escura que havia saído do nada de uma estrada lateral. Girou abruptamente o volante para a esquerda, mas, mesmo assim, não foi possível evitar a colisão com a parte traseira do outro veículo, que fez com que ela derrapasse e fosse de encontro a uma árvore.

Por alguns segundos, Danielle permaneceu estática, em choque. Felizmente, nunca dirigia sem cinto de segurança, mas o carro alugado não possuía *airbags* e, por essa razão, ela acabou batendo com força a testa no volante. Um zumbido agudo saía de seus ouvidos. *Efeito do trauma*, pensou. Ainda assim, agradeceu a Deus por nada mais grave ter acontecido. O som da rádio já não estava mais lá. Sentiu-se um pouco zonzá, mas aos poucos foi se recuperando do susto inicial.

Danielle ainda conseguiu ouvir o cantar de pneus da Hilux que, embora avariada, seguiu em disparada no sentido contrário.

Com pesar, ela constatou que havia uma rachadura enorme no para-brisa dianteiro. Virou a chave do carro várias vezes. Nada. Libertou-se do cinto de segurança, saiu do veículo e pôs-se a observar a situação: fumaça escapava pelo capô do carro alugado que, apesar de não ser um modelo de luxo, tinha tração nas quatro rodas e era muito prático para se conduzir em estradas de terra com aquela, além de estar em ótimas condições. Ou pelo menos estava antes da batida.

— Por que não segui o conselho da Rose? — Danielle lembrou-se da amiga, que havia insistido para que ela ficasse até o encerramento do evento ao fim da tarde do dia seguinte. Pedro tinha inclusive sugerido que ela adiasse seu voo de volta ao Rio, considerando que Danielle ainda tinha alguns dias de férias. Mas, após a cerimônia de hasteamento das bandeiras, ela se despediu e partiu de volta à ilha de São Luís. A verdade era que pretendia passar alguns dias com a avó Antônia antes de embarcar de volta ao Rio de Janeiro.

A professora olhou ao redor e ainda pôde ver a trilha de poeira levantada pela Hilux, cujo motorista não se preocupou em prestar nenhuma assistência após a colisão, mesmo sem saber se havia feridos no acidente.

— Como alguém pode agir de forma tão irresponsável? — pensou Danielle, revoltada. — Nem se dignou a saber se eu precisaria de ajuda.

Preciso fazer alguma coisa, pensou consigo mesma. Não havia dúvidas de que, naquele estado lastimável, o veículo não voltaria a rodar tão cedo. Tentou pensar racionalmente qual seria seu próximo passo. Uma gota de chuva caiu na lente de seus óculos, seguida por outras duas. Olhou para o céu, que começava a ficar nublado.

“Ainda tem a previsão de chuva para o fim da tarde de hoje...” — outro argumento de Pedro durante o café da manhã, lembrou-se Danielle.

Ela havia parado apenas duas vezes durante o trajeto de volta à capital do Maranhão: a primeira para abastecer; e a outra, há pouco mais de uma hora, com o objetivo de alongar as pernas e comer alguma coisa em um restaurante simples, à beira da estrada, mas com comida deliciosa. Adorava torta de camarão e se deliciou com aquele guaraná cor-de-rosa que só se encontrava lá e em Belém. Lembrou-se de que havia comprado no restaurante: duas garrafas de água para seguir viagem. Pelo menos, não estava com fome e não ficaria com sede.

Quem a conhecia sabia o quanto Danielle era precavida e organizada em seus planos. Manter o foco em situações de crise, enquanto outros perdiam a calma, era sua maior uma qualidade.

Pegou sua mochila no carro e procurou pelo celular para tentar pedir ajuda, chamar um reboque ou fazer alguém saber do ocorrido. O aparelho estava com pouca bateria, mas o pior era a total ausência de sinal naquela área. Ligou o modo de economia de energia antes de começar a caminhar em círculos pela estrada numa tentativa de conseguir, pelo menos, um pontinho de sinal no aparelho — queria completar uma chamada antes que sua bateria chegasse ao fim de vez. Mas foi em vão.

Olhando para os dois sentidos da estrada, Danielle via apenas árvores à sua frente. Ela tentou lembrar-se da última vez que havia avistado uma casa, vila ou qualquer outra propriedade habitada. Havia sido pouco depois do almoço, ou seja, quilômetros atrás. Avistou a estradinha à esquerda de onde a Hilux havia surgido, causando o acidente, e pensou em seguir por aquele caminho. Com sorte, haveria alguma propriedade com telefone por lá. Era o raciocínio mais lógico. A estrada principal estava deserta, e há mais de uma hora não passava um carro sequer por ali.

Decisão tomada, ela colocou as garrafas de água na mochila, ligou as luzes de alerta do carro e seguiu pelo caminho, não muito diferente da estrada de terra principal, apenas mais estreito. Pensou em caminhar por trinta minutos e, caso não encontrasse nenhuma alma viva, voltaria para o veículo e aguardaria

resignada. Quando chegou a uma bifurcação, escolheu aleatoriamente um dos lados: não havia placas ou nenhuma outra indicação. E Danielle seguiu em frente. Já andava há uns quinze minutos e a ideia de passar a noite longe de um abrigo seguro lhe causava arrepios.

— Da próxima vez, vou ser menos teimosa — pensou consigo mesma, lembrando-se dos amigos. Sabia que eles ligariam no dia seguinte para a casa de sua avó para se despedirem. Torcia que, antes disso, conseguisse voltar segura para a casa de dona Antônia.

Um barulho lhe tirou repentinamente de seus devaneios, colocando-a em estado de alerta. Havia alguém ali. Parou para prestar atenção. Silêncio absoluto, exceto pelo canto das cigarras. Observou ao redor com atenção e ficou boquiaberta quando vislumbrou na margem da estradinha o que parecia ser um homem no chão com o corpo totalmente ensanguentado e imóvel. Não acreditava no que via. Se aproximou com cautela para checar se o homem estava morto de fato. Olhou ao redor e não viu uma viva alma.

Outro barulho lhe tirou do choque de ver o corpo abandonado na estrada. Seu celular ressuscitou em momento oportuno e dava alerta de sinal. Mais que depressa ela discou 190.

— *Polícia Militar do Maranhão* — disse a voz do outro lado da linha.

— Graças a Deus! Estou precisando de ajuda. Bateram no meu carro na MA 386 em Imperatriz. Eu saí em busca de ajuda e encontrei o corpo de um homem. Acho que está mort...

Nesse momento, o homem se mexeu e segurou sua perna, para, logo depois, cair inconsciente novamente. Após o sobressalto causado pelo toque daquela mão fria em sua pele, Danielle, que conteve por pouco um grito de pavor, respirou fundo, tentando acalmar-se e corrigiu o que havia dito anteriormente.

— Ele está vivo!



JOHN

— Sim. Está se mexendo. Mandem uma ambulância o mais rápido possível! Ele está gravemente ferido. Talvez tenha sido atropelado — explicou Danielle que, depois de passar as coordenadas de onde estava aproximadamente, recebeu orientações de como proceder com os primeiros socorros. Mesmo já sabendo o que fazer, ela prestou atenção. Precisava daquele tempo para se recobrar do susto e nortear seus próximos passos.

Após encerrar a ligação, o telefone quase que simultaneamente descarregou de vez. Lembrou-se de ter deixado seu carro com o alerta ligado perto do acesso àquela estradinha lateral.

— Tomara que a bateria colabore e mantenha o alerta indicando o caminho — pensou, aproximando-se novamente do homem. Viu que ele não oferecia nenhum risco; muito pelo contrário, estava ali totalmente indefeso e suscetível a qualquer perigo. Precisava fazer algo. Sentia em seu coração a necessidade de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudar aquele desconhecido.

Aproximando-se dele, ajoelhou-se ao seu lado e examinou melhor a extensão de seus ferimentos. Percebeu uma possível fratura no braço direito e vários hematomas visíveis na face e no abdome. Sua camisa, além de ensanguentada, estava quase toda aberta, como se os botões tivessem sido arrancados com violência. Notou vários pequenos cortes nos seus braços.

Começava a escurecer e a chuva, embora fina, não dava trégua.

Por sorte, o acostamento da estradinha onde estavam era margeado por árvores não muito altas, mas com copa densa, de modo que ofereciam abrigo da chuva, por ora. Abrindo a mochila e rasgando uma de suas blusas, Danielle improvisou uma tala para imobilizar o braço, com o auxílio de alguns galhos quebrados que encontrou por perto.

— Me solte! — disse o homem, a dor estampada no rosto por tentar se mover. Apesar do tom áspero na voz, ele falava baixo e com muita dificuldade.

— Acalme-se, por favor — disse Danielle, ouvindo sua própria voz soar insegura. — Eu estou aqui para ajudá-lo. Você está muito ferido. Parece ter quebrado o braço direito. É preciso mantê-lo o mais imóvel possível.

O homem levantou a cabeça o suficiente para olhar melhor para ela. Um de seus olhos estava completamente fechado e roxo. E então a cabeça dele caiu para trás novamente. Notava-se claramente, além das ressalvas com a companhia de

uma estranha, a confusão em seu olhar. Ele ouvia a voz dela, mas não discernia bem o significado das palavras.

— Você sofreu um acidente? — perguntou Danielle. Nenhuma palavra em resposta. — Foi atropelado? — insistiu. Ele permaneceu em silêncio.. — Está com sede?

Imediatamente, o homem levantou a cabeça e fez que sim, apesar de ainda se mostrar apreensivo com ela.

— Eu vou te dar água. Fique calmo. Tudo vai dar certo.

Pela reação dele à menção ao líquido e por seu estado, Danielle pôde perceber que aquele homem parecia ter sido submetido à privação de água e comida. Mas por qual motivo?, pensou ela enquanto o auxiliava a levantar um pouco a cabeça. Ficou observando o homem, enquanto se saciava bebendo com dificuldade pequenos goles. As feições relaxaram um pouco. Danielle percebeu que o homem parecia menos tensa agora e esperou que ele estivesse mais propenso a colaborar depois de matar a sede.

— Quem é você? O que aconteceu? Por que alguém faria isso com você? — muitas perguntas passavam pela mente de Danielle.

— John... — ele conseguiu responder. — Sequestro — disse enfim, antes de cair inconsciente novamente.

A mente de John o transportava para uma semana atrás, quando tudo aquilo havia começado.



OS HAUSER

John respirou fundo, percebendo que realmente não queria estar ali. Ultimamente, fazia questão de ignorar ou recusar formalmente todos os convites para eventos sociais que recebia. Mas este, infelizmente, era irrecusável. Veio prestigiar o casamento de seu diretor financeiro e amigo pessoal Klaus.

— Vê se não vai inventar uma desculpa de última hora e faltar ao meu casamento, *Bruder*^[1] — havia dito Klaus na véspera.

John Hauser se viu sem saída. Afinal, já havia recusado ser o padrinho de casamento, embora por motivos óbvios: dois anos atrás, havia namorado a noiva em questão. E, apesar de ela manter as aparências em público, era perceptível certo melindre por parte da família Kirshner, especialmente quando Helene estava presente. As transações comerciais que sua empresa mantinha com os Kirshner não tinham sido abaladas com o fim do relacionamento, pois os negócios eram vantajosos demais para isso. A família Kirshner era a personificação do ditado “amigos, amigos; negócios à parte”.

Para John, Helene reservava um tom de ressentimento em sua voz sempre que se dirigia a ele. John, por sua vez, apenas ignorava a ex-namorada por completo. Logo após o fim do relacionamento, passou a evitar lugares que havia frequentado com ela enquanto estavam juntos, como era o caso das reuniões no clube *Deutsche und Kinder*^[2], que admitia exclusivamente alemães, como o próprio nome sugeria, seja por nascimento, casamento ou descendência. Uma vez que Helene não significava mais nada para ele, era fácil até não notar sua presença nas poucas ocasiões em que se encontravam no mesmo lugar.

Mas, sendo a comunidade e as colônias alemãs muito restritas em seus círculos, inevitavelmente, ela acabaria se casando com alguém conhecido. Famílias ricas gostavam de aumentar suas fortunas por meio do casamento. Porém, John nunca iludiu Helene. Sempre foi transparente ao dizer que casamento não fazia parte de seus planos. Nem com ela nem com qualquer outra mulher.

John sentiu esvaecer, aos poucos, seu interesse pela moça, ao perceber a necessidade quase vital que Helene tinha em expor da própria imagem. Costumavam frequentar o clube alemão e outros eventos sociais tidos por Helene como compromissos essenciais à posição social que ocupavam, mas que John apenas tolerava. E levou pouco tempo para que ele se cansasse dessas reuniões regadas a empáfia e ego.

A família Kirshner, de modo geral, possuía grande interesse por tudo que envolvia poder, dinheiro e prestígio social – Helene simplesmente havia saído aos seus. John Hauser, honestamente, de início, ficou impressionado com toda a intensidade da loira de olhos verdes e beleza ímpar, mas, com o passar do tempo, reduziu cada vez mais sua aparição em tais eventos. Jantares e coquetéis com propostas vazias, apenas para falar de suas novas aquisições e planejar novos eventos para a distração da alta sociedade catarinense.

Quem não era alemão por nascimento podia pleitear espaço naquele círculo seletos por meio do matrimônio se, e apenas se, compensasse essa “desvantagem” com uma conta bancária recheada de ativos superiores à casa das dezenas de milhões. John estava farto de tudo aquilo. Foi por essa razão que terminou o namoro com a herdeira Kirshner em menos de oito meses. O estopim para o fim da relação foi tê-la flagrado dando ordens em sua casa e humilhando sua governanta, chamando-a de “velha surda e ignorante”, apenas por ela não ter respondido prontamente quando Sabine Müller, uma amiga de Helene, pediu-lhe mais vinho. A governanta tinha uma perda auditiva que, no entanto, não atrapalhava seus afazeres, pois era corrigida por um aparelho. Naquela manhã, ela não encontrou o aparelho quando acordou e tentou justificar-se. Helene, porém, não quis ouvi-la.

— Quando eu for a senhora desta casa, minha primeira providência será arranjar uma governanta à altura do sobrenome Hauser e mandar jogar essa senhora daqui pra fora em... — John entrou na sala aplaudindo o discurso de Helene, o que a fez mudar de cor.

— É mesmo, Helene? Fará mesmo isso? — perguntou ele. O rosto de John era uma máscara petrificada, tão dura estava sua expressão. A governanta cumprimentou seu patrão e ia se retirar para dar privacidade ao casal e a sua convidada, mas John pediu que ela permanecesse:

— *Fräulein* Evelise, fique! — disse ele, tocando-lhe o ombro. — Quem sairá desta casa para nunca mais voltar será a senhorita Kirshner.

— Mas, John... Você me entendeu mal... — disse Helene, sob o olhar cínico de sua amiga Sabine.

— Eu e a *Fräulein* Evelise estávamos apenas... — as palavras fugiram e Helene virou-se em direção à governanta, como que buscando por algum apoio.

— Sim, continue. O que estavam fazendo, Helene? — interpelou John Hauser, impassível de cima de seus 1,92 m.

Ela ainda tentou argumentar com a justificativa de que apenas dava instruções a *Fräulein* Evelise sobre como servir o vinho aos convidados sem

atrapalhar as conversas.

— Não se dê ao trabalho de prosseguir — retrucou John — Poupe-me de sua falta de caráter e leve sua amiga com você.

Nesse momento, Sabine, que antes sorria intimamente face à possibilidade de ser a substituta de Helene na vida de John Hauser, fechou o cenho. Ele era o herdeiro de uma das famílias mais influentes de Santa Catarina e um dos partidos mais cobiçados do país por sua imensa fortuna com seu conglomerado de empresas, sobretudo no mercado de transporte urbano.

— Quer saber? Dane-se você e essa sua empregadinha ignorante! Eu já estava farta de sua vida de reclusão de qualquer forma.

Aquele foi o encerramento da breve relação de John Hauser com Helene Kirshner. Agora, ele imaginava o infortúnio de seu amigo ao casar-se com tal mulher, mas Klaus era maior de idade e fizera sua escolha; cabia a John torcer por sua felicidade, embora duvidasse fortemente que sua ex pudesse ter mudado em dois anos.

Para um homem com as possibilidades de John Hauser, evitar certos locais e certas pessoas era um luxo que se reservava. Viajava com frequência no eixo Rio–São Paulo, como, de igual modo, ele precisava ir à Alemanha dezenas de vezes por ano para supervisionar a sede da empresa da família em Leipzig. Ia bastante para outras cidades no exterior como Berlim, Paris e Berna, também para apreciar a companhia de certas amigas que compreendiam que seu coração nunca estaria disponível e aceitavam bem suas regras de não se envolver.

Agora, sentado àquela mesa, ao lado de familiares dos noivos, lembrava-se do porquê daquela atmosfera lhe parecer pesada demais. Repleta de falsos sorrisos, interesses ocultos e subterfúgios que não conseguiam mais capturar sua atenção, a conversa ali girava em torno de trabalho e, naquele momento, discutia-se a implantação de uma nova linha de metrô em uma capital. Mas John já havia perdido as contas de quantas vezes tinha sido interrompido pelas mães que queriam apresentá-lo a suas jovens e primorosas filhas. Estava cansado de tudo isso.

Após dispensar, com um sorriso charmoso, a possível nona candidata, trocou olhares com a avó de Klaus, o único rosto naquela mesa que lhe inspirava afeição. Sabia que tinha o dedo dela na divulgação da notícia de que ele havia confirmado presença no evento. A anciã, fazendo-se de desentendida, sorria-lhe com inocência. John levantou-se e despediu-se de todos na mesa, antes de se aproximar e dar um beijo na face da velha senhora, por quem nutria tanto carinho. Após a morte da mãe de John, ela ocupava um lugar especial em sua

vida. E, só por essa razão, John permitia a ela certas intrusões em sua vida pessoal. Ele sabia que eram motivadas pelo afeto e respeito mútuo que sentiam um pelo outro.

— Um a zero, *Großmutter*^[3] Magda.

— Não faço ideia do que está falando, Hauser — disse a senhora, sabendo que havia sido descoberta, mas negando até o fim.

— Tudo bem — disse ele, fingindo acreditar e entrando no jogo dela — Por favor, diga a Klaus que desejo toda a felicidade para ele e a esposa. Não posso ficar mais.

— Mas já vai tão cedo? Que pena... Ele adorou o presente de casamento que você deu. Vocês trabalham tanto que fazia mais de cinco anos que ele não tirava férias, John.

— Agora eu sou um patrão sem escrúpulos que impeço meus funcionários de tirarem férias, é isso? — inquiriu ele, fingindo-se de ofendido e conseguindo, desta vez, fazê-la rir.

— Sei que a culpa não é sua. Ele é tão viciado em trabalho quanto você. Avisei isso à esposa dele — disse ela, enfatizando a palavra esposa e demonstrando que John não era o único a não apreciar a escolha de Klaus. — O que eu quis dizer é que viajar para as ilhas gregas é o sonho de qualquer casal em lua de mel, meu filho.

— Espero que desfrutem bastante.

John beijou-lhe as mãos e a senhora idosa acariciou seu rosto ao se despedirem. Ele já alcançava o vestíbulo para ter acesso aos jardins, onde havia estacionado seu Audi R8, quando foi interceptado por um dos garçons.

— Sr. Hauser, o noivo pediu para lhe falar em particular por um minuto — disse.

— Agora? — estranhou John, olhando para o relógio. Não queria se alongar mais ali. *Tomara que seja algo rápido*, pensou.

— Por aqui, senhor — disse o garçom, conduzindo-o por um longo corredor à esquerda, que dava acesso a uma área fechada da grande propriedade dos Heinz.

De repente, foi surpreendido com um capuz preto cobrindo-lhe a cabeça e por uma sequência de socos que o deixaram atordoado. Percebeu rapidamente que havia mais de um agressor. Com seu raciocínio rápido, reagiu, jogando-se sobre o garçom que o havia atraído até aquela armadilha. O garçom bateu a cabeça na parede e caiu no chão inconsciente. John tirou o capuz da cabeça e

deparou-se com outros três homens preparados para atacá-lo.

— A melhor escolha pra você é não reagir — disse o que aparentava ser o líder da quadrilha. — Vai ser melhor pra você assim.

Todos os três usavam uma espécie de touca preta para encobrir suas identidades. John não baixou a guarda, não permitindo ser intimidado por aqueles covardes. Perguntou sem perder o autocontrole:

— O que querem de mim? — agora, se arrependia por não ter trazido seu motorista e, muitas vezes, guarda-costas pessoal, Bruno. Ele era muito bom de briga, mestre em *krav magá*.

Havia sido um pedido de Helene, que dizia não ter nada contra pessoas “mestiças”, como ela chamava qualquer um que não fosse europeu direto, mas preferia que o motorista de John não estivesse presente em seu casamento. Sempre dizia não se sentir confortável na presença intimidante de Bruno. Ela falou com Klaus e ele intermediou o pedido a John que, a contragosto, concordou após o amigo insistir, não querendo ser motivo de aborrecimentos para a noite de casamento dos dois. Decidiu que ele mesmo dirigiria e, por isso, evitou consumir álcool naquela noite. Agora, no entanto, o arrependimento de John por ter cedido não tinha tamanho.

A resposta dos brutamontes foi a violência. O primeiro partiu para cima de John, que reagiu rapidamente, dando dois ganchos de direita na altura dos rins de um deles. O homem foi ao chão sem nenhuma chance de defesa, quase ao mesmo tempo em que John acertava um dos outros comparsas com um chute certo. O terceiro criminoso tentou segurá-lo por trás, e, assim, John recebeu um soco no olho esquerdo e outro ao lado da boca. Precisava reagir, pensou, e, quando o homem se preparava para acertá-lo pela quarta vez, John deu uma cabeçada para trás, quebrando o nariz do homem que o segurava. O homem atingido jogou John para cima, na direção do brutamontes que se preparava para golpeá-lo. Foi nesse momento que John sentiu uma forte dor e caiu no chão, quase inconsciente.

— Quero ver o que vai fazer agora, seu imbecil — e, dizendo isso, o garçom que o havia conduzido àquela emboscada encostou em seu pescoço a máquina de choques, deferindo-lhe uma descarga elétrica até seu corpo não reagir mais. A última coisa que ouviu foi o som distante da valsa tocando no salão de baile e os urros do agressor pela dor do nariz quebrado.

John acordou horas depois, totalmente zonzo e com a vista embaçada. Depois de certo tempo intuiu que estava dentro do porta-malas de um carro em movimento. Colocando sua mente para raciocinar, John rapidamente recordou-se

do que havia acontecido. Estava sendo sequestrado. Logo percebeu que suas mãos tinham sido amarradas para trás e estavam dormentes, mas suas pernas permaneciam livres. Não se renderia sem lutar. De repente, o veículo parou e ele ouviu vozes conversando. Preparou-se e, assim que abriram o porta-malas, John desferiu um chute na cara do meliante.

— Miserável! — disse o bandido, caindo de joelhos. O outro, aproximando-se, apontou uma arma para John, enquanto o primeiro soltava vários palavrões e tentava conter o sangramento do nariz que já estava quebrado. O sangue escorria pela touca e pelo pescoço.

— Vai pagar caro por isso! — gritou o criminoso ferido, tirando uma arma da cintura e apontando-a para John.

— PARE COM ISSO, RUI! — era a voz do líder. — Não aqui. Esqueceu quais foram as ordens?

O bandido pareceu pensar um pouco e abaixou a arma. Foi quando John viu a tatuagem em forma de caveira que tomava boa parte de seu antebraço.

John foi tirado com violência do carro e jogado de cara no chão. O bandido, ainda com uma das mãos cobrindo o nariz ensanguentado, aproveitou a oportunidade e deu dois chutes fortes em suas costelas. John se contorceu, mas respirou fundo para bloquear a dor. Não podia desperdiçar sua próxima chance de fuga, pois, pelo que havia entendido, “as ordens” eram para que não acabassem com a vida dele ali.

— Ele quebrou meu nariz, Jorge — queixou-se o brutamontes.

— Basta! — disse Jorge novamente — Você devia ter amarrado as pernas dele, seu idiota. Faça isso e traga-o aqui.

Assim, depois de amarrar os pés de John com um pedaço de corda, Rui o arrastou até o chefe com a ajuda de outro, que estava dirigindo o veículo.

John avistou a seringa com um líquido já preparado em seu conteúdo.

— O que é isso? — gritou, empregando todas as forças que ainda tinha para desvencilhar-se. Porém, o outro bandido, que estava dirigindo anteriormente, fez questão de mostrar que carregava uma arma de cada lado da cintura. O recado dado. John entendeu que as retaliações seriam mais enérgicas dali por diante. Não tendo outra saída e conhecendo as ordens do suposto mandante do sequestro, sabia que não morreria naquele lugar. Resignou-se a aceitar aquela situação, sentindo-se naquele momento mais impotente do que jamais havia se sentido em toda sua vida.

Depois que lhe aplicaram o líquido, John não viu mais nada.



O SEQUESTRO

John foi acordado com um balde de água sendo jogado em seu rosto. Tossiu muito para expelir a bebida, que havia entrado por sua boca e seu nariz. Havia tirado seus sapatos, seu paletó e a gravata, mas permanecia com a camisa e a calça que usava na cerimônia.

— Acorda, riquinho idiota! — disse Rui. Tinha feito um curativo sobre o nariz e estava agora sem máscara. John podia ver bem suas feições. Parecia já ter feito alguma luta de combate no chão, pela forma como suas orelhas eram deformadas. Era bem alto e forte, mas não parecia muito inteligente.

John estava confuso e com uma forte dor na cabeça, que devia ser algum colateral da droga que haviam aplicado. Ele olhou em volta; era um quarto quente e muito sujo. Parecia um casebre abandonado, feito basicamente de barro e ripas. Não fazia ideia de como tinha chegado até ali.

Os outros dois bandidos entraram no quarto. Todos sem capuz desta vez. Pareciam não estar mais preocupados em serem reconhecidos. *Mas por quê?*, pensou John. Será que estavam tão distantes de casa assim? Refletindo com calma, pensou melhor. Aquela era a pergunta errada. Já sabia por que não se preocupavam mais em esconder seus rostos. A resposta surgiu óbvia à sua frente:

— Vocês me trouxeram aqui para me matar — constatou ele, tentando ficar de pé em frente aos meliantes. Eles não o impediram; porém, o máximo que conseguiu com os braços amarrados foi ficar de joelhos. Sentia-se ainda muito tonto. Provavelmente, era o efeito da droga ainda agindo em seu organismo.

— Você sacou rápido — respondeu Rui, com ironia. John pensou em argumentar. Refletia sobre a melhor forma de negociar com os criminosos. Como se lesse sua expressão, Jorge disse:

— Antes que pense em propor dobrar ou triplicar a oferta que recebemos para o serviço, sugiro que não perca seu tempo — replicou o líder da quadrilha, que era bem mais velho que o Rui. Aparentava ter cerca de cinquenta anos, mas estava em boa forma física. — Já garantimos mais dinheiro que poderíamos gastar em uma vida — finalizou.

— Então... — respondeu John, sem desviar o olhar do grupo — o que estão esperando? Terminem o serviço!

— Vamos ver se sua valentia vai persistir depois de tudo que está previsto para você no pacote — disse o terceiro homem, que era magro e alto, mas que

John julgou ser o mais perigoso dos três, pois seu olhar o lembrava o de uma cobra quando se prepara para dar o bote. Até sua forma de caminhar na direção de John lhe deu essa impressão.

Mas, quando ele se abaixou para falar, olhando John diretamente nos olhos, não foi o que ele disse, mas a *forma* como disse, que deixou claro que não hesitaria em acabar com sua vida:

— Quando terminarmos a programação dos próximos três dias, você vai implorar para morrer. Acredite em mim. Eu vou adorar ver você me pedir pra te matar — concluiu o sequestrador, sorrindo.

Então, esse era o seu tempo de vida, caso não fizesse nada para escapar daquele cativeiro e de seus sequestradores, pensou John. Ele sustentou o olhar do criminoso sem abaixar a cabeça. Se morreria ali, faria isso como o homem que sempre foi.

— Posso saber quem é o mandante? — inquiriu John ao homem à sua frente, que lhe respondeu com um soco no olho direito. John, que continuava com as mãos amarradas, caiu no chão. Estava fraco.

— Vai saber, Sr. Hauser — disse o líder do grupo, aproximando-se dele e ficando de cócoras a seu lado, segurando uma pistola automática na mão esquerda. — Dou a minha palavra: você saberá. Serão as últimas palavras que ouvirá antes de morrer. *Essas* foram as ordens.

— Onde eu estou? — perguntou John, ainda no chão.

— Sem mais perguntas! — e um chute atingiu sua barriga.

John prometeu a si mesmo não permitir que quebrantassem seu espírito e resistiu com bravura aos socos, chutes e a toda a violência a que foi submetido a seguir.

Depois do que pareceram horas, largaram-no amarrado no chão, do lado de fora da casa. Ao sair, sua visão ficou turva por conta da claridade. Essa era a “programação”, dizia Rui, com sua risada sarcástica, enquanto tomava uma bebida gelada. Pior do que o calor, era a sede que John sentia. Chegava a sentir sua pele queimar em contato com a areia daquele local que parecia uma chácara no meio do nada. Um muro alto cercava a pequena propriedade até onde a vista podia alcançar.

De repente, jogam-lhe um balde de água nas costas para indicar que chegava ao fim a sessão de tortura ao sol de meio-dia. Aquele castigo passou a ser sua referência quanto às punições que recebia. Depois do meio-dia, ainda restavam três sessões de tortura, que eram aplicadas pontualmente. E assim foi

também no segundo dia. Porém, na madrugada do segundo para o derradeiro terceiro dia de seu cativeiro, John viu uma oportunidade de fugir. Sentia o nó das amarras mais frouxo. Tinha emagrecido devido à privação de comida e água. Afinal, só lhe era dado algo para comer ou beber se e quando achavam que era necessário, apenas para que John continuasse respirando chegasse vivo até o fim da “programação”.

O nó que prendia seus pulsos não havia sido refeito desde que tinha chegado àquele lugar, então John sabia que podia soltar-se, mas esperava a oportunidade certa. Esperaria pelo melhor momento. Não podia desperdiçar a chance, que provavelmente seria a única. E ela veio naquela madrugada.

Pelos seus cálculos, tinha ainda cerca de mais meia hora antes do próximo turno de tortura: a cada três horas, meia hora de tortura; logicamente, para que seu corpo se recuperasse e pudesse suportar mais dor em seguida. Porém, John sabia que a ideia de um intervalo tão grande tinha outra intenção e que deveria ter partido do criminoso ainda sem nome. Ele parecia ser o mais empenhado em cumprir as exigências do mandante do rapto. Era um homem sádico que entendia como a mente podia ser traiçoeira ao antecipar o sofrimento.

O objetivo estava claro como água: os intervalos entre as torturas estavam lá para enfraquecer a razão e a sanidade da vítima. O terror psicológico era um dos mais cruéis, porque naquelas três horas de espera pela aplicação do próximo castigo, o sofrimento seria constante. John sabia disso. Havia lido em algum lugar sobre a técnica empregada em guerrilhas e, por isso, esforçava-se ao extremo para que sua mente não sucumbisse. Manter-se são era a única forma de escapar daquele cativeiro.

Após certo tempo, John foi tentando não assimilar mais a dor. Seu olho direito estava completamente fechado, resultado dos socos e chutes que havia recebido naqueles dois dias. Mas, graças a Rui, havia um complicador: um castigo inesperado havia sido proposto e foi aplicado logo após o “banho de sol”.

— Vamos te dar a chance de escolher, John. Quer que quebrems uma perna ou um braço seu? — Rui parecia muito feliz por ser o algoz desse jogo sádico.

Respirando fundo, John estendeu o braço esquerdo. O sequestrador alto e magro apenas observava, enquanto Rui segurava o pedaço de madeira na mão; parecia querer apreciar o que iria acontecer. Rui levantou aquele pedaço de madeira o mais alto que pôde. Contudo, antes de desferir o golpe, de repente, o homem que observava o fez parar.

— O que foi, Schneider? — retrucou Rui, finalmente revelando o nome do

terceiro criminoso. — Eu farei isso! — continuou o brutamonte — A ideia foi minha. Lembra-se de que ele quebrou meu nariz?

— Pare de choramingar, seu imbecil! — exasperado, Schneider se aproximou de John e, com muita calma, continuou. — Troque de braço.

John percebeu que ele sabia que era destro e que deixá-lo sem poder usar o braço dominante para se defender era quase que deixá-lo fora de combate. Preparando-se para a dor certa, John manteve-se firme e estendeu o braço direito. Não conseguia esquecer a expressão de contentamento de Rui ao perceber que tivera êxito em infligir tanta dor a ele. O criminoso sentia-se vingado. Talvez, por essa razão, pela enorme satisfação pessoal que sentia consigo mesmo, Rui acabou perdendo o horário da sessão seguinte. Deitou-se na rede estendida na pequena varanda do casebre e caiu no sono, sendo acordado por um severo tapa na cara dado por Schneider.

— Seu imbecil! Você o deixou fugir! Acorda! — outro tapa, agora no pé do ouvido, fez com que Rui ficasse temporariamente desnortado.

— Como assim ele fugiu, Schneider?

— Diga-me você, seu imbecil! Você fez a última sessão a que horas?

Rui, ainda sem entender direito, percebeu que caíra no sono e dormira demais.

— Há cinco horas — respondeu em um sussurro, após checar o relógio. Schneider lhe dava calafrios, mesmo não sendo grande como ele era. Sabia de muitas histórias apavorantes que eram atribuídas a Schneider. Ele tinha fama de ser cruel ao extremo, sádico mesmo. Sempre terminava um trabalho, independentemente de quem fosse o alvo.

— Vá avisar seu irmão! Eu vou pegar a picate para irmos atrás dele — gritou Schneider, indo na direção onde o veículo havia ficado estacionado. Pensou em contatar o mandante, mas relutou. Tentariam capturá-lo antes. Se não conseguissem, apenas comunicariam e fugiriam com a metade do dinheiro que já haviam recebido. Afinal, o serviço havia escapado com informações importantes sobre eles: seus nomes, o motivo do sequestro e, principalmente, conhecia bem o rosto de cada um dos sequestradores.

Schneider sabia que John não era o tipo de homem que seria condescendente e que esqueceria facilmente o que os sequestradores lhe fizeram. Com todo o dinheiro que John dispunha, iria até o fim do mundo para encontrá-los. Seria uma questão de tempo, caso eles fossem pegos pela polícia, para que quem os havia contratado também caísse. E a corda sempre arrebentava do lado mais fraco.

Além daqueles muros, John corria o mais rápido que podia. Ao soltar-se, logo percebeu que, como imaginava, Rui havia deixado a porta apenas encostada e estava roncando na rede. Havia perdido o horário do castigo. John circundou o muro, procurando alguma forma de escalar, até que viu algumas pilhas de tijolos.

— Droga! Arame farpado — pensou, descendo dos tijolos para tentar usar algo para proteger-se um pouco dos cortes que a cerca causaria. Pegou algumas folhas de bananeira que estavam próximas aos montes. Com cuidado para não fazer nenhum barulho que o denunciasse, subiu novamente na pilha e, enrolando as folhas, forçou uma abertura entre o arame farpado. A cerca feriu seus braços e seu rosto, mas o restante de seu corpo ainda estava meio que protegido por sua roupa. Com muita dificuldade, John apoiou o corpo e se jogou, caindo no chão do outro lado do muro. Felizmente com o peso do corpo sobre o braço que não estava quebrado, a dor foi controlada. Os reflexos de dor no braço direito eram igualmente suportáveis.

Dali, aproveitando-se da madrugada, não sabendo de onde tirava forças, John correu, embrenhando-se o máximo que podia pela mata à frente da casa que foi seu cativeiro. Agradecia a Deus pela oportunidade. Agradecia por estar livre novamente. Só conseguia pensar em se afastar dali. Não podia parar de correr. Corria para ter de volta a sua liberdade. Corria para sua vida de volta.



JOHN E DANIELLE

— John, acorde! — Danielle percebeu que sua voz saiu mais alta do que pretendia. Precisava dominar suas emoções pelo bem-estar do homem, pensou.

Danielle costumava manter seu autocontrole, independentemente da situação de crise que enfrentava. Além disso, a pessoa na sua frente precisava de alguma segurança, depois de tudo pelo que devia ter passado.

— John! — ela chamou novamente. Ele estava inconsciente. A dor devia estar insuportável.

Tentando pensar racionalmente, Danielle começou a analisar a situação em que se encontravam. Sabia que John estava com febre e ainda tremia de frio, mas a hipótese de uma fogueira estava descartada, por ser quase impossível conseguir alguma lenha seca. Já eram quase cinco da tarde. Quase quarenta minutos haviam se passado e nada da ambulância ou da polícia. Apesar de a chuva ter cessado temporariamente, já começava a anoitecer e a estradinha onde estavam era um tanto escondida da via principal. Além disso, aquela região não tinha iluminação pública, nem moradores nas imediações. Tratava-se de um local ermo e, por isso, a demora no socorro era até compreensível.

Danielle decidiu que era sua oportunidade de saber mais sobre aquele homem, afinal, poderia ser um criminoso procurado. Mas em seu íntimo ela acreditava que, na verdade, ele era a vítima naquela situação. As condições em que o havia encontrado apontavam para isso e também era o que ela sentia. Começou a vasculhar as roupas do desconhecido, com cuidado para não alarmá-lo. O que ele diria se acordasse com ela revirando seus bolsos? Precisava de uma pista que revelasse no que ela podia estar se envolvendo. Mas ela não encontrou nada que o identificasse, nada que desse algum indício de quem ele era ou do que fazia naquele lugar remoto.

Danielle se questionava a respeito de quais seriam as motivações ocultas para agirem com tamanha crueldade com aquele homem. Estava claro que ele havia sido torturado. Além disso, aquela palavra não saía de sua cabeça: sequestro, ele havia dito.

— Ele vai sobreviver — falou baixinho, olhando para os céus em uma prece. Sabia que a vida dele dependia dela naquele momento, porém, mais do que isso, sentia que queria protegê-lo. Não entendia o porquê. Não compreendia como se sentia tão ligada a um desconhecido, nem como isso poderia estar afetando suas emoções daquela maneira.

Um gemido fez com que ela voltasse sua atenção para ele novamente. Ele tentava se mover, apoiando-se no braço direito imobilizado. John soltou um grito abafado de dor.

— John, olhe pra mim — chamou Danielle. Ele abriu o olho esquerdo novamente e ela percebeu o quanto isso lhe custava pela dor lancinante de sua expressão. A confusão em seu rosto era nítida. Olhou ao redor, como se constatando se, de fato, tudo aquilo realmente estava acontecendo.

— Fique comigo, está bem? Tente manter-se consciente. Eu vou ficar aqui com você. Estamos nessa juntos — disse ela, feliz por ter soado mais calma. Precisava tranquilizá-lo.

Sentada ao lado de John, Danielle notou a incredulidade em seu olhar, como se não fosse lógico o que ela estava dizendo. John esforçou-se para dizer alguma coisa, mas seu murmúrio saiu incompreensível. A voz suave daquela mulher trazia-lhe conforto, algo que não experimentava há muito tempo. Mas o frio que sentia começava a incomodá-lo, mais que a dor.

Aquela moça buscava ajudá-lo e, aparentemente, sem querer nada em troca, sem saber quem ele era. Se ela fizesse ideia de quem ele era realmente, todo esse empenho em favor dele se tornaria mais coerente, pensou John. Ele olhava para o rosto daquela desconhecida e começava a duvidar de que ela fosse real.

Então, era isso!, John pensou ter encontrado a resposta. Ela era apenas fruto de sua imaginação. Estaria delirando? Ou pior, estaria morto? John, ao mesmo tempo em que tentava manter certa linearidade em suas conclusões, lutava contra a dor e a exaustão que o impeliam a cair naquela escuridão novamente. Num impulso, levantou a mão esquerda e tentou tocar o rosto da moça. Ela percebeu sua intenção e segurou-lhe a mão com gentileza.

— Fique calmo, John. Estarei aqui com você — disse Danielle sorrindo, sem soltar a mão dele. Com a mão livre, ela pousou os dedos suavemente sobre a testa de John. Sua intenção era verificar a febre, mas aquele toque fez com que ela sentisse uma pequena descarga elétrica pelo corpo.

Como se o impacto também o afetasse, John apertou a mão de Danielle e por um longo instante seus olhares se cruzaram. John sentiu o calor da mão dela em seu rosto. Aquele toque mostrou a ele que ela era real. Pelo menos agora sabia que não estava delirando e que realmente havia alguém ali com ele naquele momento.

Sua mente turva considerou até a hipótese de que ela era um anjo e que sua hora havia chegado, tamanha era a paz que aquela moça o fazia sentir. John Hauser se prendeu àquele sorriso sincero como a um farol. Precisava se esforçar

para fazer o que ela pedia. Manter-se acordado nunca havia sido uma tarefa tão difícil. Do mesmo modo, temia não ser capaz de despertar novamente se desmaiasse por conta da dor lancinante e contínua que enfrentava. Ainda assim, ele se esforçaria para fazer o que ela pedia. Sim. Faria isso. Por ela.

Danielle soltou sua mão, como se despertasse, desviando o olhar. Ele pôs-se a observar os movimentos sistemáticos dela. Viu quando a moça tirou um cobertor térmico da mochila e o agasalhou da melhor forma que pôde, tomando cuidado redobrado com o seu braço ferido. Apesar dos pés dele ficarem para fora do cobertor, devido a altura de John, Danielle pensou que logo ele estaria aquecido.

— Abra a boca — disse ela, dando-lhe um comprimido. John franziu a testa. — É apenas um antitérmico. Você está febril. Vai se sentir melhor — continuou, tentando mostrar que ele podia confiar nela.

John não estava acostumado a receber nada gratuitamente. Um favor sempre tinha um preço. Essa era a natureza das pessoas. A vida é uma permuta, dizia seu pai. Mas, olhando para aquela moça negra que lhe sorria tentando esconder sua preocupação, duvidava que ela conhecesse sua identidade e, mais ainda, que todo aquele zelo fosse motivado pela expectativa de alguma recompensa.

Baixando a guarda, ele aceitou o remédio e, com a ajuda dela, levantou a cabeça para tomar mais um pouco de água. Ele chegou a engasgar, tossindo um pouco e sentindo dor pelos movimentos involuntários. Ela o acalmou, molhando um pedaço de tecido com um pouco de água e passando calmamente o pano por sua testa, descendo pela barba espessa nas bochechas até chegar ao seu queixo. Enquanto fazia isso, ela parecia não perceber que sussurrava uma canção. John não reconheceu a melodia, mas se viu gostando assim mesmo de ouvi-la. Ele mantinha o olhar fixo nela e decidiu aceitar passivamente o que ela fazia.

Aos poucos, Danielle removeu grande parte da sujeira, que era basicamente uma mistura de sangue e terra, e assim, ela conseguiu ver melhor o rosto de John. Aquilo era reconfortante. Sentia o cuidado dela ao passar o que parecia ser um lenço pelo seu olho direito que ainda não conseguia abrir; mas, quando ela encerrou a limpeza, sentiu vontade de pedir que continuasse. Estava gostando muito da gentileza daquele toque. Ela sorriu para ele quando concluiu a tarefa. E John percebeu que já estava se acostumando a ser presenteado com os doces sorrisos dela.

Danielle o contemplou por alguns segundos, não conseguindo desviar o olhar do homem à sua frente. Ele era bem alto, no mínimo 1,90 m, pensou ela.

Admirou seus cabelos pretos mais compridos que o convencional. Sua barba era escura e espessa, mas aparentemente bem cuidada, contrastando com o tom muito claro de sua pele. Sim, ele era um homem bonito. Melhor dizendo, muito bonito e atraente. Apesar de estar com pequenos arranhões pela face, além de um olho roxo, aquele era, de fato, um homem charmoso e másculo. Ela divagou se haveria alguém em sua vida. Uma esposa que agora deveria estar preocupada com seu desaparecimento? Filhos? Com certeza. Ele deveria ter aproximadamente uns 34 anos. Não deveria ser solteiro, mas também não aparentava ser o típico pai de família. Ou será que era apenas um desejo de seu coração que ele fosse um homem livre?

Que loucura! O que está havendo comigo?, de repente, surpreendeu-se com o rumo de seus pensamentos e suspirou profundamente. Seu corpo começava a dar sinais de cansaço. *É isso*, pensou Danielle. *Minha mente está cansada e tudo isso é só porque estou vivendo uma situação de estresse*, justificou para si mesma.

O canto de um pássaro tirou-a de seus devaneios, e ela se censurou por se permitir notar tais atributos em um homem praticamente entre a vida e a morte. Sentiu-se envergonhada com o rumo de seus pensamentos e desviou mais uma vez o olhar de John, que também estudava sua expressão e havia percebido a mudança.

— Você deve estar com fome — disse Danielle, tentando afastar essas conjecturas de uma vez por todas e começando a dar algo para comer ao pobre homem.

Desta vez, ele não relutou. Aceitou de bom grado aquela massa branca que ela lhe dava em pequenas porções para facilitar que ele engolisse, pois mal se lembrava de quando havia sido a última vez que havia comido alguma coisa. Ele não identificou o sabor, apenas reconheceu um leve toque de manteiga. Isso devia ter ficado estampado em sua expressão, pois ela falou:

— É tapioca, John. Nunca experimentou antes?

Ele fez um breve movimento negativo com a cabeça e abriu a boca para receber mais. Gostou, só não sabia dizer se era porque achava essa tal tapioca realmente deliciosa ou porque tamanha era a fome que sentia que comeria qualquer coisa e consideraria um manjar dos deuses. Talvez as duas coisas.. Acabou de comer e sentiu-se um pouco melhor. Graças a ela.

— Mais água? — ela ofereceu.

Ele aceitou novamente sua ajuda e, depois, recostou a cabeça. Ficou olhando as estrelas, que apareciam aqui e ali, após a chuva fina. Seus

pensamentos levaram-no para longe. Especificamente, para a pessoa que, em sua opinião, poderia ser a responsável por ele se encontrar naquela situação e que carregava o mesmo sobrenome que ele.

— Você gostaria de conversar sobre o que aconteceu com você? — Danielle perguntou, analisando as reações dele.

John pareceu refletir a respeito, antes de revelar apenas o que achava seguro. Pensava não somente em sua segurança, mas também na segurança daquela moça. Estava fraco e fez um gesto para que ela se aproximasse um pouco mais para que o ouvisse melhor. Danielle não contava com isso. A proximidade daquele homem afetava seus nervos como ninguém jamais havia conseguido.

— Fui sequestrado... — começou ele, falando pausadamente.

Danielle percebeu sua respiração ainda irregular, mas precisava saber o que havia acontecido com ele.

— Florianópolis... Hauser... — prosseguiu ele, tocando no próprio peito.

— Esse é o seu sobrenome? Hauser? — ela perguntou, feliz por entender, e ele fez que sim com a cabeça. — Você mora em Florianópolis, John? É isso? Mas como chegou até aqui? Quem fez isso com você? — Danielle o bombardeou com uma chuva de dúvidas que a inquietavam desde que o encontrou naquela tarde, semimorto.

— Fui levado... Saindo de uma festa... — respirou fundo, tomando fôlego. — Uma armadilha... Quatro homens me abordaram... Acordei em um casebre a poucos quilômetros daqui.

— John, você sabe em que lugar você está? Faz alguma ideia? — perguntou Danielle, mal acreditando em tudo o que ouvia. O assombro no olhar dela o deixou ainda mais tenso. Ele fez que não com a cabeça.

— Me diga. — pediu ele.

— Você está no interior do Maranhão, muito longe de casa. Na verdade, do outro lado do país — ela o encarou tão confusa quanto imaginava que ele deveria estar — Você disse que foi sequestrado. Te soltaram porque conseguiram o resgate? Foi isso o que aconteceu? — perguntou, sem tirar os olhos dele.

John Hauser fechou os olhos e disse com muita dificuldade:

— Não me soltaram... Não queriam resgate.

Aquelas palavras revelaram muito do que havia acontecido. John notou o quanto ela estava abalada com a revelação. Alguém o queria morto. Danielle, enfim, compreendia. Nenhum resgate seria pedido. Mas quem teria tanto

trabalho para planejar algo assim? Novas dúvidas surgiam em sua mente, enquanto ela tentava absorver todas aquelas informações estarecedoras.

— John... — ela tentou expressar o que sentia, mas não conseguiu — Eu sinto muito — foi tudo o que conseguiu dizer.

John, pela primeira vez, sorriu espontaneamente e sussurrou com esforço:

— Graças a você, estou bem agora.

Mas ela pareceu não ouvir.

— Chuva! — disse Danielle, levantando-se rapidamente — Já volto, John.

De repente, as gotas começaram a cair. Ela precisava melhorar a proteção de seu abrigo. Levantou-se rapidamente e, depois de tirar algo da mochila, começou a unir os galhos mais baixos acima deles. Só então John entendeu que o que ela havia pegado dentro da bolsa era um tipo de corda. Danielle parecia entender o que estava fazendo; depois de alguns minutos, já não era mais possível ver o céu e as estrelas através da copa das árvores.

Ela havia improvisado uma espécie de cobertura para abrigá-los melhor, mas, como a chuva tinha vindo repentinamente e, desta vez, com maior intensidade, o solo ao redor logo ficou bem úmido, o que preocupou Danielle. Naquela época do ano, a temperatura à noite podia oscilar abruptamente de muito quente para um frio insuportável, ainda mais considerando o grande descampado que tinham à frente naquele ponto. O vento frio seria um problema, pior ainda se estivessem molhados. E apesar do cobertor térmico ser impermeável, a chuva os tinha atingido um pouco. Precisava mantê-lo aquecido a todo custo.

Usou a mochila para apoiar melhor a cabeça dele. Era uma forma de proporcionar mais conforto a John. Só então viu que ele a observava intrigado.

— O que foi? Está tudo bem? — Danielle sentou-se novamente, secando o rosto na manga da camisa, sem se preocupar com o que ele pensaria disso.

— Essa mochila... — disse ele ainda com dificuldades.

— A mochila está incomodando seu pescoço? — perguntou ela, arrumando melhor atrás de sua cabeça.

— Não é isso... — disse ele — Que mulher carrega corda na bolsa?

Danielle riu ao entender a dúvida.

— John, eu estava voltando de um acampamento escoteiro.

Para ele, Danielle parecia falar grego. John ficava cada vez mais curioso sobre aquela mulher. Pela cara que ele fez, ela decidiu explicar melhor.

— Eu estava na estrada principal quando uma Hilux preta, que surgiu do nada, bateu no meu carro e fugiu. Para completar, meu celular não tinha sinal nenhum e já fazia mais de uma hora que não passava outro carro por lá. Desde então, eu decidi vir procurar ajuda na direção de onde a Hilux tinha vindo. Pensei que deveria haver alguma casa por aqui. Foi quando eu te encontrei, John. Graças a Deus, o sinal no celular voltou e consegui chamar a polícia.

— Eram eles... — disse John começando a não conseguir mais ignorar os espasmos involuntários que tentava esconder.

— O quê? Eles quem? — Danielle não entendeu.

— Os sequestradores. Eles estavam no carro à minha procura, mas consegui fugir... despistá-los... — disse John, começando a mergulhar em um sono inquietante.

Danielle agora compreendia. Os mesmos ocupantes da Hilux preta responsáveis por seu acidente eram os sequestradores de John. Tudo fazia sentido agora. *Como não pensei nisso antes?*, recriminou-se, sentindo-se estúpida por não ter ligado os fatos.

Danielle notou algo estranho em John. Ele tremia e parecia não conseguir mais manter os olhos abertos.

— Acho que pensaram que eu já estava morto. — sussurrou ele, começando a delirar. Ela só o ouviu porque estava muito próxima a ele.



“ESTAREI AO SEU LADO”

— John! — chamou Danielle, sobressaltando-se e pondo a mão na testa dele, percebendo o quanto estava gelado. Ele parecia ter calafrios.

— Hipotermia — disse Danielle para si mesma, alarmando-se, mas tentando se lembrar de como proceder em casos como aquele. Veio-lhe à memória como conseguiu seu distintivo de primeiros socorros. Foi o primeiro que recebeu por mérito. Assim, pegou o pulso esquerdo de John. Precisava acompanhar suas funções vitais.

— Se ao menos eu pudesse acender uma fogueira... — considerava que, se tivesse como fazer fogo, poderia oferecer uma bebida quente a John.

Lembrou que sua amiga Rose encontrou no local do acampamento bastante erva cidreira e Danielle guardou um pouco na mochila para levar para a avó que adorava tomar chá.

— Danielle, foco! Pense no que pode fazer, não no que está fora de alcance! — chamou a si mesma à realidade — Não posso deixá-lo dormir.

“Morte silenciosa”. Era assim que a hipotermia era conhecida entre os escoteiros.

Não vendo outro jeito, Danielle começou a tirar a blusa molhada, ficando apenas de top e calça jeans. Ela deitou-se ao lado dele, abraçando-o com cuidado para não machucá-lo ainda mais. Danielle o aqueceria com o calor de seu próprio corpo.

— John, acorda! Vamos! Você precisa ficar acordado, por favor... Está me ouvindo? Olha pra mim, John!

Perdido em seu pesadelo, John sonhava que era perseguido de novo por seus sequestradores pelo meio da mata, enquanto lutava para salvar sua vida e fugir. Repentinamente, porém, sentiu um inesperado conforto. Ouviu alguém chamar seu nome. Conhecia aquela voz, mas não encontrava quem o chamava..

— John, por favor! Acorda, John! — disse Danielle, tocando-lhe a face com leves batidas. — Vamos, John, lute! Você consegue! Estou aqui com você. Estarei aqui ao seu lado até você ficar bom. Eu prometo. Mas acorda, por favor — Danielle quase implorava.

Ele não respondeu. Nenhuma reação. Ela encostou a cabeça em seu peito, a fim de monitorar os batimentos cardíacos, e respirou aliviada quando percebeu que ele ainda estava vivo.

— Vamos, John! Não desista! Eu sei que você está sofrendo, mas você vai ficar bom logo. Continue lutando por sua vida.

Uma lágrima rolou de seus olhos naquele momento de angústia. Ela não queria se render, mas sentia-se tão cansada. Não queria que ele morresse em seus braços. Queria vê-lo bem. Queria que ele se recuperasse. Ele havia lutado tanto. Tinha que sobreviver. Danielle só percebia agora que estava chorando e continuava com a cabeça no peito de John.

— Precisa ser forte, John. Sei que está sentindo muita dor, mas o socorro vai chegar e você vai conseguir sair dessa. Acredite! — disse ela, como se ele realmente pudesse ouvi-la. — Logo vai poder voltar pra sua casa, pra sua vida, pra sua família...

Danielle estava esgotada. Não sabia dizer por quanto tempo insistiu chamando John para que voltasse à consciência. Sentia-se tão exausta naquele redemoinho de emoções que acabou sendo vencida pelo sono.

Acordou sobressaltada, mas não se levantou. Sabia onde estava. Sentia o cheiro de terra molhada misturada ao cheiro do suor da roupa de John. Percebeu que adormeceu sobre o peito dele, mas não quis mudar de posição. John agora dormia com a respiração menos entrecortada. Era um bom sinal. Havia conseguido superar a hipotermia e a chuva caía fina. Decidiu ficar escutando o coração dele que batia mais compassadamente. Ela imaginava que ele dormia, pois sua respiração era regular e ele estava imóvel, mas quando levantou o rosto para avaliar as feições de John, deparou-se com ele a observá-la com atenção.

— Oi — disse ele, sorrindo.

O coração dela parou de bater por alguns segundos, tamanha foi a surpresa.

— *Vielen dank für mein leben gerettet* — disse John.

— O-Oi, John — ela respondeu, retribuindo o sorriso quando finalmente conseguiu emitir algum som. Para Danielle, parecia um milagre. Estava tão feliz por ele estar vivo que mal conseguiu organizar uma frase mais elaborada e o abraçou mais apertado, de tanta emoção.

— Ai! — gemeu ele, sorrindo.

— D-Desculpe — pediu, sentando-se ao seu lado e percebendo que o apertava com força — John, eu fiquei com tanto medo de que você mor... — interrompeu-se, antes de completar a frase. — Quer dizer... eu não sabia mais o que fazer pra que você acordasse. Você tremia tanto. Não reagia. E-eu não tinha como fazer uma fogueira porq...

— Acho que sei o que houve — disse baixinho, notando que ela estava sem

blusa. Danielle seguiu seu olhar e ficou sem ação ao perceber-se seminua da cintura pra cima na frente dele.

— John, e-eu só queria... Na verdade, v-você estava... — ela não encontrava as palavras.

— Eu sei — disse ele, demonstrando toda gratidão possível em seu tom de voz — Você só queria me aquecer.

Ela ficou aliviada por ele compreender sua intenção, mas não ficou menos sem graça por conta disso.

— Eu estava delirando? — perguntou ele, olhando diretamente em seus olhos, tentando assim diminuir seu constrangimento. Ela fez que sim com a cabeça e tentou levantar-se de modo a não machucá-lo. Começando a vestir sua blusa, que ainda estava úmida por ter ficado jogada no chão.

Ainda sem graça, apertou um botão para enxergar as horas no relógio de pulso. Dez e trinta e seis. Quase seis horas esperando o socorro. Apesar de a claridade da lua e das estrelas não os deixar em completa escuridão, Danielle retirou a mochila, com gentileza, que apoiava a cabeça de John, e pegou a última tapioca. ainda uma lanterna. Com a luminosidade, sentiu-se mais confiante. Não gostava de ficar no escuro. Ofereceu a John um pouco de água e, quando tampou a garrafa, John perguntou:

— Você não vai beber água?

— Estou bem, John. Precisamos evitar que você fique desidratado — disse ela, dando ênfase à palavra.

— Beba um pouco — ele disse, pois notou que ela não havia nem comido, nem bebido água em nenhuma das ocasiões em que ele próprio tinha feito isso.

Mas Danielle não gostou do tom autoritário e começou a encará-lo.

— Por favor — retratou-se John em um tom mais ameno. Não queria aborrecê-la, mas acabou desbancando Danielle com um sorriso tão bonito que ela ficou feliz por estar sentada.

— Está bem — ela respondeu, sorrindo também, ao sorver um pouco do líquido e notar que estava mesmo com sede. — Que tal mais um pouco de tapioca? — Danielle não precisou oferecer duas vezes, ele consentiu com a cabeça, mas pontuou que deveriam dividir. E foi o que fizeram. Desfrutaram da refeição em silêncio, mas em uma agradável cumplicidade.

Ele está bem, pensava ela. Ela salvou minha vida, pensava ele.

Um som distante e intermitente começou a ser ouvido e foi se aproximando aos poucos.

— John, é a polícia! — disse Danielle, levantando e dando pulos de alegria. Não se contendo ao avistar as primeiras luzes da viatura e das ambulâncias que se aproximavam. — Você vai ficar bem! Você está salvo, John!

A alegria dela o contagiou e ele tentou levantar-se, mas não conseguiu. Seu corpo respondeu ao esforço com uma dor imensa. Gemeu alto, mas, desta vez, não se importou, porque a dor veio acompanhada de uma carícia de Danielle em seus cabelos e um afago em seu rosto. Finalmente seu tormento chegaria ao fim e ele devia sua vida àquela mulher. Retribuiria tudo o que ela tinha feito por ele. Prometeu isso a si mesmo, olhando aquele sorriso feliz que ela abria.

— Não, John! — disse ela, exultando de alegria. — Continue deitado, está bem? Não achei nenhum sinal de hemorragia interna até agora, mas não sabemos ainda se houve algum outro trauma — e, mudando de assunto para distraí-lo, perguntou: — O que significa aquilo que me disse ainda pouco? Era alemão, não é mesmo?

Ele concordou, devolvendo o sorriso, mas não teve tempo de responder. As equipes de socorro chegaram e tudo transcorreu muito rapidamente. Danielle já havia sinalizado com a lanterna a posição em que estavam e as equipes os separaram para melhor oferecer assistência. Danielle disse-lhes o nome dele e foi explicando aos paramédicos em que condições encontrou John e o que ocorreu depois. Seus momentos de inconsciência, a febre, a hipotermia. Não mencionou, porém, o que precisou fazer para aquecê-lo. Com cuidado, checaram os sinais vitais de John, para só depois colocarem o colar cervical e o posicionarem sobre a maca. Danielle acompanhou tudo de perto. Outro paramédico a atendia, apesar de ela dizer que só bateu a cabeça e nada mais.

— A senhora sofreu uma concussão. Precisaré ir ao hospital fazer alguns exames também — disse o paramédico, encaminhando-a para a outra ambulância. Ela, vendo que não adiantaria contrariar o profissional, que a encarava irredutível, concordou com a cabeça. Olhou para o lado e viu o soro que um dos paramédicos segurava alto. John já estava sendo medicado. Provavelmente, tratava-se de algo para administrar a dor intensa que ele sentia. Ficou feliz ao ver que ele também a observava o tempo todo.

Sorriram um para o outro. Sentiam-se diferentes. Como se um laço muito forte, forjado pelas circunstâncias que os aproximaram, mantivesse-os ligados um ao outro. Em silêncio, Danielle só conseguia agradecer a Deus por ter cuidado dos dois e por terem sido encontrados.

Levantaram a maca e começaram a levar John. Ao passar por Danielle, ele segurou o braço dela e com todas as forças que lhe restavam disse:

— Não me deixe... Por favor.

Lágrimas rolaram dos olhos de Danielle. Eles haviam compartilhado tanta dor e tantas emoções juntos. Aquela atitude de John também refletia como ela se sentia naquele momento. Danielle aproximou-se da maca. Os paramédicos demonstraram compreensão ao olhar que ela direcionou a eles. Segurou a mão de John com carinho entre as suas antes de dizer, sorrindo:

— Vamos na mesma ambulância, está bem assim? Estarei aqui quando acordar, John. Estarei ao seu lado — aquelas palavras pareceram confortá-lo e, antes que o calmante fizesse o efeito desejado, ele ainda conseguiu dizer a ela:

— As palavras que eu lhe disse antes, em alemão, significam: *obrigado por salvar a minha vida*.



SUSPEITA?

— Eu ainda não entendi o que fazia naquela estrada deserta, Srta. Nunes — disse o policial barbudo sentado na frente dela.

— Só Danielle, por favor — disse, enchendo o pulmão de ar e soltando lentamente, já cansada de contar a mesma história às autoridades naquela sala reservada à polícia no Hospital São Marcos. Após ser concluída sua avaliação clínica, sua presença foi requerida na sala de polícia do hospital. Estava tudo bem com Danielle. O prognóstico de seus exames indicava que havia sofrido apenas uma leve concussão. Olhou discretamente para seu relógio de pulso. Há cerca de uma hora e meia, Danielle prestava esclarecimentos a respeito das circunstâncias que a envolveram nesse crime. Mais tempo do que o Dr. Amauri levou para examiná-la. Danielle relatou tudo que lhe sucedeu, desde o acidente com o carro até o resgate no fim da noite.

O policial mostrava-se pouco amigável, mas ela, apesar do cansaço que sentia, decidiu colaborar com as investigações. Afinal, quanto antes desse seu depoimento, mais rapidamente sua vida retornaria à normalidade. Mas o tom com que o policial conduzia as perguntas denunciava sua opinião sobre o envolvimento dela naquele caso e isso começava a lhe dar nos nervos.

Além daquele policial de temperamento irritante que se identificou como sargento Batista, estava na sala outro agente chamado Ricardo, que, como o primeiro, era moreno, porém um pouco mais alto e notadamente se exercitava pelo tamanho dos bíceps. Ambos estavam na faixa dos trinta anos. Encostado ao lado da porta estava também um homem negro com a expressão severa e estatura mediana. Danielle avaliou que devia estar na faixa dos cinquenta anos de idade. Ele não participava da conversa. Aparentemente, um mero espectador, mas Danielle notou pela forma como os outros dois dirigiam o olhar a ele de tempos em tempos, que era aquele homem quem estava no comando ali.

— Eu estou de férias aqui no Maranhão. Moro no Rio de Janeiro há quase quinze anos, mas sou natural daqui e também tenho família na Ilha — disse ela, respondendo ao sargento Batista que, pela terceira vez, fazia-lhe a mesma pergunta. — Eu retornava a São Luís quando tudo isso aconteceu, estava participando de um camping na cidade de Imperatriz. Era um encontro de escoteiros e o acampamento estava lotado. Garanto que, se for o caso — disse ela, olhando diretamente ao policial que tentava intimidá-la — haverá muitas pessoas que poderão confirmar minha presença.

— Seu álibi já está sendo checado, senhora — disse o policial Ricardo. — Aceita um copo d'água? — ofereceu, num gesto apaziguador.

— Não, obrigada — agradeceu, não aguentando mais ser chamada assim. — Quero apenas poder ir pra casa e descansar — argumentou Danielle, começando a sentir os reflexos do desgaste físico e emocional das últimas horas. Abaixando a cabeça, cobriu o rosto com as mãos, denotando o quanto seu corpo estava fatigado. — Pois bem... Como eu já disse antes, eu fiz algumas paradas durante o percurso para abastecer, comer, comprar água. Depois, segui viagem. Foi quando uma picape Hilux preta surgiu, de repente, na minha frente, vinda daquela estradinha de onde nos resgataram. Eles bateram no meu veículo. Eu perdi o controle do carro e me choquei contra uma árvore — lembrou-se de que teria que pagar a franquia do seguro do veículo alugado. Aquilo a deixou ainda mais desanimada.

Danielle não conseguia afastar John de seus pensamentos. Até então, nenhuma notícia havia sido compartilhada com ela a respeito do estado dele. Passava da meia-noite quando chegaram àquele tradicional hospital da capital maranhense. Danielle estranhou não serem conduzidos a um pronto-socorro público, como era de praxe em resgates de emergência, mas pensou que talvez aquele fosse o hospital mais próximo e em condições de oferecer atendimento adequado.

O sedativo manteve John adormecido durante todo o trajeto até o hospital; porém, mesmo inconsciente, ele manteve a mão de Danielle firme sobre seu peito todo o tempo e, com isso, ela tentou ao máximo não atrapalhar o serviço dos paramédicos dentro do espaço diminuto daquela ambulância. Ficou feliz pelo fato de sua presença representar um pouco de segurança para ele. Justificava assim para si mesma aquela sensação boa que sentia enquanto sua mão repousava sobre o peito de John.

Então, chegaram ao Hospital São Marcos, um dos mais prestigiados da cidade, e foram recebidos por um batalhão de repórteres. Vários flashes disparavam enquanto eram encaminhados à recepção da emergência pelos policiais que agora colhiam seu depoimento. Todos pareciam em polvorosa. Muitos policiais faziam um cordão de isolamento e não permitiam que ninguém se aproximasse deles sem autorização.

A imprensa queria cobrir a todo custo aquele caso do sequestro de John Hauser. Os dois foram bombardeados por uma chuva de perguntas confusas. Os repórteres se empurravam, disputando uma posição mais próxima dela e de John ou um ângulo mais favorável para fotografá-los. Danielle não conseguia

discernir a maioria das perguntas que lhe faziam, mas algumas palavras como *heroína*, *multimilionário* e *recompensa* ela conseguiu depreender daquela grande confusão. O que não ajudou muito.

De forma eficiente, foram conduzidos para dentro da unidade hospitalar pelos policiais, e foi nesse momento que suas mãos se separaram, lembrou ela. Cada um foi levado em uma direção e, desde então, não viu mais John. Isso começava a angustiá-la. Será que seu quadro era muito pior do que ela imaginava? Todo aquele trauma poderia ter tido uma consequência mais séria do que ela havia presumido a princípio. Ele poderia estar mort...

Não, Danielle conteve o rumo de seus pensamentos, sacudindo a cabeça. Não começaria a especular. Não seguiria por aquele caminho. Tinha que conseguir respostas. Isso, sim.

Era a hora de ela fazer algumas perguntas. Conhecia bem seus direitos. Afinal, dava seu depoimento sem a assistência de um advogado porque queria que os criminosos fossem capturados logo e pagassem pelo que haviam feito a John. E, com a colisão, por pouco, não haviam feito a ela também. Lembrou-se do acidente. Tinha o direito de saber. Tentava interpretar toda aquela ressalva que demonstravam quanto a ela sob a perspectiva dos policiais. A polícia tinha o propósito de elucidar o caso da forma mais objetiva e imparcial possível. Preferia pensar assim, mas, não conseguindo mais se conter, perguntou, tentando parecer firme:

— Senhores, eu já disse tudo que sabia, repetidas vezes, pois entendo a gravidade da situação, mas agora eu posso saber como ele está? Eu posso ver o Joh... o Sr. Hauser?

— Srta. Nunes, o Sr. Hauser ainda está sob cuidados médicos — disse o policial, que tentava soar menos rude. — Posso adiantar que ele já foi submetido a uma tomografia computadorizada e está realizando uma ressonância no momento.

Danielle sentiu-se instantaneamente mais tranquila. *Ele está vivo*, pensou, sentindo aquele temor que tomava seu peito começar a ir embora. *Ele está vivo e vai ficar bem..*

— E, quando o Sr. John Hauser puder receber visitas, estas serão restritas a familiares e amigos próximos — continuou o senhor mais velho, aproximando-se. Sua voz grave a despertou para aquela realidade.

A ela não seria permitido mais contato com John, simplesmente por não fazer parte de sua vida. Realmente não fazia, considerou ela, mas por que sentia dentro de seu coração que estava mais ligada a ele que qualquer outra pessoa

naquele imenso hospital?

— Sou o delegado Antunes — prosseguiu o senhor, mostrando a Danielle seu distintivo. Por todo aquele tempo, o delegado havia observado à distância o interrogatório. Entendia que seus agentes tentavam encontrar furos na história contada por aquela moça e, assim, faziam com que ela relatasse os acontecimentos várias vezes, para apurar se, em algum momento, ela cairia em contradição.

— Sendo assim, delegado, percebo que já posso ir pra casa. Correto? — Danielle retrucou, decidida a tomar as rédeas da situação — Preciso descansar e, como o Sr. Hauser está recebendo o tratamento adequado e, espero, logo estará fora de perigo, gostaria de ir para casa e tranquilizar minha avó. Ela aguardava meu retorno para no máximo às 21h e deve estar muito preocupada sem notícias minhas.

— Infelizmente, ainda não poderá ir — respondeu o delegado sentando-se atrás da grande mesa. — Será necessário que permaneça aqui por algum tempo.

— E posso saber por qual motivo, delegado? — inquiriu ela, sem compreender aquela arbitrariedade.

— Simplesmente porque ainda há questões que precisam ser apuradas — respondeu o oficial, dando uma resposta obtusa.

— Por acaso, eu estou sendo acusada de algo? — perguntou Danielle, olhando para cada um dos três diretamente.

— De forma alguma, senhorita — disse o policial Ricardo.

— Mas, pela forma como os senhores têm me tratado desde que entrei nesta sala, é o que parece. Não aprecio rodeios, por isso vou direto ao ponto: eu decidi cooperar espontaneamente com a investigação. Desse modo, minha colaboração deveria ser entendida como um ato de boa fé. Primeiro, porque não tenho nada a esconder — disse, enfatizando especialmente a palavra “nada”. — Segundo, porque eu acompanhei o sofrimento do Sr. Hauser de perto. Eu o vi entre a vida e a morte; por isso, desejo muito que os culpados sejam presos e paguem por esse crime hediondo que cometeram.

Danielle levantou-se, aproximando-se da mesa do delegado, mas mantendo a serenidade. E então prosseguiu sem hesitar:

— Além disso, nem seus agentes e, muito menos o senhor, delegado, respeitaram meus direitos civis ao começarem a colher meu depoimento e registrá-lo, — disse, apontando para o gravador sob a mesa — sem que a presença de um advogado me fosse sugerida. O que por si só já invalidaria este

depoimento. Apesar disso, eu respondi abertamente a todas as perguntas que seus agentes me fizeram, até mesmo sendo condescendente com os recorrentes lapsos de memória do agente Batista que, embora não aparente sofrer de nenhuma doença degenerativa, continuou retrocedendo em sua arguição, retornando sempre às mesmas perguntas. Posso afirmar que já estou cansada de ter que ler nas entrelinhas as motivações por trás do comportamento dos senhores. Então, pergunto a vocês: sob qual alegação eu estou tendo meu direito de ir e vir cerceado?

Os agentes se entreolharam e aguardaram a resposta do delegado. Silêncio.

— Pois bem, — disse Danielle quando não houve resposta — desejo-lhes boa noite. Caso queiram falar comigo, disponibilizei meu contato e endereço no início do depoimento. Não é mesmo, oficial? — disse, virando-se para o agente Ricardo.

Este se resignou a fazer que sim com a cabeça, após verificar que haviam subestimado a perspicácia daquela jovem mulher. Era até um pouco engraçada aquela situação de serem pegos em sua própria armadilha. Três agentes da lei estavam agora atônitos com os argumentos apresentados pela moça, aparentemente tão frágil e suscetível às suas exigências. A estratégia de confundi-la tinha sido facilmente descoberta, constatou ele.

— Passar bem, senhores — dizendo isso, caminhou em direção à porta. Danielle não conseguia pensar em mais nada além de um banho relaxante. Precisava de um bem longo. O Delegado Antunes foi o primeiro a se manifestar antes que ela saísse:

— Danielle! — chamou-lhe o delegado.

— *Agora lembraram até do meu nome* — pensou ela, aborrecida, parada à porta.

Após um breve silêncio, como se decidisse como agir, o delegado Antunes levantou-se. E, aproximando-se, dela disse:

— Você está certa — admitiu ele, passando a mão pelos cabelos com vários fios já grisalhos. Danielle, definitivamente, não esperava por isso e arqueou a sobrancelha. Ele continuou. — Não temos o direito de retê-la aqui por mais tempo contra sua vontade. — Peço desculpas por esse começo difícil que tivemos — disse, arrependido, parecendo escolher bem suas palavras. — Mas, pelo que observei, você parece realmente preocupada com o bem-estar do Sr. Hauser, como também deseja que justiça seja feita.

Danielle apenas faz que sim com a cabeça. *Aonde ele quer chegar?*, pensou ela.

— Então, peço que continue colaborando com a polícia, ficando aqui por mais algum tempo. Há muitos repórteres lá fora e, com certeza, há mais deles à porta da casa de sua família — argumentou o delegado, astutamente. Danielle pensou imediatamente na avó passando por tudo aquilo; repreendeu-se por não ter pensado naquela hipótese antes. D. Antônia não devia estar entendendo nada com toda a imprensa à sua porta, além de também, provavelmente, estar cheia de preocupação.

— Preciso ver minha avó — disse, preocupada. — Ela está sozinha em casa... eu...

— Fique tranquila. Ligamos para a sua residência e ela está acompanhada por um casal de nomes Rose e Pedro — disse o delegado, checando o bloco de anotações.

Danielle respirou aliviada ao saber que a avó não estava desacompanhada passando por tudo aquilo, mas também se aborreceu por terem ignorado que ela gostaria de saber da informação antes. Pensou com gratidão nos amigos. Pedro e Rose; deviam ter estranhado ela não ter chegado no horário planejado e, provavelmente, já deviam saber de muita coisa do que havia acontecido pela especulação da mídia. Respirou aliviada por D. Antônia não estar sozinha.

— Proponho que você ligue para sua família a fim de tranquilizá-los, mas continue sob a tutela da polícia, por enquanto — negociou o delegado. — Até onde temos conhecimento, esses criminosos já sabem de sua existência e sua segurança será prioridade, como a do Sr. Hauser. Garanto que deixarei uma viatura de vigília na frente da casa de sua avó. Está bem assim? — perguntou o delegado Antunes.

Ela levou algum tempo para responder, como se considerasse suas opções. Danielle sabia que devia agir com coerência. Vidas estavam em jogo. Não havia analisado a situação sob esse prisma: os criminosos já conheciam seu rosto e ela, bem como sua avó e seus amigos, poderiam estar correndo perigo real, como disse o delegado.

— Eu mesmo posso garantir a segurança de seus familiares — disse o agente Batista, parecendo querer se redimir. Danielle ponderou que, por ora, aquela seria a decisão mais acertada.

— Está bem — concordou ela.

— Ricardo, acompanhe Danielle até o quarto reservado para ela — disse o delegado, não dando tempo para que ela mudasse de ideia — Você será responsável por sua segurança. Não deixe ninguém, que não seja da equipe médica, entrar sem que eu seja consultado antes. Estamos entendidos? — o

delegado Antunes prosseguiu distribuindo ordens: — Batista, você conhece o endereço da avó da Srta. Nunes?

— Sim, chefe — disse ele, já abrindo a porta da sala para dirigir-se ao local onde estacionou sua viatura.

Virando-se novamente para ela, o delegado continuou:

— Poderá telefonar para sua família do quarto. Sugiro apenas que não revele mais que o necessário, por questões de segurança e também para o bom andamento da investigação.

Danielle mais uma vez concordou e acompanhou o policial Ricardo, que segurava a porta para que ela passasse. Antes de se dirigirem para fora, Ricardo ainda olhou de soslaio para o chefe com um sorriso no rosto: a mensagem clara de que aquela moça não precisava tanto assim de proteção quanto podia aparentar. E então ele saiu fechando a porta.

Logo em seguida, o telefone tocou e o delegado trocou breves instruções com seu interlocutor. A força tarefa da polícia de Santa Catarina havia acabado de desembarcar no Aeroporto Marechal Cunha Machado, na ilha de São Luís. Chegavam para cooperar com a investigação. Após passar as informações sobre a localização do hospital, o delegado desligou e recostou a cabeça na poltrona de couro, sorrindo. Era difícil, depois de tantos anos no combate ao crime, alguém surpreendê-lo dessa maneira. Acreditava que Danielle não estava envolvida e, mesmo que jamais admitisse aos seus agentes, começava a gostar daquela moça.



PETER

— Obrigada, policial, mas não será necessário — Danielle agradeceu a oferta do policial de acompanhá-la até a cafeteria do hospital para comer alguma coisa — Eu vou telefonar para minha família, tomar um banho e tentar dormir um pouco.

Ela entrou no quarto dando boa noite ao agente, que sempre parecia acessível e a havia tratado de forma amigável desde o início.

Imediatamente, foi até o telefone para falar com sua avó. Pensou em ter uma breve conversa com sua amiga Rose e com sua avó Antônia que, com certeza, ainda estavam acordadas. Como era de se esperar, a avó estava muito aflita com a ausência de notícias dela e também com a falta de privacidade por conta das equipes de reportagem praticamente de tocaia na porta de sua casa.

— Vó, se acalme. Eu estou bem — Danielle se esforçava para não transparecer como estava cansada — Felizmente, pude ajudar a salvar a vida desse homem que encontrei na estrada. Ele tinha sido sequestrado e estava ferido. Espero que entenda que eu não podia virar as costas e deixá-lo naquele estado. Mas agora está tudo bem. Nós dois estamos bem e em segurança.

— Minha nossa, querida. Quanto perigo você correu, minha neta. E se esses sequestradores encontrassem vocês? Não posso nem imaginar alguém judiando de você...

— Está tudo bem agora, vó. Quero que fique tranquila, está bem? — e, mudando de assunto para distrair um pouco, continuou: — Ah! Voltando para ilha, comi um pedaço de torta de camarão que estava uma maravilha, vó — alfinetou Danielle.

— Pensa que eu não sei o que você quer dizer com isso, pequena? E pra você morder essa sua língua fique sabendo que eu fiz a torta de camarão que você me pediu. Fiz especialmente para você comer quando chegasse da viagem, mas na sua ausência, Rose e Pedro já comeram mais da metade — conseguiu ouvir as gargalhadas dos amigos depois de o delito ser revelado.

— Ah! Tudo bem, vó. Eles merecem. Depois a senhora faz outra pra mim. Agora quero muito que a senhora vá descansar. Já passa de 2h da madrugada já devia estar dormindo.

— Você está bem mesmo, minha filha? — perguntou a velha senhora do outro lado da linha.

— Sim, Vó Biloca — respondeu, chamando-a pelo apelido carinhoso. — Pode acreditar que estou sendo muito bem tratada por aqui. Só não poderei voltar ainda para casa, porque a polícia precisa de mais informações sobre o que aconteceu comigo e com o homem que resgataram — disse, suavizando as razões que a impediam de voltar, por enquanto, para a casa da avó.

— Mas, se é só por esse motivo, por que tem uma patrulha e um guarda parados na minha porta?

Danielle riu. De boba a avó não tinha nada.

— Vó, é apenas uma precaução. Rose e Pedro têm a vida deles e vão precisar ir trabalhar e voltar pra casa. Então, pra senhora não ficar sozinha, o sargento Batista estará por perto, caso precise de alguma coisa.

— Pequena, tomei um susto com aquele homem gigante e barbudo tocando minha campainha. Mas coloquei-o pra dentro e dei janta a ele. Ele se fez de rogado, mas não precisei insistir muito; depois que viu a Rose servindo um pedaço de torta para ele, nem precisei dizer mais nada. Foi só ela balançar aqueles cachinhos que Batistão até repetiu, minha filha. Devia estar faminto, porque comeu a outra metade da sua torta de camarão.

Dessa vez, Danielle não conteve a risada. A avó já havia dado até um apelido para o agente. Ficou a imaginar aquele brutamonte sentado nas delicadas cadeiras de vime da sala de sua avó comendo a torta dela e, ainda por cima, interessado em sua melhor amiga. Mas não o culpava. Rose era realmente bonita e, apesar do temperamento explosivo, quando queria, sabia ser encantadora.

Em seguida, Danielle conversou com a amiga, tendo que explicar, pela milésima vez, como havia se envolvido naquela confusão. Fez um resumo do resumo, agradeceu à Rose por estar cuidando da avó e mandou um beijo para Pedro.

— Dani — perguntou a amiga, abaixando o tom de voz — você está bem mesmo ou só está falando isso pra acalmar D. Biloca?

— Amiga, não foi nada fácil, mas agora eu estou segura e ele também. A polícia quer que eu permaneça aqui mais um pouco. Só queria poder vê-lo de novo. Pra ter certeza de que ele está bem.

— Ele? Você quer dizer o tal John Hauser? — perguntou a amiga, maliciosamente. — Vi as fotos daquele tipão. Menina, minha irmã. Que homem é esse? Embora ele precise tomar um pouquinho de sol pra ficar mais próximo do meu perfil ideal. Ah, Se eu tivesse essa chance...

— Rô, o homem estava coberto de sangue. Entre a vida e a morte! —

reprovou Danielle — A última coisa que passaria pela minha cabeça seria flertar com ele e, além disso, ele não é...

— Tá, tá, Dani. Já sei tudo o que você vai dizer: que não tiraria vantagem dessa posição privilegiada jamais, nunca, de modo algum, mesmo em circunstâncias mais favoráveis. Que pra você não fez diferença se ele é milionário, jovem, atlético, bonito, 1,92 m, mais parecido com o próprio Adônis e estava totalmente ali à sua mercê — brincou a amiga, sendo dramática. — Ah! Já sei! Você vai usar a sua desculpa de sempre: “Ele não faz meu tipo”. Garota, acorda! Esse homem não é só o seu tipo. Ele é o tipo, o modelo, a altura e ainda faz bem pra pele de qualquer mulher. Até Vó Biloca achou ele um pedaço de mau caminho.

— Você sabe ser detestável quando quer, garota — disse a amiga, fingindo-se insultada e imaginando aquela expressão singular de divertimento na cara de Rose.

— Mas eu adivinhei, não é mesmo? Te conheço, pequena, como a palma da minha mão. Mas, também sei que esse seu “eu só queria poder vê-lo novamente” significa mais do que quer admitir.

— Rose, eu... — não encontrou palavras para desmentir aquela suposição. Lá no fundo, Danielle sabia que o que Rose havia dito não era totalmente infundado. Não encontrando um argumento convincente para rebater a amiga, decidiu mudar o foco. — Mas como assim, “milionário”? Do que você está falando? — perguntou, sem entender.

— Amiga, sério? Sério que você não sabe? Os noticiários só falam dele, ou melhor, de vocês — Rose fez um suspense propositalmente antes de revelar — O gato, além de lindo, másculo, alto, espadaúdo, com aquele ar misterioso e...

— Já entendi, Rose. Ele é bonito, mas fala logo de uma vez!

— Dani, ele é rico! O gato é podre de rico! Melhor, ele é dono de um grupo bilionário de empresas com sede na Alemanha e tem filiais até em Nova Iorque e em Londres, pequena. Acho que do ramo de mobilidade urbana... Transportes e coisas do tipo. Agora me imagina no seu lugar: sozinha com esse homem lindo, que ganha dormindo mais do que eu não ganharei a vida toda trabalhando e, ainda por cima, fragilizado nos meus braços...

Danielle não gostou de saber que sua vida era notícia. Apreciava muito a vida tranquila e sossegada que havia conquistado. Não queria sua vida e sua família sendo expostas daquela forma. Mas as palavras de Rose a fizeram lembrar de momentos que queria esquecer a todo custo.

— Você se esqueceu de acrescentar quase moribundo, com um braço e

várias costelas quebrados, totalmente desorientado após ter sido torturado de formas que eu nem quero imaginar — disse, num ímpeto, Danielle, lembrando-se do horror que havia experimentado quando pensou que ele tinha morrido em seus braços.

Silêncio do outro lado da linha.

— Amiga, me perdoa. Eu não queria... Não chora, por favor.

Danielle não havia percebido que estava chorando até a amiga dizer. E, caindo sentada na cama daquele quarto de hospital, que facilmente poderia ser confundido com o quarto de um hotel de luxo, pôs pra fora toda a angústia suprimida até aquele momento:

— Ah... Amiga foi horrível! — disse, não suportando mais controlar suas emoções e permitindo-se, enfim, chorar. — Eu tive tanto medo... Fiz tudo que eu pude pra ajudá-lo. Houve momentos que pensei que o socorro não chegaria a tempo e que ele morreria por falta de assistência. Ele foi torturado, Rose. Que tipo de gente faz algo assim? Ele estava tão ferido, tão fraco... Mas lutava tanto por sua vida. Ele queria viver. Agora, nem posso vê-lo, me disseram que não posso. Só família e amigos — repetiu o que o delegado Antunes havia dito. — Eu sei que o mais sensato seria eu simplesmente ficar feliz e satisfeita por ele estar sendo bem tratado agora e não precisar mais de mim. E eu estou. Estou sim, não me entenda mal. Mas foi tudo tão... intenso e eu sinto que preciso vê-lo pra ficar em paz. E-eu só queria... Só queria ter certeza de que ele vai ficar bem. Só isso.

Impressionada com o desabafo de Danielle, Rose, por alguns segundos, ficou sem palavras. Algo raro para ela. Danielle percebeu e, por sua vez, começou a se recriminar por ter exposto tanto seus sentimentos. Após aquele inesperado encontro com John Hauser, parecia que sua vida não estava mais sob controle. Sentia que estava sendo conduzida pelas circunstâncias, e isso a inquietava.

— Boa noite, Rô. Obrigada por tudo. Você e o Pedro são presentes de Deus na minha vida.

— Artigo quarto, lembra? — disse Rose, antes que a amiga desligasse o telefone, sabendo o quanto Danielle deveria ter se contido para cair em prantos agora dessa maneira.

“O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros”, pensou consigo mesma Danielle, lembrando-se da lei dos escoteiros.

— Irmãs — respondeu.

— Isso aí. Irmãos — disse Rose. — Agora, vá dormir e, de manhã, conversamos mais sobre seu príncipe germânico.

— E sobre seu brutamonte ludovicense, também — brincou ela, na tentativa de suavizar o clima.

— Boba! Ele é paulistano — corrigiu Rose.

— Ah! Já conversaram bastante, pelo visto. Então, manda um abraço pro “Batistão”.

— Pra que mandar, se eu posso entregar pessoalmente? — disse Rose, fazendo Danielle sorrir.

Despediu-se com Rose rindo ao saber que D. Biloca já tinha passado o relatório sobre o policial para a neta. Danielle secou as lágrimas. Respirou fundo. Sentia-se tão só agora naquele quarto de hospital; mas havia sido bom desabafar com a amiga. Precisava disso.

— Senhora? — uma voz chamou atrás de si. O susto fez com que ela se levantasse num pulo da cama.

— Quem é você? — perguntou, deparando-se com o estranho dentro do quarto próximo à porta. Não o ouviu entrar. O que ele queria com ela àquela hora da madrugada? Olhou assustada em direção à porta, procurando o sargento Ricardo que deveria estar zelando por sua proteção. Seguindo seu olhar, ele se aproximou de Danielle, que deu um passo para trás.

— Desculpe-me. Não foi minha intenção assustá-la — disse o homem, impecavelmente vestido em seu terno de corte italiano. — Sou o Dr. Peter Hass. O policial responsável por sua segurança está do lado de fora. Bati na porta antes de entrar, mas não obtive resposta.

Ao ouvir que se tratava de um médico, Danielle pareceu ficar menos tensa diante do homem de olhos e cabelos castanhos e de voz suave.

— E então decidiu invadir? — perguntou, claramente na defensiva. O homem a analisou de alto a baixo, estimando que aquela mulher à sua frente ainda não deveria ter trinta anos.

O médico pareceu ponderar antes de responder, avaliando a aparência de Danielle como se fizesse um exame minucioso de seu perfil. Aquilo só a perturbou ainda mais.

— Não, senhora. Decidi entrar para verificar se precisava de ajuda. Poderia estar passando mal ou em choque, por conta do trauma que sofreu — respondeu o homem impassível, sem desviar o olhar dela.

— Há quanto tempo está parado aí, doutor? — queria realmente perguntar o

quanto de sua conversa ao telefone ele tinha escutado, como também o quanto de seu descontrole o médico pôde presenciar.

— Há pouco tempo — respondeu, não querendo embaraçá-la. E então se aproximou dela, estendendo a mão — É um prazer conhecê-la, Sra. Nunes.

Danielle, ainda sem graça, apertou a mão do médico, dizendo:

— Desculpe, doutor. Eu estava concentrada na minha conversa ao telefone e não o ouvi bater na porta. Eu já fui atendida mais cedo pelo Dr. Amauri e, mais tarde, o Dr. José Araújo virá me ver. Fiz alguns exames e, de modo geral, estou bem.

— Sei disso — afirmou ele. — Peço desculpas pelo horário inconveniente, mas acabo de chegar de Florianópolis e o delegado Antunes me autorizou a vir até aqui para conversar brevemente com a senhora, caso ainda estivesse acordada. Senhora, eu vim...

— Só Danielle, por favor — ela o interrompeu. Não entendia por que todos ali faziam questão de chamá-la assim. — E como assim “acabou de chegar de Florianópolis”?

Ele fez que sim com a cabeça e prosseguiu:

— Eu não trabalho neste hospital, Danielle — disse, enfatizando o nome dela. O médico se expressava sem pressa e com atenção a cada palavra que empregava. Continuou: — Sou médico e amigo pessoal de John Hauser e de sua família. Os familiares dele chegaram há cerca de uma hora. Estão todos ansiosos por maiores notícias sobre seu estado de saúde e querendo saber mais também sobre você. Vim aqui, de certa forma, em nome de todos eles, e em meu próprio, para saber se está precisando de alguma coisa. Também queremos agradecê-la pessoalmente por seu desprendimento em ajudá-lo. Há algo que eu possa fazer por você?

O rosto de Danielle se iluminou de repente.

— Dr. Peter, na verdade, há sim... — ela sorriu e se aproximou tanto do médico que foi possível sentir o perfume da loção pós-barba. — Você tem notícias do Joh... do Sr. Hauser? Já saíram os resultados dos exames? Ninguém aqui me diz nada sobre o estado atual dele.

— Sim. Conversei com o chefe de equipe e ele me relatou que não há indícios nem de danos cerebrais, nem de hemorragia interna. Infelizmente, John fraturou três costelas e teve o braço quebrado em dois lugares e, por essa razão, precisou passar por uma intervenção cirúrgica para colocar placas de titânio no rádio e úmero — informou o médico.

Ela o ouvia atentamente.

— No momento, o maior complicador está sendo uma infecção resultante das agressões recorrentes que ele sofreu, pelo visto. Com tantas escoriações pelo corpo, seria quase impossível algo assim não acontecer — continuou o médico, refletindo a respeito e parecendo imaginar o que seu amigo passou naquele cativeiro. — Considerando a extensão dos hematomas pelo corpo de John, provavelmente ele precisará de tempo para superar as dores abdominais e as queimaduras solares. — ele voltou a encará-la, concluindo: — Mas tudo indica que ele vai se recuperar. Pode ser que John precise de um certo tempo para retomar a vida que levava antes disso tudo, mas ele é forte e vai conseguir. — o médico estava sorrindo pela primeira vez.

Danielle ouvia o relato com o cenho franzido. Não fazia ideia que a lesão no braço de John fosse tão séria assim. Acreditava, erroneamente, que imobilização com gesso já seria o bastante.

— Essa infecção é muito grave, doutor? — perguntou, preocupada.

— Está sob controle, Danielle. Antibióticos já estão sendo administrados e ele está respondendo bem aos medicamentos — respondeu Dr. Peter, apontando para as cadeiras que ficavam no canto esquerdo do quarto para que se sentassem. — Mas poderíamos estar tendo uma conversa totalmente diferente neste momento — disse ele, olhando para o teto do quarto.

— O que quer dizer? — ela não gostou da mudança no tom de voz do médico.

— Algo que a equipe médica destacou no encontro com a família Hauser agora há pouco foi que a sua iniciativa de oferecer os primeiros socorros, enquanto aguardava o resgate, assegurou que ele chegasse vivo até o hospital. A equipe foi unânime ao afirmar que você o salvou, Danielle. Salvou a vida do John. E eu nem acreditei quando o delegado afirmou que você aprendeu essas técnicas porque era escoteira. É isso, mesmo?

Ela não entendia o porquê do assombro. O movimento escoteiro estava presente no mundo todo. Danielle se resignou a apenas concordar com a cabeça. O médico continuou.

— Fez a assepsia, improvisou tala para as fraturas e o fez superar um quadro de hipotermia, pelo que os exames revelaram. Fez tudo isso por um total desconhecido.

Ela, por alguns segundos, lembrou-se novamente do que precisou fazer para aquecê-lo. *Que hora mais imprópria para lembrar-se disso*, pensou, sem graça, tentando ignorar a recordação.

— Você faz tudo parecer algo maior do que realmente foi — disse. — Eu só dispunha de água para assepsia. Não fiz muito, acredite.

— Fez o suficiente para que ele não morresse abandonado naquela estrada — afirmou o médico.

Danielle notou que o homem parecia desconfortável. Algo o incomodava.

— Preciso revelar uma coisa — disse ele.

— O que houve, doutor? — perguntou Danielle, sabendo que não gostaria do que iria escutar.

— Eu acredito ter feito algo reprovável com você — refletindo como abordaria a questão, olhou-a diretamente nos olhos — Eu não compreendia quais eram as motivações para você ter feito o que fez, mas entendi quando entrei neste quarto.

— Desculpe, não entendo o que quer dizer.

— Danielle, eu ouvi boa parte de sua conversa ao telefone. Seria mentira se eu dissesse que não pude evitar. Quando bati e você não respondeu, eu entrei para verificar seu estado, como já havia dito, mas quando percebi que você descrevia as circunstâncias em que o encontrou naquela estrada, quis saber como, de fato, tudo aconteceu.

A expressão de Danielle mudou. Não sabia o que dizer. O que ele estaria pensando a seu respeito? Mas, por que ele ficou ouvindo escondido uma conversa particular? Se alguém deveria se sentir envergonhado ali era ele. Antes que ela construísse um desaforo bem ríspido para confrontá-lo, pelo que julgava ser uma invasão de privacidade sem tamanho, ele interrompeu seu fluxo de pensamentos:

— Eu sinto muito por isso, Danielle. O que eu fiz foi errado — disse Dr. Peter, parecendo sincero. O médico segurou as mãos dela com gentileza. Aquele gesto a surpreendeu.

Foi a vez dela de fazer um exame minucioso do homem sentado à sua frente, considerando a proximidade que estavam um do outro. Ele era muito cuidadoso com sua aparência. Analisou o médico do corte clássico de cabelo à barba aparada perfeitamente. Suas feições denotavam visivelmente que se tratava de um descendente de europeus, mas, de alguma forma, diferente do perfil de John Hauser, pensou ela. Lembrou que, quando estavam de pé, a cabeça dela ficava na altura dos ombros do médico, sendo que ela tinha 1,74 m. Ele, realmente, era alto.

— Eu entrei aqui me questionando sobre suas razões, Danielle, pra ter feito

o que fez. Simplesmente por já ter visto muito do mundo e, principalmente, por me julgar conhecedor da natureza humana... Na minha profissão, já tive oportunidade de ver o pior que as pessoas são capazes de fazer contra seus semelhantes — disse ele, sem soltar-lhe as mãos dela.

Danielle compreendeu que, por mais que isso não justificasse o comportamento dele, a amizade de John significava muito para o médico.

— Mas, você surpreendeu muita gente, inclusive a mim, demonstrando tamanha compaixão por um estranho. Por isso, faço questão de acompanhá-la para ver o John.

Não acreditando no que havia acabado de ouvir, Danielle dominou-se para não dar um abraço no médico.

— Podemos mesmo ir vê-lo? — ela não contava mais com isso. — Eu preciso só tomar um banho rápido. Podemos ir em vinte minutos. Prometo que serei rápida — disse, já olhando em direção ao banheiro. — Ainda não tive chance de tom...

— Calma. Podemos ir assim que você terminar. Mas, se preferir, pode dormir, descansar um pouco e, mais tarde, quando ele estiver consciente, posso vir buscá-la para vê-lo. Ele ainda está sob o efeito da sedação e dormirá ainda por um bom tempo — concluiu o médico.

Danielle desejava ir naquele momento, mas não queria passar a impressão de estar desesperada para ver John. O que faria, afinal, exausta como estava? Ficaria parada olhando-o dormir? O que a família de John pensaria dela?

— Acho que assim será melhor, realmente — disse enfim, tentando pensar de forma coerente e libertando suas mãos das do médico. — Além disso, os familiares dele também estão aqui e vieram de longe para estar com ele depois de tanto tempo sem notícias. A privacidade da família precisa ser preservada. Eu compreendo totalmente. Vou aguardá-lo amanhã então, Dr. Peter. E eu agradeç...

— Apenas Peter — disse ele, imitando-a e sorrindo, mas sentindo-se estranho com o fim do contato.

Danielle sorriu de volta.

— Obrigada, Peter.

— Já tomei muito de seu tempo, Danielle. Vou deixá-la descansar. Durma bem.

— Boa noite e obrigada... de verdade — e, dizendo isso, mesmo sem saber se devia, ficou na ponta dos pés e deu um beijo na face do médico.

Horas depois, Peter ainda pensava naquela moça tão diferente de todas as

que já havia conhecido. Era bonita, sim. Admitia para si mesmo. Porém, mulheres estonteantes já haviam passado por sua vida e não o impressionaram daquela maneira. Era um homem que prezava por sensatez em tudo na sua vida, mas algo em Danielle o afetava de uma forma incomum. Sentado na poltrona do quarto de John, viu-se divagando por que, até aquele momento, nunca havia saído com uma moça negra. Falta de oportunidade, concluiu. Quando cursou a faculdade de Medicina, lembrava-se de que havia apenas três pessoas negras, e eram todos do sexo masculino, mesmo em uma turma de trinta alunos. *Reflexo das desigualdades sociais de nosso país*, pensou. Ponderou ainda que era muito mais cômodo se relacionar com mulheres pertencentes ao seu círculo social.

Contudo, por que sentia aquela urgência em protegê-la? Vê-la fragilizada e chorando talvez tenha despertado aquele sentimento nele. Daí aquela sensação em seu peito. Tinha adorado fazê-la sorrir e ainda tinha aquele beijo... Sabia que mesmo um beijo na face poderia ser sedutor, fascinante ou, até mesmo, provocador; todavia, o beijo que havia recebido carregava apenas gratidão. Nada de subterfúgios femininos para uma conquista. Na verdade, reconheceu ele, Danielle não havia demonstrado interesse algum em se aproximar, mas, ainda assim, Peter flagrou-se tocando a face onde ela o tinha beijado.



MUITO MAIS QUE GRATIDÃO

— Onde estou? — John olhou ao redor e não identificou o ambiente. Ouviu vozes próximas, mas devido à penumbra do quarto, não conseguiu saber quem era. Havia uma iluminação tênue, de onde as vozes pareciam vir.

— John? — agora bem próximo a ele, foi fácil para John Hauser identificar aquele timbre de voz. Reconheceria a voz de Peter Hass com facilidade onde quer que estivesse.

— Hass? É você? — disse, quando o médico acendeu a luz próxima à sua cama. — Hass, o que houve? Como... vim parar aqui?

— Seja bem-vindo de volta, *Kumpel*^[4]! Finalmente, você acordou — disse o médico, feliz por vê-lo consciente. — Você está em um hospital, mas agora está tudo bem, meu bom amigo. Está sentindo alguma dor ou mal-estar?

— Minha cabeça está explodindo... — sussurrou ele.

— Vou lhe dar um analgésico. Logo se sentirá melhor. — Peter observou as reações do amigo enquanto apertava alguns botões que controlavam as posições do leito do hospital para que John ficasse com a cabeça mais elevada. — John, você foi sequestrado. Lembra-se disso?

Um turbilhão de imagens pareceu tomar John Hauser de assalto: o casamento de Klaus; o garçom que serviu de isca para que fosse capturado; a luta com os sequestradores; as torturas; a fuga, a dor... muita dor. Contudo, havia algo mais. Algo importante. Tinha a impressão de que algo havia se perdido em sua mente confusa.

John Hauser olhou ao seu redor como se procurasse por alguma coisa, mas não sabia dizer o que era. Colocando o estetoscópio e ouvindo seus batimentos cardíacos, Peter aconselhou:

— Calma, John — segurando-o na cama para que não se levantasse. — Você esteve inconsciente por muito tempo. Precisa de repouso. O que você está procurando? Eu posso ajudar.— Não sei. Sinto falta de algo. Parece que algo está faltando...

— O quê, John? — perguntou Peter, embora julgasse conhecer a resposta.

John experimentava a sensação de que algo lhe escapava. Concentrou-se para trazer aquela memória à tona. No seu íntimo, sabia que era algo importante. Mas o quê? Esforçou-se para se lembrar. Sabia que essa memória perdida em sua mente ainda emaranhada estava diretamente relacionada ao que havia acontecido

com ele. Infelizmente, por mais que se empenhasse, nada lhe ocorreu, como se sua mente mantivesse, por ora, esse registro oculto. John só desejava que seu cérebro não o apagasse completamente de suas lembranças. Olhou para Peter, sem tentar esconder sua confusão:

— Hass, não consigo lembrar — apoiou de novo as costas na cama e sentiu uma forte tontura quando tentou se levantar...

— John, é natural que esteja um pouco confuso. Ontem, foi submetido a vários exames clínicos e também operaram as fraturas em seu braço direito — viu o amigo levantar o cobertor e ver seu braço imobilizado.

Uma jovem enfermeira os interrompeu, respondendo ao chamado feito por Peter por meio do pequeno controle ao lado do leito.

— Pois não, Dr. Peter? — disse a enfermeira, com um sorriso no rosto. Claramente fascinada pela beleza e pelo charme do médico. Mas algo tão recorrente que esse tipo de atenção já passava despercebida para Peter.

— Por favor, comunique ao Dr. Araújo que o paciente está consciente.

Ela saiu diligentemente para cumprir a ordem a fim de agradar aquele belo médico. Peter aproveitou a oportunidade e fez uma ligação rápida.

.— Por favor, venham até o quarto de John Hauser. Ele acordou.

O médico dirigiu-se de novo a John e falou com seu modo tranquilo habitual:

— Você ainda está se recuperando dos efeitos da anestesia que tomou. Colocaram placas de titânio no seu braço, porque tanto o rádio quanto o úmero foram fraturados. Mas fique tranquilo que, felizmente, o prognóstico é favorável — disse Dr. Peter. — Logo, poderá voltar pra casa e esquecer tudo o que houve e...

— Não! — interrompeu John Hauser, com uma ira repentina no olhar — Não pretendo esquecer de mais nada. Pelo contrário, quero lembrar-me de tudo para garantir que quem fez isso comigo pague caro pelo crime — concluiu categoricamente, a voz alterada. Com expressão indecifrável, voltou-se para o médico: — Hass... Um garçom me atraiu para uma armadilha... na festa do casamento do Klaus. Preciso da lista de todos os que trabalharam na equipe do... Ahh! — gemeu de dor.

— Tente não fazer movimentos bruscos, John. Seu corpo precisa de tempo para se recuperar. A polícia logo estará aqui. Vão providenciar essa informação, para seguirem adiante com a investigação. Tome isto — entregou dois comprimidos e um copo de água a John. — Vai ajudar com a dor e a tontura.

John tomou a medicação e ficou observando o quarto, agora iluminado. Odiava hospitais. Peter retirou o estetoscópio, tomou seu pulso esquerdo e, enquanto o examinava, perguntou:

— Como você está se sentindo, John?

— Como se tivesse sido torturado — ironizou.

— Vejo que seu senso de humor está de volta. É um ótimo sinal! — disse Peter sorrindo. — Do que você se lembra? Quer falar sobre o que aconteceu?

— São muitos pensamentos. Alguns deles eu sei que foram reais. Lembro claramente os rostos dos criminosos, por exemplo. Não seria capaz de esquecê-los, nem se quisesse. Mas outras lembranças parecem turvas, e não sei dizer se são concretas, entende? Não sei se foi um mecanismo da minha mente para que meu corpo suportasse a dor intensa, sei lá. Talvez tenha sido um gatilho, como no caso dos desmaios — suspirou fundo, fechando os olhos. — Esquece. Nem sei mais o que estou dizendo, devo ter sonhado apenas com... — interrompeu-se, pois ele mesmo não enxergava lógica no que dizia.

Peter Hass observou como o amigo estava transtornado e tentou tranquilizá-lo. Atribuiu aquele comportamento incomum de John ao trauma que havia vivenciado. Aquela agitação toda era o total oposto de sua personalidade. Sabia exatamente do que ele estava falando. Ou melhor, de quem.

— Mantenha a calma, John. Ainda hoje, você não vai ter mais essa sensação — disse o médico, sorrindo-lhe enigmático.

John não compreendeu. Peter continuou.

— Ela é real, John. E também está aqui neste hospital. Eu mesmo conversei com a moça horas atrás. Garanto que ela está bem. E ela também deseja vê-lo — aquela afirmação pareceu deixar John mais confuso, porém, no mesmo momento, dois médicos entraram no quarto, acompanhados pelo delegado Antunes.

Peter deu informações sobre os sinais vitais de John ao chefe da equipe, enquanto o outro médico se apresentou a John e começou a examiná-lo. Dr. Araújo lhe fez algumas perguntas, mas John queria retomar a conversa com Peter. Ela, dissera o amigo. Quem era ela? Será que falavam da mesma pessoa? Será que aquela moça de sorriso afetuoso que ele começava a pensar ser apenas um delírio de sua mente era, de fato, real? Se fosse verdade, Peter estava falando da mesma mulher que cuidou dele depois que ele havia fugido da morte certa nas mãos dos sequestradores para um destino incerto, perdido naquela mata. Ela havia até cantado para acalmá-lo, lembrou John. Quer fosse uma recordação, quer um delírio, pensar nisso o fez sorrir.

Ao fim do exame, também não pôde questionar Peter, pois, dessa vez, foi o delegado Antunes que tomou a frente e pediu sua atenção.

— Doutores, poderiam me dar um momento a sós com o Sr. Hauser? — solicitou.

— John não pode responder a perguntas ainda — começou Dr. Peter. — Será melhor dar à mente dele algum tempo. O desgaste emocional em situações extremas como essa pode ser tão grande quanto o físico e...

— Tudo bem, Hass — John interveio, fazendo-o entender que era algo que precisava fazer.

Os médicos saíram. Todos, exceto Dr. Peter, que não considerou em nenhum momento não participar daquela conversa. O delegado Antunes sabia que ele era amigo pessoal da família Hauser e, por essa razão, foi indulgente com o médico. Depois, prosseguiu, dizendo:

— As informações que você detém serão imprescindíveis para a resolução deste caso, Sr. Hauser. Uma força tarefa veio de Florianópolis e acabou de chegar para colaborar com as investigações. Assim que os médicos o julgarem apto, eu gostaria de colher seu depoimento. Mas preciso saber se o senhor, em algum momento, conseguiu ver o rosto de algum dos sequestradores. Conseguiria nos auxiliar a fazer o retrato falado deles?

John balançou a cabeça afirmativamente. A medicação começava a fazer efeito e a dor diminuía gradativamente.

— Posso reconhecer os capangas que me sequestraram, mas existe mais alguém por trás disso tudo.

— Como assim? — quis saber o delegado, visivelmente interessado.

— Há um mandante. Os criminosos fizeram questão de deixar claro que me diriam o nome dele ao final dos três dias de sequestro — lembrou John.

— O que quer dizer com “três dias”, Sr. Hauser? — inquireu o delegado, atentamente.

— “Programação” — esclareceu John. — Era assim que eles chamavam os turnos das formas criativas de tortura, delegado — John olhava diretamente para o homem negro de meia idade. — Eles não estavam interessados em um pedido de resgate, dinheiro não era a questão. Esses bandidos foram muito bem pagos para me torturarem por um período determinado e depois me matarem a sangue frio. Não me deixaram morrer de fome ou de sede. Não era esse o plano. Quem os contratou queria que eu sofresse antes de morrer. Confirmaram que tinham ordens claras para me matar, mas que, antes, revelariam quem os havia

contratado. Era essa a orientação do mandante do meu sequestro.

O delegado apenas consentiu com a cabeça, muito atento a todas as informações que recebia de John Hauser. Registrava tudo o que considerava pertinente em um bloco de notas, avaliando que John parecia lúcido ao fornecer tais informações.

— Um garçom me interceptou quando saía da festa — prosseguiu John. — Lembro-me bem do rosto dele. Disse-me que o noivo tinha um assunto particular a tratar comigo. E foi quando os três criminosos me agrediram — John relatava tudo com certo distanciamento, como se não tivesse sido ele a vítima, mas apenas uma testemunha. Foi dessa mesma forma que suportou as sessões de tortura, buscando um lugar seguro dentro de sua própria mente, pois sabia que sua sobrevivência dependeria de sua sanidade. Forçou-se a expandir seu autocontrole, com o propósito de não permitir que as ações dos criminosos afetassem seu discernimento.

John respirou profundamente, lembrando-se daqueles acontecimentos. Tomando fôlego, continuou:

— Estavam com o rosto coberto por uma espécie de touca preta e tentaram colocar um capuz na minha cabeça. Defendi-me como pude. Estavam em maior número. Trocamos socos, mas acho que usaram uma máquina de choques em mim e apaguei depois disso. Acordei no porta-malas de um carro e, quando abriram, chutei a cara de um dos criminosos, a quem chamavam de Rui. Pela quantidade de sangue, devo ter quebrado o nariz dele. Depois disso, lembro-me de pouca coisa... — disse, tentando buscar a ordem cronológica do sequestro. — Não sei se usaram a máquina de choques novamente, mas já acordei num casebre no meio do nada. Ali, eles não faziam questão de esconder mais o rosto, e também se chamavam por seus nomes: Rui, Jorge e Schneider. Foi quando revelaram que haviam sido contratados para aquele “serviço”.

A expressão de exaustão no rosto de John fez com que Peter se manifestasse e interrompesse o depoimento:

— Delegado, por ora, eu acho que John não tem como fazer mais avanços. Ele precisa repousar.

Peter tinha ouvido tudo aquilo em silêncio. John falava de um crime muito elaborado. Tinha a impressão de estar ouvindo o enredo de um filme, o que tornava quase inacreditável que John tivesse passado por tudo aquilo e ainda conseguido pensar com clareza para arranjar meios de fugir de seus raptos. Quem odiaria seu amigo a esse ponto? Claramente, parecia tratar-se de vingança pessoal e com raízes profundas.

— Claro, está certo, Dr. Peter — o delegado mostrou-se compreensivo. — Talvez, amanhã ou depois, o Sr. Hauser tenha condições de orientar nosso desenhista quanto ao retrato falado de seus sequestradores. Já temos a lista completa de todos os convidados, empregados e profissionais contratados que estavam na mansão Heinz para aquela cerimônia. Espero que se recupere logo. Vou tomar providências para identificar o garçom e os comparsas com os nomes fornecidos que já tenham sido fichados na polícia — disse, olhando para John.

O delegado seguia em direção à porta, mas parou na metade do caminho. Ele tornou a se virar.

— Uma última pergunta, Sr. Hauser.

John olhou para ele.

— Pois não, delegado — disse John, esforçando-se para ficar sentado.

— Há uma moça que estamos mantendo sob custódia que foi quem ligou para a emergência e chamou o resgate.

A atenção de John voltou-se diretamente para o policial. Então, ela existia realmente. Não era apenas fruto de sua imaginação. John finalmente se deu conta do que buscava em sua mente. Melhor, de quem. Todas as memórias que antes pareciam confusas começavam a ganhar forma em sua cabeça. A dona daquele sorriso gentil tinha a pele negra. Ele nunca mais esqueceria.

— Onde ela está? Preciso vê-la... Preciso vê-la agora! — e, dizendo isso, tentou novamente ficar de pé. Afinal, ela não era mais um delírio.

— John, não! Você não está em condições de fazer nenhum esforço agora — ordenou Peter, segurando-o na cama.

John lançou um olhar fulminante para ele.

— Sr. Hauser, é necessário que se mantenha calmo — disse o delegado, intrigado com a forma como aquele homem, que em outro momento parecia tão senhor de si, reagia à menção daquela moça.

— Vou ter que chamar enfermeiros para te prenderem na cama ou será que vou precisar sedá-lo novamente?

John sabia que Peter não estava blefando. Naquele momento, era o Dr. Hass falando, não seu amigo de anos. Sabia que ele não hesitaria, caso julgasse necessário. John não queria ser apagado novamente e, a contragosto, aceitou a advertência.

O delegado Antunes retomou a questão:

— Sr. Hauser, peço que reflita o quanto precisar antes de me responder —

ele ignorou o olhar lançado por Dr. Peter e continuou. — Acredita que essa moça teve algum envolvimento com o seu sequestro? — o delegado parou ao lado da cama de John e o encarou.

John, não enxergando lógica alguma na pergunta, olhou para o delegado e em seguida para Peter. Após um breve momento, agora retomando seu domínio próprio, declarou o que ambos já sabiam:

— Eu não sei o nome dela — começou John — Mas me lembro de ela ter dito ser escoteira ou algo assim — e, pela primeira vez depois de passar por tudo aquilo, John riu ao se lembrar da mochila de onde ela tirava os itens mais inusitados, ainda mais para uma mulher.

E então, encarando os dois homens com seriedade, John disse a única certeza que tinha sobre a desconhecida:

— Ela não teve nenhum envolvimento no sequestro. Estou convicto de que essa moça é a principal responsável por eu estar vivo diante de vocês.

Aquelas lembranças aos poucos afloraram em sua mente e encheram seu peito de um sentimento que John não conseguia identificar com exatidão. Gratidão? Seria natural sentir-se grato a alguém que fez tanto por ele; porém, era mais do que isso. Ela não o deixou desistir. Incentivou John a lutar por sua vida. Todo o cuidado e zelo que dedicou a ele... Alguém para quem, provavelmente, seu sobrenome não significava nem mais nem menos que qualquer outro. *Eu era um desconhecido*, pensou John.

Como se despertasse de sua reflexão disse:

— Devo minha vida a ela... Eu devo tudo a ela.



OS HAUSER

John estava muito quieto, notou Dr. Peter Hass. Decidiu, no entanto, respeitar o espaço do amigo. Sabia que ele tinha muito em que pensar e que devia estar tentando encontrar uma lógica ou motivação para tudo que havia acontecido naqueles últimos dias.

Absorto em seus pensamentos, John pensava em quem poderia ser a pessoa por trás de seu sequestro. Quem o odiaria a ponto de querer vê-lo morto? Quem planejaria infligir tanto sofrimento a ele? Claramente o mandante o conhecia e nutria por ele um ódio de grandes proporções. John aceitava que era impossível, em sua posição, não se deparar com pessoas contrárias à sua forma de conduzir os negócios, mas o que havia acontecido indicava uma desforra de cunho pessoal.

A pedido de seu primo Hugo, John concordou em contratar Bruno como seu motorista, mas na verdade, ele também atuava como guarda-costas quando necessário. E tornou-se necessário após algumas ameaças que recebeu, embora nenhuma delas tivessem seguido adiante. Agora, depois de seu sequestro, o rosto de seu tio, *Herr*^[5] Edgard Hauser, de forma recorrente, vinha à sua mente. John tentou afastar o pensamento. Mas, realmente, a relação com o tio nunca fora amigável. Longe disso.

Numa tentativa de se afastar da lembrança da morte precoce dos pais, John tinha passado onze anos na Alemanha estudando. Ao contrário de qualquer outro jovem de sua idade na época, havia decidido por conta própria permanecer um bom tempo no exterior. Morando na Alemanha, chegou a receber a melhor educação possível, além de se tornar fluente em alemão, francês e inglês. Havia se esforçado ao máximo para ocupar sua mente com os estudos e atividades da escola, para não ter tempo de se sentir só.

Com o passar dos anos, o afastamento geográfico acabou ajudando John a não pensar tanto na perda dos pais ou no acidente que havia vitimado Otto e Agnes Hauser. Após o ocorrido, o tio assumiu o controle da empresa familiar e, como tutor legal de John, controlava 90% de todas as ações, sendo que, por herança, 55% destas pertenciam, por direito, ao sobrinho.

O pai e o tio nem sempre haviam concordado em outros aspectos, lembrava John, mas, nos negócios, preocupavam-se prioritariamente em colocar a empresa à frente da concorrência. O lucro, muitas vezes, antes da ética. Assim, na gestão do pai, *Herr* Otto Hauser e, posteriormente, na de seu tio Edgard, o

comprometimento com o impacto dos projetos da empresa junto à sociedade ou ao planeta era mínimo ou inexistente.

Desde que John, havia seis anos, enfim conseguiu assumir o cargo de CEO do Hauser *Gruppe*, apoiado pelos membros do conselho diretor, o tio se comportava como se seu trono tivesse sido usurpado. Na verdade, após mais de quinze anos no comando da corporação, a verdade era que *Herr* Edgard Hauser não se considerava um diretor interino.

Quando John Hauser tomou a frente como legítimo CEO da companhia, viera imbuído de propostas com soluções mais sustentáveis para o meio ambiente. Sua preocupação com os recursos naturais e com o impacto ambiental desses novos projetos para a companhia fez com que sua empresa se diversificasse e conquistasse destaque em áreas antes nunca exploradas. *Herr* Hauser tentou, seguidas vezes, derrubar propostas de John, por considerar que não eram investimentos à altura da companhia.

Assim, a suspeita crescia na mente de John; por ora, no entanto, guardou seus pensamentos para si. Por mais que, com o passar dos anos, um antagonismo profissional tivesse crescido e ganhado força entre ele e o tio, relutava em considerar que alguém de sua família pudesse arquitetar, a sangue frio, um ato de tamanha selvageria. Com esses pensamentos povoando sua mente, John adormeceu.

Pouco depois das 8h da manhã, a família de John entrava em seu quarto no hospital: seus primos Letícia e Hugo, e seu tio paterno, *Herr* Edgard Hauser. Aqueles poucos membros compunham toda a sua família. Havia chegado durante a madrugada, e o Dr. Araújo não tinha permitido que o visitassem naquele horário. Havia aberto uma concessão apenas ao Dr. Hass, que acompanhou John durante toda a noite.

Peter cumprimentou a todos e informou que precisava falar com a equipe médica e instruir-se de como seria feita a remoção de John para Santa Catarina, conforme *Herr* Hauser havia solicitado. Antes de ir, Peter fez um breve resumo do despertar de John, da avaliação clínica da equipe médica e também da prévia do depoimento dado ao delegado Antunes. De tudo que relatou, o que mais os deixou intrigados foi a maneira como John reagiu à menção da moça que o havia ajudado. Cada um parecia tecer suas próprias conclusões, mas ninguém quis compartilhá-las de modo prematuro. Peter saiu imediatamente. Além do que informou que faria, precisava atender a um pedido especial de John, ao mesmo tempo em que honraria uma promessa feita a uma certa moça.

Letícia, desde que entrara naquele quarto de hospital, não escondia seu

contentamento por ver o primo a salvo. Não saía do lado da cama de John, acariciando seus cabelos negros enquanto ele dormia. Letícia era a prima mais nova de John. Havia sido adotada ainda com meses de vida, após a esposa de Edgard ser diagnosticada com endometriose e, pelo avanço da doença, ter se tornado estéril. Como *Dame*^[6] Amélio Hauser, esposa do tio de John, sempre sonhara em ser mãe de uma menina, convenceu o marido quanto à adoção. Não havia nada que ela desejasse que ele não fizesse para agradá-la.

Assim, ela escolheu a menininha sem reservas, e nem mesmo Hugo havia ficado enciumado. Pelo contrário, tornara-se o principal protetor da irmã. No momento de sua chegada, o primogênito Hugo já tinha 8 anos. *Herr* Edgard, por outro lado, nunca tinha sido um homem adepto a demonstrações de afeto. Sempre exigiu dos filhos que se dedicassem como os primeiros da classe na escola, para estarem sempre à frente dos concorrentes nos esportes e acima da mediocridade na vida, como ele costumava dizer. Notas mínimas para passar de ano na escola eram algo inadmissível para um filho de *Herr* Edgard Hauser.

Letícia se pôs a observar os três homens naquele quarto de hospital espaçoso e com decoração simples, mas de bom gosto. O pai lia o jornal, mas, pelo cenho franzido, Letícia conseguia perceber que a distração não afastava sua preocupação com o sobrinho convalescente. Hugo havia permanecido um bom tempo parado ao lado da cama do primo. Tinha tocado de leve no ombro de Letícia e tentava dar apoio a ela. Agora, olhava, pensativo, pela janela. Já estavam há quase duas horas aguardando John acordar novamente. Tinha a impressão de que seus pensamentos o levavam para longe dali. Os dois irmãos sabiam que o laço entre eles e o primo era especial. Possuíam diferenças de temperamento, mas haviam compartilhado toda a infância e sempre se reencontraram na adolescência, quando John os visitava nas férias.

Hugo e John tinham a mesma idade, mas personalidades distintas um do outro. John sempre havia sido reservado e objetivo. Na mocidade, o posicionamento austero de John era seu principal predicado. Hugo, por sua vez, parecia-se mais com sua mãe, Amélie. Era sociável, comunicativo e expansivo. *Até demais*, analisou certa vez a irmã, sorrindo.

Mas algo que tinham em comum era seu amor por Letícia. Lembrava-se bem do quanto os dois podiam ser superprotetores. Seus únicos dois namorados não lhe deixariam mentir. Talvez, pela ausência da mãe para orientá-la, eles se achassem no dever de não permitir que ninguém a magoasse. Muitos rapazes já se sentiam intimidados pelo fato de ela ser uma moça que não se rendia a galanteios vazios e que possuía interesses diferentes dos de outras garotas de sua idade. Integrar o grêmio estudantil e escrever para o jornal do colégio, ao invés

de estar preocupada com festas de debutantes, tão comuns em sua sociedade, significava suicídio social para muitas moças da escola de Letícia. E, com os jovens Hauser sempre em seu encalço, muitos possíveis pretendentes nem tentavam aproximar-se dela. Não se ressentia, porém, com os primos, porque queria alguém ao seu lado que possuísse a mesma fibra moral do irmão e de John.

Letícia, com o tempo, havia aprendido a lidar com as mulheres que tentavam fazê-la de ponte para alcançar os dois jovens solteiros mais cobiçados e charmosos da comunidade alemã em Florianópolis. Ela havia perdido a conta de quantas de suas amigas haviam se aproximado dela exclusivamente por conta de seu irmão e de seu primo. Para Letícia, a beleza e a masculinidade dos dois eram apenas reflexo de seu caráter. No entanto, culpava-os sim, ao menos um pouco, por elevarem o seu padrão de homem ideal. Preferia ficar sozinha a perder seu tempo com alguém que não fosse como eles. Integridade e gentileza eram qualidades que ela não dispensava.

Ambos tão diferentes um do outro, pensava Letícia, observando seu irmão que, apesar da fama de homem boêmio e *bon vivant*, havia compreendido, com a maturidade, que era possível ser responsável sem abrir mão das “alegrias da vida”. Era assim que ele se referia às noites de farra durante a faculdade de Engenharia e também às inúmeras mulheres que perpassavam sua vida e sua cama – motivos frequentes de confrontos entre ele e o pai. *Herr* Edgard nunca havia aceitado que o filho discordasse dele, independentemente da pauta. E sua oposição direta por não cursar Administração de Empresas, por ter aversão a ficar preso entre as quatro paredes de um escritório, havia feito com que optasse por Engenharia Civil e fizesse MBA em Mobilidade Urbana Sustentável.

Hugo sempre havia desejado construir coisas. A irmã sabia que, no momento, Hugo liderava a construção de duas pontes, projetos da Hauser *Gruppe* em diferentes estados do Brasil, além de um aqueduto na Alemanha. Ele adorava a prerrogativa de estar em vários lugares e não estar preso a lugar nenhum nem a ninguém. Vivia na ponte aérea e apreciava as belas amigas com benefícios que tinha em cada cidade que passava. *Herr* Hauser impunha suas expectativas na vida do filho desde muito cedo e, por um tempo, buscando a aprovação do pai, Hugo havia se deixado conduzir. A mãe sempre tinha apoiado os filhos, incondicionalmente, nos planos dos dois. Ela havia falecido ainda jovem, com cerca de quarenta e cinco anos, devido a complicações cardíacas. Letícia tinha apenas nove anos, o que impediu que Hugo cursasse o último ano em Leipzig, na Alemanha; em vez disso, ele continuou os estudos no Brasil após o funeral da mãe, para zelar pela irmã.

Por tradição, o ensino médio dos jovens de famílias mais abastadas da comunidade alemã do sul do país geralmente era cursado na Europa, para que tivessem contato com a cultura e os idiomas do Velho Mundo. Com Hugo não havia sido diferente, embora, após a morte da mãe, que sempre havia sido carinhosa e atenciosa às necessidades dos filhos, o equilíbrio na balança tivesse se desfeito. Foi assim que começaram os embates de opinião entre Hugo e o pai, que seguiam até o momento, com a recusa de Hugo em assumir um cargo na mesa diretora da Hauser *Gruppe*.

Letícia se sentia culpada, às vezes, por se considerar o pivô desse desentendimento. Mas, apesar das diferenças de ponto-de-vista, ela conseguia enxergar no pai e no irmão muitas semelhanças. Os dois eram muito parecidos, por serem irredutíveis em suas convicções, e havia sido com o pai que Hugo tinha aprendido a fazer sempre o melhor em tudo que se propusesse começar.

Letícia olhava para o rosto de seu primo, pensando em como sua vida nunca havia sido fácil. John já havia sofrido tanto com a perda dos pais da forma trágica como tinha acontecido. Letícia ainda era um bebê quando tudo ocorreu, e a história do acidente sempre havia soado nebulosa para ela, com lacunas a serem preenchidas. Pouco ou quase nunca se falava a respeito disso em sua família. Ela e Hugo reencontravam John nas férias, quando ele passava os verões com a família no Brasil. Ele sempre lhe trazia um brinquedo de presente de natal.

Agora, vendo o primo naquele estado, com hematomas pelo rosto e pelo corpo, sabia que muita coisa não havia sido revelada para poupá-la. Letícia acariciava os cabelos dele e pedia a Deus, silenciosamente, para proteger os três homens de sua vida. Eles representavam tudo para ela. Eram seu mundo. Ela os amava mais que tudo.

Sentiu o abraço de Hugo. Afundou a cabeça em seu peito e chorou, como nos tempos de escola, quando era repreendida por seu pai por ter tirado uma nota abaixo de nove ou quando alguém fazia piada por ser filha adotiva. O irmão e o primo sempre tinham cuidado dela.

— Não fique assim, princesa — disse o irmão, carinhosamente. — O que o John diria se te visse dessa forma?

Hugo a presenteou com um de seus mais ternos sorrisos, daqueles que ele destinava exclusivamente à irmã. Ela retribuiu e lhe deu um beijo no rosto, enquanto ele enxugava suas lágrimas.

— Eu diria que ainda estou vivo e não quero ninguém falando de mim como se eu não estivesse presente — disse uma voz arrastada.

Todos os olhares se voltaram para o homem com barba por fazer deitado na cama.

— John! — disse Letícia, transbordando de felicidade. Aproximando-se de John, segurou sua mão esquerda com carinho. — Oh, John... não pode imaginar como estou feliz por finalmente ouvir sua voz de novo! Tive tanto medo... — mais lágrimas caíram dos olhos de Letícia. — Quando soube do sequestro e de todo o resto...

— Estou bem agora, princesa — chamou-a pelo apelido com que a tratavam desde que ela havia nascido. — Não chore. Como vai a faculdade? — perguntou John, retirando o holofote de si.

— Só você mesmo! Acaba de passar por tudo isso e ainda se preocupa em saber das minhas aulas? — brincou a prima, dando um beijo em sua testa.

— *Bruder*, bem-vindo de volta ao mundo dos vivos! — disse Hugo, com seu habitual bom humor. Que grande susto nos deu!

— Involuntariamente, eu asseguro. Apaguei de novo? — perguntou John, meio aborrecido e olhando em direção à porta com certa ansiedade.

— Sim, mas Peter disse que toda essa sonolência após a anestesia geral que recebeu é comum, *freund*^[7]. Além de sono, sente alguma dor? — perguntou Hugo.

John sorriu para os primos. Era bom vê-los novamente. Tinha tido medo de nunca mais ter a chance de reencontrá-los.

— Olá, John. Como você está se sentindo? — perguntou o tio, que também se aproximou do leito. — Sente alguma dor? — ele refez a pergunta apenas porque John parecia estar ainda um pouco absorto.

Aquela voz fez com que John notasse a presença do tio. *Herr* Edgard Hauser parecia realmente preocupado com seu bem-estar. Mas aquela apreensão ainda estava presente na mente de John. Não queria tirar conclusões antecipadas, muito menos fazer naquele momento acusações infundadas.

— Sim... Estou me sentindo melhor, Edgard — respondeu, tentando ler a expressão presente no rosto do tio. — Em breve, estarei saudável o suficiente para pôr atrás das grades os criminosos que fizeram isso comigo.

O tio se aproximou e fez algo que nem John nem os primos esperavam. Passou a mão pelos cabelos do sobrinho e, beijando-lhe a testa, disse, emocionado:

— Deixe a polícia fazer o trabalho dela. Preocupe-se apenas com sua recuperação. Não sabe o quanto fiquei feliz ao receber a ligação da polícia

informando que você havia sido encontrado e que estava bem.

John e os irmãos pareciam atônitos. Ele continuou.

— Você é o meu único sobrinho, meu único elo com meu falecido *Bruder*. Não consigo imaginar algo acontecendo e...

Letícia abraçou o pai, emocionada com a cena a que assistiam, pois ele não costumava se expor daquela forma.

— Ele está aqui conosco, *Vater*^[8]. E tudo voltará à normalidade agora — disse ela, com um grande sorriso no rosto.



A VIDA É UMA PERMUTA?

O Dr. Peter Hass falou rapidamente com o agente Ricardo que permanecia à frente do quarto de Danielle. Já havia conversado com o delegado Antunes e pediu autorização para que Danielle pudesse fazer uma breve visita a John e ele concordou.

— Pode entrar — disse Danielle ao ouvir batidas na porta. Ela estava feliz por ter finalmente recarregado seu celular e ter a chance de conversar com a mãe e os irmãos em uma longa conversa. Pôde tranquilizá-los e esclarecer tudo. Sua mãe reagiu de forma semelhante à avó. Quis até pegar um voo para ir vê-la, mas Danielle conseguiu demovê-la da ideia, dizendo que no dia seguinte já estaria na casa de D. Antônia e que tudo ficaria bem.

Pouco depois de ter encerrado a ligação, Rose chegou para visitá-la. A amiga passou no hospital para vê-la antes de ir trabalhar e levou algumas coisas que julgou que Danielle estava precisando. Roupas, itens de higiene pessoal e uma quentinha com tapiocas feitas pela avó, que mandou um recado dizendo que, se Danielle não voltasse para casa até o dia seguinte, ela mesma iria buscá-la no hospital. Ambas riram imaginando a cena. Foi uma visita rápida, mas ver um rosto amigo e conhecido fez muito bem a Danielle. Estava precisando disso.

Danielle optou por um vestido rosa com estampas de pequenas borboletas escuras. O clima de São Luís naquela época era muito propício a roupas leves. Ouviu batidas na porta e foi atender.

— Como vai, Danielle? — disse Peter, sorrindo e entrando no quarto trajando um de seus ternos elegantes. Como sempre, estava impecavelmente vestido.

— Bem, Dr. P... Peter — corrigiu-se — Apenas um pouco ansiosa, admito. E você?

— Vou bem, obrigado. E feliz por John ter tido uma noite mais tranquila de sono.

Ela sorriu satisfeita. Peter observou que ela parecia aguardar uma boa notícia, e foi o que lhe deu:

— Vim convidá-la para fazer uma visita a John. Logo, ele estará desperto novamente. Acho que faria bem a ele vê-la agora. Se você concordar, é claro.

Danielle ampliou ainda mais seu sorriso. Havia acordado cedo para se arrumar e estava esperando por isso. Em poucos segundos, já estava ao lado do

médico.

— Já estou pronta, Peter. Vamos?

Ele sorriu de volta. Havia algo naquela mulher que o fazia sentir bem e adorou vê-la naquele vestido. Abriu a porta educadamente e lhe deu passagem para pegarem o elevador. Pararam em frente a um quarto com outro policial fazendo vigilância, dois andares acima.

— Tudo bem? — perguntou Peter a ela, notando seu nervosismo.

— Sim — respondeu, tentando parecer confiante.

Peter bateu na porta e anunciou:

— Trouxe uma visita, John.

Danielle entrou no quarto e viu-se sendo observada por quatro pares de olhos. Com um sorriso tímido cumprimentou a todos com um bom dia educado. A família de John olhava de forma inquisitiva para ela.

— Como vão todos? Eu me chamo Danielle — apresentou-se antes que Peter o fizesse. — Eu estava com o...

— Sabemos quem você é — foi a resposta ríspida de *Herr* Hauser. — Não sei se é apropriado John receber visita de estranh...

— Eu a convidei — disse John, categórico, não dando margem para argumentos. — E a Srta. Nunes é a pessoa a quem devo minha vida.

Seria impressão ou havia um pouco de hostilidade na voz daquele senhor?, pensou Danielle. Olhou para o belo ruivo próximo aos demais, que sorria para ela de um jeito encantador e se sentiu mais confiante: nesse sim havia um pouco de gentileza.

Não se deixando intimidar, olhou para Peter, que também a incentivou a seguir em frente. Seu olhar buscava o de outra pessoa e o encontrou no leito ao lado de uma bela morena de olhos claros. De lá, John olhava diretamente para Danielle. Sorria para ela. Parecia outra pessoa. Agora estava limpo e sendo bem cuidado. Ela se aproximou deles devagar.

— Muito prazer — disse Danielle, estendendo a mão para a morena. A moça a examinou de cima a baixo. Ela se vestia casualmente, mas, para Danielle, parecia ter porte e elegância naturais. Arrependeu-se imediatamente de ter colocado aquele vestido floral. Por não ter o aperto de mão correspondido, Danielle ficou um tanto desconcertada com aquela jovem mulher. Mas Letícia, de súbito, a abraçou. E foi um abraço tão apertado que Danielle se sentiu desconfortável. Logo em seguida, no entanto, sorriu sem graça.

— Muito obrigada, Danielle! — disse Letícia, sem libertá-la do abraço. — Você salvou a vida do John. Nunca poderemos compensá-la pelo que fez.

Danielle sentiu sinceridade nas palavras da moça e sorriu mais. Pelo menos ela não a tratou de forma rude como o senhor mais velho. Seria ele o pai de John Hauser?

— Letícia, você está sufocando a moça! — disse o homem ruivo bonito, com aquele sorriso de tirar o fôlego no rosto. — Muito prazer, Srta. Nunes. Já ouvimos falar muito de você — prosseguiu ele. — Reitero as palavras da minha irmã; o que você fez por meu primo não tem preço — e dizendo isso, beijou sua mão, inesperadamente. — Meu nome é Hugo Hauser, sou primo de John, e esta é minha irmã caçula, Letícia, que adora abraços.

A moça sorriu para ela.

Primos?, pensou Danielle. Mas, ao ver Hugo confirmando, percebeu ter dito em voz alta. Sem querer, percebeu que havia ficado surpresa por Letícia não ser a esposa de John. E era uma surpresa agradável, admitiu intimamente.

— Aquele senhor simpático que você já conheceu é nosso pai, Edgard Hauser, e tio de John, logicamente — Danielle ouvia, mas seus olhos se voltavam para a direção de John. Ela apenas fez um gesto com a cabeça para cumprimentar *Herr* Edgard, que repetiu o gesto.

— Hugo, agora que todos já se conhecem, eu poderia ter um momento a sós com a Srta. Nunes? — John perguntou.

O primo sorriu antes de responder.

— Eu também gostaria.

Danielle ficou sem graça com a insinuação de Hugo e não conseguiu disfarçar.

— Não fique assim, Danielle. Meu irmão tem esse mau hábito de deixar as pessoas desconcertadas de propósito — disse Letícia, segurando seu braço com gentileza, como se já fossem amigas desde sempre, e fazendo careta para Hugo.

Edgard Hauser saiu do quarto com certa reserva, mas foi seguido por todos os outros. Peter, antes de sair, deu uma última olhada para eles, mas enfim se foi.

— Chegue mais perto, por favor — disse John. Danielle percebeu que o olho direito ainda estava bastante roxo, mas começava a desinchar e ele já conseguia abri-lo um pouco.

— Olá — disse ela, agora ao lado da cama e a poucos centímetros de distância dele. — É bom vê-lo se recuperando.

Ele lhe estendeu a mão esquerda e ela a segurou, experimentando o calor que ele emitia.

— Eu peço desculpas pelo meu primo galanteador. É da natureza dele. Não resiste a um flerte com uma mulher bonita, independentemente da situação.

Danielle não sabia se tinha entendido direito. Ele a considerava uma mulher bonita?

— Bobagem. Ele só quis quebrar o gelo — disse Danielle sorrindo, gostando de saber a opinião dele a seu respeito.

Ela tinha desejado tanto revê-lo e agora não sabia o que dizer. Sentia-se uma tola com ele a observá-la daquele jeito e ainda segurando sua mão. Ficaram algum tempo assim, apenas olhando um nos olhos do outro.

— Obrigado — disse John, por fim. — Obrigado por tudo o que fez. Devo muito a você. Não sei se estaria vivo se você não tivesse me encontrado naquele dia.

— O importante é que você está bem. Está a salvo — ela sorriu para ele. — E agora vai poder voltar para sua vida e sua cidade.

— Me fala mais de você. Estou ansioso para saber mais sobre a mulher que salvou minha vida.

Danielle, ainda sorrindo, soltou sua mão e, puxando uma cadeira, sentou-se a seu lado.

— O que você quer saber? Pode perguntar — precisava interromper aquele contato físico; porém, mal pôde se sentar, ele segurou sua mão novamente.

John apreciava o contato e não queria se privar dessa sensação. Danielle começava a achar que aquele toque afetava seu raciocínio.

— Bem, pode me contar o que quiser. Que tal começarmos com essa história de ser escoteira?

Ela riu com o tom de brincadeira em sua voz:

— Eu fui escoteira por muitos anos quando era mocinha aqui em São Luís, mas estava há algum tempo sem participar de acampamentos e encontros. Morava com meu pai aqui na ilha e, quando ele faleceu, eu e meu irmão caçula nos mudamos para o Rio de Janeiro para morar com minha mãe e meus outros dois irmãos. Terminei a escola por lá. Fiz faculdade. Criei raízes.

Pensou um pouco antes de prosseguir.

— Voltei de férias para o Maranhão — continuou. — Primeiro, para rever minha avó Antônia, e, segundo, para participar desse encontro de escoteiros em

Imperatriz. Meus amigos de infância são chefes escoteiros agora e me convidaram para matar a saudade. Naquele dia, eu estava voltando do acampamento, quando sofri o acidente e encontrei você.

John ouvia tudo que ela dizia atentamente. Gostava do som de sua voz. Acalmava-o naturalmente.

— Você vem de uma família grande. Três irmãos? — disse ele, levantando a sobrancelha.

— Sim. Na verdade, uma irmã e dois irmãos — riu ela. — E, acredite, não foi fácil, mas amo todos eles. Às vezes me enlouquecem, mas eu amo demais todos eles, John.

Ele ficou contente ao vê-la relaxar e chamá-lo pelo nome pela primeira vez ali.

— Você tem irmãos ou irmãs? — quis saber ela.

— Não. Sou filho único, mas tive sorte de ter o Hugo e a Letícia como primos. Somos muito ligados — respondeu.

— Você só tem dois primos? Eu devo ter uns cem — Danielle riu e, ao ver a expressão incrédula no rosto dele, decidiu explicar. — Ah, Meus avós moravam no interior do estado. Imagina, naquela época, sem energia elétrica em casa e sem distrações, como televisão... Daí, a família cresceu e tiveram 16 filhos. Por isso eu tenho tantos primos. Alguns eu nem conheço.

John achava divertida a forma espontânea como ela falava de sua família enorme.

— Mas já falei demais sobre mim — disse Danielle, mudando de assunto. — Você já sabe quando terá alta? — perguntou.

— Acredito que, ainda esta semana, serei transferido para Florianópolis. Assim que a equipe médica consentir e julgar prudente.

Danielle sabia que talvez nunca mais se vissem, e uma pontinha de tristeza doeu em seu coração. Mas, como se lesse seus pensamentos, John respondeu em seguida:

— Eu gostaria de manter contato com você, Danielle. Lógico, se você se sentir confortável com a ideia.

Ela observou a forma sincera como ele sorria e aguardava sua resposta, e sentiu-se feliz por ter essa possibilidade. Gostou de pensar que continuaria presente, de alguma forma, na vida dele.

— Eu gostaria, sim — concordou Danielle. — Seria ótimo!

John assentiu. Realmente, sentia-se feliz por tê-la por perto, e nem notou que ainda segurava a mão dela.

— Eu imagino que você e sua família estejam enfrentando transtornos com toda essa exposição na mídia — ele prosseguiu. — Eu não sei se já mencionaram em algum momento, mas existe uma recompensa que voc...

— Não, por favor — interrompeu Danielle, educadamente. — Não é necessário. Você estar se recuperando e ter sua vida de volta já tem muito valor pra mim. Esqueçamos disso, está bem? — pediu ela, já mudando de assunto. — Eu ganhei umas tapiocas hoje pela manhã. Lembra-se do sabor?

Ele riu.

— Eu me lembro, claro — John sorriu com a recordação de como elas pareciam ser a melhor refeição do mundo, depois de tanto tempo passando fome. — Eu gostei. Nunca tinha experimentado.

— Depois eu mando uma pra você pelo Peter.

John ficou incomodado pela forma íntima como ela se referiu ao seu amigo. Hass sempre havia sido tão reservado quanto ele e, para Danielle chamá-lo pelo primeiro nome, significava que tinham tido oportunidade para conversar.

— Você e o Dr. Hass têm conversado muito, pelo visto...

Danielle não notou que podia ter passado a ideia errada.

— Ele me ajudou a romper o bloqueio policial para ver você.

— Como assim? — John não compreendeu.

— Acho que fui considerada uma possível suspeita pela polícia — disse, com receio do que ele pensaria. — Depois que eu entendi quem você era e a magnitude do que aconteceu, tentei relevar — continuou, ainda aborrecida por a terem impedido de vê-lo antes.

John ficou pensativo. Danielle queria saber o que passava por sua mente. Começou a temer que ele agora também desconfiasse dela.

Depois de um breve silêncio, ele afirmou com convicção:

— Fique tranquila. Eu já resolvi esse mal-entendido. Acredite em mim. A polícia não a incomodará mais.

Agora, Danielle compreendia. John havia revelado para a polícia que ela não tinha nenhum envolvimento com o crime. Por isso, ela estava ali. Não era mais uma ameaça na visão das autoridades.

— Eu fiquei receosa de você pensar que talvez eu tivesse algo a ver com seu sequestro — admitiu.

— Nem considereei essa possibilidade. Você, pelo que me lembro, fez de tudo para salvar minha vida. Aqueles criminosos foram contratados para me matar. E talvez tivessem conseguido, se você não....

— Você me disse isso naquela... — lembrou-se, ainda horrorizada com toda aquela história. — Espero que logo esses criminosos sejam presos e julgados.

— Serão. Garanto que pagarão pelo que fizeram — afirmou John, com tanta certeza que ela não duvidou.

Eles conversaram sobre suas vidas, sobre o que faziam. Pelo que John lhe disse, Danielle entendeu que ele havia adquirido a reputação de ser inflexível no comando do Hauser *Gruppe*, caso as decisões da companhia afetassem de modo irreparável o meio ambiente ou a vida da população local. Nesses casos, John recusava-se a aprovar qualquer projeto. Ética acima dos lucros parecia ser sua premissa e, nisso, por vezes, discordava de seu tio Edgard Hauser. Tio este que, interinamente, havia assumido a presidência após a morte do irmão, quando John ainda terminava o Ensino Fundamental.

— A minha profissão pode soar entediante se comparada ao que você faz — disse Danielle, quando ele quis saber de seu trabalho. — Eu sou funcionária pública. Professora de literatura, na verdade. Leciono literatura inglesa em uma universidade do Rio. Nada tão impressionante como ter um conglomerado de empresas. De modo geral, a minha rotina se resume às minhas aulas, aos seminários dos estudantes e aos cursos de extensão no *campus*. Sempre levo trabalho para casa. Às vezes, a mesa da sala fica apinhada de provas para corrigir. Mas não posso me queixar. Amo o que faço.

Quando enfim começaram a falar sobre planos para o futuro, John tentou persuadi-la.

— Danielle, gostaria que você reconsiderasse a minha oferta — antes que ela o interrompesse novamente, ele continuou.: — Por favor, ouça. Quero retribuir de alguma forma o que fez por mim. Há algo que eu possa fazer para recompensá-la? Mesmo que indiretamente... existe algo? Algo que queira ter ou que deseje. Todos temos ambições. Um apartamento, conhecer o mundo, segurança financeira... O que for que você tenha interesse em possuir, será um prazer ajudá-la. Eu tenho meios para isso e você teria uma vida melhor. Poderia até mesmo abandonar essa carreira de professora.

Danielle gentilmente libertou sua mão, que ele não soltou por toda a conversa. Levantou-se, sentindo-se magoada com aquelas palavras. Percebia que havia se enganado. Ele afinal não era o tipo de pessoa que ela tinha pensado. “*Essa carreira*”, aquelas palavras a haviam atingido como um golpe.

— Eu preciso ir embora agora, John — disse, desviando o olhar do dele — Acredito que, agora que tudo foi esclarecido, poderei voltar para casa. Não há mais motivos para continuar neste hospital. Além disso, preciso tranquilizar minha avó.

— Danielle — disse John sem saber por que ela reagia daquela forma —, eu só quero...

— Você quer me dar dinheiro pelo que fiz. Entendi bem. Quer me pagar porque é o tipo de pessoa que não suporta dever nada a ninguém. Mas eu não ajudei você com essa intenção — respondeu, agora encarando-o determinada — Eu não preciso do seu dinheiro, Sr. Hauser. Eu, felizmente, sou independente. Lutei muito para ser. Tenho uma vida que pode parecer desinteressante para alguém como você, mas que valorizo muito. Foi ótimo vê-lo bem — não conseguiu mais olhá-lo nos olhos por muito tempo. Odiava enganar-se com as pessoas e estava com essa sensação agora. — Preciso mesmo ir. Espero que se recupere logo — finalizou, já saindo e fechando a porta atrás de si.

John não compreendeu por que ela parecia tão insultada daquela forma. Afinal, ele só pretendia melhorar suas condições de vida. Via a oferta como uma troca de favores. Ela deveria se sentir feliz com a ideia. Quem não se sentiria, diante de uma oportunidade como aquela? Ele quis ser generoso e justo com ela. Era o que devia fazer. Lembrou-se da frase que *Herr Otto Hauser*, seu pai, sempre dizia: “A vida é uma permuta”.

Mas, para John, a forma como Danielle encarava a situação o fazia sentir péssimo. E ela ter partido daquele jeito o fez se sentir pior ainda. Queria tê-la por perto por mais tempo. Saber mais sobre ela. Agora, ela estava indo embora aborrecida, e ele precisava saber como reencontrá-la.

Peter viu quando Danielle saiu do quarto repentinamente e esbarrou no policial que estava à frente do quarto de John.

— Desculpe-me — disse ela, baixando a cabeça. Ao perceber que Peter se aproximava, Danielle tentou se recompor.

— Danielle, há algo errado? — perguntou ele, visivelmente preocupado. — Você está bem?

— Está tudo bem — disse ela, contendo-se o máximo que podia para não chorar; o tremor em sua voz, no entanto, apenas a denunciava.

— Diga-me, o que houve? — indagou, colocando a mão em suas costas e tentando conduzi-la para uma pequena sala de espera no mesmo corredor.

Mas ela se recusou, acenando negativamente com a cabeça.

— Não foi nada, Dr. Peter — disse, assumindo novamente o tom formal com ele. — Agradeço por sua ajuda. Significou muito pra mim. Estou indo embora agora. Foi um prazer conhecê-lo — ela já ia saindo quando ele a interceptou novamente. — P-Por favor, estou com pressa...

Peter teve a impressão de que ela havia acabado de receber uma notícia triste.

— Eu entendi que não quer falar a respeito. Pelo menos, não agora. Mas se mudar de ideia e quiser conversar, pode me ligar — e, dizendo isso, deu a ela um cartão com seu contato.

Ela aceitou o cartão. Esforçou-se para se despedir com um sorriso e depois retomou seu caminho. Peter, decidido, entrou no quarto de John para tentar apurar o que havia acontecido. John estava com cara de poucos amigos e, assim que Peter entrou, desferiu:

— Preciso que me faça um favor com certa urgência.

— Alguma relação com o fato da Srta. Nunes ter saído daqui com os olhos marejados, Hauser?

O amigo apenas o tratava por seu sobrenome quando estava contrariado com alguma coisa.

— Peter, depois falaremos sobre isso. Agora preciso que consiga os contatos de Danielle. Ela está indo embora e não tenho como fazer isso eu mesmo — fez um gesto, mostrando estar preso ao monitor cardíaco e conectado ao acesso do soro.

— Talvez seja melhor assim, não acha? — perguntou o médico, observando que John não entendia aonde ele queria chegar.

— O que quer dizer com isso? Não estou com paciência para enigmas no momento.

— Eu não faço ideia do que você disse a ela, mas pelo estado que a Srta. Nunes saiu do quarto, deve ter sido algo sério. Pelo pouco que a conheço, ela não parece ser uma mulher que sairia chorando daqui por um motivo banal.

— Você parece muito interessado nos sentimentos dela, Hass. Posso saber o porquê de tamanha preocupação com uma mulher que há dois dias você nem sabia que existia?

— O meu interesse pelos sentimentos dessa mulher advém do fato de ela ter salvado a vida do meu melhor amigo e de que, por esse mesmo motivo, serei eternamente grato a ela — impassível, Peter aproximou-se do leito. — Vai me dizer ou não o que disse a Danielle para ela sair tão abalada deste quarto?

John analisou as palavras do amigo, mas não pôde prosseguir, pois seus familiares retornavam naquele momento do restaurante do hospital, aonde tinham ido tomar um café. Peter viu-se obrigado a esperar por um momento mais oportuno para saber o que havia acontecido entre os dois.

Não havia se sentido confortável para pedir o número de telefone de Danielle sem parecer inconveniente, por isso tinha entregado a ela o cartão. Sabia que ela não ligaria. Tinha certeza disso. Queria oferecer algum tipo de amparo naquele momento, mesmo sem saber o que havia acontecido. Nem ele entendia o porquê, mas vê-la com os olhos vermelhos daquele jeito o afetava mais do que gostaria de admitir. Peter Hass sentiu algo que não experimentava há muito tempo. Sentiu-se frustrado. Frustrado por não poder ajudá-la. Frustrado, principalmente, por ela não querer a sua ajuda.



HUGO

O agente Ricardo surgiu no corredor lateral. Tinha ido buscar um café para si e para o outro agente que se mantinha de prontidão à frente do quarto de John. Imediatamente, ele notou a mudança de estado de espírito de Danielle. Ela saiu do quarto acompanhada pelo Dr. Hass com uma expressão animada no rosto e agora voltava cabisbaixa e com os olhos vermelhos. Contudo, o policial, receando ser indiscreto, decidiu não perguntar o motivo. Ela pediu para falar com o delegado Antunes e, assim, ele a acompanhou até a sala de seu chefe.

— Eu insisto que reconsidere — disse o delegado Antunes. — Seu rosto se tornou conhecido com tanta exposição na televisão do caso Hauser. Seria muito mais prudente que a senhorita aceitasse a escolta.

Danielle manteve-se firme. Queria apenas ter sua vida de volta. Afastar-se daquele hospital e, principalmente, esquecer aquele homem que, por mais que se esforçasse, invadia seus pensamentos dia e noite, desde que o momento em que tinham se conhecido. Precisava disso. Precisava sair de perto dele.

Após uma exaustiva conversa com o delegado Antunes, na presença do agente Ricardo, Danielle foi liberada para sair do hospital. Ambos discordavam da decisão da moça, mas ela só queria poder voltar à sua rotina. Sentia-se confusa e só desejava sair dali. Os repórteres, que ainda ocupavam o estacionamento do hospital, não a incomodariam se saísse pelos fundos. Além do mais, o foco da atenção da imprensa era John Hauser. *Felizmente, a mídia não tem mais motivos para falar em Danielle Nunes*, pensou ela.

Após uma breve despedida e tendo ouvido as orientações do delegado Antunes sobre a necessidade de um depoimento futuro, Danielle encaminhou-se para seu quarto, acompanhada pelo agente Ricardo.

— Se precisar de alguma coisa, Srta. Nunes, estou à sua disposição — disse Ricardo quando chegaram ao andar do quarto de Danielle.

— Obrigada, agente Ricardo. Vou arrumar minhas coisas e ir pra casa. Acho que agora não há mais motivos para o senhor se ocupar com a minha segurança.

— Pretendo acompanhá-la enquanto estiver aqui, pelo menos — respondeu o agente com um sorriso amigável.

— Obrigada por tudo o que fizeram por mim e minha avó — e, dizendo isso, entrou no quarto e começou a arrumar as roupas na mochila e na bolsa que

Rose havia levado para ela. Tentou organizar tudo o mais rápido possível. Não queria dar vazão aos seus pensamentos, que sempre a levavam a John. Gostaria de ter se despedido de Letícia. Ela pareceu ser uma pessoa gentil e sincera. Talvez, se tivessem se conhecido em outras circunstâncias, pudessem ter sido amigas.

Danielle decidiu não tomar outro banho. Queria chegar antes da hora do almoço e fazer uma surpresa para a avó.

E então seus pensamentos foram interrompidos com o toque de seu celular.

— Dani, estou como uma louca tentando falar com você desde ontem! — reconheceu imediatamente a voz alarmada da irmã, e observou que havia mais de sete chamadas perdidas e algumas mensagens de voz e de texto. Já tinha conversado antes com seus dois irmãos e com a mãe, mas havia se esquecido por completo de tranquilizar a irmã que estava fora do Rio e que, provavelmente, havia acompanhado tudo pelo noticiário.

— Oi, Júlia. Estou bem. Me desculpa por não ter te ligado. Fique tranquila. Nada de ruim me aconteceu.

— Dani, como você foi se envolver numa coisa dessas? — perguntou a irmã. — Graças Deus que esse homem que você ajudou era uma pessoa de bem; e se fosse um bandido? Você sozinha no meio do mato com um desconhecido! Por que simplesmente não ligou para a polícia e foi embora?

— Nem posso acreditar que você está me dizendo isso — disse Danielle, sabendo que a irmã falava da boca pra fora. — Logo você, que é a Madre Teresa de Calcutá que ajuda todo mundo? Ele não podia ficar sozinho, Ju. Estava gravemente ferido e corria risco de vida. E, antes de fazer qualquer coisa, constatei que ele não me oferecia risco algum.

A irmã, parecendo mais calma, continuou.

— Huguinho está louco de saudades de você. Até parece que eu sou a tia e você, a mãe dele. Não vou mais permitir esses... como é mesmo que ele chama... ah! *passeios maneiros* com a tia Dani — lembrou Júlia.

— Pode parar por aí mesmo, Ju. Eu e o fofucho sempre te convidamos, mas você odeia ir ao cinema. Pra mim é algo inimaginável alguém não gostar. O que posso fazer se nós dois somos cinéfilos? — disse Danielle, mantendo um tom de voz animado, tentando parecer bem para a irmã, mas sem se esquecer de sua decepção de momentos atrás.

— Ah! Cinefilia... Esse é o nome da doença de vocês? — brincou a irmã, parecendo mais calma. — Você faz todas as vontades dele e pra mim sobra ser a

megeira que o coloca de castigo e aplica as injeções de insulina.

Danielle riu do ciúme bobo da irmã. Júlia tinha começado a cursar Enfermagem após o pequeno Hugo ter sido diagnosticado com diabetes tipo 1, com apenas dois anos de idade. Havia sido um grande baque para toda a família. Tão novinho e tendo que passar por tudo aquilo. Uma doença crônica como a diabetes tinha tratamento, mas acompanhava a pessoa por toda vida. Não tinha cura. Além disso, desde muito pequeno, seu sobrinho precisou tomar as injeções de insulina, já que a doença afetava a forma como o corpo da pessoa processava o açúcar presente no sangue.

— Poxa, ele ia adorar conversar com você um pouquinho, mas viajou ontem com o pai. Foram se divertir no Beto Carreiro World — continuou Júlia. — É tão complicado pra mim ficar aqui na casa dos avós do Hugo, agora que eu e o Douglas estamos separados. Eles voltam só amanhã. Vão passar a noite em uma pousada lá em Balneário Camboriú, mesmo. Querem aproveitar os dois dias no parque de diversões.

— Nossa, Ju... Ele vai voltar cheio de histórias pra contar. E esquece isso de ficar com melindre de se hospedar na casa dos pais do Douglas. Vocês já estão separados há mais de um ano e têm uma relação saudável. Sem falar que os pais dele te adoram. O que importa é o bem-estar do pequeno.

Danielle lembrou com carinho de seu sobrinho. Amava-o como se fosse seu próprio filho. Não teve como não se lembrar, porém, do belo ruivo de mesmo nome que havia acabado de conhecer. Assim como lembrava agora do primo do ruivo, que mexia tanto com suas emoções.

— Dani? Alô? Você ainda está aí? — a irmã perguntava alguma coisa, mas Danielle estava perdida em seus devaneios.

— Desculpa. Estou sim, pode falar, Júlia.

A irmã pareceu notar a mudança em seu tom de voz.

— Repetindo: você está bem, não está? Quando você vai ser liberada desse hospital? Pelo que eu sei, você não se machucou. Mamãe disse que tem até uma viatura fazendo vigilância na porta da vó Biloca. Você está correndo algum risco, pretinha? — perguntou, utilizando o apelido carinhoso com que sempre a chamara.

Danielle tentou não alarmar ainda mais a irmã com toda aquela teoria da polícia sobre os sequestradores saberem que ela havia frustrado os planos deles e tudo mais.

— Na verdade, estava saindo agora do quarto para ir pegar um táxi pra casa

da vovó. A Rose veio me ver mais cedo e trouxe tapiocas pra mim, algumas roupas e itens de higiene. Mas nem vou precisar de tudo isso, porque agora estou livre pra voltar pra minha vida.

— Dani? — chamou a irmã, com aquele tom de voz de confidente que compartilhavam. — Você quer me contar alguma coisa? Estou sentindo sua voz meio tristonha. Sabe que pode contar comigo pro que você precisar, minha irmã. Eu te amo muito.

— Está tudo bem, Ju. Tudo vai voltar ao normal agora. Vou ter minha vida de volta. E eu também amo muito você — disse, controlando a voz o máximo que podia.

A irmã sentia que havia algo que Danielle escondia, mas não quis forçar a barra. Não era o momento. Não ainda.

— Tá bom. Quando chegar na D. Antônia, diz que mandei um beijão pra ela. Ah! A Rose e o Pedro estão revezando para fazer companhia pra vovó, não é mesmo?

— Isso — confirmou Danielle. — E como vai aquele pedaço de mau caminho? Continua um colírio para os olhos? Ele mais parece um guerreiro africano de tão lindo e atlético. Ai, ai... — suspirou, falando de Pedro com muito entusiasmo na voz.

Danielle riu.

— Sua boba assanhada! Ele está ainda mais lindo, se você quer saber — atçou, lembrando-se de seu amigo fiel e do sorriso dele, que era capaz de derreter até o coração da mulher mais fria do mundo. Os dois, no entanto, por terem crescido juntos, nunca se interessaram um pelo outro de forma romântica. Ouviu a irmã suspirar do outro lado da linha.

— Um beijo, pretinha. Cuide-se!

— Outro pra você, minha irmã. E mil beijos no meu fofucho. Estou morrendo de saudades dele.

Ao encerrar a ligação, Danielle foi ao banheiro lavar o rosto. Viu-se no espelho e não gostou de como seus olhos revelavam que havia chorado. Colocou seus óculos escuros e passou um pouco de brilho labial. Pegando suas coisas, saiu do quarto. O agente Ricardo a acompanhou até uma saída menos utilizada do hospital, por onde ela poderia passar despercebida e pegar um táxi com facilidade para casa. Sorriu ao se despedir dela.

— Ainda acho que está se colocando em risco, mas não irei insistir nisso. Se precisar de ajuda, não hesite em entrar em contato — disse ele, com seu jeito

sério, mas amigável de sempre. Danielle sorriu e apertou-lhe a mão, agradecendo uma última vez antes de ele retornar pelo corredor.

Ela colocou os fones de ouvido e começou a ouvir a canção que a fazia lembrar-se do sobrinho: *Feel better when I'm dancing?*^[9]. Já se sentia melhor só de escutar aquela música. A melodia era muito animada e era disso que precisava. Tinham se divertido muito assistindo a *Snoopy e Charlie Brown* no cinema e adoravam aquela canção. Lembrou-se de que ouvia a mesma canção no carro voltando do acampamento quando o acidente aconteceu. E depois encontrou John.

Danielle saiu pelo acesso lateral, onde alguns poucos carros estavam estacionados e já se conseguia ouvir o barulho do trânsito vindo da avenida principal mais à frente. Poucas pessoas circulavam por ali naquele horário. *Nada de repórteres*, pensou satisfeita. Ficou feliz por poder sentir a luz do sol em sua pele novamente e fechou os olhos para desfrutar daquela sensação.

Não notou Hugo Hauser a observá-la, saindo de um dos carros que estavam ali estacionados. Hugo havia descido até o estacionamento para buscar o celular esquecido no interior do veículo esportivo de cor prata, e então acabou decidindo ficar um pouco por ali para espiaçar. Ligou o rádio para se distrair daquelas horas de apreensão que pareciam intermináveis desde a notícia de que John havia sido encontrado. Tocava uma de suas baladas favoritas dos anos oitenta: *Drive*, da banda *The Cars*. Foi quando viu Danielle saindo do hospital.

Ele rapidamente a reconheceu. Estava com o mesmo vestido floral de mais cedo. Na ocasião, havia ficado intrigado com aquela moça com pele de ébano que parecia realmente ficar constrangida com seus elogios, mas que se mostrava indiferente ao seu charme.

Mas aquela havia sido apenas sua primeira investida. Adorava desafios e era muito competitivo. Havia herdado isso do pai, era obrigado a admitir. Sorriu feliz pela oportunidade de encontrá-la a sós. Estaria indo para casa? Poderia oferecer uma carona. A sorte sorria para ele, pensou Hugo Hauser, já caminhando na direção da moça, munido de sua inesgotável fonte de autoconfiança.

Danielle, alheia à presença de Hugo, também não percebeu a aproximação de um carro escuro. Desatenta por causa dos fones de ouvido, não escutou o cantar dos pneus no asfalto da Hilux preta vindo em sua direção, até ser tarde demais. Em uma fração de segundos, no entanto, sentiu-se ser empurrada em direção à calçada. Foi tudo muito rápido e ela não teve tempo de entender o que estava acontecendo.

Danielle sentiu o impacto de seu corpo contra o chão, mas a dor foi menor do que ela esperava. Caiu sobre algo mais macio. Totalmente desorientada, olhou para a pessoa embaixo dela e percebeu que havia caído em cima de ninguém menos que o primo de John, Hugo. Hugo Hauser tinha salvado sua vida. Mas de onde ele saiu? E aquele carro? Ela conhecia aquele carro. Tinha certeza de que era o mesmo que havia causado seu acidente na rodovia em Imperatriz.

Danielle ainda conseguiu ver a picape preta partindo em disparada e virando à esquerda para acessar a avenida principal, nos fundos do estacionamento. Deitada sobre aquele homem cheio de músculos, que a segurava com firmeza em seus braços, Danielle estava no meio do caminho entre o choque pelo seu quase atropelamento e a fascinação por aqueles lindos olhos azuis que a encaravam como se ela fosse o último biscoito do pacote.

— Como é a vida... Eu tinha imaginado um jantar e algumas taças de vinho antes de tê-la nessa posição, Danielle — disse ele, com um sorriso arrebatador nos lábios, como se nada de mais houvesse acontecido, apesar dos fios de sangue que escorriam de seu supercílio.



AMOR E DOR

— Hugo, você e-está sangrando — foi só o que ela conseguiu dizer, ainda em choque, tentando levantar-se. Ele, percebendo como ela havia ficado abalada com o incidente, tentou suavizar a situação:

— Estou bem, Danielle. Muito bem, na verdade — disse, sorrindo; segurando-a pela cintura, ele a ajudou a ficar de pé. Ao notar a palidez do rosto dela, a expressão despreocupada de Hugo alterou-se imediatamente. — E você, anjo? Machucou-se? — ele a olhava de cima a baixo, procurando ver se tinha algum sinal aparente de lesão. Percebeu apenas um corte no joelho esquerdo.

— Eles poderiam ter nos matado. Eram eles. Eu sei disso — Danielle tremia e Hugo a segurava, ainda temendo que ela desmaiasse com o choque. A desordem em suas palavras o deixava confuso.

— Está tudo bem agora — disse, sorrindo para ela — Foi só um motorista inconsequente, mas você também teve sua parcela de culpa. Parecia estar em outro planeta ouvindo sua música — Hugo olhou para o celular agora no chão com a tela quebrada.

— Você não está me ouvindo? Por favor, entenda... — segurando-o pelos ombros, Danielle tentava explicar com clareza — Avise ao delegado. Eram eles.

— Eles quem, anjo? Do que está falando?

— Aquele carro... Eu tenho certeza que é o mesmo carro que bateu em mim na estrada. Eram os sequestradores do John! — o tom de urgência em sua voz fez com que tudo mudasse. Danielle viu o semblante de Hugo alterar-se por completo. — Eles ainda estão atrás do John. Precisamos fazer alguma coisa — continuou ela, fixando os olhos em Hugo, que encontrou neles um medo real que o incomodou.

— Calma, anjo — disse ele, tomando-a nos braços para acalmá-la.

Danielle deixou-se abraçar por aquele desconhecido, pois sentia que precisava apoiar-se em algo para não cair no chão. Sentia as pernas fracas e uma sensação de desmaio se anunciando.

— Talvez você esteja enganada, Danielle. Nossa, como você está tremendo — comentou Hugo, percebendo que ela estava em choque. — Precisa sentar um pouc...

— Hugo, não! Você não está entendendo! — exclamou Danielle, soltando-se e encarando-o transtornada, mas tentando não perder o pouco de autocontrole

que ainda tinha. — Você tem que acreditar em mim. Eu sei o que eu vi!

— Acredito em você. E se eram eles, já fugiram e não devem voltar, por ora — disse, olhando bem no fundo dos olhos dela. — Preciso que se sente um pouco, está bem?

Ela se deixou conduzir e Hugo a levou até seu carro para que ela se sentasse, deixando aberta a porta do veículo luxuoso. Agachou-se à frente dela para ficar quase da altura do rosto de Danielle, que olhava ao redor, nervosa, com receio de os criminosos voltarem.

Mas, ao olhar novamente para Hugo, por instinto, tocou o rosto do homem a sua frente, vendo que ele provavelmente precisaria de pontos.

— Hugo, você deve ter batido com a cabeça na queda. Está doendo muito? — observou atentamente o corte. Sua expressão revelava sua preocupação com o ferimento.

— Não se preocupe comigo, é apenas um pequeno ferimento. Beba um pouco de água — disse, dando a ela uma garrafa que estava no suporte de copo do veículo.

Enquanto Danielle parecia se acalmar, Hugo pegou o celular. Ela ouviu que ele falava com alguém ao telefone, com o tom bem mais sério que seu habitual, mas não conseguiu compreender o que ele dizia.

— O John está em perigo — balbuciou ela, e as lágrimas que evitou derramar na frente de tantos estranhos começaram a rolar por seu rosto.

Depois de um momento inicial de inércia, Hugo debruçou-se sobre ela para alcançar algo no porta-luvas. Ele ajoelhou-se diante dela e Danielle não se incomodou por Hugo começar a secar suas lágrimas com lenços de papel que tirou de lá. Ele não suportava ver uma mulher chorando. *Ainda mais uma mulher bonita*, pensou ele. *Que droga!* Não sabia o que fazer nessas situações.

— Pelo que acabei de ver, você corre perigo, anjo — disse, segurando suas mãos. Aos poucos, ela foi se recuperando do choque.

Danielle respirou fundo algumas vezes e olhou bem fundo nos olhos azuis daquele homem ajoelhado à sua frente. Pegou um lenço da caixinha que ele havia deixado sobre seu colo e limpou o sangue do supercílio de Hugo, sentindo-se culpada.

— Você está ferido. Me desculpe — disse, pondo-se a examinar o corte e tocando a face dele com gentileza, o que provocou uma reação inesperada em Hugo: prazer. Mas, não um prazer relacionado à libido. O toque dela era como um afago. A carícia suave da mão de Danielle perpassando sua barba,

exatamente onde o sangue escorria, além da sensação da outra mão repousando em sua bochecha, tudo aquilo despertava algo novo em Hugo. — Foi minha culpa... — continuou Danielle, abaixando o olhar e colocando a cabeça entre as mãos.

Repentinamente, porém, pôs-se de pé, olhando ao redor e voltando a ficar tensa.

— Hugo, v-vamos sair daqui — gaguejava de tão nervosa. — Eles podem voltar e fazer alg...

Nesse momento, o agente Ricardo e outros dois, um homem branco de bigode e uma mulher com traços asiáticos, com armas em punho, saíram subitamente pelo acesso lateral do Hospital São Marcos acompanhados do delegado Antunes. Hugo explicou rapidamente o que aconteceu, enquanto os dois eram conduzidos de volta ao interior do hospital.

Os agentes recém-chegados apresentaram-se como parte da força tarefa que havia vindo de Florianópolis para colaborar com as investigações. Danielle segurava o braço de Hugo com força. Nitidamente, sentia-se perdida. Hugo, apesar da pressão em seu braço, não se incomodava de tê-la tão próxima e a envolveu enquanto caminhavam. Foram levados para uma ala do hospital que Danielle ainda não conhecia. A notícia do incidente correu rapidamente e a vigilância em todo o perímetro do prédio e dentro dele foi intensificada, conforme ordenara o delegado Antunes.

Assim, lá estava Danielle, em outro quarto daquele hospital que havia acabado de deixar. Deram-lhe um calmante que não demorou a surtir efeito. Hugo não saiu do lado dela até que dormisse e, mesmo depois, não quis se afastar. Observou o curativo que a enfermeira havia feito em seu joelho e ficou pensando na gravidade de tudo o que havia acabado de acontecer. Tentou parecer tranquilo para não deixá-la mais em pânico do que já estava, mas entendia bem a gravidade da situação.

Dr. Peter Hass adentrou o quarto sem bater e Hugo fez sinal para que ele não fizesse barulho. Este soltou a mão de Danielle, que reclamou algo ininteligível em seu sono, mas não acordou. Hugo fez sinal para que saíssem do quarto, mas Peter aproximou-se da cama como que para certificar-se com os próprios olhos que ela estava bem. Ele tocou a testa de Danielle com gentileza, para só depois voltar sua atenção para Hugo, que observava o comportamento do médico atentamente, com uma sobrancelha levantada.

Peter assentiu para que saíssem e foi quando o médico percebeu o corte aberto no rosto de Hugo, do qual ainda saía um pouco de sangue. Levou-o até a

sala de sutura e, enquanto começava a dar pontos, inquiriu:

— Hugo, diga-me o que você viu — disse, concentrado no procedimento, e mais ainda nas palavras do ruivo.

— Hass, eles queriam matá-la. Acho que teriam conseguido porque ela estava distraída quando saiu do hospital — Hugo observou a expressão de Peter ficar tensa.

— Quando Danielle me disse que era a mesma picape de seu acidente e que, provavelmente, os sequestradores a dirigiam... Cara, eu finalmente compreendi que isso só vai ter um fim quando a polícia conseguir capturar quem está por trás de tudo isso ou... — interrompeu-se e suspirou profundamente, como se considerasse algo ainda pior.

— O quê, Hugo? — interveio o médico, parando de repente de atendê-lo, visivelmente preocupado com o risco que Danielle havia corrido.

— Ou quando esses bandidos conseguirem o que querem, Peter: matar o John e, agora, a Danielle também, ao que parece.

Hass sentiu-se muito absorvido pela conclusão de Hugo. Aquela situação estava piorando cada vez mais.

— Droga! Me soltem! Eu quero vê-la... O que aconteceu com ela? — Quando Peter arrematava os pontos em Hugo, ambos reconheceram a voz alterada de John Hauser vindo do corredor.

Correram e viram John andando pelo hospital apenas de roupão, com o braço direito imobilizado e os pés no chão, enquanto um dos policiais que faziam vigilância em sua porta tentava contê-lo. Os olhares atônitos de Letícia e de uma enfermeira indicavam que as duas nem ousariam tentar uma aproximação. A revolta na voz de John atraiu também olhares curiosos da equipe médica daquele andar.

— Hugo! Onde ela está?! — gritou John ao avistar o primo.

Letícia aproximou-se do irmão e de Peter para tentar se justificar.

— Ele viu toda aquela movimentação enquanto alguns agentes da polícia de Florianópolis o interrogavam no quarto. De repente, o Hugo me ligou e eu chamei os policiais no corredor pra contar o que havia acontecido com Danielle e eles saíram às pressas. John me pressionou e eu tive que contar... — sentindo-se culpada, Letícia tentou continuar. — Eu disse que ele precisava esperar por notícias no quarto, mas ele não me ouviu. E papai tinha saído pra resolver alguma coisa, então não consegui impedi-lo.

O irmão trocou um olhar compreensivo com Letícia, enquanto Peter foi ao

encontro de John, sinalizando ao policial que o deixasse livre.

— Calma, John! O que faz de pé? Você deveria estar...

— Droga! Parem de me dizer o que eu deveria ou não fazer! Parem de me tratar como uma criança ou um incapaz! Cadê ela? Cadê a Danielle, Hass? — disse, demonstrando que, enquanto não a visse, não ouviria nada nem ninguém. John olhou para todos ao seu redor e congelou por um momento, apoiando-se na parede. Um pensamento sombrio o atingiu.

— Hass? — olhou para o médico — Ela morreu? — perguntou, ficando lívido ante a possibilidade.

Peter e Hugo posicionaram-se um de cada lado para ampará-lo, caso fosse preciso, e tentaram acalmá-lo.

— Não, irmão. Ela está dormindo agora, John — disse Hugo, olhando-o nos olhos.

— Ela precisou ser sedada por conta do choque — endossou Peter. — Está descansando no quarto dela agora e você deveria faz...

— Hass, eu vou vê-la agora — disse John, mostrando que ninguém o faria mudar de ideia.

Hugo permaneceu no corredor tranquilizando a irmã. Ele e Peter entenderam bem a mensagem e também sabiam que John estava sob forte estresse. Foram raras as ocasiões em que viram John transtornado como estava agora. Decidiram que o melhor seria fazer a vontade dele. Assim, entraram no quarto Peter e John e, por algum tempo, permaneceram em silêncio.

John, parecendo não se importar de estar descalço e de roupão andando pelo hospital, sentou-se ao lado de Danielle e pôs-se a observá-la dormir. Com cuidado, acariciou-lhe o rosto e os cabelos. Ela parecia estar tendo um sono inquieto, pois, de tempos em tempos, mudava de posição na cama. John notou o curativo que tinha no joelho e procurou por outros sinais de ferimentos, mas não viu nenhum aparente.

— Hass... — disse, aprisionando uma das mãos de Danielle com sua mão esquerda, que ainda tinha o acesso do soro pendurado. — Ela poderia ter morrido. Eu deveria ter feito algo... É lógico que eles iriam atrás dela, como pude ser tão estúpido? Tão cego?

Peter aproximou-se e pôs a mão em seu ombro.

— Não faça isso, John. Você não teve culp...

— Tive... Infelizmente, tive, sim — disse ele, mais para si mesmo do que para o amigo.

— John, claro que não. Não podemos esquecer que foi uma decisão dela sair sem...

— Você me perguntou o que eu havia dito a ela para que ela saísse do meu quarto da forma que saiu, lembra-se? — interrompeu John.

— Sim — assentiu Peter. — Quer falar a respeito agora? Acho que não é o momento.

John demorou a responder. Não conseguia soltar a mão de Danielle. Como se, caso soltasse, algo ruim pudesse acontecer a ela.

— Eu ofereci dinheiro — começou John, sem encarar o amigo. — Danielle pareceu ficar muito... aborrecida. Não, ela ficou magoada. Essa é a palavra: magoada. Mas não tive a intenção de ofendê-la, Hass — virou-se para encarar o médico — Pelo contrário, queria oferecer uma vida com mais conforto. Disse que ela poderia escolher o que quisesse, o que sonhasse — John, mudando o tom, perguntou: — Sabe o que ela faz para viver?

Peter negou com a cabeça, mas continuou calado, muito atento a tudo o que John revelava.

— Ela é professora. Professora no Brasil... — fez uma pausa, balançando a cabeça — Imagina como deve ser a vida dela? Eu apenas quis lhe oferecer a oportunidade de uma vida melhor. Ela não entendeu isso. Praticamente insinuou que queria pagar pelo que ela fez por mim ou que...

— E não era isso o que você queria? — perguntou Peter, claramente irritado com o que ouvia. — John, eu, melhor do que ninguém, sei que você não admite dever nada a quem quer que seja — censurou-o sem alterar a voz. Olhando para Danielle e, em seguida, para o amigo, continuou. — Apesar de ser uma categoria que não tem sua contribuição junto à sociedade devidamente reconhecida, e, embora você ache isso improvável, há muitos professores neste país que sustentam suas famílias com seu trabalho e que se sentem realizados com sua vocação — argumentou o médico. — Sua presunção de achar que sabe do que os outros precisam deve ter mostrado a Danielle que a profissão dela tem pouco valor aos seus olhos — concluiu Peter, resolutamente.

John não esperava o tom de censura na voz de Peter. Sabia que tinham opiniões divergentes em muitas questões, mas achava que ele interpretaria positivamente sua intenção de querer ajudar a moça.

— Qualquer pessoa ficaria feliz com a possibilidade de ter uma vida mais confortável, Hass — defendeu-se John, pensando no que o médico havia dito. — Foi o que eu quis proporcionar a ela. É tão difícil assim de entender?

Peter decidiu mudar o tom, percebendo como o amigo parecia angustiado. Como se fosse inevitável, um pensamento emergiu ao vê-lo comportando-se daquela forma. Por que Danielle era capaz de despertar esse lado irracional em John? Quem o visse naquele momento, jamais reconheceria nele o homem admirado por seu autocontrole e dono de uma das maiores fortunas do país.

A resposta veio quase que imediatamente. Pensou em si mesmo e na forma como ele próprio reagia àquela mulher, que era diferente de qualquer outra que havia conhecido. Uma mulher sem máscaras e que, em sua opinião, era até mesmo um pouco ingênua em sua atitude de querer ajudar, como havia feito com John. Por conta disso, acabou por se colocar em risco também. Danielle o fez lembrar-se do ditado cuja mensagem Hass julgava especialmente importante para os médicos, na forma como deveriam encarar a profissão: fazer o bem sem olhar a quem.

— John, não estou aqui para julgar suas ações — disse Peter, reconhecendo que tudo que o amigo não precisava naquele momento era alguém reprovando seu comportamento. — O que importa é que agora ela está segura. E você precisa se concentrar em sua recuperação para retomar seus negócios. Voltar para sua vida, pra sua casa.

Voltar para casa, pensou John. Para uma casa vazia, para uma vida vazia em que ninguém esperava por ele. Pensou a respeito depois de sua conversa com Danielle naquela manhã. Ser solitário havia sido um problema para ele na adolescência, mas não depois de adulto. Por que agora essa sensação voltava a incomodá-lo?

— Eu não quero que ela tenha com o que se preocupar. Quero protegê-la. — disse ele, cada vez mais tenso.

— Mas, por que você quer algo assim para ela? — perguntou Peter, olhando o amigo nos olhos. — Não entende que, agindo assim, você a estaria privando de viver a vida que ela escolheu pra si mesma? Nem você, nem ninguém tem esse direito, John. Coloque-se no lugar dela por um momento.

Peter respirou profundamente antes de continuar e fazer a pergunta que gostaria de ter feito há algum tempo.

— Me diz por quê, John? Por que você quer tanto protegê-la? Compreendo que você se preocupe com o bem-estar dela. Afinal, vocês passaram por momentos muito difíceis juntos. Isso eu compreendo. Mas parece haver algo além disso. — Peter fez uma pausa. — Nós nos conhecemos há muito tempo, não é mesmo? — disse o médico, retoricamente. — Em todos esses anos, jamais vi você tão envolvido com uma mulher como parece estar com a Danielle. Por

quê?

John, que ouviu cada palavra do amigo e agora voltava a olhar para Danielle, que dormia mais serenamente, ficou em silêncio. Ele estava tentando decifrar o que estava sentindo. Aquele sentimento não fazia nenhum sentido para ele, mas a resposta não estava em sua mente, racional e objetiva, como ele, enfim, compreendeu. Estava em sua alma e em seu coração. Só assim conseguiu traduzir em palavras:

— Ela é... importante pra mim — começou John. — Não apenas por ter cuidado de mim quando me encontrou quase morto no meio do nada. Hass, ela não quis e continua não querendo nada em troca pelo que fez. Eu não consigo entendê-la. Ela é diferente. Ela embaralha minha lógica. Tudo nela me deixa confuso, mas também surpreso. Quando a vi hoje de manhã, aquele sorriso dela me faz querer estar por perto para poder sempre vê-la sorrindo. Farei o que for preciso para que nada de ruim aconteça a ela, Hass — disse, convencido a cuidar de Danielle a qualquer custo.

— Você está querendo me dizer que...

— Sim — confirmou John. Riu para o amigo sem titubear. — Eu gosto dela, Hass. Realmente, gosto dela, e esse sentimento chega a me intimidar por não saber o que fazer com ele.

Peter parecia incrédulo diante do que ouvia.

— Você a conheceu há poucos dias. Será que não está confundindo gratidão com outra coisa? — questionou Peter.

— Eu não estou, Hass. Nunca tinha me sentido assim antes. Não há como eu me confundir, porque não tenho com o que comparar, entende? Só tenho esta certeza: estou apaixonado por ela — disse, ouvindo as próprias palavras e confirmando em seu coração o que sentia por aquela mulher adormecida à sua frente.

Peter experimentou uma surpresa tamanha que não soube o que argumentar diante da confirmação do amigo. Entendia exatamente o que o John sentia por Danielle, porque acreditava que ele mesmo se sentia da mesma forma em relação a ela. Como isso era possível?

— Vamos deixá-la descansar? — Peter sugeriu, reassumindo a postura profissional.

— Eu não pretendo causar mais tumultos, Hass. Mas não seria possível eu ficar um pouco mais aqui com ela?

Peter tentou analisar clinicamente a situação. John estava ainda bastante

debilitado e seu rosto dava sinais de que toda aquela agitação não havia feito bem ao estado de saúde do amigo.

— Você precisa voltar a seu quarto e descansar. Sua pronta recuperação depende muito de você se permitir isso, John — disse o médico. — Além disso, há dois policiais de guarda na porta desta vez. Danielle será mantida sob a custódia da polícia enquanto durar a investigação, pelo que escutei da conversa entre o delegado Antunes e os policiais que acabaram de chegar de Santa Catarina. Hugo também ficará por perto, então, vamos lá — Peter já mostrava a porta.

Aceitando, por ora, o conselho do amigo médico, John se levantou. Mas, antes de sair do lado do leito de Danielle, segurou a mão dela com carinho e deu um beijo.

— Até logo, Danielle — disse.

Hugo aguardava notícias no corredor ao lado de sua irmã. Ao ver o primo sair mais calmo do quarto de Danielle, Letícia se aproximou e o abraçou.

— John, não faz mais isso comigo, *cousin*^[10] — pediu ela. — Você me assistou tanto.

John beijou o alto da cabeça dela, retribuindo o abraço. Ele sorriu para a prima.

— Peço desculpas, princesa.

Peter e Hugo trocaram algumas palavras e Hugo pareceu consentir com o que era proposto.

— Vou ficar aqui até ela acordar — afirmou, vendo que John assentia com a cabeça e seguia de volta a seu andar.

— Hass, preciso ficar no mesmo andar que ela — o pedido de John soou quase como uma ordem.

— Isso pode ser arranjado — concordou o amigo.

Hugo virou-se e entrou no quarto de Danielle. Sem fazer barulho, sentou-se na poltrona ao lado da cama. Viu que ela estava parcialmente descoberta e puxou o lençol até o seu colo.

— John? — chamou Danielle, mais dormindo que acordada. Sonhava com John . Parecia ter entendido ele dizer estar apaixonado por ela. Mas estava sonhando; agora entendia. Nos sonhos tudo era possível. Até algo inacreditável como John Hauser dizer algo assim para ela.

— Não, anjo. Aqui é o Hugo. Volte a dormir. Quando acordar, ainda estarei

aqui. Descanse.

— Quero que fique bem... Não deixe que te façam mal... Não quero que te machuquem...

— Calma, anjo — disse Hugo, acariciando seus cachos com delicadeza. — John está em segurança e você também. Tente dormir.

— Por que me faz sentir assim, John? — perguntou, em seu sonho, à voz tranquila que estava perto dela.

— Assim como, Danielle? — Hugo não resistiu em perguntar.

Como ela demorou a responder, Hugo pensou que havia adormecido novamente. Mas então ela voltou a falar.

— Por que me faz querer sonhar com um amor que nunca vou ter?

— Amor? — repetiu ele.

— Sim... Ouvi sua voz em minha cabeça dizendo que você gosta de mim. Ah! E eu gosto tanto de você. Quando está perto, eu me sinto... completa, John. Nunca me senti assim antes. E você? — não dando chance para que Hugo respondesse, ela prosseguiu. — Sei que não deveria, mas, depois de tudo aquilo que aconteceu comigo na faculdade, você foi o primeiro homem que me fez sentir assim...

— E o que houve durante a faculdade, Danielle? — perguntou Hugo, sentindo-se envergonhado de invadir a privacidade dela naquele momento de fragilidade. Mas agora precisava saber.

— Ah! John... Ele me machucou. Eu só queria ajudar com a tradução. Aí ele chegou e... ele não parava. Eu pedi: “Pare, por favor!”, eu disse que não queria... Mas ele não me ouviu. Ninguém me ouviu... — e, dizendo isso, silenciou-se, dando um suspiro involuntário.

Hugo, apesar da pouca iluminação, percebeu a lágrima solitária que rolava pela face dela. Ele ouviu tudo aquilo e entendeu exatamente o que havia acontecido a Danielle no passado. Sensibilizado, Hugo segurou sua mão para que ela sentisse que não estava sozinha. Assim ficaria até que ela despertasse. Queria que ela sentisse sua presença, apesar dos sentimentos de Danielle serem destinados a outro homem.

Hugo Hauser, pela primeira vez em sua vida, viu-se desejando algo que John possuía e, provavelmente, nem fazia ideia.

TODA AJUDA É BEM-VINDA

— Essa mulher... O que sabem sobre ela? — perguntou o homem alto, com a barba por fazer.

— Tenente Hessman, não apuramos nenhum indício de envolvimento dela com o crime — começou o agente Ricardo. — O próprio John Hauser, em seu depoimento, disse que ela salvou a vida dele. Ela se chama Danielle Nunes. Mulher negra, 28 anos, residente no Rio de Janeiro, mas natural de São Luís. É funcionária pública, tem formação superior. Segundo ela, estava de férias, visitando a avó. Quando encontrou John, voltava de uma espécie de acampamento.

Antes que Bruno Hessman perguntasse, o delegado acrescentou:

— O álibi foi verificado por, no mínimo, quinze pessoas, mas, a princípio, não descartamos nenhuma hipótese. Contudo, ela não tem passagem pela polícia e não há nenhuma ligação com criminosos nos registros. Antes de ela encontrar o Sr. Hauser, almoçou em um restaurante de beira de estrada e também abasteceu o carro. Funcionários dos dois estabelecimentos reconheceram-na por fotografia. A história dela bate com o que John Hauser se recorda e nos relatou.

Os agentes ouviram tudo com atenção e em silêncio. A sargento Silvia Becker tomava notas em seu bloco de papel. Sempre havia sido metódica ao acompanhar as linhas de investigação de um caso. Já o tenente Bruno Hessman não precisava de anotações, por ter memória fotográfica. Uma característica sua era o fato de que jamais se esquecia de um rosto ou de algo que havia visto.

— Hoje, às 15h, o desenhista fará o retrato falado. Assim, poderemos apresentar também algumas fotos do registro ao Sr. Hauser, para tentarmos identificar os suspeitos do sequestro.

— Gostaríamos de participar, delegado — disse a única policial feminina presente. Tentando demonstrar que não estavam ali para competir com a polícia local, acrescentou: — Caso julgue conveniente, é claro.

— Sargento Silvia, eu não tenho reservas quanto a isso. Pelo contrário, toda ajuda é bem-vinda! — disse o delegado com sinceridade.

— Então, de acordo com o relatório preliminar, John Hauser fugiu de seu cativeiro durante a madrugada — disse o tenente Bruno Hessman, lendo a papelada que havia sido entregue antes pelo agente Ricardo. — O local do cativeiro é distante daqui?

— Fica em uma cidade chamada Imperatriz, a mais de 600 km daqui da capital. O resgate dos dois foi feito por viaturas e ambulância, mas completamos o trajeto de helicóptero. A família tem recursos e não poupou gastos. Inclusive, Edgard Hauser colocou a aeronave e o piloto à disposição da polícia pelo tempo que for necessário. Assim, a perícia pôde chegar rapidamente também. Fizemos uma varredura num raio de 3 km a partir de onde encontramos a vítima. Foi assim que localizamos a tapera que serviu de cativeiro.

— Delegado Antunes, não compreendo por que optaram por um raio de alcance tão limitado — apontou o tenente Hessman. — O mais lógico seria triplicar a área de ação, conforme....

— Sim — interrompeu o delegado Antunes, não apreciando o fato de sua linha de investigação estar sendo colocada em xeque. — Conhecemos o protocolo padrão em casos como este, mas as condições em que a vítima foi encontrada não lhe permitiriam ir muito mais longe do que isso a pé. O Sr. Hauser, como dissemos no aeroporto, foi torturado durante o cativeiro. Os criminosos o deixaram gravemente ferido. Além das fraturas nas costelas e no braço direito, ele tem sérios indícios de desidratação e insolação.

— Não é nossa intenção questionar a forma como está conduzindo a investigação, delegado — disse, diplomaticamente sargento Silvia. — Estamos aqui para colaborar com a resolução do caso.

O tenente Hessman assentiu com a cabeça, corroborando com o que a colega havia dito. Para o agente Ricardo, aquele tipo de melindre era típico de casos com apoio externo.

— Pelas fotos do local do cativeiro, depreende-se que os três criminosos saíram às pressas; provavelmente, tentando recapturar a vítima. Nesses casos, muitas vezes, deixam indícios para trás. A pressa os torna menos cuidadosos — disse Hessman, atentando para o material. — Agradeceríamos se pudessem conduzir-nos ao local, apenas para verificar se algo pode ter passado despercebido. Como a perícia aconteceu à noite, existe a possibilidade de, durante o dia, termos uma perspectiva melhor do espaço de cativeiro.

O delegado Antunes concordou.

— Agente Ricardo, entre em contato com o piloto e repasse as ordens para que aguarde vocês três bem cedo amanhã de manhã.

— Sim, senhor. Até lá, eu voltarei à vigilância do quarto da Srta. Nunes — respondeu, prestes a sair da sala.

— Não — respondeu o delegado. — Descanse. Você está há dois dias sem dormir. Quando retornar de Imperatriz, poderá reassumir a segurança dela.

O agente concordou e despediu-se de seus superiores.

— Delegado, mais uma pergunta: quem é o dono da casa que serviu de cativeiro? Há alguém com antecedentes criminais associado à propriedade? — quis saber a sargento Silvia.

— O terreno está registrado sob o nome de Elza Brito. Ela faleceu há mais de vinte anos e os herdeiros já são idosos, também. Tiveram apenas um filho, que é cadeirante e não teve acesso a instrução. Vive com parentes em outro município. Trabalhamos com a hipótese de invasão.

O delegado Antunes levantou-se e serviu-se de uma xícara de café antes de prosseguir.

— Ainda estamos reunindo evidências que apontem para o porquê de trazerem John Hauser para o Maranhão. Estamos checando todas as aeronaves que chegaram a Imperatriz e São Luís desde a noite do sequestro. Não nos parece que a escolha tenha sido aleatória. Escolheram bem o local. Sabiam que ninguém frequentava a propriedade e que ficava afastada da estrada principal, além de a casa vizinha mais próxima estar a mais de trinta quilômetros.

Após repassarem os depoimentos de John e Danielle com os policiais, o delegado Antunes quis saber mais sobre os negócios, o círculo social e a família de John Hauser.

— Um grande percentual dos crimes de sequestro é arquitetado por alguém que conhece a rotina da vítima e que, por sua proximidade, nunca seria visto como suspeito — afirmou.

Antes de virem para São Luís, os colegas de Santa Catarina participaram ao delegado tudo o que haviam conseguido levantar sobre o conglomerado de empresas e suas principais atividades comerciais, sobre como funcionava o círculo restrito de relacionamentos da comunidade alemã em Florianópolis e também sobre os três outros membros da família Hauser.

O delegado Antunes ficou impressionado com os acontecimentos que haviam levado à morte dos pais de John Hauser e com o fato de que ele havia passado boa parte da vida sozinho, em escolas caras fora do país.

De fato, dinheiro não traz felicidade, pensou o delegado consigo mesmo.



APENAS UM MAL-ENTENDIDO

Danielle acordou por volta das 17h. Rapidamente, identificou onde estava: de volta ao hospital. Mas logo percebeu que era outro quarto. No mesmo momento, notou também não que não estava sozinha ali. Alguém segurava sua mão, mas havia adormecido, apoiando a cabeça sobre a cama. Danielle não conhecia mais ninguém que fosse ruivo. Apenas ele: Hugo.

Lembrou-se instantaneamente de tudo que havia acontecido mais cedo. A conversa com John, sua saída do hospital, a satisfação de se sentir retomando sua vida, a música que ouvia, o carro vindo em sua direção em alta velocidade, Hugo salvando-a da morte certa.... O que haveria acontecido se ele não estivesse no estacionamento?

Permitiu-se ficar ali, admirando aquele homem tão bonito adormecido ao seu lado. Ele tinha o rosto com uma estrutura óssea peculiar, provavelmente reflexo de sua herança europeia.

Não conheço mais ninguém com essa cor de cabelo, pensou Danielle. Lembrou-se da garotinha ruiva por quem Charlie Brown era perdidamente apaixonado no desenho de *Snoopy*, mas a animação não contava. Ficou tentada a tocar o cabelo de Hugo, mas se conteve. Ele dormia tranquilamente, e ela não queria ser surpreendida acariciando-o. Viu que sua barba era bem aparada e que seu rosto parecia sereno naquele momento. Era bonito, mas tinha uma beleza diferente da simetria de John, que lhe parecia ter traços mais típicos de homens brasileiros que de europeus.

Geralmente, não se lembrava de seus sonhos, mas havia tido um sonho tão especial com John. Em seu sonho, o sentimento que começava a nutrir por ele era correspondido.

Danielle sentia-se mais calma agora, talvez, pela presença de Hugo junto a ela. Notou que ele tinha pontos no supercílio. Havia se ferido ao arriscar sua vida para salvá-la.

Sentiu vontade de ir ao banheiro, além de uma fome absurda.

— O que eu comi hoje? — perguntou baixinho para si mesma. Lembrava-se apenas do café-da-manhã que a enfermeira havia levado às 7h. Nem tinha encostado nas tapiocas da avó. Ao lembrar-se delas, animou-se um pouco mais.

Com cuidado, levantou a mão de Hugo, que balançou, mas não acordou. Pé ante pé, foi em direção ao banheiro. De repente, seu celular começou a tocar,

acordando Hugo, que levantou o rosto a viu de pé na metade do caminho até o banheiro.

— Oi, anjo — disse ele, colocando-se de pé e espreguiçando-se. — Acordou faz muito tempo, Dani?

Dani? Como assim? Quando ficamos tão íntimos?, pensou ela, tentando identificar de onde vinha o som de seu celular.

— Acho que é isso que está procurando — disse ele, abrindo a gaveta do criado-mudo ao lado da poltrona e apresentando o telefone, com a tela totalmente destruída. Era incrível que ainda desse sinal de vida, tamanho o estrago. — Ficou assim depois da nossa queda — explicou, dando de ombros. Ele estendeu o aparelho e Danielle fez uma expressão chateada. — “Vão-se os anéis ficam os dedos”, não é o que dizem?

— Verdade — respondeu Danielle, um tanto sem graça, pois, agora, estava a sós com Hugo e ele estava acordado.

Tentou identificar de quem eram as chamadas perdidas, mas o *display touch* não funcionava.

— Quer meu celular para ligar para alguém?

— Vou aceitar, sim, mas, primeiro, preciso tomar um banho

— Vou deixá-la à vontade e volto daqui a uns trinta minutos, está bem? — Hugo, dizendo isso, deixou o próprio telefone sobre o criado-mudo para que ela ligasse para quem quisesse.

E ele já saía quando Danielle o chamou. Como se ponderasse sobre o que estava para fazer, aproximou-se relutante de Hugo e o abraçou.

— Obrigada pelo que fez por mim, Hugo. Não sei se estaria viva se não fosse por você. Serei eternamente grata. Nada que eu possa fazer ou dizer poderá mostrar como sou grata a você — disse, olhando no fundo daqueles olhos azuis.

Quando tentou soltar-se, ele a manteve em seus braços. Hugo adorou aquele contato com o corpo dela. Adorava a proximidade com sua boca e a forma como sua respiração estava mais acelerada naquele momento. Era a segunda vez que tinha a oportunidade de tê-la em seus braços no mesmo dia, mas dessa vez faria melhor uso de sua sorte.

— Sabia que adoro quando me chama pelo nome? — disse ele, com um sorriso lascivo no rosto — Eu posso pensar em algumas dezenas de coisas que você poderia fazer para me compensar, Dani.

Danielle não entendeu, ou recusou-se a entender. Será que ele estava insinuando o que ela pensava que estava? Riu de seus pensamentos. Sua mente

ainda devia estar confusa por causa do quase atropelamento.

— Gosto quando você sorri, moça bonita. Mais ainda por ser eu o motivo desse sorriso lindo — disse ele.

Ficou admirada por ele chamá-la assim. John também disse que ela era bonita. John. Como será que ele estava? Seus pensamentos sempre a levavam até ele, mas tentou concentrar-se no homem que estava à sua frente.

— Você está bem? — perguntou Danielle, olhando para o ferimento no rosto dele.

— Hass fez um ótimo trabalho. Disse que vou sobreviver — brincou Hugo. E, vendo que ela sentia-se culpada pelo que tinha acontecido, continuou. — Estou bem. De verdade. Você dormiu por algumas horas. Seu sono estava bem inquieto no início. Depois, você se acalmou.

— Você ficou comigo todo esse tempo? — perguntou ela, perplexa.

— Sim. Não queria que você acordasse e se visse sozinha neste quarto, depois de tudo pelo que passou — disse, sorrindo para ela. — Enquanto dormia, o John e o Peter vieram vê-la. John estava realmente muito preocupado com você. Fez de tudo para ver você. Queria saber se estava segura e bem.

Danielle ficou mais perplexa ainda. A imagem dela descabelada e dopada sobre uma cama de hospital, sendo observada por aqueles homens lindos a fez desejar que o chão se abrisse para que ela entrasse, à espera de um abraço maior que a fizesse superar este.

— Ele está bem? — foi só o que conseguiu articular, ainda imaginando a cena.

Hugo assentiu com a cabeça. Ficou a observar os traços do rosto dela e mudou de tom.

— Quando toda essa situação se acalmar e não tivermos mais que nos preocupar com sequestradores e ameaças à sua vida e à dele, você poderia me dar o prazer de aceitar jantar comigo? O que acha da ideia? — falou, mais uma vez com aquele sorriso arrebatador nos lábios.

Danielle piscou várias vezes.

Onde já se viu uma coisa dessas? Quando um homem atraente como ele se mostraria interessado em mim?, pensou.

— C-claro — disse ela, retribuindo o sorriso, pouco à vontade por ele não a soltar daquele abraço — Seria o mínimo que eu poderia fazer....

Ele a surpreendeu com um beijo suave na bochecha e sussurrou em seu

ouvido de forma tão sensual que ela pôde ter uma amostra de seu charme:

— Que bom que seria apenas “o mínimo”, anjo. Vou elevar as expectativas para aguardar o máximo depois do jantar. Mas, como você mesma disse, terá uma dívida eterna comigo.

Subitamente, Peter entrou no quarto, em companhia de John e Letícia. Havia admiração estampada em seus rostos ao surpreender Danielle aprisionada nos braços de Hugo. Danielle só conseguia pensar que o embaraço maior do que ser vista dormindo havia chegado a galope e, agora, um simples buraco no chão não resolveria seu infortúnio.

— Oi, pessoal — disse Hugo, com seu tradicional bom humor, ainda sem soltá-la. — A Dani acaba de acordar. Chegaram na hora certa.

O olhar de Danielle passou da expressão de menino ardeiro de Hugo para o olhar reprovador de Peter, encontrando o olhar atônito de Letícia, que parecia estar se divertindo com a situação e, por fim, deparou-se com a expressão de John, a qual ela não conseguiu ler bem. Mas, quase pensou ter vislumbrado decepção naqueles olhos. Ou seria tristeza?

— Acho que chegamos em uma hora inconveniente — disse John, depois do que pareceu uma eternidade para Danielle. — Estamos invadindo a privacidade da Srta. Nunes.

— Espere, John. Não é nada disso... — falou Danielle, libertando-se quando, finalmente, Hugo afrouxou o abraço. Mas, antes que terminasse a frase, John já havia deixado o quarto sem olhar para trás.



MAIS FORTE DO QUE APARENTA

Peter não se deteve muito mais que John. Depois de perguntar se ela se sentia bem, seguiu atrás do amigo. Ele também parecia claramente aborrecido com Hugo. Letícia chamou o irmão para atender a uma ligação de seu pai. Danielle ficou triste por não ter tido a chance de falar com John e também pela forma como ele havia saído após vê-la nos braços de Hugo. Aceitou que não tinha muito o que fazer quanto a isso naquele momento. Decidiu aproveitar que estava sozinha e tomou um banho.

Depois, usando o celular de Hugo, ligou para sua família no Rio de Janeiro e tentou omitir os últimos acontecimentos. Mas, como esperava, sua mãe percebeu que escondia alguma coisa e ficou muito nervosa. Tentou acalmá-la, dizendo ser por precaução o fato de que permanecia sob a custódia da polícia. Despediram-se e conversou com seu irmão mais velho Edson, pedindo que avisasse sua irmã Júlia também.

Por fim, ligou para Rose e revelou tudo o que havia acontecido, pois não poderia deixá-la no escuro. Pediu que ela esclarecesse para a avó que teria que ficar mais algum tempo por ali, sem mencionar maiores detalhes.

— Amiga, isso é insano! Você sabia que mais dois policiais estão aqui fazendo vigilância? Logo vi que algo mais devia ter acontecido. Liguei várias vezes para o seu telefone, mas não consegui falar com você. Por favor, deixe a polícia fazer o trabalho dela. Eles estão apenas tentando garantir sua segurança.

— Eu sei, amiga. Não raciocinei direito e me arrependo da minha atitude inconsequente. Vou aceitar a oferta de ter um policial comigo até tudo isso se resolver. Ah! E não se esqueça de que estou sem celular, por enquanto.

Ao ouvir batidas na porta, seu coração disparou. Seria John? Ele teria voltado para conversarem?

— Rose, estão batendo na porta. Preciso ir. Obrigada mais uma vez por tudo o que está fazendo.

— Beijo, amiga. Quero notícias suas todos os dias! Pode deixar que eu tomo conta da sua avó, ou melhor, ela toma conta de mim e do Pedro — brincou Rose, tentando desanuviar o clima, sem muito sucesso.

Danielle abriu a porta e, para sua decepção, era o delegado Antunes, acompanhado de um homem alto e com cara de poucos amigos e de uma jovem mulher com traços orientais. Pela postura deles, supôs que também eram da

polícia. Agora, estava cercada por policiais que lhe diziam algo que ela não conseguia conceber.

— Compreendeu o que acabei de explicar, Srta. Nunes? — perguntou o delegado Antunes a Danielle.

Danielle, sentada na poltrona ao lado da cama, tentava assimilar tudo o que o delegado tinha acabado de dizer. Ele havia chegado a seu quarto quando ela pretendia pedir à enfermagem alguma coisa para comer; mas, até se esqueceu da fome após o início da conversa.

— Sim, entendi tudo — respondeu ela. — Vocês estão me pedindo para abandonar tudo o que eu tenho. Querem que eu abandone a minha vida? — indagou, olhando para os dois policiais que ainda não haviam se apresentado e para o delegado Antunes. Não acreditava no que ouvia.

— Temporariamente, sim. Mas precisa ser o quanto antes, Srta. Nunes — disse o delegado, tentando colocar panos quentes. — Assim que o Sr. Hauser puder viajar, vocês partirão. Acredito que ainda esta semana.

— Delegado, posso? — perguntou a sargento Silvia. Ele assentiu com a cabeça. Danielle viu a policial se aproximar e puxar uma cadeira para perto. — Posso te chamar de Danielle? — começou ela, tentando quebrar um pouco a formalidade. Danielle confirmou com a cabeça — Eu sou a sargento Silvia Becker. Pode me chamar de Silvia. Eu e o tenente Bruno Hessman viemos de Florianópolis para colaborar com a investigação do sequestro do Sr. Hauser — disse, apontando para o homem alto de bigode antes de continuar. — O que o delegado Antunes está propondo é para sua segurança e de seus familiares.

Ao mencionar sua família, Silvia percebeu que havia capturado a atenção de Danielle.

— Tentarei ser o mais objetiva possível — prosseguiu a policial, parecendo refletir sobre a escolha de suas palavras. — Sabemos que é algo difícil, Danielle. Deixar sua rotina e ter tantos limites impostos à sua liberdade dessa forma. Mas avaliamos que, por hora, será melhor que você e o Sr. Hauser estejam sob a custódia da polícia. Você não poderá permanecer aqui e também não poderá voltar para a sua casa no Rio de Janeiro, onde poderia ser facilmente encontrada pelos criminosos que tentaram atropelá-la hoje. Até que esse crime seja solucionado, concordamos que, em Florianópolis, você estaria mais segura.

A policial notou que Danielle franzira a testa, mas continuou.

— Já identificamos dois dos suspeitos, por terem antecedentes. São irmãos e chamam-se Jorge e Rui Moreira. O Jorge é o mais velho e acreditamos ser o líder da quadrilha, mas não o cérebro por trás do sequestro. É um homem

extremamente perigoso; esteve preso por dez anos por assalto a mão armada e homicídio doloso. Conseguiu responder em liberdade, depois de ter cumprido um terço da pena e por ter apresentado bom comportamento na prisão. Estava em liberdade condicional, mas, assim que conseguiu sair da cadeia, há quase cinco anos, desapareceu do mapa. Ninguém mais soube dele. O outro é seu irmão mais novo. Esteve envolvido com gangues e pequenos delitos desde muito jovem. Passou a adolescência em reformatórios. Já adulto, foi preso por tráfico de drogas e cumpriu seis anos de pena. Também não sabemos de seu paradeiro desde a soltura. Quanto ao terceiro sequestrador, só temos o retrato-falado, feito hoje pelo Sr. Hauser, mas ainda não sabemos nada a respeito do tal Schneider.

Danielle manteve-se em silêncio. Silvia não se interrompeu.

— As fotos e o retrato-falado dos suspeitos já foram divulgados, junto com o incentivo de uma generosa recompensa oferecida pelo Sr. Edgard Hauser. Acreditamos que será uma questão de tempo para que sejam capturados. Contudo, posso assegurar que a sua vida ou a de sua família não têm valor algum para eles. O delegado Antunes comandará daqui as investigações, mas todos nós garantiremos sua proteção para que fique a salvo.

Danielle, ficando de pé e esforçando-se para pensar com lucidez, argumentou:

— Sargento Silvia, partir não será garantia de que os criminosos não me encontrarão. Foi de Florianópolis que levaram o John. Eu me recuso a abandonar minha vida, sabendo que ir para lá não me manterá mais segura do que no Rio de Janeiro.

— Acho que você não entende a gravidade do que está sendo exposto aqui — manifestou-se o tenente Hessman pela primeira vez, dando um passo à frente e cruzando os braços no peito. — Não está considerando que se trata de uma questão de vida ou morte, Srta. Nunes. Ser egoísta e se ater apenas às suas próprias necessidades é, no mínimo, inconsequente, para não dizer leviano com esta investigação. Não podemos obrigá-la a ir conosco, mas estamos tentando achar e prender os culpados pelo sequestro e pela tentativa de homicídio de John Hauser, e esta será uma tarefa ainda mais difícil se tivermos que nos preocupar em garantir a segurança de alguém que se recusa a colaborar da forma mais lógica.

A sargento Silvia olhou para seu superior, aborrecida com sua falta de tato, mas jamais diria isso na frente de outras pessoas. Ele nunca havia sido um apaziguador, pensou, balançando a cabeça. O delegado Antunes ajuizou que o tenente havia sido duro demais com Danielle, mas, por respeito ao protocolo,

não demonstrou seu desagrado na frente dos demais. Foi então que se recordou da noite em que ele mesmo e seus agentes haviam colhido o depoimento dela, e um sorriso discreto surgiu em seu rosto. O delegado fingiu tossir para disfarçá-lo.

Mas as palavras do tenente Hessman alcançaram Danielle como um tapa. Ela se voltou para o policial com um sentimento de injúria crescendo em seu peito. Aproximou-se, parando bem à frente dele. Todos esperavam que ela fizesse um escândalo, até mesmo o próprio Bruno Hessman. Mas, em vez disso, Danielle disse:

— Tenente Bruno, não é isso?

Ele assentiu.

— O seu papel social é fazer cumprir a lei, correto? — continuou Danielle.

Novamente, ele assentiu, sem entender aonde ela queria chegar.

— Eu sou professora, tenente — prosseguiu Danielle. — Apenas uma professora, como tantos outros em nosso país. É o que sempre quis ser e o que me empenhei para ser. O meu papel social é a formação de cidadãos, para que o seu papel social seja menos árduo — Danielle estava tão próxima que o tenente se sentiu pouco à vontade. — O senhor não parece ser alguém que aceitaria passivamente ser impedido de fazer o seu trabalho. Ainda mais por uma imposição arbitrária. Eu agradeço pelo que a polícia tem feito por mim e por minha família, mas não vou mais me submeter a ficar aprisionada, enquanto quem deveria estar preso circula livremente. Fugir e me esconder não é uma opção que considero. Mas estou aberta para discutirmos alternativas.

O silêncio só não era absoluto por conta do som que vinha dos corredores.

A sargento Silvia felicitaria Danielle, se pudesse. Começava a gostar dela. Nunca tinha visto Bruno Hessman sem palavras. Danielle virou o jogo e mostrou a ele que as aparências enganavam.

O delegado Antunes, que não era de se impressionar facilmente, reconheceu que aquela moça realmente sabia se defender sozinha.

— Por exemplo, eu poderia voltar para o Rio de Janeiro — continuou Danielle. — Na próxima semana, acabam minhas férias e precisarei retornar ao trabalho. Como a notícia se tornou pública, eu poderia ter um policial me acompanhando até dentro do *campus*. Acredito que a reitoria não colocaria objeções.

— Dois policiais te acompanharão 24 horas e terão acesso irrestrito a qualquer local que você frequente — propôs o delegado.

— Delegado, com todo o respeito, barganhar não é o... — começou Hessman.

O delegado Antunes fez um gesto para que o tenente Hessman não o interrompesse.

— Eu aceito — disse Danielle, concordando com os termos.

— Amanhã, um de meus agentes vai acompanhá-la até a casa de sua avó para organizar suas coisas e se despedir, mas não revele nada do que foi discutido aqui. Essa investigação segue sob sigilo de justiça. Fui claro?

Ela apenas confirmou com a cabeça.

— Então, estamos entendidos. Boa noite, Srta. Nunes — e, com um aperto de mãos, Danielle se despediu do delegado e da sargento Silvia. Ela nem viu o tenente Hessman saindo.

Danielle ficou feliz quando Letícia apareceu pouco depois, trazendo duas latas de suco e dois sanduíches do restaurante do hospital. Elas ainda não haviam tido chance de conversar, mas Danielle se sentia confortável perto dela.

— Acharmos que você poderia estar com fome — disse Letícia, só com meio corpo dentro do quarto e mostrando o lanche.

— Oi, Letícia. Pode entrar — disse Danielle, sorrindo. Sentaram-se à mesa que estava no canto esquerdo do quarto e comeram em silêncio por um bom tempo.

— Ai que delícia! — disse Danielle, relaxando após comer metade do sanduíche. — Obrigada. Estava morrendo de fome.

— Foi o Peter que sugeriu que eu viesse te ver. Ele teve a impressão de que você estava um tanto pálida quando veio aqui. Comprou no restaurante e me pediu que trouxesse pra você. Como eu estava ansiosa por uma oportunidade de te conhecer melhor, cá estou — disse ela, sorrindo.

Preciso lembrar de agradecer ao Peter pela gentileza, pensou Danielle.

— Letícia, quando vocês entraram aqui hoje, viram o Hugo me abraçando — começou Danielle, desejando esclarecer a situação embaraçosa em que havia sido flagrada. — Eu só queria dizer que...

— Dani, não precisa explicar nada — disse Letícia, com intimidade, como se já soubesse o que havia acontecido. — Ele é meu irmão. Lembra? Acabei de sair do quarto do meu primo mal-humorado. O Peter me falou do motivo de o John estar irritado. Hugo é famoso por aprontar das suas. Ele não deixa passar uma chance quando uma mulher o interessa.

— Acho que foi mesmo só um mal-entendido, Letícia — disse ela, sem graça. — Seu irmão não está...

— Deixa isso pra lá, Danielle. Eles vão superar. Parece que todos estão atrás do mesmo brinquedo. Você vai ter muito tempo pra escolher qual deles quer. Mas me conta mais sobre você — pediu Letícia.

Danielle ficou sem saber o que dizer, atônita com a sinceridade de Letícia. Achou que o melhor seria ignorar o comentário sobre Hugo e John. Por isso, nem ousou perguntar como John estava. Não queria piorar a situação e dar a Letícia o que pensar.

Conversaram por mais de uma hora e, para paz de espírito de Danielle, não falaram mais dois dois. Danielle falou de sua carreira, música, hobbies e, assim, acabaram percebendo muitas afinidades. Letícia, então, despediu-se dizendo que voltaria para o hotel onde todos estavam hospedados. Danielle pediu que ela devolvesse o celular a Hugo e agradecesse em seu nome. Quando ela saiu, Danielle se sentia bem. Letícia parecia ser uma boa pessoa. Havia gostado muito da conversa. Tinha conseguido relaxar e esquecer o estresse da conversa anterior com os policiais.

Voltaria para o Rio no dia seguinte e estava, de certa forma, feliz por isso. Apesar de estragar seu plano de ficar mais tempo com sua avó, seria mais fácil de explicar para D. Antônia que estaria voltando por causa do trabalho. Assim, evitaria muitas explicações e não seria uma mentira completa, só uma meia verdade. Mas queria ver John antes de ir embora. Desejava esclarecer toda a confusão de mais cedo. Decidida, olhou para o relógio. Ainda não eram 9 horas da noite.

Saiu do quarto e conversou com o agente que estava à sua porta, que ela não conhecia. Depois de explicar aonde pretendia ir, ele a acompanhou até um quarto três portas depois do seu, que também tinha um agente de guarda. *Ele mudou de quarto? Deve ter sido um procedimento da polícia para concentrar a vigilância em apenas um andar, depois do que aconteceu comigo*, pensou ela.

Receando perder a coragem, bateu na porta e ouviu a voz de John autorizando que entrasse. Ele parecia aborrecido com alguma coisa e nem levantou a vista da tela do notebook em seu colo.

— Olá, John — disse Danielle, ainda perto da porta.

Só então ele a encarou. Ela sorria, mas ele permaneceu impassível. Um silêncio ensurdecedor caiu sobre eles.

— Boa noite, Srta. Nunes — respondeu John, com formalidade.

— Pode me chamar de Danielle, John — disse ela, aproximando-se dele, relutante. — Como você está?

— Ansioso para voltar para minha vida — disse, voltando a olhar para a tela do notebook, parecendo estar muito entretido com o que fazia.

— Sei o que o que quer dizer — começou Danielle, animada para contar a novidade. — Na verdade, eu vim aqui para me desped...

— Se está procurando Hugo, já antecipo que ele voltou para o hotel com minha prima Letícia. Só retornará amanhã. Sua viagem foi perdida.

— Não, John. Eu não vim aqui para ver o Hugo... — mas desistiu de continuar, uma vez que ele se mostrava tão indiferente e nem olhava para ela. — Vejo que está ocupado; não quero incomodá-lo.

Ela aguardou que ele levantasse os olhos, mas ele não o fez.

— Até breve, Srta. Nunes.

— Adeus, Sr. Hauser.

E assim, ela saiu. John fechou a tela do notebook com raiva e encarou Peter, que entrou no quarto logo em seguida. O médico o observou.

— Realmente, você tem um modo estranho de demonstrar que gosta de alguém — censurou. Ele tinha visto a forma como, novamente, Danielle havia saído triste e às pressas do quarto de John.



AULAS, LIVROS, CINEMA E... FLORES

Danielle se sentia reintegrada à sua rotina. Naquela manhã de quinta-feira, aproveitava o intervalo entre a segunda e a última aula para ler alguns fichamentos sobre obras de Oscar Wilde que havia solicitado aos seus alunos. Ela não havia tido tempo de ler porque tinha chegado tarde em casa na noite anterior. Havia ido ao cinema, mas, perdendo o horário do filme, decidiu esperar a sessão seguinte. Queria muito ver *No Coração do Mar*, uma versão do clássico *Moby Dick*, de Melville. Riu ao lembrar-se de seus dois acompanhantes: o compenetrado agente Ricardo e o sonolento agente André – que também havia sido designado para garantir sua proteção – sentados, um de cada lado, assistindo ao filme. Essa era sua vida desde que tinha voltado ao Rio de Janeiro, sempre com os dois policiais acompanhando-a aonde quer que ela fosse.

Felizmente, eram homens de bom senso e respeitavam os momentos de privacidade, como suas idas ao banheiro. O agente André não curtia muito a sétima arte, ou, talvez, não apreciasse aquele gênero de filme. Ela, tentando compensá-lo, deixava-o escolher um filme para cada um que eles eram obrigados a ver com ela. Afinal de contas, viviam em uma democracia. Foi assim que a maratona de filmes de ação teve início. Sangue, sangue e mais sangue nas escolhas do agente André, que variavam de *Kingsman* a *Deadpool*. Danielle passava a metade dos filmes de olhos fechados, mas estava gostando de variar um pouco — algo que não admitiu. Adorou, porém, quando o agente André escolheu *De volta ao jogo*, porque, como ela mesma dizia, Keanu Reeves e ela tinham uma “ligação especial”. Amou o roteiro e teve que dar o braço a torcer quando o agente perguntou o que ela havia achado do filme:

— Tudo bem, desta vez você acertou em cheio. Eu pago as duas próximas sessões que vocês escolherem — jogou ela.

Estavam fazendo um rodízio. A cada sessão, um dos três pagava os ingressos, o que já havia sido difícil pra Danielle negociar, pois o orgulho masculino era muito mais difícil de ser dobrado do que imaginava.

— Nada disso. Vamos seguir o plano — retrucou André.

— Exatamente — concordou o agente Ricardo.

— Mas, eu não acho justo terem essa despesa adicional por minha causa se eu...

— Ricardo, sua vez de argumentar — disse o agente André, saindo para comprar suco para os três a alguns passos, na *bomboniere* do cinema.

— Decidimos democraticamente e será assim. Fim de conversa — disse o agente Ricardo de forma sucinta, mostrando que o assunto estava encerrado.

— Fazer o quê? — resignou-se Danielle, vendo que era voto vencido. Bem lá no fundo, porém, estava gostando da companhia dos dois, com quem acabou iniciando uma boa amizade.

Era agradável ter alguém com quem ir ao cinema. Literatura e filmes competiam como os programas favoritos de Danielle. Ela não conhecia ninguém que gostasse tanto de cinema quanto ela. Muitas vezes, ia duas ou três vezes por semana. E, sim, sempre sozinha, exceto quando se tratava de animações, quando podia contar com a companhia de seu sobrinho Hugo. O mais engraçado era que, agora, como sempre saíam os três juntos, quem desconhecia o motivo de ela estar acompanhada por dois homens o tempo todo pensava que ela estava em algum tipo de relacionando “moderno”.

— Mas, que pouca vergonha, menina. Sua mãe sabe de seu comportamento? — perguntou uma senhora de idade, mudando de assento em uma das sessões, quando foram ver *Os 8 odiados*, de Quentin Tarantino, escolha de Danielle que agradou aos dois agentes. Danielle nem teve tempo de responder. Achou até divertido ser vista como uma mulher vivendo em um relacionamento aberto. Logo ela, que não saía com ninguém havia quase três anos.

Rindo da lembrança e voltando a se concentrar em seu trabalho, Danielle terminou a leitura dos textos. E então um rosto invadiu seus pensamentos. Ele sempre estava presente. Ela se recriminou por abrir sua agenda e ficar observando a imagem de John que havia sido publicada em um jornal de circulação nacional. Não tinha conseguido resistir e acabou comprando o periódico ao ver a imagem dele estampada na manchete. Havia escolhido várias revistas dentro da banca de jornal e colocou o que realmente queria no meio delas antes de pagar, o que não passou despercebido para o agente Ricardo.

Agora que conhecia melhor os dois policiais, Danielle analisou que tinham personalidades bem diferentes. O agente Ricardo era um homem com aproximadamente 35 anos. Discreto, de poucos sorrisos, mas gentil. Diria até conservador. Ele tinha o hábito de abrir a porta do carro para ela e carregar os livros de Danielle de uma sala para outra. Que homem faria isso hoje em dia?

Já o agente André estava subordinado a ele. Parecia vê-lo como um tutor. Era bem mais jovem; tinha a idade de Danielle, vinte e oito anos. Sempre sorria

quando ela oferecia o café da manhã para eles. Diferente do colega, era moreno, enquanto o agente Ricardo era branco, com cabelos quase loiros. Mas, algo em que se assemelhavam era o comprometimento com a segurança dela.

Não passavam despercebidas as rondas que eles faziam por todos os seis andares do prédio da universidade e também a forma como eles nunca a deixavam sozinha. Nessas horas, recordava-se do porquê de os dois estarem ali. Sempre um deles estava parado à sua porta, atento a qualquer barulho. Achava que eles dormiam poucas horas por dia; os dois, porém, não se queixavam de nada. Felizmente, sua vizinha do apartamento do lado esquerdo estava alugando o imóvel, e eles se instalaram lá, após Danielle entrar em contato com ela. D. Adelaide era uma senhora de quase setenta anos, muito gentil e que sempre oferecia bolo de cenoura com chocolate a Danielle. A filha da gentil senhora achava que não era uma boa ideia que ela continuasse morando sozinha, apesar de gozar de boa saúde. E assim, a senhorinha mudou-se para Petrópolis, onde a filha morava.

Danielle estava perdida em seus pensamentos quando viu o agente Ricardo entrando na sala de aula e batendo com o indicador no relógio.

— Já está na hora? — perguntou Danielle. Ele fez que sim. Como de costume, o agente Ricardo ficava na sala com ela, tendo que assistir a todas as suas aulas, e o agente André cuidava de sua proteção parado no corredor ao lado da porta. Danielle se surpreendeu ao perceber que o agente Ricardo parecia genuinamente interessado em literatura inglesa dos séculos XVIII e XIX, e incentivou-o a acompanhar a turma, fazendo questão de deixar claro que seria uma contribuição muito interessante para sua aula. Como ele era fluente em inglês, não teve dificuldades.

Organizando sua mesa e fechando a agenda, olhou uma última vez a foto de John Hauser, sentindo a saudade enchendo seu peito. Ela já estava se acostumando com a sensação. Seus alunos do sétimo período do curso de Letras começaram a entrar na sala, com a agitação típica dos jovens. Danielle os observou enquanto se acomodavam. Quando o semestre letivo recomeçou, os poucos rapazes de suas turmas sentiam-se um tanto intimidados com a presença dos policiais invadindo seu território. Àquela altura, porém, após quase um mês e meio de convivência com os dois, os rapazes até pediam as anotações do agente Ricardo quando perdiam uma aula. As alunas suspiravam pelos dois. Sempre arranjavam uma desculpa para incluir Ricardo nas discussões e até propuseram que ele participasse de um seminário. Eram homens bonitos, *cada um à sua maneira*, pensou Danielle. Daí os olhares apaixonados das meninas.

Ao final de sua última aula, quando discutiam o romance *Great Expectations*, de Charles Dickens, um dos livros favoritos de Danielle, um grupo de meninas se aproximou com sorrisos e risinhos.

— Professora, você está vivendo a Whitney Houston no filme *O Guarda-Costas*, percebeu? Mas, em vez de um Kevin Costner, você tem dois — disse Fabrícia, dando pulinhos de excitação; uma aluna brilhante, mas que vivia no mundo da lua, ou melhor, vivia divagando pelas histórias de amor dos romances clássicos. — Eles são um sonho... — completou a moça, suspirando ao olhar encantada para o agente André pelo vidro da porta.

As outras moças concordaram, observando, com admiração, o ar misterioso e a postura reservada dos dois policiais. Mas Danielle lembrou-se, triste, que naquele filme a personagem de Whitney também estava correndo risco de vida. Enquanto concluía um plano de aula no gabinete de professores, contou a história a sua colega Vivian, que lecionava Fonética e Fonologia para a mesma turma.

Ela riu antes de responder.

— Não deixa de ser verdade, Danielle. Se não fosse toda essa história de ameaças e sequestro prejudicando a sua versão da história, muitas professoras aqui gostariam de estar no seu lugar, sendo seguidas pra cima e pra baixo pelos blocos do *campus* por esses dois guarda-costas atléticos. Eu acho que eles combinam perfeitamente.

— Combinam com o quê?

— Com a minha pele — e as duas riram baixinho, disfarçando por conta da proximidade dos agentes, que estavam do lado de fora da porta e haviam se aproximado para observá-las pelo retângulo de vidro.

Danielle tinha se acostumado com os agentes sempre dirigindo seu carro. Assim, na volta para casa, ocupava sua mente com o trabalho, mas, de forma recorrente, lembrava-se de John. Pensava nele com uma frequência maior do que gostaria. Principalmente sobre como ele havia sido frio e indiferente com ela na última vez em que se encontraram e como isso a magoou. Decidiu não mais se iludir e agarrou-se à oportunidade de retomar sua rotina para se esquecer dele. Mas ela tinha apenas se enganado; a distância só havia feito aumentar a saudade. Ela havia visto gentileza nele uma vez, e não compreendia o porquê de ele ter mudado tão radicalmente.

Olhando o movimento das ruas pela janela do carro, recordou-se das poucas palavras que trocaram naquela noite. No dia seguinte, acompanhada pelos dois agentes, que agora estavam no Rio com ela, tinha ido se despedir de sua avó

Antônia. Conversaram muito e a avó havia feito questão de assar a torta de camarão prometida. Como era um sábado, almoçaram com Rose e Pedro, que estavam de folga. Danielle, atendendo à orientação do delegado Antunes, manteve tudo o que sabia sobre o caso do sequestro de John em segredo. D. Antônia havia se mostrado triste com o fato de a neta não poder ficar mais tempo. Ainda assim, pareceu acreditar que ela voltava para o Rio por conta do fim das férias e do retorno ao trabalho.

Pedro e Rose sabiam que não era bem assim. Entendiam que Danielle seria protegida pela polícia até a resolução do caso e, só então, a vida dela voltaria à normalidade. Dali em diante, sua avó não veria mais a viatura policial sempre que abrisse a janela. Não sabia que agora a vigilância de sua casa seria conduzida de forma mais discreta, para que ela não se preocupasse tanto com a neta. Danielle havia pedido isso ao delegado, e ele concordou.

Ela se desculpou com Pedro por terem conversado tão pouco.

— Teremos muitas oportunidades, Dani — disse o amigo, mostrando aqueles dentes lindos em um sorriso que teria deixado a irmã de Danielle, Júlia, no céu. — Não se preocupe com isso e conte conosco pro que precisar — pediu Pedro, dando nela um forte abraço de despedida.

— Sei que há algo incomodando você — sussurrou Rose no ouvido de Danielle quando a abraçou também. — Você está tensa, mas também está triste. Sei que o tal do John tem algo a ver com essa sua carinha. Me liga quando chegar pra conversamos melhor, está bem?

Danielle se limitou a movimentar a cabeça. A amiga a conhecia bem.

Danielle ainda beijou e abraçou forte a avó antes de entrar no carro e seguir rumo ao aeroporto para partir de sua terra natal, mais uma vez. No caminho, passaram por um parque da cidade repleto de palmeiras de coco babaçu, típicas de lá. Lembrou-se da *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, imediatamente reconhecendo como ele deveria se sentir triste na Europa, com saudades do Maranhão, e como ela mesma tinha sentido falta de sua vida na ilha de São Luís nos primeiros anos no Rio de Janeiro.

Nada mais natural que Danielle se interessar por literatura brasileira no Ensino Médio, já morando no Rio. Ela tinha procurado conhecer a fundo a obra e a história de Gonçalves Dias. Foi o primeiro poeta a tocar seu coração na escola e com ele tinha aprendido seu mais famoso poema com a mesma facilidade com que devorava todos os livros de Aluísio Azevedo. Danielle amava a forma como eles retratavam a terra natal nos romances. Lendo os livros, ela podia recordar a ilha onde tinha nascido de forma querida.

Assim, quando Danielle avistou aquele campo repleto de palmeiras, ficou triste ao se lembrar do fim trágico de Gonçalves Dias, que voltou à Europa não para estudar, como na primeira viagem pelo Atlântico, mas para tratar da saúde e, não obtendo sucesso, retornou ao Brasil. Ele havia sido a única vítima do naufrágio daquele navio. Todos os outros tinham conseguido se salvar, exceto ele. Ninguém se lembrou de Gonçalves Dias, doente, no interior da embarcação. Por essa razão, aquele poema tinha um significado ainda maior para Danielle . De cabeça, recitou-o para si mesma:

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar – sozinho à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que eu desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

Uma lágrima passeou por seu rosto sem que ela pudesse evitar. Pensava em conhecer melhor o Maranhão, por isso havia ido ao acampamento em Imperatriz. Também tinha feito planos de fazer uma breve viagem pelos Lençóis Maranhenses com os amigos, na cidade de Barreirinhas. Achava um absurdo ter nascido no Maranhão e nunca ter ido àquele lugar. Era o mesmo que morar no Rio de Janeiro e nunca ir ao Pão de Açúcar, comparou ela. Mas a vida tinha mudado seus planos.

Chegando em casa, notou um homem, de uniforme, parado à porta de seu prédio, como se esperasse alguém. Segurava um lindo buquê de rosas, visível a Danielle ainda da garagem. O veículo era conduzido pelo agente André, e ela adorava não ter que se concentrar no trânsito quase enlouquecedor daquela grande cidade. Ao se encaminharem para o elevador, o agente Ricardo seguiu para o acesso à portaria, após trocar breves palavras com André.

— Algo errado, André? — perguntou Danielle, receosa.

— Nada com que deva se preocupar, Srta. Nunes — disse ele, que, como o agente Ricardo, nunca a chamava pelo primeiro nome. — Ele só foi verificar algo na portaria.

Danielle já havia tomado banho e escolhido uma roupa confortável, quando, seguindo para a cozinha a fim preparar panquecas para eles jantarem, ouviu baterem à porta.

— Pode entrar — disse, já imaginando quem poderia ser.

O agente Ricardo entrou e ela reconheceu o buquê de rosas que tinha visto antes agora nas mãos dele.

— São para a senhorita — o agente Ricardo estendeu o arranjo. Vendo a expressão surpresa de Danielle, ele entregou também um pequeno envelope.

Danielle nunca havia recebido flores antes. Quando viu o logo das empresas Hauser, sentiu suas pernas fraquejarem. Absorveu o perfume das rosas e sentouse. O agente ia saindo, para lhe dar privacidade. Antes que saísse, porém, disse:

— O mensageiro está lá embaixo, aguardando sua resposta.

Danielle tremia segurando o envelope. Tentava manter-se ocupada desde que havia voltado ao Rio de Janeiro. Trabalhava o máximo possível, pois, em momentos tranquilos, quando sua mente divagava, sempre surgiam recordações dos momentos passados ao lado de John Hauser. Pensava nele constantemente. Não era coerente como sentia tanto a falta de alguém que conhecia tão pouco.

Já havia se flagrado mais de uma vez acordando pela manhã com a agenda

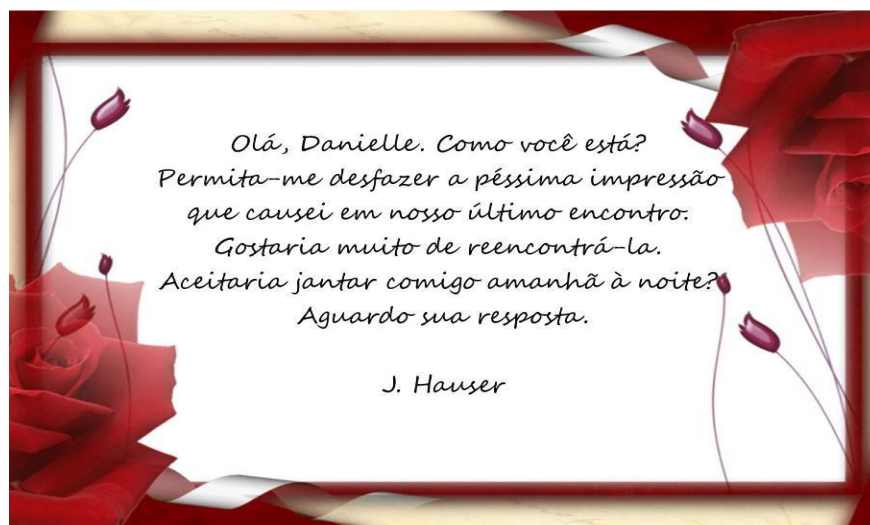
aberta na foto dele recortada do jornal; até em seus sonhos, ele a encontrava. Alguns desses sonhos eram tranquilos e cheios de ternura. Eles estavam juntos e pareciam desfrutar de um sentimento recíproco. Outros eram perturbadores, com John sendo perseguido por aquele carro imenso, ou sofrendo. Ela acordava assustada e não conseguia mais pegar no sono novamente em noites assim.

De volta ao Rio, Letícia se empenhou em manter contato com Danielle. Sempre ligavam uma para a outra ou conversavam por outros meios, mas ela evitava mencionar o primo nessas conversas. Hugo, quando não estava viajando a trabalho, às vezes se metia na frente da tela quando elas conversavam pelo Skype e jogava um galanteio. Ele também a lembrava com frequência do jantar que Danielle havia prometido e das “expectativas” para depois do jantar, como ele gostava de frisar para deixá-la sem graça.

— Eu não esqueci. E nem pretendo, anjo. Assim que tudo se acalmar, vou aparecer na sua porta — disse Hugo, da última vez que tinham conversado, antes de Let o expulsar do quarto dela.

Até com Peter Danielle conversava de tempos em tempos. Ainda no aeroporto de São Luís, ela havia ligado para ele, a fim de agradecer a gentileza de ter comprado o lanche na noite anterior. Ele havia sido, como de costume, muito educado e gentil com ela, e não perguntou por que não havia se despedido antes de partir. Depois que Danielle enfim comprou um novo aparelho celular, Peter passou a ligar para ela toda a semana. Parecia realmente sincero quando buscava saber notícias suas. Provavelmente, Letícia tinha dado o número a ele, mas Danielle não se incomodou com isso. Esperava que um deles mencionasse como John estava, mas pareciam evitar tocar no assunto, ou mencionavam de forma breve, até que Danielle decidiu fazer o mesmo.

Desde então, John nunca havia tentado entrar em contato com ela. Havia ficado muito magoada com a forma como a tratou, mas, pior que a indiferença naquela noite, foi o silêncio que se seguiu. Quarenta e quatro dias de silêncio. E, agora, do nada, John enviava flores? Danielllel demorou-se olhando para o arranjo. Eram flores lindas, mesmo. Decidiu colocá-las num vaso, mas sabia que só estava postergando o momento de conhecer o conteúdo do envelope. Sentou-se no sofá, respirou fundo e leu a mensagem escrita à mão.



Deixou o envelope sobre a mesinha de centro. *Ele está aqui no Rio? E me convidou pra jantar?* Danielle levou alguns segundos para entender aquelas palavras e, então, estava exasperada.

— Quem ele pensa que é? Quem ele pensa que eu sou? Acha que basta me mandar um agrado que eu me colocarei à sua disposição? — Danielle, contrariada, falava consigo mesma e andava de um lado para o outro na sala. — Nem um telefonema. Ele sequer se dignou a dar um telefonema para saber como eu estava. Nada! Eu não vou... Claro que não irei. Tenho orgulho próprio, minha dignidade e...

Pegou de novo o cartão e leu: “Gostaria muito de vê-la”.

Se bem que ele parece arrependido, pensou ela, por um breve momento, analisando a letra dele no cartão.

— Quer saber? Eu vou! Vou, mas, só pra dizer uma ou duas verdades pra ele sobre como se deve tratar as pessoas. Isso. Irei a esse jantar.

E, dizendo isso, anotou algo em um bloco de papel e, rasgando a folha, colocou dentro do mesmo envelope que havia recebido.

Abriu a porta e, tentando parecer tranquila diante dos policiais, disse:

— Oi. Podem entregar isso ao mensageiro lá embaixo, por favor? — o agente Ricardo mal recebeu o envelope e ela fechou a porta.

Os agentes se entreolharam, mas, antes que pudessem dizer qualquer coisa, a porta se abriu novamente.

— Ah! O jantar sairá em 30 minutos — e, forçando um sorriso sem graça, Danielle fechou a porta novamente.

Sentiu-se estranhamente animada, como não se sentia há muito tempo. Foi para o quarto e, escancarando o guarda-roupa, pôs-se a experimentar suas opções de vestidos. Ligou o rádio e começou a cantarolar com Pharrell Williams: *Because I'm happy Clap along if you feel like a room without a roof Because I'm happy Clap along if you feel like happiness is the truth.*^[4]

Depois de muito procurar, não achou nada que lhe agradasse; ou melhor, nada que ela achasse que agradaria a um homem como John Hauser. Decidiu arranjar um espaço na agenda e ir às compras no dia seguinte. Felizmente, teria apenas duas aulas e, assim poderia resolver esse seu problema de vestuário. Naquela noite, Danielle pediu uma pizza para ela e os agentes. Era isso ou se deliciar com panquecas queimadas.



JOHN – REVELAÇÕES

Às 19h, Danielle chegava pontualmente ao hall de acesso ao restaurante do Copacabana Palace. Achou divertido os olhares das pessoas que se viravam para vê-la enquanto cruzava o saguão do hotel, acompanhada por dois homens em seus ternos escuros que, além de bonitos, demonstravam estar ali por causa dela. Deveriam estar especulando se ela era uma mulher importante ou famosa, por ser seguida de perto pelos “guarda-costas”. Decidiu encarnar o personagem. Nunca havia entrado em um hotel tão luxuoso em sua vida, mas tentou não deixar transparecer seu deslumbramento.

Pensou em como havia demorado para encontrar o vestido ideal para a ocasião. Tinha escolhido alguns vestidos e os experimentara, mas, de modo geral, nenhum deles era o vestido. Ela pensava que aqueles que havia escolhido eram perfeitos para o trabalho – práticos e convencionais. Mas ela queria algo especial. Não que se importasse se John a acharia bonita naquela noite. Também não havia decidido arrumar o cabelo e fazer unhas com o intuito de agradá-lo. Afinal, ela só queria parecer feminina, tentava convencer a si mesma.

O agente Ricardo não parecia nem um pouco desconfortável enquanto aguardava folheando uma revista na entrada do provador da sessão feminina daquela loja. Ele e o agente André haviam decidido, voluntariamente, ajudá-la, especialmente após perceberam que Danielle estava ansiosa e nervosa com o jantar daquela noite. Assim como ela, eles não haviam gostado dos vestidos que ela havia experimentado, fazendo, a cada troca de roupa, um gesto negativo com a cabeça quando ela reaparecia na frente deles. Para Danielle, a opinião masculina era muito bem-vinda, embora tivesse ficado embaraçada no início. Àquela altura, porém, ela já estava prestes a desistir.

O agente André, parecendo entediado, mostrou iniciativa, percorrendo algumas araras. Depois de algum tempo, voltou com uma peça. Quando eles a viram no vestido godê marfim que marcava bem sua cintura com a saia que se soltava em detalhes de renda pouco acima dos joelhos, ambos ficaram estáticos por um momento, mas depois sorriram em aprovação. Havia encontrado o vestido. Perguntava-se se John ficaria impressionado ao vê-la. Ficou tão feliz que deu um beijo na bochecha de cada um.

— Como você sabia? — Danielle perguntou, descrente da habilidade demonstrada pelo agente André no universo da moda feminina.

— Srta. Nunes, eu só pensei em qual seria o vestido que poderia me deixar

impressionado quando visse meu par chegando em um encontro.

— Simples assim? — perguntou ela, observando sua imagem refletida no espelho e realmente feliz com a escolha.

— Simples assim — respondeu ele, sorrindo satisfeito porque poderiam ir embora. Recebeu do agente Ricardo uma batidinha de aprovação no ombro. Ele também sorria.

Danielle tinha escolhido sandálias de salto alto com tiras delicadas para completar o visual e, após pagar por tudo, correu para casa para não se atrasar. O mensageiro havia dado um outro cartão informando o local e o horário, caso ela aceitasse o convite para o jantar. Agora ela estava ali e começava a tremer por antecipação.

Foi recepcionada pelo *maître* e, após informar o nome de John Hauser, foi imediatamente conduzida a uma mesa de frente para a mais linda vista do mar que ela já havia visto em toda a sua vida. Precisou caminhar mais devagar ao vê-lo levantar-se para recebê-la. *Será impressão minha ou ele está ainda mais bonito do que era?*, perguntou-se Danielle. John sorriu brevemente e, numa atitude que ela não esperava, deu-lhe um beijo na face e a abraçou. Danielle ficou tão tensa ante o contato repentino que nem conseguiu corresponder. Ficou parada deixando-se abraçar, adorando sentir o calor emanado do homem que tinha ocupado seus pensamentos dia e noite por tantas semanas a fio. Sentiu o cheiro delicioso da colônia pós-barba e refreou um suspiro. Usava saltos e, ainda assim, ele era bem mais alto que ela.

— Você está linda, Danielle — disse ele, puxando a cadeira para que ela se sentasse.

Danielle sentiu-se radiante com o elogio e expressou isso em um sorriso, que pareceu deixá-lo mais confiante, pois ele retribuiu. Começava a pensar que tinha exagerado, uma vez que ele estava vestido mais informalmente, apesar de sua postura sempre denotar um homem elegante, com uma aura inerente de poder.

Não se esqueça de como ele te tratou no hospital. Não se derreta por esse sorriso lindo, por essa barba bem aparada, por esses olhos castanhos. Ah! Que olhos lindos ele tem e a boca... nossa! Eu poderia me perder nessa boc... O que eu estou pensando? Controle-se, Danielle!, disse a si mesma. *Lembre-se: quem bate, esquece.*

— Danielle? — ele havia perguntado alguma coisa e aguardava a resposta.

E agora? Fiquei sonhando acordada e não prestei atenção no que disse, pensou ela, retomando o foco.

— Desculpe-me. Eu me distraí, Sr. Hauser. O que o senhor dizia?

John pareceu se incomodar com a formalidade, mas sabia que merecia isso e, então, repetiu:

— Eu disse que sua rotina parece ser similar à minha — falou, apontando para uma mesa mais à esquerda, onde o tenente Hessman e a sargento Silvia estavam sentados. — Há outros quatro policiais cuidando da vigilância da minha casa. Mesmo eu já contando com uma equipe de quatro seguranças que cuidam da propriedade — disse John, parecendo menos afetado que ela com a presença dos policiais em sua vida. — Mas quando mencionei que precisava viajar para vê-la, o tenente Hessman julgou mais adequado que a força tarefa que está à frente da investigação me acompanhasse.

Danielle, pedindo licença, levantou-se e, vendo John se levantar por cavalheirismo, fez um gesto, mostrando que não era necessário.

— Volto em um minuto.

Notou o olhar atento do agente Ricardo a cada movimento seu. Ficou feliz por John ter tido a consideração de reservar uma outra mesa para os agentes que a acompanhavam também. Eles estavam sentados a uma distância relativa deles, o que permitiria mais privacidade à conversa que teriam.

Sem entender, John decidiu aguardar que ela voltasse e a viu sorrir para a sargento Silvia Becker e cumprimentá-la. John pôs-se a lembrar das outras poucas conversas que tiveram, ocasiões em que ela o brindava com aquele mesmo sorriso doce e em que sempre mostrava-se acessível. Agora, ela parecia ter levantado um muro entre eles. *Não, pensou consigo mesmo, quem ergueu esse muro fui eu. Preciso, agora, tentar derrubá-lo.*

Danielle conversou um pouco com a sargento Silvia. Havia tido uma ótima primeira impressão da policial. Encarou com um educado “boa noite” o tenente Bruno Hessman, que parecia ter decidido tirar o bigode e fazer a barba. Ele trajava um terno com um corte muito alinhado, e levantou-se com polidez para cumprimentá-la.

— Espero que tenha conseguido se adaptar a essa nova rotina, Srta. Nunes — ele disse.

— Na verdade, tenente Bruno, os dois agentes que me acompanharam até o Rio é que tiveram suas rotinas alteradas, mas tive a sorte de serem profissionais muito humanos e não me julgarem “inconsequente” ou “leviana” por conta disso.

E, despedindo-se com um aceno de cabeça da sargento Silvia, voltou para a

mesa de John. A sargento Silvia Becker sorriu, tomando um gole de água. Observou Bruno Hessman, que permanecia de pé e em silêncio, novamente, depois do tapa com luvas de pelica que Danielle havia lhe dado. *Dois a um pra Dani*, pensou ela.

— Gosto dessa garota — disse Silvia para o tenente, que sentou-se, enfim, e lhe devolveu uma cara de “não enche”, fingindo olhar o cardápio, apesar de ter perdido completamente o apetite.

— Você os conheceu no hospital? — perguntou John, ajudando Danielle a sentar-se novamente.

— Sim — ela respondeu, sucinta.

— Quando você se recusou a ir para Florianópolis?

— Exatamente — *então, ele sabia o que havia sido proposto*, pensou ela.

— Esses agentes que foram designados para você... eles respeitam os limites de sua privacidade? Eu suponho que...

— Os agentes se chamam Ricardo e André — interrompeu ela, cada vez mais na defensiva. — E, sim. São muito atenciosos quanto a isso. Nunca foram inconvenientes, muito menos rudes comigo.

John havia feito por merecer aquele tom de mágoa presente na voz de Danielle, e sentiu novamente falta do sorriso que havia recebido dela assim que Danielle tinha chegado. Decidiu ser objetivo e falar da razão que tinha motivado aquele encontro.

— Não foi minha intenção desmerecer o trabalho dos agentes Ricardo e André — disse John, enfatizando o nome de cada um deles e parecendo refletir um pouco antes de prosseguir. — Eu sei que estão fazendo um bom trabalho em mantê-la segura. Você parece ter conseguido retomar a sua vida, na medida do possível.

— Creio que o senhor também — Danielle havia pensado bastante no caminho para o restaurante e tinha decidido tratá-lo do modo mais formal possível.

— Danielle, sabe que pode e deve me chamar pelo nome — começou John, olhando diretamente em seus olhos. — Eu agi mal com você. Meu comportamento foi reprovável e eu sinto muito por isso. Tive uma noite péssima depois de nossa conversa. No dia seguinte, após um exame a que precisei ser submetido, fui até seu quarto para me desculpar, mas soube que você já tinha partido. Foi então que percebi que, quando você foi me procurar, tinha a intenção de se despedir, estou certo?

Ela confirmou com a cabeça. Estava atenta a tudo o que ele dizia, mas permaneceu em silêncio.

— Eu procurei o delegado Antunes, mas a equipe me disse que ele ficou dias focado exclusivamente no caso do meu sequestro e, dali em diante, comandaria a investigação a partir de seu distrito policial. Peter me falou que você havia ligado para ele do aeroporto antes de embarcar, mas que não mencionou meu nome. Ele sempre me dava notícias suas, Letícia também e até mesmo... Hugo — John disse o nome do primo com certa mágoa.

John fez uma pausa para refletir um pouco antes de continuar.

— Tinha ficado claro pra mim que, se quisesse conversar comigo, você o teria feito. Eu vim aqui hoje porque eu quero que saiba que me arrependo do que fiz. Talvez, por orgulho ferido ou por receio de como você reagiria, eu evitei ao máximo este momento. Mas eu vim para o Rio de Janeiro para pedir o seu perdão. Quero que você sempre faça parte da minha vida, porque... — ele parou, pareceu repensar e só então concluiu — porque você fez muito por mim e me sinto ligado a você.

Danielle viu sinceridade nas palavras enquanto olhava no fundo daqueles olhos escuros. Mas também se sentiu triste porque ele deixou claro que a ligação que tinha era baseada apenas em gratidão.

— Você poderia me desculpar, Danielle? — perguntou John. Ela sorriu por dentro pela expectativa dele por sua resposta. *Como não o perdoaria? Ainda mais com ele se mostrando tão vulnerável daquele jeito?*, pensou Danielle.

— Sim, eu desculpo você — disse ela, sorrindo, contente em saber que ele havia tentado entrar em contato com ela no hospital.

John segurou sua mão sobre a mesa e a fitou, sorrindo de volta. Ela sentiu uma pequena descarga elétrica com o toque.

— Suas mãos estão geladas — disse ele, preocupado.

Ela estava muito nervosa, mas não diria que era ele o motivo.

— Estou com frio, só isso. O ar condicionado central daqui é muito forte — disfarçou, parecendo convincente.

John se levantou e pegou o casaco de couro que estava atrás da própria cadeira. Ele usou o agasalho para envolvê-la.

Danielle não acreditou em seus olhos quando ele agachou-se à sua frente e, acariciando o rosto dela, disse, com uma expressão indecifrável no olhar:

— Senti muito a sua falta, sabia?

Ela sorriu e, cobrindo a mão dele contra sua bochecha, respondeu:

— Eu também senti, John. Mas pensei que você não queria falar comigo e decidi respeitar seu espaço.

— Você não cumpriu sua palavra pela segunda vez — ele disse, agora passeando os dedos por seus cachos, o que fez com que ela sentisse um calafrio por todo o corpo. Ele percebeu sua reação, o que a deixou sem graça.

— C-como assim? — Danielle não conseguiu não gaguejar. — A que se refere?

— “Estarei ao seu lado”, foi o que você me prometeu naquele dia.

Ela imediatamente recordou-se da promessa que fez quando foram resgatados.

— John, eu tentei — justificou-se. — Tentei, de verdade... Mas me consideravam suspeita e não me deixaram ver você. Eu queria estar ao seu lado quando acordasse, para que visse um rosto familiar. Ficava imaginando que acordaria confuso e sozinho. Depois que eu soube da história toda do seu desaparecimento e de quem você era, compreendi a apreensão da polícia — disse, não conseguindo mais sustentar aquele olhar que mexia tanto com ela e com suas emoções, sem mencionar a resposta de seu corpo à proximidade de John.

— Mas você foi embora depois, de qualquer jeito — disse ele, falando baixinho e levantando o queixo dela para que olhasse para ele. — Saber que partiu foi ainda mais difícil pra mim, porque tive plena consciência de que eu mesmo te afastei.

Por um momento, Danielle teve a sensação de que ele a beijaria. Sua respiração acelerou e o sangue correu mais rápido por suas veias. John aproximou-se de seu rosto e sussurrou em seu ouvido:

— Danielle, quero você em minha vida. Não só por gratidão, mas porque realmente gosto muito de você.

Alguém pigarreou perto dos dois. Danielle despertou do que parecia ser um sonho e viu um garçom parado ao lado da mesa deles.

— Boa noite. Meu nome é Matheus e serei o garçom de vocês por esta noite — disse o homem mais inconveniente que Danielle já havia conhecido em toda a sua vida.

O encanto foi quebrado. John se levantou e mandou um olhar glacial para o garçom que, com certeza, arrependeu-se de ter saído da cama naquele dia. Danielle sentiu até um pouco de pena dele, que agora percebia que tinha

interrompido o homem errado. Matheus parecia extremamente desconcertado quando perguntou, num fio de voz:

— Precisam de mais tempo para escolher? Posso voltar depois...

— Não — disse Danielle, sorrindo, condescendente, para o rapaz — Estou mesmo com fome.

John, ouvindo isso, concordou em escolherem logo as entradas. Danielle quase não resistiu à tentação de cheirar o casaco, vendo que John estava concentrado no menu, mas conteve-se para não parecer uma tola na frente do garçom.

— E você? — perguntou John a Danielle, que novamente se distraía e não sabia do que ele estava falando. Vendo que o garçom aguardava para anotar o pedido, no entanto, disse:

— Eu vou querer o mesmo — disse simplesmente, esquivando-se de parecer desatenta ao que ele falava mais uma vez.

— Então, de entrada duas saladas *Caesar* com frutos do mar e depois apenas um filet de carneiro regado a molho de champignon — Danielle o ouvia falar, mas estava encantada apreciando a vista panorâmica que tinham da magnífica piscina do hotel, que estava iluminada de forma difusa.

Observou o calçadão da praia de Copacabana, com as formas sinuosas em preto e branco, tão conhecidas pelo mundo afora, que parecia representar o encontro da areia branca com a imensidão do mar prateado à luz da lua cheia. Danielle suspirou diante da beleza do entardecer que via lá fora e do homem que a observava há algum tempo, enquanto ela namorava a vista.

— Realmente, é uma vista muito bonita — disse John, olhando diretamente para ela e percebendo Danielle ficar sem graça. Ele sorriu.

— Você está hospedado aqui? — perguntou Danielle, mudando de assunto, mesmo já conhecendo a resposta.

— Sim. Este hotel tem um significado especial pra mim. Vim aqui com meus pais quando eu era criança. Sempre que venho ao Rio, costumo escolher este hotel. Meu pai, quando não estava trabalhando, levava a mim e a minha mãe à praia e nos divertíamos brincando na areia por horas — a lembrança pareceu levá-lo para longe por um momento.

Ele, novamente, procurou o contato das mãos de Danielle, que agora não estavam mais tão frias.

— Você deve sentir muito a falta deles, não é John? — disse, sentindo que aquela perda ainda doía.

— Em alguns dias mais que em outros — respondeu ele, dando um meio sorriso. — Mas já faz muito tempo que eles se foram. Algumas de minhas lembranças já não são mais tão nítidas.

Danielle gostou de John se abrir com ela a respeito de algo tão íntimo. Era sinal de que confiava nela. Nesse momento, as entradas chegaram e o garçom começou a servir o vinho que John havia escolhido.

— É uma ótima safra, senhor — disse ele. Quando foi servir Danielle, porém, ela cobriu seu copo com a mão.

— Desculpe. Pode me trazer um suco de laranja?

— Não gosta de vinho branco, Danielle? Podemos escolher um tinto, se você preferir — perguntou John, atento à sua resposta.

Meio sem jeito, ela disse:

— Desculpe-me... Não devo ter ouvido quando você escolheu as bebidas — não havia ouvido direito o pedido inteiro, na verdade. — Eu não bebo nada alcoólico. Sinto muito...

— Tudo bem — disse John, sorrindo e voltando-se para Matheus. — Suco de laranja para a dama, por favor.

Dama? Quem eu?, Danielle quase deu um gritinho eufórico, mas se conteve, lembrando que não era sua aluna Fabrícia para se comportar daquela forma.

— Eu nunca tinha entrado aqui. Não conhecia nem o hotel, nem o restaurante. Só a fama — admitiu ela e, olhando para o braço imobilizado dele, perguntou: — Quando poderá tirá-lo, John?

— Ainda precisarei suportar por mais duas semanas, pelo que Peter me disse.

A salada estava deliciosa. Danielle comeu com apetite e John ficou feliz ao ver que ela parecia mais à vontade. Junto com o suco chegou o prato principal, mas para apenas uma pessoa. Danielle não entendeu quando o garçom não trouxe mais nada para John.

— Não se preocupe. Eu fiquei satisfeito com a salada.

— Mas eu vou comer sozinha?

— Claro que não. Estarei aqui te observando — brincou ele.

— Pois é isso mesmo que estou dizendo. Vou ficar aqui comendo e você só a me observar — então, ela olhou para o braço direito de John e entendeu. Danielle sorriu, como se tivesse descoberto um segredo dele.

Levantou-se e olhou para Matheus.

— Você me faria a gentileza de colocar a minha cadeira ao lado da do Sr. Hauser?

O garçom, que ainda esperava ser dispensado, estranhou, mas carregou a cadeira pesada em estilo colonial, atendendo ao pedido.

Os ocupantes das outras mesas acharam aquilo um tanto incomum; em especial, as mesas ocupadas pelos policiais. O agente Ricardo e o tenente Bruno acompanhavam a movimentação da outra mesa discretamente. John também acompanhou, mas estava mais entretido em admirar os movimentos de Danielle que com qualquer outra coisa.

Ela estava linda naquele vestido. Não podia esquecer-se de dizer isso a ela, ele pensou, quando Danielle se sentou ao seu lado. Gostou de tê-la novamente tão próxima.

John começou a ter uma ideia do que ela pretendia quando a viu começar a cortar pequenos pedaços de carne, mas mesmo assim ficou sem ação diante do garfo levantado à sua frente. O agente André foi o primeiro a sorrir quando viu Danielle cortar um pedaço de carneiro, passar no molho e levar até a boca de John, e a sargento Silvia não conseguiu reprimir um suspiro assistindo à cena. John pensou em argumentar algo, observando que olhares curiosos se voltavam para eles, mas bastou um sorriso e o arquear da sobrancelha de Danielle para que ele se rendesse. Abriu a boca, aceitando a comida. Sorriu ao vê-la também começar a comer do mesmo prato.

— Ainda precisam de mim? — perguntou um sorridente Matheus, ainda parado ao lado da mesa.

Eles riram e John fez um gesto que ele poderia ir.

— O carneiro está delicioso — disse Danielle, revezando uma garfada para cada um. John concordou com um sorriso que aqueceu o coração de Danielle, de um modo que só ele era capaz.

Ela pensou que, depois, tentaria achar na internet o valor dos pratos para ver se poderia se dar aquele luxo em seu próximo aniversário, uma vez que Matheus já havia levado os cardápios. *Mas será que o tempero dessa refeição não é a companhia do homem que faz meu coração bater mais acelerado a cada minuto?*, pensou ela.

Tocava uma música suave que não atrapalhava a conversa das pessoas. Os dois comeram em silêncio, apenas desfrutando a companhia um do outro. John pegou um guardanapo sobre a mesa e foi a vez dele de surpreendê-la, limpando

um pouco de molho que havia ficado no canto da boca de Danielle. Como se achasse injusto o guardanapo ter mais direitos àquele toque que ele, e não resistindo mais, aproximou-se o suficiente dela para demonstrar que pretendia beijá-la, mas deteve-se a centímetros da boca que cobiçava cada vez mais desde que a viu pela última vez.

Danielle sabia que ele havia colocado a decisão de prosseguir em suas mãos. E esquecendo-se de quem ela era, de quem ele era, de quem poderia estar observando, apenas lembrando-se do quanto havia sonhado com aquele momento, Danielle completou a distância que separava suas bocas e experimentou beijar o homem de carne e osso que em seus sonhos já havia beijado centenas de vezes.

Foi um beijo terno, que revelou o que sentiam um pelo outro. Danielle sentiu todo seu corpo arrepiar-se. Ele segurava seu rosto com gentileza e deu-lhe pequenos beijos ao redor da boca, fazendo-a sorrir. Ali, ela teve certeza de que o amava. Naquele momento.

— Eu queria fazer isso já há algum tempo — disse ele, sorrindo. — Foi a melhor sobremesa que já experimentei. Sabia que seria melhor do que minhas expectativas.

— Eu pensei muito em você... em nós — corrigiu-se Danielle. — Mas, não enxergava como isso daria certo — continuou, apontando dele para ela.

— Podemos fazer dar certo, se você quiser ficar comigo tanto quanto eu quero estar com você, Danielle — disse ele, deixando-a emocionada.

Isso realmente está acontecendo? Ele quer que fiquemos juntos?, Danielle não acreditava no que ouvia.

Vendo que ela parecia confusa, John disse:

— Mas, se você precisar de tempo pra pensar, ou se não for isso que quer, eu ent...

— Não é isso — Danielle o interrompeu, acariciando sua barba sobre a bochecha. Ele levou a mão dela à boca, depositando um beijo, mas sem soltá-la. Danielle continuou. — Eu só estava imaginando como seria estarmos juntos. Eu tenho algumas questões pessoais que podem pôr tudo a perder e não quero me envolver sabendo que eu mesma posso estragar t...

— Danielle, não precisamos complicar a vida — interrompeu ele. — Tudo que me aconteceu e também os conselhos de um bom amigo me fizeram refletir sobre o que realmente importa — disse, segurando o rosto dela entre suas mãos e olhando para ela tão profundamente que parecia que podia ver dentro de sua

alma. — Eu estou apaixonado por você. Por isso saí daquele jeito do seu quarto no hospital, depois que vi você nos braços do Hugo. Eu fui à sua procura pra te dizer isso e por muito pouco não esmurrei meu primo ali mesmo, por estar se aproveitando de você. Ele fez uma pausa antes de continuar.

— Depois, fui consumido pelo ciúme que eu nem tinha o direito de sentir e tratei você daquela forma... — argumentou John, atento à expressão de surpresa no olhar de Danielle e parecendo esperançoso pelo que pretendia dizer. — Já sabe como me sinto. Quero você em minha vida, mas o que eu preciso saber é se você me quer na sua.

Com os olhos marejados, Danielle disse com a toda a convicção do amor que tinha por ele e que ocupava seu coração:

— Quero, John... estar com você é o que eu mais quero. Estarei ao seu lado — disse ela, acariciando seu rosto e fazendo-o sorrir abertamente, de um modo que ela nunca havia visto antes.

E, sem se importar com mais nada ou ninguém, ela o beijou. Para Danielle, no mundo, só existiam os dois naquele momento. Então, seguindo o desejo de seu coração, ela enlaçou o pescoço de John e o abraçou forte, para ter certeza de que ele era real e de que não acordaria em seu quarto com sua agenda aberta na foto recortada do jornal.

DANIELLE – REVELAÇÕES

John fez questão de levá-la para casa. Mesmo que Danielle tivesse dito que não era necessário, uma vez que ela morava na Zona Norte da cidade, e que ele faria uma viagem longa de volta.

— Isso também significa que será uma viagem longa até sua casa e que terei mais tempo com você — ele olhou para as outras mesas discretamente antes de sussurrar: — E, assim, também teremos um pouco mais de privacidade.

— Está bem — disse ela, não querendo complicar a vida, como ele havia dito. — Já volto.

Levantou-se e foi até os agentes Ricardo e André e trocou algumas palavras com eles. John fez o mesmo, conversando com o tenente Hessman.

Pouco depois, Danielle e John entravam na Range Rover branca, depois de ela ter sido apresentada a outro Bruno, motorista e, pelo que tinha entendido, amigo pessoal de John. Depois de Danielle orientá-lo a seguir o Linea prata dela, que era ocupado pelos agentes Ricardo e André, seguiram do estacionamento do hotel para a Zona Norte da cidade. O tenente Hessman vinha logo atrás, dirigindo um modelo *Citroën* C4 de cor preta, a distância que não comprometeria a segurança do casal, caso precisasse agir rapidamente.

— John... — Danielle queria esclarecer um certo mal-entendido. Aproveitava o aconchego de seu peito enquanto ele a abraçava.

— O que foi? — disse ele, acariciando seus cachos com o braço apto.

— Não aconteceu nada entre mim e Hugo. Eu o abracei apenas para agradecer. Ele salvou minha vida e...

— Eu sei, amor — respondeu John, sorrindo, mas se lembrando de quando tinha recebido a notícia do atentado a Danielle. John experimentou uma sensação de pânico que desconhecia até então — Letícia e eu sabemos o quanto Hugo precisa aprender a conhecer limites. Mas obrigado por me contar. Então, eu não devo me preocupar com concorrência?

— Não. Nem com Hugo, nem com nenhum outro — ela sorriu.

John queria poder abraçá-la livremente, mas o gesso o impedia. Só de pensar que, se não fosse por Hugo, ela poderia não estar ali e ele poderia tê-la perdido, logo depois de magoá-la... Tinha uma dívida para com o primo. Se manteve distante dele nas últimas semanas, mas tentaria pôr um fim àquele mal-estar entre eles. Afinal, o próprio John também se sentia fortemente atraído por

Danielle.

Danielle retribui o beijo de John lhe deu, Agora mais intenso e possessivo. Ela sentiu John passear as mãos por suas pernas e subir até sua cintura. Danielle sentiu seu corpo arrepiar ao toque dele. John a abraçou com força e beijou o rosto. Ele desceu por seu pescoço, sentindo o sabor da pele dela, fazendo uma trilha com a boca até alcançar seu colo. Danielle sentiu-o depositar lentamente vários beijos próximos ao decote de seu vestido, e isso a fez estremecer.

Depois, segurando o rosto dela, enquanto Danielle acariciava seus cabelos crescidos, voltou a beijá-la. Um beijo que despertou a libido de Danielle que estava esquecida, mas que retornava, apresentando sensações tão urgentes que ela quis prolongar ao máximo aquele beijo. Mas então John interrompeu de repente o contato, encostando a testa dele na dela. Respirou fundo para tomar fôlego e só então Danielle percebeu que também precisava de ar. Ela abraçou o próprio corpo, como sempre fazia quando ficava tensa, e perguntou:

— Fiz algo de errado, John? A inocência daquela pergunta o fez sorrir:

— É melhor eu me conter, por enquanto — respondeu ele, recostando a cabeça no encosto do carro, sem deixar de olhar para ela.

Vendo-a afastar-se dele e evitar seu olhar, não entendeu a mudança repentina de comportamento e percebeu que ela queria dizer algo. Esperou. Não queria fazer nada, agora, que estragasse a felicidade dos dois.

— Eu compreendo — começou ela. — Acho que já sabia não sou boa nisso. eu sei que é algo que um homem experiente perceberia...

— Danielle, do que você está falando? — perguntou John, fazendo-a olhar para ele e segurando as mãos dela, vendo-a preocupada.

— Do que você disse agora há pouco, quando parou de me beijar. Eu entendi... — ela não encontrava as palavras certas para dizer o que queria.

— Entendeu... como assim? O que você entendeu? — como se sentisse que precisava explicar alguma coisa, esclareceu. — Entendeu que, se eu não parasse naquele momento, eu começaria a tirar a sua roupa aqui mesmo e daríamos um show particular para o Bruno? Porque foi isso que eu quis dizer. Eu já imaginei fazer amor com você na minha cama muitas vezes, mas nunca com audiência. E depois desta noite, quando a mulher mais linda que já vi em toda a minha vida entrou naquele restaurante usando um vestido marfim, eu tive que garantir que ela seria minha — explicou, sorrindo.

Danielle piscou algumas vezes e, apesar de chocada com o que ele tinha acabado de dizer, sorriu, tentando não parecer muito tola. Colocou um post-it na

memória para lembrar-se de agradecer o agente André por ajudá-la na escolha do vestido.

— Desculpe-me, eu pensei uma coisa bem diferente — ela voltava a sorrir.

— Danielle, olhe pra mim — ele a envolveu em um abraço e, antes de falar, beijou-a de leve nos lábios. — Somos adultos. É natural que eu queira fazer amor com minha namorada. E, acredite, eu quero muito ter você só pra mim, e sem tantos olhos sobre nós, para que eu possa beijar e desfrutar de cada pedacinho do seu corpo — concluiu, explicitamente.

Namorada. De tudo o que ele tinha dito e que havia ouvido atentamente, aquela tinha sido a palavra capaz de derrubar qualquer insegurança que ela poderia sentir. *John Hauser é meu namorado?! Meu?*

— Meu amor? — chamou ele. — Tudo bem?

— John, eu confio em você.

Ele sorriu.

— Eu também confio plenamente em você, Danielle.

Ela respirou fundo e decidiu que era o momento de compartilhar algo que havia guardado por muito tempo. Por tempo demais, pensou. Queria começar aquele relacionamento sem segredos, e sentia que era o certo a fazer. Era algo que ele precisava saber sobre ela. A vergonha a havia feito esconder o fato da família. Nem sua amiga Rose sabia. Essa havia sido a principal razão para Danielle não ter desejado ter alguém ao seu lado nos últimos anos. A última vez em que tinha ido a um encontro fazia mais de três anos. E não era algo de que gostava de se recordar.

— Então, o que eu tenho pra te contar é que eu...

— Chegamos, Sr. Hauser — disse Bruno, e Danielle notou que o carro não estava mais em movimento.

John disse:

— Acho que teremos que aguardar um pouco — disse, beijando a mão dela. — Sei que é algo importante pra você. Falaremos sobre isso amanhã. Podemos passar o dia juntos, está bem assim?

Antes que pudesse responder, ele desceu do carro e deu a mão a ela, para ajudá-la a sair. Danielle começou a tirar o casaco que ele havia emprestado no restaurante, mas ele apenas disse que ela poderia devolver no dia seguinte. John a acompanhou-a até o portão de acesso ao prédio. Então, Danielle pediu:

— John, eu não posso adiar o que eu tenho pra dizer. Sei que está tarde,

mas não levará muito tempo

A aflição disfarçada em sua voz fez com que ele ficasse preocupado.

— Tão sério assim, amor? — perguntou, começando a ficar tenso.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Um instante, por favor — e, dizendo isso, foi até o carro preto onde estavam o tenente Hessman e a sargento Silvia e trocou algumas palavras com os dois. Depois disso, Danielle o viu dirigir-se aos agentes Ricardo e André, que já estavam fora do carro.

— Vamos subir, amor? — disse John, seguido pelos dois agentes.

Pegaram o elevador e os policiais ficaram à porta enquanto o casal entrava no apartamento. Ele gostou de ver onde ela morava. Não parecia ser um apartamento muito grande. *Uns 80 metros quadrados?*, pensou ele, analisando a partir da sala onde se destacavam duas estantes repletas de livros. Elas ocupavam uma das paredes por completo. Em outra parede estava um quadro a óleo, com uma paisagem muito bonita, lembrando uma cidade histórica, com seus casebres coloridos e suas ruas com calçamento de pedras. O ambiente era aconchegante, com dois sofás de tamanhos diferentes, cobertos com mantas coloridas, um tapete felpudo em frente ao rack com a tv e, no centro, uma delicada mesinha. Danielle o convidou para se sentar e perguntou se ele queria beber alguma coisa, ao que ele respondeu que não. Sentou-se no sofá e, estendendo a mão para ela, fez com que se sentasse.

— Estou ouvindo, Danielle. Leve o tempo que precisar — disse ele, compreensivo.

Ela, visivelmente tensa, começou.

— John, eu sempre tive vergonha do que vou lhe contar... — *não desista agora!*, pensou consigo mesma. — Mas é algo que pode mudar sua opinião a meu respeito. Eu não me envolvo em um relacionamento há alguns anos. A última vez que tentei foi... — balançou a cabeça — não foi bom.

John percebeu que ela tremia ligeiramente, por isso, segurou firme suas mãos para que ela prosseguisse. Várias ideias surgiam em sua mente do que, possivelmente, ela estaria tentando contar. Estaria doente? Teria se envolvido com algo ilícito? Sua mente divagou entre tantas possibilidades enquanto aguardava que ela prosseguisse. Nada daquilo faria com que sua opinião mudasse sobre quem ela era hoje. Só esperava que não fosse nada relacionado a sua saúde.

— Eu sou virgem, John — disse ela, observando a reação dele.

Aquela afirmação realmente o surpreendeu. Sentiu-se aliviado por não ser um problema de saúde, pois tinha planos de tê-la a seu lado por muito tempo.

Mas a sensação de surpresa parecia estampada em seu rosto. Ela tinha 28 anos. Ele sabia disso.

— Bem, é uma surpresa, eu admito. Mas, amor, se o seu receio era que eu apressasse as... — começou John, mas foi interrompido.

— Não, John. Eu ainda não terminei — ela parecia constrangida, mas tinha outro sentimento presente ali, e ele aguardou.

— Quando eu estava concluindo a graduação, comecei a trabalhar como intérprete e também dava aulas para estudantes de períodos iniciais, para ajudar a me manter. Nessa época, tinha um colega que insistia para sairmos juntos, mas eu não simpatizava com ele. O nome dele era Maurício. Eu sabia que ele fornecia drogas para os estudantes e, por isso, sempre o evitei. Eu costumava tirar dúvidas de colegas para ganhar algum dinheiro. Um dia, um aluno do segundo período me ligou, agendando horário para estudar — Danielle olhava para John enquanto falava. — Eu divulgava nos murais da faculdade o meu contato e, volta e meia, me ligavam pra esse tipo de orientação. Mas ele disse que precisava ser depois das 18h, porque trabalhava meio período durante à tarde. Eu concordei. Na biblioteca, havia uma estagiária quando cheguei. Entrei e esperei por ele. Ele chegou e começamos a estudar. Pouco depois, entrou um outro rapaz que parecia ser namorado da estagiária da biblioteca. Ela me disse que não demoraria, e eles saíram um pouco da sala. Ficamos a sós por um tempo. Mais tarde, um outro homem chegou: era o Maurício. Ele entrou e fechou a porta.

John não disse nada. Danielle prosseguiu.

— Eu estranhei a presença do Maurício na biblioteca numa sexta à noite. Seu perfil eram as chopadas e outras festas do tipo. Ele disse que era hora da negrinha que se sentia superior a entender qual era o seu lugar. Me levantei... Estava muito assustada. Me afastei dele e reagi quando ele tentou me tocar. Pedi ajuda para o rapaz. Ele havia dito que se chamava João, mas não sei se esse era seu nome real. Ele ignorou meus apelos e foi para a porta vigiar para que não fossem surpreendidos. Foi quando eu percebi que eles haviam planejado tudo aquilo. Eu entrei em pânico e gritei muito, mas quase ninguém ia pra perto da biblioteca numa sexta-feira à noite. Ele ria das minhas tentativas. Tentei analisar o que eu podia fazer. Ele era mais forte e eu tinha que tentar ser mais esperta. Vi um furador de papel daqueles pesados e quando percebi que ele ia me alcançar, bati com toda a minha força com o aquele peso na cabeça dele e corri pra saída,

mas alguém me derrubou — lembrar daquilo fez Danielle sentir a primeira lágrima rolar por seu rosto e abaixou a cabeça. — Eu tinha me esquecido do tal João.

Fez outra pausa e prosseguiu:

— Quando eu caí, bati com a cabeça no chão. Ouvi os gritos do Maurício e senti quando ele puxou meu cabelo pra me levantar. Vi o rosto dele coberto de sangue. Ele me xingava de piranha, vagabunda, lixo... coisas assim, mas eu estava atordoada por ter batido minha cabeça. Então ele me bateu — a lembrança fez com que ela tocasse o rosto. — Eu tentei levantar meus braços, mas ele os prendeu embaixo de seus joelhos. Estava com muita raiva e continuou me batendo. Ouvi o tal João dizendo para ele pegar mais leve, porque eu já tinha apanhado muito. Ele o mandou calar a boca e rasgou meu vestido com violência... arrancou minha calcinha e meu sutiã.

John fechou os olhos e sentiu como se pudesse visualizar a brutalidade da cena. Um misto de sentimentos invadia sua mente. Danielle respirou fundo e, olhando para ele, continuou:

— Eu pedi para ele parar e foi quando ele me deu um soco. E-Eu desmaiei. Acordei com ele jogando um copo d'água no meu rosto. Ele disse que me queria acordada, pra que eu me lembrasse do que ele iria fazer. Minha visão estava turva, mas vi quando ele abaixou as calças. Ouvi uma voz distante e, depois, percebi que era a estagiária, que gritava algo que eu não entendia. — Danielle não quis controlar as lágrimas. Era a primeira vez que se abria sobre o que havia acontecido com ela.

John a abraçou e Danielle afundou o rosto em seu peito, soluçando. Ele sentia os espasmo do seu corpo, que tremia para liberar o choro reprimido por todo aquele tempo.

— Você não precisa falar mais nada se não quiser, amor — disse ele, segurando-a firme contra o peito e sentindo aos poucos ela se acalmar.

— Eu quero contar tudo, John. Preciso falar — e, olhando para ele, que não soltava suas mãos, sentiu-se mais forte para continuar: — Acho que a estagiária ameaçou Maurício e isso surtiu efeito, pois ele vestiu as calças de volta, apressadamente, e se levantou. Antes de ir embora, me chutou com força nas costas e cuspiu em mim. Lutei pra não desmaiar de novo. Ele saiu correndo com os outros dois. O rapaz que estava com a estagiária também era amigo de Maurício e a usou para conseguir o que queriam. Ela foi uma vítima, também. Eu acordei nua e com aquela moça que tinha me salvado ao meu lado, chorando. Ela os afugentou dizendo que iria chamar a guarda do *campus* ou a polícia. Por

isso, ele não terminou. A estagiária não encontrou ninguém para ajudar naquele horário e viu que Maurício e os outros tinham ido embora. Ela me ajudou ainda mais.

Danielle respirou fundo antes de continuar.

— Ela me levou para o banheiro e me deu o jaleco que usava, que identificava os estagiários. Quis chamar uma ambulância, pedir ajuda, mas eu disse que não. Eu só queria ir pra casa. Morava numa república perto do *campus* e dividia o aluguel com outras três meninas, de outros cursos. Era mais econômico, sabe... — explicou a John, que lhe sorria ternamente, embora tentasse absorver tudo o que ela revelava. — Às sextas-feiras, todas voltavam para a casa de suas famílias. Eu também; mas, depois do que havia acontecido, quis ficar na república. Não queria que ninguém me visse daquele jeito.

Olhando ao redor, continuou:

— Logo, o semestre terminaria e eu só tinha mais duas avaliações para concluir o curso. Enfim, a estagiária me deu uma carona até a república. Quando as meninas voltaram e viram meu olho roxo e os hematomas, eu disse que tinha sido assaltada. Elas acreditaram, porque era algo comum no entorno do *campus*. Mas elas não entenderam por que eu preferi ficar sozinha e por que não havia registrado queixa. Elas me acompanhavam sempre que eu precisava ir a faculdade e, felizmente, não vi nenhum dos três de novo. Fiz a prova para o mestrado e fui aprovada em dois programas. Escolhi o que ficava em Minas Gerais e fiquei por dois anos lá. Mudar de ares me fez bem. Não posso dizer que segui em frente, porque não conseguia deixar nenhum homem se aproximar. Eu me dediquei a estudar; prestei concurso e passei para professora substituta e, posteriormente, para efetiva.

John, que ouvia tudo aquilo em completo silêncio, não conseguia imaginar tamanha barbárie acontecendo com ela. Não com ela, que era incapaz de fazer mal a alguém, pelo contrário.

— Já de volta ao Rio, eu tentei me esforçar para seguir adiante e foi então que eu decidi aceitar o convite de um colega do trabalho para sair. Correu tudo bem, até chegarmos aqui na porta do prédio e ele tentar tocar meus seios. Eu expliquei que era cedo pra mim; que não nos conhecíamos e que deveríamos ir mais devagar. Ele insistiu e colocou a mão por dentro da minha calcinha. Parou de repente, quando percebeu que eu nunca tinha... Acho que pensou que tinha algo de muito errado comigo — Danielle riu de si mesma. — Sem dizer uma palavra, ele abriu a porta do carro pra que eu saísse, e não voltamos mais a nos falar. Não nos esbarrávamos nem acidentalmente, porque ele trabalhava em

outro *campus*.

John nem conhecia o cretino e já o odiava. E duvidou quando ela disse:

— Eu sei que é algo difícil de aceitar — olhou, mais uma vez, em seus olhos. — Eu não tenho como mudar o que me aconteceu. Eu errei por não pensar nos riscos... se você tiver mudado de ideia sobre ficar comigo, eu vou entender.

John levantou-se e puxou-a para um abraço longo. Sem palavras. Queria apenas confortá-la. Ela perdeu a noção de quanto tempo ficaram ali; chorou mais em seus braços. Chorou pelo que havia acontecido e por tudo o que aquele abuso a havia privado de viver e experimentar. Chorou por remorso de não tê-lo denunciado, para que ele não ferisse mais ninguém. Ela notou que havia molhado a camisa de John com suas lágrimas.

Ele a amparava em seu abraço e beijava a testa e os cabelos de Danielle, deixando-a pôr para fora toda aquela dor reprimida anos a fio.

Quando ela já estava mais tranquila, John ergueu seu queixo e disse, da forma mais honesta que pôde:

— Eu quero que você ouça o que vou lhe dizer e nunca se esqueça disso. Nunca, entendeu?

Ela fez que sim com a cabeça.

— O que me contou não mudou em nada o que sinto por você, Danielle. Eu estou apaixonado por você. Ficaremos juntos. Eu cuido de você e você cuida de mim — disse ele, sorrindo. Ele tinha frisado a palavra “juntos” e agora tirava um lenço do bolso, com que enxugou as lágrimas do rosto de Danielle. Beijou, com suavidade, seus olhos, e ela sorriu, esperançosa de ter finalmente alguém com quem queria estar sem reservas.

— Onde fica seu quarto? — ele perguntou, e ela apontou para o corredor, deixando-se conduzir por sua mão. John a fez sentar-se na cama e a ajudou a tirar seu casaco, colocando-o sobre uma poltrona no canto do quarto, onde havia uma agenda aberta. Ele sorriu por um instante e voltou-se para ela. Abriu o guarda-roupa de Danielle, como se procurasse alguma coisa e tirou um pijama de lá. Em seguida, ajoelhou-se e tirou as sandálias dela, ajudando-a ficar de pé.

— Consegue se trocar sozinha?

Ela fez que sim e entrou no banheiro, voltando depois de um tempo usando o pijama de patinhos amarelos. Ele sorriu para ela, pois, com o pijama, ela ficava parecendo uma menininha. Danielle estava exausta emocionalmente e parecia que o cansaço havia se refletido em seu corpo. Limitava-se a atender o que ele pedia.

John apagou a luz, deixando a porta entreaberta, para que a iluminação fraca da sala alcançasse o quarto e, novamente tomando-a pela mão, fez com que se deitasse, com a cabeça apoiada em seu peito.

— Pode dormir, meu amor — disse ele. — Ficarei com você até pegar no sono — ele a beijou na testa e ficou fazendo cafuné, vendo-a sorrir.

— Obrigada, John — disse Danielle baixinho, ouvindo o compasso das batidas do coração dele. Sentindo-se leve e segura, começou a adormecer, como se, naquele momento, aquilo tudo não pesasse tanto em seu coração.

John refletia sobre tudo o que tinha ouvido. Não imaginava violência maior para uma mulher. Ter seu corpo violado. Ser espancada até perder os sentidos, de forma tão covarde. Disso, ele entendia bem, pensou. Gostaria de apagar todo aquele sofrimento das lembranças dela. Mas como não podia mudar o passado, seria, então, o presente de Danielle. E, se ela permitisse, seu futuro também. John fez a si mesmo a promessa de protegê-la daquele dia em diante.



COM O CORAÇÃO PLENO

Danielle acordou e ficou olhando para o teto do quarto. Por um momento, pensou ter sonhado com a noite anterior. Viu, então, o casaco de couro de John sobre sua poltrona de leitura e sorriu. Levantou-se rapidamente e pegou-o, como se fosse um inestimável tesouro. Sem plateia, desta vez, pôs-se a cheirar o perfume amadeirado que o casaco carregava. Ficou relembrando o dia anterior.

Namorada, lembrou-se da palavra que ele tinha usado e que agora soava como o mais belo elogio que já havia recebido. Danielle ansiava por vê-lo novamente. Poder tocá-lo e beijá-lo o quanto quisesse — e queria muito. Ele disse que a procuraria naquele novo dia.

Ouviu um alerta no celular; pegou o aparelho e leu a mensagem: *Formatura da turma de Letras 2016.2, às 19h.*

Nesse momento, o celular em sua mão tocou, dando-lhe um pequeno susto.

— Bom dia, Danielle — a voz dele era tão segura o tempo todo... — Dormiu bem, amor?

— Bom dia, John. Eu dormi bem até demais, na verdade. Acabei de acordar. John, sobre ontem...

— Ontem nós decidimos algo importante pro nosso presente: ficaremos juntos e cuidaremos um do outro — interrompeu ele.

— Você tem certeza que quer mesmo ficar comigo sabendo que...

— Que você é única? Tenho certeza absoluta — ele disse, fazendo-a sorrir do outro lado da linha. — Amor, eu tenho alguns compromissos durante o dia, mas, à noite poderíamos nos ver. O que acha?

— John, eu não poderei encontrá-lo à noite. Esqueci por completo da formatura de uma turma minha. Eles me convidaram ainda no semestre passado. Não posso faltar.

— Compreendo. Espero que seja divertido. Festas assim sempre são muito animadas — respondeu John, sem deixar transparecer decepção por não poder vê-la naquele dia.

— Você... gostaria de me... acompanhar? — perguntou Danielle, sem expectativa nenhuma, apenas por educação. — Bobagem. Você não iria querer passar a noite cercado de...

— Aceito, com prazer — respondeu ele, quase que de imediato. — Desde

que não gere nenhum transtorno para você.

— Mesmo? Eu não quero que se sinta pressionad...

— Vai ser um prazer, porque será mais uma chance de estar ao seu lado, Danielle. Dormi pensando no quanto gostei de beijar você. Quero repetir a experiência o quanto antes — disse, impedindo-a de terminar.

— Eu também gostei muito de nossa noite ontem. Foi muito especial para mim. Vou te dar meu número e... — Danielle percebeu que não tinha dado o telefone de seu apartamento pra ele.

— Ontem, pedi os seus contatos pro agente André e, depois de ele perceber que estamos em uma relação, me entregou — esclareceu John. — Qual é o horário da cerimônia?

— Às 19h — respondeu, notando que sua agenda estava aberta no recorte de jornal com a foto de John. Danielle pôs a mão sobre a boca.

Será que ele viu?, pensou ela. Pior que nem posso perguntar sem me entregar.

— Ouviu, amor? — perguntou John.

— Não, desculpe-me... O que disse? — questionou Danielle, torcendo para que John não tivesse visto o recorte de jornal rodeado por coraçõezinhos que ela tinha desenhado.

— Pode me passar o endereço? Provavelmente, chegarei mais tarde. Vou direto pra lá.

— Certo — disse ela, passando o endereço. — Vou deixar o seu nome, o de Bruno, o da sargento Silvia e o do tenente Hessman na recepção, para facilitar o acesso.

— Ok. Então mais tarde a gente se vê. Combinado?

— Sim, John — concordou Danielle. Mas antes de desligar, queria dizer mais uma coisa. — Eu queria que soubesse que estou feliz por estarmos namorando — Pronto! Disse a palavra proibida.

Ele riu do outro lado. Ela ficou imaginando aquele sorriso lindo.

— Eu estou muito feliz por ser seu namorado.

Danielle despediu-se dele e então tomou um longo banho. Sentia-se cheia de energia. Foi até a cozinha e colocou um CD de Marisa Monte para tocar. Pegou uma receita na porta da geladeira e começou a separar os ingredientes. Foi se distraindo, assim, e preparando a refeição matinal. Depois de tudo estar a seu agrado, pôs a mesa com muito esmero, escolhendo sua louça mais bonita. E

então foi enfim dar bom dia aos agentes.

Contou a eles os planos para aquele dia, que os dois, no entanto, já sabiam, pois ela havia informado sobre os compromissos agendados assim que haviam chegado ao Rio. Da lista, além de um congresso de que ela participaria em outra universidade, só restava a formatura daquela turma.

— Você precisa ir buscar o vestido que deixou reservado. Será a paraninfa, lembra? — disse o agente Ricardo.

— Nossa! Como pude me esquecer de um detalhe tão importante? — admitiu. Seria a primeira vez que receberia essa homenagem.

— Já escreveu seu discurso? — perguntou o outro policial.

— Também me esqueci desse detalhe, talvez por ter me esquecido, por tabela, do outro — respondeu Danielle. — Entrem — convidou — Vamos tomar café e, depois, saímos. Está bem assim?

Eles entraram e ficaram surpresos com a quantidade de comida que havia sobre a mesa.

— O que foi? Algo de errado? — perguntou ela, sem entender.

— Acho que devemos agradecer ao Sr. Hauser pelo banquete desta manhã — brincou André, sentando-se e lançando olhares gulosos para o bolo de cenoura.

— Receita de D. Adelaide. Decidi tentar pra ver se acertava o ponto da massa. Danielle havia feito, além do bolo, ovos mexidos, torradas, suco de laranja com acerola e café. E, na mesa, ainda havia geleia, *cream cheese*, frios e frutas.

Cortou um pedaço do bolo para cada um e esperou. André já ia dando a primeira mordida, quando ela disse:

— Esqueci a calda — e voltou da cozinha com a calda quente de chocolate, derramando-a sobre os pedaços de bolo dos agentes e também sobre o restante, ao centro da mesa.

— Assim, vou ficar mal-acostumado — disse André, sorrindo após experimentar o bolo.

— Gostou mesmo? — perguntou ela, feliz por ele parecer sincero. — Ricardo?

O agente demorou a responder, fazendo suspense. Respondeu, enfim, também sorrindo para ela:

— Está realmente muito bom.

Comeram e perceberam, ambos, a mudança em Danielle. Parecia muito feliz, e essa felicidade era clara em seu olhar e em seu sorriso, mais frequente agora. Ela, notando que eles estavam muito calados e que trocavam olhares cúmplices, ficou confusa.

— Vocês querem me perguntar alguma coisa?

— Apenas porque é necessário, para verificarmos se teremos que fazer mudanças no sistema de vigilância — começou André, quase que imediatamente. — Mas entendemos que é mais que natural você pensar nisso. Queríamos saber se...

— Você e o Sr. Hauser estão em um relacionamento agora? — foi direto ao ponto o agente Ricardo, vendo que o colega se atrapalhava com as palavras.

Danielle sorriu.

— Sim. Nós estamos namorando.

— Viu?! Eu sabia! — disse André, olhando para o agente Ricardo. Parecia ter acertado alguma aposta. — Foi por isso que dei a ele o número dela ontem.

— Mas você deveria ter deixado que a Srta. Nunes desse — retrucou o outro agente.

— Tudo bem, Ricardo. Eu me esqueci, na verdade. Ele vai me encontrar na formatura, mais tarde. Chegará um pouco depois.

Eles assentiram. Tomaram café e levaram Danielle para buscar o traje alugado para a festa. Tudo transcorreu tranquilamente. Danielle pediu ao agente André, que dirigia, que a levasse até a casa de sua mãe, e ficou feliz ao encontrar todos os irmãos e o sobrinho por lá.

— Então, agora, não sou mais convidada para as reuniões de família? — brincou, abraçando os irmãos Felipe e Edson e entrando, acompanhada pelos agentes. Os irmãos já tinham sido apresentados a eles antes, e trocaram cumprimentos masculinos.

— Filha! Que surpresa boa — disse a mãe, envolvendo-a em um abraço longo. — Sua irmã e Hugo acabaram de chegar, também de surpresa.

— Tia! — o garoto correu para abraçá-la, pulando em seu colo.

— Oi, meu fofucho! — disse Danielle, girando o menino nos braços. — Como você está?

Ele riu e nem respondeu a sua pergunta, pois tinha muita coisa para contar sobre sua viagem de férias.

— Tia, sabia que eu fui ao parque Beto Carreiro com meu pai? Foi bom à

beça. Dei umas voltas na montanha russa de lá, que é de matar uma pessoa do coração. Mas eu não tenho medo. Fui três vezes — disse, mostrando os dedos.

Danielle ria da empolgação do sobrinho.

— Vou querer saber de todos os detalhes no almoço, combinado? Assim, todos poderemos ouvir sobre suas aventuras. E oi, Ju — disse, beijando e abraçando a irmã.

— Minha irmã, me apresenta esses dois — disse Júlia, nem respondendo ao cumprimento, o que fez com que Danielle risse.

— Júlia, esses são os agentes Ricardo e André, que vieram do Maranhão para cuidar da minha segurança, enquanto for necessário.

— Muito prazer, senhora — disse André assim que Júlia se aproximou, admirada com a altura e o porte atlético dos dois.

— Igualmente. Que bom que estão cuidando de minha irmã — disse ela, num sorriso que mostrava todos os dentes

— Como vai, senhora? — perguntou o agente Ricardo, com educação, apertando a mão de Júlia.

— Melhor agora. Quer dizer... vou muito bem — respondeu e, voltando-se para a irmã, cochichou em seu ouvido:— Vou passar a visitá-la com mais frequência, irmãzinha.

— Devo lembrá-la de que é uma mulher casada?

— Estou me separando. Sabe disso — e mostrou a língua para Danielle.

— Sei, mas é cedo para pensar em um substituto para o Hélio — devolveu uma careta.

— Meninas, me ajudem a pôr a mesa. Vamos todos almoçar juntos. Que ótimo!

Danielle, a mãe e a irmã aproveitaram para colocar a conversa em dia. Conversaram sobre a cerimônia de formatura, sobre Hugo e a custódia compartilhada após o divórcio, sobre D. Antônia, que havia ligado mais cedo. Pareciam, porém, evitar falar sobre o motivo de os agentes estarem acompanhando Danielle aonde quer que ela fosse.

— Eu queria contar uma coisa para vocês — disse Danielle, parecendo um pouco nervosa.

— Aconteceu alguma coisa, minha filha? Algum dos bandidos aparec...

— Não, mãe, calma! Não é nada disso — tranquilizou Danielle. — É algo pessoal.

— O que é então, menina? Para de fazer rodeios — disse Júlia, comendo um pedaço enorme de torta. A irmã sempre tinha sido impaciente, ainda mais quando se tratava de uma novidade.

— Bem, eu estou namorando.

A irmã de Danielle se engasgou e quase deixou cair a travessa com o arroz no chão. A mãe ficou sem palavras, mas conseguiu salvar a travessa das mãos da outra filha, antes que ela a jogasse no chão.

— Danielle, que notícia maravilhosa, irmã — disse Júlia, já recuperada. — Qual dos dois gatos que andam com você é o escolhido? Se bem que os dois são... — e, mordendo os lábios, a irmã fez um gesto com as mãos.

— Nada disso, Júlia. E fala baixo, que eles podem ouvir você, falando alto assim — respondeu ela.

— Nós conhecemos ele, filha? — perguntou a mãe, sorrindo para ela e frisando a palavra ele. Também não disfarçava que estava contente com a novidade.

— Sim e não — disse, evasiva, Danielle.

— Filha, senta aqui — e acomodaram-se em bancos altos, perto da bancada da cozinha. — O que quer que você queira me contar, eu quero que saiba que sua mãe sempre vai apoiar suas escolhas. Sei que, por ser uma mãe nordestina, tenho esse jeito mais disciplinador e posso parecer intransigente, muitas vezes. Mas minha filha, eu ...

— Danielle, mamãe acha que você é lésbica! — desembuchou a irmã.

— O quê? — foi a vez de Danielle levantar a voz. — Eu não sou lésbica. Respeito a escolha de todos, mas isso nem é uma possibilidade para mim.

— Não te falei, mãe? A pretinha é igual a mim. Ela gosta de p...

— Calada! Me respeite, sua desbocada! — disse a mãe. Ela se levantou e se voltou para Danielle. — Eu apenas supus que fosse isso que você ia me dizer, filha. Você sempre foi tão reservada. E isso só piorou quando você decidiu ir pra Minas fazer mestrado.

Danielle se perguntou se, um dia, poderia revelar para a mãe e para a irmã o que realmente havia acontecido.

— Desembucha logo de uma vez! — disse Júlia, com os braços cruzados e batendo com o pé de ansiedade. — Quem é o cara?

Danielle olhou de Júlia para a mãe, que aguardavam.

— Eu estou namorando John Hauser — disse, por fim.

— Minha nossa. Aquele gato? Aquele homem que mais parece uma estátua grega, de tão lindo? O cara é rico, mãe — disse Júlia, sacudindo D. Rita. — Não, ele é riquíssimo. Milionário!

— Se controla, Júlia Aparecida! — disse a mãe, libertando-se das chacoalhadas da filha mais velha.

— Mãe, não gosto que me chame assim. Sabe disso — Júlia odiava o segundo nome. Precisava “agradecer” a avó por ele.

— Filha, você gosta dele? — perguntou a mãe, ignorando Júlia. Danielle sorriu e fez que sim a cabeça. — Ele disse que gosta de você? — continuou a mãe, temerosa de a filha se machucar. Júlia calou-se, finalmente.

— Ele disse que eu sou única para ele e foi John quem me chamou de namorada primeiro.

Silêncio. De repente, as três começaram a gritar e dar pulinhos pela cozinha, o que atraiu a atenção dos cinco homens na casa.

— Danielle? — rapidamente, o agente Ricardo chegou à cozinha, seguido do agente André, e depararam-se com a cena.

— Tudo... bem por aqui?

— O que houve? — um dos irmãos perguntou.

— Que confusão é essa? — disse o outro.

— Tia? — foi a vez de Hugo, que aparecia assustado no meio das pernas dos tios. Danielle pegou-o no colo, acalmando-o.

— Está tudo bem, fofucho — disse, sorrindo e dando-lhe um beijo. — Só estamos felizes.

— Por quê? — disse, ainda sem entender.

— Ah! Porque..

— Porque sua tia desencalhou e agora tem um namorado lindão, meu filho! — disse a mãe do garoto.

— Júlia! — Danielle repreendeu a irmã e observou as caras de surpresa dos irmãos.

— Era pra ser segredo? — perguntou Júlia, fingindo-se de desentendida.

— A senhora vai se casar? — perguntou Hugo, em sua inocência infantil. Danielle enviou um olhar de “você me paga” para irmã, e ela devolveu um de “te dou até troco”.

— Não, meu amor. A tia não vai se casar. Casamento é uma decisão muito

séria — e, cansada de ter tantos olhares sobre si, Danielle mudou de assunto. — Vamos almoçar? Já passa das 14h.

E foi o que fizeram. O almoço foi descontraído e Danielle tirou o holofote de si, fazendo questão de que Hugo contasse todos os detalhes das dezenas de brinquedos em que havia ido com o pai no parque. Todos riram da forma animada e inocente como ele contava. Danielle ficou feliz por ele ter se divertido tanto. Torcia para que os danos causados pelo divórcio dos pais fossem mínimos.

Os irmãos conversavam com os agentes sobre futebol e, também, não mencionaram mais o assunto. Sempre haviam respeitado sua privacidade. Sentiu-se grata por isso. Depois de se deliciarem com os dotes culinários de D. Rita no almoço, era hora de apreciarem o seu famoso pavê.

E então Danielle e os agentes despediram-se de todos para que ela pudesse se preparar, com tempo, para a formatura.

— Se cuida, pretinha — disse seu irmão Felipe.

— Não demora tanto para vir nos visitar, tá bom, Dani? — pediu seu irmão mais velho, Edson.

Ela sorriu para eles. Sempre haviam sido muito unidos.

— Manda fotos pra mim da cerimônia — disse a irmã. — Quero ver você nesse vestido, já que deixou ele no carro só pra não me mostrar — disse Júlia, alfinetando a irmã.

— Pode deixar, vou mandar sim, sua boba.

— Filha, estou feliz por você estar feliz — disse a mãe, baixinho, ao abraçá-la. — Sabia que você encontraria alguém que tocaria seu coração. Esse homem deve ser muito especial para ter te conquistado.

— Ele é, mãe. Só não quero que crie expectativas. Ainda estamos nos conhecendo. É cedo — disse, tentando manter os pés no chão.

Danielle pediu a bênção e beijou a mãe no rosto antes de sair. Estava se sentindo muito bem por ter desfrutado da companhia de toda a família naquela tarde. Até os agentes haviam relaxado um pouco de seu constante estado de alerta, desfrutando daquele dia agradável. Danielle sabia que a expectativa de se encontrar com John em poucas horas prometia também uma noite incrível pela frente.



A FESTA DE FORMATURA

Quarenta minutos antes do início previsto para a cerimônia de formatura, Danielle chegou ao salão de festas reservado para a colação de grau de seus alunos. Os agentes sempre antecediam os horários de seus compromissos, a fim de checar todas as opções de acesso ao local: saídas de emergência, acesso de funcionários, banheiros e a presença de algum possível suspeito. Danielle percebeu que eles se mostravam preocupados. Provavelmente pela quantidade de pessoas circulando na casa — muitos amigos e familiares dos formandos, outros professores da universidade com seus acompanhantes, além da equipe de funcionários e prestadores de serviço da casa de festas.

— Vai dar tudo certo, pessoal — disse ela, tentando desfazer a ruga na testa do agente Ricardo. Com a intenção de descontrair o clima, disse ao outro agente: — André, você percebeu que o Ricardo me chamou hoje pela primeira vez pelo meu primeiro nome, lá na cozinha da minha mãe? — disse, sorrindo para os dois.

— Foi um deslize. Não tornará a acontecer — disse Ricardo, sério. Percebendo que ela não havia gostado da resposta, esclareceu: — Assim é melhor. Não somos autorizados a...

— Já somos amigos, Ricardo. Ainda tem dúvidas disso?

O agente sorriu para ela, mas não disse nada. Vendo que ele ainda não estava convencido, Danielle continuou.

— Por que não fazemos assim: na frente de outras pessoas, vocês podem manter essa formalidade. Mas, entre nós, seremos a Danielle, o Ricardo e o André. Pode ser?

A oferta pareceu agradar aos agentes e, vendo ambos consentirem, ela parou na frente dos dois com o vestido longo de cetim em tom alaranjado, o mesmo que haviam buscado naquela manhã. Sem importar-se com nada, segurou o braço de cada um para que a conduzissem para dentro da casa de festas, em direção à mesa reservada a ela e a outros professores que também seriam homenageados. Ficou encantada com a decoração. O salão estava enfeitado com flores da estação em tons rosa e vermelho. Havia também muitos lustres que garantiam a iluminação e davam certo requinte ao ambiente.

Alguns alunos pararam-na pelo caminho, cumprimentando-a. Mas, antes,

Danielle foi levada à sala onde colocaria a beca de paraninfa. Lá estavam todos os formandos colocando suas próprias becas, além de alguns outros professores. Os agentes mantiveram-se sempre por perto. Havia um clima de alegria no ar. Ela viu as expressões animadas e descontraídas dos alunos, e aquilo a deixou encantada. Todos com a expressão de dever cumprido estampada no rosto. *Abraçavam uma carreira cheia de desafios, mas que carreira não era?*, pensou Danielle.

Foi para o lugar reservado a ela e ficou feliz por encontrar a cerimonialista no caminho. Repassou os dados de John Hauser e de seus acompanhantes. Ela tomou nota, garantindo-lhe que informaria a recepção.

— Danielle — chamou o agente André, discretamente. — Queremos que use isso.

Segurando o pequeno aparelho, pouco menor que um fone de ouvido, ela perguntou:

— Querem que eu use um ponto?

— Sim. Haverá momentos em que você precisará manter-se a uma distância superior à que gostaríamos, e essa é uma forma de nos comunicarmos com você; e você, conosco. O receptor é essa pequena caneta. Pode mantê-la na sua bolsa; o alcance dele é de até duzentos metros, e nossa localização está a menos que isso do palco onde fará seu discurso.

Danielle checou a bolsa delicada e, fingindo usar o espelho da aba, retocou o batom. Ao passar a mão pelo cabelo, colocou o aparelho no canal auditivo. Guardou o batom e o receptor juntos. Minutos depois, a cerimônia começava. Danielle conversava com uma colega de outro departamento com certa reserva, pois ela tinha fama de ser curiosa e falar demais. Valeska era chefe do departamento de línguas eslavas e talvez por isso tivesse sido convidada, a despeito de não ser muito bem vista entre seus pares. Como era de se esperar, fez dezenas de perguntas sobre John Hauser, sobre o sequestro e até quis saber detalhes sobre o andamento do caso.

Danielle esquivou-se, dizendo que não podia tecer comentários devido ao sigilo da investigação. Vendo que não teria sucesso, Valeska disse de forma maldosa:

— Dizem as más línguas que você e o Sr. Hauser estão tendo um caso — pareceu uma triste coincidência que, no mesmo momento em que Valeska fez aquele comentário ardiloso, a música ambiente que abafava suas palavras inconvenientes cessou repentinamente, fazendo com que todos os ocupantes da mesa escutassem e olhassem para elas. Danielle sentiu o sangue fugir de seu

rosto e olhou na direção de Ricardo, que a aconselhou, pelo ponto eletrônico, a ignorar o comentário. Ele reforçou a sugestão com o olhar ao perceber que ela pretendia levantar-se.

Danielle pediu licença aos demais ocupantes da mesa, mas, ao tentar ficar de pé, esbarrou em alguém e quase tropeçou: tinha pisado com o salto alto na barra de seu próprio vestido. Ao mesmo tempo, sentiu que era segurada por mãos hábeis, o que evitou que passasse por aquela humilhação. Vieram à mente de Danielle aqueles programas de pegadinha, nos quais havia sempre alguém tropeçando e fazendo um papelão naquele tipo de evento. Não imaginava que, agora, esse alguém poderia ser ela. Olhou para quem a havia amparado e deparou-se com ninguém menos que John Hauser.

Namorado... Sabia que não se tratava de André, pois, estava a uma distância maior que os três metros que a separavam do agente Ricardo, já posicionado perto do tablado elevado que, além de funcionar como palco, depois da solenidade seria transformado em pista de dança.

— Amor, precisa ser mais cuidadosa — disse John, sorrindo e acariciando seu rosto.

Não querendo mais resistir e vendo Danielle naquele vestido que realçava cada curva de seu corpo e resplandecia a cor de sua pele, John deu-lhe um beijo cinematográfico, sem se importar com as dezenas de olhares e os cochichos paralelos. A presença dele não passaria despercebida naquele lugar.

Sorrindo para Danielle, disse baixinho em seu ouvido:

— Deixa que daqui eu assumo, meu amor.

O que será que ele tem em mente?, pensou Danielle consigo mesma. Havia ficado surpresa com o beijo inesperado, mas admitia que adorava senti-lo tão perto novamente. Parecia que todos os seus sentidos haviam despertado com aquele beijo. John se voltou para todos na mesa, sem soltar a cintura de Danielle. Sem parecer ter sido o protagonista do beijo que tinha deixado metade das mulheres ali com inveja da moça, e a outra metade com despeito por querer estar em seu lugar, apresentou-se:

— Boa noite a todos. Acredito que são colegas de trabalho de minha namorada — disse, exibindo todo o poder de seu charme e emanando sua masculinidade em um meio sorriso. — Sou John. É um prazer conhecer todos vocês — disse ele, admirando novamente como Danielle estava linda naquele vestido e tendo pensamentos nada sensatos, naquele momento, sobre a localização do zíper.

Os homens pareciam intimidados ao se compararem com aquele belo

exemplar masculino que acabava de chegar. Além de, é claro, terem uma ideia da sorte de pensamentos que ocupavam a mente de suas acompanhantes quando algumas, disfarçadamente – outras, nem tanto – direcionavam seus olhares e seus melhores sorrisos para John.

As mulheres entreolharam-se depois da declaração de John sobre ele ser o namorado de Danielle. Talvez, se não tivessem ouvido dele próprio, não acreditariam. *A Danielle sem graça era a namorada de um homem como John Hauser?*, era essa a interrogação que ela lia no rosto de todas as colegas com quem trabalhava direta ou indiretamente.

— Há lugar marcado? — perguntou John, olhando para os ocupantes da mesa, mas sem fixar sua visão em ninguém em especial.

Nova situação constrangedora: na verdade, não havia, mas a maioria dos colegas haviam se sentado, de forma a não respeitar a possibilidade de ela estar acompanhada. Desse jeito, não havia duas cadeiras livres lado a lado. Muitas das mulheres, se pudessem, dispensariam para outro canto seus parceiros, para que John se sentasse mais perto delas. Valeska tentava parecer menos atônita e invejosa por John demonstrar tanta atenção com Danielle e não se incomodar com demonstrações públicas de afeto.

— Sr. Hauser, sente-se aqui — ofereceu um professor do departamento de línguas anglo-germânicas, chamado Marco Aurélio, convidando John pelo sobrenome. Ele se levantou e fez com que sua esposa fizesse o mesmo, pulando uma cadeira. John agradeceu e, ao avistar Ricardo, cumprimentou-o com um aceno de cabeça. Sabia que o agente André deveria também estar bem posicionado.

John puxou uma cadeira para Danielle e, depois, sentou-se a seu lado, segurando a mão dela.

— Sr. Hauser — começou Valeska a destilar seu veneno. — Que surpresa o senhor vir prestigiar nossos alunos neste evento tão simples para os seus padrões.

John olhou para a mulher ruiva. Ela se insinuava tanto em seu modo de falar arrastado e revelava tanto de seu corpo com o decote pronunciado, que ele não dirigiu a ela mais do que um rápido olhar. John virou-se para Danielle antes de responder.

— Eu estou aqui hoje não para prestigiar os estudantes, apesar de a noite ser deles. Vim para desfrutar da noite ao lado de minha namorada.

Danielle sentiu borboletas no estômago por ele assumir publicamente estar comprometido com ela.

Valeska, que não estava acostumada a ser ignorada, queria criar um embaraço.

— Ah! Então, isso significa que nossa Danielle arrebatou seu coração e logo ouviremos a marcha nupcial? — a mulher, dissimulada, vendo a expressão surpresa de Danielle, sorriu ao notar que o tiro havia sido certo.

Danielle percebeu que, por conta da indiscrição sem tamanho, os olhares de todos na mesa haviam pousado sobre eles. Ela já ia emendando um argumento.

— É cedo para falar nisso. Estamos ainda nos conhecendo.

Foi quando Danielle ouviu John virar o rosto dela com delicadeza. Com uma expressão firme, mas amorosa, ele a interrompeu.

— Se um dia Danielle me der essa honra, serei o homem mais afortunado do mundo.

Danielle piscou várias vezes, sem perceber, como fazia quando ouvia algo que a surpreendia. Valeska virou-se para a banda, que recomeçava a tocar, para disfarçar ter sido pega em sua própria armadilha, enquanto o restante da mesa finalmente parecia aceitar que a vida particular deles não era da conta de mais ninguém.

Naquele momento, começaram a chamar os professores que iriam compor a mesa da solenidade sobre o palco. Danielle despediu-se de John com um beijo rápido em sua face e ele retribuiu, beijando a mão dela. Ela pegou a bolsa e trocou olhares com Ricardo, que também se movimentou, indo mais à frente com André. Foi então que viu a sargento Silvia, linda, em um vestido preto até a altura do joelho e de muito bom gosto, acompanhada pelo tenente Bruno Hessman. Ninguém diria que estavam ali para proteção de John Hauser. A sargento sorriu, pensando que Danielle e John faziam um belo casal.

Assim, a cerimônia transcorreu com a chamada nominal dos formandos, que foram recepcionados com aplausos e palavras de boa sorte. Foram feitas as devidas homenagens aos patronos da turma, Machado de Assis e Charlotte Brontë. Seguiu-se a homenagem aos pais, aos que partiram, aos mestres e, posteriormente, a oradora da turma fez seu discurso e foi muito aplaudida. Chegou o momento de Danielle fazer o seu. Ela se levantou um pouco nervosa, mas se emocionou ao ouvir os gritos de seus alunos ecoarem naquele salão: Danielle! Danielle! Danielle!

Respirando fundo, Danielle posicionou-se em frente à bancada e começou seu discurso:

Prezados pais, familiares, amigos, colegas e queridos formandos, boa

noite! Começo meu discurso pedindo a vocês, meus alunos, que tentem lembrar-se do momento em que escolheram a carreira docente. Do momento em que tomaram a decisão e pensaram: serei professor/serei professora. Tomo emprestadas as palavras do grande educador Paulo Freire, que nos fala a respeito. Ele diz que, apesar de a carreira de professor, de modo geral, ser mal remunerada, não ocupar uma posição de elevado prestígio em nossa sociedade e que, embora tantas e tantas vezes, os professores sejam apontados e responsabilizados pela situação da educação em nosso país estar muito aquém do ideal, grande parte desses mesmos professores resistem e continuam apaixonados pelo trabalho. Paulo Freire prossegue e diz algo que sempre tocou meu coração: “Ninguém nega o valor da educação e um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores”. Risos.

Isso nos mostra que o trabalho de educar é duro, difícil, mas também necessário. Meus queridos, no decorrer dos meus anos de graduação, eu tive a figura da minha mãe como minha maior incentivadora para que eu obtivesse êxito na faculdade. Por isso, também quero parabenizar a vocês, senhores pais, avós, responsáveis e – por que não? – maridos, esposas e filhos, por apoiarem nossos alunos nessa caminhada que, por muitas vezes, torna-se árdua de prosseguir sem uma palavra de incentivo e amor. Eles chegaram até aqui... a esse momento, por mérito deles. Mas é uma conquista de toda a família e de todos vocês, também. Então, meus afilhados, é grande a felicidade de estarmos aqui hoje, para juntos celebrarmos e aplaudirmos a vitória de vocês e de suas famílias!

Meus parabéns a cada um. Desejo que compartilhem com discernimento e amor o conhecimento adquirido e trocado nesses anos em nossa universidade. Que Deus os abençoe sempre! Obrigada!

O som de palmas invadiu o ambiente, mas Danielle procurou um olhar na direção da mesa de onde tinha se levantado antes. Ali, no meio daquela multidão, encontrou quem procurava. John estava de pé, sorrindo para ela e aplaudindo-a. O peito dela se encheu de uma emoção tão indescritível, que até parecia que transbordaria de amor. Após a entrega dos diplomas, a pró-reitora de graduação encerrou a solenidade. Em seguida, a cerimonialista convidou a todos para desfrutarem do *buffet* e aproveitarem o início do baile. A música já tocava alta, mas, antes de os formandos se dispersarem e se reunirem com seus familiares, houve a tradicional chuva de capelos. Aquele momento ficaria eternizado na memória de Danielle.

Ricardo e André rapidamente a acompanharam à mesma sala para a

devolução da beca, aguardando pacientemente enquanto muitos alunos se reuniam para registrar o momento ao lado de Danielle. Vários flashes foram disparados antes que ela pudesse retornar à sua mesa. Quando enfim conseguiu, John a recebeu com um abraço apertado e com o olhar cheio de orgulho.

Àquela altura, muitos colegas já haviam ido para o buffet e outros, como Valeska, já subiam na pista de dança.

— Vamos comer? — perguntou ela a John, olhando, novamente, para Ricardo e André.

— Sim, amor, claro — e, dando as mãos, foram até o buffet e serviram-se.

Nesse momento, o tenente Hessman e a sargento Silvia se aproximaram.

— Parabéns, Danielle! — disse Silvia, sorrindo. — Seu discurso foi poético. Realmente tocante.

— Apesar de minha tremedeira e das vezes em que gaguejei — completou Danielle, rindo de si mesma.

— Você realmente inspirou essas pessoas. Quero aproveitar a oportunidade para me desculpar por desmerecer o papel social de sua carreira, como você mencionou em nossa primeira conversa, Srt^a. Nunes — o tenente Hessman aproximou-se e estendeu a mão. Danielle retribuiu o gesto, vendo sinceridade no olhar dele.

— Vamos esquecer tudo aquilo, tenente — disse ela. Sentia-se grata por aquele momento maravilhoso que vivia e não queria alimentar dissabores que não levariam a lugar algum. — Sei que sua preocupação era com minha segurança, de qualquer jeito.

Os quatro agentes se posicionaram estrategicamente. Não tomaram bebidas alcoólicas e também não se serviram do *buffet*. Aquela era uma situação que exigia sua total atenção. Depois que Danielle terminou de comer, decidiu ir ao banheiro retocar a maquiagem. Sargento Silvia a acompanhou, por razões óbvias, e o agente André ficou à porta. John decidiu ir também, e Hessman e Ricardo foram com ele. Como sempre, havia fila no banheiro feminino. Danielle aproveitou e conversou um pouco com a sargento Silvia, que também parecia não relaxar quando em serviço. Finalmente, chegou sua vez. Mas, antes que entrasse, ouviu a voz do agente Ricardo no ponto, seguida por um barulho que se assemelhou a um tiro. O barulho seguinte indicava que já havia um grande alvoroço entre as pessoas no salão.

Era um tiro, com certeza.

— Danielle! Onde você está? — chamava, pelo ponto eletrônico, o agente

Ricardo, que a tinha perdido de vista.

— Na fila do banheiro, Ricardo. Não estou mais vendo o André, mas a sargento Silvia está aqui comigo. O que houve? — disse, falando com a bolsa próxima à boca.

— Fique onde está! Estou indo te buscar com o André. Se tiver chave, tranque a porta até ouvir minha voz.

Danielle, alarmada, tentou trancar a porta, mas muitas mulheres, ouvindo o tiro, quiseram sair para tentar se proteger em outro lugar. Sargento Silvia e ela, em vão, tentavam bloquear aquele acesso, pois as mulheres que estavam na fila forçavam passagem para entrar e, de repente, a porta foi aberta com tamanha violência que acertou o rosto da sargento Silvia, que caiu, quase perdendo os sentidos. De onde estava, Danielle viu vários policiais de uniforme circulando pelo salão. Nem fazia ideia de como haviam chegado tão rápido.

Danielle não se preocupava mais em fechar a porta. Tirou rapidamente seus sapatos de salto alto e, não se importando em sujar seu vestido, ajudou a policial a sair de trás da porta, indo para um dos cantos do banheiro, onde havia um banco comprido, em que a ajudou a se sentar. Só então deu por falta da bolsa. Ouviu Ricardo e André dizerem a John onde ela estava, mas, como não ouviam sua resposta, não puderam impedi-lo de ir à sua procura.

— Olá! — disse um homem alto, que mais parecia um armário. Ele usava um uniforme da segurança com o logo da organizadora do evento. — Como vai, Danielle?

— Quem é você? Como sabe meu nome? — perguntou ela, alarmando-se por conhecer a resposta.

Silvia, ainda muito zonzinha, parecia procurar por alguma coisa. Danielle percebeu que a bolsa dela havia caído atrás do banco, e seu vestido impedia que o homem a avistasse.

— Você sabe quem eu sou — disse ele, revelando o brilho de uma faca que tirava das costas. O objeto claramente tinha sido coberto pelo terno.

O homem caminhou na direção dela como se não tivesse pressa.

— Prometo ser rápido. Você vai sentir pouca dor. Garanto — disse, cada vez mais próximo. — Você nos deu muito trabalho, sabia? Os meus dois parceiros sangrariam você como um porco pela dor de cabeça que você causou.

— Foi você que tentou me atropelar no estacionamento naquele dia? — perguntou Danielle, ganhando tempo e temendo que John aparecesse repentinamente pela porta do banheiro, sem saber o que o aguardava.

— Sim. Te vigiamos de perto desde que percebemos que John Hauser se preocupava muito com seu bem-estar. Sabíamos que ele viria até você. Assim, seria mais fácil concluirmos o trabalho. E foi o que ele fez. Você acabou nos dando nosso alvo principal de bandeja. Aquele tiro foi pra ele. Provavelmente, já está estirado no chão, em uma poça de sangue.

Danielle tremia ante a visão descrita pelo homem, mas sabia que John estava vivo. Ricardo conversava com ele. Mas não revelaria isso ao bandido.

De repente, a sargento Silvia foi de encontro ao homem, que não esperava. Ela o acertou um chute certeiro na mão, fazendo com que a faca caísse.

— Sua piranha! Vou ter muito prazer em acabar com sua raça — disse o criminoso.

Ela ainda conseguiu desviar de vários de seus golpes, esquivando-se. Ele tinha a vantagem da força e ela, a da agilidade, apesar de Danielle notar que havia um fio de sangue escorrendo por seu rosto. Infelizmente, a policial foi atingida por um soco no estômago e, já no chão, o bandido lhe deu um chute forte nas costas. Aquela imagem trouxe uma recordação que tomou a mente de Danielle. Maurício havia feito o mesmo com ela. Tinha ficado daquela mesma forma: sem defesa no chão. E ele havia chutado suas costas com tanta força que ela quase tinha desmaiado.

Danielle prometeu a si mesma que não seria mais vítima de violência sem reagir de alguma forma e, enquanto o homem na sua frente procurava pela faca, que agora rolara para debaixo de um dos toiettes com porta, lembrou-se da bolsa da sargento Silvia. Pegou-a e, abrindo-a o mais rápido que pôde, tirou de lá uma arma. Assim, quando o bandido reapareceu com a faca na mão e começou a se abaixar na direção da policial caída no chão, Danielle disse, apontando a arma para ele:

— Solte a faca agora ou eu prometo que vai se arrepender, seu covarde! — Danielle tentava manter o autocontrole.

Ele riu, como se duvidasse de que ela seria capaz de fazer isso.

— Você não vai atirar em mim. Sabe por quê? — desafiou ele, ficando mais perto do corpo estirado da policial. — Por que te falta coragem para isso.

Danielle destravou a arma e disse:

— Vou repetir pela última vez: solte essa faca e afaste-se!

— Ou o quê? — e, dizendo isso, deu-lhe as costas em desafio, voltando-se para a policial. Danielle, não tendo alternativa, disparou, atingindo-o na coxa esquerda.

— Sua vagabunda! — gritou ele, cambaleante. — Você me paga! — e então voltou sua fúria para Danielle tão rapidamente que, por ainda estar sob o efeito do choque do disparo, foi facilmente alcançada.

Mas Danielle lutou contra ele, e a arma ainda disparou um segundo tiro ao cair no chão, destravada.

Danielle estava no chão com aquele homem monstruoso imobilizando seus pulsos. Ela se debatia com todas as suas forças e, instintivamente, mordeu o braço dele, sendo jogada com força em algum lugar. O golpe tinha vindo direto no rosto dela. Danielle ainda ouviu outro disparo antes de mergulhar na escuridão, inconsciente.

EDGARD, SUSPEITO NÚMERO UM?

— Delegado Antunes, admito que é uma surpresa vê-lo por aqui — disse Edgard Hauser.

— Como vai, Sr. Hauser? — disse, polidamente, o oficial, entrando no escritório e pedindo que os policiais que o acompanhavam permanecessem sentados na antessala e aguardassem-no lá. — Eu creio que o senhor já tenha ficado sabendo do incidente de ontem à noite, no Rio de Janeiro, envolvendo seu sobrinho.

— Incidente? Não sei a que se refere — disse Edgard, franzindo o cenho e apontando as cadeiras à frente da sua mesa, fazendo um gesto para que o policial se sentasse.

— Ontem, conseguimos prender dois dos sequestradores em uma cerimônia de formatura de alunos da Srta. Nunes. Acreditamos que, de alguma forma, eles sabiam que o seu sobrinho estaria no Rio de Janeiro e que estaria exatamente naquele local, acompanhando a namorada. Infiltraram-se como seguranças da festa e pretendiam atirar contra John, mas felizmente foram impedidos pelo agente André e pelo tenente Hessman. Edgard Hauser levantou-se de ímpeto. Para surpresa do delegado, perguntou:

— Como assim "namorada" de John?

— O senhor compreendeu o que eu disse? Houve uma nova tentativa de assassinar seu sobrinho — disse o delegado, parecendo não acreditar que, de tudo o que havia dito, aquela era a única informação com a o tio de John se interessava.

— Sim, ouvi, mas também entendi que o senhor afirmou que, felizmente, nada aconteceu a ele. O que não compreendi foi por que o senhor se referiu àquela mulher como namorada de meu sobrinho — afirmou Edgard, ratificando o que tinha dito antes.

O delegado, muito seriamente, disse:

— Sr. Edgard Hauser, a vida particular de seu sobrinho não me diz respeito. Mas soube pelos agentes que cuidam da segurança dela e, depois, pelo seu sobrinho, que eles estão em um relacionamento, sim.

Ele fez uma pausa antes de voltar ao foco da visita.

— O que realmente importa para a investigação é que novos indícios e o interrogatório dos sequestradores me motivaram a vir aqui, para pedir sua colaboração e a de sua família, ajudando a preencher algumas lacunas em nossa linha de investigação.

— Que indícios? — quis saber Edgard.

— Não posso revelar maiores detalhes, por enquanto, porque a investigação segue em segredo de justiça. Mas preciso que me responda algumas perguntas.

Edgard Hauser concordou com a cabeça, juntando as mãos sobre a mesa enorme, em madeira de lei.

— Pretende me dizer por que realmente está aqui, delegado?

— Sr. Hauser, vim para informar que o senhor está sendo implicado como um dos suspeitos pelo sequestro e pela tentativa de homicídio de seu sobrinho.

— O que está dizendo? Que absurdo é esse? — esbravejou Edgard, levantando-se em choque pela acusação feita pelo delegado.

O próprio delegado também se colocou de pé e, com toda a calma que sua profissão exigia, prosseguiu.

— O senhor não foi formalmente acusado ainda, mas está sendo investigado como o mandante do crime e também pelo que aconteceu ontem, no evento que mencionei, no Rio de Janeiro — disse, sem rodeios, o delegado Antunes.

— Eu tenho me colocado à disposição da polícia. Até mesmo disponibilizei nosso helicóptero e piloto e ofereci uma recompensa de duzentos mil reais para informações concretas que conduzissem a polícia aos criminosos. Pode me explicar como passei a suspeito desse crime bárbaro contra meu sobrinho? John já soube desse despautério? Tenho certeza...

— Sr. Hauser — interrompeu o delegado —, seu sobrinho afirmou ter cogitado, sim, a possibilidade de o senhor ter sido o responsável pelo que aconteceu.

Aquela afirmação fez com que o homem à frente do delegado passasse de ultrajado a confuso em segundos.

— John disse que acredita que eu fui o mandante?

— Seu sobrinho foi questionado a respeito de como era o relacionamento com o senhor, e ele resumiu que sempre tiveram diferenças na forma de conduzir a companhia. Também disse que o senhor não aceitou bem ser destituído da presidência da empresa, embora ele seja o herdeiro por direito e possua a maioria das ações.

— Sim, sempre tivemos nossas divergências a respeito dos negócios, e não é segredo para ninguém que me coloquei contra sua forma de conduzir o Hauser *Gruppe*, por não a considerar a mais lucrativa para a empresa, mas nunca passou por minha cabeça mandar matar meu próprio sobrinho. Eu jamais faria algo assim — refutou Edgard.

— Dinheiro e poder são as principais razões levantadas em casos de sequestro envolvendo membros da mesma família. É mais comum do que possa imaginar — respondeu o delegado, recebendo um olhar de fúria de Edgard Hauser.

— Eu não contratei esses criminosos. Não tenho nenhum envolvimento com esse crime. Se era só isso que queria saber, por favor... — e dizendo isso, apontou-lhe a porta.

— Uma última pergunta, Sr. Hauser — disse o delegado de pé, encarando-o do outro lado da mesa. — Aonde o senhor foi na manhã em que a Srta. Nunes quase foi atropelada no estacionamento do hospital?

— Como assim? — questionou Edgard, sabendo aonde o delegado queria chegar.

— Quer que eu repita a pergunta?

— Eu entendi a pergunta, mas quero entender o que está insinuando. Que, além de mandar matar meu sobrinho, também sou o responsável pelo que aconteceu a... essa mulher, naquele dia? — disse Edgard, referindo-se a Danielle com depreciação.

O delegado Antunes se sentia incomodado pelo tom de desprezo com que ele sempre se referia a ela, e sabia exatamente o que significava.

— O senhor claramente tem algo contra a Srta. Nunes. Posso saber o que levou o senhor a ter essa opinião sobre ela?

— Eu sempre acreditei que essa mulh... Que a Srta. Nunes teve algum envolvimento com o sequestro de John. Nunca engoli essa história sem pé nem cabeça que ela relatou de ter sofrido um acidente e, depois, tê-lo encontrado no meio no mato por obra do acaso.

— Compreendo. Mas já desconsideramos essa abordagem. Nos baseamos, principalmente, no depoimento de seu sobrinho e nos inúmeros álibis dela que checamos. Agora, voltando à pergunta que fiz, tive a oportunidade de conversar com sua filha Letícia e seu filho Hugo por telefone a respeito e eles disseram algo vago sobre o senhor precisar resolver algo no hotel onde estava hospedado naquele dia, antes do incidente no estacionamento. O senhor confirma?

— Sim, eu fui verificar alguns dados relevantes para uma negociação da Hauser que o diretor financeiro me havia enviado. Minha assistente me ligou e decidi voltar ao hotel para verificar.

— Compreendo. E o senhor ficou lá por quanto tempo? Recorda-se? — questionou o delegado, tomando nota de tudo.

— Até depois do almoço, por volta das 14h.

— Suponho que seu diretor financeiro more aqui em Florianópolis também — inquiriu, ainda, o delegado.

— Sim, ele se chama Klaus Heinz — confirmou Edgard.

— Precisarei conversar com ele para checar a informação — disse o delegado.

Edgard Hauser pegou o telefone e deu ordens a sua assistente para que repassasse o contato e o endereço de Klaus ao policial.

— Mais alguma coisa, delegado? — perguntou Edgard, visivelmente aborrecido.

— Por enquanto, não. Passar bem, Sr. Hauser.

Edgard Hauser preocupou-se com a divulgação de tal suspeita caindo na mídia. As ações da empresa poderiam sofrer um sério baque na bolsa de valores. Precisava evitar aquilo a qualquer custo.

HELENE, O ANJO MAU

— *Dame* Magda, a polícia está na sala querendo falar com *Herr* Heinz. Eu disse que ele saiu há cerca de quinze minutos, mas eles gostariam de falar com a senhora — disse a empregada, com o semblante preocupado.

A avó de Klaus ficou apreensiva com a informação. Agradeceu a *Frau* Olga e encaminhou-se para o quarto do neto.

— Helene — chamou, batendo à grande porta branca com detalhes ricamente entalhados na madeira.

Magda Heinz sabia que as feições angelicais da jovem esposa de seu neto eram apenas uma máscara muito conveniente para esconder a podridão do interior daquela mulher. Mas respeitava a escolha do neto que sempre tinha sido apaixonado por ela, embora Helene Kirshner o tivesse desprezado por muitos anos. A esperança da velha senhora era que, logo, ele despertasse e visse o quanto Helene era pérfida.

— Pois não? — a esposa do neto pareceu não gostar nem um pouco de ter sua conversa com a amiga Sabine Muller interrompida, e nem tentou disfarçar isso.

— Helene, a polícia está lá embaixo, à procura de Klaus — disse Magda, vendo Sabine experimentando as joias de Helene e não se dignando a cumprimentá-la. Se *dame* Magda pudesse, nem dirigia a palavra à própria Helene.

— Polícia? — disse a loira, surpresa, chamando a atenção de sua amiga, que se levantou, aproximando-se. — Klaus está lá embaixo no escritório. Quer que eu vá chamá-lo, é isso? — perguntou Helene.

— Não — disse a anciã. — Quero que me acompanhe para recebê-los. Klaus saiu agora há pouco, segundo *Frau* Olga.

— Disseram do que se trata? — perguntou Helene, parecendo levemente perturbada por *dame* Magda balançar a cabeça, mostrando não saber de mais nada. — Então acho melhor que a *dame* fique no quarto. Eu pedirei a Sabine para me acompanhar e verificaremos do que se trata essa visita.

— Não tente me dar ordens em minha própria casa, Helene — disse a velha senhora, em tom de advertência, o que fez com que Sabine imediatamente se afastasse e voltasse ao que estava fazendo antes. Apesar disso, pôde ouvir bem Magda Heinz continuar. — Sua amiga compreenderá ser privada de sua

companhia por alguns minutos, pois, qualquer que seja a razão da visita da polícia a minha casa, o assunto não a interessa — Magda frisou a palavra “minha”.

Helene fez um gesto para que Sabine a aguardasse no quarto e saiu contrariada por ter sido colocada em seu lugar por *dame* Heinz na frente da amiga. Ela estava ciente de que, embora Sabine fingisse não prestar atenção, a ruiva ouvia cada palavra trocada entre elas.

— Boa noite, senhoras — disse o delegado Antunes, que permanecia em pé, admirando a sala ampla e decorada com bom gosto, na companhia de dois agentes que também permaneciam de pé, mas a uma certa distância. — Sou o delegado Antunes. Eu e minha equipe viemos encontrar o Sr. Klaus Heinz, mas fui informado de que nos desencontramos. Peço desculpas por chegar sem prévio aviso; tentei ligar para o celular dele, mas não obtive sucesso. Estou à frente da investigação do sequestro e da tentativa de homicídio do Sr. John Hauser.

Aquela informação pareceu despertar a atenção de Helene.

— Boa noite, delegado — disse ela. — Eu sou Helene Heinz, esposa de Klaus, e esta é a matriarca de nossa família, a avó de Klaus, *dame* Magda Heinz.

Ele as cumprimentou com um gesto de cabeça.

— Por favor, sentem-se. Aceitam algo para beber? — disse *dame* Heinz, respeitando o protocolo social.

Ele agradeceu, mas recusou.

— Delegado, qual é a razão desta visita? — perguntou, sem rodeios, *dame* Magda. — Por que precisa conversar com meu neto acerca desse crime?

— Também gostaria de saber o que querem com meu...

— Helene... — chamou sua atenção a velha senhora, com classe, mas deixando claro que deveria Helena ficar em silêncio.

O delegado facilmente percebeu que a relação entre elas não era das mais amistosas, bem como percebeu que a velha senhora, de baixa estatura e já com todos os seus fios de cabelos brancos, era a autoridade dominante ali. Então, virou-se para ela.

— Estamos checando todos os detalhes relacionados ao sequestro do Sr. Hauser. Sei que as duas famílias estão ligadas há décadas. Mas foi aqui que toda a história começou. Foi da mansão dos Heinz que o Sr. Hauser foi subtraído, senhora. Como ele foi resgatado no Maranhão, a justiça deliberou que o comando das investigações ficaria a cargo do meu distrito e não da polícia de Santa Catarina. Estamos recebendo ampla colaboração da força-tarefa de

Florianópolis para encontrarmos o mandante do crime.

— Sim, mas não vejo em que mais a minha família pode ser útil, senhor. Colaboramos com tudo o que nos foi solicitado, porque John é muito querido por nós. A família Hauser e a nossa são muito próximas, como o senhor mesmo disse. Mas a polícia local já colheu o depoimento dos membros de minha família e todos os nossos empregados também foram interrogados. Fornecemos a lista das equipes de *buffet* e filmagem contratadas para a cerimônia. Além disso, a polícia permaneceu aqui, e periciaram a minha casa por três dias consecutivos.

— Atrasaram a minha viagem de lua de mel, inclusive... — disse Helene, revelando-se aborrecida pelo suposto transtorno que o crime tinha causado a seus planos. E então a loira recebeu um olhar firme de *dame* Heinz, como uma segunda advertência. Helene se pôs em silêncio depois de um pedido desgostoso de desculpas.

O delegado, querendo parecer solidário, afirmou:

— Sei que a presença da polícia aqui e todo o protocolo adotado devem ter sido bastante inconvenientes para sua família e rotina — olhou para Helene. — E, sim, nós recebemos todos os relatórios periciais e também os depoimentos coletados, senhora. Mas novos fatos surgiram. Dois dos criminosos foram presos duas noites atrás em uma cerimônia onde se encontravam a Srta. Nunes e o Sr. John Hauser. Eles tentaram matá-lo mais uma vez.

— Minha Nossa Senhora! — exclamou Magda, colocando as mãos sobre o peito. — John está bem? E essa moça... eles estão bem?

Helene Heinz pareceu impassível diante do que ouvia. O fato não passou despercebido pelo delegado.

— Sim. Agora, estão — disse o delegado, acalmando Magda. — Um deles agrediu a moça. Felizmente, os policiais que garantiam a segurança de ambos agiram rapidamente e capturaram os criminosos. Mas apenas dois deles foram pegos.

— Graças a Deus! — disse a senhora, parecendo mais calma.

— Qual seria o horário mais adequado para agendar uma conversa com seu neto amanhã, senhora Heinz?

— O senhor pode vir logo pela manhã, às 10h. Garantirei que ele esteja à sua espera, delegado — respondeu ela, embora não soubesse em que mais o neto poderia ajudar.

— Delegado, o senhor sabe o que John Hauser foi fazer nesse evento? — perguntou Helene, tentando não se mostrar curiosa. — Era algum compromisso

de negócios ou...

— Não, senhora. Pelo que sei, ele estava acompanhando a namorada, que seria paraninfa de uma turma de alunos.

— Namorada? Acho que o senhor está enganado. Somos de um círculo social um tanto diminuto, se alguém como John Hauser estiv...

— O Sr. Hauser em pessoa me disse que está em um relacionamento com a Srta. Nunes — disse o delegado, intrigado com o súbito interesse da esposa de Klaus Heinz na vida privada de John. Decidiu observá-la mais atentamente para ver como aquela afirmação a atingiria; ele se lembrava da reação de Edgard Hauser.

A jovem loira disfarçou bem a expressão inicial de assombro. Mas tanto a anciã como o delegado perceberam que aquela notícia a havia afetado. Depois que os policiais saíram, Magda Heinz passou por Helene sem dizer uma palavra. Mas Helene fazia uma ideia do que a avó de seu marido estava pensando. Decidiu ignorar Magda, como sempre havia feito desde que o casamento tinha sido realizado. Não precisava mais usar a máscara de moça comportada diante dela.

Helene voltou para o quart, a tempo de ver *Frau* Olga sair de lá com a cabeça baixa, como se tivesse chorado, carregando uma bandeja. Uma inquieta Sabine tinha solicitado um chá para acalmar a ansiedade por notícias do que se desenrolava na sala, mas tinha devolvido a bebida sob desaforos à governanta dos Heinz. Sabine tinha achado o gosto “intragável”.

Helene não pareceu se incomodar com isso e, estando as duas agora a sós, confidenciou à amiga a conversa com a polícia.

— Você só pode estar brincando, Helene — disse Sabine completamente atônita. — Como um homem da estirpe de John iria se sujeitar a uma relação com uma... — pareceu procurar uma palavra politicamente correta.

— Com uma preta recém-saída da senzala?

— Eu ia dizer afrodescendente. Não é assim que chamam hoje em dia em nosso país com todas essas cotas e ações afirmativas para tudo? — Sabine riu ao perceber que a amiga não se preocupava em maquiar o preconceito.

— Eu entendo que ele até sinta um pouco de gratidão pelo que ela supostamente fez — continuou Helene. — Além disso, ela com certeza foi bem recompensada pelos Hauser. O próprio John não tolera dever favores. Mas isso é um absurdo! É inaceitável. Há uma convenção que precisa ser preservada. Somos uma comunidade pura. Algo assim pode ter sérias repercussões em nosso

círculo social.

— Amiga, na verdade, pelo que eu sei, nunca houve uma norma estabelecida a respeito da questão das relações sociais em nossa comunidade. Sempre foi mais um costume que se perpetuou, um hábito que vem sendo aceito. Nada mais que isso. Meu pai mesmo se casou com alguém de fora da nossa comunidade, lembra?

— Faça-me o favor, Sabine. Sua mãe era branca e herdeira de uma fortuna antes de seu pai levar a família à ruína — disse Helene abertamente. — Sorte sua ela ter percebido a tempo o que aconteceria e, antes de morrer, deixar um fundo de reserva para você.. Enfim, não há comparação, por mais que sua linhagem tenha essa mácula... — disse Helene, sem esconder o desdém.

Sabine não gostou da alusão a sua família, mas não era a primeira vez que Helene a desmerecia propositadamente. Fingindo ignorar o comentário, disse:

— Helene, pode ser só curiosidade de sair com uma mulher de cor. Por ele nunca ter experimentado. Dizem que elas são fogosas e não têm limites entre quatro paredes — justificou-se Sabine. — Ela deve ser, no máximo, uma distração temporária para o John. Homens têm dessas coisas. Não vê o primo dele? Até com aquela raça asiática ele já saiu e...

— Hugo é diferente! — interrompeu Helene, aos berros. — Todos sabem disso! E todos aceitam, principalmente, porque ele nunca apresenta uma de suas... conquistas excêntricas a ninguém. Até ele conhece a grandeza do sobrenome que carrega, para fazer algo tão vil. Para Hugo, mulheres dessa classe são um passatempo, mas John Hauser não se envolve sem que haja compromisso. Ele teve apenas duas namoradas formais desde que me entendo por gente, aquela alemã, na faculdade, e eu. Se ele assumiu essa criatura inferior como namorada, isso é uma afronta a mim e a nossa sociedade, você não entende? — disse, claramente perturbada com a revelação do delegado.

— Amiga, se for mesmo assim... Acho que seu plano elaborado não saiu como você esperava — devolveu, maliciosamente, Sabine.

— É impressão minha ou parece que você está feliz com isso, Sabine? — perguntou Helene.

Sabine mudou de postura e adotou um discurso mais solidário.

— Perdão, Helene. Eu... Me desculpe. Estou sendo insensível com seu sofrimento. Não sei onde estava com a cabeça. Se isso que você contou for realmente verdade, a notícia cairá como uma bomba sobre todos nós.

Sabine confortou a amiga, abraçando-a para tranquilizá-la. Intimamente,

porém, conjecturava que, com Helene fora de seu caminho por ter sido desprezada e ter escolhido casar-se com Klaus, não seria uma negra qualquer que a impediria de se tornar a futura esposa de John Hauser.

— Eu prefiro vê-lo morto. Se não for para ele ser meu, não será de nenhuma outra — concluiu Helene.

KLAUS

Klaus Heinz observava a esposa dormir. Admirava sua beleza e traços delicados. Desde muito jovem era encantado por Helene. Tinha sido um adolescente franzino e, talvez por essa razão, não tinha feito muito sucesso com as garotas. Mas desde que tinha visto Helene pela primeira vez, prometeu a si mesmo que, um dia, ela seria dele.

Klaus também não demonstrava muito interesse por esportes coletivos. Preferia aqueles em que o resultado final dependia exclusivamente dele, por não ser muito sociável. Quando Helene partiu para cursar o ensino médio na Europa, sabia que demoraria a reencontrá-la, pois o pai de Klaus, Petrus Heinz, era contra a ideia de o filho único estudar fora do país por três anos, como a maioria dos jovens de seu círculo social fazia tradicionalmente quando concluía o ensino fundamental.

Klaus virou piada entre seus colegas, que consideravam seu pai um homem avarento. Assim, a contragosto, ele se resignou a prosseguir seus estudos em sua cidade mesmo e a ter um professor particular para aprimorar o alemão. De fato, seu pai não concordava em esbanjar dinheiro com o que ele chamava de “futilidades”, como um motorista exclusivo para o filho, algo comum em seu meio social. *Herr* Petrus achava absurdo trocar anualmente de carro, por exemplo, apenas para mostrar que podia. A avó de Klaus sempre tinha considerado Petrus um homem sensato por pensar daquela maneira. Por outro lado, a mãe não concordava.

— Se temos dinheiro, por que não usufruir plenamente das vantagens que ele pode oferecer? — dizia ela em uma das discussões corriqueiras sobre a questão. — Eu quero que Klaus vá pra Alemanha e possa apreciar o que um país de primeiro mundo tem a lhe oferecer. Por mim, nós todos iríamos para propriedade da família e moraríamos definitivamente na Europa — dizia, repetida vezes, Abigail Heinz.

Dinheiro era sempre a razão das brigas entre os dois. Klaus sabia que o pai a amava, mas não concordava com os valores fúteis de Abigail. Possuíam uma vida excessivamente confortável em Florianópolis. Porém, apesar de rico, seu pai era um homem simples, que havia tido apenas uma vaidade na vida: cobiçar Abigail, que era uma mulher de beleza ímpar, tendo recebido até o título de Miss Santa Catarina e viajado o mundo como modelo. Klaus, certa vez, tinha ouvido uma conversa da avó, descobrindo que, antes de se casar com seu pai, sua mãe

havia sido namorada de Edgard Hauser.

Quando Abigail se divorciou do pai de Klaus, ele tinha dezesseis anos de idade. Ela fez questão de ter sua guarda, e Klaus pensou que finalmente teria a vida que queria. Mas não foi bem assim. Mudaram-se para Berlim no mesmo ano, e Klaus foi posto em uma escola de prestígio, onde muitos de seus colegas brasileiros já estudavam desde o ano anterior. Eles permaneciam na escola durante todo o ano, e só retornavam ao Brasil nas férias e para celebração das festas de fim de ano. Klaus pensou que, para ele, seria diferente, já que a escola era em Frankfurt, e ele poderia voltar para Berlim aos finais de semana.

Foi o que aconteceu no início. Mas, quando voltava para casa, a mãe estava sempre envolvida com suas novas amizades, planejando algum jantar ou *brunch* para recebê-las, e pedia que ele se mantivesse no quarto para não atrapalhar os preparativos. Nova escola não significou novos amigos e, principalmente, não significou que Helene agora o veria com novos olhos. Na verdade, ela fazia questão de ignorar o jovem, mesmo que estivessem sentados lado a lado durante as aulas. Ela andava com um grupo popular da escola e subornava funcionários para conseguirem passes de fim de semana, que só poderiam ser liberados pelos pais, expressamente.

Lembrou-se de quando a viu chorando porque seu namorado a fez comprar os passes e, ao invés de levá-la, chamou outra garota para conhecer Paris. Klaus se aproximou timidamente do grupo de amigas que tentavam consolá-la e perguntou se poderia ajudar em alguma coisa. Ela o olhou com desprezo e disse:

— Quando alguém como eu precisaria da ajuda de uma criatura tão insignificante e sem brilho como você? — Ela fez uma pausa antes de continuar o discurso e mostrar que tinha completa aversão a ele. — Nunca mais me dirija a palavra — e saiu sem olhar para trás, fazendo com que todos ali rissem dele.

Naquela mesma tarde, Helene revelou o esquema para um professor, que fez a denúncia chegar ao diretor da instituição. Os dois jovens acusados foram expulsos ao retornarem no domingo, e os funcionários envolvidos foram demitidos.

Apesar de não gostar de esportes em grupo, Klaus era obrigado a participar de pelo menos uma atividade por semestre na escola. Tinha optado por futebol, por ser um esporte com o qual estava familiarizado com as regras, mas as rivalidades entre alunos brasileiros e alemães eram muito acirradas em campo, resultando em brigas e inimizades, muitas vezes. E foi assim que Klaus levou a primeira surra de sua vida. Nem ele sabia como, mas, por ser leve, tinha habilidade com a bola e essa habilidade o levou a ser notado pelos colegas, que

logo passaram a disputar para tê-lo no time. Sua escola tinha ganhado o campeonato entre os colégios de sua cidade e disputaria o título com outra instituição, essa de Leipzig.

O principal jogador do time adversário também era brasileiro e da mesma cidade de Klaus. Era um sobrenome conhecido em sua comunidade. Suas famílias eram próximas porque seus bisavós haviam emigrado na mesma época para o Brasil. A avó de Klaus havia sido até madrinha de casamento dos pais do outro estudante. Mas ele e Klaus nunca haviam tido a oportunidade de se conhecer direito, porque John tinha ido estudar na Alemanha muito pequeno, após a morte dos pais, e acabou permanecendo em Leipzig.

Aquela foi a primeira vez que encontrou John Hauser.

Viu que as garotas estavam em alvoroço por causa do rapaz alto, de cabelos escuros e com músculos desenvolvidos para a idade. Ele tinha traços pouco característicos para um descendente de alemães, e isso o tornava ainda mais atraente para as garotas e, em especial, para Helene. Klaus a viu na arquibancada, com os olhos brilhando voltados para John. Queria que ela olhasse para ele daquela forma e decidiu que mostraria a ela quem era o melhor jogador.

O time de Klaus estava ganhando por 2 a 0, mas John estava no banco, e bastou ele entrar ao fim do segundo tempo para empatar o placar. Diferente dos demais times que haviam enfrentado, que jogavam em bloco, ou seja, todos os jogadores iam para o ataque e também atuavam na zaga, o time de John optou por uma estratégia mais brasileira. John era muito bom na posição de centroavante, mas estava jogando como ponta direita. Jogava bem em qualquer posição de ataque. Quando ele mesmo não fazia o gol, preparava a jogada para um companheiro de time concluí-la.

No intervalo, enquanto ia para o vestiário, Klaus viu Helene literalmente se jogando nos braços de John, e aquilo o encheu de um ódio inexplicável. Voltou para o campo, decidido a derrotá-lo. E conseguiu, apesar de ter adotado uma postura muito mais agressiva, chegando a cavar um pênalti em cima de John, derrubando-o e causando uma confusão em campo entre os jogadores adversários. Klaus marcou mais dois gols, e seu time ganhou por 4 a 3, com três gols seus.

Ao final da partida, todos os jogadores se cumprimentaram, e os dois foram os últimos de cada fila. John o encarava de cima, e Klaus não se deixou intimidar, já preparado para receber o troco por tê-lo derrubado com um carrinho daquela forma no campo. John levantou os braços, mas apenas para tirar a camisa e oferecê-la a Klaus.

— Ótimo jogo. Ano que vem será diferente — disse, sorrindo. — Mas se quiser, aparece em Leipzig que te ensinamos como um brasileiro deve jogar.

Klaus observou a camisa estendida e, depois de pensar um pouco, tirou a própria para trocá-la com John.

— Mas hoje foi o sangue alemão levou a vantagem — rebateu Klaus, apertando firme a mão daquele que seria seu adversário em muitas ocasiões dali por diante.

Klaus e John passaram a se encontrar em disputas esportivas e eram considerados as estrelas dos times. A rivalidade estava sempre presente, mas o respeito também. Nessas ocasiões, a namorada de John, uma moça ruiva alegre e de sorriso fácil, estava presente para dar apoio ao time, o que não impedia Helene de, sempre que tinha oportunidade, insinuar-se para John. Apesar de John esquivar-se dela com educação, Klaus não superava o ciúme que sentia.

O jovem loiro tinha mudado bastante desde então. Seu corpo se desenvolveu e em menos de dois anos já era um dos jogadores mais altos do time e, com a prática constante de exercícios e os treinos diários, seu corpo passou por uma transformação. Em nada lembrava o menino franzino que havia saído do Brasil anos antes. E, somado ao sucesso que fazia no campo, os músculos também, enfim, despertavam o interesse feminino. A personalidade também havia melhorado; estava mais autoconfiante e seguro de si.

Ele e John receberam ofertas de universidades no último ano na escola e, mesmo sem precisar, estudaram com bolsas de estudos destinadas a atletas. Escolheram a LMU, mais conhecida como Universidade de Munique, e, jogando como parceiros, não mais como adversários, acabaram se aproximando. Klaus sabia que os pais de John haviam morrido em um acidente quando ele ainda era muito pequeno e que, por isso, ele não voltava ao Brasil com a mesma frequência que os demais jovens, incluindo Klaus, que sempre voltava nas férias de verão. O tempo que Klaus passava no Brasil, aliás, era maior do que o que tinha ao lado da mãe, que tinha se casado de novo e, em sua nova vida, não tinha muito espaço para dar atenção ao filho. O novo marido não se incomodava em atender a todos os caprichos de Abigail, de forma que ela esbanjava sua fortuna em festas, viagens e joias.

Klaus e o pai passaram a ter uma relação mais próxima. A maturidade o havia feito entender que o pai priorizava a família, enquanto sua mãe valorizava apenas a imagem diante da sociedade. A avó sempre recebia Klaus com muito amor e fazia seus pratos preferidos para mimá-lo. Estava no segundo ano da faculdade quando seu técnico interrompeu um treino e o chamou. Seu pai havia

falecido. John Hauser e ele haviam se tornado amigos a essa altura, de modo que foram juntos a Florianópolis para o funeral, já que a mãe estava em Ibiza e apenas mandaria flores e um cartão dizendo que sentia muito pela grande perda da família.

Parecia que tudo aquilo pertencia a um passado muito distante de Klaus. *Como se tivesse acontecido em outra vida*, pensou ele enquanto beijava os cabelos da esposa. A mulher mais linda que já havia conhecido. Hoje, ela estava ali. Era sua, como um dia ele tinha prometido que seria. Paciência sempre havia sido a grande virtude de Klaus.

Quando Klaus concluiu a faculdade, retornou ao Brasil e só pensou em ter a oportunidade de rever Helene. Conseguiu uma boa colocação no Hauser *Gruppe* e o próprio Edgard Hauser foi seu tutor, fazendo-o compartilhar de uma visão mais prática de conduzir os negócios. Klaus se tornou o braço de Edgard direito na direção da corporação, e seria o próximo CEO da companhia em pouco tempo, uma vez que Hugo não demonstrava o menor interesse para seguir os passos do pai. O próprio Edgard tinha assegurado isso a ele. Mas John, que havia permanecido na Europa após terminar a faculdade, voltava a Florianópolis após seis anos à frente da filial em Leipzig, e tudo mudaria na vida de Klaus, começando pelo fato de John assumir a presidência da companhia.

Klaus já namorava Helene havia dois anos. Decidiu pedi-la em casamento. Então, ela rompeu com ele, e ele sabia o porquê. Um ano depois, ela estava saindo com John. Klaus esforçou-se para ignorar a presença de ambos quando os via juntos socialmente. Apesar disso, ainda se mantinha perto de John Hauser e buscou ganhar a confiança dele, estreitando os laços da juventude. Depois de ter sido rejeitada por John, em pouco tempo Helene reconsiderou e procurou por Klaus, buscando a reconciliação. Mas John ainda tinha algo que Klaus queria: a presidência da empresa. Um sorriso havia surgido em seus lábios. *Mas por quanto tempo?*, pensou ele consigo mesmo, descendo para tomar café com a avó.

Foi nesse momento que Klaus foi informado da visita da polícia.

No horário marcado, o delegado Antunes chegou e seguiu a governanta até o escritório de Klaus Heinz. Ao entrar, pôde ouvir a suave melodia de piano e violino.

— Sente-se, por favor, delegado — disse o homem alto e com traços europeus evidentes em suas feições. — A música o incomoda? — perguntou ele, mostrando-se disposto a desligar.

— De forma alguma, Sr. Heinz. Admito que aprecio muito música clássica.

— Então, provavelmente, deve saber que os mais importantes nomes da

música clássica são alemães.

— Na verdade, Sr. Heinz, Bach, Wagner e Beethoven, de fato, nasceram na Alemanha, mas os compositores por quem tenho maior apreço, como Mozart e Schubert, apesar de viverem na Alemanha, eram naturais da Áustria.

— Estou impressionado com seu conhecimento sobre música clássica, delegado Antunes — disse o homem, embora o policial tivesse percebido que ele não era uma pessoa de se impressionar tão facilmente assim.

Então, o delegado foi direto ao motivo de sua visita. Klaus Heinz manteve-se impassível, quase estoico, durante todo o questionamento. Ele confirmou o que Edgard Hauser havia dito sobre o envio da papelada, que justificava sua saída do hospital antes do horário do incidente com a Srta. Nunes. Respondeu a todas as perguntas feitas pelo delegado com a mesma expressão imperturbável no olhar: falou de sua relação com John, esclareceu qual era sua função na companhia, disse acreditar que John tinha inimizades nos negócios, como todo empresário, mas nada que pudesse acarretar ou ter alguma ligação com o sequestro.

O delegado Antunes, então, decidiu entrar em um terreno desconhecido da vida de John Hauser:

— Sr. Heinz, pelo que pude entender, John Hauser e o senhor são amigos íntimos, não é mesmo?

— Sim, somos. Estudamos juntos na Europa e, desde então, somos muito próximos — confirmou ele.

— Durante o período do sequestro de John Hauser, o senhor e sua esposa viajaram em lua de mel, correto?

— Sim, viajamos para a Grécia por duas semanas, logo que a equipe policial terminou a perícia na mansão e depois de termos dado nossos depoimentos. Foi o presente de casamento do John.

— Compreendo.

— Helene estava muito empolgada com a viagem e, apesar da gravidade da situação, ficarmos em Florianópolis não iria colaborar para que John fosse encontrado mais rápido — justificou-se Klaus.

— Compreendo — repetiu o delegado, sem tirar os olhos de seu bloco. — E você, provavelmente, conheceu as mulheres da vida de John, não é mesmo? — perguntou o delegado, notando uma pequena mudança em sua postura.

— Sim. Se está se referindo ao fato de minha esposa já ter se relacionado com John tempos atrás...

— Sr. Heinz, eu desconhecia essa informação — disse o delegado, entendendo agora o interesse de Helene Heinz pela Srta. Nunes, e notando o desconcerto momentâneo de Klaus.

Teria ele alguma insegurança a respeito da devoção de sua esposa?, pensou o delegado, tomando notas em seu bloco, como de costume.

— Oficialmente, desde que o conheço, sei que John namorou durante o ensino médio com uma colega em Leipzig, mas, antes que ele entrasse na faculdade, romperam. Na graduação, ele saiu com algumas garotas, mas nenhuma que lhe despertasse um interesse real. Depois disso, voltei para o Brasil e comecei a trabalhar no Hauser *Gruppe*, e John ficou ainda por seis anos na filial de Leipzig antes de voltar e assumir a presidência da companhia. O breve namoro dele com Helene aconteceu um ano depois de seu retorno, mais ou menos.

— Isso quer dizer que, três anos atrás, eles estavam juntos, correto? — inquiriu o delegado, muito interessado nas expressões do homem à sua frente.

— Exatamente — confirmou ele.

— Então, crime passional seria uma possibilidade que o senhor descartaria, não é mesmo? — disse o delegado, parando de tomar notas e levantando o olhar para Klaus.

— Delegado, de fato, acredito que, por meu amigo ser um homem muito reservado e não se mostrar suscetível a paixões arrebatadoras, desconheço qualquer chance de o orgulho ferido de uma mulher ser a motivação para esse crime. Mas sei que as jovens solteiras em nossa comunidade... ele é o solteiro mais cobiçado como genro que conheço. Daí a ser crime passional, acho improvável.

— A polícia, a princípio, não descartou nenhuma possibilidade, Sr. Heinz, e seria até mesmo plausível, se consideramos o perfil psicológico traçado por nosso psiquiatra do possível mandante. Acreditamos que seja alguém relativamente próximo à vítima, pois a orientação dada aos sequestradores era de que, antes de o matarem, deveriam torturá-lo. O crime de tortura é muito peculiar, por ter o propósito de buscar arrancar informações da vítima ou, simplesmente, a pura vingança. E as pessoas buscam vingança quando não conseguem superar uma ofensa pessoal. Uma mulher que tenha sido rejeitada pelo Sr. Hauser, por exemplo, poderia achar justo reparar tal afronta com esse tipo de retaliação. O senhor conhece alguém que se encaixaria nessa descrição? — perguntou o delegado.

— Não, delegado. Sinto não poder ajudá-lo mais. Já acabamos, não é

mesmo? — disse Klaus, levantando-se e, tal como tinha feito Edgard Hauser, mostrou a porta ao oficial.

— Sim, claro. O senhor deve ter seus compromissos profissionais — disse o delegado, apertando a mão de Klaus. — Mais uma última pergunta, Sr. Heinz.

— Pois não? — disse, claramente irritado pela insinuação deliberada do delegado em relação a Helene. — O garçom que abordou John Hauser quando ele se dirigia ao estacionamento argumentou que o senhor queria falar com John com urgência. As imagens das câmeras de segurança revelaram o rosto dele — disse o delegado, estendendo a fotografia a Klaus. — A equipe do *buffet* afirmou que ele não estava entre seus contratados. Por acaso, o senhor conhece este homem?

Klaus se deteve a olhar a fotografia por um momento antes de responder.

— Não. Nunca vi este homem antes.

O delegado agradeceu pelo tempo e saiu, entrando na viatura com os agentes. Algo o intrigava naquele homem. Sua intuição raramente o enganava. *A jovem esposa do Sr. Klaus Heinz era o calcanhar de Aquiles*, pensou o oficial, agora decidido a investigar a fundo a nublada relação entre o casal e John Hauser.



OS CAMINHOS PELOS QUAIS A VIDA NOS LEVA...

JOHN

— André, como ela está? — perguntou John Hauser ao agente.

— Pergunta difícil de responder, senhor — respondeu o oficial por telefone.

— Ela tem dormido? — John quis saber, preocupado. Ele próprio também não dormia bem desde a última conversa que haviam tido.

— Pelo que percebo, ela passa as noites assistindo TV. Desde o comunicado da Reitoria, ela parece perdida, senhor. Mesmo ela não tendo sido responsável pelo que houve, tiros foram disparados e vidas colocadas em risco. A mídia encontrou nela o bode expiatório perfeito e a tornou uma manchete que vende muitos jornais.

John sabia disso. Era o que os jornais diziam. Mais uma parte da vida de Danielle da qual ela seria privada por culpa dele, pensou.

— Pelo que o agente Ricardo conseguiu levantar, aquela professora Valeska teve grande participação na decisão do Conselho Universitário. O afastamento da Srta. Nunes foi aprovado por maioria de votos. O principal argumento foi a segurança dos alunos; a pressão da mídia foi a cereja do bolo.

— Você pode dizer a ela que eu liguei? — pediu John. — Ela ainda não atende às minhas ligações.

— Farei isso, Sr. Hauser. Ainda está tudo muito recente. Só se passou um mês. Talvez ela só precise de mais tempo.

— Obrigado, André. Obrigado por cuidarem dela.

John encerrou a ligação e voltou a se concentrar nos papéis em seu escritório. Com Danielle se recusando a vê-lo, ele tinha decidido voltar ao trabalho assim que pôde ver-se livre do gesso, que era o último vestígio evidente da tortura que havia sofrido. O trabalho sempre tinha funcionado como uma válvula de escape quando sua mente estava perturbada. Infelizmente, naquele dia, estava sendo difícil manter o foco. As lembranças daquela noite voltavam à sua mente de forma recorrente, por mais que ele tentasse evitá-las. Após uma hora tentando traduzir os relatórios do último trimestre da Hauser *Gruppe*, John desistiu e decidiu ir para casa.

— Eduvirges — chamou ele, apertando um botão no telefone. A secretária rapidamente apareceu à porta. — Desmarque meus compromissos desta tarde, mas tente antecipar a reunião com Sr. Velmont para as 10h de amanhã. Talvez eu precise fazer uma pequena viagem, mas pretendo retornar no mesmo dia à cidade.

— Sim, senhor. Agendo um voo ou o senhor prefere ir em seu próprio avião?

— Já falei com Edvaldo — disse, referindo-se ao piloto que ficava à disposição em seu hangar no aeroporto de Florianópolis. — Só é necessário confirmar o horário. Informe-o que pretendo partir às 13h, por favor.

— Farei isso imediatamente, senhor — e a senhora de meia idade saiu.

John pegou o terno de seu paletó e saiu do prédio. Bruno o esperava no elevador e seguiu com ele até o carro. Os dois agentes que o acompanhavam o seguiam, de perto, em outro veículo. Bruno notou o silêncio dele e respeitou. Conhecia bem John. Trabalhava para ele havia quatro anos. John estava preocupado com a Srta. Nunes, mas também estava triste. Tinha confidenciado o que ela havia dito e Bruno sugeriu, após uma semana no Rio de Janeiro sem que ela respondesse a ligações, que o melhor seria dar mais tempo e esperar que ela decidisse estar pronta para conversar. Pareceu ser o mais sensato a se fazer.

De volta a Florianópolis, John precisou enfrentar as noites mais longas de sua vida. As primeiras semanas em casa foram quase perturbadoras para ele. Quando conseguia conciliar o sono, pesadelos envolvendo Danielle ou recordações da noite da formatura o atormentavam. A imagem de Danielle desacordada sobre o chão branco daquele banheiro, coberto por um rastro de sangue que terminava onde ela estava, não saía de sua cabeça.

O sangue de John gelou nas veias ao lembrar que chegou a pensar que aquele tiro a havia atingido. Tinha sido o segundo a entrar no local, logo depois de Ricardo já ter algemado o criminoso. O agente confirmou que o sangue era de Rui, que parou de resistir depois do soco que ganhou de John. John tinha partido para cima do bandido quando percebeu que ele era o responsável por Danielle estar naquele estado.

André chamou John à razão, tentando contê-lo, o que não foi uma tarefa fácil. John, então, virou-se para Danielle ao ouvi-la gemer baixinho. John se esqueceu do criminoso, que foi levado por Ricardo, enquanto a sargento Silvia recebia a atenção do agente André. A oficial mostrava estar bem. Hessman já havia entregado Jorge, o irmão de Rui, à equipe policial do Rio de Janeiro, que tinha sido solicitada como reforço para o caso de uma eventualidade. O tenente

não havia mencionado nada, pois esperava que não fosse necessário requisitar o apoio. Infelizmente, não havia sido assim.

— John, você está bem? — perguntou Danielle, quando ele se ajoelhou a seu lado e apoiou a cabeça dela em seu peito. Ela conseguiu ouvir a batida acelerada do coração dele e sentir o calor de seu corpo. Havia frio por ter ficado no chão úmido por tanto tempo, então era bom ficar ali, onde encontrava abrigo para a sensação de terror de momentos atrás, um medo que ainda não a havia deixado por completo.

— Estou, amor — respondeu John, sorrindo e cobrindo-a com o terno. — Como você se sente?

— Eu estou bem. Minha cabeça dói um pouco, só isso — disse Danielle, tentando se levantar.

— Não, é melhor esperarmos pela ambulância — ele a repreendeu.

— Não precisa — insistiu Danielle, procurando a verdade nos olhos dele e sentindo as primeiras lágrimas despontarem. — Alguém se feriu, John? Algum de meus alunos... — sua voz falhou. — Eu ouvi os tiros...

— Não, felizmente não atingiram ninguém. Dois dos sequestradores foram capturados — respondeu ele.

John reconheceu de imediato Jorge quando viu o tenente Hessman imobilizando-o. Ele tinha conseguido impedir que o disparo o atingisse ou a alguém da multidão; ainda assim, o pânico havia se instalado em instantes. John sabia que, se Jorge estava lá, não estaria sozinho e, quando Ricardo não conseguiu mais contato com Danielle, ele forçou caminho pela multidão para chegar àquele banheiro. A tentativa, porém, era o mesmo que nadar contra a corrente. Parecia que uma eternidade havia se passado quando ouviu um disparo vindo da direção do banheiro feminino, e imaginou o pior.

A polícia, porém, agiu rápido e, depois de encontrarem Danielle e manter a situação sob controle, levaram os criminosos ao hospital público mais próximo para receberem atendimento. Dali, ambos foram encaminhados, sob custódia, para a delegacia. O tenente Hessman contactou o delegado Antunes, que chegaria pela manhã à cidade. Danielle se recusou a ir a um hospital e John a levou para casa. Havia sangue em seu vestido e ela tomou um banho demorado, reaparecendo já com um pijama azul marinho com estampa de ovelhinhas pulando cercas.

Aquela visão provocou um sorriso em John.

— Você pode ficar aqui comigo hoje? — ela perguntou, parecendo nervosa

por pedir algo assim.

— Claro que posso. Não pretendia ficar longe. Volto já, só um instante — e, dizendo isso, trocou algumas palavras com os agentes, pedindo que avisassem aos outros policiais que guardavam o acesso ao prédio e também a seu motorista, Bruno.

Minutos depois, porém, ele já saía do prédio dela, sem entender por que ela o tinha expulsado da casa e da vida dela. No caminho de volta para a própria casa, John refletiu e concluiu que ela tinha razão. Pensou em tudo o que havia acontecido a Danielle desde que ele tinha entrado na vida dela.

Talvez, ela esteja realmente melhor sem mim, pensou ele. Mas a constatação não fazia aquele incômodo crescente em seu peito diminuir.



DANIELLE

Danielle, em seu quarto, tentava, por sua vez, fazer algo útil com o tempo “extra” de que dispunha agora, desde que tinha sido gentilmente convidada a se manter afastada do *campus*, de modo a não comprometer a segurança da comunidade acadêmica. E quem havia sido a escolhida para ser a portadora de tão agradável notícia? Ela mesma: Valeska. Pelo que tinha entendido, bastaria um telefonema ou um simples e-mail, mas, por que facilitar para Danielle?

Danielle, como de costume, havia chegado à universidade acompanhada pelos agentes Ricardo e André. Preferiu sair cedo de casa, a fim de evitar o trânsito caótico do Rio de Janeiro. Apesar dos olhares e sussurros das poucas pessoas nos corredores naquele horário, tentou agir da forma mais habitual possível. À medida que foram chegando, Danielle percebeu que seus alunos pareciam surpresos, mas imaginou que isso se devia ao fato de ela, novamente, era notícia na televisão, no rádio, nos jornais e na internet

— Professora — disse Fabrícia, parecendo reticente quanto ao que ia dizer. — Me desculpe, mas recebemos um e-mail informando que as aulas não...

A aluna foi interrompida por Valeska, que fez sua entrada triunfal ao passar por André, que a observou de perto. Valeska estava acompanhada por uma outra mulher.

— Danielle, querida, me esqueci por completo de te avisar — começou ela, sem se preocupar em disfarçar seu suposto esquecimento.

— Bom dia, Valeska — disse Danielle, esperando a bomba. — A que você se refere? Não podemos discutir a questão após a minha aula? Já estávamos começ...

— Foi justamente disso que me esqueci — disse ela, forçando um sorriso.

André olhou para Ricardo que, discretamente, aproximou-se, já imaginando do que se tratava.

— O Conselho Universitário deliberou por seu afastamento temporário, considerando o quanto sua presença no *campus* representa um risco para todos os alunos. Na verdade para todos nós, não é mesmo, querida?

— Mas eu não recebi nenhum comunicado formal sobre isso.

— Então, esse foi o esquecimento de que falei — e, estendendo um envelope a Danielle, voltou-se para os alunos. — Esta é a professora Fabiane Vieira. Ela substituirá a professora Danielle por tempo indeterminado ou até que

toda essa situação tenha um fim — havia um sorriso naquela fala.

Danielle leu o memorando rapidamente. Era mesmo verdade. Ignorando o sorriso malicioso no rosto de Valeska, ela cumprimentou sua substituta com um aperto de mãos e, brevemente, despediu-se da turma. E então se retirou-se, ainda acompanhada pelos agentes.

A vida de Danielle girava em torno de seu trabalho e, agora, impossibilitada de exercê-lo, esforçava-se para não se sentir deprimida. Durante o dia, relia livros que gostava. Tentou seguir receitas de canais culinários e servia para os agentes aquelas em que acreditava ter obtido sucesso. Suas noites, porém, eram insones. Dormia poucas horas — quando dormia. O restante da noite, de modo geral, passava em frente à televisão. Já fazia um mês que não ia ao *campus* e sentia falta daquele ambiente, um lugar onde se sentia tão bem. Lembrou-se de que fazia o mesmo tempo que não via John.

Precisava priorizar a segurança dele. O terceiro sequestrador ainda estava à solta, e John havia mencionado o quanto aquele tal Schneider tinha uma mente sádica. Sem mencionar que a pessoa que tinha arquitetado todo o crime ainda não apresentava um rosto, e era isso que mais a preocupava.

Nenhum dos dois bandidos presos quis revelar quem era o mentor do sequestro. Não colaboraram com a polícia nem sob a condição de redução da pena, e se mantinham leais a quem os havia contratado. Desse modo, foram levados a um presídio federal por não serem mais réus primários, para lá aguardarem o andamento do processo. Por conta do sigilo da investigação, a mídia não tinha recebido a informação da localização do presídio.

André chegou a contar a Danielle que John havia se proposto a ir até o presídio para negociar com os criminosos alguma vantagem, pois o maior interesse dele era descobrir quem era o responsável pelo sequestro. Mas o delegado Antunes tinha sido firme ao ratificar que nem para ele poderia revelar o paradeiro de Jorge e Rui. O delegado os tinha interrogado pessoalmente, em conjunto com o tenente Bruno Hessman e a sargento Silvia Becker, mas os criminosos ainda assim permaneceram irredutíveis.

John deveria estar se sentindo impotente diante daquela situação, pensou Danielle. Lembrou-se de uma das decisões mais difíceis que tinha tomado. Com um sorriso triste, pensou na ironia de ter se espelhado em Valeska para ser capaz de dizer o que precisava ser dito e agir da forma como tinha agido para afastar John de sua vida. As lembranças conduziram Danielle a seu último momento com John.

Ele a tinha levado até o quarto e a havia feito se deitar primeiro.

— Estou com muito frio nos pés — disse Danielle, tentando rir. Ela se levantou para pegar um par de meias. Ele, porém, impediu-a.

— Onde ficam suas meias? — perguntou, vendo-a apontar para uma gaveta da cômoda.

John tinha aberto a gaveta errada, porque ali só havia lingerie. Ela fingiu não notar o sorriso dele. John abriu a outra gaveta e encontrou o que procurava. Escolheu um par de meias, colocou nos pés de Danielle e eles trocaram sorrisos. John tirou seus sapatos, mas manteve-se vestido quando entrou embaixo da cobertas. Ela se aconchegou em seu corpo.

O quarto estava iluminado apenas pelo abajur do lado esquerdo da cama e Danielle permaneceu em silêncio por um bom tempo. John, percebendo que ela não dormia, resolveu romper o silêncio.

— Danielle, eu me peguei algumas vezes imaginando como seria nossa primeira noite dormindo juntos. Queria que esse dia trouxesse lembranças felizes para nós dois. Sinto não ser assim, meu amor — comentou, mantendo-a em seu abraço e acariciando os cachos da namorada.

Ela suspirou profundamente e levantou o olhar para ele.

— John, estamos bem. Ninguém se feriu e parte daqueles bandidos que fizeram tudo aquilo com você foram presos.

John pensou muito no que pretendia propor. Sentia que era algo que não podia mais ser adiado.

— Danielle, eu não conseguirei ter paz até que todos os culpados estejam atrás das grades. Sei que o que vou dizer já foi sugerido a você, mas sou eu que estou pedindo dessa vez — começou, com a feição séria. Analisou a expressão dela antes de continuar. — Eu gostaria muito que você reconsiderasse e viesse comigo para Florianópolis

Antes de Danielle pudesse interrompê-lo, John colocou os próprios dedos nos lábios dela.

— Peço que tente me entender. Me ouça, está bem?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Você poderia pedir uma licença no trabalho. Agora, com dois deles presos, a polícia conseguirá localizar o Schneider mais rapidamente e pôr na cadeia quem tramou tudo isso contra mim e que, agora, ameaça também a sua vida. Será uma questão de tempo para que tudo em nossas vidas volte novamente a seu devido lugar. Você ficaria na minha casa. E, além dos agentes Ricardo e André, eu posso pedir à Let que te faça companhia nos dias em que ela não

estiver em aula. Você também poderá contar com *Fräulein* Evelise, que é uma pessoa muito gentil. Cuidou de mim quando pequeno e permanece comigo como governanta. Nunca estaria sozinha. Eu trabalharia em apenas parte do meu dia na empresa. Poderia comandar do escritório de casa boa parte dos meus compromissos.

Ele achava que não havia motivos para ela rejeitar a proposta e, assim, aguardava uma resposta positiva.

— O que você acha? — perguntou John.

Danielle entendia que ele queria apenas mantê-la em segurança. Ela faria o mesmo e não havia um modo gentil para conseguir fazer o que julgava ser o melhor para a segurança de John. Ela também tinha ficado muito assustada com a forma trágica com que a noite havia terminado. Quase tinha entrado em desespero por achar que algo havia acontecido a ele por sua causa. Danielle tinha desejado adiar aquela conversa até a manhã seguinte. Por isso acabou pedindo que ele passasse a noite ali: para postergar aqueles últimos momentos com ele por perto.

Mas era chegada a hora de sufocar tudo o que sentia por ele. Então, sentou-se e buscou forças nas palavras de Rui: *ele viria atrás de você, só tivemos que esperar*, tinha dito o criminoso naquela noite.

John a viu levantar-se e sentar-se na poltrona de leitura. Danielle tinha que afastá-lo para que ele ficasse seguro. Era preciso. Era a coisa certa a se fazer.

Danielle pensou na pessoa mais ardilosa que conhecia e assim, com Valeska em mente, falou sem titubear:

— Que direito você acha que tem para me dizer o que devo ou não fazer? — começou, o mais agressiva que imaginou ser possível.

John, de imediato, não reconheceu seu comportamento. Ele se sentou.

— Danielle, não foi minha intenção soar autoritário. Eu...

— Mas foi exatamente o que acabou de fazer — e, com todo o controle possível para manter-se forte, acusou-o da forma mais vil com que podia. — Tudo o que aconteceu hoje só tem um culpado: você. A minha vida está do jeito que está por sua causa. Estou cansada de ter que viver com medo da minha própria sombra. Você arruinou todos os meus planos. Eu tinha uma vida antes de conhecer você. Tudo isso foi um erro — disse, fazendo um gesto com as mãos indicando os dois. — Onde eu estava com a cabeça de querer me envolver com alguém como você?

John ouvia a tudo aquilo com uma expressão de confusão evidente em seu

olhar. Depois de um certo tempo, pôs-se de pé e falou, compreensivo:

— Danielle, você ainda está em choque, provavelmente. Eu sei que tem sido muito difícil pra você. Para mim também não tem sido fácil. Vamos superar isso juntos. Vamos cuidar um do outro — aproximou-se dela para abraçá-la.

— Não chegue perto de mim! — exclamou Danielle. — Você não entendeu o que eu disse? — respirou fundo, tomando fôlego para o golpe definitivo. — Eu não quero mais nenhum tipo de relação com você. Me arrependo de ter conhecido você, John Hauser. Tudo o que trouxe pra minha vida e pra vida de minha família foi dor e tragédia. Eu quero que me esqueça, porque isso é tudo o que eu quero: esquecer você! Só assim, terei chance de ter minha vida de volta. Foi um erro te convidar pra ficar aqui. Só estou me expondo a mais riscos. Eu quero que vá embora agora — disse, tentando manter seu tom de voz sob controle.

Danielle fez uma curta pausa. Ela o encarou mais fundo.

— Ricardo e André são muito competentes para garantirem minha segurança

John não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Não era possível que ela pensasse isso dele. O que ela tinha dito, porém, pareceu dar voz ao que sua própria consciência dizia: que Danielle estaria mais segura longe dele, e que ele era o responsável por tudo aquilo que havia acontecido a ela.

Ainda assim, o sentimento que John nutria por ela o impedia de se afastar.

— Eu concordo com o que disse. Tem razão ao afirmar que a culpa de tudo o que está passando é minha — disse ele, encarando-a e respeitando a distância que ela havia colocado entre eles. — Mas eu sei que você está muito nervosa e não deve estar refletindo direito sobre o que está dizendo. Me dá uma chance de cuidar de você. Em Florianópolis, os esforços estarão reunidos e serão mais pessoas cuidando da sua segurança. Teremos mais tempo pra ficarmos juntos. O que nós temos é algo bom, puro. Algo de que eu não quero abrir mão, porque nunca me senti assim. Eu amo você, Danielle.

Aquelas palavras encontraram resposta no coração de Danielle. Ela também o amava e, por esse amor, deu as costas a John. Segurando a porta, disse:

— Peço que vá embora da minha casa.

— Você ouviu o que eu disse? — perguntou John, sem acreditar como ela tinha mudado tão radicalmente na forma de tratá-lo.

— Ouvi, mas não me sinto da mesma forma. Se realmente me ama, afaste-se de mim e me deixe viver a minha vida. Não me imponha mais sua presença.

Pensa que, por ser quem é, eu teria que me sentir da mesma maneira? Hoje vejo claramente que foi um erro me deixar envolver por você. Eu não amo você — e abriu ainda mais a porta.

— Eu vou embora para que você possa descansar e amanhã conversamos. Está bem assim? — disse John, acariciando a mão dela, com gentileza.

Ela se afastou bruscamente e, passando pelo corredor, chegou à sala.

— O Sr. Hauser está de saída. Por favor, um de vocês pode acompanhá-lo até lá embaixo? Ele não é mais bem-vindo aqui — disse Danielle ao abrir a porta da frente e encontrar os dois agentes ali posicionados.

Os policiais pareciam atônitos diante do que presenciavam. Danielle não olhava para John, que, após calçar os sapatos, já estava bem atrás de Danielle.

John passou por ela e, antes de partir, virou-se e deixou algo sobre a mesinha ao lado da porta. E, sem dizer mais nenhuma palavra, foi embora, sendo seguido pelo agente André. Danielle permaneceu naquela posição por algum tempo e, depois que ouviu o barulho do elevador se fechar, permitiu-se sentar no chão e chorar como nunca havia chorado em sua vida — nem quando tinha sofrido nas mãos de Maurício sua dor havia sido tão intensa. O agente Ricardo, depois de alguns instantes sem saber o que dizer, decidiu fazer algo. Segurou-a no colo e deitou-a no maior sofá da sala, esperando a certa distância que ela se acalmasse. Mas ela chorava e soluçava tanto que ele sentiu compaixão e, suspeitando do que ela havia feito, perguntou:

— A intenção era protegê-lo?

Ela olhou para ele. Fez que sim com a cabeça e então se virou para o pequeno embrulho que John tinha deixado perto da porta. O agente Ricardo foi até lá, pegou o pacote e o entregou a Danielle. Antes de reassumir seu posto, o oficial disse:

— Sei que, agora, essa parece ser a melhor solução, mas você tirou dele o direito de decidir por si o que queria. Se precisar de mim, estarei aqui fora.

Danielle olhou para o pequeno pacote. Abriu e ficou enternecida ao ver o delicado colar de ouro com pingente em forma de coração que a caixinha continha. No verso do pingente, estava gravada a frase: *A quem entreguei o meu coração.*



AMORES IMPOSSÍVEIS

— Se você não se incomodar, pode ficar no meu apartamento comigo, Letícia. É simples, mas tenho dois quartos — disse Danielle. — Eu ficava boa parte do meu dia no *campus*, mas, agora, com essa “licença”, se é que posso chamar assim, eu tenho muito tempo livre. E, depois do seu simpósio, podemos fazer o programa que você quiser. Só tenho tentado evitar grandes multidões, por orientação dos agentes que cuidam da minha segurança.

Desde que tinha tomado conhecimento do incidente na festa de formatura, Letícia acabou aproximando-se ainda mais de Danielle. Falavam-se por telefone quase que diariamente e também por Skype, como ocorria agora. Letícia, de *legging* e agasalho, deitada de barriga para baixo na cama e com as mãos no queixo. Danielle, sentada na poltrona de leitura em seu quarto.

— Dani, eu meio que estava aguardando você me convidar. Não curto ficar num hotel sozinha — disse Letícia. — Por isso, dei a deixa para você... — admitiu, rindo. — Ah! E eles vão com você pra onde você for o tempo todo, Dani?

— De modo geral, sim. Hoje, nós vamos ao cinema, por exemplo. Mas geralmente temos optado pelas matinês, porque são mais vazias.

— Deve ser uma loucura, guria! Você, bem lá no fundo, deve curtir um pouco ter esses homens atrás de você — Letícia brincou, encenando em pé na cama. — Danielle, você vive a fantasia da maioria das mulheres: dois homens másculos e viris à sua disposição para carregar seus livros e, ao mesmo tempo, protegê-la dos perigos ocultos nas sombras.

— Sua boba! Parece melodrama mexicano — Danielle riu da imaginação da amiga e pensou em como ela e Rose se dariam bem. — Com o tempo, acabei me acostumando. Eles são bem diferentes um do outro. Nossas conversas são divertidas. Eles são inteligentes e muito atenciosos comigo. Acabamos nos tornando amigos. Estou aprendendo umas receitas novas para cozinhar para eles. E, mesmo, quando não fica lá essas coisas, eles nunca reclamam.

— E me diz uma coisa? Ainda é aquele bonitão lá de São Luís? — disse ela, referindo-se ao agente Ricardo.

— Hummm, gostou do agente Ricardo, foi, Let? — brincou Danielle, chamando-a pelo apelido pelo qual John a havia chamado da última vez.

— Pô, Dani, um gato daqueles... Tem como não notar aqueles bíceps e

aquele ar misterioso dele, hein? — perguntou Letícia, abanando-se. — Fico arrepiada só de lembrar, mas a situação não me permitia nenhuma aproximação. E nem me passou pela cabeça, porque só pensava em ter certeza de que John estava bem. E, Dani, desculpa... — ela se interrompeu, parecendo arrepender-se de tê-lo mencionado. — Eu não devia ter tocado no assunto. Desculpa, mesmo.

— Não, Let. Não precisa tanto cuidado pra evitar falar do John — respondeu Danielle. — Na verdade, eu gostaria muito de saber como ele está.

Letícia ficou observando Danielle com um olhar curioso.

— O que foi? — disse, sorrindo para a nova amiga. — Eu não te entendo... Melhor, eu te entendo bem, Danielle, você ama meu primo. Difícil conviver com ele, enfrentar tudo o que passaram juntos e sair ilesa....

— Letícia, eu nem tenho vontade de negar nada a você — disse Danielle, tentando disfarçar a tristeza.

— Esses homens... sabia que ele veio aqui ontem? Bate e volta. Chegou à tarde. Comemos algo juntos e conversamos muito — e, com cara travessa, Letícia instigou. — Sabe o que ele veio fazer? Ele pegou um voo até Curitiba só pra conversar comigo. O assunto da conversa você já deve saber qual foi, né?

— Letícia, eu não me perdoaria se, por minha causa, algo acontecesse a ele. John já passou por tanta coisa. Aquele homem horrível me disse isso claramente, ele disse que... — interrompeu-se rapidamente, mas já era tarde.

— Caramba, Dani! Eu sabia! Sabia que você estava tentando protegê-lo de alguma forma — rebateu Letícia, levantando-se da cama novamente. — Dani, meu primo está sofrendo. Eu não queria me meter porque também não gosto quando eles invadem minha privacidade. Mas volta atrás, por favor. Ele me contou o que você disse. Eu pensei até que havia julgado mal seu caráter. O que é algo difícil de acontecer, porque sempre fui ótima em ler as pessoas. Acho até que ele emagreceu. Ah! — exclamou, como se houvesse se lembrado de algo importante. — Olha só o que ele me trouxe — e saiu da frente do notebook.

— Let? Como vou ver se você deixou o computador virado pro seu travesseiro? — Danielle desistiu de falar com a tela e decidiu esperar que ela voltasse.

— Dani, fui buscar; estava na geladeira — disse Letícia ao voltar. Tinha um sorriso do tamanho do mundo no rosto e mostrava uma embalagem com uns rolinhos brancos dentro, como se fosse uma prova de inocência que tiraria alguém de trás das grades.

Danielle não acreditou quando viu as tapiocas no potinho rosado. Seu

coração se encheu de alegria. Lembrou-se de quando ela e John dividiram algumas, no dia em que tinham se conhecido.

— Viu, só? Amiga, ele pede pra *Fräulein* Evelise fazer toda manhã pra ele. Ela, que nem sabia o que era tapioca, ficou como louca atrás de receitas para aprender e fazer pro queridinho dela. Ela morre de amores pelo John. Mima ele desde molecote, gurua. E não é que ela aprendeu?! Ele trouxe pra mim e também adorei! É muito gostoso!

Danielle não sabia disso. Ficou realmente surpresa com a revelação. Sorriu, tentando imaginar a cena: ele comendo as tapiocas no desjejum. Nossa! Como seu coração batia mais forte quando se recordava de John. Mas, em seu íntimo, sabia que, talvez, fantasiasse com o impossível. Pertenciam a mundos tão distintos.

— Dani, agora falando sério. Eu vou ficar na sua casa e vou te fazer mudar de ideia de ir pra Floripa. Como sua mais nova amiga, me acho no direito de falar a real na sua cara: você se precipitou, gurua. Pensa um pouco e me responde: você acha que, em Floripa, ele está mais protegido e estará mais seguro, não é isso?

— Acho que sim, Let, mas não conta nad...

— Ainda não terminei — interrompeu Letícia, rindo. Danielle riu também. — Então, me explica uma coisa: não seria melhor você ir pra casa dele e ficar mais segura também? Resolveria o problema dos dois. Estariam juntos, felizes e seguros. Fim da história! Em vez de ele estar sofrendo por estar longe de você, e você não dormir por pensar nele. Antes, você tinha a justificativa de não querer se afastar do seu trabalho e eu concordei, porque não seria justo para você ceder tanto. Mas agora, você não tem mais esse argumento, não é mesmo?

Danielle parecia em dúvida.

— Gurua, ele não está bem. Eu conheço meu primo tão bem quanto conheço Hugo, e vê-lo sofrer é algo que me machuca da mesma forma. Sei que você está sofrendo. Vejo isso na sua cara. Então, se contarmos, já são três pessoas, no mínimo, para quem essa sua decisão trouxe sofrimento — dizendo isso, Letícia sorriu. — Eu sei que você tem medo, mas o que vou te contar é algo que sei que pode ajudar a pôr um fim nessa incerteza no seu coração. Ele, desde menino, nunca foi de revelar abertamente quando sofre. E eu estou vendo esse colar que está no seu pescoço e sei que foi ele que te deu.

— Ele disse isso a você? — perguntou Danielle, segurando o pingente entre os dedos.

— Não, esse colar era da minha tia. Da mãe de John. Foi o pai dele que

presenteou a mãe antes de morrerem em um acidente horrível — respondeu Letícia, desta vez séria. — Entende o valor dessa joia? Ela, aparentemente, não tem muito valor financeiro, mas representa muito para o meu primo. O John só a entregaria a alguém que significasse muito para ele. Então me promete uma coisa?

— Fala, Let — disse Danielle, que, agora, deixava as primeiras lágrimas rolarem. Ela não fazia ideia de nada daquilo. Também, nem tinha deixado ele dizer nada naquela ocasião.

— Ouça seu coração. Esqueça os outros. Pense no que você sente pelo meu primo e no que ele sente por você. Pense no assunto de ir para Florianópolis e me responda quando eu estiver indo embora no domingo. Pode ser assim? — e fechou um dos olhos, cruzando os dedos para ela.

— Está bem — respondeu Danielle, agora rindo da carinha que Letícia tinha feito. — Prometo que farei isso.

— Tá bom! Agora para de chorar, senão eu vou chorar também — e, mudando de assunto, perguntou: — Será que você poderia me pegar no aeroporto?

— Claro! Vou falar com os agentes. Eles só precisam saber com antecedência.

— Ai, ai. o agente Ricardo... — suspirou Letícia. — Ele tem jeito de 007, você não acha, Dani?

— Let, você é uma figura, pequena — ela riu da comparação. — Mas, talvez o agente André seja mais o seu perfil — sugeriu, arqueando a sobrancelha.

— Esse é o outro? — perguntou a amiga. — Como ele é? É gato como o Ricardo? Branco, negro, verde, colorido? Fala! Eles são solteiros, né, Dani? Que mulher aceitaria seu marido tanto tempo longe de casa e cuidando de uma mulher que é uma gata, e ainda no Rio de Janeiro?

— Nossa, nem sei por onde começar a responder. Mas o que importa para você é que sim, eles são livres. Já a aparência do agente André vai ser surpresa. Amanhã à noite, no Galeão, você vai poder compará-los e, depois, me fala o que achou — sugeriu Danielle, referindo-se ao aeroporto.

— Poxa, mas e se eu gostar tanto dele quanto do meu James Bond, e quiser os dois? — perguntou Letícia, a mão sobre a testa em uma pose dramática.

As duas riram. Sentiam que nutriam agora uma grande afeição uma pela outra. Uma amizade que parecia tão natural como se já se conhecessem há anos.

Danielle sorriu. Era bom conversar com Letícia, porque ela a fazia esquecer-se de seus problemas.

Despediram-se e Danielle foi se arrumar para a sessão de cinema agendada para aquela quarta-feira. Após o banho, enquanto se vestia, Danielle ficou refletindo sobre o que Letícia havia dito: *esse colar era da minha tia. O John só daria a alguém que significa muito pra ele*. Fechou os olhos e lembrou-se do jantar no hotel e de como tudo havia sido perfeito. Um homem que mantinha suas emoções permanentemente sob controle e que, desde pequeno, tinha tido que se adaptar a ter a solidão como companhia. Havia aprendido com a vida, da pior forma possível, a não depender de ninguém. Mas, com ela, John parecia ansiar por ser aceito. Quando ele abriu seu coração, ela se sentiu impelida a fazer o mesmo. E ali, naquela mesma noite, ela tinha revelado a ele seu segredo mais íntimo e obscuro. E, mesmo assim, John mostrou que saber do abuso não alterava em nada o que sentia por ela.

Será que eu posso ter me precipitado? Meu Deus, será que, no fim, eu tomei a decisão errada?, pensou ela, olhando-se no espelho e, tocando o pingente novamente, leu a inscrição. Sentia falta de como ele a fazia sentir. Havia se acostumado tão facilmente ao cheiro dele... ao sabor de seus beijos. A lembrança fez o corpo de Danielle despertar de desejo e, em uma reação lânguida, sentiu uma sensação inesperadamente prazerosa percorrer o corpo. Ela riu de si mesma. Como era forte o que sentia por aquele homem.

Ouvindo batidas na porta, acordou de seus devaneios. Danielle apressou-se e pegou sua bolsa logo depois de passar o rímel, um pouco de perfume e aplicar um batom suave nos lábios. Gostava de usar pouca maquiagem. Olhou-se mais uma vez no espelho e gostou da combinação. Usava uma regata laranja, uma bermuda de sarja e sandálias., mas decidiu levar um casaquinho leve, por conta do ar condicionado do cinema.

Danielle gostou do visual descontraído dos agentes. Ambos usavam calças jeans, mas André havia optado por uma camisa branca com mangas mais compridas, que ele dobrou um pouco, enquanto Ricardo vestia uma camisa polo azul marinho. Ricardo, surpreendentemente, ainda completava o visual com um boné e óculos. Danielle elogiou a aparência dos dois, e eles retribuíram sorrindo em aprovação à escolha que ela tinha feito. Danielle aproveitou para informar que teriam uma hóspede a partir do dia seguinte, até o domingo. Explicou tudo a eles — horário de chegada do voo, qual era o aeroporto e quais os possíveis passeios que poderiam fazer.

E então foram ver a nova versão de *Ben Hur*. Todos aprovaram a escolha.

Durante o caminho de volta, Danielle ainda tinha John em seus pensamentos.

Assim, na noite seguinte, por volta das oito, Letícia Hauser desembarcava no Aeroporto Galeão – Antônio Carlos Jobim. Ela e Danielle se abraçaram como se fossem amigas de infância.

— Fez boa viagem, Letícia? — perguntou Danielle.

— Super tranquila e rápida, Dani — agora ela só a chamava assim. — Como você está?

— Melhor agora, com você vindo me fazer companhia — respondeu sinceramente.

— Dani, o Hugo e o Peter sempre me perguntam de ti. Você sabe que eles têm uma queda por você. Acho que você trouxe mais cor à vida deles — disse, fazendo Danielle rir do trocadilho. Não pôde evitar. Ela era divertida por natureza.

— Você não existe, Let! Ah! Deixa eu apresentar vocês formalmente. Letícia, esse é o agente Ricardo. Vocês devem ter se visto, ocasionalmente, lá no hospital — disfarçou Danielle.

O policial ofereceu a mão para cumprimentá-la, mas Letícia, fingindo não ver, deu nele um beijo em cada lado da face.

— É um prazer, Ricardo — cumprimentou, exibindo seu melhor sorriso e um olhar que dizia mais ainda.

— Igualmente, Srta. Hauser — respondeu ele, sem demonstrar ter ficado sem graça pela atitude ousada de Letícia, e mantendo a formalidade habitual.

Danielle, sorrindo, prosseguiu:

— E este é o agente André, Letícia — ela apontou para o homem mais jovem. — Eles dois são meus anjos da guarda.

Letícia sorriu.

— E você empresta os dois ou é ciumenta?

O agente André riu com o jeito espontâneo de Letícia e ela sorriu de volta. Sem cerimônia, trocaram beijos. André parecia mais animado do que de costume ao ver a bela morena de cabelos curtos.

— É um prazer conhecê-la, Letícia — disse ele, chamando-a por seu nome.

— Obrigada, André — flertou ela, sem reservas.

André, gentilmente, ofereceu-se para ajudá-la com a bagagem de mão, pois ela trazia uns croquis para o simpósio de arquitetura. Ela agradeceu, sorrindo. Agarrando o braço de Danielle, disse:

— Dani, estou perdida! Quero os dois pra mim. Guria, que pedaços de mau caminho — cochichou, enquanto aguardavam a esteira entregar sua mala.

— Você sabe que quem tudo quer... — cochichou Danielle de volta.

— Tá bom. Até domingo, eu escolho meu futuro namorado-marido-pai dos meus filhos.

André ficou a observá-las. Elas riam e fracassavam em tentar disfarçar que eles eram o motivo dos comentários.

— Vamos, então? — convidou Ricardo, nitidamente preocupado com a grande movimentação no saguão de desembarque do aeroporto.

De posse da mala, foram pagar o estacionamento. Seguiram pela Linha Vermelha, uma via expressa da cidade e, felizmente, não enfrentaram muito trânsito até o apartamento de Danielle.

Letícia se instalou no quarto de hóspedes que, apesar de ser um pouco menor por não ter banheiro independente, como o de Danielle, tinha uma cama de casal, um criado-mudo com abajur e um guarda-roupas de tamanho mediano. A decoração com motivos infantis e os brinquedos sobre o guarda-roupa revelavam que o hóspede mais frequente era o sobrinho da professora. Letícia adorou saber que ele tinha o mesmo nome que o irmão. Ao ver a foto do garotinho sobre o criado-mudo, ficou admirada.

— Ele é lindo, Dani. Quero conhecê-lo um dia.

— Ele vai gostar de você, tenho certeza. Está sempre atrás de alguém da idade dele pra brincar — e riu quando Letícia fez careta.

— Dani, eu posso? — apontou para a rede, dobrada e pendurada na parede.

— Sério que você quer dormir em uma rede? — Danielle pareceu incrédula.

— Claro que quero! Nunca dormi em uma — respondeu Letícia, subitamente empolgada. — Não é arriscado, né? Ah! Se eu cair, do chão não passo.

— Fique à vontade, então.

Apesar de ser muito brincalhona, Danielle achava Letícia muito madura e sensata. Danielle era quatro anos mais velha que ela. Tinham descoberto ter muitas coisas em comum. Além do interesse por literatura, algo previsível e óbvio, compartilhavam uma verdadeira paixão por cinema e fotografia.

Danielle quis levar Letícia ao primeiro dia do simpósio de arquitetura, mas ela insistiu que não queria dar trabalho e chamou um táxi. Na quinta-feira, saiu

antes das 9h. Tomou apenas uma xícara de café sem açúcar e seguiu apressada, comendo um pedaço de bolo de cenoura. Cumprimentou os agentes com um oi-tchau e partiu. Quando voltou, já passava das 16h. Ela e Danielle decidiram fazer uma maratona de filmes baseados em livros de Jane Austen, de quem eram muito fãs e, em vez de pipoca, pediram *yakisoba* para um batalhão.

Quando a comida chegou, os agentes comeram com elas, mas Ricardo, que nunca demorava a reassumir a vigilância e tinha optado por fazer a ronda noturna, voltou para a porta do apartamento de Danielle. Letícia ficou um pouco triste, mas sabia que era algo necessário. Por outro lado, o agente André, estranhamente animado, aceitou assistir ao romance histórico com elas. O primeiro filme que as garotas escolheram foi *Mansfield Park*. Elas se sentaram sobre o tapete, após tirarem a mesinha de centro, enquanto o agente as observava do sofá maior, posicionado em frente à televisão.

Ao fim da primeira sessão, no entanto, André agradeceu pelo jantar e pelo filme, levantou-se e reassumiu seu posto no corredor. Isso após desejar bons sonhos para Letícia pela segunda vez. *Persuasão* foi o próximo da lista e concluíram com *Razão e Sensibilidade*. Quando se deram conta, já passava de uma da madrugada. Divertiram-se muito com as heroínas e suas histórias de amor, e Letícia adorava a atenção que recebia do agente André, mas sentia-se incomodada pela quase indiferença do mais maduro, mas não menos interessante, agente Ricardo.

Na sexta-feira, Letícia disse que havia apenas duas palestras que queria assistir pela manhã. Combinaram de encontrá-la para almoçar e, de lá, irem passear um pouco. O tema do simpósio era *A singularidade do futurista Oscar Niemeyer*. Havia vários modelos em alto relevo, protegidos por vidro, e inúmeras maquetes, de todos os tamanhos e dimensões, em exposição, espalhados pelos amplos salões do prédio, com projetos baseados na leveza que caracterizava a obra do arquiteto brasileiro.

Danielle viu o projeto de Letícia, agora em uma moldura enorme, mas muito delicada, e achou-o belíssimo. Era uma biblioteca, cuja cobertura imitava o formato de um livro gigantesco aberto, sustentado por colunas aparentemente tão delicadas que, de longe parecia pairar no ar. De acordo com a perspectiva do observador, parecia que as folhas abertas poderiam ser movimentadas pela força do vento. Danielle viu ali o quanto Letícia era talentosa e como aquele projeto transmitia plenamente o conceito das formas inovadoras do arquiteto que tinha servido de inspiração.

Havia, também, enormes painéis mostrando as criações de Niemeyer pelo

mundo. Danielle passeou pela galeria, admirando a genialidade do arquiteto. O curador havia tido muita atenção com a disposição da luz sobre as imagens gigantescas dos projetos expostas, como o da Universidade de Constantine, na Argélia, a sede do Partido Comunista Francês e as tão conhecidas construções em Brasília, como a Esplanada dos Três Poderes e outras em São Paulo, como o Memorial da América Latina, mais conhecidos pelos brasileiros. Danielle, porém, sentiu-se até envergonhada por morar no Rio de Janeiro e não saber que a Passarela do Samba, onde aconteciam os desfiles de carnaval, também era obra do arquiteto.

Já conhecia o Museu de Arte Contemporânea, que ficava em Niterói, região metropolitana do Rio. Adorava a estrutura do museu. Tinha levado Hugo uma vez para ver uma exposição voltada para crianças, e ele havia ficado deslumbrado.

— Titia, é uma nave espacial? — perguntou, ingenuamente, apontando para o museu quando se aproximavam da construção. Ele perguntava aquilo porque a estrutura, de fato, tinha uma forma semelhante à de uma nave e parecia flutuar em direção à Baía de Guanabara.

Danielle percebeu que os agentes haviam se mantido a uma certa distância dela naquele breve passeio. Entendeu que queriam que ela se sentisse à vontade com a amiga e sorriu para eles. Após dar os parabéns a Letícia por seu trabalho, que ficou radiante com a aprovação da nova amiga, Danielle foi apresentada a alguns dos colegas da amiga, para, logo depois, irem almoçar no centro do Rio. Danielle ficou feliz por poder acompanhar Letícia em toda a programação, que era bem extensa, por sinal.

Fizeram um tour pelo centro histórico. Evitaram programas comuns de turistas, como o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor, que Letícia já havia feito outras vezes. Letícia queria muito ir ao Museu do Amanhã, mas, quando chegaram, descobriram que, naquela tarde, ele não abria. Estava fechado para a organização de novas exposições. Mesmo assim, puderam apreciar a beleza da construção e tirar fotos do lado de fora daquela obra incrível.

Aproveitaram o dia lindo e passearam pela zona portuária, que havia sido revitalizada nos últimos anos por conta dos jogos olímpicos. Mais tarde, Danielle quis fazer uma grande surpresa para Letícia. Sabia de um local muito especial que, com certeza, ela adoraria conhecer. E, assim, foram parar na Rua Luís de Camões, em frente ao Real Gabinete Português de Leitura. Letícia ficou perplexa. Danielle adorou vê-la sem palavras. Mas lembrava-se da primeira vez em que tinha entrado naquele prédio clássico: havia sido como entrar em um

túnel do tempo. Sem sombra de dúvidas, era a biblioteca mais linda que já havia visto na vida.

Ficaram lá por quase duas horas. Ricardo mostrou-se fascinado pela beleza e pela grandiosidade do acervo, enquanto Letícia aproveitou o breve momento de distração para se aproximar.

— Estou completamente apaixonada — disse, bem baixinho para que apenas ele escutasse.

— Perdão, senhorita? — ele pareceu não entender e, voltando-se para ela, percebeu que estavam a centímetros um do outro.

— Estou apaixonada... por essa biblioteca. Apaixonada pela estética da construção, pela riqueza de detalhes nas estátuas de Camões e Vasco da Gama — Letícia deu mais um passo na direção dele, conseguindo sentir o perfume da colônia pós-barba de Ricardo.

Ela encarou o policial. Ele era bem mais alto do que ela, então Letícia precisou levantar o rosto antes de sorrir.

— Você parece tão absorvido em seus pensamentos. Posso saber o que ocupa tanto a sua mente, Ricardo?

O agente não pareceu intimidado com a atrevimento da moça. Ele retirou uma mecha de cabelo dos olhos dela, e Letícia sentiu um *frisson* por todo o corpo. Ela sorriu.

— Amores Impossíveis — ele disse.

Como não esperava por uma resposta como aquela, ainda mais acompanhada do sorriso mais inebriante que já tinha visto em toda a sua vida, Letícia ficou atônita.

— O quê? — conseguiu verbalizar, como se estivesse hipnotizada pelos olhos daquele homem introspectivo e de poucas palavras, o que o tornava ainda mais atraente.

Ele a virou com cuidado para a parede e, então, ela entendeu. Um grande cartaz anunciava inscrições para um curso que abrangeria desde *Os Maias*, de Eça de Queiroz, até *O Presbítero*, de Alexandre Herculano. A proposta era debruçar-se na análise de relacionamentos amorosos que não podiam se concretizar. Outros clássicos da literatura portuguesa também seriam contemplados. O nome do curso: Amores Impossíveis.

Sorrindo, o agente se afastou e passou a adotar novamente sua postura vigilante, observando a aproximação de um rapaz junto a Danielle, mas que, aparentemente, só buscava uma orientação..

— Ele apenas queria saber se eu fazia ideia de onde ficava o acervo de obras raras. Acho que pensou que eu trabalhava aqui. Por coincidência, eu sabia, porque lá tem o Dicionário da Língua Tupy, redigido pelo Gonçalves Dias.

O agente sorriu quando ela mencionou o autor de que ele tanto gostava. Danielle havia até emprestado para ele um livro com uma coletânea de poemas do autor. Ricardo não conhecia a *Canção do Exílio* e ela contou que alguns dos versos do poema estavam presentes no Hino Nacional.

— Ah, Ricardo, quanto aquele livro que eu te emprestei, fique com ele. Talvez seja muito útil a você no futuro.

— Não entendi, Srta. Nunes. Desculpe.

— Bem, muitos daqueles poemas o Gonçalves Dias escreveu para o grande amor de sua vida. Ele foi impedido de se casar com ela, pois, embora filho de português, sua mãe era negra e a família dela o rejeitou. Gonçalves Dias casou-se com outra pessoa, mas nunca se esqueceu de Ana Amélia. Então, já que amores impossíveis parecem interessá-lo de forma peculiar, aceite meu presente — e sorriu, cúmplice, para Letícia, que ouvia toda a conversa.

Ele agradeceu e sorriu, percebendo que seria mais estratégico recuar do xeque dado. Então o agente encaminhou-se para perto de André, que se mantinha próximo ao principal acesso à pinacoteca.

Já eram quase cinco da tarde quando, de carro, foram até o bairro chamado São Cristóvão, não muito distante do centro da cidade, para uma agradável caminhada pela Quinta da Boa Vista, uma área verde belíssima, na qual ficava também o Zoológico do Rio, além de um museu em estilo neoclássico que já havia sido residência de D. Pedro I. Encerraram a noite no Centro de Tradições Nordestinas, conhecido também como Feira dos Paraíba, um grande coliseu com artigos e comidas típicas de todos os estados do nordeste do país. Forró era o som que vinha de um imenso palco entre as inúmeras galerias e enchia o ambiente, a ponto de terem de falar mais alto.

Danielle levou Letícia a um restaurante de comida maranhense, lógico. Comeram arroz Maria Isabel, torta de caranguejo e beberam suco de graviola. Letícia adorou aquele festival de sabores. Danielle era amiga da dona do estabelecimento, uma senhora negra de sorriso fácil e muito simpática chamada Eurides, que também era responsável por preparar os quitutes. Os agentes pareciam preocupados, apesar de o local não estar muito cheio, devido ao fato de ainda estar longe do horário de pico, que era depois das 20h. *Realmente, há muitas formas de acesso para que garantam minha segurança*, pensou ela. Por isso, assim que terminaram a refeição, despediram-se de D. Eurides, que os

convidou para voltar em breve.

A caminho de casa, Letícia fingiu não notar a nuvem de tristeza que, repentinamente, havia surgido nos olhos de Danielle. Sabia em quem a amiga estava pensando. Chegaram em casa perto das 20h.

O sábado e o domingo seriam o fim de semana das garotas, como Letícia tinha dito. Ela própria, porém, não se oporia à companhia de tão belos acompanhantes, como disse sorrindo para Danielle. Tinha planos de ir à praia pela manhã e, no fim da tarde, pretendiam encontrar-se com outra amiga que morava no Rio para verem uma peça em um teatro na Zona Sul. Apesar de Danielle não ser muito adepta à praia, fazia questão de acompanhar Letícia à Praia da Barra – sugestão do agente Ricardo, já que tinha menos movimento que as da Zona Sul da cidade. Letícia gostou da ideia. Estava feliz por poderem desfrutar de um dia de praia na cidade maravilhosa.

Cansadas da maratona da noite anterior e do dia corrido que tinham tido, foram dormir cedo e, às 8h, já tomavam café e organizavam guarda-sol, toalhas e protetor solar para levarem para o carro. Qual não foi a surpresa quando a campainha tocou. *Quem será tão cedo?*, pensou Danielle. Os agentes já haviam tomado café. Danielle não havia sido comunicada pela portaria pelo interfone. Ao abrir a porta, ficou sem reação.

John e Hugo Hauser estavam parados bem à sua frente.

— Nossa! — disse Letícia, tentando parecer surpresa, com a cara mais lavada do mundo, na opinião de Danielle. — Rapazes, o que fazem por aqui?

Danielle voltou-se para ela. Não resistindo, Letícia caiu na gargalhada.

— Desculpa, Dani. Era para ser uma surpresa — explicou.

John não estava mais com o braço imobilizado e, além desse detalhe, não havia mais sinais de hematomas, olho roxo, cortes. Ele estava lindo. *Eles* estavam, porque Hugo era também uma bela visão. *Dois homens que nem pareciam de verdade, de tão bonitos, e aqui, parados à minha porta, ao lado de Ricardo e André*, pensou ela. Não conseguiu dizer uma só palavra.

— Olá, Danielle — disse John. Ela ficou a contemplar aquele rosto que a seguia em seus sonhos, dormindo ou acordada, e até se esqueceu de que Hugo também estava lá.

— Oi, mulher dos meus sonhos — brincou Hugo, com seu sorriso conquistador no rosto. Segurando a mão de Danielle sem nenhuma cerimônia, deu-lhe um beijo no rosto e um abraço que demorou mais do que o necessário. — Estava com saudade de tê-la em meus braços.

Danielle sorriu para Hugo, mas sem nunca deixar de sentir os olhos de John sobre si. Virou-se para ele, que continuava à porta. Ela sabia que ele aguardava ser convidado.

— Entre, John — disse, sorrindo desconfortável e vendo, pela porta entreaberta, o agente André tentar conter um sorriso, antes de fechá-la de vez. — Fique à vontade.

John não gostou nem um pouco da forma possessiva como Hugo a tinha abraçado e deixou isso claro na troca de olhares com o primo, que fingiu nem perceber a insatisfação. Estava reconsiderando as pazes que haviam feito.

— Percebo que Letícia se esqueceu de avisá-la que viríamos — comentou John, seriamente.

— Vamos sentar, meninos — disse Letícia, fingindo não ter ouvido o primo.

Danielle, meio que acordando do transe, convidou-os para tomar café, mas ambos recusaram, alegando terem feito a refeição durante o voo.

— Que bom que já pôde tirar o gesso — emendou, sem conseguir encarar John por muito tempo. Ele permanecia de pé e assentiu com a cabeça apenas, mas sorriu ao ver que ela usava o colar que ele havia dado.

Danielle estava com tanta saudade dele, mas não sabia como dar o primeiro passo. *E se ele me rejeitar?*, pensou. Olhou para Letícia, que tentava prender propositadamente a atenção do irmão. A amiga fez um gesto com a cabeça, encorajando Danielle a ir em frente. Danielle respirou fundo e, aproximando-se de John, deu um beijo no rosto dele. Ele sorriu para ela e a manteve por perto, segurando uma de suas mãos, onde depositou um beijo de volta. A proximidade fez com que ela reagisse imediatamente à presença.

— Nós estávamos indo à praia — começou, tentando afastar aquela vontade que tinha de tocá-lo. Nem acreditava que ele estava ali. — É o último dia da Let aqui e pensamos em passar parte do dia por lá. Vocês gostariam de ir conosco e com os agentes Ricardo e André?

— Danielle, você vai usar biquíni hoje, é isso mesmo? De repente, senti uma vontade enorme de dar um mergulho — Hugo sorriu com cara de quem tinha tirado a sorte grande, e John deu um segundo olhar de alerta em sua direção.

— Vai, sim. Ela não queria muito não, mas dei um de presente pra ela — disse Letícia. — Deixa pra usar maiô quando quiser esconder alguma coisa.

Danielle, imediatamente, arrependeu-se de tê-los convidado e arrependeu-

se mais ainda de já estar com aquele biquíni por baixo do vestido de algodão.

— Não tem como ela ficar mais linda do que agora, ainda mais se estiver usando biquíni, como eu penso que está. Já aceitei o convite, garotas — disse Hugo.

Danielle ficou nitidamente sem graça. John percebeu.

— Hugo, provavelmente, elas querem um dia só pra elas. Vamos dar espaço...

— *Bruder*, espaço é o que não falta na praia — interrompeu Hugo, em tom irônico. Ele riu da cara de poucos amigos que John fez.

— Que nada, John. Adorariíamos que vocês nos acompanhassem, não é, Dani? — respondeu Letícia

— Claro — disse ela, não se imaginado apenas de biquíni na frente de John. — O dia está muito bonito — foi só o que conseguiu pensar.

— Hugo, nós podemos parar no caminho e comprar umas bermudas para vocês. O que acham? Lá tem vários quiosques onde vocês poderão se trocar — lembrou Letícia, tão eufórica por tê-los ali que Danielle achou que poderia mesmo ser divertido. Decidiu aproveitar a companhia de todos e, em especial, aproveitar a chance para se desculpar.

Havia tomado sua decisão. Danielle prometeu a si mesma que acreditaria em John enquanto ele afirmasse que a amava e que a queria a seu lado. Não deixaria que medo ou insegurança a impedissem de se sentir como agora: com seu coração batendo tão intensamente de felicidade, porque a razão de sua felicidade estava ao seu lado.

Hugo voltou-se para assistir a cena que tinha silenciado sua irmã e que a havia feito cruzar os dedos das mãos. Viu Danielle e John. E percebeu que aquela ele tinha perdido.

Fui eu que errei, então cabe a mim mostrar que estou arrependida, continuou pensando Danielle. E, com isso em mente, acariciou a mão de John, que ainda segurava a sua. Os olhos dele estavam fixos nela, aguardando que Danielle lhe mostrasse, de alguma forma, que o queria de volta. Ela, não resistindo mais, ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo leve nos lábios. E esperou.

John revelou o sorriso mais lindo que Danielle conhecia. Enlaçou-a pela cintura em um abraço firme que a ergueu do chão e disse, encostando sua testa à dela:

— Como eu senti sua falta, meu amor.

E apossou-se dos lábios dela em um beijo cheio de saudade.



DIA DE PRAIA

— Dani, deixa de bobagem — chamou Letícia. — Você está linda! Vamos logo. Depois que eles voltarem, vai ser mais difícil ainda você tirar esse vestido.

— Eu só não estou a fim de entrar na água — respondeu, tentando disfarçar seu embaraço.

— Sei. E eu nasci ontem, guria. Você não precisa ficar sem graça. Olha aquela senhora ali — e mostrou uma mulher de mais de 60 anos, de biquíni, expondo-se ao sol de bruços. — Toda se querendo, a vovó. E está certa. Na praia, é natural ficarmos mais à vontade. Relaxa, Dani!

Danielle estava insegura, realmente. Olhou para o corpo perfeito de Letícia. Ela era muito bonita e confiante. Os agentes mantinham-se sentados sob um guarda sol, um pouco atrás delas. E, quando Letícia tirou o short e a camiseta, Danielle notou que o agente André se pôs de pé para poder apreciar melhor a beleza da amiga. Ele havia tirado a camisa para se exercitar em alguns aparelhos que ficavam no calçadão e permanecia apenas de bermuda. Mesmo tendo passado bastante protetor solar, estava começando a ficar bronzeado. Ele tinha um corpo cheio de músculos.

O dia prometia. Cobrindo a boca com as mãos, Danielle riu da forma como o agente Ricardo tentava olhar para todos os lados, menos para a frente quando Letícia começou a passar protetor deliberadamente bem devagar. André animou-se quando ela o convidou para darem um mergulho, já que Danielle estava relutante em tirar o vestido e expor o corpo. Após um breve sinal com a cabeça do agente Ricardo, ele seguiu a bela morena.

Danielle levantou-se e sentou-se ao lado do agente Ricardo, que sorriu para ela. Ele estava usando uma bermuda e uma camisa branca e azul de mangas compridas, de proteção contra raios UV. Danielle achou muito interessante saber que ele surfava. Com a presença de John, de Hugo e de três agentes que haviam vindo com eles de Santa Catarina, e, estando a praia com poucas pessoas naquele horário, o agente passava parafina na prancha que tinha alugado em um quiosque, visivelmente menos tenso que de costume.

— Ricardo, eu sempre quis saber de onde você é. Seu sotaque não é da minha terra. Disso eu tenho certeza — perguntou Danielle, observando como o agente estava concentrado na tarefa com a parafina.

Ele pensou um pouco e, olhando para Danielle, deu um sorriso de lado.

— Eu nasci no Mato Grosso do Sul — respondeu. — Meu pai era militar e, por isso, nos mudávamos sempre que ele era transferido para um novo posto. Moramos no interior de São Paulo, depois em Manaus, Recife, Campo Grande e São Luís, que foi onde ele se aposentou. Na ocasião, eu já estava com 20 anos, e ingressei na polícia civil após ter feito concurso. Gostei do clima tranquilo da cidade e decidi seguir carreira.

— Você é filho único? — quis saber Danielle.

— Não — sorriu, desta vez mostrando os dentes brancos e alinhados. — Tenho três irmãs mais velhas. Dá pra ter uma ideia de como foi crescer no meio delas. Sempre era voto vencido. Era obrigado a assistir todas as novelas. Sem mencionar a minha mãe, que sempre foi muito superprotetora. Por ela, eu nunca jogaria bola ou praticaria qualquer esporte que pudesse me machucar. Meu pai sempre foi dedicado à família, mas o trabalho exigia muito do tempo dele.

— Deve ter sido muito paparicado, isso sim. O caçula sempre é — brincou Danielle, empurrando ele de leve com o ombro. — Mas então você está por dentro do universo feminino, não é mesmo?

Conversaram sobre o comportamento das irmãs do oficial e, apesar de se sentir muitas vezes perdido em meio a tantas mulheres, o sorriso do agente Ricardo mostrava o quanto ele dava valor à família grande e unida que tinha. Lembrou que elas sempre tinham apoiado suas escolhas, mesmo que tivessem opiniões divergentes, mas que costumavam interferir sempre que julgassem que ele precisava de orientação. Ele costumava ignorá-las por completo, admitiu. Gisele era a mais velha, com diferença de dois anos das gêmeas Luana e Laura. Disse que só passou a recorrer aos conselhos das irmãs, que antes dispensava, quando chegou à adolescência e começou a se interessar por garotas na escola.

— Eram conselhos valiosos. Sempre acertavam no alvo. Eu, muitas vezes, não compreendia a lógica da mente das mulheres. Por exemplo, no último ano, eu e todos os rapazes do colégio éramos vidrados em uma garota ruiva chamada Viviane. Elas me diziam pra ignorar a tal garota, que era muito popular, e que me aproximasse da amiga que menos se destacasse, porque garotas assim sempre andavam em grupo para se afirmar. E, por mais que eu quisesse ganhar terreno como os outros rapazes, segui o conselho delas.

— E conquistou a garota? — quis saber Danielle, interessada e adorando saber mais sobre ele.

— Sim e não — ele riu e recomeçou ao ver a expressão de Danielle — Ela, de fato, se incomodou por eu nunca tratá-la com a mesma reverência que os outros rapazes e passou a me dar muita atenção e a me convidar pra fazer

trabalhos em dupla com ela e coisas assim... Mas, no fim das contas, aprendi a gostar da menina tímida e mais reservada que ela mantinha no grupo por ser boa aluna, e percebi que a Viviane sempre se aproveitava dela para não fazer as tarefas da escola. Namorei então com essa menina, a Suelen, por dois anos.

— Nossa! Que reviravolta, Ricardo! — disse Danielle.

— Verdade — admitiu ele. — Foi uma época especial. Ela era uma garota especial. Mas nos separamos quando ela ganhou uma bolsa e foi fazer faculdade em outro estado.

— E você já foi casado? — Danielle ousou perguntar. Ele desviou o olhar e ficou a contemplar Letícia e André conversando animadamente na água. Ela percebeu que era um assunto delicado. Ele permaneceu em silêncio e Danielle pensou que ele não iria responder. O sorriso tinha se apagado de seu rosto naquele momento.

— Sim, já fui casado, mas meu casamento durou apenas três anos — respondeu por fim. — Acho que a profissão que escolhi é uma carreira em que isso acontece com frequência.

— Sinto muito, Ricardo — disse Danielle, apoiando a mão no braço dele.

— Tudo bem, gente? — perguntou Letícia, agora parada a frente dos dois com André.

Danielle sorriu e acenou positivamente.

— Eu estou ansiosa pra ver o agente Ricardo subir nessa prancha.

— Não sei não... Tô achando que ele só está querendo fazer tipo — brincou Letícia, cruzando os braços e sorrindo para ele.

— Voltamos — Hugo chegava todo animado e John vinha logo a seu lado. Danielle percebeu a presença de Bruno, acompanhado por três agentes que cuidavam da segurança de John, mas que ela não conhecia, a uns cem metros de onde estavam.

John estendeu a mão para Danielle e a abraçou. Danielle apreciou o grupo masculino que estava com ela ali na praia. *Quanto homem bonito junto!*, pensou, sentindo até um certo nervosismo.

Hugo e John usavam bermudas que haviam comprado em um dos quiosques e, apesar de precisarem pegar um pouco mais de sol, era inegável que eram de tirar o fôlego. Os agentes eram um espetáculo à parte. Danielle pensou estar no paraíso, cercada por Adônis com músculos bem distribuídos e barrigas tanquinho. E a cereja do bolo é que podia admirar os quatro à vontade, sem se sentir constrangida, e estava adorando isso. Ela olhou para Letícia, que sorria,

parecendo ler seus pensamentos. As duas riram.

— O que foi? — perguntou Hugo. Os demais também não entenderam.

Elas fingiram ignorar a pergunta.

Danielle virou-se e, abraçando John, trocou com ele um beijo rápido. Ele a manteve segura em seu abraço e sussurrou em seu ouvido:

— Tenho que admitir que, como Hugo, estou ansioso para vê-la sem esse vestido.

Ela sorriu e afundou a cabeça em seu peito. Que gostoso poder sentir sua pele daquela forma. Sentia-se tão tensa e feliz ao mesmo tempo.

Nossa! Eu estou excitada, pensou consigo mesma, caindo em si.

— Não vai mergulhar, Danielle? — perguntou Hugo, atrevido, provocando John.

— Daqui a pouco — ela sorriu, animada por estar cercada de pessoas amigas e tendo um dia maravilhoso na companhia deles.

— Vamos dar uma caminhada? — perguntou Hugo e, em seguida, olhou para o agente André, que concordou.

Letícia, vendo o agente Ricardo levantar-se com a prancha, aproximou-se como uma felina, esgueirando-se ao seu redor.

— Não quer me ensinar a surfar, Ricardo? — perguntou ela, observando-o acompanhar o grupo, que agora se afastava.

Vendo que Danielle estaria em segurança, ele respondeu:

— Não sei se seria um bom professor, Srta. Hauser — e, dizendo isso, deu-lhe as costas e, carregando a prancha, deu alguns passos em direção ao mar.

Letícia começava a duvidar do seu poder de sedução, quando ele, parando e voltando-se para ela, perguntou:

— A senhorita não vem?

Ela abriu o seu sorriso de *eu sei que sou irresistível* e caminhou a seu lado.

Danielle e John caminhavam de mãos dadas. Ela se sentia flutuando de tão feliz. Tinha o homem que amava a seu lado e o dia estava lindo. Ele estava lindo. Até o vendedor de sanduíche natural, com seu chapéu de tartaruga estava lindo. Até se esquecia da escolta atrás deles. Os agentes que haviam vindo do sul e o próprio Bruno também estavam sem os ternos de costume. No Rio de Janeiro, onde as temperaturas eram absurdamente elevadas, seria ilógico não estarem de roupas leves.

Danielle e John, decididos a não se afastarem muito, pararam em outro quiosque para beber alguma coisa. Ela pediu água de coco e ele quis o mesmo. Eles escolheram ficar à sombra de um guarda-sol amarelo, mas permaneceram de pé.

— Eu queria me desculpar, John — começou ela. — Eu fui muito dura com você naquela noite. Eu não penso nada daquilo. Muito pelo contrário, me sinto segura ao seu lado. Mas eu achava que eu mesma, sem querer, poderia oferecer algum risco a você. Só pensei que essa seria a única forma de...

— De eu me afastar de você — ele completou.

— Isso. A Letícia me ajudou a ver que o que eu fiz não seria a solução para os nossos problemas. Eu sinto muito. Mas, se serve de consolo, eu sofri muito longe de você — disse ela, segurando uma das mãos dele entre as suas.

— Ela consegue ser bem persuasiva, quando quer, não é mesmo? — sorriu John, brincando com os cachos de Danielle e admirando a mulher a seu lado.

John adorava como ela o fazia se sentir, como ela desviava o olhar por ficar sem graça quando ele a encarava desejando-a. Era exatamente isso que fazia naquele momento.

— Eu senti muito a sua falta também. Pedi a Letícia que viesse vê-la para saber como estava passando, depois do afastamento do seu trabalho.

— Como você soube? — perguntou Danielle, curiosa. — Os agentes André e Ricardo nunca se recusaram a me dar informações sobre seu bem-estar. Sinto muito por isso ter acontecido. Sei o quanto seu trabalho significa pra você, amor.

Danielle sorriu. Adorava quando a chamava assim.

— Fala isso de novo.

— O quê? Dos agentes...?

— Não — riu, sem graça, e cobriu o rosto com as mãos, sentindo-se como uma adolescente boba. — Me chama assim de novo.

— Meu amor — disse ele, rindo e exibindo aqueles dentes perfeitos. Ela adorava quando ele abria aquele sorriso largo e despreocupado. Parecia que todo o peso do mundo que carregava nas costas desaparecia em momentos como aquele, que eram tão raros.

Eles pareciam só um casal de namorados, como outro qualquer, curtindo um dia de praia, sem preocupações com ameaças, nem sequestradores, nem policiais de vigília aonde quer que fossem.

John a trouxe para mais junto dele. Aspirou o perfume suave do cabelo de

Danielle e beijou a testa, a bochecha e o queixo da namorada. Então, ele a abraçou mais forte e a beijou. Um beijo de verdade. Danielle sentiu as pernas fraquejarem, mas ele a mantinha bem firme em seus braços. Ela não entendia por que o beijo dele era tão bom e a fazia sentir tão viva. Ele contornava seus lábios com a língua, para só depois explorar sua boca. Danielle sabia que o calor que ela sentia, não era proveniente do sol, mas sim da pressão dos lábios de John sobre os seus e da pressão do corpo dele sobre seus seios. Estava com a respiração entrecortada e envolveu o pescoço dele com os braços, o que pareceu só motivá-lo a ir mais fundo. Sentiu o volume na bermuda dele crescer. E então, com gentileza, ele repentinamente interrompeu o contato.

Danielle ainda estava meio atordoada e sentiu uma onda de calor subindo de seu ventre. Viu-se ficar desconcertada quando percebeu que a poucos metros estavam Bruno, André e os três outros policiais que haviam vindo com John de Florianópolis. O grupo estava parado a apreciar a cena com sorrisos muito indiscretos no rosto. Danielle sentiu que seus seios estavam intumescidos, o que a deixou ainda mais sem graça. Ela não quis afastar-se do abraço para que sua excitação não ficasse evidente pelo vestido. Ela e John se entreolharam e ela compreendeu o motivo da interrupção. Ambos sorriram.

— Vamos entrar na água? — propôs ele.

O sol de 9h já brilhava alto. Danielle tinha que vencer aquela insegurança. Sentia-se desconfortável de biquíni e, por isso, sempre tinha usado maiô. Disfarçava melhor seu quadril mais avantajado e, como nunca havia sido adepta de passar horas na academia, aceitava a condição de seu corpo apenas cobrindo-o com discrição. Gostava de caminhar e andar de bicicleta. Preferia exercitar-se ao ar livre. Sempre desejou aprender também a nadar. Era uma frustração em sua vida. Uma escoteira que não sabia nadar. Vergonhoso.

— Eu não sei nadar — justificou-se, tentando evitar ter de ficar de biquíni na frente dele.

— Não vamos nadar — ele riu, puxando-a pela mão com um olhar que fez a onda de excitação que Danielle tinha experimentado voltar.

Não tinha muito escolha. Respirando fundo, levantou o vestido, tirando-o pela cabeça, e esperou por uma expressão de decepção de John. Mas tamanho era seu constrangimento, que baixou o olhar e ficou olhando para os pés. Virando a cabeça para o lado, viu algo que não entendeu muito bem: todos os cinco homens que os acompanhavam estavam parados a observá-la com uma expressão que ela reconheceu como surpresa ou... admiração?

— Mas o quê... — pensou ela, e foi quando viu John com a mesma

expressão, percebendo que ele a estava admirando.

Isso despertou sua feminilidade de uma forma surpreendente.

Ele sorriu e, segurando as mãos dela, olhou-a de cima a baixo.

— Preciso agradecer à Letícia por convencê-la a usar esse biquíni — a tensão sexual era evidente em sua voz.

John quase conseguia imaginá-la nua e sussurrou em seu ouvido:

— Eu não vejo a hora de poder ter você só pra mim e poder beijar cada centímetro do seu corpo, Danielle. Não tem ideia do quanto desejo você, amor.

Danielle nunca tinha se imaginado como uma mulher sensual e desejável, mas, em seu íntimo, sentiu-se em júbilo por ele sentir-se daquela forma por causa dela.

— Eu posso não ser muito boa em... — sua insegurança voltava a alfinetá-la.

— Shhhh — ele cobriu seus lábios com um beijo doce. — Será perfeito. Sabe por que eu tenho tanta certeza disso?

Ela balançou a cabeça negativamente, sentindo-o acariciar seu rosto.

— Eu sei que será maravilhoso porque será com você — e sorriu, levando-a para a água.

Rindo, correram até o mar. Eles namoraram, mais protegidos pela água, e Danielle fingiu não se assustar quando ele apertou seu bumbum com as duas mãos e a puxou para que sentisse sua ereção crescendo.

— Você me deixa assim — disse ele, sorrindo. E então, como se recordasse de algo que o incomodava, ele a abraçou mais forte, fazendo uma trilha de beijos rápidos da boca dela até a parte de cima de seu biquíni. Em seguida, apossou-se da boca de Danielle, enfiando a língua.

Ela se sentia flutuar junto ao balanço das ondas e aproveitou para tocar o peito de John e senti-lo sem o empecilho das roupas. Ele mexia tanto com ela que encará-lo de tão perto a fazia perder o fôlego.

— O que houve, John? — perguntou, notando algo diferente no olhar dele quando John voltou a encará-la.

— Sentirei saudade — respondeu. — Muita saudade de você.

E voltou a beijá-la avidamente. Danielle experimentou seu corpo responder à altura. Sentia cada músculo seu se contrair em ansiedade. Na expectativa de algo mais, de ter seu desejo saciado por completo, tremeu diante da habilidade dele de conduzi-la por um prazer que nunca havia conhecido. A água estava

numa temperatura muito agradável e Danielle e John não se largaram nem por um minuto.

Apoiaram as testas um no outro. Lentamente, suas respirações foram voltando a ficar cadenciadas, e ela disse:

— Eu não tive oportunidade de perguntar, mas gostaria de saber se seu convite para que eu vá para Florianópolis ainda está de pé.

Ela o viu dar outro daqueles sorrisos que a faziam derreter por dentro. John a girou dentro d'água e ela riu da alegria dele.

— Você mudou de ideia. Mas o que a fez...

Eles responderam juntos.

— Let — e riram.

— Claro que está de pé, meu amor — John deu um beijo no topo da cabeça dela, prendendo-a em um abraço longo. Então, perguntou: — Quando poderá ir?

— Eu vou me despedir da minha família. Preciso explicar o motivo e, logo em seguida, poderei ir.

— Você pode fazer isso amanhã? — perguntou ele, esperançoso e aguardando a resposta.

— Você partirá amanhã, é isso?

Ele confirmou com a cabeça.

— Está bem. Irei pela manhã à casa da mamãe e, depois, poderemos ir.

John transparecia o quanto estava feliz com a notícia. Ao saírem da água, foram encontrar-se com os outros, e acharam divertidos os tombos que Let levava ao tentar equilibrar-se na prancha. Mas Danielle ficou impressionada quando viu a perícia de Ricardo. Ele era muito bom surfando. Hugo decidiu praticar um pouco de *stand-up paddle*, e remava para mais perto do quebra mar sobre a prancha. Depois, aproveitou para surfar também. Danielle percebeu que ele também dominava bem as ondas.

Danielle observou o agente Ricardo voltar com a prancha, acompanhado por Letícia. Pouco depois, Hugo se reuniu a eles e, parando de frente para Danielle, ficou a admirá-la no biquíni bege, que combinava com seu tom de pele, sem se incomodar com o fato de ela ficar sem graça com sua análise e, nitidamente, querendo provocar o primo.

John, que se esforçava para ser paciente, pois não queria desentender-se com ele novamente, ouviu Hugo dizer, fingindo-se ultrajado:

— Me sinto apunhalado pelas costas. Nós nunca tivemos o mesmo gosto

pra mulheres e, logo agora que eu tinha grandes chances de sair com uma linda deusa de ébano, você vem furar meu olho? — e, tomando a mão de Danielle, deu nela um beijo demorado no rosto, encarando o primo. — Mas, quando você se cansar do meu *bruder* sem graça e certinho, me procure, minha rainha. Verá que eu sou bem mais... criativo.

E, dizendo isso, Hugo abraçou os dois.

John e Danielle riram. No fundo, sabiam que ele respeitaria o relacionamento dos dois. Hugo, afinal, só estava sendo... Hugo.

Letícia sugeriu que comessem por lá mesmo e escolheram um restaurante próximo que dizia oferecer frutos do mar. Almoçaram e Danielle compartilhou sua decisão de ir com John para Santa Catarina com os agentes Ricardo e André, que afirmaram considerar ser uma decisão acertada. Haveria mais olhos para protegê-la, argumentaram. Comunicariam o delegado Antunes imediatamente e a acompanhariam. Ela sorriu e agradeceu a eles por serem tão receptivos a aceitar suas mudanças de opinião. Tinha se habituado à companhia dos dois. Ficaria triste se eles não pudessem ir junto. Eram bons amigos.

Letícia, como era de se esperar, ficou em júbilo quando soube da notícia.

— Dani, vai ser perfeito! Você poderá me ajudar na organização do jantar. Tenho tanta coisa pra planejar e, com você lá, vai ser muito mais tranquilo pra mim.

— Let, do que está falando? Que jantar? — perguntou Danielle, sem entender a amiga, que falava sem respirar.

— Sabe, Dani — começou Letícia — Eu já contava com isso, mas não quis te pressionar muito. Por isso, escondi que uma das razões pelas quais vim pra cá era convidar você pra festa do meu aniversário de 25 anos. Significaria muito pra mim, ou melhor, pra nós — e fez um gesto com os braços, pedindo o apoio dos rapazes, que confirmaram com a cabeça. — Queria que você estivesse presente — disse, com os olhos esperançosos. — Além disso, me daria o prazer de apresentá-la à minha cidade.

— Sou um excelente guia turístico — disse Hugo, sentando-se ao lado esquerdo de Danielle e segurando a mão dela.

Nenhum movimento de Hugo escapava ao olhar atento de John Hauser.

— Já conheço Floripa, Hugo — disse Danielle, vendo John recuperar sua mão e mandar um olhar de alerta para o primo.

— Mas não conhece a minha versão da cidade, Dani — continuou ele, chamando-a pelo apelido e mandando um largo sorriso para o primo. Adorava

provocá-lo e tinha encontrado a oportunidade perfeita, pois nunca o havia visto tão possessivo em um relacionamento.

Como poderia recusar?, pensou Danielle. Ela e Letícia haviam se tornado amigas em tão pouco tempo e agora o foco das atenções seria a aniversariante, e não ela. Pensando assim, Danielle viu que não precisava manter resistência.:

— Está bem, eu aceito e agradeço pelo convite — respondeu, sorrindo para John, que retribuiu o sorriso e acariciou de leve seu ombro, abraçando-a. Danielle tremeu com aquele contato tão delicado. Estava começando a se acostumar a ter ele sempre tocando sua pele. Ninguém nunca havia mexido tanto com ela e isso a assustava um pouco, mas a enchia de prazer também. O que John a fazia sentir era algo novo.

— Que ótimo, Dani! — festejou Letícia. — Eu mesma estou organizando tudo. Será algo simples, para poucas pessoas. E, se você quiser, depois podemos escolher os vestidos. Teremos tempo agora e, juntas, encontraremos algo que vai nos deixar mais lindas do que já somos. — E, dizendo isso, propôs um brinde. — A momentos como este, em que podemos estar juntos de pessoas que nos fazem bem. Que esses momentos se repitam muitas vezes — disse ela, transbordando de orgulho de si mesma por ter alcançado todos os seus objetivos com a viagem ao Rio de Janeiro.

Todos levantaram seus copos. Até mesmo os policiais e Bruno, na mesa ao lado, levantaram seus copos com suco.

Danielle pensava em como tinha mudado desde que conhecera John Hauser. Sempre havia se julgado tão sensata e prática, afastando qualquer aproximação masculina que indicasse uma relação mais próxima do que uma amizade, já que ainda carregava as marcas do abuso que tinha sofrido na alma. Havia decidido evitar relacionamentos afetivos, pois tinha receio de se machucar ainda mais por considerar ter muitas limitações. Mas John a aceitava apesar de tudo isso. Ele havia dito que a amava. Sentia-se feliz e queria viver aquele amor, um sentimento que tinha o poder de derrubar todas as apreensões e medos.



ENTRE O SONHO E A REALIDADE

Aquela era sua terceira noite na casa de John. A princípio, Danielle cogitou se seria uma boa ideia ficar hospedada na casa dele. O que todos pensariam dela? O que ele esperaria dela? O que ela esperava de si mesma? Mas John parecia um visitante na própria casa. Os dois se viam poucas vezes e ficavam juntos menos ainda. *O que pensou, sua tola, que ele passaria 24h te pajeando? Ele é CEO de uma grande companhia*, pensou Danielle, recriminando a si mesma.

Pensando em seu trabalho como professora e no quanto o ofício costumava absorver de seu tempo, era de se esperar que John, ocupando um cargo de tanta responsabilidade, passasse boa parte do dia envolvido em reuniões. Mesmo em casa, no escritório, participava de videoconferências. De vez em quando, porém, ele fugia para dar um beijo nela. Logo no dia em que tinham chegado, John teve sua atenção exigida no trabalho e parecia desdobrar-se para dar atenção também a Danielle. Era gentil e atencioso, mas ela podia ver o quanto ele trabalhava e como gostava do que fazia.

Nas duas primeiras noites, ela percebeu que John, depois do jantar, havia se recolhido no escritório, varando a noite atrás da mesa. Danielle, antes de ir dormir, tinha passado por lá rapidamente para desejar boa noite. Tinha ficado perplexa com a quantidade de livros da biblioteca particular do namorado. Ele, vendo a fascinação de Danielle, disse que ficasse à vontade e pegasse o livro que quisesse. Ele explicou que estava muito envolvido com um projeto de transporte coletivo movido a energia solar. Pelo que ela havia entendido, um projeto piloto com 50 ônibus já estava em andamento em São Paulo e parecia ser um sucesso. John havia enfrentado certa resistência por parte de alguns membros do conselho, mas, com os dados preliminares sendo tão positivos, apesar do investimento no início parecer astronômico, o retorno para a população e para o meio ambiente era inestimável e, logicamente, para a empresa, em médio prazo, seria também muito rentável.

Os resultados favoráveis do projeto piloto foram o argumento decisivo para que John conseguisse o apoio dos membros do conselho de que precisava. Danielle não quis demorar-se, vendo que ele tinha muitos documentos para analisar pela frente e, depois de um beijo, que acabou virando quatro beijos, ela se soltou do abraço e saiu do escritório para deixá-lo trabalhar. Logo no dia seguinte, ela decidiu tentar ocupar-se para não passar seus dias naquela mansão à

espera do retorno de John do trabalho. Conhecer aquela casa enorme seria a ordem do dia. Lembrou-se de que, quando tinha chegado no dia anterior, havia sido recebida por *Fräulein* Evelise, que se mostrou muito educada e atenta às suas necessidades, apesar de não se mostrar inclinada a maiores intimidades.

Danielle foi até o pavimento superior da mansão, ficando cada vez mais deslumbrada com a beleza daquela casa, que parecia ser um local mais que aprazível para se crescer. Tentou imaginar John, quando menino, correndo pelos corredores, descendo pelo corrimão como toda criança ficava tentada a fazer quando vislumbrava uma escadaria imponente como aquela.

Sorriu ao entrou no quarto destinado a ela. Concluiu que aquele aposento tinha a metade do tamanho de todo o seu apartamento no Rio. Uma cama *king size* enorme dominava o espaço e, acima dela, uma pintura a óleo em uma moldura belíssima exibia a paisagem de um chalé em frente a um lago que parecia brilhar, iluminado pela lua. Havia também uma bela penteadeira em estilo romântico com espelho, uma cômoda e um guarda-roupas que, no mesmo estilo, pareciam completar o conjunto da mobília. Do outro lado do quarto, duas poltronas e, na parede, uma televisão de led, também enorme, e vários filmes, ainda nas embalagens de plástico, em uma prateleira logo abaixo. Sorriu ao pensar que John tinha tido a delicadeza de se preocupar com a possibilidade de ela ficar entediada.

O banheiro era igualmente lindo e majestoso. Havia um espelho enorme atrás de uma pia em mármore branco, com torneiras douradas. Sobre ela, vários produtos de beleza, de xampus a sais de banho, além de um secador de cabelo, também branco, a cor dominante ali. Danielle nem acreditou quando viu a banheira ampla e linda próxima ao box.

No segundo dia, Danielle nem chegou a ver John no café da manhã. Ele tinha saído muito cedo para a empresa, mas *Fräulein* Evelise entregou a ela um bilhete, após um breve bom dia, no qual John se desculpava por não poder esperá-la acordar. Ele afirmava que, apesar disso, iria se esforçar para que jantassem juntos. Após tomar café na cozinha com Ricardo e André, além de alguns empregados da mansão — o jardineiro João, sua esposa Luíza, que também trabalhava ali como arrumadeira, e o calado chefe da segurança, Henrique —, Danielle agradeceu à cozinheira Sarah pela comida deliciosa e passou a desbravar a propriedade.

Fräulein Evelise pareceu não achar correto uma hóspede comer na cozinha junto aos empregados. Sarah havia dito que a atitude desagradava a governanta, que esperava que ela fizesse a refeição na sala de jantar. Danielle pensou em

depois desculpar-se com ela, pois não queria parecer indelicada. Faria isso assim que tivesse oportunidade, concluiu.

Agora, Danielle aproveitava o início do dia para conhecer melhor a mansão. Levou três horas para rodar toda a propriedade. Contou doze quartos e perguntando-se qual seria o de John. Isso além das salas de estar, jantar, do jardim de inverno, escritório, da cozinha e da acomodação dos empregados. Nos fundos da mansão, tal como na frente, havia um amplo jardim com uma grande diversidade de plantas. Nos fundos, havia também algumas árvores e uma horta. Danielle admirou a beleza de um imenso ipê rosa que cobria algumas mesas brancas de ferro, envoltas por cadeiras. Ele estava magnífico em todo o seu esplendor com as flores desabrochadas. Pensou que seria o local ideal para uma conversa agradável, comendo bolo de cenoura com chocolate e tomando chá gelado. Só de pensar, sentiu vontade de comer a sobremesa.

Cerca de uns duzentos metros à esquerda, protegida por uma cerca viva bem alta, estava a área da piscina. *Se soubesse nadar, aproveitaria muito aquela maravilha*, pensou ela, admirando a água translúcida e as espreguiçadeiras brancas de tomar sol, perfeitamente alinhadas à margem. Voltando para a mansão, viu seguranças por toda a propriedade. Viu também Ricardo e André trocando informações com os policiais locais. Danielle acenou para eles antes de ir ao escritório e escolher um livro, dentre tantos volumes, para fazer companhia a ela naquele dia.

Na hora do almoço, retratou-se com *Fräulein* Evelise, que sorriu brevemente e disse não ser necessário desculpar-se. A governanta afirmou ter recebido orientações para que Danielle fosse bem acolhida e que nada a faltasse. Assim, perguntou se Danielle precisava de alguma coisa. A professora agradeceu, dizendo que tinha tudo o que precisava, embora sentisse que a senhora de cabelos em corte Chanel evitava qualquer proximidade, mantendo uma educada formalidade sempre que se dirigia a ela.

Decidiu interromper, por enquanto, o tour pela propriedade, pois estava cansada. Passou, então, o período da tarde à sombra do ipê, lendo *Fausto*, de Goethe, pela primeira vez. Era um dos grandes clássicos da literatura alemã, mas nunca tinha lido. Decidiu que, agora, teria tempo de sobra para ler os dois volumes e, em pouco tempo, viu-se capturada pela trama. Achou fascinante a história de como Fausto, ao se apaixonar por Margarida à primeira vista, recorreu a Mefistófeles, a encarnação do próprio mal, para conseguir conquistá-la, fazendo um pacto com ele. A obra levou Danielle a experimentar inúmeras emoções em pouco tempo de leitura. Ela ficou abismada quando o personagem principal, ao desejar um momento a sós com a amada, apelou a Mefistófeles, que

dá a ele veneno. Acreditando se tratar apenas de um sonífero, Fausto acaba matando a mãe de Margarida.

— Oi — Danielle, compenetrada com o enredo da história, tomou um susto. Voltou-se e viu André sorrindo, parado ao lado de Ricardo. — Você está aqui sentada já faz horas. Está tudo bem?

— Oi, rapazes. Me assustaram — respondeu Danielle, devolvendo o sorriso. — Nem vi o tempo passar. Estava entretida. Aqui é um lugar tão tranquilo para ler. Me desculpem. Preocupei vocês?

Ricardo fez que não com a cabeça, pois sabia exatamente onde ela havia estado durante todo aquele tempo. Mostrando-se curioso, perguntou:

— O que está lendo, Danielle?

Ela levantou o livro para que ele lesse o título.

— Leitura um pouco densa para essa hora do dia, não acha? — ele perguntou, sentando-se a seu lado. — Está gostando?

— Muito! Mais do que esperava — afirmou, sorrindo. — Nunca tinha lido nada de Goethe. Achei que ele se aproxima muito de obras de Shakespeare, como Hamlet, Macbeth e até de Rei Lear. Ele transita do romance à tragédia de uma forma muito intensa.

— *Pensar é fácil. Agir é difícil. Agir conforme o que pensamos: isso é ainda mais difícil* — citou Ricardo, recordando-se da frase que descrevia bem sua opinião a respeito.

— Caramba, Ricardo! Você está sempre me surpreendendo — disse Danielle, percebendo que o agente conhecia bem a obra.

— Só gosto de boa literatura e tenho uma boa memória. Nunca me esqueço de algo que leio ou vejo — respondeu Ricardo, querendo dizer que não era nada de mais.

Danielle sabia o quanto ele era modesto. Lembrava-se dos argumentos de Ricardo, sempre bem fundamentados, em suas aulas de literatura na universidade, e de como os alunos haviam passado a pedir sua opinião a respeito de seminários, *essays* e fichamentos.

— E qual é a história? — perguntou André, interessado. Danielle resumiu, brevemente e sem contar demais para não tirar a graça caso ele quisesse ler.

— Quando eu terminar, posso te emprestar. Combinado? — sugeriu a André. Ele piscou, e fez que sim com a cabeça.

O tempo começava a esfriar e já se aproximava a hora do jantar. Assim,

Danielle seguiu com os agentes até a mansão e foi se arrumar. Ricardo carregava o livro para ela. Ao passar pela cozinha, de onde vinha um cheiro delicioso de comida sendo assada, Danielle perguntou a Sarah se precisava de ajuda com a comida. Ela agradeceu e ofereceu a eles um *muffin* que tinha assado mais cedo, para que experimentassem. Os três aceitaram. André comeu e até repetiu. Danielle adorou o sabor das gotinhas de chocolate do bolinho e, em agradecimento, deu um beijo na senhora rechonchuda e de bochechas rosadas, que sorriu feliz com o carinho. Quando Danielle saiu em direção ao próprio quarto, sentiu que tinha feito uma nova amiga.

Danielle pensou em se deitar um pouco. Adorou dormir naquela cama imensa e confortável. Deitou, decidida a descansar rapidamente. Acabou cochilando.

Quando desceu as escadas, viu John conversando com Ricardo no saguão. Ficou parada ali, admirando aquele homem que tinha conquistado seu coração. Ele estava vestindo um terno escuro, como de costume. E estava lindo, na opinião de Danielle, também como de costume. Como se sentisse os olhos dela sobre ele, John voltou-se e a viu parada ao topo da escada.

Danielle usava um vestido tomara que caia branco com estampa de folhas verdes. Marcava sua cintura e descia pelos quadris de modo evasê. Felizmente, usava o mesmo número que a irmã. Danielle agradeceu mentalmente a Júlia, por ter emprestado aquele, dentre outras roupas. Júlia queria que a irmã fosse a “mais bem vestida no meio dos ricos”, como ela tinha dito no dia em que Danielle havia se despedido da família. Na ocasião, ela havia dito apenas que iria passar uns dias na casa de John em Florianópolis para relaxar, sem revelar maiores detalhes para não preocupar a mãe, que surpreendentemente, adorou a ideia da viagem “romântica” da filha.

John subiu e Danielle desceu as escadas. Encontraram-se no meio do caminho e ela enlaçou o pescoço dele quando John beijou-a no colo. Abraçaram-se e ficaram algum tempo apenas aproveitando a companhia um do outro.

— Danielle, você está linda — disse ele, detendo-se a admirar a forma como ela tinha prendido o cabelo de lado e como o vestido discreto, mas bonito, caía bem. — Desculpe-me por estar negligenciando tanto você — e, dizendo isso, beijou a ponta do nariz dela, fazendo com que Danielle sorrisse.

— Está tudo bem, John. Eu compreendo que você tem trabalhado muito. Meu dia foi muito interessante. Conheci boa parte da propriedade e comecei a ler *Fausto*. Estou adorando.

— Que bom que seu dia foi interessante, amor. Mas sei que disse que seria

diferente, que teria tempo pra você, e prometo que terei, assim que concluirmos as diretrizes desse projeto com a equipe de...

— Não se preocupe com isso. Está tudo bem, John, mesmo — disse ela, interrompendo-o e frisando a última palavra. — O que importa é que posso vê-lo todos os dias, mesmo que por pouco tempo. Pra mim, pelo período que for, já está valendo — e então sorriu, feliz que agora ele a abraçava ainda mais apertado. Ela pôde sentir o perfume de John, maravilhosamente inebriante.

— Estou muito feliz por você estar aqui e estou ansioso por termos mais tempo juntos. Acredito que, na sexta-feira, eu já possa me dedicar mais a você, amor.

Ela acariciou o rosto dele, a barba e consentiu com a cabeça, vendo um brilho diferente nos olhos de John.

— Vem comigo? — ele disse, com um sorriso encantador nos lábios.

John segurou sua mão e subiu as escadas com Danielle.

Danielle e John seguiram pelo corredor que dava acesso ao quarto da ala leste. Passaram pelo quarto dela e seguiram adiante, virando à esquerda. Ele abriu uma das portas e a conduziu para dentro. O quarto era ainda mais amplo que o dela. A decoração, desde a cor das cortinas e das paredes até os móveis mais arrojados, revelava a ausência de toques femininos, denotando um ambiente predominantemente masculino. Não foi preciso muito tempo para que ela deduzisse que era o quarto dele. Bastou aspirar o perfume presente no quarto, e soube que era ali que John dormia.

Ele fechou a porta e, encostando Danielle contra si, começou a beijá-la como um homem sedento em um deserto. Danielle havia imaginado aquele momento tantas vezes e, agora, ao sentir as mãos dele passearem por seu corpo e ouvir a respiração acelerada de John em seu pescoço, não sabia o que fazer. Era inegável o que estava prestes a acontecer. A língua doce de John não encontrou resistência ao invadir a boca de Danielle novamente e ela gemeu, excessivamente excitada com o beijo erótico.

O som foi como um incentivo para que ele avançasse, e foi o que fez, passando a mão por baixo de seu vestido, alcançando o tecido macio da renda de sua calcinha e, por ali, começou a tocá-la de uma forma que despertava mais e mais sensações de prazer em Danielle. O toque de John era selvagem e, ao mesmo tempo, gentil. Danielle não entendeu como isso era possível. Ela se sentia cada vez mais molhada em sua feminilidade.

Sentia o hálito dele quando, encostando a testa na dela, John esperou por sua resposta, sem desviar o olhar. Danielle entendeu o que se passava pela mente

dele. John esperava por seu consentimento. Esperava que ela demonstrasse que estava pronta e que ele poderia prosseguir. Ela decidiu encorajá-lo e começou a desabotoar os botões do paletó, deixando-o cair por seus ombros, até alcançar o chão. Era tudo de que ele precisava para continuar. Ele se ajoelhou e, com muita calma, sem desviar o olhar, retirou a calcinha de Danielle. Olhou a peça branca com um sorriso e aspirou seu perfume para, logo em seguida, levantar o vestido e aspirar o cheiro dela na fonte, entre suas pernas.

Danielle sentiu as pernas amolecerem e temeu não conseguir manter-se de pé. John, notando que o desejo dela era tão intenso quanto o dele, que começava a ficar fora de controle, conduziu-a até a cama, imensa, sem permitir que as bocas se desgrudassem. Ele a sentou e retirou a própria gravata e os próprios sapatos.

Danielle sentia-se úmida de tanto prazer, e seu corpo exigia satisfação. Ela nunca havia se sentido tão absurdamente ardente. Os lábios dele estavam avermelhados e seu olhar mostrava o quanto John estava consumido pelo desejo. Ela ansiava por ele, mas John a fez esperar mais um pouco. Passeando com os dedos pelo decote do vestido, ele circundou o tecido até as costas e desceu o zíper, expondo, então, não apenas os ombros de Danielle, que beijou de forma faminta, mas toda a extensão da pele dela até a cintura. Logo, deteve-se diante da renda do sutiã e admirou seus seios. Danielle sabia que não eram grandes e foi nisso que pensou. Mas John não pareceu se importar e apreciou rapidamente a área. Então a liberou também daquela peça de renda. No momento em que John abocanhou-lhe o seio esquerdo e o sugou vorazmente, Danielle também sentiu uma das mãos dele a explorar a região mais íntima de seu corpo.

Ela não conseguia pensar. Não conseguia falar. Não conseguia fazer nada, além de passar as mãos pelos cabelos sedosos de John e mantê-lo junto a si para que ele não parasse. Ele trocou de seio e começou a chupá-lo e mordê-lo, mas com a mão livre, estimulava o mamilo do outro seio, como que evitando que ficasse enciumado. Começou a descer e beijá-la por sobre o tecido do vestido que, agora, estava completamente amarrotado. Danielle sentiu-se mais molhada ainda e, então, entendeu que John a beijava em seu ponto mais íntimo, o que fez com que ela liberasse um gemido mais alto, não reconhecendo a sua própria voz naquele tom lascivo de prazer. Cobriu sua boca tentando refrear a excitação crescente do contato da boca de John com seu sexo. Ele então a levou a experimentar ainda mais prazer quando aumentou a pressão dos lábios sobre a intimidade de Danielle. Ela perdia-se cada vez mais naquele entorpecimento. Estava trêmula e ardia para que ele a completasse.

— Por favor, John... Por favor, eu não aguento mais — implorou ela e,

atendendo ao seu pedido, John não resistiu. Ele podia ver o olhar dela desprovido de qualquer medo ou receio.

Ajudando Danielle a ficar de pé, John deixou cair o vestido e apreciou o corpo da mulher que estava na frente dele, agora sem mais nenhuma barreira. Viu quando ela começou a desabotoar a camisa que ele vestia, e permitiu que Danielle fizesse o mesmo com o cinto e a calça. Sua ereção estava óbvia.

Ela não reconhecia a si mesma naquela mulher provocante e segura que sorria ao ver como o corpo dele reagia de desejo por ela. John estava apenas de cueca box diante dela. A iluminação difusa do quarto permitia que ela visse quase todos os detalhes do peito amplo de John e Danielle quis tocá-lo. Ele disse algo ininteligível e sorriu. Vendo que ela não havia entendido, repetiu sussurrando em seu ouvido:

— Acorde, meu amor, Danielle, acorde.

Abrindo os olhos, Danielle viu John sentado ao seu lado na cama. Estava deitada com o livro que lia à tarde aberto. John estava vestindo seu terno escuro, o que a deixou confusa. *Mas como?*, pensou consigo mesma. *Nós estávamos sem roupa e no quarto dele, não no meu.*

— Querida, estava tendo um pesadelo? — perguntou John, acendendo o abajur ao lado da cama.

— John... eu... quer dizer, nós... — e, nesse momento, viu que ela estava usando a mesma saia de linho verde e blusa branca que tinha usado durante a tarde, caindo em si. Ela sequer tinha chegado a tomar banho, pois tinha adormecido profundamente. — Foi tudo um sonho? — perguntou, descrente, não acreditando ser possível, mais para si mesma do que para John.

— Eu liguei pro seu celular, você não atendeu. Pedi que *Fräulein* Evelise avisasse a você que eu não conseguiria chegar a tempo para o jantar. Foi quando ela me disse que você estava dormindo e não havia descido para comer.

— Que horas são? — perguntou, ainda não acreditando que tudo o que tinha sentido não havia passado de um sonho.

— São mais de 9h da noite, querida. Está com fome? Quer eu peça para trazerem uma refeição aqui no quarto pra você?

Ela fez que não. Ele parecia um pouco preocupado com a expressão assustada dela e a abraçou com gentileza, enquanto ela devolveu um abraço cheio de volúpia, passando a mão por dentro de seu paletó. John, então, entendeu que não se tratava de um pesadelo, ao sentir como o corpo dela estava sensível a um simples abraço seu.

— Sonhava com nós dois, Danielle? — perguntou em seu ouvido, baixinho, e viu-a assentir, ainda com a cabeça em seu ombro, abraçando-o. — Foi um sonho bem real, pelo visto.

Ela assentiu novamente.

— Poderíamos, então, torná-lo realidade. O que você acha? — propôs John. Ela se afastou dele e sentiu-se voltar a ser invadida pela mesma onda de calor que tinha experimentado no sonho. As mãos fortes de John seguraram sua face e ele a beijou. A princípio, com ternura e, depois, apaixonadamente, o que a deixou com a respiração entrecortada e ofegante. Ele intensificou a carícia, enquanto ela tinha em mente as sensações provocantes do sonho.

John pôs-se de pé, para começar a livrar-se da roupa, quando ouviram uma batida na porta. Danielle não acreditou.

— De novo, não — sussurrou ela.

Ela o ouviu praguejar por terem sido interrompidos em hora tão inoportuna, e viu-o, relutantemente, vestir de novo o paletó e dar um beijo suave sobre seus lábios.

— Sinto muito, amor — e, voltando-se, abriu um pouco a porta, deparando-se com *Fräulein* Evelise parada do lado de fora.

— Desculpe-me por incomodá-los, mas o *Herr* Heinz está lá embaixo e deseja vê-lo com certa urgência.

John, que estava com os cabelos em desalinho e que torcia para ser algo que pudesse ignorar e retornar aos braços de Danielle, viu-se resignado a responder:

— Obrigado. Já vou descer — e fechou a porta em seguida.

Danielle já estava de pé ao lado da cama. Sentia-se, agora, com suas emoções um pouco mais sob controle. Ela viu John passar os dedos pelos cabelos, fechando os olhos, e aproximar-se dela nitidamente frustrado. Ela também se sentia assim, mas tentou mostrar-se compreensiva.

— Está tudo bem, meu amor — disse Danielle. — Teremos muito tempo, não é mesmo?

Ela sentiu o corpo dele retesado, tal como ainda sentia os espasmos que seu próprio corpo teimava em evidenciar.

— Eu não quero mais esperar. Não sei se posso... de verdade, não sei se sou capaz, Danielle. Já esperamos tanto...

— Melhor você ir receber sua visita, John — disse Danielle, esforçando-se para sorrir. Mas, de fato, buscava acalmar o desejo dentro de seu íntimo. — Eu

acho que vou tomar um banho e, depois, comer alguma coisa.

Ele sabia que tinha que ir, mas saber e querer eram coisas completamente diferentes. Assim, após outro longo abraço, beijou o alto da cabeça dela. Adorava o cheiro dos cachos de Danielle, pensou, sorrindo antes de sair.

Danielle não tinha apetite nenhum. Sua fome tinha nome e sobrenome. Mas, como não tinha saída, encaminhou-se ao chuveiro, para enfrentar o banho mais frio e longo que já havia tomado na vida.

RESISTINDO À TENTAÇÃO

Danielle estava com dificuldades para pegar no sono. John não tinha mais retornado ao quarto dela. Ela havia tomado um banho e, agora, vestia um de seus pijamas divertidos. Desta vez, um cor-de-rosa com estampas de coelhinhos e cenouras. Pensou em descer para tomar um suco ou comer alguma coisa, e viu que já passava das 3h da manhã. A temperatura caía muito à noite ali. Apesar da calefação, Danielle se enrolou em um grande casaco de lã para, só depois, descer as escadas, pé ante pé.

Ao passar pela sala, viu a luz acesa no escritório de John. Sem fazer barulho, abriu a porta e o viu dormindo sobre o grande sofá de couro escuro que ficava em um dos cantos. Devia ter caído no sono, pois havia algumas folhas espalhadas pelo chão. Alguém o havia coberto com uma manta. Imediatamente, pensou em *Fräulein* Evelise. Mesmo com vontade de ficar ali admirando aquele homem lindo, ela desligou as luzes e fechou a porta, com cuidado.

Viu então que havia alguém na cozinha e surpreendeu-se ao flagrar Ana Clara e o chefe da segurança, Henrique, conversando até aquele horário. Eles pareceram surpresos e desconcertados por ela os ver ali, sozinhos. Danielle, no entanto, agia naturalmente. Cumprimentou-os com um breve sorriso, pedindo licença para pegar um copo de suco na geladeira. Vendo um dos *muffins* de Sarah sobre o balcão, aproveitou para surrupiar um também e, dando boa noite aos dois, saiu, tão rápido quanto havia entrado.

Antes das 8h da manhã, Danielle já descia para tomar café. Sorriu ao ver John sentado à mesa. Ele usava um de seus ternos escuros e uma gravata azul marinho. Ninguém diria que John havia passado a noite dormindo em um sofá. Estava com a aparência ótima, como sempre. Sorriu ao vê-la e, levantando-se, deu nela um beijo e um abraço longos, mostrando que também tinha pensando bastante nela nas últimas horas.

John precisaria viajar a São Paulo. Klaus Heinz os havia interrompido na noite anterior, trazendo um problema no projeto dos ônibus que precisava da supervisão de John, em pessoa, pelo que Danielle pôde entender. Eles foram apresentados no café da manhã. Danielle sentiu algo estranho quando Klaus a cumprimentou, ao serem apresentados. Havia algo no olhar dele que a fez sentir calafrios. *Deve ser coisa da minha cabeça*, pensou, desanuviando a mente. Foi quando John comunicou que precisava fazer a viagem urgente e que só não a levaria com ele por saber que não teria tempo para dar atenção a ela. Acreditava

que voltaria em no máximo três dias. Ela ficou um pouco triste, mas tentou disfarçar.

Bruno surgiu e, após cumprimentá-los, disse que estava tudo em ordem para irem ao aeroporto. Danielle os acompanhou até a entrada da casa, e os dois se despediram com outro abraço demorado. Ela, percebendo que Klaus já estava no interior do veículo, deu vários beijinhos em John, que a tomou nos braços e se apossou de sua boca com vontade antes de largá-la.

— Adoro ver você usando esse colar sabia? — tocou o pingente delicado em forma de coração. — Vou sentir muitas saudades de você, meu amor.

— Eu só tiro ele pra tomar banho. Me faz sentir você por perto. Assim me sinto menos... — e interrompeu-se.

— Eu sei, Danielle — disse John, acariciando o rosto dela. — Sinto muito por nossa vida juntos ter começado conosco separados.

Ela sorriu com o trocadilho.

— Me desculpe, John. Sei o quanto você tem trabalhado. Mas logo chegará a festa de aniversário da Letícia e poderemos passar o dia juntos nesse dia, não é verdade?

— É uma promessa, meu amor — e, dizendo isso, entrou no carro e partiu.

Danielle foi até a cozinha e ajudou Sarah a fazer o almoço. Conversaram animadamente e Danielle soube que a cozinheira era viúva, mas tinha três filhas, já casadas e com suas próprias famílias. Foi uma conversa agradável e divertida. Além de Sarah e Luíza, havia três outras empregadas que cuidavam da arrumação da casa: Eugênia, Inês e a filha de Luíza, Ana Clara, que era uma jovem loira muito bonita, mas que, diferentemente das senhoras de meia idade, nunca sorria quando Danielle estava por perto. Aparentava não ter ainda vinte anos. Luíza tinha contado a Danielle que John Hauser havia consentido que a moça trabalhasse na casa por meio período, desde que o trabalho não interferisse nas aulas na faculdade. Ana Clara estava no segundo ano do curso de Ciência da Computação.

O jardineiro demonstrava ter muito orgulho da filha, que seria a primeira da família a ter um diploma de curso superior. Ana Clara preferia ajudar João cuidando do jardim, do que se envolver com a limpeza e com a cozinha. João e a esposa Luíza mostravam muito respeito e gratidão pelo patrão. John custeava os estudos de sua filha desde que haviam começado a trabalhar naquela casa, o que já fazia mais de dez anos. Ela tinha crescido praticamente naquela casa.

A mansão parecia, de fato, uma fortaleza no que dizia respeito à proteção:

Danielle tinha contado seis seguranças, além dos quatro agentes da polícia que cuidavam do perímetro e faziam rondas nas imediações do amplo terreno. Sem mencionar Bruno que, desta vez, não viajou com John, como das outras vezes. Ele era motorista e amigo pessoal de John, e parecia ser muito fiel àquela amizade. Sempre era gentil com Danielle e, quando não estava à disposição de John, como acontecia naquele momento, passava o dia na garagem subterrânea, cuidando da coleção particular de carros de John. Naquela tarde, Danielle foi convidada a conhecê-los, e ficou abismada com tantos modelos diferentes ali: de clássicos a esportivos, ele possuía nove carros. Danielle pagava ainda a 15ª das 24 parcelas de seu Línea. Riu do contraste entre a vida simples, embora confortável, que conhecia, e aquele universo de opulência e riqueza a que era apresentada.

Bruno os mantinha em ótimo estado de apresentação. Reluziam como diamantes em uma joalheria.

— De qual deles você gostou mais, Srta. Nunes? — perguntou Bruno, saindo de baixo do Land Rover branco com uma ferramenta nas mãos. Danielle olhou para aquelas máquinas possantes e ficou em dúvida. Todos eram incríveis para ela.

— Acho que daquele ali, Bruno — disse, apontando para um carro preto com linhas arrojadas.

— Ótima escolha! Este é um Jaguar XJ 2010. É um dos preferidos do Sr. Hauser — disse ele, tirando a graxa das mãos. — Gostaria de dar uma volta?

Danielle virou-se, fazendo cara de criança que ganha o presente de natal antecipado.

— Claro! Eu... claro, gostaria muito. É possível? De verdade, Bruno? — perguntou, chegando perto do carro e passando as mãos pelo desenho arrojado.

— Pode dar um passeio dentro da propriedade mesmo — disse Bruno, indo buscar as chaves. — Tenho certeza de que o Sr. Hauser não vai se opor.

E, assim, foi. Uma Danielle eufórica atrás do volante extremamente sofisticado daquele carro veloz que, provavelmente, jamais poderia comprar. Olhou para o câmbio: sete marchas. Nem fazia ideia de que aquilo era possível.

— Vamos lá, senhorita. Ele não morde, eu garanto. Os pedais são muito sensíveis, então só não se empolgue demais, porque ele vai de zero a 100 km em cinco segundos.

Danielle virou a chave e, ao ouvir o ronco alto do motor, sentiu sua adrenalina subir até a estratosfera. Riu, dando um gritinho de emoção quando

começou a passear com o carro pelo entorno da mansão. Estava adorando a sensação. Era extremamente confortável e bastava um leve toque no pedal do acelerador para que o veículo corresse mais do que ela esperava. Quando desceu do carro em frente à mansão estava elétrica. Abraçou Bruno pela oportunidade.

— Foi incrível, Bruno. MUITÍSSIMO obrigada. Eu amei! Foi... — nesse momento, viu *Fräulein* Evelise atrás dele, com a expressão muito séria, como de costume.

Fräulein Evelise era muito mais que uma governanta naquela enorme propriedade. Danielle tinha sentido, desde que haviam sido apresentadas, um certo distanciamento por parte da senhora, que comandava com muita presteza a organização da mansão em que John morava. Apesar disso, a governanta sempre tinha se mostrado muito solícita para com a hóspede de John.

— *Fräulein*, o jantar será servido em uma hora — disse ela e, com um aceno de cabeça, afastou-se silenciosamente. Danielle só teve tempo de agradecer pelo aviso com um sorriso.

Danielle sabia que a vida daquela mulher havia sido dedicada a cuidar de John desde que ele tinha nascido. Após a morte dos pais dele, ela talvez tivesse sido uma das únicas fontes de amor e refúgio que ele era capaz de encontrar quando retornava para o Brasil nas férias da escola em Leipzig. John a tratava como parte da família. Sempre dava um beijo nela quando saía para a companhia. Danielle sentia que eles tinham um laço tão estreito como o de uma mãe com o filho. Por isso, Danielle estava decidida a se aproximar dela e, se estivesse a seu alcance, tentaria ser sua amiga.

Após despedir-se de Bruno, Danielle foi até os agentes Ricardo e André, que reposicionavam as câmeras de vigilância e verificavam o melhor ângulo para a instalação de novas filmadoras.

— Oi! — ela sorriu para eles e para os três seguranças a quem já havia sido apresentada. Chamavam-se Jean, Fábio e Henrique. Todos eram grandes e imponentes em seus ternos escuros e limitavam-se a trocar com ela palavras de cortesia. Danielle, porém, tinha o hábito de perguntar como estavam. Com o tempo, passaram a perguntar também como ela estava. Certa vez, até conseguiu fazer com que Henrique, o chefe da equipe de segurança, esboçasse um meio sorriso.

— Precisa de alguma coisa, Srta. Nunes? — perguntou Ricardo, voltando-se para dar atenção a ela.

— Não preciso, Ricardo — respondeu Danielle, ainda eufórica. — Vocês me viram dirigindo aquele carro incrível? Demorei um pouco pra me acostumar,

mas consegui! — deu alguns pulinhos. — Aquele é o carro mais lindo que já vi na minha vida. Não, é o carro mais lindo do mundo!

André, que descia da escada após posicionar uma câmera no ângulo que queria, disse:

— Vejo que se apaixonou pelo jaguar — poucas vezes a tinha visto assim, tão animada com algo, especialmente depois de parar de lecionar. — Você foi muito bem. Vimos você daqui.

— Gostou tanto assim do carro, Srta. Nunes? — quis saber o outro agente.

— Ricardo, por incrível que pareça, sim! Ele é... vibrante — definiu, procurando pela palavra certa. — E, sabe o que mais? O Bruno me prometeu que vai me dar umas aulas de mecânica. Eu sempre quis aprender para não ser passada para trás quando precisasse consertar alguma coisa no meu carro. E meus irmãos nunca tiveram paciência pra me ensinar. Costumavam dizer que, caso eu precisasse, eles me ajudariam, que bastaria chamá-los Ah! Eu sempre quis entender como se faz.

— Acho que terá que abrir mão de suas belas unhas para mexer em um motor, Srta. Nunes — disse Jean, com certo desdém. — Não é algo sobre o que uma mulher precise ter conhecimento. Entender de injeção eletrônica deve ser um segredo tão difícil para uma mulher entender quanto foi enviar o homem ao espaço. Não é algo para alguém tão frágil como a senhorita — concluiu o segurança, sério.

Danielle olhou bem para aquele homem. Não acreditava no comentário machista que tinha acabado de ouvir. André olhou de Jean para Ricardo, balançando a cabeça. *Tempestade com raios e trovões à vista*, pensou ele, sem nem precisar olhar a expressão de afronta no rosto de Danielle. Ricardo cruzou os braços após acertar os óculos sobre o nariz, só conseguindo ter pena do pobre homem. No entanto, sorria, porque sabia que seria divertido.

Danielle respirou fundo, como costumava fazer quando se sentia injuriada. Aproximou-se do grupo de três seguranças e viu Jean tirar os óculos escuros antes de continuar.

— Não quis ser rude. Apenas constatei um fato. Há tarefas que são mais adequadas para homens, e outras, para mulheres. Mecânica é algo que requer certas habilidades e força bruta, algo que não combina com você. Espero que não me entenda mal.

— Jean, não é esse o seu nome?

— Exatamente, senhora.

— Então, Jean, eu tentarei seguir a sua linha de raciocínio para esclarecer o meu ponto de vista, ok? Eu apoio o direito à livre expressão. Por isso, respeito sua opinião. Eis a minha: a mesma resistência e perspectiva que você colocou sobre as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres serviram como argumento para limitarem as oportunidades dadas às mulheres por séculos.

Os outros dois seguranças se afastaram um pouco, posicionando-se ao lado dos agentes.

— Muitos homens que pensavam como você negaram o direito ao voto às mulheres, por exemplo, argumentando que elas já estavam bem representadas por seus pais, maridos e irmãos ou, simplesmente afirmando que a mente feminina não tinha maturidade para compreender questões políticas — continuou Danielle. — Porém, uma grande característica feminina é ser perseverante. Desse modo, apesar da resistência de homens que pensavam como você, essa conquista se tornou um direito.

Ela fez uma pausa antes de prosseguir.

— Assim sendo, Jean, não entendo por que seria necessário me adequar às expectativas dos outros, se, para isso, teria que ignorar minhas próprias expectativas. E minha expectativa não é ser melhor e, talvez, eu nem consiga ser tão boa quanto você ou qualquer outro homem familiarizado com o cuidado de motores. Eu só não concordo que me digam que, por ser mulher, não sou capaz de aprender. Mas eu sei que você pode ser capaz de desconstruir essa opinião, como a NASA foi capaz de reconsiderar e recorrer a mulheres para conseguir permanecer na corrida espacial contra a União Soviética e, finalmente, ter êxito em mandar um homem ao espaço. Mulheres que, convenientemente, ficaram à margem dos livros de história. Essas mulheres não receberam o crédito que mereciam. A imagem de um homem fincando uma bandeira na lua era mais interessante. Mas se a NASA conseguiu mudar de opinião, tenho certeza de que você também conseguirá — e, sorrindo de modo nada amistoso, deu as costas para ir embora.

Foi quando se chocou com alguém.

— Peter! — disse ela, ainda exasperada. — Desculpe-me, não o vi chegar. Você está aqui há muito tempo? — perguntou, querendo saber o quanto da conversa ele tinha ouvido. Ele sorriu e, encarando-a de perto depois de tanto tempo sem vê-la, levou alguns segundos para conectar suas ideias às palavras. Ela não entendeu por que ele estava sorrindo.

— É a segunda vez que temos esta conversa — esclareceu Peter, lembrando-se de quando se conheceram no hospital e ele ouviu a conversa de

Danielle com Rose ao telefone. — Ouvi o suficiente — continuou, sorrindo e cumprimentando os demais. — John me pediu que viesse fazer companhia no jantar. Ele ficou preocupado de você se sentir solitária. Tentou telefonar para o seu celular para se desculpar, mas parece que não conseguiu falar com você.

— Meu celular descarregou — ela respondeu, lembrando-se de que havia colocado o aparelho para carregar no quarto que estava ocupando na mansão.

— Vamos entrar, então? — perguntou Peter, admirando os traços de Danielle e sentindo que tanto tempo sem vê-la não tinha diminuído em nada o que sentia por ela.

— Sim, vamos — e, dando uma última olhada para o grupo, disse: — Ricardo, não se esqueça de nossa partida amanhã. Depois do almoço, está bem? O agente acenou positivamente com a cabeça e despediu-se dela com um sorriso. Admirava a força que daquela moça.

— O que vão jogar? — perguntou Peter, enquanto seguiam pelo jardim em direção à casa.

— Xadrez — respondeu Danielle, sorrindo. — Ricardo é muito bom e está me ajudando a melhorar minha estratégia.

— Fiquei feliz em saber que você aceitou o convite de John — disse Peter. — Meu amigo estava seriamente preocupado com sua segurança. Todos nós estávamos — completou.

— Estou gostando de estar aqui. Obrigada por ter vindo me fazer companhia, mas não é preciso ficar — ela estava um pouco triste por não poder ver John naquela noite. O jantar era o principal momento que possuíam para ficar juntos desde que haviam chegado.

— Você quer que eu vá embora? — perguntou ele, parando na metade do caminho. — Não quero impor minha presença se não vai ficar à vontade.

— Peter, não quis dizer isso. Me perdoe — ela arregalou os olhos e percebeu que o tinha ofendido, mesmo sem querer. — Eu só quis dizer que você, talvez, prefira estar em outro lugar, em vez de estar aqui pajeando uma quase desconhecida.



Ele observou por um tempo aquele rosto, o mesmo que tinha ocupado seus pensamentos nos últimos meses. Evitava ao máximo pensar em Danielle, ainda mais após John ter revelado, no hospital, que estava apaixonado por ela. Jamais poderia se interpor entre os dois, mesmo desejando-a também daquela forma.

Ela era diferente. Em tudo. Era forte e ao mesmo tempo frágil. Ele adorava a forma como ela havia argumentado com o segurança. Já havia tido a oportunidade de ver a maneira lógica como sua mente trabalhava, e adorava. Recriminava-se por pensar nela e sentir-se daquela forma só por estar perto como estava naquele momento. Jamais faria algo que pudesse colocar em risco sua amizade com John. Por isso, tinha ligado pouquíssimas vezes para Danielle desde que a tinha visto pela última vez. Só havia ligado quando tinha percebido que sua mente não permitiria que se concentrasse em mais nada além da imagem dela, que voltava quando fechava os olhos para dormir ou quando tentava se concentrar no trabalho. Ou, simplesmente, quando via uma moça negra passar pela calçada quando estava dirigindo.

Sabia que o que John sentia por Danielle era correspondido e, por isso, quase tinha recusado o pedido de John para que fosse jantar justamente com ela e, ainda por cima, a sós.

Sem pensar no que fazia, Peter segurou a mão de Danielle e, com um raro sorriso no rosto, disse:

— Não há outro lugar onde eu possa querer estar, Danielle — e levou a mão dela aos lábios, depositando um beijo.

Danielle não entendeu bem o que ele estava tentando dizer, mas sorriu,

agradecendo a gentileza. Naquele momento, eles entravam na casa. *Fräulein* Evelise veio recepcionar Peter e oferecer uma bebida.

— Eu vou tomar um banho e desço em alguns minutos, está bem assim?

Danielle ficou animada por ter com quem conversar. Tomou banho e vestiu-se em meia hora. Decidiu prender o cabelo e passou um pouco de maquiagem. Optou por uma blusa fresca preta, sem mangas, e uma saia de cetim rosa suave, de tule, com bordados pretos.

Desceu e encontrou Peter observando o livro que ela havia deixado sobre o aparador. Sorriu.

— Já conhece Fausto, Peter? — questionou, vendo-o folhear o volume. Ele se virou para ela e, por um momento, apenas vislumbrou a mulher à sua frente.

— Você está linda — disse ele, não percebendo que tinha falado em voz alta até ela sorrir e agradecer.

— Você está sempre muito elegante, Dr. Hass — brincou ela. — Mas e quanto ao livro?

Só então Peter percebeu que não havia respondido à pergunta.

— É meio como Gonçalves Dias para você — respondeu o médico, sorrindo.

— Descendentes de alemães conhecem bem a obra de Goethe.

— Vamos jantar — Peter ofereceu a ela o braço, que Danielle aceitou. Sentia que podia conversar sem melindres com o médico, que se mostrava muito sociável e brindava-a com um sorriso sincero naquela noite.

Conversaram muito durante o jantar, que acharam delicioso. Sarah era uma cozinheira fantástica. Danielle convidou *Fräulein* Evelise para jantar com eles, mas ela se recusou. Os agentes Ricardo e André já estavam comendo com os empregados da mansão. Ainda assim, estavam próximos a ela, caso fosse necessário.

Danielle descobriu que a mansão tinha uma belíssima surpresa. O que ela julgava ser apenas mais um quarto da casa era, na verdade, uma sala de cinema particular. Havia vários almofadões e *puffs* brancos, além de poltronas modernas. Mas o que achou mais acolhedor para aquela noite, que começava a esfriar, foi a linda lareira a qual, rapidamente, André adicionou toras de lenha. Agora já crepitava. Era ideal para que um grupo daquele tamanho assistisse a alguns filmes, com conforto. Danielle havia convidado a todos para assistirem alguma história após o jantar e estendeu o convite a Peter, que aceitou de bom grado, o que a surpreendeu. *Fräulein* Evelise recusou, como esperado.

— Posso entrar, Srta. Nunes? — perguntou o segurança Jean, parado à porta, ao fim de seu turno. Estava já sem o terno de trabalho e um tanto sem graça por conta da conversa que havia tido com Danielle mais cedo.

— Seja bem-vindo, Jean! — disse ela, estendendo o balde de pipoca para ele e sorrindo, fazendo com que entendesse que já havia superado aquele breve desentendimento.

Ela deu três opções de filmes para o grupo, e o grande vencedor da noite foi *Até o último homem*. Com uma maioria de homens, era lógico que escolheriam um filme de ação, e não a comédia ou o romance que estavam na disputa. Sabia, porém, que os três filmes eram muito bons. Sarah estourou pipoca para todos e acomodou-se em uma das poltronas. Os demais foram se sentando como preferiam. Ana Clara deitou-se sobre os almofadões.

Peter resistiu à tentação de se sentar ao lado de Danielle. Imaginou que, na escuridão, poderia se sentir ainda mais tentado a tocá-la. Escolheu uma poltrona a certa distância, mas que o permitia ver todos, além de possibilitar ter uma ótima visão da tela. Mas uma pessoa, em especial, despertava mais seu interesse que o filme. E aquela penumbra havia sido providencial, pois agora ele tinha a oportunidade de admirar aquela bela mulher, a mesma que ocupava seus pensamentos dia e noite.

Danielle optou por se sentar no grosso tapete depois de tirar os saltos. Chorava por conta de uma cena mais dramática do filme.

Ela, ali, sentada tão despreocupadamente em meio aos funcionários da mansão, via-os como iguais, diferentemente de tantas damas da sociedade que Peter conhecia e que, muitas vezes, mal se dignavam a dar um bom dia a seus empregados. Isso fez com que Peter percebesse, mais uma vez, o quanto ela era sensível e forte ao mesmo tempo. Lembrou-se da maneira como ela tinha defendido a própria opinião discutindo com o segurança. Ela não era rancorosa. Tinha aceitado a companhia de Jean com um sorriso no rosto quando ele se mostrou arrependido. De fato, o médico se sentia perdido com as emoções que Danielle despertava.

O filme tinha chegado ao fim, também tirando lágrimas de Ana Clara e Sarah. Ao mesmo tempo, foi considerado um bom roteiro por Bruno, Ricardo, André, Jean e, até mesmo, por Peter. Pelo menos pelos poucos trechos em que ele pôde se concentrar. Todos aprovaram o filme e agradeceram pelo convite. Danielle sorriu ao desejar boa noite, e propôs que, em breve, repetissem o programa. Dessa vez, porém, as damas escolheriam o filme, brincou ela.

Foi um momento feliz para Danielle. Amava cinema e, em boa companhia,

era algo que a deixava ainda mais feliz. Sentia falta de John. Muita falta, pensou. Será que ele estaria ali com eles, caso estivesse em casa? Ela refletiu um pouco. Não sabia o que responder. Ainda não o conhecia bem o suficiente, mas sabia que a saudade em seu peito só aumentava. Tocou no colar com carinho. André e Ricardo a acompanharam, a uma certa distância, quando ela foi levar Dr. Peter Hass até o carro. Ele viu que chovia torrencialmente e que havia esquecido a capota abaixada. Ou seja, seu carro estava completamente cheio d'água. Danielle pôs a mão sobre a boca, mas não resistiu, e começou a rir da cena. Peter olhou para o carro e para ela e, dando-se por vencido, também riu da própria distração. Mas ria porque vê-la feliz o deixava feliz também, de uma forma que ele não poderia e nem queria tentar explicar. Deliciava-se só por estar se sentindo daquela maneira.

— Vou falar com *Fräulein* Evelise pra preparar um quarto pra você, Peter. Está um pouco tarde pra você voltar pra casa, de qualquer forma — disse Danielle.

Ele consentiu e a seguiu de volta, para dentro da mansão, seguido por André, que tentava conter o riso. Ricardo permaneceu na grande varanda por um tempo. Reconhecia o olhar de um homem apaixonado, e tinha visto esse olhar em Dr. Hass, embora acreditasse que Danielle nem suspeitasse. Passou a mão pelos cabelos ao prever que algo assim não ficaria oculto dos olhos dos outros por muito tempo.

O BEIJO ROUBADO

Peter levantou-se cedo. Em pouco tempo, terminou de se preparar para sair. Olhando o relógio, viu que ainda não eram 6h da manhã, mas sabia que já havia empregados de pé, adiantando seus afazeres. Já conseguia sentir o aroma do café se espalhando pela casa e, provavelmente, de uma fornada quente de *muffins* de Sarah — ele conhecia bem aquele cheiro delicioso. Parou ao lado de uma porta, no mesmo corredor. Viu quando Danielle se despediu dele e entrou no quarto que ficava três portas depois do quarto em que tinha passado a noite. Ela, àquela hora, logicamente deveria ainda estar dormindo. Peter tocou a porta do quarto de Danielle com os dedos e um pensamento invadiu sua mente. Retomando, porém, à razão, seguiu em frente e desceu as escadas.

Fräulein Evelise serviu o café-da-manhã com um sorriso para o jovem médico a que tanto admirava. Conhecia-o desde menino. Peter decidiu que era melhor para sua sanidade evitar ver Danielle com frequência. Era o correto a se fazer naquela situação. Enfrentava um dilema interno, como se estivesse preso em uma armadilha da qual não conseguia soltar-se. Estava fora de questão esperar para se despedir de Danielle e, como Bruno tinha se encarregado de resolver o problema de seu carro, Peter pegou com o motorista as chaves do modelo menos chamativo, em sua opinião, e saiu para trabalhar na Land Rover branca. Sabia que John não se oporia e, assim, saiu bem cedo para o plantão no hospital público, em uma área mais pobre da cidade. Decidiu sair antes que todos acordassem, ou melhor, antes que Danielle acordasse.

Danielle acordou depois das 7h da manhã. Havia se divertido muito na noite anterior. Antes de dormir, ainda tinha conseguido jogar três partidas de xadrez com Ricardo, perdendo em todas elas. Gostava do fato de que Ricardo não a deixava ganhar para agradá-la. Ele tornava o jogo desafiador para ela. Um dia, conseguiria dar um belo xeque-mate no amigo. Peter não quis jogar, lembrou. Mesmo assim, o médico assistiu à primeira partida em silêncio e pareceu se divertir com as estratégias frustradas de Danielle de distrair Ricardo.

Durante toda a noite, ela havia tido a impressão de que Peter não estava com os pensamentos ali. Como se algo o incomodasse. Mas não se sentia confortável em perguntar, afinal, mal se conheciam. Quando ele se despediu dela com um sorriso antes de ir dormir, Danielle teve novamente aquela impressão. Peter, apesar de tentar disfarçar, estava triste. Era tristeza que ela via naqueles olhos bonitos. Queria poder ajudá-lo. Sentia que ele era um homem bom e

também era o melhor amigo de John, pelo que tinha percebido. Eles se entendiam tão bem. Era bom que John tivesse Peter, além de Letícia e Hugo. Gostava de vê-lo assim, sempre rodeado de pessoas que o queriam bem.

Começou a andar com o celular para onde quer que fosse. Esperava que John telefonasse. Já estava com saudades dele.

Danielle tomava café com os agentes e conversavam sobre o filme que haviam assistido na véspera. Ana Clara continuava arredia com Danielle. Quase nunca a dirigia a palavra, mas, naquela manhã, sorriu brevemente, antes de pegar uma fruta e sair, pois estava atrasada para a faculdade. Danielle, Ricardo, André e Bruno tomavam café animadamente, lembrando-se do estado em que tinha ficado o carro de Peter. Sarah fez uma cara de espanto ao imaginar aquele estrago, mas Bruno contou que já o havia levado para uma oficina especializada e que, em dois dias, o carro estaria recuperado. Danielle viu, repentinamente, André abrir um sorriso, ao mesmo tempo em que as mãos do agente cobriam os próprios olhos.

— Quer dizer que ontem você ficou no escurinho do cinema com todos esses homens bonitos e nem pra se lembrar de sua quase cunhada?

— Letícia, que saudade! — disse Danielle, levantando-se e abraçando a prima de John. — Quando você chegou?

— Ontem à noite, amiga. Lá em casa, o clima está tenso. Fui apagar um incêndio entre meu pai e Hugo — e, dando a entender que se tratava de algo sério, Danielle fez um gesto com a cabeça, mostrando que poderiam falar a respeito mais tarde, quando estivessem a sós.

— Olá, cavalheiros — disse Letícia, assumindo sua postura de mulher fatal e brindando-os com seu melhor sorriso. Ela fazia questão de cumprimentá-los com toda a sua atenção. André, galante, beijou a mão que ela estendeu, enquanto Ricardo se restringiu a um aperto de mãos e um aceno com a cabeça. Bruno sorriu para a moça, e ela deu um beijo em sua bochecha. Eram amigos, pelo que Danielle tinha entendido.

— Vim para que me ajudasse com os preparativos finais da minha festa. Amanhã, a empresa que contratei para a decoração começará a preparar a tenda no jardim e a área da piscina para a celebração. Mas *Fräulein* Evelise já tem tudo sob controle. Nem precisaremos nos preocupar mais com isso.

— A sua festa no sábado será aqui, Let? — perguntou Danielle, mostrando que desconhecia a informação.

— Não te contei? — questionou Letícia, colocando a mão na testa. — Desculpa, amiga. Estive muito ocupada esses últimos dias.

— Você sabiam? — perguntou Danielle a Ricardo e André.

— O Sr. Hauser já nos havia comunicado. Pensei que a senhorita soubesse — disse André. — A segurança da mansão será triplicada a partir de amanhã. O tenente Hessman e a Sargento Silvia vão mandar duas equipes de distrito para colaborar conosco e com os seguranças da mansão.

— Então, Dani — chamou Letícia, segurando as mãos de Danielle. — Nós teremos tempo para as compras. — Precisamos de vestidos que nos deixem encantadoras e apaixonantes — disse, lançando um olhar para Ricardo. — Amanhã, podemos escolher sem correria. Aí, no sábado, teremos um dia especial em um spa de uma amiga minha, que eu sei que você vai amar — Letícia tinha um olhar suspeito no rosto.

— O que você está aprontando, hein, pequena? — perguntou Danielle, sorrindo.

— Nada de mais, guria — respondeu Letícia, parada entre Ricardo e André. — Apenas planejei um dia relaxante para nós duas. Mas algumas surpresas te aguardam até o sábado — e sorriu, enlaçando o pescoço dos dois agentes. André adorou o contato. Ricardo, parecendo desconfortável, levantou-se e ofereceu a cadeira para Letícia, que não desistia tão fácil e, sem nenhum embaraço, encostou seu corpo no dele enquanto ele se levantava. Ela colocou a mão no ombro do agente e sussurrou algo em seu ouvido.

Então Danielle viu algo que até então não tinha presenciado: o agente Ricardo corado. Ficou imaginando o que a amiga havia dito para que ele ficasse tão vermelho. Ricardo, chamando Bruno, saiu rumo à garagem.

André percebeu, mas estava decidido a não sair do páreo, e monopolizou a atenção da moça naquela manhã. Letícia estava muito feliz de o dia estar ensolarado e convidou o agente e Danielle para um mergulho na piscina. Por estar ali a trabalho, ele recusou, mas se prontificou a acompanhá-las, para que Danielle não ficasse, ao mesmo tempo, sem a supervisão dos dois agentes.

— Sei — disse Danielle, rindo para Letícia.

Foram se trocar e Danielle vestiu uma combinação de short com a parte de cima de um biquíni azul claro, mesmo sabendo que era mais prudente ficar bem longe daquela piscina olímpica enorme em que ela não teria coragem de entrar, de qualquer forma. Estava vestindo uma leve saída de praia por cima, quando o celular tocou.

— Bom dia, meu amor — John disse, do outro lado da linha.

— Ah! Que bom que você ligou, John — respondeu Danielle, jogando-se

na cama para conversar com ele. — Como você está? E como vão as coisas por aí? Você volta amanhã a que horas? Eu posso ir te buscar no aeroporto — ela estava radiante por poder falar com ele.

John riu do outro lado da linha da enxurrada de perguntas antes de responder.

— Eu estou bem, Danielle. Com muitas saudades da minha namorada, mas estou bem. Queria muito estar ao seu lado agora. Estou ansioso para te ver e para terminarmos o que começamos naquela noite.

Ela, imediatamente, sentiu-se quente só de lembrar-se das sensações que tinha experimentado na noite em questão. Primeiro dormindo e, depois, acordada.

— Mas, amor, eu só poderei voltar no sábado — continuou ele, fazendo com que o sorriso dela desaparecesse. — Está tudo bem encaminhado, mas não concluímos o que viemos resolver aqui. O Klaus ficaria aqui supervisionado tudo, mas não poderá, porque a esposa teve uma emergência e ele voltou hoje para Florianópolis.

Considerando o silêncio dela, ele tentou se desculpar.

— Eu sinto muito, meu amor, mas prometo que, no sábado, chegarei a tempo para a festa. E o domingo será exclusivamente nosso. Vou fugir com você — avisou, tentando voltar a ouvir a animação na voz dela.

— Eu entendo, John, imprevistos assim podem acontecer. Mas não se preocupe comigo, tenho muita coisa para fazer por aqui, e não estou me sentindo sozinha — disse Danielle, ainda tristonha, mas tentando mostrar algum entusiasmo na voz. — Ah! Ontem o Peter veio aqui. Obrigada por ter pedido que ele viesse. Assistimos a um filme com Ricardo, André, Bruno e outros funcionários da casa. Foi muito divertido! Como você não me contou que tinha uma sala de cinema? — perguntou, rindo. — Só faltou você, amor — concluiu, tentando mudar de assunto para que ele não ficasse triste também.

Ela tomando fôlego para continuar.

— Hoje, a Letícia chegou cedo para ver questões da festa. Cheia de planos para fazermos compras e irmos para um spa no sábado de manhã.

— Que bom, Danielle! — respondeu John, satisfeito por ela ter muitas distrações. — O agente Ricardo já me informou do esquema de segurança para quando vocês precisarem sair. Fica tranquila. Não há com o que se preocupar.

— Eu sei, John. Você também deve ficar tranquilo, está bem? Falei sem parar e nem dei chance para você. Desculpe.

— Tudo bem, meu amor. Eu fico feliz que você se sinta mais à vontade. Quero muito que se sinta em casa. Preciso ir agora, querida. Amo você..

— Bom trabalho, John. Nos vemos no sábado — decidiu não dizer por telefone que o amava também. Queria que a primeira vez em que dissesse fosse um momento especial para os dois.

O agente André a acompanhou, pelo jardim, até a piscina. Danielle viu Bruno e Ricardo passarem em direção à guarita da segurança, mas não aparentavam pressa, o que indicava que tudo corria tranquilamente. Letícia tomava sol na borda da piscina, usando um biquíni preto muito ousado. A temperatura daquele dia estava agradável, mas ela viu o agente André abanar-se com o boné quando Letícia chamou a amiga para entrar na água.

Danielle agradeceu, mas decidiu ficar sob um guarda-sol. Escolheu uma espreguiçadeira branca depois de ter tirado a saída de praia e decidiu terminar as poucas páginas que faltavam de seu livro. A brisa suave embalava a leitura quando Danielle identificou as pequenas caixas de som perto das marquises da casa da piscina, de onde vinha uma música que Letícia tinha escolhido. Danielle acabou caindo no sono.

Um leve roçar em seus lábios a acordou.

— Hugo, você perdeu a noção do perigo? — gritou Letícia, que tomava banho de sol de bruços e, só depois que viu o cenho franzido de André, percebeu que não estavam sozinhos.

Letícia nem imaginava que o irmão se atreveria a tanto: ele tinha beijado Danielle enquanto ela dormia.

Danielle, chocada com a situação, mal podia acreditar que não o tinha visto chegando. Só então percebeu que havia adormecido e que o livro estava caído ao lado da espreguiçadeira.

— Hugo, por que você fez isso? — perguntou ela, extremamente desconcertada. Vendo-o apenas de bermuda sentado ao seu lado e debruçado sobre ela, foi tudo o que conseguiu dizer.



Hugo não pareceu se importar com a raiva contida na voz da irmã e muito menos com André, que se aproximava e aguardava um sinal de Danielle para colocar o primo de John em seu devido lugar. Danielle fez um gesto para o agente com a cabeça, para mostrar que estava tudo sob controle. Letícia balançou a cabeça em concordância também, mas se manteve por perto para o caso de o irmão precisar levar um tapa.

— Oi, meu anjo — disse Hugo, ignorando a todos. Ele sorriu de um jeito muito charmoso e não desviou os olhos do corpo de Danielle, deixando-a ainda mais sem graça.

Danielle esticou o braço para alcançar a saída de praia.

— Não se cubra — disse ele, segurando a mão dela. — Você está linda, minha rainha. E eu não fiz nada tão sério, não é mesmo? E como eu poderia resistir ao ver você linda desse jeito e adormecida? A verdade é que eu me controlei, em respeito ao meu primo. Não pense que foi uma tarefa fácil.

— Hugo, deixa eu me levantar, por favor — pediu, já tentando se sentar.

Mas ele a impediu. Tinha chegado ainda mais perto e, sentindo o cheiro do cabelo dela, aproximou o nariz do pescoço de Danielle, fechando os olhos ao aspirar o perfume.

— Minha rainha, você faz ideia do que desperta em mim? — sussurrou ele em seu ouvido. — Eu tive um sonho muito erótico com você sabia? Quer saber como foi?

Danielle ficou tensa com aquele contato dele em seu pescoço, e fez que não com a cabeça, ao mesmo tempo em que se lembrava do sonho que tinha tido com John.

John. O que ele pensaria se soubesse do que tinha acontecido? Não queria que aquilo fosse motivo de briga entre eles e, por isso, disse:

— Hugo, eu estou namorando seu primo, e o que temos é algo muito especial para mim — abaixando a cabeça, pensou em dizer algo que faria com que esse tipo de investida não se repetisse. — Hugo, o que eu sinto por ele é...

— Amor. Eu sei disso, você já disse antes — respondeu Hugo, interrompendo-a e colocando um cacho do cabelo de Danielle atrás de sua orelha. Podiam sentir a respiração um do outro.

— Co-como assim, eu já disse antes? — ela não entendeu.

— Naquela noite, no hospital, quando fiquei com você no quarto. Você dormia e estava agitada por tudo que tinha acontecido, então revelou o que sentia por ele. Você estava apagada.

Ela ficou envergonhada por saber que tinha revelado algo tão íntimo durante o sono. *O que mais teria dito?*, pensou. Hugo aproximou o rosto do dela e Danielle se preparava para afastá-lo, colocando a mão em seu peito desnudo. Provavelmente, Hugo tinha ido pronto para aproveitar a piscina.

Mas ele deu apenas um beijo na testa de Danielle e sorriu.

— Você pensaria em mim, caso as coisas com meu primo não dessem certo, Danielle? — perguntou ele, olhando diretamente em seus olhos.

— Que tipo de pergunta é essa, Hugo? — ela rebateu com um sorriso no rosto, achando engraçado o que ele acabara de dizer. Relaxando um pouco, considerou que o ruivo era capaz de fazer piada de tudo na vida.

— É uma pergunta direta — Hugo estava sério agora como ela nunca o tinha visto antes. — Espero, em troca, uma resposta honesta. Você consideraria me dar uma chance, Danielle?

Caindo em si de que ele realmente falava sério, Danielle abaixou o olhar e refletiu por um instante, pois não imaginava que Hugo se sentia daquela forma com relação a ela. Logo ele, que parecia ser um homem tão sem amarras, um espírito livre. Danielle, segurando uma das mãos de Hugo com carinho entre as suas, ergueu o olhar e encontrou olhos azuis analisando os detalhes de seu rosto. Danielle decidiu que seria transparente com ele, e esperando não magoá-lo, abriu o coração.

— Hugo, eu amo o John. Não penso em outros homens. Eu sou muito grata

a você pelo que fez por mim. Sempre terei uma dívida eterna com você, já disse isso, mas meu coração pertence a ele. Não quero estar com mais ninguém.

O ruivo ouviu aquelas palavras e pareceu pensar a respeito. Sorriu e depositou um beijo na mão de Danielle que ainda segurava a mão dele com carinho.

— Você não me deve nada, minha rainha. Além disso, o pagamento que eu gostaria de receber, provavelmente faria com que John me odiasse pelo resto da minha vida — ele sorriu malicioso, mas agora com algo diferente no olhar. — É somente pelo meu primo que eu não carrego você pro quarto mais próximo e arranco esse biquíni. Imagino que deve ter ouvido por aí sobre minhas aventuras. Não vou negar que os prazeres de estar na companhia de uma bela mulher ocuparam muito do meu tempo. “*Eu fiz a cama*”, como Letícia diz. Mas é nessa cama que eu gostaria de me deitar com você e saiba que não me conformaria com apenas uma noite de sexo selvagem. Eu já conheço o seu segredo, Danielle. Você é uma mulher ardente, por mais que tente esconder isso até de você mesma. E como eu adoraria descobrir quanta paixão você guarda dentro de si, Danielle.

Ela por alguns instantes duvidou se ele falava mesmo sério, pois não se reconhecia na descrição da Danielle que Hugo fazia.

— Em outras circunstâncias, — prosseguiu ele, inclinando-se ainda mais sobre ela — poderíamos testar nossos limites juntos. Mas entendi que, por enquanto, sonhar é tudo o que me resta. Meu primo é um homem de sorte por ter você, minha rainha — disse enfim, ajudando-a a se levantar.

Tentando deixá-la mais à vontade, Hugo mergulhou na piscina carregando a irmã com ele, sem dar tempo de ela fugir.

Danielle ficou estática, ali, parada, onde ele a tinha deixado. Tentava entender o interesse de Hugo, que vinha daquele mundo de poder e dinheiro, por ela, uma mulher simples e sem grandes atrativos. Sempre tinha se achado sem graça e até pouco feminina. Não via nenhuma semelhança no modo como Hugo a enxergava. Mas, para Danielle, o fato de John gostar dela também era algo difícil de compreender. Eles eram dois dos solteiros mais cobiçados da cidade, como Letícia já havia dito antes.

Após o melindre causado por aquela conversa, Hugo voltou a se comportar como de costume e, logo, o clima desanuviou. Mas Danielle não se esqueceria daquela conversa. Ela ficou feliz por Hugo aceitar bem o que ela havia dito e, achando divertida a guerra de água entre ele e a irmã, sentou-se à beira da piscina. Ele foi até o aparelho de som e escolheu uma música. *Chandelier*, da cantora Sia, ela reconheceu. Hugo se mostrou ameaçador, indo, novamente, em

direção a Letícia, que conversava com Danielle e André na borda da piscina, jogando-a mais uma vez na água. Letícia, sem querer, arrastou Danielle junto, que riu muito, divertindo-se com os dois. Felizmente, onde caíra era raso. Só faltava, agora, afogar-se na piscina de John.

Hugo não voltou a tocar no assunto, mas Danielle sabia que ele não havia ficado magoado. Os três curtiram aquele dia juntos até ele se despedir após o almoço na piscina. A essa altura Ricardo também tinha se juntado ao grupo. Alguém espreitava aquela aproximação de Hugo, tal como havia observado Danielle e Peter a caminho de casa, antes do jantar. Aqueles olhos guardavam mágoa pela invasora que, repentinamente, parecia ter enfeitado todos naquela casa.



TERAPIA DA BELEZA

Danielle achou que poderia ser divertido e, realmente, foi. Sentiu-se grata por ter aceitado ir a Florianópolis e, também, por se permitir ser persuadida por Letícia para acompanhá-la no que a amiga chamava de terapia da beleza. Não se desgrudavam desde que Letícia havia retornado a Florianópolis. Letícia até tinha dormido na mansão do primo para desabafar sobre a discussão entre o irmão e o pai. Ela contou que Hugo havia pressionado o pai para saber se a suspeita que pairava sobre Edgard tinha algum fundamento. O tenente Hessman, que mantinha Hugo informado sobre o andamento do caso do sequestro do primo, confidenciou que a polícia trabalhava com várias linhas de investigação, sendo que uma delas definia que o mandante era alguém do círculo de relações de John ou, até mesmo, um membro da família.

— Dani, é meu pai. Eu o conheço. Sei que ele jamais faria algo assim — disse Letícia, muito preocupada com o rumo que as coisas tomavam. Ela estava sentada na cama do quarto de Danielle com a cabeça abaixada apoiada nas mãos. — Hugo e meu pai estão mais estremecidos do que nunca. Meu pai quer conversar com John pessoalmente quando meu primo voltar de viagem. Papai ficou muito aborrecido por Hugo considerar que o próprio tio de John poderia ser responsável por tudo o que aconteceu. Eu acredito no meu pai — sua voz era um fio.

Danielle acalentou a amiga que chorava. Ficaram juntas ali, apoiando uma a outra, até que Letícia adormeceu. Danielle lembrou-se de que, quando era pequena, a irmã Júlia a chamava para dormirem juntas quando tinha um pesadelo. Fez a mesma coisa com Letícia. Cobriu-a com uma manta quentinha, apesar de o sistema de calefação da mansão não deixar a temperatura do interior da casa cair muito.

Amanheceu um dia lindo. Estava tudo muito adiantado para a festa que aconteceria no dia seguinte. Conversou com Ricardo e André, e eles concordaram com a saída das duas, mas, além de irem junto, como sempre, ainda levariam mais dois policiais e o motorista Bruno com eles. Todos os acompanhantes tentaram ser discretos, fazendo-se notar o mínimo possível. Assim, primeiro, elas foram às compras e Danielle foi persuadida a experimentar mais e mais vestidos. Traje a rigor, dizia o convite. Danielle não imaginava que o jantar seria algo tão formal. Não tinha para onde correr. Teria que comprar um vestido longo. Ficou feliz por poder contar com a orientação de Letícia.

— Ah, Dani! — disse Letícia, eufórica. — Hoje será um dia cheio de surpresas boas. Vamos arrasar. Seremos as mulheres mais lindas da festa amanhã e vamos dançar até de madrugada. Posso até me decidir a respeito de qual príncipe encantado será o pai dos meus filhos, já pensou? Você vai ver. O dia promete — Letícia estava autoconfiante, já recuperada do momento de tristeza da noite anterior. Agora já voltava a conquistar a todos com sua alegria irradiante.

— Boba! — respondeu Danielle, com o rosto de John surgindo à mente, sem aviso. Ela queria ficar bonita apenas para ele. — Amanhã será o seu dia, Letícia. Linda você sempre foi. Mas ficará deslumbrante no vestido que escolheu. Uma princesa mesmo, como Hugo costuma dizer.

— Ah! Dani, ele é lindo, não é mesmo? Amei o caimento, a cor, o modelo. Tô louca pra colocá-lo. Vou dançar muito! Vamos quebrar tudo, guria! — disse, dando um gritinho de felicidade. — Você ficou na dúvida entre qual escolher. Eu percebi, mas tenho certeza de que três pares de olhos não vão desgrudar de você à noite. Acredite em mim — insinuou a Danielle, que sabia, em parte, a quem a amiga estava se referindo.

— Mas, pra mim, se John aprovar, eu já terei ganhado a noite, Let — respondeu Danielle.

De fato, surpreendentemente, ela havia gostado muito daquela maratona de experimentar vestidos, cada um mais lindo que o outro. Por isso, depois da décima segunda peça, ficou em dúvida sobre qual levar. E, para piorar, a boutique a que Letícia a havia levado possuía apenas roupas exclusivas. Danielle quase teve um troço quando viu a etiqueta de preço. Disfarçou, apenas ao ver que Letícia estava radiante.

Nossa! Nunca na vida tinha gastado tanto com uma única peça de vestuário, pensou Danielle. Sempre tinha gostado de comprar roupas, como toda mulher. Mas geralmente escolhia lojas de departamento com preços mais acessíveis para seu padrão de bolso. Em ocasiões especiais, abria uma exceção para uma grife conhecida, mas respeitando sempre o bom senso. Quando soube o valor do vestido que usaria no aniversário de Letícia, praticamente caiu morta, quase precisando de desfibrilador. Quando viu, porém, a etiqueta do vestido que Letícia tinha escolhido, quase a chamou em particular para alertá-la antes de ir ao caixa. O valor da peça era equivalente ao pagamento de meio semestre de aulas de Danielle, mas percebeu que as vendedoras e a própria gerente que tinha vindo recepcioná-las quando chegaram à boutique chamavam-na pelo nome. Era uma loja que Letícia costumava frequentar.

Mais impressionada ainda ficou quando a amiga nem titubeou ao ouvir a pergunta da atendente.

— Qual a forma de pagamento, senhorita Hauser? — quis saber a vendedora.

— Débito, por favor — disse Letícia, tão tranquilamente quanto Danielle ao pagar pelas compras de mercado.

Não viu ostentação no comportamento de Letícia. Aquele era o mundo a que ela pertencia. Danielle tinha ficado tão impressionada apenas porque aquela nem de longe era a sua realidade. Riu sozinha ao se lembrar de que tinha ficado constrangida por perguntar à vendedora se, naquela loja, parcelavam sem juros no cartão. Então, lá se foi o equivalente à metade do pagamento de um mês de trabalho de Danielle. Mas respirando fundo e fingindo não ser algo que deveria preocupá-la tanto, disse a si mesma: *uma vez na vida não vai me levar a falência.*

— O que disse, senhora? — perguntou a atendente, sem entendê-la.

— No débito, também — disfarçando, sorriu para a moça, que não pareceu se impressionar em nada com os míseros R\$ 3.500,00 do valor do vestido de Danielle.

Não teve como não se lembrar da canção de Jessie J, chamada *Price Tag*¹². Não era o quanto tinha, mas quem ela era que importava. O dia seguinte seria uma noite para serem felizes e estarem ao lado de quem as fazia felizes. Iriam dançar até não aguentar mais, como dizia Letícia. Não sabia que a festa teria também um apelo filantrópico. Letícia era engajada em uma organização chamada “Dando asas ao futuro”, que oferecia oportunidade de educação a crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica na região metropolitana de Santa Catarina.

— Dani, eu gostaria de te pedir um favor — disse Letícia, parecendo escolher bem as palavras. — Eu queria que me ajudasse na festa para angariar fundos para o projeto social que eu apoio.

— Claro, Letícia. Adoraria ajudar.

— Que bom! Sabia que poderia contar com você

— Mas, Let, o que devo fazer? — gostava de chamá-la assim.

— Nada de mais, Dani — disse, de forma evasiva. — Só dançar ou, talvez, apreciar um prato delicioso — respondeu, o olhar misterioso.

— Dançar e comer? — perguntou Daniele, com uma expressão de que não entendia como algo assim poderia contribuir para angariar fundos para a

caridade.

Danielle não tinha entendido de verdade. Quando decidiu perguntar do que se tratava, porém, elas foram interrompidas.

— Letícia, querida — disse uma senhora morena, baixinha (mesmo usando salto 12, ou maior), com um sorriso muito simpático no rosto. — Parabéns! Soube que amanhã será seu aniversário, meu amor!

— Oi, Stella! Obrigada. Quanto tempo — respondeu Letícia, dando dois beijos na recém-chegada. Abraçaram-se e Letícia apresentou Danielle à mulher de meia idade, ainda muito bonita. Era a dona do estabelecimento.

— Carioca? Eu também! — disse Stella, cumprimentando Danielle, também com dois beijos, e um sorriso no rosto.

— Na verdade, sou maranhense, mas moro no Rio há mais de dez anos.

— Ah! Uma desbravadora, como eu. Vim pra cá há vinte anos, meu bem. Agora, me sinto tão catarinense quanto carioca. Abri meu spa, casei, tive meus filhos, enviuvei e não penso em me mudar daqui. Adoro esse clima friozinho...

— Eu ainda não me adaptei — respondeu Danielle, retribuindo o sorriso. — Já tinha vindo outras vezes pro sul do país, mas nunca nessa estação, Stella.

— Seja bem-vinda, Danielle! Espero que possamos conversar mais. Talvez, hoje à noite, na festa — disse, despedindo-se. — Preciso ir agora, meninas. Muito trabalho.

— Ela é uma fofa, não é mesmo? — disse Letícia, vendo-a se afastar.

— Muito simpática — concordou Danielle.

Estava sendo ótimo para Danielle passar aquele tempo com a nova amiga e conhecê-la melhor. Apesar de ser de família rica, Letícia era uma pessoa simples e espontânea, sempre com um sorriso no rosto. Além disso, era uma oportunidade para se esquecer, por algum tempo, de tudo o que vinha acontecendo naqueles últimos dias. Elas se davam muito bem. Tão bem quanto ela e Rose. *Ah, Rose...*, pensou em como a amiga adoraria um dia de garotas como aquele. Letícia percebeu que Danielle suspirava.

— Dani, o que foi? Não está se divertindo?

— Letícia, está sendo um dia perfeito! Na verdade, estou amando tanto esse dia com você que me lembrei de minha amiga Rose. Lembra-se dela? Apresentei você a ela e Pedro no hospital.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Bateu uma saudade — continuou Danielle. — E ela teria adorado curtir

tudo isso — fez um gesto amplo com as mãos para se referir ao spa, onde, para começar, fariam uma massagem incrível, como Letícia tinha dito. Depois, seria a vez das unhas e, enquanto um maquiador preparava a *make* de Danielle, uma cabeleireira muito simpática e comunicativa arrumava o cabelo de Letícia, tudo para terem uma prévia de como ficaria no dia seguinte. Danielle pensou que gente rica tinha dessas facilidades.

— Dani, não quero que você fique triste nem por um momento e não fique aborrecida comigo por eu pagar a conta. Eu queria tanto curtir esse dia com uma amiga que não pude pensar em mais ninguém para compartilhar comigo.

Danielle lembrou-se de que, quando perguntou à recepcionista quanto custaria o *dayspa*, ela havia dito que a Srta. Hauser possuía conta no estabelecimento, e que Danielle não deveria se preocupar.

— Você é minha convidada — sorriu.

— Mas quem deve receber presentes é você, a aniversariante — rebateu.

Letícia, porém, já foi levando Danielle para dentro, pois tinham hora agendada para uma massagem.

— Dani, tente não se mostrar muito surpresa com Heitor e Alexandre, está bem?

— Como assim, Letícia? Eu não entendi por que eu ficaria surpresa com...

Assim que Letícia abriu a porta da sala de massagem, Danielle entendeu o que ela queria dizer. Dois homens altos, morenos e atléticos apareceram para recebê-las.

— Danielle, estes são os meus dois irmãos gregos favoritos. A Stella os guarda a sete chaves e eles são exclusivos daqui. Os melhores massagistas que já tive o prazer de conhecer. Eles são realmente irmãos e falam bem nossa língua.

Danielle viu ambos sorrirem e trocarem beijos no rosto com Letícia.

— Heitor e Alexandre, essa é minha amiga Danielle, que veio do Rio para o meu aniversário.

Danielle ainda se recuperava do choque, muito impressionada por, finalmente, entender plenamente porque o termo grego Adônis era sinônimo de beleza masculina. Ela viu os dois irmãos tomarem, cada um, uma de suas mãos e beijarem-nas em um gesto de cavalheirismo.

— Se não for este o melhor dia da minha vida, está, pelo menos, entre os top 10 — falou Letícia, em seu ouvido.

Danielle sorriu, concordando, achando que já tinha sido contaminada pelo

jeito Letícia de ser.

— Seja bem-vinda, ὁμορφος¹³! — disse Heitor para Danielle.

Alexandre, que parecia ser o mais velho e tinha lindos olhos azuis, sorriu, indicando que seria ele quem iria atendê-la.

— Obrigada — disse Danielle, quando o viu escolher os óleos que usaria.

Então viu Let tirar o sutiã e deitar-se de bruços, para que Heitor começasse a massagem. A amiga não parecia ter nenhuma inibição. Danielle ficou tensa. Ela tinha um corpo que nem de longe se parecia com a figura *mignon* e delicada de Letícia. Olhou para a amiga, já entregue às mãos habilidosas do grego e conversando com Heitor sobre os preparativos da festa. Danielle sentia-se tão desajeitada. Sempre tinha considerado o próprio corpo sem atrativos. A vergonha tomou-a de assalto.

Alexandre aguardava, pacientemente e com um sorriso no rosto, que ela tirasse o roupão para que a massagem começasse. Danielle respirou fundo e tirou a peça, ficando apenas de calcinha e sutiã. Alexandre, muito profissional, não demonstrou nenhuma desaprovação e, para que ela se acalmasse, puxou conversa:

— Primeira massagem, Danielle? — disse, com um sotaque irresistível.

— Está tão evidente assim? — respondeu ela, sem graça.

— Apenas relaxe. Vai ser uma experiência agradável — garantiu ele. — Dou minha palavra. E, não precisa tirar mais nada, se não quiser.

Após ouvir aquelas palavras, Danielle sorriu, agradecida, e deitou-se para receber a massagem. Uma música linda, com melodia igualmente tranquilizante, tocava suavemente.

— Você tem estado sob muita tensão, não é mesmo? — perguntou o massagista.

— Você não faz ideia — respondeu, lembrando-se dos acontecimentos dos dois últimos meses.

Vendo que ela começava a relaxar, ele disse:

— Tente liberar sua mente de preocupações. Concentre-se apenas no toque das minhas mãos e em seu corpo, minha Perséfone¹⁴ — sussurrou, bem próximo do ouvido dela.

O som da voz dele e a música suave fizeram-na se esquecer das próprias reservas. Alexandre foi muito atencioso com ela. Quase não conversaram, pois ele parecia muito focado no que fazia. Observava a reação dela e parecia ler seus

pensamentos, pois sabia quando administrar mais ou menos pressão ou força sobre os músculos de Danielle, como se tivesse o poder de ler sua mente e fazer exatamente o que ela precisava. A massagem foi fantástica. Sentia-se revigorada quando Alexandre concluiu.

— Muito obrigada, Alexandre — disse Danielle, estendendo a mão para cumprimentá-lo. Sentia-se tão leve e relaxada que poderia flutuar. — Foi mesmo uma experiência muito agradável.

Ele sorriu e disse:

— Para nós dois, Danielle — e aceitou a mão que ela oferecia. Assim como havia feito ao serem apresentados, levou a mão dela aos lábios e a beijou. — Espero voltar a vê-la por aqui.

Ao saírem, Danielle viu que já havia outras duas mulheres próximas à porta, pois entrariam em seguida. Havia, além delas, uma pequena fila de mulheres sentadas que já se formava. Cada uma com um sorriso maior que o da outra.

— Dani — brincou Letícia — eles são o grande atrativo do spa. Agendamento com duas semanas de antecedência, no mínimo. E são sócios também. Foi condição para que Stella conseguisse mantê-los aqui.

— Você já havia marcado mesmo sem saber se eu viria, Let?

— Sim, claro. Seria mais fácil cancelar uma sessão do que chorar por uma vaguinha em cima da hora — sorriu para Danielle. — Fiz mal?

— Nunca tinha feito uma massagem com um profissional, ainda mais com alguém como eles. Obrigada, Let. Eu adorei. Foi incrível! — e abraçou a amiga.

— Vamos, que nosso dia só está começando — disse Letícia, eufórica. — Ainda temos que fazer as unhas.

O dia passou muito rápido. Mas alcançaram o objetivo e relaxaram bastante. Viram que até relaxar poderia ser cansativo. Voltaram para casa com Bruno ao volante, Ricardo ao lado e elas, junto ao agente André, no assento de trás. Eram seguidas por uma viatura com os outros policiais. Tomaram uma sopa e decidiram dormir mais cedo naquela noite. Antes de ir dormir, Danielle quis ouvir a voz de John e, então, ligou para ele, que confirmou que chegaria a tempo para a festa. Deu sua palavra. Eles conversaram um pouco sobre como estava a rotina e ambos demonstraram o quanto sentiam falta um do outro. Danielle, depois de desligar o telefone, logo pegou no sono, sonhando com o dia seguinte, quando poderia estar na companhia do homem que amava.

O sábado também amanheceu um dia ensolarado e com temperatura

agradável. Letícia e Danielle supervisionaram os detalhes finais da decoração, mas *Fräulein* Evelise era muito competente e não deixou arestas a serem aparadas. A manhã voou. Elas fizeram uma refeição leve e, depois, chegaram as equipes dos profissionais de beleza do *spa* que as haviam atendido no dia anterior: um *hairstylist* e uma maquiadora. As garotas foram se preparar. Havia um trânsito muito intenso de profissionais circulando pela propriedade; a equipe da decoração, do *buffet*, as equipes da polícia...

Em uma sala reservada, Danielle viu a sargento Silvia Becker e o tenente Hessman diretamente envolvidos com a logística da operação de segurança esclarecendo onde cada um deveria estar e o que cada um deveria fazer para que não houvesse brechas na operação. Ele parecia cansado. Estava com a barba por fazer, mas tinha cortado o cabelo. Parecia mais jovem. Quando Danielle passou perto de onde estavam, ele instintivamente se virou, como se pressentisse sua presença ali. Ela parou e levantou a mão em cumprimento. O tenente meneou a cabeça educadamente, esboçando um breve sorriso antes de se aproximar dela.

— Como vai, Srta. Nunes? — perguntou, ainda reticente devido à última conversa no restaurante.

— Vou bem, tenente. O senhor parece cansado — comentou Danielle, pontuando apenas o que era evidente.

— Nada de mais, apenas trabalho — respondeu ele, sem desviar o olhar.

— Algum progresso quanto à captura do terceiro sequestrador? Algum indício novo?

Ele pareceu se deter muito tempo nas feições de Danielle, para, só depois, negar com a cabeça.

— Estamos seguindo a investigação sob sigilo de justiça. Não posso revelar muito, Danielle — respondeu, pela primeira vez chamando-a pelo nome. Talvez, sem perceber.

— Compreendo.

— Mas saiba que a sua segurança será a minha... quer dizer, a nossa prioridade nesta noite. A sua segurança e a do Sr. Hauser — emendou.

— Obrigada, Bruno — agradeceu Danielle, vendo-o sorrir por ela tê-lo tratado informalmente desta vez.

Danielle estendeu a mão em sinal de trégua. O tenente correspondeu ao aperto e manteve o contato por mais tempo que necessário.

— Preciso ir agora. Até breve — disse ela, seguindo em direção ao quarto de Letícia para se aprontar.

Ele ficou ali parado por mais algum tempo, até que ela sumisse, virando à esquerda no longo corredor.

— Por que você está sorrindo, Hessman? — perguntou a sargento Silvia Becker, só então notando a repentina e rápida ausência do tenente.

— Por nada — respondeu ele, abrindo e fechando a mão que Danielle tinha apertado havia pouco. — Vamos voltar ao trabalho — e entraram novamente na sala.

Danielle observava aquela mulher que o espelho revelava. Admirava a imagem refletida nele, mesmo lembrando que o preço do vestido era o equivalente a 50% de seu salário de professora universitária. Ficou feliz com o resultado final. Nunca tinha se sentido tão bonita em toda a sua vida. Estava parecendo até mais segura de si. *Como uma produção pode ter esse efeito tão maravilhoso em nossa autoestima?*, questionou a bela mulher do outro lado do espelho.

Olhando para o próprio reflexo, Danielle parecia não reconhecer a mulher naquele vestido tão elegante e sensual ao mesmo tempo. O que John acharia dela? Será que gostaria de vê-la vestida daquele jeito? Logo saberia. Então ouviu Let bater à porta do quarto para descerem para a festa.

— Pronta para arrasar corações, guria? — perguntou Letícia, absolutamente deslumbrante no vestido que tinha escolhido.

Danielle admirou a amiga, linda no vestido amarelo ouro, longo, com uma fenda da metade da coxa até a barra que alcançava o chão. Estava iluminada como um sol, de tão bela. A maquiadora havia destacado ainda mais os olhos claros da amiga. Aquele olhar seria impossível de resistir e, imediatamente, Danielle pensou em um certo agente da polícia amigo e sorriu.

— Apenas um coração me interessa, mas estou pronta, pequena — respondeu, sorrindo.

Juntas, caminharam em direção às escadas, seguidas de perto por um agente Ricardo sem palavras e um agente André hipnotizado pelos dois exemplares de beleza feminina à frente deles.

O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE I: QUEM DÁ MAIS?

— Você me entendeu, Hugo? — perguntou Letícia, parada bem em frente ao irmão enquanto recepcionavam alguns convidados. Eram os anfitriões daquela noite. — Não se aproxime de Danielle. Fui clara? Você bem sabe que ela está comprometida e com quem está comprometida — continuou, disfarçando entre um *espero que seja uma noite agradável e obrigada por terem vindo*.

O som da banda envolvia os convidados. Uma bela morena cantava *Blank Space*, de Taylor Swift. Hugo apenas sorria e cumprimentava os conhecidos que chegavam. Sabia que a irmã estava certa. Entendeu bem o recado, e a própria Danielle o havia deixado claro para que Hugo soubesse que não teria chances. Mas havia uma enorme distância entre saber o que era certo e fazer o que era certo.

— Princesa, não se preocupe com nada — garantiu ele, sorrindo sedutor e beijando a face de Letícia com amor, embora soubesse que o charme não funcionava com a irmã caçula. — Hoje é seu grande dia, então apenas aproveite e divirta-se muito. Prometo me comportar — e fez cara de menino levado, fazendo-a sorrir também.

— Hugo, só estou pedindo que não faça nada que possa destruir sua relação com John. Lealdade é algo muito importante para ele. Para todos nós. Você sabe disso. Ele já está passando por muita coisa. Somos a família dele. Por favor, só peço que se contenha. Você tem muitas opções aqui mesmo — comentou Letícia, pois, vez ou outra, uma das convidadas que chegavam direcionava a Hugo um sorriso mais interessado ou um olhar cheio de malícia, muitas delas acompanhadas de seus respectivos maridos. Mas ele, diferentemente de tempos atrás, parecia ignorar essas insinuações, como se houvesse uma pessoa ocupando seus pensamentos.

Homens de smoking e mulheres em vestidos elegantes passeavam pelo jardim, outros conversavam nas grandes mesas com seus conhecidos. Letícia viu o pai conversando com alguns membros do conselho da Hauser *Gruppe* e foi dar um beijo nele, vendo que o irmão se resignara a um leve cumprimento com a cabeça. O gesto foi repetido pelo pai, que entregou à filha uma caixinha de joia com um colar belíssimo.

— Adorei, pai! — exclamou, virando-se para que ele colocasse o colar. — Vai combinar com a pulseira que a Danielle me deu.

Letícia teve a impressão de ver uma nuance diferente no olhar do pai por um breve momento, mas não deu muita atenção. Ela e Hugo se direcionaram pelo caminho traçado com pequenas luzes que terminava no acesso às mesas do lado esquerdo da piscina, onde tinha sido erguida uma tenda branca enorme, para os convidados que não quisessem ficar diretamente ao ar livre. Ali, milhares de pequenas luzes simulavam um céu estrelado. Havia outro ambiente, onde apenas as luzes haviam sido harmoniosamente entrelaçadas, mas sem a cobertura da lona. Também haviam sido dispostas mesas ao redor da piscina, sem comprometer o grande tablado de madeira, que reluzia de tão bem polido. A pista de dança havia sido colocada na outra ponta da piscina, mas era ligada ao palco por uma ponte, instalada na véspera pela equipe da decoração.

Danielle decidiu-se por uma das mesas com cadeiras brancas que ficavam sob a cobertura, pois dali teria uma visão melhor do acesso, e veria quando John chegasse. Adorou a forma como as taças de cristal haviam sido perfiladas com tanta graça e requinte; supôs ser mérito de *Fräulein* Evelise. A governanta sempre arrumava a mesa do jantar com o mesmo bom gosto. Danielle estava acompanhada pelos dois agentes que, tal como Hugo, usavam smoking.

A propriedade havia sido ricamente decorada com flores e lanternas delicadas em formas de vitórias-régias, com velas que flutuavam sobre a imensa piscina. Atrás da mesma piscina, a banda tocava música ao vivo, mas a festa também contava com um prestigiado D.J. do momento, que atendeu ao pedido de Letícia com satisfação. O jardim e a área da piscina já estavam tomados pelos convidados. Muitos já eram servidos pelos garçons, que transitavam com graça, carregando as bandejas com as taças de champanhe, drinks, canapés e outras delícias.

— Letícia, eu tinha entendido que seria um jantar para amigos mais íntimos e poucas pessoas — disse Danielle quando a amiga se sentou entre ela e o agente Ricardo.

— Danielle, aqui não tem nem 150 pessoas, eu garanto — respondeu ela, realmente parecendo acreditar que aquele era um número pequeno de convidados. — E, obrigada, de novo. Eu adorei meu presente — disse, acariciando a pulseira delicada de ouro branco com que Danielle a tinha presenteado.

— Que bom que gostou. Agora, você está mesmo radiante como um sol — disse Danielle, percebendo que a amiga tinha mudado de assunto. — Vocês não

concordam rapazes?

— Ela conseguiu ficar ainda mais bonita do que já era — garantiu André, que parecia realmente impressionado e, com esforço, buscava se concentrar no trabalho. Era uma situação muito parecida com a última festa em que haviam estado com Danielle, e precisava ter foco. O trabalho precisava ser a prioridade. Não podia permitir que nada acontecesse a Danielle, mas admitia que estava tendo dificuldades desde que havia visto Letícia naquele vestido.

— Minha princesa é a mulher mais linda da festa — disse Hugo, sorrindo e segurando com carinho a mão da irmã, depositando um beijo. Olhava, porém, da irmã para Danielle, que, para ele, competia em pé de igualdade com a aniversariante. Apesar disso, não podia verbalizar o que pensava. Danielle desviou o olhar, sem graça. Estava feliz por ele ter optado por se sentar mais distante dela.

— As duas estão muito bonitas — disse Ricardo, diplomaticamente. Estava compenetrado ao extremo em observar os perfis dos convidados que se aproximavam da mesa onde Danielle estava.

— Muito obrigada — disse Letícia, sorrindo, feliz pelos elogios. Sentia-se mesmo deslumbrante naquela noite. Mas, no fundo, queria um pouco mais de atenção de um certo oficial.

A festa tinha começado havia cerca de uma hora, e Hugo notou que Danielle, por mais que tentasse disfarçar, volta e meia corria o olhar entre os convidados ou virava-se quando percebia a chegada de outra pessoa. Sabia por quem ela esperava. A cerimonialista se aproximou da mesa e fez um sinal afirmativo para Letícia que, sorrindo, levantou-se e estendeu a mão para Danielle.

— Guria! — chamou Letícia. — Chegou a hora de cobrar o favor.

Danielle, mesmo sem entender, seguiu Letícia até o pequeno palco atrás da piscina, onde, naquele momento, um cantor embalava a festa ao som de Maroon 5, *Sugar*. Danielle viu algumas mulheres muito bonitas perfiladas ali e outros belos exemplares masculinos.

— Letícia — chamou Danielle, quando a amiga a colocou ao final da fila —, o que eu devo fazer? Ainda não entendi — perguntou, vendo que os agentes mantinham uma distância discreta dela.

— Dani, eu já disse: você só terá que dançar e poderá comer algo delicioso, também — e começou a se retirar.

Danielle segurou o braço da amiga.

— Explica, por favor.

Letícia, vendo que Danielle se sentia desconfortável em meio a tantas pessoas estranhas e percebendo que ela era a única a não saber o porquê de estar ali, disse:

— Lembra que falei do meu projeto social pra você?

Danielle assentiu.

— Você vai me ajudar a conseguir construir uma escola nova em um bairro da periferia da cidade. Mas, pra isso, eu vou “vender” você.

— O quê? — Danielle chamou a amiga, mas ela própria já estava no palco. Ouviu a voz de Letícia ao microfone, agradecendo a presença de todos.

— É muito bom festejar meu aniversário de vinte e cinco anos ao lado de pessoas tão especiais quanto vocês e, conforme dizia o convite que receberam, hoje, além de nos divertir muito juntos, também poderemos estender a mão àqueles a quem a vida não tem dado muitas oportunidades. Como muitos sabem, o projeto “Dando asas ao futuro” já está funcionando há dois anos, com o apoio da Hauser *Gruppe*. A iniciativa já proveu educação a mais de seiscentas crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Letícia foi interrompida por aplausos, que a fizeram parar por um momento.

— Agradeço a todos que vão participar do leilão para que possamos construir a escola profissionalizante e atender a outras trezentas crianças. Então, abram seus corações e suas carteiras, e vamos começar com o primeiro lote. Entendam que cada lote poderá ser comprado para até cinco danças, para ser companhia durante um jantar ou, até mesmo, poderá ser arrematado para a noite toda. Mas, lógico, apenas as pessoas extremamente generosas poderão ter esse deleite.

Ao som das risadas da plateia, Letícia chamou:

— Senhoras e senhores, apresento-lhes a graciosa Srta. Maristela Fulger. Ela colabora conosco estando disponível para duas danças e um jantar.

Danielle viu a belíssima loira de olhos verdes em um vestido lilás subir ao palco, sem acreditar no que iria acontecer desde que tinha ouvido a palavra leilão. Os lances começaram em mil reais e foram subindo, até que a moça foi vendida para as duas danças pela bagatela de 6 mil reais, cada uma, e para um jantar, por 9 mil reais. O próximo nome foi chamado e, dessa vez, Danielle quase caiu para trás ao ver quem subia ao palco:

— Agora é a vez das damas. Apresento a vocês o mais belo exemplar da beleza negra, Sr. Pedro dos Santos, vindo diretamente do nordeste brasileiro,

exclusivamente para nossa celebração.

Só então, Danielle viu o amigo, parado no último degrau antes de subir ao palco, a dispensar um sorriso. Ele vestia um blazer escuro, mas não estava menos elegante e charmoso que nenhum outro dos lotes a serem leiloados. Danielle nem acreditou quando, atrás dela, Rose apareceu, belíssima em um vestido azul turquesa que realçava muito suas curvas voluptuosas.

— Rose? Mas, como...? — Danielle a abraçava, muito surpresa de vê-la ali. Tinha sentido tanto a falta da amiga e ela, agora, como que por mágica, materializava-se à sua frente.

— Amiga, a Letícia que nos convidou — abraçavam-se, sem se largar. — Também fiquei surpresa com o convite inesperado semanas atrás, mas não perderia uma festa como essa por nada. Convenci o Pedro em dois tempos. Sabe como ele é. E eu sempre consigo o que quero — contou Rose, fazendo Danielle sorrir.

Danielle lembrava-se de que Letícia havia dito que surpresas a aguardavam naquela noite.

— Viemos de São Luís de jatinho particular, acredita? — continuou Rose.

Elas conversavam animadamente, quando uma das mulheres à frente de Danielle se intrometeu na conversa e disse, com um sorriso no rosto:

— Com licença. Desculpe, não pude deixar de ouvir que vocês vieram de São Luís, não é isso?

— Sim — responderam, sem entender o interesse da ruiva.

— Eu me chamo Sabine Muller. Minha família é muito próxima aos Hauser — apresentou-se a moça. — Então, quem de vocês eu devo agradecer por salvar a vida do John?

— A Danielle — respondeu Rose, sorrindo e apontando para a amiga, que agora estava um tanto sem graça.

— Nossa, é um imenso prazer conhecê-la. Todos de nossa comunidade têm uma dívida gigantesca com você. Posso te chamar de Danielle? — perguntou Sabine, apertando as mãos de Danielle com um sorriso no rosto.

— Claro — assentiu. — Mas, o que eu fiz não foi...

— Você foi uma heroína! — e, dizendo isso, abraçou Danielle subitamente.

Rose estranhou aquele comportamento. Não sabia dizer por que, mas a mulher passava vibrações pesadas.

Danielle, apesar do susto inicial, gostou da gentileza da moça, e sorriu após

o abraço. A desconhecida olhou para os agentes, que observavam a cena a poucos metros:

— Eu gostaria muito de convidá-la para um chá na minha casa, quando você puder, é claro.

— Será um prazer, Sabine. Obrigada por sua gentileza.

Nesse momento, elas ouviram uma voz alterada dizer:

— Dez mil reais!

Viraram-se para ver entre as brechas da tela que ficava atrás da banda.

— Quinze mil reais! — gritou uma jovem loira que aparentava ter, no máximo, a idade de Danielle.

— Eu dou vinte! — disse outra loira platinada, com corte Chanel e vestido muito provocante.

— Trinta mil — gritou uma mulher que parecia acompanhada. O seu par a olhou desconcertado, o que ela fingiu nem perceber.

— Cinquenta mil reais pela noite toda! — disse uma voz com forte sotaque, fazendo com que todos os olhares se voltassem para ela.

— Nossa, quanta generosidade, *ladies*. Cinquenta mil, dou-lhe uma. Cinquenta mil, dou-lhe duas. Dou-lhe três — disse Letícia, feliz por ter certeza de que Pedro seria um lote valioso. — Vendido, pela noite toda, por cinquenta mil reais, a *Dame* Heinz. Suba aqui e venha buscar seu prêmio.

Rose e Danielle se entreolharam e riram do valor absurdo pelo qual o amigo tinha sido arrematado. Riram mais ao ver uma senhora de quase setenta anos ir até o palco e receber um beijo em cada mão de Pedro, que desceu para dar a ela o braço. Foram seguidos por muitos aplausos e também pelos olhares insatisfeitos das derrotadas.

— Agora, chamo Sabine Muller ao palco — disse Letícia.

— Nos vemos em breve, Dani — disse a moça, com intimidade, dando um beijo na bochecha de Danielle, mas ignorando a presença de Rose.

O leilão prosseguiu dessa forma. Rose contou que a avó de Danielle havia mandado mil beijos. A senhora continuava sob a proteção de Batistão e outros agentes que faziam vigília e prosseguiram garantindo a segurança dela, sem que ela soubesse. Rose disse que ela e o oficial não haviam dado certo porque o agente tinha demonstrado ser muito possessivo e ciumento. Logo no primeiro encontro, quis brigar com um homem que havia mexido com ela.

— Não nasci para ser propriedade de ninguém — resumiu, com cara de

pouco caso. — Dei tchau e bênção pra ele.

Rose quis saber de tudo a respeito do relacionamento de Danielle e John. Danielle revelou o envolvimento rapidamente. A amiga se mostrou muito feliz por ela.

— Sabia que vocês tinham algum lance. Que bom que você se permitiu, amiga. Não entendia porque levava essa vida de casa-trabalho-casa. A vida tem muito mais a oferecer — e, dizendo isso, trocou olhares com um belo homem ruivo que era chamado ao palco para ser leiloado. Ele piscou para Rose ao passar.

Danielle riu abertamente da amiga, dizendo:

— Você não muda, sua assanhada.

— Dani, eu sou assim.

— Senhoras e senhores, como era de se esperar, deixei o melhor para o final — disse Letícia ao microfone. Só então Rose e Letícia perceberam que estavam sozinhas ali, e Rose, sorrindo, afastou-se em direção às mesas. Não perderia aquilo por nada, e soprou um beijo para a amiga.

— Tenho agora o prazer de chamar ao palco nosso último e mais precioso lote: Srta. Danielle Nunes.

Danielle sentiu que suas pernas fraquejavam. Se, ao menos, John estivesse ali, ela pensou, lançando aos agentes um olhar que revelava todo seu nervosismo. Lendo sua expressão, eles se aproximaram. Ricardo foi o primeiro a se pronunciar:

— Respire fundo e, se ficar nervosa, olhe para mim. Estarei perto do palco.

— E não se esqueça de mostrar a eles aquele lindo sorriso, Danielle — completou André, encorajando-a.

Com aqueles conselhos em mente, Danielle subiu ao palco e viu-se de frente para uma plateia que, surpreendentemente, ficou em silêncio absoluto naquele momento.



O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE II: A SAUDADE TEM FIM HOJE

Aquele silêncio se tornava constrangedor. Mas, inesperadamente, Danielle viu a mesma senhora que tinha arrematado Pedro se pôr de pé e começar a aplaudi-la, sendo seguida por mais de cem pessoas que ali estavam. Danielle observou as feições voltadas para ela e viu sorrisos sinceros, admiração, alguns olhares curiosos, cochichos, mas de modo geral viu expressões de respeito, e aquilo a tocou profundamente. Admitia, agora para si mesma, que temia ser rechaçada por aquelas pessoas da alta sociedade, as mesmas que faziam parte do mundo de John. Agindo como os agentes haviam aconselhado, respirou fundo e, olhando para André e Ricardo, que também a aplaudiam, abriu um sorriso que revelou toda a sua beleza.

Letícia aproximou-se dela, também sorrindo e aplaudindo Danielle, e começou a falar ao microfone.

— Creio que ela dispense apresentações. Mas, pra quem ainda não teve a oportunidade de conhecê-la, esta é a mulher que salvou a vida do meu primo, John Hauser. Seremos eternamente gratos a ela por tudo que fez por nossa família. É uma dívida que nunca poderemos pagar — e, com esforço, conteve-se para não derramar as lágrimas que já despontavam em seus olhos.

Letícia beijou e abraçou a amiga, que também estava emocionada.

— Mas vamos retomar o leilão? — sorrindo, Letícia prosseguiu, já retomando seu ar de contentamento. — Como se aproxima o horário de o jantar ser servido, vamos leiloar a companhia de Danielle para a refeição, primeiro. Cavalheiros, começaremos o lance com os tradicionais mil reais.

Danielle viu placas serem levantadas tão rapidamente que nem acreditou quando o valor já estava em sete mil.

— Nove mil! — disse, aproximando-se do seu campo de visão o grego Alexandre, que também estava muito elegante no traje a rigor. Danielle percebeu que Rose não resistia e abanava-se ao vê-lo tão próximo a ela.

— Quinze! — disse Peter, fazendo com que Danielle sorrisse para ele. Não se viam desde o dia da sessão de cinema. Era bom ver um rosto amigo naquela multidão.

— Trinta mil! — disse Hugo, recebendo um olhar mortífero da irmã, que torcia para que seu lance fosse superado, caso contrário, aquele seria o último dia de vida dele. Já pensava na escolha do caixão.

— Quarenta mil reais — disse um homem ruivo muito bonito, com barba mais comprida, embora muito bem cuidada e aparada, como estava na moda no momento. Ele levantou a placa branca na outra ponta do jardim, o que gerou um certo olhar de raiva de algumas mulheres em direção a Danielle. Ela viu uma loira, em especial, sentada ao lado de Klaus, amigo de John, e de Sabine. A mulher loira a olhava com altivez, e não procurou disfarçar que não apreciava ver Danielle recebendo tamanha atenção.

Quem será ela?, pensou Danielle, mas decidiu ignorar aquela mulher. Assustou-se ao ouvir:

— Cem mil reais! — Danielle tremeu ao ver o homem de meia idade já se levantar, fechando os botões do smoking, certo de sua vitória.

Não, ele não, pensou ela, tentando disfarçar seu desagrado. *Ele não me suporta.*

— Alguém aqui disposto a cobrir o lance do meu pai? — perguntou Letícia, tão surpresa pelo elevado lance quanto todos ali. — Dou-lhe uma. Dou-lhe duas....

— Trezentos mil reais! — disse a voz que Danielle jamais confundiria, enquanto vivesse, e seu olhar encontrou John, o amor de sua vida. Ele arrancou de todos um *oh* de incredulidade e surpresa com o lance astronômico.

Danielle ficou como que hipnotizada vendo ele se aproximar e, a cada passo que dava, tirava mais e mais do ar de Danielle, que não entendia como ele poderia parecer ainda mais bonito que da última vez que o viu.

Como isso é possível?, pensou ela, vendo-o, agora, parado na outra extremidade da ponte que cobria a piscina.

A banda tocava em um tom muito suave a canção *Million reasons*, de *Lady Gaga*. Danielle passou a amar ainda mais aquela canção.

Ela não se conteve mais e caminhou até ele também. O sorriso que John direcionou a ela mostrou a todos os presentes que havia muito mais que gratidão na expressão de encanto em seu rosto. John e Danielle pareceram se esquecer de todos que estavam ali. O mundo era só deles. Só o que eles sentiam importava. John a encontrou no meio do caminho e, admirando-a, ainda sem tocá-la, disse:

— Eu senti muito a sua falta, meu amor — viu o sorriso surgir no rosto dela, e transpondo a pequena distância que ainda restava entre os dois, tomou-a

nos braços e beijou-a demoradamente, como se não se vissem há anos e como se fossem os únicos presentes naquele jardim. Tudo o que importava era aplacar aquela necessidade de tê-la nos braços e pôr um fim à saudade que tanto os tinha consumido.

— Olá, pombinhos, ainda temos que terminar o leilão — pigarreou Letícia ao microfone, com um sorriso amplo no rosto e no olhar a evidente surpresa, pois, tanto John quanto Danielle eram discretos ao extremo, e aquela demonstração pública de afeto só revelava quanta saudade sentiam um do outro.

Danielle, primeiramente, ficou constrangida ao ver a expressão de surpresa no rosto de todos ali. Olhou para John, que lhe sorria e que, ao contrário dela, não estava nem um pouco embaraçado. Ela viu o namorado lançar um olhar para Letícia, fazendo uma negativa com a cabeça para a prima. John não queria se separar de Danielle nem por um breve momento, muito menos vê-la nos braços de outros homens dançando. Haviam passado muito tempo longe um do outro. Mas, antes que dissesse que monopolizaria a namorada, pagando o valor pela noite toda, percebeu o sentido por trás do olhar da prima. Ele entendeu que, para ela, o leilão era um meio: tinha por intenção trazer mais colaboradores para o projeto. Assim, aceitou, a contragosto, deixar Danielle por um tempo. Despedindo-se com um beijo na testa de sua amada, viu-a se afastar e voltar para o palco com um sorriso encantador nos lábios.

Danielle também tinha entendido o olhar suplicante de Letícia, e sorriu ao vê-la sussurrar um “obrigada”. O coração de Danielle estava saltando e dando uma festa própria dentro dela. Batia muito acelerado. Estava em júbilo. Ela até achou que seu coração tinha convidado o estômago para a festa, porque sentia borboletas passeando por ele. Além disso, a separação era por pouco tempo. Afinal, jantaria com John em alguns minutos, antes de dançar com quem quer que fosse. Valeria muito a pena, pensou, lembrando-se da causa tão nobre do projeto da amiga. Pensou no projeto para não sair daquele palco e ir sentar-se ao lado de John, que não tirava os olhos dela.

Letícia prosseguiu com o leilão e Danielle, então, foi arrematada para cinco danças. O primeiro com quem dançaria seria o homem de barba, cujo nome ela não tinha compreendido. Afinal, sua atenção estava dispersa. Era quase impossível para ela não admirar o próprio namorado enquanto ele era cumprimentado por muitos dos presentes. Mas conseguiu entender que a dança seguinte seria com Peter e depois com Hugo.

Letícia, por fim, aprontou mais uma das suas:

— Trago uma bela surpresa para os homens presentes. Olhem embaixo do

arranjo de flores de suas mesas, por favor. Há um número para cada um de vocês. Dois felizardos serão sorteados e terão o privilégio de uma dança com a Srta. Nunes por conta do meu generoso irmão Hugo Hauser, que fará uma doação de trinta mil reais por cada dança. Ele é extremamente abnegado e insistiu para que eu mantivesse sua ação solidária em segredo, mas como eu poderia fazer isso diante de tamanha generosidade?

Todos aplaudiram e voltaram seus olhares para Hugo. Letícia viu o irmão voltar-se para ela quase que instantaneamente. Ela sorriu de forma angelical e ele sorriu de volta. Sua princesa tinha planejado aquilo com antecedência, prevendo qualquer mau passo dele. Lembrou-se do que sua falecida mãe dizia: *A vingança é uma pedra que se volta contra quem a atira*. Desse modo, dando-se por vencido, já que tinha cutucado onça com vara curta, Hugo se levantou com um de seus sorrisos de tirar o fôlego no rosto e agradeceu pelos aplausos.

A cerimonialista trouxe uma pequena urna e Letícia pediu que Danielle sortease dois números. Ela fez isso e deu os papéis a Letícia, torcendo para que não sortease Edgard Hauser. Ouviu Letícia dizer:

— Os números são onze e oitenta e um.

Danielle viu os homens levantarem os arranjos de flores à frente deles com cuidado: alguns, demonstrando frustração por não terem sido contemplados. Em outras mesas, as esposas expressavam contentamento por seus maridos não terem sido sorteados. Mas ao ver dois homens de pé, com os números levantados no ar, Danielle não soube, ao certo, identificar como se sentiu. Caminhando em direção ao palco, vinham ninguém menos que Klaus Heinz e o tenente Bruno Hessman.



O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE III: UM CASAL APAIXONADO COMO OUTRO QUALQUER

Danielle cruzou a multidão que, com o fim do leilão, começou a retornar a seus assentos. Foi parada algumas vezes para ser cumprimentada por um ou outro desconhecido. Os agentes mostravam-se bem perto dela, o que facilitou sua passagem pelo meio da pequena aglomeração. Ela viu John trocando palavras com Hugo e Peter. Ficou feliz por ele não parecer aborrecido com nenhum dos dois. O olhar de John estava fixo em quem passava por eles, vindo da direção do palco. Ela era toda sorrisos quando o abraçou novamente.

— Que bom que você pôde vir — disse Danielle, tocando a face dele com carinho. — Estava começando a pensar que havia ocorrido algum problema que te impediria, John.

— Não perderia a oportunidade de ver você nesse vestido lindo, amor. Nada me impediria de estar aqui hoje ao seu lado.

— Que bom que tudo correu bem e você está aqui — ela o abraçou. Não queria ficar longe dele agora que, finalmente, estavam juntos de novo. — E você também está lindo com esse smoking. Gostei de vê-lo sem barba também. Mas gosto das duas versões — acrescentou, fazendo-o sorrir.

— Vamos jantar? — ele a beijou e a convidou.

O *buffet* já havia sido aberto. Danielle, ouvindo a linda melodia que tocava, fez que não com a cabeça e puxou-o pelo braço para a pista de dança. Era sua vez de não perder a chance de tê-lo só para si, na conjunção de dançar uma de suas músicas preferidas ao lado dele. John faria tudo o que ela quisesse. Rendia-se às vontades de sua amada. Ela queria dançar? Ele dançaria a noite toda com ela, se pudesse.

Danielle viu Letícia com um sorriso triste, vindo do palco. Olhou para Ricardo e ficou feliz por eles terem aquela conexão, que fazia com que um entendesse tão bem o que outro queria dizer, mesmo sem pronunciar uma palavra.

— Srta. Hauser, gostaria de dançar? — perguntou o agente, estendendo a mão a Letícia. Ela, em um primeiro momento, ficou sem reação, vendo aquela mão forte à espera de sua resposta. E então voltou a si. — Gostaria muito —

disse, ainda não acreditando que ele tinha tomado aquela iniciativa.

Letícia apenas sentia por André, que mostrou ter maturidade e os acompanhou, sem tecer nenhum comentário ou aparentar ter ficado contrariado com o fato de seu colega estar dançando com a moça que ele admirava. Danielle ainda viu quando Rose chegou, sorrateiramente, e envolveu o braço de André com o dela, dizendo a ele algo no ouvido por conta da música alta. Rose piscou para Danielle, que apenas pensou: *Perfeito... Agora, tudo está perfeito!*

Assim, com a radiante Letícia voltando a brilhar, Rose a apertar mais que o necessário os bíceps do agente André e Danielle e John felizes por seu esperado reencontro, foram todos para a pista de dança ao som de *Thinking out loud*, de *Ed Sheeran*. John enlaçou a cintura da namorada e, por um tempo, apenas permitiu-se sentir o perfume vindo daquela mulher tão importante em sua vida e que, em tão pouco tempo, tinha se apossado de seus pensamentos e de seu coração.

— Foi uma tarefa difícil ficar em São Paulo sabendo que você dormia em minha casa. Assim que você chegou, eu tentei me manter o mais ocupado possível — disse John, abrindo-se para ela. — Quando ia dormir, só de pensar que estávamos sob o mesmo teto, eu perdia o sono. Então, para evitar invadir seu quarto no meio da noite, me afundava até tarde da noite no trabalho. Não queria que se sentisse pressionada. Disse que respeitaria seu tempo e é o que pretendia fazer. Mas naquela noite em que fomos interrompidos, eu estava no meu limite — desabafou John, sem desviar o olhar do dela.

— John, eu não sou tão frágil quanto você e maioria das pessoas pensam. Eu me sinto da mesma forma. Eu... só esperava que você desse o primeiro passo — e manteve o olhar firme nos belos olhos de John quando assumiu como se sentia. — Eu quero que saiba que eu não tenho medo, porque eu quero estar com você, de todas as formas possíveis. Eu amo você, John.

Ele tinha esperado tanto para ouvir aquelas palavras...

— E eu amo você, Danielle. Quero que seja minha ainda esta noite. Por mim, sairíamos daqui agora mesmo — sussurrou em seu ouvido, abraçando-a mais forte para sentir o corpo dela sob o tecido fino do vestido.

Danielle não conseguiu desviar os olhos da boca de John e ele, não precisando de mais nenhuma deixa, apossou-se dos lábios dela mais uma vez. A boca de Danielle abriu-se sob a dele, mas agora com muita calma. Tocaram os lábios um do outro e respiraram o ar um do outro. Seus hálitos se misturavam, apreciando a forma como suas línguas se tocavam e as sensações que despertavam em ambos. Danielle adorou poder beijá-lo sem reservas e, ficando

nas pontas dos pés, tocou seu cabelo sedoso enquanto envolvia o pescoço de John em um abraço. Ele tinha esse poder avassalador sobre ela. Despertava sua libido em questão de segundos. Ele fazia com que Danielle se esquecesse de ser racional o tempo todo, e agora o coração voltava a fazer festa no peito dela, batendo descompassadamente.

Danielle começou a sentir os joelhos bambos. Sabia que, se ele não a mantivesse firme em seu abraço, ela poderia até cair. Ele percebeu que era a hora de interromper o beijo, e a beijou levemente no queixo, e sussurrando:

— Pode deixar que eu cuido de você.

— E eu, de você, meu amor — e Danielle o viu sorrir. Adorava quando ele estava assim, livre de preocupações.

A música tinha terminado, e eles decidiram aproveitar o jantar. Outra canção, mais agitada, agora conduzida pelo D.J., fez com que muitos adolescentes e jovens fossem para a pista. Danielle viu Rose dançar com desenvoltura e o agente André parecer animado com a nova parceira de dança, que dava um show à parte ao som de *Black Eyed Peas*. Danielle lembrou-se de que, desde pequena, Rose sempre havia tido talento para dançar.

Não viu o outro casal, que, misteriosamente tinha desaparecido de seu campo de visão, o que deixou Danielle muito feliz. Conhecia o poder de sedução de Letícia, e esperava que eles estivessem se entendendo, finalmente. Percebeu quatro policiais próximos. Ricardo jamais a deixaria sem supervisão e a sargento Silvia Becker também não desviava os olhos.

John e Danielle sentavam-se para comer, quando um casal se aproximou da mesa. Danielle, que apreciava a breve privacidade, já que Hugo e Peter não estavam também por perto naquele momento, não gostou nem um pouco da loira. Era a mesma que a tinha olhado com desprezo durante o leilão. A mulher interrompeu seu jantar e, sem esperar por convite, sentou-se ao lado dela.

— Oi, John — disse Klaus — Como foi de viagem? — e sentou-se também. — Tenho algumas questões sobre as quais gostaria de conversar com você. Pode me dar um minuto?

— Klaus, sinto muito, mas não acredito que seja algo tão urgente que não possa esperar até segunda-feira — disse John, sem rodeios, para voltar a ficar a sós com Danielle. — O meu fim de semana será exclusivo da minha namorada — e, dizendo isso, segurou a mão de Danielle sobre a mesa, sorrindo para ela com cumplicidade.

Que droga!, pensou Danielle, não acreditando que eles não haviam percebido que os dois queriam ficar sozinhos.

— Como vai, Srta. Nunes? — disse Klaus brevemente, sem nem se dignar a olhar para ela por muito tempo. — Esta é minha bela esposa, Helene — continuou, agora olhando para a mulher, que seguia encarando Danielle com cara de poucos amigos.

Danielle respondeu que estava ótima, mas percebeu que pouco importava àquele casal seu bem-estar. Ela apenas assentiu com a cabeça ao ver que a loira não parecia nem um pouco interessada em cumprimentá-la. Podia parecer fantasia de sua cabeça, mas jurava que Helene estava sorrindo com muito entusiasmo para John, enquanto, para ela, a loira reservava nada mais que seu olhar frio como duas pedras de gelo.

— Bem, como você me roubará meu adorado marido por uma dança, acho mais do que justo que eu faça o mesmo com John — disse Helene, ignorando por completo Danielle e desconsiderando até a postura sisuda do marido ao ouvir a proposta mal-intencionada.

— Helena. Não é isso? — brincou Danielle com a mulher dissimulada ao seu lado.

— HE-LE-NE — corrigiu a loira, frisando a última sílaba e claramente não gostando do tom de Danielle.

— Isso. Helena, seu marido está liberado do sofrimento de ter que ficar tanto tempo longe de você — respondeu Danielle, ignorando a correção de propósito, pois não permitiria que nem aquela mulher arrogante, nem ninguém ali, a tratasse com desdém. — Eu jamais importaria algo assim a um homem comprometido. Agora, se puderem nos dar licença, pretendo me deliciar com a lagosta. Afinal, é uma refeição apenas para dois e que custou trezentos mil reais.

Sentindo-se ultrajada, Helene esperou que os dois homens à mesa advogassem a seu favor, pois não aceitava ser questionada em nada que propunha. Para ela, Danielle era tão insignificante que não havia merecido um simples “boa noite”.

Helene sempre tinha tudo o que queria e na hora que queria, com exceção de John. Agora, odiava ver o quanto ele estava enfeitiçado por Danielle. O que havia considerado uma afronta pessoal só piorou quando nem John e nem seu marido discordou de Danielle. Klaus já estava de pé para retornar à mesa deles e aguardava que ela fizesse o mesmo. Helene levantou-se, sem nenhuma delicadeza, e voltou para a mesa que ocupavam, seguida por Klaus, com as mãos nos bolsos.

— Até segunda, *bruder* — disse Klaus.

John sorriu para o amigo ao vê-lo dar as costas e se afastar pelo mesmo

caminho que a esposa.

— Gostei muito de como não cedeu às artimanhas de Helene — disse John. E, julgando que deveria esclarecer um ponto, prosseguiu. — Há menos de três anos, eu e ela estivemos envolvidos em uma relação que, no entanto, não durou nem um ano. Tínhamos... perspectivas diferentes sobre a vida e sobre como devemos tratar as pessoas. Ironicamente, meu amigo se apaixonou por ela. Foi justamente no casamento de Klaus que eu fui sequestrado.

Danielle agora entendia por que a loira se sentia no direito de tratá-la daquela forma. Percebeu, pela maneira como Helene olhava para John, com qual dos dois homens naquela mesa ela queria realmente estar casada.

— Esqueçamos todos eles. Vamos aproveitar nosso segundo jantar juntos como namorados — disse Danielle, vendo John estranhar o fato de ela não tecer nenhum comentário a respeito. Ela mostrava estar segura do que sentiam um pelo outro, e não quis se debruçar a falar de ex.

John gostou disso. Helene fazia parte de seu passado, ponto final. Seu futuro estava ali ao seu lado, observando curiosa o garçom depositar a refeição sobre sua mesa.

— Acho que vou precisar fazer um curso para comer essa lagosta — comentou Danielle, rindo da própria falta de habilidade com o martelinho que deveria usar para facilitar a refeição.

— Eu te ajudo, amor — John mostrou a ela como.

Eles se divertiam apenas por poder fazer coisas triviais, como qualquer casal apaixonado.

Danielle adorou o sabor da lagosta, e John pediu um suco para ela, lembrando-se de que a namorada não consumia nada alcoólico. Ela gostou de ele ter prestado atenção àquele detalhe. Danielle sabia que mais ninguém a fazia sentir-se daquele jeito.

Conversaram muito sobre o projeto de ônibus sustentáveis e sobre como era a família dela. John disse que, em breve, gostaria de conhecer a mãe e os irmãos de Danielle. Ela adorou a ideia. John estava cada vez mais consciente do quanto a amava e a desejava. Queria que a festa acabasse logo, pois já sonhava com o prazer de que desfrutariam juntos. Ela tinha sido precisa ao dizer que se sentia pronta para avançarem aquele degrau, e ele já queria chegar ao topo da escadaria naquele mesmo momento. Riu com um olhar intenso e cheio de evidente desejo por ela, e Danielle se sentiu feliz pela melanina de sua pele não entregar o calor que sentia no rosto. Imaginava que John tinha pensamentos tão lascivos quanto os dela. Riu também, encarando-o e recebendo um beijo e, com ele, a promessa

de que logo estariam a sós. Um arrepio perpassou por sua coluna — era culpa da crescente excitação.

Terminaram a refeição e Danielle sabia que logo começariam as danças do leilão. Decidiu escovar os dentes e ver como estava sua maquiagem. Deu um breve beijo no rosto de John e, sorrindo, convidou a sargento Silvia para irem juntas repassar o batom. Três policiais as acompanhavam desta vez. No caminho, ambas se lembraram imediatamente do que tinha acontecido no banheiro da festa de formatura. A policial aproveitou a oportunidade, e disse:

— Eu fiquei sabendo que você enfrentou aquele bandido para me proteger, Danielle. Ainda não tinha tido a chance de dizer o quanto lhe sou grata. Eu que deveria estar te protegendo — Silvia se lembrava de como tinha se sentido impotente naquela noite.

— E você me protegeu, Silvia. Enquanto pôde, você me protegeu. Só retribuí o que vocês todos estavam fazendo por mim. Era uma noite muito especial para meus alunos, para suas famílias e pra mim também.... E eu não me arrependo de ter atirado no tal Rui — garantiu Danielle, olhando para a policial.

— Você agiu bem — disse a sargento Silvia, tocando brevemente em seu ombro. — Aguarde um pouco — acrescentou a policial, entrando no *toilette* e, após verificar que não havia riscos, mostrou a Danielle que podia passar.

— Silvia, posso te fazer uma pergunta pessoal? — questionou Danielle após escovar os dentes. Agora retocava o rímel e a base. A policial assentiu. — Você tem traços orientais; suponho que tenha descendência asiática, não é mesmo? Mas porque tem um sobrenome alemão?

Silvia pareceu pensar um pouco antes de responder, como se fosse algo difícil de explicar.

— Becker era o sobrenome de meu marido. Ele era descendente de alemães, como a maioria aqui. Nos conhecemos na academia de polícia. Eu era recruta e ele já era oficial. Nos apaixonamos e mantivemos em segredo por um tempo, mas, quando decidimos nos casar, não foi mais necessário. Mas aí ele foi transferido, por ser meu superior direto. Foi lotado em outro distrito, em uma cidade a menos de uma hora daqui. Ludwig foi morto antes que completássemos dois anos de casados, numa operação contra o narcotráfico — explicou ela, tentando disfarçar os olhos marejados.

Danielle não disse nada. O que poderia dizer a uma jovem mulher que havia perdido o homem que amava de forma tão trágica? Indo até a policial, deu nela um abraço que, depois de alguns segundos, foi retribuído. Danielle sentia que, agora, podiam até se considerar amigas. Esperava que, um dia, Silvia

encontrasse o amor novamente. Estar apaixonada fazia com que Danielle desejasse que todos ao seu redor pudessem ser felizes também.

Quando Danielle saiu do banheiro, virou-se a tempo de ver o agente Ricardo levantar o queixo de Letícia, que parecia decepcionada com alguma coisa. Letícia tentou sorrir, mas Danielle percebeu que algo não ia bem entre dois. A amiga se afastou em direção à banda, e ele retomou seu posto ao lado de André, que também estava parado próximo ao acesso ao banheiro. Não havia como fazer muito no momento, pois Letícia tinha avisado a um dos cantores que a primeira dança dos arrematados começaria em instantes. Danielle viu John sorrindo da mesa onde estavam, e ficou feliz por ele estar reagindo bem à ideia de ela dançar com outros homens, porque ambos conheciam a motivação por trás daquilo.

Então Danielle se dirigiu à pista de dança, onde seu primeiro par a aguardava. Não conseguiu, porém, ler a expressão de seu acompanhante quando, parando ao lado dela, ela o olhou diretamente em seus olhos claros.



O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE IV: A REALIDADE SUPERA O SONHO

Ao som de *Someone like you*, de Van Morrison, Danielle aceitou a mão que aquele estranho estendia, e sentiu-se desconfortável com a proximidade a que era obrigada a dançar com ele.

— Como vai, Danielle? Meu nome é Sven — ele se apresentou.

— É um prazer conhecê-lo — disse Danielle, sorrindo educadamente.

Ele permanecia sério ao conduzi-la para mais perto de si, segurando uma de suas mãos e colocando a outra em sua cintura. Danielle aguardou que ele dissesse algo: ele havia pago pela dança. Mas o homem ruivo apenas a fitou com expressão curiosa, o que já a incomodava.

Decidida a não se intimidar, qualquer que fosse a intenção do desconhecido, Danielle não desviou o rosto e, ao observá-lo com calma, teve a impressão de que aquele desconhecido lembrava alguém. Mas devia ser apenas impressão, especialmente porque havia muitas pessoas de descendência germânica reunidas ali.

Ela olhou a seu redor e viu que muitas pessoas dançavam; não apenas os pares formados pelo leilão. Danielle sentiu que não se reconhecia no meio daquelas pessoas de fenótipos tão diferentes do seu e até da maioria da população do país. Sentia-se como se estivesse em uma festa na Europa. Além dela, de Rose e de Pedro, só avistou uma outra pessoa negra, a cerimonialista. Sempre tinha tido a impressão de ser uma gotinha de café num copo de leite quando visitava o sul do Brasil. Lembrou-se de uma vez, quando tinha participado de um congresso acadêmico. Quando voltava para o hotel de ônibus, um garotinho loiro passou a mão em seu braço, sendo repreendido pela mãe.

— Não incomode a moça — disse a mulher.

— Mas, mamãe, por que ela é pintada? — perguntou inocentemente o garotinho, que parecia não ter mais de três anos.

A mãe, nitidamente sem graça, desculpou-se. Danielle sorriu para ele e disse:

— Papai do Céu usou mais tinta em mim do que em você, mas por dentro somos todos iguais.

Ele pareceu satisfeito com a explicação e sorriu de volta.

— Acho que estou sendo uma companhia entediante, não é mesmo? — disse o ruivo à sua frente, ainda com a expressão austera e o mesmo olhar vigilante sobre ela.

— Desculpe, me distraí por um momento — disse Danielle, voltando sua atenção ao homem que a conduzia naquela dança.

— Eu gostaria de entender essa fascinação que você causa nas pessoas — disse, enfim, Sven.

— Como assim? — ela não entendia aonde ele queria chegar.

— Primeiro, John. Depois, outro Hauser, embora Hugo já fosse de se esperar. Mas aí veio o ponderado doutor Peter Hass. Esse sim, deve ter sido um desafio — ele lançou um olhar de menosprezo para ela.

Danielle instantaneamente parou de dançar.

— Devo lhe dizer que, se nossa dança for interrompida, não pagarei por ela, uma vez que seu serviço terá sido insatisfatório.

Danielle respirou fundo e retomou a dança, sob o olhar desprezível daquele homem alto e rude.

— Felizmente, conversar com você não é uma prerrogativa do leilão — e, dizendo isso, ignorou-o por completo, aguardando que a música acabasse.

— Não preciso que converse, apenas que ouça. Sei de tudo sobre você. Conheço bem o seu tipo. Faz-se de boa moça, mas apenas está atrás da melhor conta bancária para dar o bote, não se importando com quantos será preciso arruinar pelo caminho. Você sequer se preocupa se outras pessoas sofrerão as consequências de suas ações mesquinhas. Você é só mais uma vagabun... — suas palavras foram interrompidas

Danielle olhou para a própria mão e para a marca que ficou evidente no rosto branco daquele homem. O olhar de ódio e as feições do homem tornaram-se rubras de raiva. A música tinha terminado e alguns convidados que estavam mais próximos viraram-se, sem entender por que ela havia desferido um tapa no acompanhante.

— Não me interessa por que tem esse juízo de mim, mas exijo o mesmo respeito com que o tratei. Nunca mais se aproxime.

Ele a viu sair da pista de dança e, por um momento, quase acreditou naquelas palavras. Mas, ao avistar o rosto preocupado da própria irmã, a quem ela já tinha causado muito sofrimento, repudiou sentir pena daquela mulher. Era apenas uma boa atriz, uma boa mentirosa, como todas de sua raça.

Em segundos, a irmã vinha na direção dele, preocupada por ver a marca em

sua face.

— O que ela fez com você, Sven?

— Não foi nada, Helene — respondeu ele, conduzindo-a para fora da pista. — Consegui entender o que você afirmou sobre a estratégia dela de se mostrar frágil e distante para atrair as presas. Mas eu estava preparado, e disse algumas verdades para ela. Apenas isso.

— Ah! Meu amado *bruder*. Que bom que você está de volta. A minha vida é tão solitária e triste. E ela não perdeu uma oportunidade de me infernizar. Acredita que colocou, de propósito, apenas dois números para serem sorteados? Ela, agora, está atrás do Klaus. Não sei o que farei se ela conseguir destruir meu casamento — lamentou Helene, com lágrimas nos olhos. — Mas com você ao meu lado, sei que voltarei a ser feliz — continuou, abraçando o irmão e sorrindo por cima de seus ombros. Ela viu Danielle ser seguida por Peter e pelos agentes. John havia entrado na mansão com Letícia alguns minutos atrás. Era o momento perfeito para pôr o plano em ação.

— Eu posso falar com ela? — perguntou Peter aos dois agentes, que estranharam, mas consentiram, dando certa privacidade à conversa, embora o mantivessem no campo de visão.

Danielle sentara-se nas bancadas com almofadas brancas, mais afastadas do movimento da pista de dança. Observava um filete de algo enfeitado por velas flutuantes.



— Posso sentar com você?

— Ah! Oi, Peter. Já é a sua dança, não é mesmo? — perguntou, surpresa por vê-lo ali.

Danielle já ia se levantando, quando ele fez um gesto negativo com a cabeça.

— Esqueça isso. Eu nem danço tão bem assim — convidou-a a se sentar novamente. — Vi o que aconteceu. Quer conversar sobre que o Sven fez para que você reagisse daquela forma? — perguntou, com um olhar atento.

Ela fez que não com a cabeça. Jamais contaria o que aquele homem a tinha acusado de fazer, ainda mais porque incluía Peter.

Assim, ela apenas olhou nos olhos dele antes de responder

— Pode não comentar a respeito com o John? Eu não gostaria que ele se aborrecesse hoje — ela podia vê-lo bem de onde estava. A iluminação naquele local era oferecida por várias lâmpadas espalhadas. — É um dia especial para Letícia, e não quero que nada atrapalhe...

— Claro, confie em mim — respondeu Peter, admirando a beleza de Danielle naquela noite. — John não consegue tirar os olhos de você nesse vestido — *e nem eu*, pensou ele. — Entendi que ele foi até a mansão para

entregar o presente de Letícia, mas logo voltará. Pediu que eu cuidasse de você enquanto isso — deu um breve sorriso e olhou na direção dos agentes.

Danielle ficou feliz em saber que nem John, nem Letícia, haviam presenciado o incidente, e ficou pensando por que aquele desconhecido a tinha tratado com tamanho desprezo. Nunca haviam se visto, tinha certeza disso.

— Você prefere ficar sozinha? — perguntou Peter, notando que ela estava pensativa.

— Não, Peter — respondeu, voltando a sorrir. — Para que estragar esta noite maravilhosa por causa de alguém que não significa nada pra mim? — e colocando de pé novamente, estendeu a mão a Peter. — Dança comigo?

Peter sorriu de volta, desta vez mostrando todos os lindos dentes.

— Podemos tentar, mas não garanto que seus pés sairão a salvo — brincou ele.

— Tudo bem. Tenho um amigo que é um excelente médico e poderá me prescrever uns analgésicos, se for preciso — e ambos riram.

Peter aproximou-se e enlaçou a cintura de Danielle com gentileza. A música ecoava por todo jantar e ele pôde experimentar como seria tê-la em seus braços pela primeira vez. Desde que tinham se conhecido, aquela mulher o perturbava como nenhuma outra já havia feito. Mas, acima do que sentia por ela, ele elevava a amizade que tinha por John havia tantos anos. Agora, lá estava Danielle, com a cabeça apoiada em seu peito, provavelmente ouvindo o descompasso de seu coração a entregá-lo. Ouviu-a cantarolar a melodia, mas não reconheceu a música.

Como se lesse seus pensamentos, ela perguntou:

— Peter, você e John são muito próximos, não é mesmo?

— Sim, eu o considero o irmão que não tive. Temos histórias parecidas. Ambos perdemos nossos pais cedo. Ele, em um acidente e eu, em uma outra fatalidade — respondeu.

— Eu sinto muito — disse Danielle, afastando a cabeça do peito de Peter e tocando o ombro do médico de forma compassiva. — Você tinha quantos anos quando aconteceu?

Peter lembrou-se do dia fatídico em que tinha perdido os dois pais. Ele os havia encontrado mortos no chão da sala.

— Eu tinha catorze anos. Meu pai traiu a minha mãe, mas então se arrependeu e rompeu com a outra mulher. Um mês depois, a amante dele tocou nossa campainha. Minha mãe atendeu, pois a conhecia do hospital em que meu

pai trabalhava. Ele também era médico. A mulher esperou meu pai chegar após revelar tudo pra minha mãe, e atirou nos dois — contou, balançando a cabeça, como que para espantar as imagens que voltavam a povoar sua mente.

Nem percebeu que haviam parado de dançar e que Danielle o olhava com expressão absorta.

Ela não conseguia dimensionar quanta dor aquele rapazinho da época tinha experimentado. Compadecida, Danielle o abraçou. Ele, deixando-se abraçar, retribuiu o gesto e a manteve em seus braços por algum tempo. Quando Danielle se afastou, Peter procurou algo mais no olhar dela, além de solidariedade, mas não encontrou o que buscava.

— Está tudo bem — disse Peter, sorrindo e sem conseguir encará-la. — Isso aconteceu há muito tempo. Já não dói tanto assim. Acho que minha dança chegou ao fim — atentou, mudando de assunto. — Vamos — disse, oferecendo o braço. — Sei de alguém que levou uma lição de Letícia e que deve estar aguardando a vez de dançar com você.

Ela sorriu para ele e, apoiada no braço de Peter, seguiram de volta para a tenda, onde Hugo conversava com John e Letícia. A aniversariante contava algo, parecendo muito animada.

— Ah! Aí estão vocês — disse ela. Danielle sorriu para a amiga e ia se sentando quando Hugo a puxou.

— Nada disso, mocinha. Vamos lá. Agora é minha vez — disse, abraçando-a pela cintura. — Quero fazer valer cada centavo que essa bruxinha me arrancou. — E, mandando um beijo para Letícia, quase que carregou Danielle.



Danielle ainda viu a mensagem velada na expressão de John, quando Hugo, em retribuição, piscou para ele. Danielle ficou feliz por, naquele momento, estar tocando uma balada animada, e adorou dançar solta e poder evitar a proximidade com Hugo, que se divertia, girando-a. Estavam dançando como todos na pista, seguindo uma coreografia animada ao som do retrô YMCA, do Village People.

O bom humor de Hugo fez com que ela rapidamente se esquecesse da conversa desagradável de minutos atrás. E então a dança ficou ainda mais divertida quando Letícia e Rose se juntaram a eles. Foi maravilhoso para Danielle viver aquele momento com duas boas e queridas amigas. Achava que elas tinham muito em comum.

Depois da dança com Hugo, restava apenas uma. Danielle procurou o tenente Bruno Hessman, e encontrou-o à mesa com John e a sargento Silvia. Estranhou quando se aproximou e ele, saindo, cumprimentou-a e foi checar o esquema de segurança.

John sorria, parecendo ainda mais feliz.

— Finalmente, alguém sensato — disse ele, confidenciando que o tenente tinha dado a John o número do sorteio, abrindo mão da dança.

— Evidentemente, o Bruno quis evitar uma saia justa com John — disse Hugo. — Mas ele podia ter cedido a vez pra mim, não é mesmo, primo? — continuou, provocando John. — Afinal, você pode dançar com essa beldade a hora que quiser.

— Hugo, você não tem jeito — disse a irmã, sorrindo, e Hugo a puxou novamente para a pista de dança. — Vem Letícia, vamos dançar.

A irmã estranhou ele a chamando para dançar uma música lenta e romântica, mas, ao ver que Sabine se aproximava da mesa, entendeu o porquê da fuga.

— Aproveita, John. Agora, ela é apenas sua — brincou Letícia.

John, concordando, puxou Danielle e a conduziu novamente à pista de dança. Peter havia ido embora para atender a um chamado no hospital, pelo que Danielle pôde entender. Ela viu Sabine dando meia volta, aparentando estar aborrecida.

Danielle adorou poder dançar com John novamente. Apenas dançaram e sentiram o calor um do outro. Sabiam que a noite, para eles, estava apenas começando.

A cerimonialista chamou a todos. Quando o bolo gigantesco foi levado pela equipe do *buffet*, Danielle mal acreditou.

— Princesa, como sempre, você é muito discreta — disse Hugo, beijando a bochecha da irmã.

Depois dos parabéns, a atenção de todos se voltou para Letícia, que informou o quanto havia sido arrecadado naquela noite, afirmando que construção da escola seria seu maior presente. Danielle e John ouviam o discurso de Letícia já distantes, pois ele, aproveitando a distração, tinha tomado a mão da namorada e caminhava com ela em direção à mansão. Eles eram seguidos apenas pelos agentes, que estavam a uma distância respeitável do casal.

Quando Danielle deu por si, já estava no quarto de John, que, mal fechando a porta, tomou-a nos braços em um beijo apaixonado. A ansiedade era latente no toque e nos olhos dele. O corpo de John não era capaz de negar todo o desejo que sentia por ela. Um desejo ardente de possuí-la o consumia. Adorava beijar aqueles lábios macios, e amava quando ela o deliciava com um de seus doces sorrisos.

Ele sentia seu membro pulsar, mas não queria ter pressa. Eles haviam esperado muito por aquele momento. Ignorou a batalha que sentia abaixo da cintura, vinda de dentro de suas calças. John e Danielle não conseguiam parar de se beijar, de se tocar. Ele adorava sentir o perfume dos cabelos dela, de seu corpo... Como gostava de tê-la assim em seus braços. Esqueceram-se de tudo e de todos naquele momento. Danielle teve vontade de se beliscar, para ter certeza de que, dessa vez, era tudo real e de que não estava apenas sonhando com o homem que amava.

Ela fechou os olhos, curvando os cílios longos e contendo um gemido quando ele aprofundou o beijo. Sentia os seios intumescidos e sensíveis, ansiando por contato com a pele dele sem a barreira das roupas. Como John era capaz de colocar seu mundo de cabeça para baixo com apenas um beijo?! Ela sentiu as mãos poderosas dele segurarem seu rosto com gentileza e prenderem a atenção dela. Olhos nos olhos, eles se observaram e, em uma mensagem silenciosa, confessaram todo o amor que compartilhavam.

Danielle beijou timidamente o queixo de John e, ficando na ponta dos pés, depositou um beijo no nariz dele, o que arrancou um sorriso. Ela atreveu-se ainda mais, e lambeu os lábios dele, traçando um caminho com a língua, o que fez com que John a estretasse em seus braços com força. Mas Danielle não reclamou, pois pôde sentir a ereção latente sobre seu vestido. Reivindicando mais ainda contato com o corpo dela, John começou a tirar sua própria roupa. Queria mostrar a Danielle o quanto era seu. Afastar qualquer possibilidade de dúvida. Começou pela gravata borboleta, que logo estava no chão. Retirou o paletó e a camisa, puxando-a de dentro da calça e dando a Danielle a visão completa de seu peito. Ela viu uma cicatriz pouco acima de suas costelas. Uma lembrança da tortura que tinha sofrido nas mãos dos criminosos. Quis tocá-lo ali para mostrar que tudo aquilo havia ficado no passado. Ele estava seguro agora. Ambos estavam.

John tirou os sapatos italianos, abriu o cinto e deixou a calça ao lado da cama. E assim, peça por peça, ele se despiu sob os olhos atentos e lascivos de sua amada, que parecia observá-lo como se fazia com uma obra de arte. Quando sua última peça caiu sobre o tapete felpudo do quarto, revelando a enorme ereção de John, ele se aproximou dela. Colocou a mão de Danielle sobre o peito, encorajando-a a tocá-lo. Ela ficou em êxtase por sentir os músculos fortes.



Danielle circundou os mamilos de John com os dedos e viu como a carícia o deixava ainda mais tenso. Ela adorou a sensação de poder de tê-lo ali à sua vontade. Dando a volta, parou atrás de John e beijou-lhe a nuca, o pescoço, e desceu, com vários beijinhos, pelas costas. Experimentava, a cada toque, uma nova sensação. Sentiu-o estremecer de desejo quando ela o abraçou por trás, encostando os seios nas costas dele e surpreendendo-o. Então ela tocou seu membro em uma carícia suave, a princípio, mas, à medida que percebeu o quanto ele respondia a seu toque, intensificou o ritmo, fazendo-o gemer alto.

Lembrou-se de como se tinha se comportado com mais ousadia em seu sonho erótico, mas não teria coragem de agir dessa forma com ele a observando de frente. Sentia os músculos das costas de John se contraírem, ao mesmo tempo em que sentia seus seios, sob aquele contato, ficarem ainda mais doloridos e duros.

— Você vai me deixar louco, amor — disse ele, com a voz rouca de prazer, mas sem sair daquela posição, pois adorava sentir o arfar da respiração e os seios dela atrás dele, ao mesmo tempo em que Danielle conduzia o prazer.

John virou-se lentamente. Queria vê-la. Precisava tê-la agora. A urgência tomava conta dele, mas, respirando fundo e parando à distância de um beijo, tocou no colar com pingente de coração. Ela estava sempre com ele. John começou lentamente a baixar as alças de seu vestido quando viu Danielle tomar fôlego e fechar os olhos.

Danielle queria muito se sentir mais confiante e que John gostasse de seu corpo, mas suas reservas sempre vinham à tona em momentos de intimidade com ele.

— Abra os olhos, Danielle — disse John. — Não há o que temer.

— Eu sei... confio em você, amor — e, dizendo isso, observou John expor seus seios por completo. Ele abriu o zíper lateral e passou pela linha do seio até a cintura, vendo a peça cair no chão. Ela usava apenas calcinha por baixo do vestido e ele adorou ver a peça clara delicada em contraste com sua pele de ébano. Danielle estremeceu quando seus corpos se uniram e abraçaram-se, como se desejassem ser um só. John conduziu Danielle a sentar-se sobre ele na cama imensa e, deitado, apreciou o corpo que desejava há tanto tempo.

Com as mãos, apoderou-se de seus seios, aprisionando-os e apertando-os, levando sua amada a contorcer-se de excitação. Os bicos dos seios foram presenteados com beijos e mordidas. Ela gemeu e riu da dor deliciosa que sentia. John, para redimir-se, lambeu os mamilos e assoprou sobre eles, fazendo ela quase enlouquecer.

John beijou o espaço entre os seios e sugou um de cada vez, com menos força agora, mas com o mesmo desejo. Precisava dela urgentemente. A abstinência forçada já contava meses, e não queria estar com outra mulher, queria estar com ela.

Entrelaçaram seus dedos e ele a puxou para si e mudaram de posição. Danielle estava, agora, por baixo dele e apenas de calcinha. Ele levantou sua perna e começou a beijar de seus pés até sua intimidade, fazendo com que Danielle antecipasse o prazer que teriam. Atendendo às súplicas dos gemidos de Danielle, ele retirou a última peça que era uma barreira entre eles. Ela o viu sorrir, tal como se lembrava dele sorrindo no sonho erótico que tinha tido. E, como se soubesse o que se passava na mente dela, ela o viu posicionar a própria cabeça entre as pernas de Danielle. Segurando suas coxas com gentileza, venceu a resistência de Danielle com beijos da coxa até seu ponto mais íntimo, onde ele percebeu que ela estava úmida e pronta para ele.

Danielle sentiu a respiração de John muito próxima a seu sexo e, quando a língua dele começou a lambê-la sem pressa, em uma dança ritmada e alucinante, ela agarrou com força o cabelo de John, como se para encorajá-lo a continuar. Danielle gemeu. Contorcia-se de prazer e ansiava por mais. Ele a virou de costas e depositou beijos de sua fronte até seu bumbum arredondado. Aquela visão do bumbum dela o fez sorrir e pensar em uma fantasia que, naquele momento, ainda não seria possível de realizar. Mas teriam muito tempo.

John depositou muitos beijos pelo corpo dela e vendo que, tal como ele, Danielle estava trêmula de desejo, não resistiu mais.

Olhando-a diretamente olhos, encaixou-se entre suas pernas e a beijou com

doçura, para depois dizer:

— Amor, é provável que sinta um desconforto, mas...

— Eu não tenho medo, John. Eu só quero ser sua, por completo. Por favor, não pare.

John, ouvindo aquelas palavras, posicionou-se, sem deixar de admirar a expressão de entrega no rosto de Danielle, enquanto começava a penetrá-la. Seu membro forçou passagem, até encontrar a resistência de sua virgindade. Ela sentiu dor. Na verdade, sentiu muita dor, mas chorava, porque, naquele momento, eles estavam unidos, como ela nunca estivera unida a ninguém em sua vida. Uma união de corpos. Uma união de almas. John ficou preocupado ao ver suas lágrimas, mas ela sorriu, e o envolveu ainda mais forte pelo pescoço.

Ele intensificou os movimentos e gemeu em seu ouvido algo que ela não conseguiu decifrar. Agora, tudo era prazer. Ela sentia toda a extensão da masculinidade de John pulsando dentro dela e não conseguia descrever como se sentia. Palavras não dariam conta. Ele a guiava naquela dança, revelando-lhe emoções e sensações que ela desconhecia. John via que Danielle o estimulava a prosseguir e, com sofreguidão, beijava-lhe o pescoço, os seios, o ombro e voltava a capturar seus lábios.

Ele enrijeceu o maxilar, tentando prolongar o prazer, para que alcançassem o clímax juntos e, vendo-a gritar seu nome e seu corpo começar a convulsionar sob ele, percebeu que poderia liberar a explosão que tinha contido desde que havia entrado com ela naquele quarto. Ele caiu sobre ela e beijou-lhe com amor, sem sair daquela posição por um momento. Danielle estava ofegante e mantinha um sorriso no rosto.

John saiu de cima dela e a puxou para que Danielle apoiasse a cabeça sobre seu peito para se recuperarem juntos. Todas as vezes que a teve em seus braços antes, ansiava pelo dia em que poderia tê-la por completo. Imaginava-se conduzindo Danielle a conhecer todo a extensão do prazer que seus corpos iriam compartilhar.

Queria muito apresentar a ela como o êxtase poderia ser arrebatador, quase insano de tão extraordinário, mas nunca tinha imaginado como esse nível de prazer acompanhado de amor poderia ser surpreendentemente melhor. E foi Danielle quem lhe ensinou isso. O que fez com que um sorriso surgisse nos lábios de John.

Ao lado de Danielle, ele se sentia o homem que queria ser, não aquele que a vida o tinha transformado. Com ela, esquecia-se de todo o sofrimento da infância e da solidão em que havia crescido. Sabia que nunca mais seria o mesmo e

queria que fosse assim. Ela acabou se tornando essencial em sua vida e, por isso, ele decidiu revelar um pouco mais de si para ela. Não queria fantasmas do passado interferindo no futuro que vislumbrava para os dois.

Inesperadamente o rosto de um lindo menino surgiu em sua mente e John riu ao imaginar como seria um filho deles. Observou que ela estava quase adormecendo em seus braços e sussurrou:

— Eu amo você, Danielle.

— Eu te amo mais... — a ouviu dizer antes de ser completamente vencida pelo sono. Danielle compreendia perfeitamente agora que a realidade poderia ser muito melhor que um sonho.



EU JÁ SONHEI COM A VIDA E, AGORA, VIVO UM SONHO

Danielle acordou e espreguiçou-se na cama. Abriu os olhos e viu a porta do banheiro entreaberta. Sentiu falta de John ali ao lado dela, mas ouviu o barulho da água e também uma música tocando baixinho. Então ele estava por perto. Reconheceu o que lhe parecia ser a voz de John misturada à melodia. Ele estava tomando banho e estava cantando. Danielle não acreditou em seus ouvidos. Vestiu a primeira roupa que encontrou pelo chão e, então, na ponta dos pés, foi até a porta do banheiro. John, de olhos fechados, lavava os cabelos e sorria. Parecia feliz.

Danielle se encheu de coragem e entrou no banheiro, e foi quando ouviu o smartphone dele tocando a canção *Não precisa*. Danielle adorava aquela canção de Victor e Léo. Não acreditou quando viu, na tela de bloqueio do celular, surgir a imagem de seu próprio rosto dormindo. Identificou aquele momento com facilidade. Ela usava um pijama de ovelhinhas. Lembrou-se da noite em que tinha aberto seu coração para John, revelando o segredo que nunca tinha contado a ninguém. Recordou-se de como ele havia sido amoroso e demonstrado que nada tinha mudado em relação ao que sentia por ela, ficando ao seu lado até que Danielle adormecesse.

Riu do próprio medo de John ver a foto que tinha recortado do jornal e havia colado na agenda, rodeada por pequenos corações. Agora, Danielle sentiu-se feliz por ele querer ter uma foto dela também. Era algo que precisavam providenciar: uma foto dos dois juntos. Na véspera, tinha parado algumas vezes para ser fotografada com Letícia e até com Hugo, Peter e os agentes, mas antes de John chegar. *Que pena*, pensou. Mas teriam muitas oportunidades de registrar momentos especiais no futuro. Momentos que, só por estarem juntos, já seriam preciosíssimos para ela. Avançou mais alguns passos para apreciar mais de perto a beleza do homem que amava. Parecia hipnotizada vendo os músculos se movimentando enquanto John removia o shampoo.

“Esse homem lindo é seu namorado, Danielle Nunes”, conversou consigo mesma, sorrindo, orgulhosa porque poderia vê-lo assim sempre que quisesse, de agora em diante. Era um privilégio exclusivo dela.

Nesse momento, John notou sua presença. Ele a viu através do vidro temperado do box, e abriu um sorriso que a fez sentir com as pernas bambas.

Danielle ainda não tinha se acostumado com a forma como o próprio corpo respondia a John. Desejava-o cada vez mais. Amava-o cada vez mais. Viu quando ele abriu a porta de vidro e estendeu a mão, um convite silencioso.

John estava encantado ao vê-la usando apenas a camisa branca dele. Ela estava até descalça.

Danielle sorriu, mas, dando-lhe as costas, voltou até a pia. Pegou a escova que ele tinha deixado ali, escovou rapidamente os dentes e o vir rir. Só então ela tirou a camisa, deixando-a cair sobre o piso claro do chão. Aceitou a mão de seu amor, ajudando-a entrar embaixo do jato da ducha. John a observava, mas Danielle não hesitou, apesar da claridade da manhã. Depois da noite que haviam compartilhado, não se sentia mais tão insegura quanto a seu corpo. Ele a achava bonita, e era só o que importava.

Assim, ela se entregou completamente ao que sentia por aquele homem. A água estava na temperatura ideal. Adorou o contato da ducha morna com sua pele, mas aquilo nem se comparava à satisfação por estar ali com John. Ele a abraçou com carinho e a beijou com os olhos abertos, admirando como ela se entregava a ele sem reservas agora. Percebeu que seus corpos seguiam o ritmo da melodia e John acariciou os cachos molhados. Amava tudo naquela mulher graciosa: a pele, o sorriso doce, a forma como ela o abraçava. Amava vê-la preocupar-se com todos e como conquistava espaço na vida dele. Mas, acima de tudo, sentia-se grato por ela ser sua.



Quantas pessoas nunca haviam encontrado o amor. Ele, por muito tempo, tinha duvidado de que teria essa sorte. Lembrava-se de como seus pais faziam questão de demonstrar o afeto que sentiam um pelo outro. Era uma das poucas

memórias que o tempo não havia turvado em suas lembranças. John sentia-se inteiro ao lado de Danielle: a única mulher que tinha tocado seu coração e sua alma. Sentiu o corpo dela estremecer e viu-a sorrir para ele, que retribuiu com vários beijos pela boca e queixo de Danielle. Não foi necessário que trocassem uma palavra para saber que reviveriam aquele momento de intimidade e amor em suas mentes muitas e muitas vezes no futuro.

“— *Eu já sonhei com a vida. Agora vivo um sonho. Mas viver ou sonhar, com você, tanto faz...*” — cantarolou John, próximo ao ouvido de Danielle, a mantendo em seus braços. Ouvindo essa doce declaração, ela não conseguiu conter as lágrimas que desceram por seu rosto, mas eram lágrimas de felicidade, porque compartilhava naquele momento algo único com o homem que amava.

John começou a sentir a reação de seu corpo e Danielle sorriu, abaixando a cabeça ao sentir o volume que crescia e a pressionava. Como faíscas sobre lenha seca, o desejo da noite anterior se reacendeu ao simples contato de pele com pele. Um turbilhão de sensações singulares perpassava pelo corpo de John, ao acariciar, com liberdade, as formas arredondadas dela. Aquela explosão de desejo que sentia por ela era incomparável, e isso o enlouquecia. Ela se mostrava delicada e meiga, ao mesmo tempo em que era uma mulher decidida e franca com os próprios sentimentos. Ela era transparente e ele amava olhar no fundo daqueles olhos escuros e encontrar neles verdade. Como agora olhava para ela e via toda a excitação e amor que Danielle não escondia sentir por ele. Era como um reflexo de seus próprios sentimentos.

Danielle sentia a sensualidade à flor da pele e pensou em como se sentir assim era maravilhoso. Derretia-se sob o toque de John, que passeava as mãos por sua barriga, seus braços, seu ventre. Viu quando ele se ajoelhou e, virando-a de costas, acariciou o interior de suas pernas. Ela se apoiou em seus ombros, pois temia desfalecer, tomada pelo prazer absoluto que sentia. De repente, John a surpreendeu. Mordeu seu bumbum, arrancando uma risada gostosa de Danielle. Depois, depositou vários beijinhos no local da mordida. Voltando a apossar-se de seus lábios, John viu como ela prolongava o contato, não querendo soltá-lo.

Eles pareciam encontrar um no outro uma urgência que não dava espaço para espera, e John, mostrando-se impaciente por experimentar novamente o prazer de torná-la sua por completo, levantou-a do chão, o que a assustou um pouco. Danielle não esperava, mas adorou a forma como ele a suspendeu com facilidade. John a mantinha cativa, segurando com firmeza suas coxas e apoiando as mãos sobre o bumbum arredondado dela, enquanto beijava o pescoço e descia para se deliciar com os seios. Danielle o abraçava com força, com suas pernas envolvendo as costas de John e sua feminilidade encostada à

barriga dele, fazendo com que ela sentisse pequenas descargas elétricas por todo o corpo. Ele a beijou com volúpia e ela permitiu sentir todo o desejo extravasado naquele beijo, abrindo a boca para dar a ele acesso à língua.

— Diga que você é minha, Danielle — exigiu ele, respirando com dificuldade, sendo invadido por um sentimento de posse. A boca ansiosa percorria o busto de Danielle e chupava com sofreguidão seus seios. Ela sentia enlouquecer de prazer.

— Sou sua, John... Só sua, meu amor — respondeu, enquanto o sentia morder o bico de seu seio. — Não há espaço para nenhum outro homem no meu coração...

John se sentiu o mais afortunado dos homens por ser ele quem detinha o amor de Danielle. A sinceridade e doçura que via nos olhos dela, muitas vezes, lembravam a pureza e a inocência de uma criança. Era tudo o que precisava ouvir para ter a certeza de que Danielle era a mulher de sua vida.

— E eu sou seu — disse, capturando o olhar dela e conduzindo os corpos a se alinharem perfeitamente.

Danielle gemeu alto quando ele começou a penetrá-la. Com movimentos firmes e compassados, avançava cada vez mais no interior dela. Danielle sentia-se incendiar pelo fogo do desejo que compartilhavam e que os conduziu ao êxtase quando ambos, não suportando mais, renderam-se ao prazer inigualável que os atingia. Gentilmente, ele a soltou, e sentaram-se no chão do box do banheiro para se recuperar e retomar o fôlego, com a água morna caindo sobre seus corpos. John, segurando a mão dela, encostou o queixo na cabeça de Danielle. A respiração deles voltava ao normal aos poucos.

Riram ao olhar diretamente um para o outro, e John a puxou para o colo. Já ansiava por tê-la novamente e, fazendo com que Danielle montasse sobre suas pernas, mais uma vez, sucumbiram ao prazer da união de seus corpos.

Saciados por enquanto, ele a enrolou em um roupão seu e, quando passavam pela pia, ela viu vários produtos de higiene pessoal. Notou que a barba dele já despontava e não resistiu.

— Posso fazer sua barba, John?

Ele gostou da ideia e separou uma toalha de rosto, a lâmina e a espuma de barbear, sentando-a sobre o balcão imenso da pia. O movimento a fez rir, pois por causa dele a tela do celular se acendeu, mostrando a imagem de Danielle dormindo. Ele riu.

— Culpado. Não resisti e tirei uma foto antes de ir embora naquela noite.

Me senti um pouco desleal por tirar a foto com você dormindo, por conta da revelação que você tinha acabado de compartilhar comigo. Sei que devia ter te contado depois. Espero que não fique chateada.

Danielle riu e abraçou-o pelo pescoço, beijando-o apaixonadamente antes de soltá-lo.

— Eu adorei saber que me levou para todos os lugares onde estive, meu amor — e, olhando-o nos olhos, continuou: — E eu também guardo comigo uma foto sua que saiu no jornal.

— Eu sei. Vi sua agenda aberta e me senti melhor por ter tirado sua foto.

— E por que não me contou que viu, John? — perguntou ela, rindo com ele agora aconchegando-se no peito dele. — Eu fiquei imaginando, mas me martirizei porque não tinha certeza se você tinha visto. Senti vergonha...

— Vamos tirar muitas fotos hoje mesmo. Vamos tomar café e depois podemos passear e almoçar fora. Se quiser, podemos até fazer um piquenique.

Danielle adorou a ideia de passar o dia com John fora da mansão. Assim, começou a fazer a barba do namorado para poderem se arrumar e descer. John ficou parado enquanto ela espalhava espuma de barbear na palma da própria mão e depois passava por seu rosto.

Foi uma experiência engraçada e agradável para os dois. Engraçada porque ela tinha medo de cortá-lo e deslizava a lâmina com extremo cuidado e muito vagarosamente. Ele adorou poder estar ali à mercê de Danielle. Sentia-se privilegiado por poder apreciá-la, de tão perto, por tanto tempo. Ela tinha linda com o roupão preto que era dele, pensou John. Os cachos molhados de Danielle caíam pela testa. Ela removeu bem devagar toda a espuma e limpou o resto com a toalha, passando a loção pós-barba de aroma já tão conhecido. Danielle pareceu ficar satisfeita com o resultado, sorrindo contente. Depositou um beijo leve sobre a boca de John ao terminar.

Assim, de mãos dadas, John a acompanhou até o quarto dela para que Danielle pudesse se vestir. Ambos usavam apenas os roupões.

Fräulein Evelise e os agentes que estavam no corredor tiveram reações diferentes diante aquela cena. Eles tentaram se manter impassíveis e cumprimentaram o casal. *Fräulein* Evelise não conseguiu disfarçar o seu constrangimento e, depois de um breve “bom dia”, seguiu rumo às escadas. Danielle notou, mas John pareceu ignorar o embaraço da governanta e só depositou um beijo na mão da amada.

Ambos foram se preparar para o café da manhã com sorrisos nos rostos.



NÃO SEI SE PODEREI SER SEU AMIGO

Peter e John estavam sentados à mesa, enquanto Hugo, Danielle e Letícia dançavam animadamente na pista. Ele tentava não olhar para aquela direção, pois se sentia como um ímã sendo atraído pelo metal. A oportunidade de tê-la em seus braços o fez agir de forma diferente da habitual, e ele, agora, sentia-se envergonhado na presença do amigo.

— Peter, eu sei por que você deu um lance para dançar com Danielle — havia dito John, poucas horas atrás. — O motivo está claro como água pra mim — lembrou Peter, já em casa, a fala do amigo.

Peter sabia que existia a possibilidade de um olhar mais demorado sobre Danielle ou a reação dele ao conduzi-la na dança, acabarem por denunciá-lo. Peter sempre se tinha sido um homem equilibrado, mas, perto de Danielle, todo seu domínio próprio parecia se esvaír como fumaça. Preparado a dar sua palavra a John de que jamais ousaria tentar nada com a moça, Peter começou.

— John, sei o que pode parecer, mas...

— Sei que sua preocupação foi a mesma que a minha — interrompeu-o John. — Danielle ir parar nos braços de alguém que queira se aproveitar dela ou, até mesmo, de um curioso que quisesse saber mais a respeito do meu sequestro. Obrigado por ser um amigo fiel — interrompeu John, apoiando a mão no ombro do amigo, em agradecimento.

Se ele soubesse que eu mesmo sou um desses homens sem escrúpulos, pensou Peter, sentindo-se péssimo. Saiu da festa de aniversário de Letícia usando um chamado do trabalho como justificativa. Dirigia sem rumo certo. Só precisava sair dali. Seu coração o traía sempre que estava perto de Danielle, e isso era inaceitável.

John é meu amigo, repetia para si mesmo, como um mantra. *Um dos poucos amigos que tenho. Não posso. Não devo. Não vou.*

Aqueles pensamentos o atormentavam.

Naquela noite pegou o próprio carro, mas queria caminhar para tentar pôr suas ideias em ordem. Passeou pela orla da praia, e seus pensamentos estavam bem longe dali. Ainda conseguia sentir o perfume daquela mulher. A sensação de tê-la nos braços tinha sido uma das melhores e piores coisas da vida dele, ao

mesmo tempo. Ela o havia convidado para dançar para afugentar as recordações da morte de seus pais. Essa era uma das qualidades de Danielle que ele apreciava: a vontade de proteger e de cuidar de todos ao redor. Peter se lembrou da maneira como ela tinha apoiado a cabeça no ombro dele e como dançaram juntos a lenta melodia. Seus corpos se moviam ao som da música, e ele havia interrompido aquele contato assim que conseguiu retomar um pouco de sua lucidez.

Peter não sabia por quanto tempo havia caminhado quando começou a chover. Lembrou-se de que, desta vez, ele não tinha se esquecido de levantar a capota ao estacionar o carro perto de alguns quiosques da orla. Riu de si mesmo ao recordar aquele dia na mansão de John, o dia em que o mesmo carro tinha ficado cheio d'água. Lembrou-se, em especial, da forma como a risada gostosa de Danielle tinha deixado o ar mais leve e também ele próprio mais leve.

Na verdade, perto dela, todos pareciam enxergar a vida com mais cores. Viu como Danielle já era estimada pelos funcionários da mansão e como se sentia à vontade perto daquela gente simples e despretensiosa. Quando ela o convidou para a sessão de cinema, ele percebeu que um dos agentes havia notado sua admiração por Danielle. Como o agente Ricardo tinha percebido, outros poderiam também perceber e, logo, a relação de Peter com John estaria ameaçada.

Daquela vez, estava atendendo a um pedido do amigo, que não queria que Danielle se sentisse sozinha na casa. Nem se lembrava há quanto tempo não parava apenas para apreciar um bom filme. Seu trabalho sempre havia sido sua prioridade. Ele trabalhava em dois hospitais renomados da grande Florianópolis, mas também era voluntário em um hospital da periferia, uma vez por semana. Em meio, porém, a tantas obrigações nos três hospitais em que dava plantão, Peter, de forma recorrente, pegava-se pensando em Danielle. Recordava-se de quando a tinha conhecido e de como, desde então, ela parecia estar impregnada em sua pele e em sua mente. Peter culpava-se por desejar a namorada do grande amigo.

Entregou-se ao trabalho de corpo e alma. Precisava manter a mente ocupada e deixar seu corpo o mais exausto possível. Adorava o que fazia, e era uma forma de se sentir ligado ao falecido pai, que também havia sido médico. Pela imensa admiração que tinha por ele ajudar a salvar vidas, Peter havia decidido abraçar aquela carreira e seguir os mesmos passos. Peter, mais do que ninguém, sabia o quanto uma traição poderia ter consequências devastadoras. Tinha perdido quem mais amava na vida por uma escolha errada do pai. Quando ficou órfão, culpou o pai pela tragédia que destruiu completamente a vida do

filho adolescente, mas a saudade que tinha dele e da mãe acabou fazendo com que conseguisse perdoá-lo. Tentou, então, seguir em frente. Tinha ido para Leipzig estudar, como era costume para os jovens de sua idade, e foi quando se aproximou de John, pois dividiam o mesmo dormitório na escola alemã.

Agora, do lado real das coisas, Peter decidiu voltar para casa e fazer o que já se tornava um hábito sempre que via Danielle. Deixou a água fria encher a banheira e ficou mergulhado ali com seus pensamentos. Era a única forma que tinha encontrado de recuperar sua paz de espírito e, também, de conseguir controlar sua libido e poder dormir, um pouco que fosse. Sempre que se reencontrava com ela, era isso ou uma noite insone. Mas Peter temia que a situação estivesse gradativamente fugindo de seu controle, pois os banhos frios estavam se tornando cada vez mais longos para alcançar o efeito desejado. Parecia uma atitude infantil até para ele mesmo. Sentia-se um completo idiota, comportando-se como um adolescente com hormônios em polvorosa.

— Como posso desejar tanto essa mulher? Como posso amá-la? Eu não posso pensar nela dessa maneira. Preciso ficar longe dela. O que for preciso para que nem John, nem ninguém mais, saiba...

Peter saiu do banho e percebeu que, finalmente, poderia dormir. Olhou o relógio da parede de seu quarto e viu que eram quase 5h da manhã. Estava satisfeito por não ter que enfrentar um plantão de 24h. E foi só se jogar sobre a cama, que caiu em um sono profundo. Acordou com um ruído insistente. Tentou localizar o celular.

— Droga! Quem pode ser? — Já passava das 14h e ele, como médico, nunca desligava o celular. Era um ônus de sua profissão.

Viu que tinha adormecido com a toalha enrolada na cintura. O celular tocou novamente, despertando-o de uma vez. Viu o número do condomínio e não entendeu.

Provavelmente era o porteiro, informando que havia chegado alguma edição das revistas científicas que assinava. Mas por que não tinha chamado pelo interfone? Surpreendeu-se, no entanto, ao ouvir a voz da pessoa mais improvável de estar ali:

— Oi, Peter, tudo bem? Sou eu, Danielle. Eu vim fazer uma visita.

— Danielle? — perguntou ele, descrente.

— Desculpe, a hora é imprópria? Eu e John estávamos em um parque aqui perto, mas Klaus o chamou para resolver um problema sério, pelo que pareceu — a voz dela soava um tanto desanimada. — John me disse que você morava pelas redondezas e que você tinha dito que estaria de folga. Perguntei a ele o que

achava de eu pagar a visita que você me fez. Mas desculpe, eu deveria ter...

— Pode subir. Eu estava dormindo, por isso demorei a atender.

— Eu acordei você? — perguntou ela, com um tom preocupado na voz. — Talvez seja melhor eu voltar outro dia...

— Não se preocupe com isso. Décimo sétimo andar, apartamento 1704 — interrompeu. Ele a ouviu desligar do outro lado da linha e ainda fechava os botões da camisa quando ouviu a campainha tocar.

Peter ainda não acreditava que ela estava al.

— Oi, Peter — disse Danielle, meio sem graça por tê-lo acordado. Estava acompanhada dos dois agentes, que o cumprimentaram com polidez.

— Entrem, por favor — convidou.

Os agentes, porém, justificaram que era mais apropriado fazerem a vigilância do corredor. Havia mais três agentes e um segurança da casa de John no térreo e fazendo a guarda do perímetro do prédio. Assim, Peter se viu sozinho em seu apartamento com Danielle.

— Sente-se, por favor, Danielle — disse ele, recordando-se das boas maneiras.

Ela olhou ao redor, analisando o apartamento.

— É a sua cara, sabia? — comentou, sorrindo.

Ele não entendeu muito bem a que ela se referia.

— Seu apartamento — continuou ela — Tem a sua cara. Sóbrio e prático. Você só se preocupou em manter o que é essencial. Tudo aqui parece ter sido escolhido por sua função. Você é assim — ela ainda sorria. — Parece viver bem apenas com o que é indispensável, pelo que pude notar...

— Você interpretou tudo isso em apenas cinco segundos dentro do meu apartamento? — perguntou ele, sorrindo com a percepção aguçada de Danielle e entregando a ela um copo de chá gelado. Ela aceitou: o dia estava ensolarado, apesar de ter chovido na noite anterior.

Danielle ficou feliz por ele não parecer aborrecido por aquela intrusão de privacidade. Começava a conhecê-lo melhor e achava que podiam ser bons amigos.

— Peter, eu espero não estar incomodando muito. Sei que você deveria estar se recuperando da festa e de plantões sem dormir. Se preferir, eu posso voltar outro dia com John e ...

— Não, eu dormi bastante. praticamente a manhã toda. Mas aqui eu não

tenho muitas opções do que fazer. Sou só eu e não sou uma das companhias mais divertidas.

— Ah! O que você gostaria de fazer? — perguntou ela, animadamente. — Quer dar uma volta e me apresentar seu bairro? Ainda é dia..

Peter gostou da ideia de estarem em um local público. Assim, seria mais fácil lidar com a influência de estar tão perto dela. E assim fizeram.

— Aonde vamos, Peter? — perguntou Danielle, já no carro dele. Foram seguidos bem de perto pela comitiva de policiais em outros carros.

— Quero que conheça um lugar bem perto daqui de que acho que vai gostar.

O bairro era muito arborizado. Danielle gostou de ver tantas araucárias espalhadas e, aos poucos, uma grande lagoa deu lugar às construções.

— Que coisa mais linda! — exclamou ela, feliz. — Onde estamos?

— Aqui é a Costa da Lagoa. Além de poder consumir o que os pescadores trazem cedinho para vender nesses restaurantes — começou Peter, mostrando o comércio turístico local —, também é possível fazer um passeio de barco.

Danielle parecia fascinada. A vontade de fazer um passeio de barco logo pareceu evidente no olhar dela.

— Desde que os agentes não se oponham, por mim, será um prazer — sugeriu Peter. Não conseguia não sorrir quando ela estava a seu lado.

Os agentes concordaram apenas depois de colocarem como única exigência a cautela com o horário — já eram quase 15h, e não seria prudente retornarem à noite para a mansão. Assim, foram até uma bonita embarcação com o nome *Lucrécia* pintado na lateral. Peter conversou com um homem que parecia conhecê-lo, pois o chamava carinhosamente de “meu menino”. O médico a apresentou ao senhor rechonchudo e sorridente, que era o dono da embarcação de dois pavimentos. Ele era o tio de Peter, irmão de sua falecida mãe, e seu parente vivo mais próximo, pelo que Danielle entendeu. Chamava-se Rodolfo e mostrou-se muito feliz em fazer o passeio com eles. Acompanhados pelos agentes, entraram todos no barco de médio porte.

Danielle achou o tio de Peter muito simpático. Ele brincou, dizendo:

— Eu não sabia que meu sobrinho estava namorando com uma moça tão bonita. Muito boa escolha, menino. A terceira mulher mais bonita que já tive o prazer de conhecer, depois de sua mãe e de sua tia *Lucrécia*, é claro — beijou a mão de Danielle de forma galante.

Ela agradeceu o elogio. A princípio, cobriu o rosto, sem graça, mas achou

divertida a confusão do Sr. Rodolfo ao pensar que namorava Peter. Notou que o homem pareceu surpreso quando a situação foi corrigida pelo sobrinho.

E Peter viu nos olhos do tio que, naqueles poucos minutos na companhia de Danielle, Rodolfo já sabia como o sobrinho se sentia com relação a ela. O velho tio era muito sagaz e observador, mas respeitou a postura reservada de Peter, dando apenas umas batidinhas de apoio em suas costas quando o médico foi vê-lo no convés. Queria que um dia Peter encontrasse o amor. *Ele, mais do que ninguém, merecia*, pensou Sr. Rodolfo com certa tristeza.

— Você pareceu impressionada agora há pouco com a ilha, mas o Rio de Janeiro tem a maior floresta urbana do país, não é mesmo? — disse Peter, voltando para o deque inferior e dando atenção a Danielle, que observava a vista e parecia feliz.

— Sim, é verdade. A Floresta da Tijuca — disse ela. — Você conhece bem o Rio?

— Menos do que gostaria. Mas me conta por que você se mudou de sua cidade para o Rio de Janeiro? — questionou, querendo saber mais sobre a vida dela e, ao mesmo tempo, desejando manter a conversa em torno de assuntos neutros.

— Meus pais se separaram e mamãe foi buscar oportunidades de trabalho. Lá no Maranhão, estava muito complicado, na época. Ela é auxiliar de enfermagem. — Danielle pareceu ficar distante — Quando meu pai faleceu, viemos eu e meu irmão caçula morar com ela. Foi só isso.

Danielle preferiu esconder as dificuldades pelas quais haviam passado desde que a mãe tinha perdido o emprego na Santa Casa. Logo depois, o pai também tinha ficado desempregado, embora após alguns meses fazendo pequenos biscates tivesse conseguido uma posição como vigilante. Mas ele tinha formação de topógrafo. A vida dos quatro irmãos havia mudado depois do divórcio dos pais. Precisaram se separar. Os mais velhos ficaram com a mãe e começaram a trabalhar para ajudar no sustento da família, enquanto os mais novos tinham ficado em São Luís para terminar a educação básica.

— Tudo bem, Danielle? — perguntou Peter, quebrando o silêncio. Ele tinha notado que ela parecia estar distante dali em seus pensamentos.

— Sim. Só lembranças — respondeu, despertando de suas divagações e sorrindo, timidamente.

— Falando em lembranças, acabei de lembrar de quando John me contou que estava gostando de você. Agora, eu entendo melhor por que ele percebeu isso em poucos dias. Você é uma mulher especial, Danielle — comentou Peter,

esquecendo-se da própria intenção de deixar a conversa em um nível de neutralidade muito rapidamente.

— Quando ele te contou isso, Peter? — quis saber ela, curiosa, sentando-se a seu lado.

Peter riu.

— No hospital, no dia em que você sofreu aquele atentado. Todos estávamos muito preocupados com você, mas John desceu para o seu andar desesperado. Queria te ver de qualquer jeito. Nós fomos ao seu quarto e Hugo estava lá. Você estava dormindo.

Ela se lembrou de Hugo ter dito que eles haviam ido vê-la. Ela tinha se preocupado com a possibilidade de a terem visto descabelada ou coisa pior. Danielle estava atenta a cada detalhe que Peter revelava.

— Ele me disse que o que sentia por você o intimidava. Isso. Foi essa a palavra que ele escolheu — Peter, notando que ela não compreendia, explicou. — Eu perguntei a ele se não era o caso de ele estar confundindo o que sentia, se não seria apenas gratidão. Mas ele me disse que nunca havia se sentido daquela maneira antes. Disse que estava apaixonado por você.

Danielle sorriu. Era bom saber que ele já gostava dela quase ao mesmo tempo em que ela própria também tinha se descoberto apaixonada por ele.

— Obrigada, Peter. Obrigada por me contar — Danielle sorriu para os agentes no andar superior da embarcação. Eles observavam os outros barcos menores que navegavam com a tripulação, apreciando o dia ensolarado. — Peter, posso te fazer uma pergunta pessoal?

— Claro, você pode perguntar o que quiser — disse ele, sentindo-se culpado por estar tão feliz só por estar ao lado dela.

— É mais uma constatação que uma pergunta, na verdade — começou Danielle, parecendo relutante. — Eu posso estar errada, mas quando entrei em seu apartamento hoje, tive a mesma impressão de quando vi você pela primeira vez — ela sorria, e ele tentava evitar olhar para seus lábios.

Peter manteve o olhar nas ondas que se formavam à medida que o barco avançava. Ela prosseguiu.

— Você está sempre impecável e na sua casa tudo está em seu devido lugar. Você é um homem que tenta manter sua vida em ordem, em todos os aspectos. Me parece que sente necessidade de manter tudo sob controle o tempo todo. Mas e aqui? Como você está aqui?

Peter sentiu-se sem ação. Olhou para a mão de Danielle sobre seu peito.

Como ela podia saber tanto sobre ele e sobre como conduzia sua vida, enquanto ele mal conseguia

raciocinar, só pelo fato de ela estar tão perto? As palavras e o toque da mão Danielle aqueceram seu espírito por um breve momento. Daria qualquer coisa para que aquele toque fosse a resposta para o sentimento que guardava dentro de si. Ao menos, se pudesse ter esperança de um dia ter a chance de poder amá-la sem reservas e ser correspondido por ela... Ele, como se despertasse para a realidade, retirou a mão dela e levantou-se, ampliando a distância entre eles. Danielle percebeu que algo algo do que havia dito o incomodava.

— Me desculpe, eu não quis ser inconveniente — garantiu, arrependendo-se, de imediato, de ter tocado nele.

Danielle sabia, no entanto, que muitas vezes algumas pessoas mais reservadas como Peter precisavam de calor humano e de alguém com quem pudessem se abrir.

— Fui intrometida, eu sei. Mas, Peter, qual seria a graça da vida se pudéssemos planejar cada passo e nunca permitir que o destino nos surpreendesse? O bom da vida não é o fato de ela ser imprevisível? — ele parecia fugir do olhar de Danielle, e ela percebeu isso. Continuou. — Você é um homem bom, Peter. Eu vi isso pela forma como você se preocupou com a recuperação do John e pela gentileza de se preocupar em comprar algo pra eu comer naquele dia no hospital. Você tem esse olhar atento ao bem-estar dos outros e, na ocasião, eu ainda era apenas uma desconhecida pra você. Pelo que eu soube, você é um ótimo médico, e John me disse que é o melhor amigo dele. Parece ser um sentimento recíproco. Eu não tenho como imaginar o quanto vocês sofreram, perdendo os pais tão cedo e de forma tão trágica. E, acredite, eu sinto muito por isso, mas não deixe que o passado o impeça de viver o presente. Eu sei que você não me conhece direito, mas eu gostaria muito de que me visse como uma amiga.

Peter olhou para aquela mulher que oferecia a ele amizade e ela parecia estar sendo sincera. Mas foi aí que ele teve certeza de que não poderia lidar com a presença dela de forma constante em sua própria vida.

— Eu não sei se poderei ser seu amigo — respondeu ele, honestamente.

— Como assim? Não pode ou não quer, Peter? — perguntou ela, confusa. Ele parecia dar a ela uma meia verdade.

— Eu apenas acho que somos muito diferentes e eu não seria uma boa companhia para você.

Danielle levantou-se. Olhou para ele como se buscasse foco. Abraçou o

próprio corpo, em sinal de nervosismo. Por um tempo, ficaram em silêncio.

— Eu compreendo. Acho que, no fim das contas, não foi uma boa ideia aparecer sem ser convidada, não é mesmo? — disse, sorrindo sem graça. — Eu vou subir um pouco para apreciar a vista lá de cima. Me desculpe por... — desistiu de completar a frase, e começou a subir as escadas.

— Droga! — disse ele, batendo com os punhos no parapeito. — Danielle!

Ela virou-se ao ouvi-lo chamar.

— Não vá. Fique — ele buscava as palavras certas. — Vamos conversar um pouco mais.

— Mas, você acabou de dizer que...

— Eu só não quero entediá-la — mentiu ele. — Quando disse que somos diferentes, quis dizer que eu sou como você deu a entender, metódico e previsível. Rapidamente, vou fazer você voltar atrás com sua proposta de amizade. Mas eu gostaria muito de tentar...

Ele a viu abrir um sorriso. Peter, como se enfeitiçado, sorriu de volta, e pensou *Como ela faz isso? Como consegue melhorar tudo apenas com esse sorriso doce que ela tem?*

— Quando não tivermos sobre o que falar, a gente fica em silêncio, e vai estar tudo bem.

— Está bem. É bom que saiba que teremos muitos momentos de silêncio — brincou.

O resto do passeio foi assim. Danielle e Peter gostaram da cumplicidade de apenas desfrutar daquela tarde agradável. Ele sentia-se feliz por não precisar se preocupar em preencher o silêncio com trivialidades. Seguindo a orientação dos agentes, encerraram o passeio antes do pôr-do-sol. Danielle despediu-se do Sr. Rodolfo com um abraço. Tinha gostado mesmo dele e ele, retribuindo, disse que ela seria sempre bem-vinda a bordo. Peter também se despediu do tio e logo Danielle e ele tomavam rumos diferentes.

Ele ainda estava surpreso com a forma com que ela tinha lido suas emoções. Temendo ter dado um mal passo aceitando estreitar aquela amizade com Danielle, entrou em seu prédio. No elevador, passou a mão pela bochecha, exatamente onde ela tinha depositado um beijo de despedida. Peter se recriminou por estar se sentindo feliz demais para um amigo que havia passado algum tempo ao lado de uma simples amiga.

Ele riu ao pensar na banheira que o aguardava.

A VOLTA DE SCHNEIDER

O delegado Antunes chegou ao aeroporto da cidade satélite de Brasília e seguiu direto até a maior penitenciária de segurança máxima do Centro-Oeste do país. Parecia que, finalmente, os dois sequestradores que haviam sido capturados mostravam-se inclinados a cooperar com as investigações. Provavelmente, haviam tomado a decisão depois de perceberem que estavam por conta própria, já que nenhum advogado havia se apresentado para defendê-los, enquanto o defensor público indicado pelo Estado estava representando outros trinta casos, além do deles.

Além dos agentes penitenciários, a segurança daquele presídio estava também sob a competência da força nacional, por conta de boatos de uma rebelião estar sendo organizada. Depois de o delegado e o agente Batista entregarem suas armas e de ser realizada a devida identificação, foram conduzidos pelos corredores de acesso ao pavilhão onde ficava o gabinete do diretor do presídio, que fez questão de se mostrar solícito a todos os pedidos. O Dr. Armando tinha desejado participar pessoalmente da intervenção por conta da repercussão do caso na mídia: visava uma possível promoção na carreira.

Assim, pontualmente às 10h da manhã de um dia nublado de meados de junho, foram conduzidos os irmãos Jorge e Rui Peixoto. Ambos usavam calça bege e camiseta branca, e estavam com pés e mãos algemados.

— Pois bem, senhores....Vocês pediram que eu viesse, dizendo que estavam dispostos a revelar informações importantes para a resolução do sequestro de John Hauser. Então, estou ouvindo — começou o delegado, sem delongas.

Rui olhou para o irmão mais velho, que era quem claramente estava no comando ali. Então, Jorge se manifestou.

— Nós queremos colaborar, mas temos nossas condições.

— Prossiga — incentivou o delegado.

— A primeira exigência: queremos ser transferidos desta prisão. Aqui, a qualquer momento, vai estourar uma rebelião, e não queremos entrar como buchas, já que não pertencemos a nenhuma facção interna.

— Se as informações que nos derem forem satisfatórias, podemos analisar essa possibilidade. Algo mais? — inquiriu o delegado.

— Sim. Temos demonstrado bom comportamento e queremos um advogado

que cuide apenas do nosso caso. Sabemos que, por estarmos colaborando, podemos fazer um acordo que reduzirá nossas penas. Queremos cumpri-las bem longe desse canil. Pés e mãos algemados... Nenhum animal é tratado assim. Desde que chegamos aqui, ninguém veio falar com a gente. Nem o advogado da justiça, nem o...

— Nem o advogado que vocês achavam que o mandante do sequestro iria contratar para tirar vocês daqui? — perguntou o delegado.

Ele confirmou com a cabeça e olhou para o irmão, que se mantinha calado.

— Me contem o que sabem que eu verei o que posso fazer — disse o policial.

— Tá me tirando como um babaca, é isso, chefia? — disse Rui, mostrando-se contrariado e preparando-se para se levantar. Mas o agente Batista se aproximou, o que o levou a rir, com desdém. — Queremos garantias de que nossas exigências serão atendidas ou não vamos abrir o bico. Deu pra entender? Além disso, a gent...

— Cala a boca, Rui! — ordenou o irmão.

Após uma troca de olhares, Jorge prevaleceu como o alfa da dupla. Ele se voltou para os agentes da lei.

— Basicamente, o que meu irmão disse está certo. Primeiro, assegure o que queremos e, depois que estivermos sendo removidos, direi tudo o que quer saber. Quem nos contratou, por qual motivo, quanto pagou... Dou até endereço e telefone. Mas, até lá, continuaremos em silêncio. Reintegração à sociedade aos privados de liberdade. Não é essa a premissa da criação de um presídio? Sei que seremos presos, mas quero cumprir a pena e sair ainda respirando da prisão.

— Eu não tenho autoridade para tanto.

— Então, fale com quem tem e, depois, nos procure — disse Jorge, sabendo colocar as cartas na mesa.

— Preciso ter moeda de troca para falar com meus superiores. Vocês têm que me dar alguma coisa para que eu possa barganhar com as instâncias e tentar ajudar vocês.

Os bandidos se entreolharam e pareceram concordar.

— Talvez isso ajude a acelerar nossas exigências já para amanhã: sabemos que aquela negrinha está na casa do Hauser. Como sabemos disso? O mandante tem olhos bem perto dela. Ele tem olhos onde é conveniente.

— Fale logo quem é, seu filho de uma... — o agente Batista se aproximou e deu um soco na mesa.

— Calma, Batista! — disse o delegado, igualmente tenso com aquela revelação. — Eles estão dispostos a colaborar — e trocou um olhar duro com o agente. Tudo o que não precisava naquele momento era perder a chance que surgia de pôr o mandante do sequestro de John Hauser atrás das grades.

Ainda tendo que lidar com a pressão da mídia sobre o caso, o delegado constatou que era aquela sua grande chance de encerrar o assunto. Após passar o dia ao telefone com o juiz responsável e com a promotoria, conseguiu fechar o acordo. Assim, no início do dia seguinte, os criminosos já aguardavam, com a escolta, para serem transferidos. A promotoria aceitou a proposta de acordo dos criminosos e o delegado apresentou o defensor público que se debruçaria exclusivamente sobre a defesa dos dois.

Após receberem a informação de que seriam conduzidos a uma penitenciária no Maranhão, em um voo que sairia às 3h da madrugada, os detentos foram levados algemados para a viatura. Menos de meia hora havia se passado. O delegado não acreditava na rapidez com que tudo tinha acontecido. Ele foi o primeiro a avistar o caminhão atravessado na estrada, mas sabia que pouco poderia ter sido feito, pois o enorme veículo havia sido posicionado logo após uma curva acentuada, o que impedia a visualização dos policiais. Pouca reação teria sido possível a tempo.

Um grupo fortemente armado os interceptou na rodovia que dava acesso ao hangar do aeroporto. Ao todo, cerca de sete veículos blindados trocavam tiros com a polícia. O delegado ouvia o agente Batista pelo rádio, reiterando o pedido de reforço e, naquele momento, solicitando ambulâncias para atendimento dos seis colegas baleados durante a troca de disparos. As viaturas só não estavam em pior estado porque também eram blindadas. O delegado recordou de ter feito, na véspera, o pedido de reforço aéreo para a escolta, o que teria evitado que fossem surpreendidos daquela forma. A promotoria tinha recusado o pedido, alegando que as decisões tomadas deveriam ser mantidas em sigilo, considerando que chamaria muita atenção da mídia.

Agora, ele via os corpos dos dois criminosos, que jaziam no chão. A princípio, o delegado e o agente Batista acreditaram se tratar de uma emboscada com a finalidade de resgatar os dois presos sob custódia e que toda a argumentação dos irmãos Rui e Jorge havia sido apenas para que conseguissem sair dos muros da prisão de segurança máxima. Mas tinham se enganado. O delegado Antunes reconheceu facilmente Schneider saindo de um dos veículos. Com um poder de fogo com que nunca havia se deparado antes, baleou, com seus comparsas, seis agentes da lei, conseguindo, assim, libertar os dois cúmplices. Schneider conduziu os irmãos sorrindo, e estes também acreditaram

que se tratava de um resgate. Até ambos serem alvejados, à queima-roupa, pelas costas.

— Mas como ele descobriu? — era a pergunta que os policiais se faziam, mesmo sem trocar uma palavra. A decisão de remoção dos presos tinha sido tomada em menos de 24h. Quem teria meios para, em tão pouco tempo, dispor de um exército como aquele?

Pouquíssimas pessoas tinham acesso à informação da transferência dos presos, por conta de a investigação seguir em segredo de justiça. Apenas agentes da equipe, a promotoria e o juiz Sérgio. O delegado precisava descobrir onde estava a ponta solta.

Lembrou-se do que, o agora falecido, Jorge havia contado: *o mandante do sequestro tem olhos onde é conveniente*. Pegando o celular, o delegado discou rapidamente um número.

— O tenente Bruno Hessman. Aqui é o delegado Antunes — enquanto aguardava a transferência da chamada, o delegado começou a ouvir o barulho das sirenes que se aproximavam.

DE VOLTA A ONDE TUDO COMEÇOU

A mansão Heinz era imponente e, para quem a avistava pela primeira vez, até um pouco intimidante. Bruno conduziu o carro passando pelo imenso jardim e estacionando em frente à magnífica residência, que era ocupada pela família Heinz há quatro gerações. A última vez em que John tinha estado naquele lugar, encontrou a maior provação de sua vida. Flashes do combate corpo a corpo com os sequestradores vieram a sua mente como uma enxurrada, e ele balançou a cabeça, afastando as memórias.

— Bom dia — disse John ao ser recebido por *Frau* Olga.

— Bom dia, *Herr* Hauser. *Herr* Heinz o espera no escritório.

Ele já conhecia o caminho e agradeceu à senhora de cabelos grisalhos. John passava pela escadaria do hall de entrada quando avistou Helene descendo as escadas.

— Ora, vejam só que surpresa — disse ela, parando bem próxima a John.

— Como vai, *Dame* Heinz? — perguntou, mantendo o tom mais formal possível.

— Nossa, para que tanta formalidade? Já fomos tão íntimos. Não se lembra mais, John? Sempre poderá me chamar pelo meu nome, querido — garantiu ela, passando a mão pela extensão do braço de John. Posicionando-se atrás dele, sussurrou em seu ouvido: — Eu lembro de cada noite em que nossos corpos queimavam de desejo. E sei que você se lembra do sabor dos meus beijos. Lembra como costumávamos nos divertir até o raiar do dia? Eu sinto sua falta. Sinto falta do prazer que você me proporcionava. Nunca ninguém me deu tanto prazer quanto você. Às vezes, fecho os olhos e recordo como você era insaciável na cama e ...

— *Dame* Heinz, já imaginou se, eventualmente, alguém escutar a senhora falando dessa maneira? Poderão tirar conclusões equivocadas a seu respeito — disse ele, retirando a mão dela com educação, mas, ao mesmo tempo, deixando claro que não tinha interesse por nenhuma aproximação. — Imagine o quanto seria lesivo a sua imagem de dama da sociedade o rótulo de adúltera — concluiu, enfatizando a última palavra.

— John, faça-me o favor, você bem sabe que eu...

— Bom dia, John. Como vai, meu neto postiço? — surgindo do interior da mansão, a avó de Klaus cumprimentou John, interrompendo Helene.

— Como vai, *Großmutter*? — disse ele, sorrindo e dando na senhora um beijo na face.

— Com saudades de você. Na verdade, na festa, mal trocamos duas palavras — queixou-se Magda Heinz.

— Verdade. A senhora estava muito ocupada desfrutando de seu investimento — respondeu ele, referindo-se a Pedro, amigo de Danielle que ela tinha arrematado no leilão naquele dia.

— E foi muito bom, meu filho! Rapaz muito gentil e atencioso. Além de muito bonito — acrescentou, arrancando uma risada de John. — Fazia muito tempo que não dançava e me divertia tanto — sorriu ela. — Você veio se encontrar com Klaus? Ele não me disse que viria nos visitar. Janta conosco?

— Não poderei desta vez, *Großmutter* Magda. Tenho planos de levar Danielle para jantar fora — respondeu, dando de ombros e justificando-se. Conduzindo a velha senhora, ofereceu a ela o braço. — Mas marcaremos um jantar em breve e aproveitarei para trazê-la comigo.

— Gostei muito da moça, filho. Além de bonita, parece ter uma personalidade forte. Só de imaginar tudo pelo que vocês passaram — ela apertou com mais força o braço de John, em sinal de pesar — Ela deve ser especial, para ter conquistado você dessa forma. Nunca vi esse brilho em seus olhos, meu filho. Tenho certeza de que sua mãe aprovaria sua escolha.

Ele gostou de ouvir aquilo. Já havia feito essa pergunta a si mesmo, mas não tinha certeza da resposta. As lembranças que tinha dos pais, com os anos, haviam ficado comprometidas e parcialmente embaçadas. Helene, ouvindo que conversavam como se ela não estivesse ali, fingiu também ignorá-los, mas o ódio mortal por Danielle criava raízes cada vez mais profundas em seu coração.

John entrou no escritório, acompanhado de *Dame* Heinz, e ela perguntou se os dois gostariam que trouxesse algo para beber. John aceitou um prosecco, mas a conversa não durou mais de dez minutos. Quando a senhora voltava com a bebida, ouviu vozes alteradas vindo do escritório. Ao abrir a porta, viu John segurando Klaus pelo colarinho e desferindo um soco.

Klaus caiu no chão, mas levou John com ele. A senhora viu o olho roxo do neto e, nervosa, deixou cair a bandeja e gritou:

— Parem, por favor! O que houve? Rapazes, por que estão brigando? Socorro! Ajudem! Eles vão se matar!

Havia fotos espalhadas pelo chão e ela viu em uma delas algo que a chocou absurdamente. Recolheu uma do chão, só para deixá-la cair logo em seguida,

tamanhos eram os tremores de suas mãos. John levantou-se e passou a mão pela boca, de onde escorria um filete de sangue.

— Nunca mais se aproxime de mim ou de Danielle, ouviu bem? Pensei que fosse meu amigo. Eu tinha você como um irmão. Como pôde me trair desta maneira tão torpe, Klaus?

— Ela não é quem você pensa que é, John. Olha as provas. Essa... mulher cegou você, seu idiota! Eu quis alertá-lo. O pior cego é aquele que não quer ver. Por que duvida de mim? Nos conhecemos há quanto tempo, John? E há quanto tempo você conhece essa negrinha suja e... — antes que pudesse prosseguir, John o atingiu com mais um soco certo.

Klaus era forte, mas não tinha habilidade em lutas corpo a corpo. Quando os seguranças puxaram John de cima de Klaus, ele se aproveitou da vantagem e atingiu um soco no queixo de John, covardemente, e outro no estômago. Mas Bruno chegou a tempo de evitar que um terceiro golpe o atingisse, pois segurou o punho de Klaus em pleno ar..

— Soltem ele! — ordenou Bruno, acompanhado por três agentes da polícia que haviam adentrado a casa após ouvir os gritos de *Herr* Heinz. — Soltem ele, seus covardes! Agora!

Os dois seguranças soltaram John, intimidados pelo porte dos quatro homens que teriam que enfrentar e pela possibilidade de serem presos pelos agentes, que deixavam as armas e os distintivos em evidência naquele momento. A essa altura, até Helene já estava na porta do escritório, assistindo interessada, ao combate. A avó de Klaus não entendia o que havia acontecido.

— Você vai se arrepender! Escreva o que eu digo! Agi como um amigo que se preocupa com seu bem-estar e é assim que me agradece. Não, eu fui mais que um amigo para você, John. Vai jogar tudo isso pela janela por causa de uma meretriz qualquer!

— Cale-se, Klaus! Se tem amor a sua vida, pare de caluniar Danielle! Não se exponha ao ridículo mais do que já fez — respondeu John, dando as costas e caminhando até a velha senhora.

Um pouco mais calmo, John se virou para a avó de Klaus.

— Perdão por ter presenciado uma cena como essa, *Großmutter*. Eu realmente sinto muito — e, beijando a mão dela, viu a expressão nervosa da senhora.

Magda passou a mão pelo rosto de John e, com um lenço, secou o sangue da boca dele.

— Por que vocês cometeram uma loucura dessas, meu filho? Vocês se conhecem desde a escola. E-Eu não entendo. O que de tão grave levou vocês a isso?

— Não ouviu o que eles disseram, *Dame* Heinz? Eles brigaram por causa da “moça bonita, de personalidade forte” de que você tanto gostou — Helene destilou seu veneno, usando as palavras de Magda com ironia, e recebeu um olhar ameaçador da velha senhora.

Magda Heinz reconhecia na voz de Helene não a preocupação com o marido, que também sangrava e a quem ela não demonstrou nenhuma intenção de prestar assistência. A matriarca da família enxergava apenas hostilidade na loira à sua frente, somente por John estar feliz ao lado de outra mulher. E, uma mulher a quem Helene julgava inferior. Magda decidiu que ali não era a hora nem o momento de colocá-la em seu devido lugar.

— Como você pode ter tanta certeza que essas provas foram forjadas? — ela ouviu o neto vociferar, em tom de censura, para John, e interpôs-se entre eles, temendo uma nova briga. — Como pode duvidar de mim, seu amigo de anos? Nossas famílias estão ligadas há décadas e...

— Acalme-se, Klaus! Deixe John ir pra casa. Depois que vocês esfriarem os ânimos, poderão conversar como pessoas civilizadas.

— Você viu as fotos, *Großmutter* Magda? Ele está jogando no lixo anos de amizade e de confiança por causa daquela meretriz, uma negr...

— Cale-se, seu moleque! — repreendeu a avó, mostrando quem mandava ali. — Você quer sair daqui algemado, seu tolo?! — alertou, notando a postura dos policiais e do próprio Bruno ante o comportamento racista de Klaus.

— Não que você mereça qualquer explicação da minha parte, mas, em respeito à *Großmutter*, vou esclarecer porque essa sujeira que Klaus me mostrou não é autêntica — disse John, fechando os punhos e tentando multiplicar o pouco de autocontrole que ainda tinha. Respirou fundo, já recuperado do ataque desleal.

Todas as atenções estavam voltadas para ele. Não queria expor tanto assim a mulher que amava, mas, acima de sua preocupação com a privacidade dos dois estava a honra dela, que tinha sido colocada em xeque. Klaus, Magda e Helene aguardavam o que ele tinha a dizer.

— Eu sei que tudo isso é falso porque eu conheço a mulher com quem pretendo dividir minha vida — disse, apanhando do chão as fotografias, para evitar que o que era exposto ali levantasse dúvidas sobre a dignidade e a decência de Danielle.

— O que está insinuando? — disse Klaus, preparando-se para o combate novamente. — Seja claro! Nunca pensei que veria o poderoso John Hauser ser enredado por uma...

Ao recolher a última foto, John aproximou-se de Klaus, que sustentou seu olhar. No entanto, John não o agrediu. Refletiu que não valeria a pena. A decepção que sentia por ter se enganado por tanto tempo com o pseudoamigo era um golpe mais duro que o ataque físico.

— Eu sei que tudo isso é falso pelo simples fato de que eu fui o primeiro homem da vida dela.

John viu a incredulidade estampada no rosto de Klaus.

— Mas como assim? — riu ironicamente. — É impossível! Você foi enganado. Ela deve ter armado algum estratagema para que você pensasse...

— Klaus — disse John ignorando o sarcasmo na voz do outro —, a pureza de uma mulher é algo que um homem... Melhor dizendo, algo com o que um homem *de verdade* jamais se enganaria. Me faça o favor de não cruzar mais o meu caminho, porque seus seguranças não serão capazes de impedir o que farei com você se me dirigir a palavra novamente.

Ouviu o toque do celular e, como já havia dito tudo o que precisava, John deu as costas a todos e saiu da mansão. Constatou que havia oito chamadas perdidas e reconheceu de imediato o número do tenente Bruno Hessman.

— Pode falar, tenente — disse, já sabendo que se tratava de algo grave.

John Hauser ouviu atentamente tudo o que o tenente Hessman reportou. Em seguida, entrou no Jaguar e pediu que Bruno retornasse a sua casa o mais rápido que pudesse. O motorista notou que John parecia ainda mais transtornado depois da ligação, do que já estava por conta da briga com Klaus. Os policiais responsáveis pela segurança acompanharam o carro e o seguiram, em igual velocidade até a mansão Hauser. John ainda segurava o envelope com as fotos que Klaus tinha apresentado. Pareciam queimar em seus dedos. Agora, porém, tinha algo mais urgente com que se preocupar. De acordo com o tenente Hessman, sua vida e a de Danielle estavam correndo mais perigo do que podiam imaginar. O perigo estava dentro de sua própria casa. O tenente informou a John que estava indo naquele exato momento para a mansão Hauser, a fim de relatar o que os dois sequestradores haviam revelado, pouco antes de serem mortos por Schneider, naquele mesmo dia, pela manhã.

Queima de arquivo, constatou John, começando a ligar os pontos. A mesma pessoa que tinha enviado o envelope anônimo com as fotos para Klaus era a mandante do sequestro. O objetivo era claro: desestabilizar a relação dos dois e

fazer com que se separassem. Uma suspeita tomou sua mente.

E se, no final das contas, a tal carta não fosse anônima? John tinha saído daquela propriedade com uma certeza em mente: se dependesse dele, nunca mais voltaria a pisar no lugar.

Dentro da mansão, Magda Heinz saiu do escritório levando o neto para fazer um curativo no supercílio, que sangrava. Klaus precisava também colocar gelo no olho, que a essa altura começava a ficar roxo. Helene permaneceu por lá. Havia notado algo que ninguém mais tinha percebido no calor da discussão. Quando viu-se finalmente sozinha, abaixou-se e pegou uma fotografia que havia ficado parcialmente escondida embaixo do grosso tapete. Apreciou a imagem e sentiu-se em júbilo pelo que representaria uma batalha vencida naquela guerra.

Ela guardou a foto como se fosse um valioso tesouro que tinha acabado de encontrar. Sabia exatamente como usar aquele trunfo a seu favor. Precisava ligar para seu irmão e para Sabine. Com um sorriso mordaz nos lábios, a loira subiu os degraus, confiante, rumo ao quarto.

ADEUS, DR. PETER

— Alô, Peter? — disse Danielle, reconhecendo o número e atendendo ao celular. — Esqueci algo em seu apartamento? — perguntou, procurando em sua bolsa e verificando que estava tudo ali.

— Danielle, não faça nada que ele disser! Não volte aq...

Ela ouviu um barulho surdo e um gemido alto.

— Peter? — perguntou ela, começando a se alarmar. A voz alterada chamou a atenção de Ricardo, que estava sentado nos bancos da frente, acompanhado de André, que conduzia o veículo.

— Não. Peter, não. Aqui é um novo amigo dele. Meu nome é Schneider. Já deve ter ouvido falar de mim, não é mesmo? O doutor não pode falar no momento. Digamos que ele está... impossibilitado, com uma arma apontada pra cabeça dele.

Danielle sentiu o sangue gelar apenas com a menção daquele nome pela voz rouca. O criminoso não deu margem para que ela duvidasse do que era capaz de fazer. Ela lembrava nitidamente do que ele e os comparsas tinham feito a John.

— Tudo bem, Danielle? — perguntou Ricardo, vendo que ela permanecia em silêncio, com o celular no ouvido.

— É bom finalmente falar com você. Ouça bem o que vou dizer. Mantenha a voz tranquila. Soube que é uma boa atriz, então demonstre isso e diga que está tudo bem. Caso contrário, a vida do doutorzinho termina agora — ameaçou ele. — Dê meia volta e venha pro apartamento do doutor...

— Danielle? — Ricardo insistiu, observando a mudança da expressão dela.

— Responda! — ordenou Schneider, elevando o tom de voz.

— Tudo bem, Ricardo. Lembrei que esqueci algo importante na casa do Peter. Poderíamos voltar?

— Invente algo convincente e volte pro apartamento do doutor agora. Te darei 20 minutos. Nem um minuto a mais. Quando seu tempo acabar, ele estará morto, e por culpa sua. Olhe para a frente. Vê essa pequena luz piscando em cima do espelho retrovisor? Garanto que não é o sensor de ré — e a voz desconhecida riu sarcasticamente.

Danielle sentiu o sangue correr mais rápido pelas veias. Não. Não podia ser verdade. Era uma câmera. O criminoso estava com Peter e acompanhava tudo o

que acontecia no interior do veículo por aquela pequena câmera. *Como isso é possível?*, pensou.

— Mas concordamos em evitar retornar à noite à mansão. Eu sugiro...

— Por favor, Ricardo — pediu, forçando um sorriso, não sabendo como era capaz de mover um simples músculo. — É algo importante pra mim e para o John.

— Por que não fazemos assim: eu ou André vamos até lá depois e trazemos o que quer que seja para você.

— Ricardo, eu preferia buscar eu mesma — disse, tentando evitar de olhar em direção da câmera e trair-se. — Trata-se de algo... íntimo — disse, abaixando a cabeça. — Eu não podia ter esquecido.

Ricardo pareceu ponderar e trocou um olhar com André.

— O que você acha?

— Se voltarmos agora, acho que não demoramos mais que uma hora. Se é tão importante e temos reforços... — considerou André.

Do ângulo onde Ricardo estava, pareceu não notar Danielle abrir a bolsa, disfarçadamente. Procurou por algo. Suas mãos tremiam por não poder revelar que Peter corria perigo. Ela tentou movimentar o menos possível os braços e encontrou o que buscava. Com um batom, escreveu algo no assento do automóvel.

Ricardo fez uma ligação. Pareceu contatar os agentes no outro veículo que os seguia, e deu a ordem da mudança de planos. Danielle viu André pegar o primeiro retorno e fazer o caminho de volta.

— Estou voltando, Peter.

Ouviu Schneider dizer, antes de desligar:

— Garanta que, como da primeira vez, os policiais fiquem no corredor ou então ninguém sairá vivo daqui.

— Tudo bem, Peter. Logo estarei aí — disse para o telefone mudo, fingindo uma calma que estava muito longe de sentir.

Chegaram rapidamente e, como da outra vez, Ricardo e André a acompanharam. Danielle caminhou à frente deles e notou a porta entreaberta. Danielle fingiu bater e virar a maçaneta.

— Oi, Peter. Estou entrando — deu um sorriso para os agentes e entrou na sala, vendo que, felizmente, eles não haviam desconfiado por Peter não a recepcionar.

Danielle fechou a porta e ficou completamente imóvel ao ver Peter em uma cadeira no meio da sala, com a cabeça projetada para trás. Parecia semiconsciente. Danielle viu o sangue saindo de seu ouvido e escorrendo pelo pescoço, manchando sua camisa branca. Atrás dele, com uma arma na mão, lá estava o homem que mais tinha temido encontrar naqueles últimos meses.

— Tranque a porta — disse Schneider, fazendo um sinal com o dedo indicador sobre a boca para que ela não fizesse barulho nem nada que o denunciasse.

Com muito cuidado, ela virou a tranca da porta. Danielle sabia que estava colocando sua vida em risco, mas o que poderia fazer? O gemido de dor de Peter não saía de sua cabeça. Agora, vendo-o desacordado e todo o sangue que descia por seu pescoço e já caía em gotas no chão, lembrou-se de como John tinha descrito Schneider: ele sentia prazer em infligir dor.

— Peter — disse ela, aproximando-se. Mas, vendo Schneider fazer um movimento de alerta com a arma, parou na metade do caminho.

— Eu disse que ele me ajudaria a trazê-la até aqui, querendo ou não — disse, rindo. — Ele pareceu não entender...

— P-Por favor, deixe-me ajudá-lo. Ele está sangrando muito...

— Ele não vai sobreviver, mesmo — ignorando o apelo de Danielle, Schneider aproximou-se do ouvido sangrando de Peter. — Olha só quem está aqui doutor? — e então se virou para Danielle. — Ah! Esqueci! ele não está ouvindo mais nada desse lado — o bandido deu a volta com a arma em punho.

Danielle pôde notar o sangue no cano da pistola.

— Abra os olhos, doutor, acorde. Ela veio salvá-lo. Vamos dizer a ela que nenhum de vocês vai ver o nascer do dia de amanhã? — disse o psicopata, com um brilho desequilibrado no olhar.

Danielle precisava pensar em algo rápido, mas nenhuma ideia com possibilidade de dar certo aparecia. Schneider, apesar de ter a altura de Peter, não tinha um físico avantajado como Rui, mas se favorecia por estar de posse de uma arma. A esperança dela era que algum dos policiais notasse logo sua demora. Suas preces eram para que um milagre acontecesse e que pudessem ser salvos.

— O que acha que pode fazer conosco? A polícia está no corredor e tem agentes no acesso ao prédio. Não há como sair sem sermos vistos e...

— Cale a boca! Não quero ouvir um pio, sua vadia suja! Como imagina que eu entrei aqui? Eu sei o que estou fazendo! Você já me deu dor de cabeça

demaís. Apenas obedeça ou mato os dois agora. O primeiro a morrer vai ser seu amiguinho aqui. Faço questão de que você assista a ele estrebuchar até se esvair a última gota de sangue. Ele vai me implorar pra matá-lo, depois do que pretendo fazer com ele — disse Schneider, vendo que Peter parecia acordar.

O bandido se posicionou atrás de Danielle e a puxou pelo braço.

— Seu miserável... solte-a! — gritou Peter, com uma expressão que denotava uma mistura de ódio e dor.

— Já conversamos sobre isso, não é doutor? — interrompeu Schneider. — Aqui, só eu falo, e vocês, obedecem. Levanta agora e vamos sair pela cozinha, como combinamos. Lá embaixo, teremos companhia.

— Há um circuito interno de segurança no prédio — argumentou Peter, sentindo-se tonto pelas coronhadas que recebera na cabeça e que sabia que haviam danificado seu tímpano direito, pois não conseguia ouvir nada daquele lado. — Você não conseguirá ir muito longe.

— Tudo bem, vamos esclarecer isso logo — disse Schneider, mostrando prazer no sofrimento de ambos. — Sinto muito informar, mas aqueles quatro seguranças? Não conte com eles, já estão fora de combate. E o velhinho da portaria... bem, esse já teve dias melhores. Tem uma arma apontada pra barriga desde a hora que a negrinha saiu do prédio. Mas está vivo. Pelo menos, ficará até nós sairmos do condomínio. Então, vamos. Agora!

Danielle viu que Peter parecia resistir, mas, ao ver a arma ser apontada para a cabeça dela, fez o que o criminoso tinha ordenado.

— Vai ficar tudo bem, Danielle, eu prometo — disse Peter, levantando-se e apoiando a mão sobre o ouvido que sangrava. Danielle percebeu que ele tentava esconder a dor que sentia.

Assim, com Peter cambaleante e seguindo em direção aos fundos do apartamento, eles começaram a descer as escadas.

— Vamos descer por aqui por três andares e, depois, seguiremos pelo elevador de serviço até a garagem. Entenderam? Se eu suspeitar que estão armando alguma coisa, eu, com um prazer que vocês não podem imaginar, meto uma bala na cabeça de cada um.

Peter virou-se e viu o olhar amedrontado de Danielle. Culpava-se por ser o motivo de o bandido ter conseguido atraí-la para aquela armadilha.

— Ele precisa de ajuda, por favor... — disse Danielle, implorando por um pouco de misericórdia e encontrando apenas divertimento no olhar do assassino.

— Quer ajudá-lo? Vá em frente! Mas sem gracinhas — ameaçou Schneider,

parecendo mesmo deleitar-se com o desespero dela.

Danielle aproximou-se sem movimentos bruscos de Peter e ele parou para observá-la colocar o braço dele por sobre seu ombro, amparando-o. Ela sorriu para o médico, mas Peter sabia que ela estava em pânico, era visível só de observar seus olhos marejados.

Peter, depois da fatalidade em que tinha perdido os pais, havia deixado de temer a morte. Pelo contrário, com a maturidade, a profissão o havia ensinado que a morte fazia parte da vida. Ainda assim, sabia que não estava preparado para ver Danielle sofrer e, por nada no mundo, permitiria que ela morresse nas mãos daquele marginal.

Ao chegarem ao elevador, três andares abaixo, Danielle reconheceu o homem alto e espadaúdo a sua frente, que trajava um colete à prova de balas e segurava em uma mão uma arma e, na outra, algo que não identificou direito.

— Agente Batista! — expressiu Danielle, sorrindo aliviada. Sua esperança reacendeu-se pela presença do policial. Ela olhou ao redor, como se procurasse por mais alguém, mas não viu nenhum outro oficial.

Batista pressionou um botão que manteve as portas do elevador abertas. Danielle virou-se e olhou para Schneider. Peter fez o mesmo.

— Melhor se entregar, Schneider. Você não tem como escapar agora — Peter também soava feliz por ver um oficial da lei ali. Ele sentiu renovar-se sua esperança de Danielle sair dali sem se ferir. Seus únicos temores giravam em torno do que aqueles homens poderiam fazer com ela.

Schneider não expressiu nenhum sinal de preocupação. Pelo contrário, sorriu e disse para o policial:

— Como foi de viagem?

— A mesma droga de sempre — respondeu o agente. — Odeio voar e, por causa dessa vagabunda, é só o que tenho feito ultimamente — disse, parando perto dela e lançando um olhar apreciativo sobre seu corpo. — Mas essa conta ela vai pagar antes de morrer.

Peter libertou o braço e protegeu Danielle com o corpo atrás de si. Danielle simplesmente parecia não acreditar em seus ouvidos e, muito menos, em seus olhos, porque agora via a o agente Batista entregar o que ela distinguia como sendo um outro colete à prova de balas para o criminoso.

— Como pôde? Seu patife! — gritou Danielle, com evidente desprezo na voz. Lembrava-se de que tinha sido a ele que havia confiado a segurança da avó. — Como pôde se associar a esse monstro, sabendo o que ele fez com John? Você

é uma vergonha, um covarde da pior espécie.

Danielle queria ignorar a arma e dar um tapa, com toda a raiva contida, na cara do policial corrupto, mas um arroubo de fúria só iria prejudicá-los ainda mais. Viu Batista levantar a pistola, de força ameaçadora, e apontá-la para ela.

— Não faz ideia do prazer que vai me dar ainda hoje, professorinha.

— Se tentar tocar nela, eu acabo com você — disse Peter, fechando o punho e indo em direção ao agente Batista.

— Não temos tempo para isso — disse Schneider. E, virando a arma na direção de Peter, falou — E como você é um peso morto, Adeus, Dr. Peter.

O som surdo do tiro atingindo Peter, seguido pela visão dele caindo de joelhos, foi tão estarrecedor para Danielle quanto se o tiro a tivesse atingido também. Schneider atingiu o médico pelas costas, mas a bala atravessou o lado direito do corpo de Peter.

Danielle viu Peter prostrar-se de joelhos, encarando os criminosos. E então foi ao chão. Com as mãos sobre a boca, Danielle controlou um grito de pavor.

— Seu idiota! — gritou Batista para Schneider. — Pra você, tudo isso é um jogo, não é? Pois eu tenho amor à minha vida e à minha liberdade. Vamos embora. Quanto antes a entregarmos, antes pegaremos o restante da grana e não terei mais que olhar pra tua cara. Além disso, o piloto não vai esperar eternamente.

— A minha arma tem silenciador. E relaxa que a vadia é valiosa. Eu não entendo o porquê desse seu ataque de nervos — foi a resposta despreocupada de Schneider.

Na discussão, nenhum deles parecia se importar com Peter, que agonizava de dor e respirava com dificuldade. O sangue em seu pescoço se confundia agora com a vermelhidão que vinha de sua camisa branca. Peter sentia a dor do tiro queimar seu corpo e um sono que não conseguia controlar o forçava a fechar os olhos. Olhava para Danielle, que agora estava aos prantos. Pior do que a dor lancinante no corpo, era saber que não tinha conseguido proteger a mulher que amava. Ela falava com ele, mas muita coisa ele não conseguia discernir, pois havia um zumbido forte, causado pelo barulho do disparo. O ruído atrapalhava ainda mais sua audição. O único conforto que tinha era o calor da mão de Danielle em seu rosto.

— Me perdoa, Danielle — sussurrou ele, tentando respirar. Parecia que o ar não alcançava seus pulmões como deveria.

— Peter, por favor, não diga nada. Só guarda suas forças... Fica comigo.

Meu Deus, me ajuda. O que eu faço? — ela mantinha uma das mãos no rosto dele e, com a outra, tentava comprimir o ferimento. Mas não parecia adiantar, pois ele estava ficando cada vez mais pálido e ela sentia a pele ficar fria.

Ele estava perdendo muito sangue.

— Peter, não, por favor — Danielle chorava, aturdida, querendo ajudá-lo. — Me diz, por favor, me diz o que eu devo fazer?

Ele levantou a mão ensanguentada e tocou-lhe os cabelos. Adorou poder sentir a maciez dos cachos. *Então, era essa a sensação*, pensou. Peter se perdia em ater-se à imagem dela.

Subitamente, Danielle sentiu um forte puxão nos cabelos e gritou de dor quando Batista começou a arrastá-la em direção ao elevador. Viu que seus gritos atraíram a atenção de alguns moradores do andar, mas ninguém a ajudou. Fecharam as portas assim que viram os homens armados. Provavelmente, chamariam a polícia, mas podia ser tarde demais para Peter.

— Me solte! Eu não vou deixá-lo aqui! — Danielle lutou contra o homem forte como pôde. Tentou arranhá-lo, chutá-lo, golpeá-lo de todas formas. Queria voltar e ajudar Peter. Não o abandonaria à própria sorte. Quando um chute atingiu a perna do brutamontes, aproveitou e mordeu seu braço com muita força, até que sentiu gosto de sangue, e ele libertou seu cabelo.

Batista a soltou, momentaneamente, gritando uma série de imprecações e deixando cair a arma. Era a oportunidade pela qual Danielle esperava, e ela não pensou duas vezes. Antes que Schneider reagisse, ela pegou a arma e apontou de um para o outro. Suas mãos tremiam. Precisava se acalmar. A vida dela e de Peter dependia do que aconteceria a seguir.

— Seu babaca! — gritou o criminoso para o agente, que tentava estancar com a outra mão o sangue no antebraço esquerdo. — Me entregue essa arma! — gritou Schneider, apontando a pistola para Danielle e dando um passo em sua direção. Ela disparou, atingindo a parede ao lado dele, alertando-o que não erraria o próximo tiro. O barulho ecoou. — Droga! — já ouvindo passos apressados vindo da escada nos andares acima, Schneider entrou no elevador, sem dar as costas para Danielle. Batista não hesitou em segui-lo.

Quando as portas do elevador se fecharam, Danielle, com os nervos em frangalhos, correu na direção de Peter, que fazia um esforço sobre-humano para reagir e ajudá-la. Não sendo capaz, começava a fechar os olhos. Sentando-se ao seu lado, Danielle o puxou para junto de si, não sabendo de onde tirava forças para tanto.

— Peter, você vai ficar bem — disse-lhe, abraçando-o e apoiando a cabeça

dele contra seu peito. Ele ficou a escutar as batidas de seu coração e sorriu. Danielle deixou a arma ao lado deles, temendo que os meliantes voltassem. — Não é justo isso acontecer com você. Está errado. Por favor, meu Deus. Peter, não desista.

Finalmente, os agentes alcançaram o andar onde estavam, mas Danielle tinha sua atenção em Peter e, com carinho, fazia uma prece enquanto beijava sua cabeça. Viu quando o agente André pressionou algo contra a barriga de Peter, fazendo com que esboçasse uma expressão de dor. Ricardo, por sua vez, com um rádio, dava ordens aos agentes que estavam no andar térreo, mas ela não compreendia as palavras. Peter estendeu a mão e ela segurou gentilmente, dando um leve beijo.

— A-Acho que estou morrendo — disse ele, sentindo-se cada vez mais sem forças. — Me perdoe por não ter sido capaz de te proteger. Não chore, por favor. Tudo vai ficar bem agora — e tentou secar uma lágrima dela.

— Não diga isso, por favor — sussurrou Danielle, segurando a mão dele com mais força ainda, como se quisesse transmitir para o médico um pouco de vida.

Peter, num último esforço antes de aceitar ser sobrepujado pela inconsciência; olhando para ela, revelou em voz baixa e entrecortada.

— Eu amo você, Danielle — dentre tantas emoções, Peter reconheceu também a surpresa no olhar da mulher que o acalentava em seus braços. E então prosseguiu, com extrema dificuldade. — Você me ensinou muitas coisas, mas, acima de tudo, me ensinou o que é o amor. Quero que seja feliz com John. Ele é o melhor homem que já conheci. Cuide do meu amigo. Ele cuidará de você — Peter pareceu necessitar de toda sua força vital, pois fechou os olhos, como se fosse muito penoso mantê-los abertos e falar ao mesmo tempo. — Acho que, agora, não é mais tão errado dizer... que eu te amo, Danielle. E levarei esse amor comigo para onde eu for...

Peter, não resistindo mais lutar contra a força que o puxava para aquela escuridão, soltou a mão de Danielle. Ela se permitiu ficar ali, com Peter em seus braços. Suas lágrimas caíam sobre o rosto dele, que agora pendia para o lado, inerte.



NÃO HÁ NADA TÃO RUIM QUE NÃO POSSA PIORAR

John entrou em casa e ouviu a voz de Letícia, que parecia descontrolada. Apressou-se e cruzou o hall seguido por Bruno. Chegando à sala de jantar, deparou-se com várias pessoas ali reunidas: seu tio Edgard, Hugo, Letícia, além do delegado Antunes, a sargento Silvia Becker, o tenente Hessman e Henrique, chefe de segurança da mansão.

— O que está acontecendo? — perguntou ele, já prevendo uma notícia ruim, considerando o estado de sua prima, aos prantos.

Todos se voltaram para ele, e Letícia correu e se jogou em seus braços. Ele teve a sensação de que ela queria confortá-lo. John a abraçou e ficou aguardando alguém se manifestar. Todos pareciam não saber por onde começar, e foi Letícia a primeira a falar, em seu descontrole emocional.

— John, eu sinto muito. Eu sinto tanto — chorava e soluçava como uma criança e mal conseguia falar. — O Peter e a Dani...

Ele associou aqueles nomes ao estado em que a prima estava e às expressões dos demais presentes, e ficou tenso instantaneamente.

— Alguém pode me explicar direito o que houve? — exigiu ele, já alterando o tom de voz.

O delegado Antunes e o tenente Hessman aproximaram-se dele e de Letícia no mesmo momento em que *Fräulein* Evelise entrava na sala com um copo de água com açúcar nas mãos. Com carinho, a governanta conduziu Letícia até uma das cadeiras, fez com que ela se sentasse e bebesse todo o copo para se acalmar. Mas a medida não adiantou muito, porque Letícia se abraçou à velha senhora e chorou ainda mais, mesmo depois de sorver todo o líquido.

— Sr. Hauser, infelizmente, as notícias que trazemos não são boas — começou o delegado. — Talvez, seja melhor se sentar.

— Estou bem de pé. Por favor, diga logo de uma vez! O que houve com Danielle e Peter? — John já não suportava mais a falta de informações. Uma angústia crescente tomava seu peito.

— Infelizmente, descobrimos da pior forma possível que um de nossos agentes estava colaborando com o Schneider e, logicamente, com o mandante de seu sequestro. De algum modo, burlaram a segurança do condomínio do Dr.

Hass. Entraram em contato com Danielle pelo celular e fizeram-na retornar ao apartamento de Peter, onde ela havia estado mais cedo. Houve troca de tiros e, pelo que sabemos, o Dr. Peter foi baleado, mas é tudo o que podemos dizer por enquanto. Os agentes Ricardo e André o encontraram e foi tudo o que puderam informar. Estavam levando o Dr. Peter para o pronto-socorro. Imaginaram que, talvez, ele não resistisse se tivessem que aguardar uma ambulância. Recebemos a ligação deles há cerca de meia hora.

John ouviu tudo aquilo e não parecia fazer sentido para ele. Peter tinha levado um tiro? Corria risco de vida? Até ontem, Schneider não estava em Brasília? A confusão mental fez com que uma pressão na nuca começasse a latejar.

— E Danielle? — perguntou, com medo de ouvir a resposta.

— Ao que parece, ela está bem — respondeu a sargento Silvia, que se juntava a eles.

John pareceu respirar fundo, mas não conseguia se sentir aliviado sabendo que seu melhor amigo estava entre a vida e a morte. Peter era o que mais próximo tinha de um irmão, e não conseguia imaginar como teria sido sua vida sem a amizade dele, da mesma forma que não imaginava um futuro sem Peter.

— Por que os agentes voltariam com a Danielle para o apartamento de Peter, se sabiam que o Schneider...

— Eles não sabiam, Sr. Hauser — interrompeu o tenente Hessman. — Ao que parece, a Srta. Nunes colaborou com o criminoso sem que os agentes percebessem, por alguma razão que ainda desconhecemos.

— Não! Isso não é possível! Danielle jamais faria algo assim. Não tem nenhuma lógica o que está dizendo, Hessman! Eu conheço Danielle. Todos conhecemos. Estou indo pro hospital. Onde eles estão?

— John — disse Hessman eliminando formalidades —, a polícia já havia descartado qualquer possibilidade de um envolvimento da Srta. Nunes no caso do seu sequestro, mas esses últimos acontecimentos apontam para a participação dela como cúmplice da tentativa de assassinato do Dr. Peter Hass. Eu, particularmente, concordo com o senhor. Acredito que haja alguma outra explicação para isso também, mas...

— Claro que ela sempre esteve envolvida! — a voz autoritária de Edgard Hauser se fez ouvir. — Foi muito mais fácil aceitar a ideia de que seu tio seria o mandante do sequestro do que alguém que, meses atrás, era uma desconhecida pra você — Edgard deixava clara sua indignação naquele momento, após tanto tempo em silêncio. — A questão toda é que desde que essa mulher entrou em

nossas vidas, nada de bom nos aconteceu.

— Edgard, não diga algo tão absurdo — interpelou Hugo. — A Danielle salvou a vida do John. Será que já se esqueceu? Foi assim que ela entrou nas nossas vidas. Não faça acusações a ela, já que fez questão de evitar qualquer possibilidade de aproximar-se dela e conhecê-la melhor.

— Hugo, não deixe que o que acha que sente por essa mulher te cegue, como fez seu primo. Aliás, como parecem ter feito todos nesta sala. Até o tenente Hessman parece estar enfeitiçado por essa infeliz.

— Pai, cale-se! Antes que se arrependa de levantar uma injúria como essa a respeito de uma inocente...

— Inocente, aquela mulher? Desde que pus meus olhos nela naquele hospital, soube que não prestava. Que não valia um centavo.

John se aproximou e encarou o tio com ódio mortal nos olhos. .

— Eu não aceito que se refira assim a Danielle. Guarde sua opinião sobre ela para si mesmo, e saia imediatamente da minha casa — disse John, esforçando-se para refrear a fúria que as insinuações do tio levantavam.

Hugo se colocou entre os dois.

— Calma, *bruder*. Ele não a conhece, não sabe o que está dizendo.

— Mais uma razão para que fique calado — disse John, sem desviar o olhar do tio.

— Pai, a Dani é uma pessoa doce e amiga — argumentou Letícia, mais calma. Ela também se colocou entre os dois. — Ela não seria capaz de machucar ninguém. Eu a conheço bem e sei que...

— Mas que droga! Será que vocês não percebem? — esbravejou Edgard, claramente perturbado. — Não conseguem ver o que ela fez? Ela se infiltrou para conhecer melhor a todos, a rotina de nossas vidas e para ter acesso irrestrito a espaços que jamais teria, se não fosse por John. Estão todos cegos? Até pouco tempo atrás, cheguei a pensar que estava errado quanto à intenção dela. Quando soube da aproximação entre ela e John, imaginei, a princípio, ser só mais uma golpista, interessada em aplicar o golpe do baú. E, do que jeito que John tinha caído na teia, imaginava-a grávida em menos de um mês. Mas Peter pode estar morto agora por causa dela e, ainda assim, não enxergam o que está na frente dos olhos. Ela é, sim, uma criminosa!

— Saia da minha casa! — gritou John. Hugo precisou da ajuda de Bruno e do tenente Hessman para controlá-lo. Estava disposto a expulsar o tio com as próprias mãos.

— Sr. Edgard, é melhor me acompanhar, por favor — disse Henrique, atendendo a um olhar de John.

— Não ouse colocar um dedo em mim ou vai acabar com um braço quebrado, rapaz — disse Edgard Hauser ao chefe de segurança. E, voltando-se para os policiais, perguntou: — Delegado, e o que o senhor pretende fazer agora? Já não está mais do que claro que ela é cúmplice de mais um crime?

— Sr. Hauser, minha opinião pessoal sobre a Srta. Nunes não irá interferir no andamento das investigações, se é o que deseja saber — respondeu, sendo direto, o oficial. — Quanto ao que aconteceu hoje com o Dr. Peter, precisamos saber pelos agentes o que houve, de fato. Até lá, não pretendo levantar nenhuma hipótese. Quanto ao sequestro de seu sobrinho, a princípio, todos têm direito à presunção de inocência. A culpa é que precisa ser provada, e nada aponta para a culpabilidade ou qualquer envolvimento de Danielle Nunes.

— Provas? Se são provas que deseja, Klaus Heinz me informou que seguia uma pista e que estava perto de conseguir provas que deixavam claro o envolvimento dela no sequestro. Klaus sempre concordou comigo que era muito suspeito ela estar na hora certa e no lugar certo naquele dia em que encontrou John e... não achava que ela era de confiança. Ele me disse que você mudaria de opinião depois que ele conseguisse as provas que buscava com a ajuda de um detetive particular — e, voltando-se para o sobrinho, que agora estava mais contido, continuou. — John, *Fräulein* Evelise me disse que Klaus ligou para a mansão hoje, querendo falar com você com urgência. Você foi à casa dele hoje, não foi? O que ele revelou? Que provas eram essas?

Todos se voltaram para John. Ele se manteve em silêncio. Sua Danielle nunca faria algo assim. Não era possível. Eles haviam compartilhado momentos muito difíceis. Ela o tinha salvado. Não podia duvidar dela. Olhou para o envelope nas próprias mãos e, por um instante, apenas por um instante, hesitou em acreditar que aquilo não era a verdade.

— O que há nesse envelope, primo? — perguntou Hugo, que notou o que ele estava segurando algo desde que havia entrado.

John respirou fundo.

— Klaus me chamou, sim, hoje à tarde — pareceu ponderar um pouco sobre o que iria dizer, para, depois, prosseguir. — Ele entregou fotografias comprometedoras de Danielle. Porém, eu tenho absoluta certeza de que são falsas. O conteúdo deste envelope colocaria Danielle... enfim, eu tenho convicção de que estas fotos não são autênticas.

Num gesto rápido, Edgard Hauser tomou o envelope das mãos de John.

— Não faça isso — avisou John, desvencilhando-se das mãos que o seguravam e agarrando o tio pelo colarinho antes de ser novamente contido pelos outros homens. — Eu o proíbo!

— Quem você pensa que é, John, para me dar ordens? — gritou Edgard, medindo forças com o sobrinho. — Já se esqueceu de quem sou eu? Eu sou sua família. Sou o único irmão de seu pai e faço isso para seu próprio bem — e, arrumando a roupa, retirou a dezena de fotos de dentro do envelope. Vendo uma após a outra, foi ficando rubro, e sua expressão então passou a dura como pedra.

Sem titubear e enfrentando a raiva evidente no olhar do sobrinho, Edgard Hauser jogou todas as fotografias na grande mesa da sala de jantar, expondo o que John queria preservar a todo custo. As expressões dos presentes eram as esperadas por ele: viu a incredulidade de Hugo e Bruno, a decepção no olhar de Silvia Becker, tristeza nos olhos de Letícia, a mortificação de *Fräulein* Evelise e a evidente confirmação da suspeita de seu tio. Percebeu, no entanto, que o delegado Antunes, o tenente Hessman e Henrique mantinham-se impassíveis.

— John, o que mais precisa para aceitar que essa Danielle vem te enganado desde o dia que te conheceu? — disse o tio, empunhando uma das fotos como evidência do que falava.

— Edgard, por mais que essas fotos sejam chocantes, sabemos que podem ter sido manipuladas — disse Hugo, respondendo pelo primo. Algo que ele sabia bem era julgar a natureza feminina, e Danielle nunca seria capaz de algo tão torpe. Não sabia explicar como, mas tinha certeza disso. — Vamos ouvir o que Danielle tem a dizer, mas eu acredito na inocência dela.

— Você sempre foi um tolo quando o assunto foi mulheres, meu filho — disse Edgard, com desdém, e novamente se virou para o sobrinho. — John, não tem mais nada a dizer?

John ignorou a pergunta do tio. Observava Letícia, que reuniu algumas daquelas fotos e olhava, uma após a outra, com a expressão que oscilava entre a perplexidade e o nojo.

— John, a Dani... isso não é possível? Ela é minha amiga, eu confiei nela — suas lágrimas de nervosismo, agora, convertiam-se em lágrimas de indignação e repugnância. Letícia olhava para todas aquelas imagens bárbaras espalhadas sobre a mesa. Começou a sentir o chão faltar e a visão escurecer.

— Como ela pôde nos trair? — e, antes que alguém pudesse ampará-la, Letícia desmaiou, não acreditando no que via.

Nas fotografias, havia imagens explícitas de Danielle na cama com Schneider. Na grande maioria, ambos sem roupa e sorrindo, aparentando muita

intimidade.

O delegado Antunes pensou no quadro geral dos últimos dois dias e lembrou-se de uma das máximas da Lei de Murphy: *não há nada tão ruim que não possa piorar*.



VOCÊ NÃO É QUEM EU PENSEI QUE FOSSE

— Ricardo, alguma notícia? — perguntou Danielle, vendo o agente retornar após ter ido consultar a enfermagem.

— Não, Danielle. O Peter ainda está no centro cirúrgico. Sinto muito.

Ricardo a viu abaixar a cabeça e abraçar o próprio corpo. Já passava das 20h.

— Infelizmente, sei que não é o momento apropriado, mas precisaremos colher seu depoimento em breve — disse o agente. — O tenente Hessman e o delegado Antunes já estão a caminho. Eles foram pessoalmente à mansão e avisaram a todos, inclusive John — notou que ela já pretendia perguntar por ele.

— Sabe como ele está? — perguntou ela. *Que pergunta estúpida essa minha. Claro que ele deve estar desolado com a notícia. Como não estaria? Como não estariam todos naquela casa?*, pensou.

Mal tinha formulado esses pensamentos, e viu o delegado Antunes chegando, seguido pelo tenente Hessman e pela sargento Silvia. Ela continuou a olhar em direção à entrada da emergência, como se aguardasse por mais alguém. Mas ninguém mais passou pela porta. Tentou pensar que John deveria estar resolvendo alguma questão muito importante. Talvez, algo a respeito da localização dos criminosos.

O delegado analisou o estado da moça. Seguiu seu olhar, sabendo quem ela procurava. Buscou nela algum sinal que revelasse que a intuição sobre ela estava errada. Não encontrou nenhum. Ela parecia muito abatida e era claro que não eram as condições ideais para a interrogarem, mas, tempo era algo que não tinham.

— Como se sente, Srta. Nunes? — perguntou ele.

— Estou bem, na medida do possível, delegado. Mas não sabemos muito sobre o Peter. Ele ainda está em cirurgia e os médicos ainda não vieram falar conosco.

— Você comeu alguma coisa? — perguntou o tenente Hessman.

— Não tenho apetite — respondeu ela, com sinceridade.

— Talvez uma xícara de café faça bem para todos nós. As noites aqui são muito frias e, ainda por cima, ligam o ar condicionado central para que

congelemos de uma vez — reprovou o delegado. — Vamos tomar alguma coisa. Será uma noite longa — propôs. Todos concordaram.

Já no restaurante do hospital, Danielle aceitou um chá de erva-cidreira. Tomou aos poucos. O calor da bebida a ajudou a ganhar um pouco mais de ânimo.

— A perícia já está no condomínio de Peter — disse o delegado, tomando um café. — Tentamos resgatar a gravação dos andares, mas, misteriosamente algo comprometeu as imagens e não temos nenhum registro do que aconteceu após a troca de turno da segurança.

— Precisamos lhe dizer algo muito sério a respeito disso — começou o tenente Hessman, e Danielle notou que o oficial parecia hesitar, o que não era característico dele.

— Pode falar, tenente — disse Danielle, olhando dele para a sargento Silvia, que, por alguma razão, mantinha uma expressão severa no olhar. — Do que se trata?

Tomando a frente, a sargento Silvia disse, com o tom mais frio que Danielle podia esperar:

— Você será indiciada como cúmplice na tentativa de assassinato do Dr. Peter Hass e, possivelmente, como cúmplice no sequestro do Sr. John Hauser.

— C-Como assim, Silvia? — indagou, olhando para os outros agentes e colocando-se de pé. — Eu estou sendo presa, é isso?

— Ainda não, mas todas as provas apontam para sua participação nos dois crimes.

— Silvia, eu...

— Me chame de sargento Becker, por gentileza — disse a policial, deixando bem claro que sua opinião a respeito dela havia mudado.

Danielle olhou para Ricardo como se pedisse ajuda. Ele atendeu, afirmando:

— Isso que está dizendo não faz nenhum sentido. Todos nós sabemos que a Srta. Nunes é tão vítima nesses casos quanto o próprio John Haus...

— Novas evidências foram apresentadas e estão sendo analisadas no momento — cortou a policial, sem transparecer nenhum tipo de empatia pela defesa de Danielle.

— Não há nada de concreto ainda — retificou o delegado. — A sargento Silvia está apenas informando uma possibilidade.

— Quais evidências? Como Danielle passou de vítima a acusada? — quis saber André, também de pé, vindo em seu socorro.

Abrindo uma pasta, a sargento pegou um pedaço de papel que Danielle identificou como uma fotografia e, levantando a imagem na altura da vista dos três, observou a reação. Danielle pegou a foto e olhou com cuidado para cada detalhe ali. Vagarosamente, sentou-se em uma das cadeiras confortáveis do restaurante e ficou ali, em silêncio, por alguns instantes.

— Tem algo a dizer a respeito, Srta. Nunes? Vai confirmar seu envolvimento com Schneider agora?

— Sargento Becker, você está induzindo a Srta. Nunes a se declarar culpada em um interrogatório que ainda nem começou. Devo lembrar-lhe de que nosso trabalho exige imparcialidade para que se cumpra de modo justo? — disse, com um tom duro, o tenente Hessman.

— Não, senhor. Peço desculpas por meu comportamento — respondeu a sargento, não parecendo, de fato, arrependida pelo que tinha dito.

— John viu essas fotos? — foi tudo o que Danielle conseguiu verbalizar. — Todos na mansão viram, na verdade, e não somente esta. Todas as demais — afirmou o delegado.

— Há outras? — quis saber ela, tentando se mostrar calma e controlando a voz, para que não falhasse. Não queria evidenciar a vontade de chorar, queria evitar entregar-se à humilhação de ser exposta de forma tão vil, como naquela fotografia.

— Muitas — confirmou o tenente Hessman.

Danielle olhou para ele, sentindo um vazio gigantesco em seu coração. O tenente pareceu compreender como ela se sentia e, sem pensar, cobriu a mão dela com a sua por um breve momento. Não conseguia vislumbrar como, para uma mulher como ela, uma foto poderia ser tão degradante, mas havia nela um claro esforço de parecer forte.

— Eu não sei como ou quem faria algo assim — começou Danielle. — Mas, se minha palavra tiver algum valor para vocês, eu posso garantir que essas fotos não são legítimas. Eu jamais estive com Schneider antes de hoje à tarde. Nunca estive com ele antes e, de igual modo, nunca me envolveria com alguém como ele — disse, terminando de tomar o chá.

Naquele momento, Danielle viu Letícia chegando e, a seu lado, John e Hugo. Uma onda de calma a invadiu após saber que poderia contar com aqueles que a amavam e conheciam. Ela se levantou e sorriu para Letícia, que

veio em sua direção, ignorando a todos. Danielle já se preparava para abraçá-la quando sentiu o forte tapa em seu rosto. Ficou atordoada, e deixou a xícara cair no chão.

A dor em seu rosto só não foi pior do que ouvir o que Letícia diria em seguida.

— Você é um monstro, Danielle! Como eu pude ser tão estúpida e acreditar em você? Esse tempo todo, meu pai estava certo a seu respeito! — Ricardo segurou Letícia pela cintura, antes que ela conseguisse agredir Danielle novamente.

— Letícia, você está louca? — repreendeu John, veementemente, aproximando-se de Danielle e a amparando, pois ela parecia estar em choque.

— John, todos nós vimos essa vagabunda na cama com aquele bandido que tentou te matar e que, agora, parece que vai conseguir matar... — Letícia deixou as lágrimas rolares e agarrou-se a Ricardo como a um salva-vidas em um naufrágio.

— Leve-a daqui, Ricardo. Ela está fora de si — John disse, notando que chamavam a atenção de todos que estavam no local. Eles também estavam sendo reconhecidos, especialmente depois do que a prima tinha gritado aos quatro cantos naquele restaurante.

John, porém, não se importou. Apenas abraçou Danielle, porque ela não exibiu nenhuma reação e isso o preocupava. Ela parecia ter congelado depois do tapa que tinha recebido. Não chorou, não se defendeu. Apenas parecia não acreditar que aquilo estava acontecendo. Ricardo saía com Letícia, tentando tranquilizá-la.

— Danielle, acho que o melhor para você agora seria tentar descansar um pouco. Levamos você para a mansão e você poderá tomar um banho e dormir um pouc...

— Eu não quero! — disse, sem esperar que ele terminasse. — Não vou deixá-lo aqui sozinho — disse, referindo-se a Peter.

— Mas, mesmo ao fim da cirurgia, ele ainda estará sedado. Levará horas para que fique consciente de novo — fundamentou o agente André, também pasmo pelo comportamento de Letícia. — Talvez, dias, e...

— Senhores, acho melhor irmos para um local mais apropriado — interveio o delegado. — Devemos evitar exposições desnecessárias, para o melhor andamento do caso.

— Eu ficarei aqui o tempo que precisar — disse Danielle, olhando para a

parede branca, mas sem focar em nada. Seus pensamentos a levavam repetidamente ao momento em Peter tinha sido baleado. — Vocês não entendem? Foi tudo culpa minha — disse ela.

— Finalmente ela confessou! — disse Edgard Hauser, entrando no restaurante. John e André posicionaram-se de modo a protegê-la do recém-chegado.



— Você não tem nada para fazer aqui, Edgard — disse Hugo. — Vá embora! Só vai causar mais problemas. Já não basta a Let...

— Sua irmã caiu em si, finalmente. Basta o restante de vocês entenderem que tipo de gente é essa...

— Eu disse, vamos sair daqui. Agora — ordenou o delegado e, trocando olhares com o tenente Hessman, cada um se posicionando ao lado de Danielle e John, foram seguidos pelo grupo até a sala de polícia daquele hospital. O agente André observava com atenção os transeuntes que circulavam pelos corredores. Não queria ser surpreendido.

— Danielle — disse o delegado, chamando-a por seu primeiro nome e vendo que ela estava completamente exaurida por aquela sequência de ataques

—, podemos adiar o seu depoimento para amanhã, depois que você tiver descansado, se preferir.

— Não, delegado. Podemos seguir em frente. Afinal, quem sabe, quando terminarmos, a cirurgia do Peter também já possa ter concluído — ela tentou forçar um sorriso esperançoso.

— Sendo assim, vou pedir que saiam todos e permaneça apenas a polícia.

— Mas, ela precisa de um advogado. Não é correto que... — John se manifestava contrário àquela prática.

— Não tenho nada a esconder, amor. Fique tranquilo. Eu ficarei bem — garantiu Danielle.

— Então eu ficarei aqui com ela — disse John aos policiais, mostrando que não seria demovido da ideia.

Desse modo, o agente André conduziu Hugo e o pai para fora da sala. Edgard mostrou-se insultado por não poder participar do interrogatório, mas, por fim, cedeu.

Danielle relatou como tinha sido seu dia desde o passeio com John, no qual haviam tirado muitas fotos. Assim, foi relatando tudo o que havia acontecido, na medida em que Danielle foi se recordando. Todos a ouviam sem interrompê-la. Contou que mordeu o braço do agente Batista e que tinha atirado contra Schneider. Podia tê-lo matado pela curta distância, mas não conseguiu. Disse que se considerava uma tola, porque o bandido não hesitou um segundo antes de tentar matar Peter.

Lembrou do olhar de Schneider, destituído de qualquer emoção, quando atirou no médico. A quantidade de sangue na saia de Danielle a levava a imaginar o quanto Peter devia ter sofrido. Ela estava agora usando o casaco do agente Ricardo, pois sua blusa havia ficado encharcada com o sangue de Peter. Evitou mencionar o sentimento que Peter revelou a ela. Acreditava que a declaração de amor foi resultado de um delírio ocasionado pelo choque e, mesmo que ele estivesse consciente do que lhe dizia, o que Peter lhe confessou só dizia respeito aos dois. A mais ninguém. Assim, Danielle concluiu seu depoimento relatando a ação rápida dos agentes que socorreram Peter enquanto ela apenas chorava.

No caminho até o hospital, foram escoltados por mais duas viaturas, além da que já os acompanhava durante o dia. André solicitou reforço desde o momento que tinha ouvido o disparo que ela havia dado para intimidar Schneider. Mas Danielle não queria pensar em nada mais, em ninguém mais além de Peter. Seu corpo estava dormente. Sentia-se cansada, mas sabia que não

conseguiria dormir.

— Isso significa que, além de você e dos criminosos, apenas o Dr. Peter pode confirmar essa sua versão da história? — quis saber a sargento Silvia.

Danielle fez que sim com a cabeça, e disse, olhando nos olhos da policial:

— Essa versão é a verdade, sargento Becker.

— Muito conveniente — disse a policial, recebendo um olhar de alerta do tenente Hessman, que não gostava da postura da colega e agora deixava claro que não haveria uma segunda advertência. Nunca a tinha visto agindo com tanta agressividade com Danielle. Entendia que as fotos que Klaus havia enviado eram muito chocantes, mas estavam sendo analisadas ainda pela perícia. Teriam que aguardar, no mínimo, dois dias para saberem se eram verdadeiras ou não.

— Há algo mais que possa comprovar seu depoimento, de que você se recorde agora, Danielle? — perguntou o delegado Antunes, visivelmente preocupado com o desfecho que vislumbrava caso não houvesse nada que corroborasse o que ela afirmava ali.

Ela pareceu pensar muito e, como se tivesse um *insight*, pôs-se de pé.

— A câmera! — exclamou, exprimindo um sorriso esperançoso.

— Talvez não tenha prestado a atenção, mas as imagens da câmera de segurança do condomínio estão comprometidas e não conseguimos resgatar nada — disse a sargento Silvia, impaciente.

— Não. Me refiro à câmera no carro. Foi por causa dela que eu não pude revelar a verdade pro Ricardo e pro André. Ele estava vendo tudo.

— Do que está falando, Danielle? — perguntou a sargento Silvia, seriamente interessada no que ela dizia, assim como todos os outros. John segurava sua mão, incentivando-a.

— Eu não sabia o que fazer, John — começou Danielle. — Ele me via e eu não podia fazer nada. Ele saberia. E, mesmo obedecendo, eles atiraram no Peter. No Peter, que não faz mal a ninguém, pelo contrário, só quer ajudar a todos. Ele não merecia passar por isso. E agora ele está em um estado muito grave. Eu tenho tanto medo que ele... — e perdeu-se em meio às lágrimas e ao desespero, que só aumentavam a cada minuto em que não tinha notícias de Peter, que já estava há quase duas horas no centro cirúrgico.

Ela sentiu um momentâneo alento no abraço de John. Sentiu a mão dele em suas costas, subindo e descendo, carinhosamente, até que Danielle enfim foi se recobrando do descontrole emocional. Ouviu John dizer, com extrema seriedade em cada palavra:

— Amor, o que vão perguntar agora é muito importante. Pode mudar tudo e pôr um ponto final nessa acusação contra você. Me compreende?

Ela fez que sim, e John olhou para Hessman, para que o oficial prosseguisse.

— Você está afirmando que uma câmera foi implantada no interior do veículo e o Schneider controlava o que você fazia, pois estava te observando?

— Sim. Ele me disse para ser convincente, senão mataria o Peter antes que chegássemos lá. Isso! Foi essa a palavra que ele usou, convincente — recordou-se ela. — Ele acrescentou que já sabia que eu era uma boa atriz.

— Você está certa de que ele disse isso?

— Sim, tenho certeza absoluta — disse ela, com segurança. O tenente e o delegado se entreolharam. Aquilo implicava que o mandante já havia tido algum contato com Danielle e já tinha uma opinião formada sobre ela. *Agora, havia uma chance concreta de ela ser, realmente, inocentada das acusações*, pensaram os dois.

— Onde está esse carro? — quis saber a sargento Silvia, menos na defensiva agora diante da possibilidade de Danielle ter sido coagida a fazer o que fez. — Precisamos submetê-lo à análise dos especialistas. Talvez seja necessário vistoriar todos os veículos da propriedade.

— Vou confirmar com Bruno se o carro está na mansão — e, discando um número, John falou brevemente com o motorista, e, depois, desligou. — O carro está lá embaixo- disse, satisfeito. — Eu vim no jaguar com Bruno, Hugo e Letícia. Meu tio veio na Range Rover branca, que é o carro que deixei com os agentes para que levassem Danielle ao apartamento do Peter e, depois, voltassem para a mansão.

— O quanto antes formos verificar o carro, melhor — disse a sargento Silvia. O tenente percebeu a mudança no comportamento da colega. Sabia que ela considerava, agora, ter feito um mal juízo de Danielle, pois, se aquilo fosse verdade, a probabilidade de as fotos serem falsas aumentava consideravelmente.

Após desligar o gravador que registrava tudo o que Danielle tinha relatado, os policiais foram comunicados pelo agente André de que dois peritos os aguardavam para analisar o carro com eles. Assim, desceram o delegado Antunes, John, Bruno e o tenente Hessman para o estacionamento subterrâneo do hospital. André e a sargento Silvia permaneceram, para garantir a segurança de Danielle. Ricardo havia levado Letícia de volta à mansão. A policial, no entanto, evitaria qualquer aproximação até o fim da perícia.

Quando saíram da sala da polícia, Hugo se aproximou deles e Danielle contou brevemente o que tinha relatado no depoimento. Ela viu Edgard Hauser na sala de espera. Ele parecia conversar com alguém ao telefone e sorria. Por causa dele, Danielle evitou ficar por ali, preferindo a recepção da emergência, onde Hugo tinha aguardado o fim do depoimento. Sorriu para ele.

— Minha rainha, você está péssima! — incrivelmente, aquelas palavras a fizeram rir. Mas logo depois as lágrimas começaram a cair, como se um botão interno despertasse as emoções de Danielle. Ele a acalentou com firmeza, permitindo que ela desabafasse. Acariciou sua cabeça.

— O que eu farei, Hugo, se Peter morrer? — disse, olhando para o ruivo, enquanto ele secava suas lágrimas.

— Você vai responder por homicídio doloso. E farei questão de fazer tudo que estiver ao meu alcance para que passe o resto de sua existência miserável atrás das grades — a voz de Helene soou atrás deles.

Danielle se virou e viu que a loira estava acompanhada pelo irmão Sven e pelo marido Klaus, que, ao ver Danielle, afastou-se, sorrindo. Danielle percebeu que, a cada minuto que passava, seu dia ficava pior. Na verdade, aquele era o pior dia de sua vida.

— O que fazem aqui? — perguntou Hugo, contrariado por Danielle ter que lidar com mais aquele transtorno.

— Viemos nos assegurar de que essa assassina saia daqui algemada e direto pra cadeia — disse Helene, com um sorriso no rosto.

— Como sabiam que estávamos aqui? — a sargento Silvia perguntou, aproximando-se.

— Fui eu que os chamei — disse Edgard, surgindo atrás deles.

— Por que não estou surpreso? — perguntou Hugo, ignorando todos ali e falando para o agente André. — Vamos tirar Danielle daqui. Estar no meio dessas pessoas não é do que ela precisa no momento.

Hugo já dava as costas para o grupo, quando Sven colocou a mão em seu ombro.

— Ela não vai a lugar algum — disse o irmão de Helena, estendendo um papel ao agente André. Hugo lançou um olhar de ódio para ele, fazendo Sven retirar a mão de sobre seu ombro.

— O que é isso, André? — perguntou Danielle, com certeza não esperando por boas notícias, sendo algo vindo daqueles abutres.

André pareceu duvidar do que lia, e olhou para Hugo com pesar. Agia se

não soubesse como contar o que estava escrito naquele pedaço de papel a Danielle.

— Deixa que eu explico, Sven — disse Helene, sem disfarçar o contentamento por poder ser a portadora da notícia. — Acontece que fazemos parte de uma família de advogados. Eu mesma me formei em Direito, mas nunca exerci a profissão. Mas meu irmão aqui presente é promotor de justiça e tem muito prestígio no meio jurídico.

Hugo segurou firme a mão de Danielle, que tremia por antecipação. Helene continuou.

— Esse documento na mão do policial é uma ordem de prisão, fundamentada em provas recentes. É um papel que exige a prisão preventiva dessa... dessa criatura. Enfim, a viatura já está lá embaixo, aguardando para levá-la.

Danielle ouviu vozes de pessoas cochichando e notou que alguns apontavam para ela. Helene fez questão de armar um circo e atrair o máximo de atenção para si.

— A Srta. Nunes permanecerá aqui — interpôs-se o agente André. — O delegado Antunes e a força-tarefa da polícia de Florianópolis estão acompanhando os especialistas da perícia, que realizam uma vistoria em um veículo no qual uma prova contundente da inocência de Danielle derrubará qualquer causa provável que seu irmão promotor possa ter usado como argumento para essa prisão.

— E posso saber que prova é essa? — perguntou Sven, parecendo realmente intrigado.

— Aguarde, como todos os demais, pelo fim da análise pericial, para saber — disse Hugo, dando as costas e conduzindo Danielle para longe do grupo, e, inclusive, para longe de seu pai. Voltaram à sala de polícia, acompanhados por André.

Será que no fim das contas, o próprio Klaus não era a pessoa por trás de tudo aquilo?, pensou André, pois havia conversado com John sobre a briga dos dois mais cedo e não passara despercebido que Klaus não tinha aberto a boca uma vez sequer naquela conversa. Havia dado a impressão de não querer chamar a atenção para si. André começou a refletir a respeito e enxergou o que, antes, nem cogitaria imaginar: os sequestradores tinham sido claros ao dizer que Danielle e John estavam sendo observados de perto.

— Fique tranquila, minha rainha — disse Hugo. — Assim que localizarem a câmera instalada no carro, tudo vai se resolver. Não se preocupe, está bem? —

e, dizendo isso, beijou-a na testa.

Não demorou muito mais que uma hora e a porta da sala se abriu. Para Danielle, tinha parecido uma eternidade. Entraram o delegado Antunes, o tenente Hessman e dois policiais uniformizados, além de John, que ficou parado à porta, com uma expressão que ela pela primeira vez via sendo destinada a ela: um misto de decepção e mágoa.

— E então? — perguntou Hugo, já cansado daquele suspense. — Encontraram a câmera? Ela está liberada, não é mesmo?

O tenente Hessman se aproximou de Danielle com o olhar carregado de compaixão e não foi preciso que dissesse mais nada. Ela, então, viu-o balançar a cabeça negativamente.

— Mas se não estava lá, é porque foi retirada por alguém e...

— Não há sinais de arrombamento no veículo, Hugo — disse o tenente para ele, mas com os olhos pousados em Danielle que, por sua vez olhava para John, o qual se mantinha distante, na entrada da sala.

John segurava algo nas mãos. Pelo que Danielle tinha percebido em seu olhar, sabia que, de alguma forma, ele já a condenara. Nem dirigiu a palavra a ela. Não compreendia como era possível uma mudança tão brusca na postura dele.

— Danielle, infelizmente, será necessário que você... — começou o delegado, nitidamente agindo contra sua vontade, por força da lei.

Ela se levantou. Respirou profundamente e caminhou em direção aos policiais uniformizados que haviam entrado junto com eles. Sabia o que viria a seguir.

— Srta. Danielle Nunes? — inquiriu um dos policiais uniformizados.

— Sim, sou eu — disse ela, lutando para vencer as lágrimas que marejavam seus olhos.

— A senhora está presa por formação de quadrilha, suspeita de ser cúmplice no sequestro do Sr. John Hauser e por tentativa de homicídio do Dr. Peter Hass — dizendo isso, o outro oficial a algemou.

Danielle virou-se para todos na sala e, em especial para Hugo e André, que em nenhum momento duvidaram de sua inocência, e sussurrou, com a voz já ficando embargada:

— Obrigada. Por tudo — e tentou sorrir para eles, que se sentiam impotentes diante da prisão de uma inocente. — Cuidem do Peter. Por favor. Cuidem do Peter — e a primeira lágrima rolou por seu rosto.

Hugo não resistiu e a abraçou, apesar das algemas. Abraçou-a forte, e disse em seu ouvido:

— Prometo que vamos tirar você de lá, minha rainha. Nem que seja a última coisa que eu faça na vida. Confia em mim? — perguntou, secando outra lágrima que descia pelo rosto dela.

Danielle balançou a cabeça afirmativamente, tentando parecer confiante, quando, na verdade, estava longe de se sentir assim. Os policiais a conduziram pra a saída. John assistiu a tudo aquilo sem dizer uma única palavra. Danielle não entendia porque ele se comportava daquela maneira.

Ele sabia. Só ele sabia. Nunca estive com nenhum outro homem, pensou ela, o que só tornava a postura dele ainda mais difícil de aceitar.

— Posso me despedir? Serei rápida. — pediu ao policial. Ele consentiu e soltou o braço dela quando Danielle parou em frente a John.

Ela olhou para o rosto do homem que tanto amava e esperou que ele a abraçasse como Hugo tinha feito. Esperou que dissesse o que o Hugo havia dito, mas a única coisa que saiu de sua boca foi:

— *Você não é quem eu pensei que fosse* — e entregando algo a ela, deu-lhe as costas, sem olhar para trás. Ele seguiu em direção à saída da emergência.

Danielle precisou tomar fôlego por não acreditar que ele a abandonava naquele momento. Um soluço escapou de sua boca. Lembrou que, no início daquele dia, aquele mesmo homem que a deixava ali, pouco se importando com o que aconteceria a ela dali por diante, aquele mesmo homem a havia feito chorar de emoção cantando para ela enquanto tomavam banho juntos. Depois ainda tinha feito amor.

Agora ele a fazia chorar novamente, mas por desamparo. Não quis olhar o que ele havia entregado. Amassou o papel e jogou no chão. Independente do que fosse, não tinha importância. Nada mais tinha importância.

Danielle foi levada e pediu a Deus força e coragem para enfrentar o que estava por vir em seu destino. Quando passou por Helene, Edgard, Klaus e Sven, seguiu olhando para frente, de cabeça erguida, apesar de estar algemada. Não era uma criminosa.

Na sala de polícia todos pareciam consternados com os desdobramentos daquele dia. Hugo deu alguns passos e apanhou o papel amassado do chão. Outra foto, suspirou. No verso reconheceu a caligrafia de Klaus:

"O pior cego é aquele que não quer ver."

Hugo virou e viu a imagem de Danielle deitada nua ao lado de Schneider,

que segurava o colar com pingente de coração que um dia tinha sido da mãe de John. Ele sorria com desprezo.

O ruivo dobrou a fotografia e a guardou no bolso antes de sair da sala e ir ao encontro do primo.

SEMENTE DA DISCÓRDIA

Ana Clara viu quando Hugo saiu da mansão após uma discussão com o patrão. Todos na casa ouviram os gritos. Bruno até se colocou em alerta para o caso de precisar apartá-los. Mas não foi necessário.

A jovem moça loira sabia que os ânimos de todos da família Hauser estavam exaltados. Entre os empregados, a notícia da suspeita de Danielle ter participação nos crimes contra John Hauser e contra Dr. Peter Hass tinha caído como uma bomba. John, Hugo e Letícia tinha ido ao hospital mais cedo para saber mais notícias sobre o estado de saúde do Dr. Peter.

Fräulein Evelise tentou convencer Letícia a descansar um pouco, pois estava com os nervos em frangalhos, mas ninguém conseguiu persuadi-la a aguardar notícias de Peter em casa ou mesmo na mansão Hauser.

Ana Clara conhecia bem todos daquela família. Os três primos sempre tinham dado presentes caros a ela desde que ela havia passado a morar na mansão Hauser. Ela encantava a todos com sua beleza ímpar de criança.

John Hauser tinha financiado sua educação em uma das melhores escolas de Florianópolis e agora também assumia sua graduação em uma faculdade renomada.

Ela sempre tirava excelentes notas, pois sabia que seria muito bem recompensada pela família Hauser. Foi assim que John a presenteou aos treze anos com sua primeira viagem para a Disney e também como conheceu a Europa quando Hugo pagou um intercâmbio de três meses na Alemanha, quando completou dezesseis anos. Até mesmo *Herr* Edgard mostrou-se suscetível a Ana Clara quando a conheceu, pois, além de ser bonita, era muito perspicaz e inteligente para sua idade. "*Uma moça que sabe o que quer da vida e que conquistará o que quiser*" dizia ele para seus pais.

Desde criança, Ana Clara sempre tinha adorado todas as possibilidades e vantagens de ser querida pelos membros da rica família. Quando escolheu Ciência da Computação como curso universitário, Edgard reiterou que ela era uma moça de visão. Ana Clara sempre tinha tido facilidade de aprender a lidar com a tecnologia, e não foi surpresa quando se destacou na graduação. Seus professores sempre a elogiavam. E, quando não conseguia o que queria por sua inteligência, lançava mão de sua beleza para atingir seus objetivos. Seus pais viviam dizendo para que ela não abusasse da boa vontade do patrão e de sua família, mas a opinião dos dois nunca tinha tido grande relevância para Ana

Clara.

Preferia ser vista a passear com Letícia, ou jantar com os Hauser a sentar na mesa da cozinha com os pais e os outros funcionários. Odiava quando os pais a privavam de fazer o que queria e, agora que era maior de idade, não aceitava continuar se subordinando à vontade deles. Gostava de ser vista como uma hóspede da mansão, e não como a filha dos empregados. A diferença de idade entre ela e Letícia era pequena e, embora usasse um número a menos, passou até a compartilhar de seu guarda-roupa. Mais tarde, a pedido de Ana Clara, Letícia montou um armário com peças exclusivas de grife para que ela fosse à faculdade, tudo depois de Ana se queixar de que a tratavam diferente por vestir roupas que destoavam dos colegas, que vinham de famílias abastadas da cidade.

Tudo o que Ana Clara quisesse estava dentro de seu alcance. Ou melhor, quase tudo. Havia um sentimento que acalentava em seu coração desde a adolescência e que só havia se intensificado à medida que havia crescido e descobrindo-se como mulher. Ana Clara nutria uma verdadeira adoração por John Hauser. Passou a se preocupar mais com a própria aparência, gastando todo o dinheiro que chegava às suas mãos com maquiagem e produtos de beleza. Ana Clara quase tinha entrado em depressão durante o namoro de John com Helene, que durou quase um ano.

Mas conseguiu afastá-lo dela com pouco esforço. Apenas precisou mexer no volume do aparelho de audição de *Fräulein* Evelise, dando um jeito de fazer com que John chegasse mais cedo em casa, sob um pretexto qualquer. O gênio de Helene havia feito o resto, lembrou, sorrindo.

Agora, trabalhava na mansão de John ajudando o pai, em meio período, a cuidar do jardim. Não por conta do salário, mas para poder observá-lo quando não estava na empresa. John dispensava muito do tempo trabalhando em casa e, do jardim, Ana Clara tinha um ângulo privilegiado das janelas do escritório. Com Helene fora do caminho, tentou se aproximar dele uma vez, mas lembrava-se claramente de como John Hauser havia dito que ela estava confundindo amizade e admiração com amor. Na ocasião, ela tinha escolhido sua melhor roupa e havia se maquiado com esmero. Ficou radiante quando ele disse que Ana estava linda. Porém, mais tarde, sentiu-se desprezada, porque ele havia comentado que qualquer rapaz da idade dela teria sorte de conquistar sua atenção, embora Ana tivesse declarado seu amor de anos por ele.

Ela recuou, mas não desistiu. Não estava acostumada a ouvir não e, naquela noite, quando Hugo saiu da mansão cantando pneus, ela aproveitou a oportunidade e entrou no escritório de John Hauser. Ele estava de costas para ela

na sacada que dava para o belo jardim que, àquela hora, não era possível de ser vislumbrado. Ana Clara percebeu que ele estava perdido em seus pensamentos e aproximou-se, cobrindo a mão dele com a sua.

John se virou e viu a menina de quem tinha acompanhado parte do crescimento com um sorriso tímido no rosto. Ele sorriu para ela. Tinha grande afeto por Ana Clara.

— Boa noite, Ana — disse ele. — Boa noite, Sr. Hauser. Desculpe entrar aqui sem aviso. Vim porque quero que saiba que pode contar comigo para o que precisar, senhor — disse ela.

— Agradeço — ele respondeu, dando leves batidinhas sobre a mão dela e, logo depois, retirando a própria mão. E então voltou para o interior do escritório.

A mente de John estava um turbilhão. As acusações do primo ainda ecoavam em sua mente, e se viu rememorando a discussão de minutos atrás.

— Abri mão de lutar por ela, porque Danielle me disse que não havia espaço em seu coração para mais ninguém além de você e, quando ela mais precisa, você dá as costas para mulher que salvou sua vida? Como foi capaz, John? Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria — esbravejou Hugo.

— Hugo, todos sabemos que as mulheres para você são apenas uma distração, um mero passatempo. Que moral você tem pra querer me ensinar como se deve tratar uma mulher? Logo você, que está com todas, mas não se compromete com nenhuma.

Hugo se aproximou e olhou bem no fundo dos olhos de John.

— Eu amo a Danielle. E, sim, tentei seduzi-la por não entender como me sentia a respeito dela. Mas ela deixou claro pra mim que te amava. E eu não digo que me conformei, porque não sou assim, você me conhece. Não abri mão de nenhuma oportunidade que tive de estar com ela, por mais leviano que seja dizer isso.

A afirmação à queima-roupa havia despertado um ressentimento em John. Mas, lá no fundo de sua mente, John entendia Hugo, porque ele mesmo havia se sentido daquela maneira quando entendeu que estava apaixonado por ela.

— Não me arrependo — prosseguiu Hugo — porque, se eu tivesse enxergado, por um momento que fosse, e tivesse alguma chance com Danielle, agarraria essa chance com todas as minhas forças. Mas até dormindo ela me disse que te amava, ainda naquele quarto de hospital. Como pode duvidar dela depois de conhecê-la?

— Já acabou? — foi só o que John disse.

Hugo descrente, retrucou:

— Não. Não acabei, seu idiota! Quero saber o que pretende fazer.

— Vou esperar que a verdade apareça e que a justiça seja feita — disse, ignorando o olhar de incredulidade do primo.

— Não estou te reconhecendo, *bruder*. Estamos falando de Danielle.

— Ela me traiu, Hugo! — John gritou, dando um murro na mesa. — Ela me disse que nunca tinha estado com ninguém. Eu fiquei surpreso, afinal, hoje em dia, uma mulher com quase trinta anos ainda virgem... Mas ela me fez acreditar nisso e vejo, agora, que as mulheres têm mesmo suas artimanhas para nos fazer crer no que elas quiserem quando estamos envolvidos. Nem consigo imaginar o que mais que ela me disse que não era verdade. Provavelmente, tudo.

— Você nem se deu ao trabalho de falar com ela, de ouvir o que ela tem a dizer. Essa última foto que Klaus te deu não tem mais valor que as outras.

— Você não sabe de nada — foi só o que John disse.

Foi a vez de Hugo dar sinais de que perdia a calma. Tirou a fotografia do bolso e, com violência, espalmou-a sobre a grande mesa de madeira, mostrando saber a que se referia.

— Se qualquer pessoa no mundo falasse para Danielle que você a traiu, não acha que, no mínimo, ela te daria o direito de se explicar? Primo, sabe que imagens podem ser manipuladas.

John encarou o primo por um tempo e, olhando para aquela foto, disse:

— Não a esse ponto. Vê o que ele tem nas mãos? Faz ideia de como foi pra mim constatar que ela vem encontrando esse criminoso, mesmo depois de estarmos juntos? Foi tudo um plano. Penso que Schneider pode até ter facilitado minha fuga, para depois se livrar dos comparsas. Como Klaus me fez ver, ela foi seu grande trunfo

— Você perdeu o juízo homem? Que fantasia é essa que criou, deixando-se persuadir por Klaus? Esqueceu que foi na casa dele que essa história toda do seu sequestro teve início? Acha mesmo que a palavra dele tem mais valor que a de Danielle?

— Não tenho mais nada para falar com você sobre esse assunto, Hugo — disse John, voltando sua atenção para alguns documentos que estavam sobre a mesa.

— Então, apenas ouça: tudo foi tirado de Danielle desde que ela te

conheceu, mas ela ainda assim continuou seguindo em frente por você! Para poder ficar ao seu lado — vendo que John continuava a ignorar suas palavras, respirou fundo e disse: — Eu farei o que for preciso para ajudá-la...

— Em troca de favores, como Schneider? — perguntou John, amargurado, sem ponderar direito o que saía de sua boca. Seu coração não acreditava naquela afirmação e, por isso, conflitava com sua mente racional.

John viu Hugo, num impulso, levantar o punho para agredi-lo. Porém, no último momento, respirou fundo e, balançando a cabeça, percebendo o que estava prestes a fazer, o primo pareceu retomar o autocontrole.

— Não sei mais quem você é... — disse o ruivo, após um instante de reflexão. — Farei o que for preciso para devolver a liberdade da mulher que salvou sua vida. Espero que, quando cair em si, não seja tarde demais.

E, dizendo isso, pegou a foto e saiu batendo a porta.

— Devo me retirar, Sr. Hauser? — perguntou Ana Clara, interrompendo o fluxo de pensamentos de John.

— Desculpe, Ana, me distraí. Precisa de alguma coisa?

— Não, só vim oferecer meu apoio — respondeu ela, dando a volta na mesa e segurando novamente a mão de John. — Vi no noticiário a prisão daquela mulher. Sinto muito, senhor.

— Já é notícia, então — fez ele, odiando ter sua vida exposta daquela forma.

— Não se fala de outro assunto, infelizmente — comentou Ana com expressão de profundo pesar. — Sr. Hauser, posso falar abertamente?

Ele estranhou o tom da moça, mas assentiu.

— Eu nunca simpatizei com ela, na verdade. Se mostrava sempre amigável e fazia questão de ter a atenção de todos. Achava absurda a forma como ela tratava o Dr. Peter quando o senhor não estava em casa. Se insinuando abertamente...

— Como assim, menina? — disse ele, libertando sua mão, e encarando Ana Clara.

— *Fräulein* Evelise, apesar de não verbalizar, percebeu também, e achava reprovável o comportamento dela. E ainda teve aquele beijo no Sr. Hugo que foi a gota d'água para que ela perdesse o meu respeito e...

— Beijo? — levantou-se John, nitidamente revoltado. — De que beijo você está falando?

— Me desculpe, Sr. Hauser. Pensei que ela tivesse contado, ou sua prima, ou qualquer outra pessoa que também estava lá e presenciou. Perdão. Vou me retirar. Fui inconveniente.

Dizendo isso, saiu deixando a semente da discórdia plantada na mente de John.



UMA INOCENTE ATRÁS DAS GRADES

Danielle já estava naquela cela havia seis dias. Deitada, olhando para o teto, recordava-se de como sua vida tinha mudado tanto, em tão pouco tempo. Hugo havia feito uma visita mais cedo, como fazia todos os dias à tarde, e despediram-se com ele preocupado com a falta de apetite de Danielle. Tinha acordado com um mal-estar insuportável, que, depois de um banho, melhorou. Rose e Pedro precisaram voltar para São Luís para reassumir suas funções e foram se despedir dela naquela manhã. Mas haviam estado lá diariamente também. Rose também tinha se mostrado preocupada com sua indisposição.

Danielle pensou na noite de sua prisão. Sua mente já estava um caos por não ter notícias sobre a cirurgia que Peter foi submetido, mas a chegada de Helene e sua comitiva foi a cereja do bolo. Pior do que o cerco dos repórteres que precisou enfrentar ao sair do hospital foi imaginar como aquela notícia chegaria à sua família. A princípio, não entendeu a presença de tantos repórteres na entrada do hospital. Como foi possível a notícia de sua prisão ter se espalhado tão rapidamente? Como se tivessem sido avisados com antecedência?

Danielle riu, triste por não ver o óbvio: Helene. Lógico! Aquela mulher nutria por ela um desprezo sem precedentes.

Quando chegou à delegacia, experimentou o maior desamparo que já tinha enfrentado em sua vida. Após tirarem suas algemas, teve de entregar todos os seus pertences. Tudo foi etiquetado e guardado em um armário. Ela se deixou conduzir por um dos policiais que a haviam levado em uma viatura até ali. Sujando os dedos de Danielle na tinta preta, ele coletou suas impressões digitais e, depois, ela foi fotografada para ser fichada. Jamais tinha imaginado passar por uma situação tão vergonhosa quanto aquela. Lembrando-se de que, naquele momento, deixaria de se preocupar em refrear a dor e a tristeza que sentia, permitiu que as lágrimas rolassem, sem se importar com quem assistia. A expressão indiferente de John não saía de sua mente, e Danielle decidiu, naquele momento, que ele não faria mais parte de sua vida.

Quando permitiram que telefonasse para alguém, o nome dele nem foi cogitado por ela. Ele tinha demonstrado que pouco se importava com o que aconteceria a ela dali por diante, e ela tentaria fazer o mesmo. Após refletir, lembrou-se de Rose. Ela poderia informar com tato sua família sobre o que tinha acontecido, se é que já não haviam ficado sabendo de tudo pelos jornais. Assim o fez. A amiga havia saído cedo para fazer um passeio turístico pela cidade com

Pedro, aproveitando para conhecer a ilha, tão diferente daquela em que moravam. Assim, haviam passado o dia inteiro fora. Rose ficou em choque com todos os acontecimentos estarrecedores que haviam ocorrido enquanto estavam fora.

Rose disse que ligaria para a mãe e os irmãos de Danielle, e pediria à própria mãe para ir visitar D. Antônia. Não queria dar a notícia à avó da amiga por telefone, considerando a idade avançada. Quando Rose perguntou se John já havia providenciado um advogado para representá-la, Danielle contou tudo que tinha acontecido. A moça ficou sem palavras do outro lado da linha, algo raro de acontecer. Logo depois, Rose exclamou uma série de palavrões ao telefone.

— AQUELE FILHO DE UMA ÉGUA! Desde que você o conheceu ele só trouxe tragédia para sua vida, Dani! — explodiu Rose, inconformada. — Como ele pôde fazer algo assim? Inacreditável!

— Fica calma, amiga, por favor. Eu não posso me demorar ao telefone. O que realmente importa é que eu sou inocente — disse Danielle, tentando parecer confiante. — Preciso que mantenha o foco, está bem? Vou precisar muito de sua ajuda agora. Pode fazer isso por mim?

Danielle a ouviu soltar um longo suspiro, como fazia quando estava frustrada.

— Claro que sim, Dani. Farei tudo o que eu puder e o que eu não puder fazer, e o Pedro fará também. Ainda tenho uns dias de licença no trabalho e Pedro está de férias até o fim do mês. Vamos dar um jeito de conseguir o contato de um bom advogado.

— O Hugo tem me apoiado muito. Talvez ele possa indicar alguém.

— Sei não. Essa família mais parece um ninho de víboras. Todos esperando a melhor oportunidade para se revelar e dar o bote quando menos esperamos — disse Rose, cética.

— Ele foi o único a ficar do meu lado. Não duvidou de mim nem por um momento — Rose percebeu a voz embargada da amiga, mas não a interrompeu. — A Letícia... Bem, ela não quer mais contato comigo.

— Por ser uma burra manipulável! Eu vou pegar minhas coisas e sair imediatamente daquela casa, e levo Pedro comigo.

— Sinto muito por te dar tanto transtorno, Rose. Obrigada, de verdade.

— Não me agradeça. Diferente desse povo daqui, lá em São Luís, de onde viemos, a palavra de um amigo tem muito valor.

— Seu tempo acabou, moça. Vamos voltar para a cela — disse o policial ao

lado de Danielle.

— Preciso desligar agora, amiga. Um beijo. Fica com Deus. E mantenha a calma, por favor.

— Fica com Deus também, amiga. Conte conosco. Tudo vai dar certo, você vai ver — e, dizendo isso, Rose desligou.

Quando passou pela primeira vez pelo corredor onde muitas prisioneiras compartilhavam a mesma área, Danielle tentou não se sentir intimidada pelas palavras obscenas e irônicas que elas disseram. Entrou na própria cela, agradecendo por ter concluído o ensino superior e ter direito a uma cela especial. Assim que entrou naquela cela fria e escura e viu-se atrás das grades, consciente de sua inocência, o desespero começou a tomar conta. Seus pensamentos giravam em torno de John. Questionava a fragilidade do amor que ele dizia sentir por ela. Ele a havia condenado sem dar a ela o direito de se defender. O olhar dele pareceu inescrutável quando disse a ela aquelas palavras tão duras.

Ele disse que cuidaríamos um do outro... disse que me amava, ela pensava, lembrando-se de todos os momentos que haviam partilhado. “Estarei ao seu lado” foi o que ela havia dito a John quando ele mais precisou de ajuda. Seria esperar demais que ele agisse da mesma forma? Um sorriso amargo veio aos lábios de Danielle quando se lembrou das várias fotos que tinham tirado naquele lindo parque, horas antes de ela sair para visitar Peter.

Danielle colocou a cabeça entre as mãos, em sinal de exaustão. Peter... Queria tanto poder fazer algo por ele. Lembrou-se de como ele tinha tentado protegê-la de todas as formas possíveis: alertando-a para não voltar ao apartamento dele, protegendo-a atrás de si da mira das armas dos bandidos, não se preocupando com sua própria segurança. Hugo sempre levava notícias do estado do jovem médico, que ainda estava inconsciente desde a cirurgia. *Culpa sua. De mais ninguém*, pensou ela, entendendo que os bandidos a haviam seguido até o apartamento de Peter. *Se eu não tivesse ido até lá...*

Danielle se culpava por tantas coisas naquela sucessão de infortúnios que aconteceram a ela e a outras pessoas que não mereciam... Mas julgava que seu maior erro era ter acreditado que havia alguma chance de ser feliz com John. *Quando um relacionamento entre duas pessoas de mundos tão distintos poderia perdurar, ainda mais nas circunstâncias em que nos conhecemos e considerando tudo o que veio depois?*, pensava Danielle. Teria sido muito melhor que nunca tivesse dado aquele primeiro beijo em John. Lembrou-se do dia, das flores, do restaurante em Copacabana. Tudo tinha soado perfeito. Havia sentido, pela primeira vez em sua vida que finalmente poderia ser feliz ao lado de alguém, e

que seu amor seria correspondido.

Relembrou o dia na praia e de como tinha sido maravilhoso para ela fazer as pazes com John. Todos os Hauser que amava estavam ali reunidos, juntamente com seus fiéis amigos André e Ricardo, que sempre estiveram ao seu lado. Divertiram-se tanto naquele dia e ela, enfim, decidiu aceitar ir para Florianópolis. Por último, pensou na festa de aniversário de Letícia.

Danielle levantou-se, subitamente arrependida por perder-se em suas lembranças. Caminhou de um lado para o outro, como se tentasse se esquecer daquelas imagens tão bonitas e tão dolorosas.

— Não. Nada de perder o controle. Não estou só. Deus está comigo — e, dizendo isso a si mesma, fez uma prece silenciosa. Lembrou-se de consultar o relógio de parede, do outro lado das grades: 1h20 da madrugada. Decidiu deitar-se na cama e dar algum descanso ao corpo. Nem soube como, mas dormiu naquela primeira noite na cadeia feliz por ter como escapar, nem que fosse por pouco tempo, daquela situação.

Sentia-se exausta física e emocionalmente. Pensou em Peter sendo baleado e dizendo que a amava antes de cair inconsciente. Acordou sobressaltada às 6h da manhã. Sentou-se e abriu os olhos, tendo dificuldades para reconhecer onde estava. Mas bastou ver as grades, e tudo o que havia se passado no dia anterior veio à mente de Danielle de imediato. Se pudesse tomar um banho...

Esperaria o horário de visita. Rose, provavelmente, apareceria e levaria alguns itens de higiene pessoal. Levou duas horas até que alguém aparecesse ali e dirigisse a atenção a ela.

— Visita pra você — disse um policial que ela ainda não havia visto. Devia ser por conta da troca de turno.

— Olá, Srta. Nunes, como vai? — disse o homem parado à frente de sua cela. — A senhorita está em prisão preventiva provisória, mas sem prazo para ser revogada. Pretendo interpor um recurso e pleitear um *habeas corpus* ainda hoje.

Danielle observou o homem negro em um terno muito alinhado e que aparentava ter, no máximo, uns quarenta e cinco anos. Naquele momento, ele parecia muito compenetrado em ler os documentos que tirava da pasta. Mal olhava para ela. Danielle, por sua vez, não se deu ao trabalho de responder. Isso fez com que o desconhecido, depois de um tempo, levantasse o olhar.

— Algum problema? Compreendeu o que acabei de dizer?

— Quem é o senhor? — perguntou ela, levantando-se e encarando o

homem. Ele agora segurava a pasta e checava mensagens no celular ao mesmo tempo.

— Ah! Pensei que os agentes tivessem esclarecido isso a você. Sou o Dr. Gustavo Barbosa. Serei um de seus advogados neste caso, e preciso que assine esses doc...

— Eu não solicitei um defensor público. Acho que houve algum engano — interrompeu ela, embora considerasse que ele se vestia de modo elegante demais para ser um funcionário público.

— Na verdade, Srta. Nunes, faço parte de uma firma de advocacia que representa o Hauser *Gruppe*. Os honorários estão sendo custeados pelo Sr. John Hauser. Não há com que se preocupar. Isto posto, peço que assine essas procurações e darei entrada no pedido de *habeas corpus* e...

— Agradeço por seu tempo, Dr. Gustavo, e por seu desprendimento de vir até aqui tão cedo, mas eu dispenso seus préstimos. Já estou em contato com outro advogado. Um bom dia para o senhor — interrompeu ela novamente, e ficou parada ao lado da grade.

Dessa vez era ele que parecia não compreender o que ela tinha dito.

— Srta. Nunes, será que eu me fiz claro? — retomou o advogado. — O escritório que represento é um dos mais conceituados do país na área criminal. A senhorita estaria sendo muito bem representada. Posso lhe garantir.

— Quanto a isso, eu não tenho dúvidas, Dr. Gustavo. Apenas não tenho mais nenhum vínculo com o Sr. John Hauser. Desse modo, não seria coerente aceitar qualquer ajuda vinda dele.

O advogado a fitou nos olhos pela primeira vez e, depois de estudar sua expressão, disse, guardando o celular no bolso do paletó:

— Srta. Nunes, não deixe que um ressentimento tacanho prejudique sua defesa. Peço que reconsidere, para o seu próprio bem. Estamos falando de uma pena de, no mínimo, vinte anos, somadas as acusações. É a sua liberdade que está em jogo aqui.

— Sei disso melhor do que ninguém, doutor — continuou Danielle, resoluta de sua decisão. — Mas ao que o senhor classifica como “ressentimento tacanho”, eu atribuo outro nome. Estando no meu lugar, aceitaria ajuda de alguém que não acredita em sua inocência, ou pior, alguém que deixou claro que não confia em você? O Sr. John Hauser acredita que eu tive algum envolvimento no sequestro dele. São essas as minhas razões para recusar a oferta. Agradeço novamente por seu tempo, porém não desejo ter mais nenhuma ligação com o

nome John Hauser. Como também espero não ter que voltar a vê-lo.

Percebendo o silêncio do advogado, que parecia analisar suas palavras, Danielle estendeu-lhe a mão, e disse:

— Espero que tenha um bom retorno pra casa.

O advogado retribuiu o cumprimento e, em seguida, entregou a ela um cartão.

— Para o caso de a Srta. mudar de ideia. Me ligue a qualquer hora do dia ou da noite — disse o homem, considerando que a lógica daquela moça fazia realmente sentido. Mas tinha recebido ordens expressas do próprio John Hauser no meio da noite de não medir esforços na defesa dela. Tomou ciência dos pormenores do caso, mas estava sendo muito bem pago para questionar as razões que levavam um homem a defender alguém que respondia por colaborar com o próprio sequestro.

Naquele primeiro dia de visita, Rose e Pedro foram os primeiros a irem vê-la. Levaram roupas, materiais de higiene pessoal e livros para que ela se distraísse. Conversaram pelos trinta minutos permitidos e Danielle soube que sua família estava se preparando para ir vê-la no dia seguinte. Depois que partiram, Hugo estava lá para confortá-la, levando vários outros itens para ela. Muitos não passaram na revista da visita e ele ficou chateado quando o smartphone foi retirado da bolsa. Ela explicou que a nenhum preso era permitido essas facilidades de comunicação e ele compreendeu a lógica, considerando os bloqueadores de sinal.

As visitas aconteciam em uma grande sala similar a um refeitório, com mesas rodeadas de bancos em cimento. O tenente Bruno Hessman e os agentes André e Ricardo acompanhavam Hugo com frequência. Ricardo sempre levava um livro novo para ela se distrair e sublinhava citações, como uma mensagem de encorajamento para ela. Danielle adorou constatar que tinha amigos sinceros que não a abandonariam.

Embora não pudessem manifestar abertamente, por conta de seus cargos, todos os três policiais demonstravam que acreditavam na inocência de Danielle. Ricardo e André faziam questão de permanecer na cidade por mais tempo. Consideravam-na mais do que um caso. Para eles, ela era uma amiga. O tenente Hessman era um homem de poucas palavras, mas suas ações falavam por ele. Estava muito empenhado na captura de Schneider, pelo que Hugo tinha dito a ela. Por outro lado, Letícia e a sargento Silvia nunca foram vê-la. Danielle, no entanto, não se ressentiu. John também não apareceu, e ela tinha deixado de esperar que ele aparecesse desde sua primeira noite ali.

Hugo disse que um grande amigo seu, que também era ótimo advogado, chegaria de viagem para conversar com ela. Danielle então contou do advogado que a tinha procurado de manhã, explicando por que havia recusado o atendimento. Hugo ficou apreensivo com sua atitude, mas pareceu compreender suas razões.

Após o ocorrido, Dr. Gustavo dirigiu-se diretamente para a empresa de John que, apesar dos últimos acontecimentos, tinha decidido trabalhar. Não dormia há quatro noites, pensando em Danielle. O trabalho era a forma que conhecia de canalizar suas inquietações e os conflitos que passavam por sua mente. Naquele dia, porém, não estava tendo sucesso.

— Como assim ela se recusou? — indagou John, alterando a voz e levantando-se da grande mesa de sua sala.

Dr. Gustavo relatou a conversa que tinha tido com Danielle e viu John Hauser, que sempre havia sido um modelo de equilíbrio e bom senso, parecer perdido.

John refletiu por algum tempo, mas sem nada dizer.

— Obrigado, Gustavo. Eu irei pessoalmente conversar com ela.

— John, ela não deseja vê-lo. Foi bem clara quanto a isso.

John abaixou o olhar e cerrou os punhos.

— A moça pareceu muito mais que magoada. Parecia... ferida. Mas aconselho que vá assim mesmo. Posso ser franco com você? — perguntou o advogado, valendo-se dos anos em que trabalhavam juntos.

John assentiu.

— Eu olhei bem nos olhos dela, John, e, dificilmente me engano quanto à culpa ou inocência de um cliente. Essa moça não me pareceu uma criminosa. Mas se você acha que ela está envolvida nessa atrocidade que te aconteceu, por que se preocupa com o destino dela?

John não sabia responder àquela pergunta. Na verdade, vinha evitando refletir a respeito desde que Ana Clara havia relatado a forma desonrosa com que Danielle tinha se comportado com Hugo e até mesmo com Peter. Parecia que Ana falava de outra pessoa, não de *sua* Danielle. A conversa que tinha tido com o primo na noite anterior o havia deixado ainda mais confuso. Ele confirmou, sem rodeios, que tinha tentado seduzi-la, mas também afirmou que ela não havia dado a ele esperanças. Teria dito que amava John. *Em quem devo acreditar?*, pensou. Não conseguia se concentrar em nada no trabalho, mas aquele ainda era um dos únicos lugares que não estavam impregnados pela presença de Danielle.

— Eu, pela primeira vez na minha vida, pensei em construir uma família ao lado de alguém. Ela me fez querer isso. Era diferente de todas as mulheres que já conheci. Pode soar muito clichê dizer isso, mas ela me parecia única. Gustavo, como ela está? — perguntou John, já imaginando que não havia como alguém estar bem, tendo sido privado de sua liberdade.

— Aparentemente, se mostrando forte — disse o advogado. — Ela reagiu de um modo totalmente inesperado pra mim. Por isso, John, eu aconselho que, se você vislumbra alguma chance, por menor que seja, de essa moça ser inocente, vá até ela. Mesmo ainda não tendo saído o resultado pericial da autenticidade das fotos, faça isso o quanto antes. Aceite o conselho de alguém que já viveu mais que você, já que parece se importar realmente com essa moça.

John recordou-se de como havia sido terrível para ele ficar preso contra sua vontade, e nunca havia desejado algo nem próximo daquilo para a mulher que amava. Mas, para ele, era duro demais lembrar-se da expressão de contentamento dela e de Schneider naquela fotografia, com o bandido segurando o colar que havia sido da mãe de John e que tinha um significado inestimável para ele. Pensou em como havia ficado consternado quando os empregados da mansão requisitaram uma conversa com ele naquela manhã. Queriam saber de Danielle, sobre o que estava sendo feito para libertá-la. Não acreditavam que ela seria capaz de se envolver num plano contra a vida do patrão. John não soube o que dizer a eles.

John temeu estar colocando seu orgulho de homem à frente de seu senso de justiça, e enfim respondeu que já havia entrado em contato com um excelente advogado para tratar do caso dela. Viu que Ana Clara e Henrique foram os únicos a não se manifestarem favoráveis e mantiveram-se em silêncio.

— Bem... vou indo. Deixei meus contatos com ela, para o caso de reconsiderar, mas... — avisou o advogado Gustavo.

— Eu sei. Ela não fará isso — completou John, já decidido sobre o que faria a seguir. Levantou-se e pegou o paletó, enquanto ligava para Bruno. Pegou o elevador junto com Dr. Gustavo. — Estou descendo. Vamos ver Danielle.

John mal se despediu do advogado, que ficou satisfeito por ele seguir seu conselho. Gustavo realmente tinha acreditado na inocência daquela moça.



TE AMO MAIS QUE A MIM MESMO

Peter abriu os olhos e sentiu sua cabeça doer ao tentar ajustar a visão à claridade do. Seus olhos, aos poucos, foram identificando aquele ambiente tão conhecido por ele. Olhou ao redor e, com facilidade, reconheceu que estava em um hospital. Suas ideias estavam embaralhadas e sua cabeça doía. Finalmente, compreendeu a desorientação pela qual muitos de seus pacientes passavam quando despertavam após um trauma e se viam naquela situação. Tentou pensar logicamente e procurou pelo botão de alerta à enfermagem. Localizou-o no lado esquerdo do leito, equipado com diversos outros botões.

Forçou-se a resgatar sua última lembrança. Nada veio à mente. Lembrava-se de quem era e de quase todos os aspectos relacionados à sua vida e profissão, mas não da razão que o havia levado a estar naquele quarto de hospital, na condição de paciente. Levantou o lençol e viu que estava usando apenas uma calça de pijama, percebendo, também, o motivo do incômodo maior vir do lado esquerdo do abdome. Sua dor provinha de uma lesão naquela região de seu corpo. Analisou com olhar profissional o grande curativo do lado esquerdo, e notou ainda o acesso de um soro ao qual seu braço direito estava conectado. Reconheceu um gosto metálico na boca.

— Boa noite. Que bom vê-lo acordado — disse, sorrindo, a enfermeira que entrava acompanhada de outra profissional. — Como se sente?

— Olá. Sinto um pouco de dor no corpo, mas suportável. A dor em minha cabeça é que está me incomodando mais.

— Vamos lhe dar um analgésico e, logo, vai se sentir melhor. Eu sou a enfermeira Luíza, e esta é a técnica de enfermagem Juliana. Ela lhe fará algumas perguntas, está bem?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sabe me dizer quem é e onde mora? — perguntou Juliana, que segurava uma prancheta na mão. A outra enfermeira se moveu para aplicar o analgésico através do acesso no braço direito de Peter.

— Sou o Dr. Peter Hass. Tenho 34 anos. Moro em Florianópolis.

— Recorda-se de por que está aqui, Dr. Peter? — prosseguiu a profissional.

— Não — disse, evidenciando sua confusão mental. — O que houve comigo?

— O senhor foi baleado, Dr. Peter. O projétil atravessou seu corpo,

atingindo seu baço e um de seus rins. Felizmente, o baço, como o senhor sabe, não é essencial à vida, apesar de o senhor ficar, agora, mais suscetível a infecções. É um órgão que faz parte do sistema imunológico. Quanto a seu rim esquerdo, as notícias são boas. Ele não foi gravemente afetado e, por essa razão, não houve necessidade de removê-lo — esclareceu ela, falando bem lentamente.

— Baleado? — Peter repetiu para si mesmo, sem entender.

— Peter! — disse uma voz surpresa. Era Letícia que, abrindo a porta, correu para perto do leito.

— Oi, Letícia — cumprimentou ele, feliz por ver um rosto familiar.

— Oh, Peter, nem acredito que você acordou depois de todo esse tempo — lágrimas vieram aos olhos da morena que, com cuidado, abraçou Peter e deu um beijo em sua bochecha, deixando a marca de seu batom.

— Parece que estou bem agora — disse ele, tentando forçar um sorriso. — Mas, o que quis dizer com isso? Há quanto tempo... eu estou aqui? — questionou, observando ela trocar olhares com as enfermeiras. — Melhor, quem atirou em mim... e por quê? Fui assaltado ou algo assim?

— Vamos comunicar à médica do plantão que o senhor despertou — e, dizendo isso, as enfermeiras saíram, deixando-os a sós.

Letícia sentou-se à beira da cama e parecia não saber por onde começar. Peter percebeu sua relutância.

— Letícia? — chamou ele novamente, o olhar confuso.

A expressão no rosto de Peter, tão fragilizado, comoveu-a e a incentivou a revelar os fatos que conhecia.

— Peter — disse Letícia, segurando uma das mãos dele. — Você não se lembra de nada, querido?

— Nã. Eu tentei, mas não consigo lembrar — respondeu, observando a expressão de pesar no rosto da moça.

— Lembra-se de que John foi sequestrado? — perguntou ela.

— Sim, fomos buscá-lo no Maranhão e conhecemos a moça que o... — um clarão alcançou sua mente e tudo o que estava obscuro até pouco tempo atrás se tornava límpido como água. — Danielle! — disse, alarmado. E tentou se pôr de pé, o que assustou Letícia.

Ela tentou contê-lo.

— Peter, não! Você não pode se levantar! — ela apertou o botão, chamando a enfermagem, pois viu que não conseguiria segurá-lo por muito tempo. —

Acalme-se, por favor!

— Letícia, você não entende. A Danielle... Nós fomos...

— Eu sei. Todos já sabem da verdade, Peter — disse Letícia, condescendente. — Ela está onde deveria estar. Fique tranquilo, está bem? — Letícia, apesar de falar baixo, expressou, em seu olhar, toda sua raiva e mágoa ao fazer aquela afirmação.

Ouvindo isso, Peter pareceu não entender bem o que Letícia queria dizer.

— Então ela está bem, Letícia? Está com John em casa, em segurança, não é isso?

— Não, Peter. Claro que não. Ela está na cadeia. É uma criminosa sórdida. Está presa. Tomara que passe o resto da vida dela encarcerada.

Peter levantou o olhar, franzindo a testa.

— Que insanidade é essa que está dizendo, Letícia? Você enlouqueceu? Como assim Danielle está presa?

Pela primeira vez em toda a sua vida, Letícia viu Peter enfurecido.

— Peter, ela foi cúmplice do Schneider desde o início. Enganou a todos nós. Klaus mostrou fotos deles dois juntos... na cama! Depois, ela colaborou para que ele te matasse, e quase conseguiu fazer isso.

— Letícia, você não sabe o que está dizendo — disse ele, estarecido com as acusações absurdas que ouvia. — Danielle foi presa por acreditarem nisso?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ela não fez nada disso! — exclamou, alterando o tom de voz, exasperado com a notícia. — E eu vou dizer isso à polícia agora mesmo.

— Peter, mas as provas...

— Mas, que droga, Letícia! Não está me ouvindo? Eu estava lá! Schneider seguiu Danielle e me rendeu com outros bandidos quando eu saía do carro no estacionamento do meu prédio. Eu estava voltando de um passeio com ela, me lembro de tudo o que aconteceu naquele dia agora. Ele a atraiu de volta ao meu apartamento, ameaçando me matar. De alguma forma, ele instalou uma câmera no carro de John. Não sei como, mas conseguiu fazer isso.

Letícia sentiu seu coração parar de bater por um instante e precisou se sentar para assimilar aquela verdade. Aquilo mostrava o quanto ela havia sido cruel com alguém que, pelo que Peter revelava, não tinha feito nada de errado para merecer tal tratamento.

— Meu Deus! Danielle disse que tinha mesmo uma câmera, mas a polícia

não achou nada. E as fotos... Nós a acusamos, eu a... O que eu fiz? — apoiando a cabeça em uma das mãos, pareceu refletir sobre o que tinha acabado de ouvir de Peter.

Nesse momento, as enfermeiras entraram novamente no quarto, dessa vez acompanhadas por uma médica, uma mulher jovem com cabelos mantidos curtos em estilo Chanel.

— Olá, Peter — disse a médica sorrindo cordialmente, apesar da expressão controversa no rosto dele. — O que está aprontando, doutor?

Peter reconheceu a colega de profissão e a cumprimentou.

— Evelyn, oi. Na verdade, pelo que parece aprontaram comigo. Mas, estou melhor agora, e preciso sair urgentemente deste hospital. Estou requerendo minha alta.

— Sinto muito, mas não será possível, ainda. Você, melhor do que ninguém, deveria compreender a seriedade do que aconteceu. Precisou de transfusão de sangue e, felizmente, seu amigo John é doador universal, porque você tem o tipo sanguíneo mais raro possível e não tínhamos em estoque. Mesmo tendo respondido bem, ficou dois dias sob observação na UTI após a cirurgia e permaneceu desacordado por mais quatro dias quando veio para este quarto.

— Eu estou neste hospital há uma semana? — pelo tom com que Peter pronunciou aquelas palavras, parecia mais uma constatação para si mesmo do que uma pergunta. — Isso significa que Danielle está presa há uma semana? — perguntou ele, olhando para Letícia.

Letícia, ainda em choque, apenas se resignou a confirmar com a cabeça.

A médica colocou as mãos nos bolsos do jaleco branco e disse:

— Tudo indica que seu processo de recuperação será sem sequelas, mas ainda assim, você levou um tiro, Peter. Ficaré, no mínimo, mais uma semana aqui conosco antes de ir pra casa porque...

Peter, ignorando tudo o que já sabia que ela diria, interrompeu.

— Sei de tudo isso e assumo os riscos, Evelyn. Sairei à revelia, se necessário. Não vou argumentar quanto a isso. O que eu preciso resolver, ninguém pode fazê-lo em meu lugar — e, dizendo isso, pôs-se de pé com dificuldades, tentando desconsiderar a súbita tonteira e a dor, que vinha agora mais forte.

As enfermeiras e Letícia o ampararam, mas ele parecia irredutível. A médica cruzou os braços sobre o peito. Pareceu impressionada com a obstinação

de Peter de ir embora, apesar de não ter condições físicas para isso. Conhecia-o bem e sabia que era um profissional altamente criterioso e responsável. Evelyn o conhecia desde a faculdade e, embora não fossem próximos na época, sempre o tinha visto como um homem sensato e extremamente prudente. Por isso, propôs:

— Podemos tentar achar uma solução alternativa. Me diga por que precisa sair do hospital com essa urgência.

— Não há tempo pra isso. Enquanto eu estive inconsciente aqui nesse hospital, uma grande injustiça foi cometida. Uma mulher inocente foi acusada e presa e somente o que eu testemunhei pode tirá-la da cadeia. Peço que não tente me impedir de partir. Nada do que fizer ou disser me fará mudar de ideia — e, dizendo isso, Peter caminhou em direção à porta. Ele pegou um sobretudo preto que estava largado sobre o sofá, vestiu-o lentamente por cima da calça do pijama e olhou ao redor, procurando o que calçar. Mas não encontrou nada. Virou-se para Evelyn e Letícia, que pareciam não acreditar no que ele fazia.

Pelo olhar que lançou a Evelyn, ela soube que ele poderia comprometer os pontos da cirurgia caso ela chamasse alguns dos enfermeiros para contê-lo à força. *Um homem só cometeria um ato insano como esse, arriscando a própria vida por alguém, se valorizasse mais a vida dessa pessoa que a própria*, pensou ela, e sorriu.

— Eu levo você até essa tal Danielle — disse Evelyn, deixando Letícia e as enfermeiras boquiabertas. O próprio Peter estava surpreso.

— Você vai me ajudar? — perguntou ele, ainda sem acreditar. Começava a ficar desconfiado de ser apenas uma estratégia para ludibriá-lo e ganhar tempo.

— Sim, Peter, eu vou — respondeu Evelyn, aproximando-se dele. — Mas, sob a condição de que, depois que fizer o que tem que fazer, voltará para o hospital comigo e aguardará até que eu te dê alta. Isso, se você não morrer no caminho até a delegacia — disse, olhando-o diretamente nos olhos.

— Tem minha palavra — garantiu Peter, sorrindo pela primeira vez desde que tinha acordado. Peter sentia-se afortunado por ter ajuda, pois não fazia ideia de como chegar aonde queria ir e, muito menos, se conseguiria chegar lá sozinho.

— Eu sei onde ela está presa. Posso guiá-los — disse Letícia, desejosa de ajudar a reparar um pouco que fosse do mal que tinha causado a Danielle, uma moça que sempre havia se mostrado uma amiga sincera.

— Mas doutora — começou a enfermeira Luíza —, isso vai contra todas as

normas do hospital. Ele pode morrer. É um risco muito grande.... Eu não posso colaborar com algo assim. Terei que reportar à segurança que...

E então calou-se ao ver os olhares que Evelyn e Peter lançaram.

— Ninguém vai perceber, Lu — disse a enfermeira Juliana, que parecia empolgada em participar da aventura. — Nós duas podemos garantir isso. Eles só precisam voltar antes da troca do plantão e ninguém nem vai perceber que saíram. Não temos nenhum paciente em estado grave internado. Daremos conta do andar.

A colega não pareceu convencida e, então, a enfermeira Juliana tirou um trunfo das mangas:

— Poxa, Lu! Para de ser tão certinha. Lembra-se de quando a Dra. Evelyn cuidou da sua tia, quando você a trouxe aqui com bronquite, mesmo sem ela ter convênio?

Aquelas palavras surtiram o efeito desejado em Luíza. Assim, vinte minutos depois após arranjam um par de calçados para Peter, já estavam cruzando avenidas da cidade rumo à delegacia. Dra. Evelyn não parecia respeitar os limites de velocidade e Letícia se encolheu várias vezes no banco de trás do carro, especialmente quando ouviu o barulho de buzinas por terem furado um sinal ou por ultrapassarem outros carros em alta velocidade. *Talvez, nenhum deles chegasse vivo à delegacia*, pensou ela.

Não ficou surpresa quando, em menos de quarenta minutos, eles realizaram um percurso de quase uma hora e meia. Quando chegaram à delegacia, Peter recebeu ajuda da médica e de Letícia. Entraram e felizmente encontraram ali um rosto conhecido. A sargento Silvia Becker conversava com um policial quando viu a cena e lançou um olhar estupefato para os três.

A surpresa não estava em Letícia, que apoiava Peter de um lado, ou na médica, ainda de jaleco e estetoscópio pendurado no pescoço, ajudando do outro lado. A surpresa estava na expressão quase moribunda de Peter que, extremamente pálido, parecia ter feito um esforço sobre-humano para chegar até ali.

— Meu Deus, Letícia! O que Peter faz aqui? — disse ela, correndo para ajudar a sentá-lo o quanto antes.

— Ele acabou de acordar, sargento Silvia. Não conseguimos convencê-lo a mudar de opinião — explicou ela. — Ele tem algo muito importante para dizer.

Todos os olhares se voltaram para o homem evidentemente debilitado. O policial com quem a sargento Silvia conversava se aproximou também, com

olhar cabreiro, seguido de outros que estavam na antessala da delegacia.

Após um certo tempo, Peter recobrou o fôlego e, então, pôs-se de pé novamente. Dessa vez, recusando qualquer ajuda. Olhando diretamente nos olhos da oficial, disse:

— Liberte Danielle imediatamente. Eu sou a prova viva de que ela é inocente

Todos os acontecimentos que se sucederam deixaram Peter cada vez mais impaciente com a demora. Havia muitos trâmites burocráticos para desenrolar. O tenente Bruno Hessman e o delegado Antunes foram chamados e, chegando à delegacia, ouviram e registraram o depoimento de Peter. O advogado que Hugo tinha apresentado a Danielle, Dr. Lucas Fagundes, também foi chamado e seu pedido de *habeas corpus*, negado naquela tarde sem a devida justificativa, precisou ser revisto diante do testemunho de Peter. Quase uma hora depois, uma liminar do juiz Sérgio foi entregue, em mãos, ao tenente Hessman que, com um raro sorriso no rosto, autorizou a soltura de Danielle.

O delegado Antunes, imediatamente, conduziu uma equipe da força tarefa à mansão Hauser. Precisava apurar quem tinha tido acesso ao veículo em que Danielle estava no dia em que o médico havia sido baleado, pois assim saberia quem tinha retirado a câmera de lá. *Capturando um cúmplice de Schneider, o cerco se fecharia ao redor do mandante*, pensava o delegado. Suas suspeitas recaíam, logicamente, sobre os funcionários da propriedade.

Danielle estava deitada na cela e lia um dos livros que Ricardo havia deixado com ela para que pudesse passar o tempo e ocupar a mente com algo produtivo. Mas foi difícil se concentrar na leitura naquele dia: havia se sentido muito indisposta no decorrer da tarde, após a visita de Hugo e de sua recusa em receber John. John tinha aparecido por lá depois de um longo período de silêncio. *Talvez essa fosse a razão de seu mal-estar*, considerou ela. Não queria vê-lo. Seu coração parecia irremediavelmente desiludido.

O restante de seu dia foi assim: sofreu com fortes náuseas e nem quis se alimentar à noite. Lembrou-se de que, logo depois do almoço, seu estômago rejeitou todo o alimento e ela se sentiu muito enjoada.

— Danielle — chamou uma voz que, para ela, era impossível que ouvisse ali, mas, assim mesmo, sentou-se na cama. Então viu de pé, do outro lado das grades, a pessoa menos provável de estar ali e que ocupava seus pensamentos dia e noite. Não pareceu acreditar no que seus olhos mostravam.

— P-Peter? — disse, vendo o tenente Hessman aparecer e abrir sua cela, mas sem conseguir tirar os olhos do jovem médico que, pela primeira vez, via

com os cabelos e roupas em desalinho.

Peter olhava para Danielle e também não conseguia desviar o olhar da pessoa que em seu coração, julgava ser a mais importante de sua vida. Pensava em como haviam tido coragem de prendê-la num lugar como aquele.

— Está livre, Srta. Nunes — disse o tenente Hessman, abrindo a cela.

Danielle pensou estar sonhando. Peter estava ali e ela estava sendo libertada? Como essas duas coisas eram possíveis? E ainda por cima simultaneamente? Ela caminhou até Peter e o viu dar alguns passos na direção dela com dificuldade. Pararam um de frente para o outro.

Ele tocou no rosto dela, com gentileza. Danielle sentiu que as mãos do médico estavam frias.

— Vim te buscar, Danielle — disse ele, parado a centímetros dela, com um sorriso no rosto. Peter tomou a mão de Danielle e depositou ali um beijo suave.

Danielle sentiu o calor dos do amigo e isso pareceu despertá-la, provando que era real. Tudo aquilo era real. Ela tocou o rosto dele também e olhou para fora da cela, vendo uma mulher de jaleco, que deveria ser médica, acompanhada por Letícia, que evitou seu olhar.

— Peter, me disseram que você estava inconsciente. Eu não entendo, como isso é possível? Quando você acordou? — Danielle parecia atordoada e confusa demais para raciocinar com clareza.

— Acordei há umas duas horas — respondeu Peter, puxando-a para um abraço, pois não suportava mais não sentir o calor do corpo daquela mulher que tanto amava.

Ela sentiu todo o amor do mundo naquele abraço e chorou no peito de Peter. Mas chorou de felicidade por vê-lo vivo. Peter estava ali com ela. O que, para Danielle, foi uma notícia ainda mais reconfortante do que tomar conhecimento de sua própria liberdade. Ficaram abraçados, não soube dizer por quanto tempo. Ele beijou a cabeça dela e ela não se afastou dele. Esqueceu-se de onde estava e experimentou um sentimento ímpar nos braços de Peter quando o ouviu dizer:

— Eu amo você, Danielle, mesmo não sendo certo. Mesmo não tendo esse direito. Te amo mais que a mim mesmo.



MORTE NA MANSÃO HAUSER

Apesar da hora adiantada, John não conseguia dormir. Deitado na cama, recordava sua chegada à delegacia e a recusa de Danielle em recebê-lo. Não se admirou ao ver Hugo saindo de lá. Ele nunca tinha escondido o que sentia por ela e, diferentemente de John, também nunca pareceu duvidar da honestidade de Danielle. John, em seu íntimo, queria poder acreditar que ela não tinha nenhum envolvimento com tudo aquilo, mas não conseguia. O argumento de Danielle soava como uma engenhosa conspiração ao redor deles. Mas, com que finalidade? Os fatos eram praticamente incontestáveis. Não somente as fotografias, mas também o fato de Danielle ter sido categórica ao afirmar que havia uma câmera no carro dele, mas a perícia não ter encontrado nada. Como seria possível, com a equipe de seguranças da mansão e a escolta policial sempre em vigilância? Como acreditar nela, se os fatos diziam justamente o contrário?

Repentinamente, seu fluxo de pensamentos foi interrompido. John ouviu várias vozes vindo do lado de fora da casa e a sirene da polícia se fez ouvir. De imediato, foi até a janela e viu quatro viaturas da polícia estacionadas à frente de sua casa. Olhou o relógio e viu que passava de 1h da manhã. Desceu as escadas, sem se importar com os trajes. Algo sério havia acontecido.

— John, meu filho, a polícia quer vê-lo — disse *Fräulein* Evelise, amarrando o robe na cintura, pois também já havia se recolhido quando ouviu o barulho das sirenes. Vinha a seu encontro acompanhada por Bruno e pelo chefe de segurança, Henrique.

Na sala, John se deparou com o delegado Antunes, e viu também que, dentre os policiais que o acompanhavam, estavam os agentes André e Ricardo.

— Boa noite, Sr. Hauser. Infelizmente, precisamos incomodar seu descanso. Novas evidências nos impeliram a vir a sua casa a essa hora na noite.

— Boa noite, delegado — disse John, e meneou a cabeça, em cumprimento aos demais policiais. — Do que está falando? Que novas evidências são essas? — questionou John, mais que interessado.

— O Dr. Peter Hass acaba de despertar e, nem sabemos exatamente como conseguiu, mas com a ajuda de sua prima, chegou à delegacia e testemunhou sobre a inocência da Srta. Nunes — disse o delegado, de uma vez só.

John ouviu aquela informação e ficou dividido entre a boa notícia de seu amigo estar finalmente consciente e a outra revelação. Notou que o agente

Ricardo observava suas reações.

— Ele confirmou toda a versão que Danielle já havia dado no dia em que foi presa, Sr. Hauser — prosseguiu o delegado. — O Dr. Peter corroborou o que ela disse a respeito da chantagem de Schneider, que fez com que ela retornasse ao apartamento sob a ameaça de matá-lo, caso ela não fosse capaz de evitar levantar suspeitas nos agentes.

John precisou se sentar no sofá para continuar recebendo aquelas revelações. O delegado Antunes não conseguia imaginar como John Hauser se sentia naquele momento. John olhou para Ricardo, que havia se tornado mais próximo dele com a convivência recente, e fez sinal de que prosseguisse, pois tempo era o que menos tinham.

— John, temos, agora, a chance concreta de descobrir quem é o mandante de seu sequestro — disse Ricardo, sentando-se a seu lado e quebrando o protocolo ao chamá-lo pelo primeiro nome. — O Dr. Peter também mencionou a câmera que foi instalada na Range Rover branca. Precisamos que reúna todos os seus funcionários imediatamente. Acreditamos que a câmera foi implantada aqui na sua casa por alguém que tenha acesso aos carros.

John tentou manter o foco, pois, caso contrário, sua culpa o sobrepujaria por completo pela forma como, até minutos atrás, duvidava de Danielle, e não teria mais cabeça para nada. Ele entendeu a lógica da polícia. Se, de fato, essa câmera havia sido instalada no carro, era provável que outro cúmplice de Schneider estivesse dentro de sua própria casa. Voltando-se para *Fräulein* Evelise e Henrique, disse:

— Reúnam todos os empregados imediatamente! Se estiverem dormindo, acordem-nos! — John os viu sair.

Levantou-se e colocou a mão no ombro do motorista.

— Bruno tem toda a minha confiança. Conheço-o há muitos anos, e ele, além de ser meu amigo, sempre cuidou de minha segurança quando estou fora da mansão.

Bruno olhou para John e agradeceu por não duvidar de sua lealdade.

— Infelizmente, Danielle passou todo esse tempo presa, sendo inocente, o que poderia ter sido evitado se o senhor demonstrasse a mesma confiança em relação a ela — atacou o agente André, direcionando um duro olhar a John.

Ele sabia que tinha feito por merecer ouvir palavras tão duras como aquelas, e entendia que o agente, que havia se tornado próximo de Danielle, quisesse advogar por ela, como qualquer bom amigo faria.

— Não é hora pra isso, André! — repreendeu Ricardo, embora compartilhasse daquela opinião. Voltando-se para o motorista, perguntou: — Bruno, quem mais tem acesso aos carros dentro da garagem? Quando estive lá, notei que há um sistema de segurança instalado.

— Sim. Garanto que é um dos melhores disponíveis. A garagem é mantida trancada por um código de controle alfanumérico quando não estou lá. Pouquíssimas pessoas têm acesso irrestrito à coleção de carros do Sr. Hauser, pois o valor equivale a uma pequena fortuna. Apenas quatro pessoas conhecem a sequência do código de acesso: o próprio John, eu, *Fräulein* Evelise, que a cada quinze dias entra com as arrumadeiras para limpar, e...

— Quem mais, Bruno? — perguntou o delegado, vendo que ele parecia desconfiar de alguém.

— Henrique! — disse John, olhando em direção à porta pela qual o chefe de segurança saía.

Ouviu-se o som de um motor sendo ligado. Bruno, correndo para a janela, viu Henrique conduzindo o jaguar de John.

— Henrique pegou um dos carros e está fugindo! — gritou ele. Todos os policiais correram para as viaturas e ainda viram quando Henrique passou à toda, em direção ao portão da mansão.

John, pegando o telefone, ligou para a guarita.

— Jean, não deixe Henrique sair com o carro. Isole a mansão imediatamente.

Ordem dada, ordem cumprida. Quando os policiais chegaram, viram que o segurança havia feito *Fräulein* Evelise de refém. Henrique sabia que agora não poderia derrubar o portão de aço com o carro tão facilmente, pois um reforço blindado tinha sido instalado após o sequestro de John. Não conseguiria fugir da propriedade. Henrique estava descontrolado e, segurando Evelyse pelo pescoço, apontava a arma para a cabeça dela, fazendo-a de escudo.

— Solte-a, Henrique! Você está cercado! — disse John, vendo que todos os agentes apontavam suas armas para o homem.

— Deixe-me ir, John Hauser, ou eu vou espalhar os miolos dela por todos os cantos.

John estava atônito com a velocidade em que tudo estava acontecendo. *Fräulein* Evelise tinha sido seu porto seguro quando perdeu os pais, e ver a mulher que, para ele, mais se aproximava da ideia de mãe, ser ameaçada, impactou-o. Como podia ter sido tão cego? O inimigo sempre tinha estado

dentro dos muros de sua casa e, ironicamente, tinha dado a ele a responsabilidade por zelar por sua segurança e por seus bens.

— Não piore as coisas pra você, Henrique — disse o delegado, também apontando uma arma para ele. — Se colaborar com a polícia, podemos negociar um acordo de redução de pena para você. Use a cabeça, homem!

Henrique deu uma gargalhada beirando a histeria.

— A corda sempre arrebenta do lado mais fraco e, nesse caso, sou eu. Me deixem ir! É a última vez que aviso, ou a querida babá vai morrer bem na frente de vocês — vociferou o homem, olhando para todos os oficiais e a equipe de segurança, que também se posicionava ao redor.

— Henrique, não há como escapar — começou John. — Solte essa arma e eu lhe dou minha palavra que, se você colaborar informando quem foi o mandante, eu arcarei com as despesas de sua defesa.

— Henrique, você não quer fazer isso — chamou Ricardo, aproximando-se com as mãos levantadas e, vagarosamente, colocando a própria arma no chão. — Me leve no lugar dela — disse, caminhando em direção ao criminoso.

— Fique onde está! — gritou ele. — Você não tem valor nenhum pra mim. Só me traria problemas. Ela, por outro lado, é importante para o John. Será meu passaporte para sair do país.

Ricardo deu mais um passo.

— John tem um jato particular. Deixe-a livre e garanto que o piloto de John poderá levá-lo para onde quiser.

Henrique pareceu considerar a possibilidade e disse, depois de certo tempo:

— De acordo! — via uma chance de sair daquela situação em liberdade. — Mas, quero que todos coloquem as armas no chão e abram logo essa blindagem.

John olhou para Jean, autorizando que fizesse o que Henrique exigia, e o pesado portão de aço foi levantado. Em seguida, o portão da mansão também foi aberto.

— Agora, as armas — exigiu Henrique, tirando, por um momento, a arma da cabeça da senhora e apontando-a para os agentes. Nesse momento, *Fräulein* Evelise se aproveitou de não ter mais o cano frio encostado em sua frente, e deu uma cotovelada no peito de Henrique que, com o susto, contraiu-se e, instintivamente, disparou a arma.

Ricardo a protegeu e se jogaram no chão. Era a oportunidade que a polícia precisava, e, sem titubear, os agentes alvejaram Henrique, que foi atingido por dois tiros no peito, caindo no chão. John abraçou a senhora, que tremia, sem

controle, nos braços de Ricardo.

— Calma, já passou. Vai ficar tudo bem, Evelise — disse John, acalentando a senhora já em seus braços.

— André! — gritou Ricardo, notando que o braço do amigo sangrava e aproximando-se dele.

— Calma, Ricardo — disse ele, contraindo o ferimento com a mão. — Foi só de raspão que ele me atingiu. Estou bem.

O delegado Antunes, que já havia afastado a arma de Henrique, voltou a atenção para o criminoso, que parecia não ter muito tempo de vida.

— Chamem uma ambulância! — gritou o delegado, ajoelhando-se ao lado do meliante, junto de mais dois policiais. — Henrique, tente se manter acordado. Olhe para mim. Me diga, quem é o mandante desses crimes? Quem mandou sequestrar John Hauser? — inquiriu o policial, pressionando o paletó de seu terno contra o peito do segurança, que já havia perdido muito sangue. — Diga, homem!

Henrique, com muita dificuldade, olhou para o policial, e sussurrou, com sangue escorrendo por sua boca:

— John... Chame John...

— Estou aqui, Henrique. Fale! — disse John, abaixando-se para que pudesse vê-lo.

— Eu tenho... tenho família. Prometa cuidar da minha filha... Prometa.

— Eu prometo que cuidarei de sua filha e de sua família. Tem minha palavra. Mas diga, quem foi? Quem mandou me matar, Henrique?

O homem revirou os olhos, tamanha era a dor que sentia, e tossiu sangue, convulsionando de dor. John temeu que ele morresse antes de revelar o que tanto queria saber. Mas então Henrique o segurou pela lapela de seu robe com força, e disse:

— Nunca falei diretamente com ele.... Só recebia as ordens por ela.

— Ela? Ela quem, Henrique? — gritou John, já perdendo o autocontrole.

O moribundo levantou o braço e apontou na direção de *Fräulein* Evelise, que pareceu chocada e negou com a cabeça veementemente.

— Evelise?! — gritou John, descrente.

— N-Não... — disse o homem. — Ela está lá... — e só então John entendeu que ele apontava na direção da casa onde vivia o jardineiro da mansão e sua família.

— Ana Clara... — e estas foram as últimas palavras de Henrique antes de fechar os olhos, para nunca mais abri-los novamente.

— Vá imediatamente e traga toda a família aqui — ordenou o delegado Antunes a Ricardo, que seguiu, com outros policiais. O delegado tinha percebido que os empregados da mansão, atraídos pelo barulho do tiro, começavam a acordar e observavam, à distância, o corpo no chão. Não queria arriscar uma fuga.

— Meu Deus! — disse *Fräulein* Evelise, colocando as mãos sobre a boca. John se sentia da mesma forma. — Então, a Srta. Nunes não teve nada a ver com toda essa história horrenda? — sentiu-se mal por não ter dado o benefício da dúvida a Danielle.

Na verdade, *Fräulein* Evelise admitia para si mesma que nunca tinha dado a ela a oportunidade de se aproximar, por motivos que, agora, considerava tão pequenos. A condição social, principalmente, por julgar que ela era uma oportunista, tal como *Herr* Edgard afirmava. Considerava que Danielle não seria a escolha ideal para que John fosse feliz. Sua opinião preconceituosa a fez manter distância da mulher que tinha salvado a vida de seu filho de coração. John havia se tornado a razão de seu viver, uma vez que nunca casara e não tinha tido os próprios filhos.

Fräulein havia criado John desde a morte de seus pais e só tinha se separado dele quando ele enfim decidiu permanecer na Europa. Ela cuidou da mansão para que ele encontrasse tudo como havia deixado. Ela nunca havia visto seu menino tão envolvido por alguém e, ainda mais, alguém tão diferente dele.

Evelise se lembrou das vezes em que ela própria somente havia alargado ainda mais o abismo entre as duas. Sabia que o arrependimento que sentia agora, frente ao sofrimento que, provavelmente, Danielle tinha tido que enfrentar, não era nada. Ter sua imagem associada a um crime tão bárbaro. Ser presa, sendo inocente, e ser desprezada por tantas pessoas, inclusive por Letícia e por John. Havia sido tão fácil para todos julgar aquela moça. Apenas enxergavam os motivos para que os dois fossem mantidos separados, mas não viam a principal razão para ficarem juntos: John e Danielle se amavam. A governanta se sentia extremamente arrependida.

John, sabendo que a situação estava sob controle, chamou o motorista para levá-lo até o hospital onde Peter estava internado. Sabia que, ali, encontraria Danielle. Seus pensamentos voltavam-se exclusivamente para ela agora. Não esperaria nem mais um minuto para tentar corrigir o maior erro que já havia cometido. Nem a possível traição de Ana Clara seria priorizada, pensou,

decidido a adiar esse confronto. O delegado Antunes não o impediu; apenas ordenou que uma escolta de três policiais o acompanhasse, e que André fosse com eles para receber atendimento. Assim, rapidamente, Bruno conduziu o Jaguar para fora da propriedade, com André sentado ao seu lado, seguido pela viatura policial. No banco de trás, John pensava em como suas dúvidas sobre a inocência de Danielle, que parecia tão pouco provável, caíam, agora, por terra.

Em minutos, os empregados da mansão estavam reunidos ali e conversavam entre si.

— Ah! Que notícia maravilhosa! Orei muito para que a Srta. Danielle fosse libertada. Todos nós sabíamos que ela era inocente, patrão John — disse a cozinheira, junto com outros funcionários da mansão, no momento em que foram informados dos fatos.

— É verdade. Tínhamos convicção de que tudo isso se resolveria. Uma pena uma moça tão boa quanto ela ter que passar dias presa como uma criminosa — acrescentou Jean.

— Pois eu tenho dúvidas se ela é mesmo inocente — disse Ana Clara.

— Filha, como pode dizer algo assim? — o jardineiro chamou sua atenção. — Eu tive poucas oportunidades de conversar com a Srta. Nunes, mas ela sempre foi muito gentil e atenciosa comigo e com sua mãe.

— Pois é esse o ponto, pai. Ela sempre era gentil e atenciosa com todos. Chegava a dar nos nervos.

— Ana Clara, não é isso? — perguntou o delegado.

— Sim. Pois não, senhor? — perguntou a bela jovem esboçando uma expressão de inocência digna de Oscar, pensou Ricardo.

— Acompanhe-nos até a mansão. Precisamos conversar com você.

O tom que o agente usou não deixou dúvidas para Ana Clara que sua participação no crime havia sido descoberta.



— Danielle, me ouça, por favor. Precisamos conversar. Venha comigo e ...

— Não irei a lugar nenhum com você. Não temos mais nada a dizer um para o outro — cortou Danielle secamente. Seus sentimentos eram confusos.

Sentia um turbilhão de emoções naquele momento com John parado à sua frente. Mágoa, decepção, tristeza. Mas sabia que ainda o amava.

— Eu cometi o pior erro de toda a minha vida. Sei que a forma como agi pode te fazer pensar que não me importo com você, mas...

— É exatamente isso que eu penso e não quero passar mais nem um minuto além do necessário perto de você, Sr. Hauser — e, dizendo isso, deu-lhe as costas e começou a caminhar de volta.

— Meu amor, não faz ideia do quanto estou arrependido. Sei que nada que eu disser ou fizer mudará o que aconteceu — recomeçou John, segurando-a gentilmente pelo braço para que o ouvisse. — Eu disse que cuidaria de você e...

— Não me toque! — disse ela, olhando para a mão dele em seu próprio braço.

O rancor na voz dela mostrava que estava muito magoada.

— O Peter revelou toda a verdade para a polícia. Agora, eu sei...

— Você nunca me amou, John! — Danielle cortou o que ele ia dizer. — Não sabe o que significa amar alguém. Eu quero distância de você! Não posso perdoar a sua falta de confiança em mim. John, você me deu as costas quando eu mais precisei de você. *Você não é quem pensei que fosse.* Faz ideia do que foi, pra mim estar algemada e ainda ter que ouvir isso de você? *Faz alguma ideia?* — gritou ela enfurecida ao pensar em tudo que havia passado. Depois ficou em silêncio.

John percebeu que ela tentava se recompor e também ficou em silêncio. Não sabia o quer dizer. Não tinha o que argumentar. Ele só conseguia pensar que estava perdendo para sempre o amor da vida dele e o único culpado disso era ele mesmo.

— Eu te amo, John — ela disse com tamanho pesar na voz que ele soube que admitir aquilo a fazia sofrer. — Por isso doeu tanto te ver me dando as costas daquela maneira. Mas garanto que um dia vou deixar de amar. Vou arrancar você do meu coração.

— Danielle, eu errei. Não tenho como fazer o tempo voltar atrás. Mas nós podemos tentar...

— Saiba que não existe mais *nós*, Sr. Hauser. Adeus.

— Danielle?

Ela se virou ao ouvir a voz de Hugo. E, aproximando-se dele, abraçou-o, enterrando o rosto em seu peito para que John não percebesse as lágrimas que já despontavam em seus olhos.

— Hugo, me leva pra ver o Peter — pediu ela.

Hugo viu a expressão de remorso no rosto do primo e disse, olhando para Danielle:

— Minha rainha, talvez seja melhor que você e John conversem.

— Já disse tudo o que tinha a dizer a ele, Hugo. Só quero sair daqui.

— Para onde vai levá-la? — quis saber John, aproximando-se dois.

— A minha vida não lhe diz respeito — cortou ela e, virando-se para Hugo, pediu: — Vamos, por favor?

— Eu já peguei todas as suas coisas na casa do John — disse Hugo.

— Como assim? — John começava a perder o controle vendo Danielle abraçada a seu primo — Quem autorizou que fizesse isso?

— Eu — disse Danielle. Ela segurou o braço de Hugo antes de continuar. — Adeus, Sr. Hauser.

Já fora da recepção do hospital, Hugo se virou para ela.:

— Então, vai aceitar ficar no meu apartamento?

— Não, Hugo — respondeu, forçando um sorriso. — Mas gostaria de te pedir um favor.

— É só falar. Qualquer coisa, minha rainha.

— Sei que você tem meios de conseguir que eu fique como acompanhante do Peter aqui... — começou ela, já esperando pela resposta.

— Mas não seria melhor para você poder descansar com mais conforto e... — argumentou Hugo.

— Por favor... — insistiu ela.

Hugo assentiu. Era o que ela queria e sentia que Danielle precisava fazer. Ela queria estar perto de Peter depois de tudo que haviam passado juntos.

— Está bem — concordou.

Meia hora depois, Danielle já estava deitada no sofá do quarto de Peter naquele hospital. Ele dormia tranquilamente depois da sedação contra a dor. Danielle se esforçou para não pensar em John. Prometeu a si mesma que iria esquecê-lo. E, assim, acabou pegando no sono também.

John saiu daquele hospital com um sentimento de derrota o consumindo. Muitos pensamentos tomavam sua mente. Recordou-se do que Danielle havia dito quando se conheceram, e como ela cuidou dele, um total desconhecido. *Estarei ao seu lado*, ela tinha dito, apenas para trazer paz naquele momento de

sofrimento.

*Por que não fui capaz de fazer o mesmo quando ela mais precisou de mim?
Como poderei, agora, abrir mão da mulher que amo?*



POSSO FICAR AQUI COM VOCÊ?

Danielle ouviu a batida na porta e estranhou, por conta do horário. Pareceu ainda mais surpresa por ver, do lado de fora do quarto, ninguém menos que duas pessoas que a haviam magoado bastante.

— Podemos falar com você por um minuto, Danielle? — disse a sargento Silvia Becker. Danielle viu a policial, acompanhada de Letícia, parada ali no corredor e, apesar de não querer deixar Peter sozinho no quarto, fez que sim com a cabeça.

— Só um instante. Eu já volto — sussurrou Danielle para não acordar Peter, vendo que Letícia mal a encarava. Danielle checou que Peter estava bem e tocou o rosto dele com carinho. Ele parecia dormir tranquilamente.

Danielle pegou o sobretudo preto que estava pendurado na parede e o vestiu. Começava a sentir frio. Saiu do quarto e manteve as mãos nos bolsos do casaco. Não sabia o que dizer. Então decidiu apenas escutar.

— Não há outra forma de dizer isso. Como agente da lei, eu não agi com a imparcialidade que deveria esperar de mim — começou a policial, parecendo se sentir pouco à vontade naquela situação. — Eu vim até aqui para me desculpar e dizer que reconheço que meu comportamento foi reprovável, por ter duvidado de sua inocência. Sei que, talvez, nem considere me perdoar. Mas gostaria que soubesse que eu me sinto indigna por tê-la condenado da forma que fiz e por não dar apoio a uma nova amiga que precisava de mim, como uma vez eu precisei muito dela e ela estava lá.

Danielle olhou nos olhos da moça asiática que parecia estar realmente arrependida, mas não disse nada. Sentia que aquela ferida ainda estava aberta. Só o tempo poderia cicatrizá-la. Mas, por enquanto, não tinha nada a dizer. Voltou seus olhos para o chão. Não os levantou nem mesmo quando viu Silvia se afastar depois de desejar boa noite. Agora estavam apenas ela e Letícia. E um silêncio quase palpável as envolveu, sendo quebrado por uma enfermeira ou outro profissional que passava pelos corredores.

— Eu vou voltar a ficar com o Peter — disse Danielle, dando as costas e preparando-se para entrar no quarto, uma vez que não parecia haver mais motivos para ficar ali.

— Danielle, espera, por favor — chamou Letícia, finalmente. — Eu... eu só não sei o que dizer a você.

Lágrimas escorreram por seus olhos, e Letícia abraçou Danielle forte, sem ter medo de ser rejeitada. Danielle não retribuiu o abraço.

— Eu não consigo nem me desculpar, porque sei que não seria suficiente para apagar tudo de errado que eu fiz. Eu... eu fui uma idiota. E-eu nunca tinha batido em ninguém em toda a minha vida e...

Nesse momento Danielle, de fato, a afastou.

— Realmente, você está certa. Pedir desculpas não seria suficiente. Não sei dizer se qualquer coisa que diga ou faça seria suficiente, Srta. Hauser. Eu só esperava contar com o apoio da minha amiga. Você consegue dimensionar o que eu senti quando você me disse tudo aquilo? Acredite, suas palavras doeram mais em mim do que aquele tapa. Eu compreendo a sargento Silvia ter dúvidas a meu respeito, porque não éramos próximas. Ela não me conhecia tão bem, mas você... Você foi desleal... — sua voz ficou embargada naquele momento. — Eu tinha certeza absoluta de que você e seu primo John estariam do meu lado. Mas eu estava enganada, afinal...

— Dani, queria poder apagar tudo o que te fiz sofrer. Eu faria qualquer coisa para não sentir tanta vergonha de mim mesma. Me sinto suja por ter te decepcionado e...

— Decepção? — a respiração de Danielle parecia acelerar e a mágoa em seu coração achou uma válvula de escape. — Srta. Hauser, eu me senti traída! Me senti abandonada por duas pessoas em quem havia aprendido a confiar, pessoas que havia aprendido a amar.

Letícia chorava, olhando para Danielle, que por sua vez evitava encará-la.

Letícia sabia que merecia ouvir cada palavra. Ela queria ser capaz de fazer alguma coisa, qualquer coisa, para reaver a amizade de Danielle. Queria saber o que fazer ou o que dizer para que a amiga a perdoasse e tudo voltasse a ser como era antes. Nunca havia tido uma amizade honesta e autêntica como a de Danielle, que nunca esperou nada em troca. A maioria das garotas que buscavam a amizade de Letícia tinha algum interesse subjacente, mas Danielle só queria estar com ela por quem ela era como pessoa, não por ser da família Hauser ou por ser prima de John, ou irmã de Hugo.

— Eu estraguei tudo, não é mesmo? — disse Letícia, tentando segurar a mão de Danielle.

Lágrimas desceram pelos olhos de Danielle, que retraiu a mão e, sem se despedir de Letícia, entrou no quarto, deixando-a sozinha no corredor.

Uma de cada lado da porta, encostaram-se e deslizaram até o chão.

Silenciosamente, choraram pela amiga que se encontrava tão perto, mas que, ao mesmo tempo, agora, estava tão longe.



No meio da noite, Danielle acordou naquele quarto com um barulho e viu Peter se mexendo, agitado, enquanto dormia. Ela se levantou e pôs a mão na testa dele, mas sentiu que ele não estava com febre. Deteve-se por um tempo a apreciar as belas feições do médico. Ele virou o rosto para o outro lado e franziu a testa.

— Afaste-se dela! — murmurou, em meio ao sono.

Ele está tendo um pesadelo?, percebeu Danielle, ficando em dúvida se deveria acordá-lo ou não. Ele virou o rosto novamente para o lado dela e, com delicadeza, Danielle começou a acariciar a face de Peter, a testa e, por fim, os cabelos. Eram sedosos, e ela gostou da sensação. Seu toque pareceu acalmá-lo e o rosto de Peter ficou sereno. Peter pareceu relaxar e voltou a dormir tranquilamente.

— Descanse, meu anjo da guarda — disse ela, depositando um beijo na testa do médico.

Mas Danielle não saiu de perto dele. Puxou uma cadeira e colocou-a ao lado do leito de Peter. Gostava de poder olhar para Peter sem ficar constrangida. Riu ao lembrar-se da primeira vez em que o tinha visto. *Seria a nossa sina nos reunirmos sempre em quartos de hospital?*, pensou, recordando-se do dia em que ela e John haviam sido levados até aquele outro hospital em São Luís. Danielle tinha se sobressaltado ao ser surpreendida com Peter atrás dela, a escutar sua conversa ao telefone.

Lembrou-se de como ele ficava bonito em um terno feito sob medida. Mas, ali deitado, com o peito parcialmente desnudo, achou-o ainda mais atraente. Assustando-se com o pensamento incoerente, cobriu Peter rapidamente até a altura do pescoço com o lençol.

Desde aquele primeiro dia, Peter havia se mostrado bondoso com ela. Tinha sido o único a se predispor a ajudá-la a ver John. John... não queria pensar nele. Empurrou a lembrança daquele rosto para um canto distante da mente. Voltando a pensar no homem que dormia à sua frente, lembrou-se da noite em que tinha

dançado com Peter e de como tinha gostado de saber que ele era um amigo fiel. Tinha desejado tornar-se amiga de Peter com o tempo também.

Recordou-se do dia em que quase tinha sido atropelada, quando Peter se preocupou em comprar algo para que ela pudesse comer. Peter até tinha se aberto com ela, contando como havia perdido tragicamente os pais e dizendo como a amizade com John o havia ajudado a seguir em frente. Havia dado tantas provas do amor que sentir por ela. A última havia resultado em sua liberdade. Nem entendeu como foi possível que ele, tão debilitado, houvesse sido autorizado a ir depor naquele estado.

Pensando com carinho em Peter, lembrou-se repentinamente de Hugo. Dois homens que haviam ganhado um espaço imenso em sua vida e em seu coração. Hugo salvou a vida dela, naquele dia, no estacionamento, e havia feito de tudo que estava ao alcance dele para defendê-la das acusações. Ele até havia confortado John. Sabia disso, porque, sem querer, havia deixado escapar, quando o Dr. Lucas perguntou se John concordaria em depor a favor de Danielle. Hugo contou a respeito da conversa que tinha tido com o primo, descartando a possibilidade. Todos os dias em que esteve presa, Hugo foi visitá-la, sem exceção, e sempre com aquele sorriso lindo no rosto.

Como esses dois homens incríveis se dizem apaixonados por mim? Por mim, a pessoa mais sem graça que existe?, pensou Danielle.

Quando Hugo soube que a família dela, no Rio de Janeiro, queria ir até Florianópolis e não tinha recursos para tanto, ofereceu-se para pagar pelas despesas. Mas como era de se esperar, os irmãos e a mãe de Danielle não aceitariam nada que viesse da família Hauser. Além disso, todos trabalhavam. Não poderiam simplesmente largar seus empregos. Danielle os convenceu a aguardar mais um pouco, já que Rose e Pedro os estavam mantendo informados a respeito dos progressos do caso. Foi uma festa na casa de sua mãe quando ela ligou, mais cedo, para contar de sua liberdade. Rose e Pedro também ficaram muito felizes. Danielle explicou que, assim que Peter se recuperasse e que Schneider e o mandante fossem capturados e presos, retornaria ao Rio de Janeiro.

Viu a porta ser aberta, com cuidado, para não fazer barulho, e uma enfermeira com óculos cor-de-rosa entrar com um aparelho de pressão com rodinhas e estetoscópio.

— Oi. Você deve ser a Danielle, eu presumo — disse a enfermeira com um sorriso amável no rosto.

Danielle estranhou o fato de aquela desconhecida saber seu nome, mas

confirmou.

— Sim, sou eu. Mas, como você...

— Só se fala da fuga do doutor bonito lá no aquário da enfermagem — respondeu ela, após um longo suspiro. — Mas fiquem tranquilos. Sabemos guardar segredo, e só as plantonistas de hoje saberão desse resgate romântico.

Fuga? Como assim?, pensou Danielle, decidindo, porém, que perguntaria a Peter quando ele acordasse. Melhor do que questionar a jovem enfermeira, que parecia interessada em mexericos. A enfermeira pegou um termômetro e colocou embaixo do braço de Peter. Em seguida, Danielle a viu colocar o estetoscópio no ouvido e posicionar a faixa do aparelho ao redor do outro braço dele, que dormia tranquilo, sem se dar conta de sua fama recente.

— Está tudo bem com seu noivo, senhorita — disse ela, já saindo do quarto. E, não dando chance para Danielle corrigir o mal-entendido, a enfermeira emendou, da porta — Espero mesmo que sejam muito felizes juntos.

E saiu, mas não antes de lançar um último olhar, seguido por um suspiro romântico, para o doutor bonito. Depois, Danielle corrigiria aquele equívoco. Levantou-se e, pegando um cobertor no armário, cobriu-o.

Porque os hospitais mantêm a temperatura tão baixa assim?, pensou Danielle, pegando uma coberta para si também. Virou-se para Peter e, voltando a segurar a mão do médico, apoiou a cabeça no braço dele. Gostou do calor que ele emanava e acabou caindo no sono.

Peter acordou e sentiu seu braço esquerdo dormente. Abriu os olhos e teve uma surpresa. Danielle dormia, fazendo seu braço de travesseiro com a cabeça sobre ele e segurando sua mão. A satisfação que sentiu foi muito maior que aquele leve incômodo.

— Bom dia, Peter — disse a Dr.^a Evelyn, flagrando-o a admirar Danielle e colocando o dedo indicador sobre os lábios. A médica se aproximou, cochichando: — Vejo que está com ótima aparência hoje. O que uma boa noite de sono, creio eu, não pode curar?

— Evelyn, acho que ela chegou depois que eu dormi. Mas ela não... quer dizer, não aconteceu nada — disse Peter, entendendo a insinuação, cochichando também para não acordar Danielle.

— Relaxa, Doc! — a médica riu. — Você recebeu uma dose de medicação que derrubaria até um urso. Depois de suas estripulias, precisava de uma boa noite de sono, e fiz isso acontecer. Sei que dormiu a noite toda. Eu mesma autorizei que o nome dela constasse no quadro. Mas como são permitidos apenas

parentes, para todos os efeitos, ela é sua noiva.

Peter ouviu aquilo e argumentou de imediato:

— Não, Evelyn, está enganada. Danielle é comprometida com meu amigo. Não estamos envolvidos dessa form...

— Peter, acho que o caminho está livre para você — disse Evelyn, dando uma opinião pouco convencional para uma médica. Aproximou-se do leito e baixou a voz. — Eu ouvi ontem um bate-boca dela com o seu amigo. Ela deu um baita fora nele. Parece que ele achava que ela tinha algo a ver com o sequestro e nem foi visitá-la na cadeia.

Peter não acreditou nas palavras da colega. Ela devia ter entendido mal. John jamais viraria as costas para Danielle. Sabia disso.

— Bom, deixa pra lá! Vai ver que posso ter entendido mal. Mas enfim, aquele ruivo lindo de ontem me pediu essa concessão e como eu poderia dizer não? A bela donzela queria retribuir o favor do cavaleiro andante por resgatá-la da torre. Ela me implorou para ser sua acompanhante. E eu, romântica incorrigível que sou, quis dar uma de fada-madrinha moderna — a médica piscou para Peter, que pareceu não entender metade das coisas.

— O quê? Pode falar agora menos como uma adolescente secundarista e mais como a médica graduada e sensata que acredito que você seja, para estar trabalhando aqui.

Ela sorriu e disse, mudando sua postura:

— O Sr. Hugo Hauser me procurou ontem à noite e me informou que você tem apenas um parente próximo conhecido, mas que não conseguiram falar com ele. Parece que seu tio viajou e não usa celular. Então, apenas concordei com a proposta de estreitar um pouco mais a relação essa moça e o senhor, Dr. Peter. Você precisava de alguém aqui, caso necessitasse de ajuda. Além dos dois policiais que estão guardando a sua porta, é lógico.

Danielle despertou com o barulho de vozes. Ela viu Peter a observando muito de perto e, por um instante, perdeu-se naqueles olhos de um verde tão profundo, que era como um bálsamo. Gostou de ver que Peter estava com uma aparência mais saudável do que na noite anterior na delegacia e percebeu a cor rosada presente nas maçãs do rosto dele. Sorriu. Danielle segurou sua mão. Ele estava bem. Estava vivo e seguro.

— Oi, Peter, bom dia — disse Danielle, sorrindo, mas notando a vermelhidão no braço dele. — Acabei dormindo em cima do seu braço. Sinto muito.

— Ele vai sobreviver — disse a médica, chamando a atenção para si. Danielle não havia percebido que tinham companhia. — Muito prazer, Danielle. Eu sou a Dr.^a Evelyn.

— O prazer é meu, doutora. Acho que devo lhe agradecer por ter permitido que o Peter fosse ontem à delegacia para testemunhar a meu favor.

— Bem, na verdade, eu não permiti coisa alguma. Posso dizer que até tentei impedi-lo, mas esse doutor não pareceu considerar muito a opinião de uma colega. Ele mal acordou e já quis se levantar, depois de dias inconsciente. Me disse que sairia, mesmo sem autorização, para tirar você da cadeia. Eu propus que buscássemos uma alternativa — prosseguiu a médica, arrumando a posição dos óculos. — Havia um risco grande, com o esforço da viagem até a delegacia, de todos os pontos da cirurgia recente abrirem. A chance de ele contrair uma infecção fora do ambiente esterilizado e asséptico do hospital se multiplicava por um milhão, talvez. Mas claro, isso se uma hemorragia interna não o fizesse sangrar até a morte antes que ele chegasse até o carro. Ah! Mas fora isso, não havia o que temer — concluiu a médica, com um sorriso irônico no rosto.

Danielle ouviu aquele breve relato com os olhos arregalados. Ficou de pé e, olhando da médica para Peter, disse:

— Eu não sabia que tinha sido assim. Peter, você se arriscou demais. Podia ter morrido e eu me sentiria culpada pelo resto da vida. Isso foi muito irresponsável de sua parte. Você, mais do que ninguém, tinha que valorizar a vida. Devia ter ouvido a Dr.^a Evelyn. Foi um risco desnecessário. Como seria para o seu tio Rodolfo e para o John saberem que, por minha causa, você morreu depois de ter sobrevivido ao tiro daquele bandido?

Peter não gostou de vê-la tão preocupada e, assumindo o tom de voz controlado de sempre, respondeu:

— Não deixaria você passar mais uma noite presa injustamente, Danielle. E, sim, eu estava ciente dos riscos, mas julguei ser a única solução lógica a tomar — e então Peter se voltou para a médica. — A Dr.^a Evelyn foi muito gentil ao me oferecer uma carona. É provável que, sem a ajuda dela, eu não conseguisse chegar à delegacia. Eu nem tive ainda a oportunidade de agradecer por ela arriscar o emprego e até mesmo a credibilidade como médica para me ajudar. Aproveito para fazer isso agora: obrigado, Evelyn. Terei uma dívida eterna com você. Espero ter a oportunidade de retribuir tamanha abnegação.

Aquela afirmação pareceu pegar Evelyn desprevenida que, pasma, não encontrou palavras diante da fala comovente de Peter. Por fim, apenas sorriu.

— De nada, *Doc*. Vai ver, foi só meu lado “estudante secundarista”

assumindo o controle de novo.

Ele sorriu do comentário dela e ficou feliz por Danielle não estar mais franzindo a testa para ele.

— Evelyn, faço minhas as palavras do Peter. Obrigada por ter feito o que fez. Por ter colaborado para que eu fosse solta — disse Danielle, estendendo a mão.

Evelyn sorriu e retribuiu o cumprimento. *Parece ser uma boa pessoa*, uma pensou a respeito da outra.

— Então, como se sente nesta manhã gloriosa? — perguntou a médica, voltando-se para Peter e posicionando o estetoscópio no peito para, depois, passar às costas.

— Eu quase não sinto mais a dor em minha cabeça e pensei que amanheceria com o corpo dolorido, mas, até agora, está tudo bem.

— Respira fundo, *Doc*.

Ele fez conforme ela mandou.

— Que bom, parece que a friagem de ontem não resultou em nada preocupante. Ontem as enfermeiras aferiram sua temperatura e a pressão enquanto dormia, e também não houve alterações significantes — disse a médica, fazendo Danielle se lembrar da enfermeira de óculos rosa e de como ela a tinha identificado como sendo a noiva de Peter.

— Tudo bem — disse Evelyn, anotando algo na prancheta, e voltando a colocá-la no encaixe ao pé do leito de Peter. — Eu vou mandar vir o desjejum de vocês, mas antes seria bom que tomasse um banho. Como sua noiva está aqui, dispensei a enfermagem da tarefa.

— Evelyn, eu já disse que... — começou Peter, mas viu a expressão de divertimento da médica levantando os dois polegares nas costas de Danielle. Articulou exageradamente a boca sem sair som: *Depois você me agradece*.

Então Evelyn piscou um olho para Peter e saiu do quarto, deixando-o sem graça. Danielle o observou com uma sobrancelha levantada.

— Coisas de Hugo — disse ele, mostrando que ia se levantar. — Parece que ele encontrou alguém com inclinações tão excêntricas quanto as dele.

Danielle riu ao entender, agora, o que Hugo tinha feito para conseguir mantê-la ali como acompanhante de Peter.

— Ah, Peter. Fui eu que pedi a ele para dar um jeito de eu ficar aqui e cuidar de você. Mas sei que deveria ter consultado você antes. Posso ficar aqui

com você?

Peter adorou ouvir aquelas palavras. Mas precisava ser racional.

— Danielle, não precisa se preocupar comigo. Estou bem melhor agora. Além disso, as enfermeiras estão aqui para me ajudar e...

— Você não quer que eu fique, é isso?

— Não. Quer dizer, você aqui não terá conforto algum e, depois de tudo pelo que passou...

— Por favor, Peter. Além disso, não tenho pra onde ir no momento — disse abaixando a cabeça, já envergonhada por impor sua presença.

— Claro que tem, Danielle. Na verdade, nem sei como John concordou em deixar você passar a noite aqui. Ele sempre pensaria em...

— Eu e o John não estamos mais juntos, Peter — contou ela, sem encará-lo. — Mas, podemos não falar sobre isso agora?

Peter ficou surpreso com a afirmação. Então o que Evelyn dissera era verdade. Danielle notou como ele ficou atônito com o fim da breve, apesar de intensa, relação entre o amigo e ela.

— Claro — disse Peter, concordando com ela. — Mas, quando quiser conversar a respeito, estarei a sua disposição.

Peter levantou o queixo de Danielle antes de mudar de assunto.

— Já que ambos estamos com nossas agendas livres, será um prazer aceitar sua ajuda enquanto eu estiver aqui — disse ele, vendo-a sorrir novamente.

— Obrigada, Peter. Vai ver que sou qualificada para a função. Minha mãe era auxiliar de enfermagem e aprendi um pouco com ela — brincou, ajudando-o a ficar de pé. Sorriu. — Vem comigo, Peter. Vou te dar um banho.

Peter virou-se para ela e Danielle viu pela primeira vez o médico enrubescer.

QUEM MANDOU MATAR JOHN HAUSER

John segurava uma foto de si, quando criança, com os pais. Sentia-se sozinho. As lembranças que tinha deles, às vezes, misturavam-se com sonhos que tinha com frequência. Admirava a beleza de sua mãe, que só era superada por sua generosidade. Sempre havia sido atenciosa com os empregados e derretia-se de amor pelo filho. A primeira frase que o tinha ensinado a falar em alemão fora *Ich liebe dich*, que significava “eu te amo”.

Ele passou a noite em claro refletindo sobre sua vida. Pensou em como poderia ter sido mais feliz se os pais não tivessem morrido naquele acidente. Lembrou-se da mãe dando nele um beijo e colocando o colar com pingente de coração em seu pescoço: *Cuide bem dele até eu voltar. Um dia você o dará à sua futura esposa*. Ele riu das palavras da mãe como qualquer menino da idade acharia divertido tal comentário. Aquelas foram as últimas palavras que tinha ouvido dos lábios dela.

Fräulein Evelise bateu à porta do escritório e colocou a bandeja em cima da mesa, começando a servir o café-da-manhã. John observou, pelo abatimento no rosto dela, que a governanta também parecia não ter conseguido dormir.

— Bom dia, meu filho — disse ela. Olhando para o porta-retratos que John tinha nas mãos, apontou para a foto, sorrindo. — Eu me lembro desse dia. Seu aniversário de 9 anos. Você comeu tanto bolo de chocolate que passou mal à noite.

John sorriu. Também se lembrava. Na foto, ele assoprava as velinhas do bolo e os pais batiam palmas, cantando parabéns.

— Devia tentar descansar um pouco, *Fraulein*. Passou por um grande choque — começou ele.

— Eu prefiro ocupar minha mente, querido. É meu jeito de lidar com tudo o que aconteceu noite passada. Mas à tarde eu gostaria de ir visitar o menino Peter, agora que ele está consciente.

— Eu pretendo ir agora pela manhã, mas deixarei ordens para que a levem até lá.

Ela beijou os cabelos dele e, antes de sair, disse:

— Não desista dela, John. Todos a julgamos mal. Sei que tudo pode parecer

perdido agora, mas acho que ela só precisa de tempo, meu filho. Se você a ama, lute por ela.

John sorriu para a governanta. Imaginou que, talvez, a mãe dele desse o mesmo conselho.

Atendendo a um chamado do tenente Hessman, em menos de duas horas John chegava à delegacia naquela manhã chuvosa, acompanhado pelo motorista Bruno e pela escolta de sempre. Ao chegar, foi apresentado ao delegado titular daquele distrito que, apesar de não estar no comando das operações do caso de seu sequestro, colaborava prontamente com a força-tarefa. Em seguida, John foi conduzido à sala do tenente Hessman por um policial.

— Bom dia a todos — disse ele ao entrar, cumprimentando o tenente e o delegado Antunes.

— Bom dia, Sr. Hauser. Sentem-se por favor — disse o tenente.

O motorista sentou-se em uma cadeira próxima à janela, de onde se avistava o intenso fluxo de veículos que já circulavam àquela hora da manhã. John passou as mãos pelos cabelos molhados pela chuva e tirou o casaco que usava antes de se sentar em frente aos policiais.

— O laudo pericial saiu agora há pouco — começou o tenente. — Como já era de se esperar, foi confirmado que as fotografias não são autênticas.

John ouviu aquelas palavras sem demonstrar nenhuma surpresa.

— Depois de tudo o que aconteceu, eu já imaginava, tenente — disse, pensando em Danielle e na própria falta de confiança, que agora parecia ser irreparável. *Como pode ser tão limitado?*, refletiu. Focando-se novamente na conversa, perguntou: — Algum progresso no caso? Eu estou tendo que lidar com muita coisa no momento. Por isso não vim antes.

— Faço ideia, Sr. Hauser. Vi a notícia da queda das ações da sua empresa e... — começou o delegado Antunes.

— Não, esse é o menor de meus problemas. É um grupo sólido, essa pequena perda não repercutirá tão negativamente. Minha preocupação no momento são duas famílias que estão destruídas agora. Estou dando assistência à família de Henrique, e os pais de Ana Clara apresentaram a demissão nesta manhã. Não consegui fazê-los mudar de opinião. Foi até difícil convencê-los a aceitar uma indenização pelos anos trabalhados. Pareciam extremamente envergonhados e compreendo a desilusão que devem estar sentindo. Seria difícil para eles permanecerem na mansão com tantas lembranças da filha. Eu a conheci menina ainda, por isso também é difícil para mim acreditar que ela colaborou

com tudo isso. Não consigo achar uma razão para se fomentar todo esse ódio.

— Rejeição, Sr. Hauser. Foi o que ela deu a entender. Parece que ela alimenta uma obsessão pelo senhor há muitos anos — prosseguiu o tenente Hessman. — A garota dá sinais evidentes de estar seriamente desequilibrada. Estávamos justamente interrogando Ana Clara nessas últimas horas. Ela se recusou a confessar sua participação, no início. Exigia falar com o senhor antes, mas não cedemos. Nada que algumas horas dividindo uma cela com seis prisioneiras não resolvesse. Assim, Ana Clara decidiu abrir a boca.

— Ela revelou quem foi o mandante do sequestro? — John perguntou, diretamente. Quanto tempo ainda esse criminoso ficaria sem rosto? Era preciso fazê-lo sair das sombras.

— Não — respondeu o tenente. — Ela persiste afirmando que ele ou ela estabeleceram o primeiro contato por telefone. Ana Clara disse que, desde que aceitou a proposta, sempre foi assim.

— Ela confessou ter manipulado as imagens das câmeras de segurança do condomínio de Peter. Assim, a segurança ficou à mercê do ataque surpresa de Schneider e seu bando. O agente Batista se identificou como policial e facilitou o acesso — disse o delegado, suspirando de frustração pelo fato de a verdade ter estado diante de seus olhos durante todo aquele tempo. — Foi o Batista que cooperou para a morte dos comparsas de Schneider quando os transferíamos para outro presídio. Ele avisou o melhor horário e local para ficarem à espreita. Logicamente, os irmãos iriam informar, além do nome do mandante, a participação do policial como cúmplice. Perdemos dois agentes naquele dia, e outros ainda estão no hospital.

John ouvia tudo aquilo como se o delegado falasse de uma desconhecida. Como Ana Clara tinha sido capaz de agir de forma tão traiçoeira? Desde que sua família havia chegado à mansão Hauser, a menina sempre tinha recebido a atenção de John e a de sua família. Lembrou-se de como, certa vez, ela havia dito que o amava. Ele interpretou como uma fascinação adolescente por um homem mais velho. John disse a ela, na ocasião, que Ana Clara estava confundindo os sentimentos e que jamais a veria como uma mulher. Para ele, ela sempre seria a garotinha que tinha visto crescer. John acreditava que a moça havia esquecido esse devaneio, pois Ana Clara pareceu aceitar bem o que disse e nunca mais tocaram no assunto.

— Eu posso vê-la?

John viu o delegado e o tenente concordarem. Foi levado a uma sala de interrogatório com um grande vidro espelhado e aguardou. Ana Clara entrou

com algemas nos pulsos. John, por um longo momento, ficou apenas observando a menina.

— Por que fez isso, Ana? Ajudar a planejar a minha morte?

— Não, John, eu não sabia que eles fariam isso. Me disseram que pediriam o resgate. Já que não podia ter você, eu queria ao menos uma compensação. Quando eu soube que nenhum pedido de resgate havia sido feito, eu fiquei desesperada. Eu amo você. Sempre amei você, John. Faria de tudo para ter você pra mim. Consegui te separar daquela presunçosa da Helene e você seria meu. Tudo que eu fiz foi por amor a você, John.

— Pensar assim a faz se sentir melhor? — perguntou John, sem desviar o olhar da moça. — Eu demorei a acreditar que você tinha se tornado esse ser humano desprezível que vejo agora. É doloroso constatar que a menina inocente que vi crescer talvez nunca tenha existido.

— Fiz de tudo para que fosse meu, John. Estamos destinados a ficar juntos. Somos perfeitos um para o outro, não enxerga isso? Mas aí então você se derreteu todo por aquela mulherzinha sem classe. Não fazia lógica nenhuma. Olha pra mim. Não há como comparar nós duas. Sou superior a ela em tudo. Mas só o fato de eu ser branca já deveria ser suficiente para você fazer sua escolha. E convenhamos, John apenas uma dúzia de fotos foi suficiente para você duvidar daquela infeliz. Eu teria feito qualquer coisa para que você fosse meu. Não deixaria que ninguém se colocasse entre nós — continuou ela, segurando a mão de John e, claramente, usando de seus subterfúgios para tentar persuadi-lo.

Mas John já estava imune àquelas artimanhas.

— Até prejudicar gente inocente? — gritou ele, libertando sua mão do toque de Ana Clara e ficando de pé. — Não pensou em seus pais? Não pensou na minha família e no sofrimento que traria a eles? Só pensou em si mesma! Mas você está certa a respeito de uma coisa: eu fui obtuso e me neguei a ver além do que estava diante dos meus olhos. Jamais haveria uma comparação entre você e Danielle. Pelo simples fato que ela é mulher digna, sincera, confiável. Tudo o que você nunca foi.

— John, você não entende. Quando eles me procuraram de novo, eu disse que não me envolveria, porque haviam mentido pra mim quanto ao resgate. Mas, disseram que iriam me incriminar e que eu seria presa, enquanto mais ninguém seria acusado. Eu fiquei com medo — recomeçou ela, notadamente mudando de estratégia. Começou a chorar.

Todo esse tempo, eu tive um monstro morando embaixo do meu teto, pensou

John, respirando fundo e refletindo que a melhor coisa a fazer era entrar no jogo psicótico dela.

— Ana, você tem a chance de se redimir — disse, sentando-se novamente e envolvendo as mãos dela. — Eu não acredito nessa história de que você não sabe quem está por trás de tudo isso.

Ela já abria a boca pra confirmar o que havia dito para a polícia, quando John a interrompeu.

— Ana, sou eu, John, que estou aqui na sua frente. Posso garantir sua defesa e depor a seu favor, porque sei que você foi manipulada. Você tem o coração bom. Nunca me prejudicaria propositadamente — disse, vendo que ela o analisava, tentando procurar verdade naquelas palavras. — Então, diga pra mim: Quem está por trás de tudo isso? Quem mandou me matar?

— Promete me tirar daqui? — perguntou Ana Clara, com olhar esperançoso.

— Prometo fazer de tudo para ajudá-la em seu julgamento — disse ele, francamente.

— Isso não é suficiente pra mim — ela soltou a mão dele com violência.

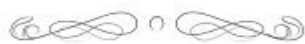
— A polícia está disposta a alegar insanidade, Ana. Se você colaborar, passará alguns anos em tratamento e, depois, asseguro que poderá terminar seus estudos na Europa ou onde quiser. Terá recursos para isso. Será um recomeço para você. Pense na dor de seus pais. Eles não merecem sofrer mais, Ana. São pessoas de bem.

— Eu pouco me importo com eles. Só atrasaram a minha vida — rebateu ela, revelando sua verdadeira personalidade. John já não parecia surpreso com mais nada. — Mas eu vou pensar na sua oferta. Só preciso de tempo pra me decidir. Venha no fim da tarde e saberá minha resposta. Mas quero tomar um banho e não ficar junto com aquelas criminosas fétidas novamente.

Ela se levantou após ele confirmar com a cabeça.

John contou aos policiais sobre a conversa. Eles haviam acompanhado tudo pelo vidro espelhado e concordaram em permitir que Ana Clara, temporariamente, ficasse isolada das demais prisioneiras. John disse que retornaria por volta das 17h para ouvir o que ela tinha a dizer. Sabiam que ela sofria de algum desequilíbrio mental e fizeram essa concessão na expectativa de, naquele mesmo dia, colocarem um ponto final naquela história. Queriam pôr atrás das grades o mandante do sequestro de John. Entrou no carro e seguiu para o hospital onde Peter estava internado. Queria conversar com o amigo e saber

como estava. Mas também queria conversar com Danielle.



Na mansão Heinz, Sven ouvia a proposta da irmã em silêncio. Ela o havia chamado naquela manhã após descobrir que Danielle Nunes havia sido inocentada.

— O que tem a me dizer, *bruder*?

— Helene, posso ver a foto?

Ela a entregou a ele.

— Mas se ela realmente é inocente, essa foto provavelmente é falsa. Que jornal publicaria, desconhecendo a fonte, sob o risco de serem processados?

— Você tem seus contatos, Sven. Sei que pode dar um jeito.

— Não sem comprometer minha reputação como jurista, caso seja comprovado que não são legítimas.

— Que droga! Pensei apenas em publicar na rede e deixar que a internet fizesse o resto, mas Sabine disse que a polícia tem como rastrear o IP e, rapidamente, eu seria associada ao fato.

— Helene, eu preciso entender essa sua obsessão por essa mulher. Ela não parece estar nem um pouco interessada em Klaus. Até fez questão de dispensá-lo da dança na festa. Diga, minha irmã, você ainda ama John Hauser?

Ela se levantou e ficou observando os pingos de chuva que se desenhavam na vidraça da janela que dava para a lateral da propriedade. Não respondeu.

— Farei uma pergunta e decidirei o que fazer com relação a essa foto — Sven, parecendo reaver a atenção da irmã com aquela fala, olhou para a imagem de Danielle exposta com vulgaridade naquele pedaço de papel. — Você teve algum envolvimento com o sequestro de John Hauser?

Ela sorriu maliciosamente.

— Sven, você me conhece melhor do que ninguém. Sabe que eu não mando recado. Ele merecia pagar por tudo que me fez. Apenas ajudei a fazer acontecer — disse, francamente, com o olhar fixo no irmão.

Ele decidiu conduzir a conversa para descobrir tudo que a irmã sabia a

respeito.

— Desde criança, você é assim — disse, chamando-a para se sentar a seu lado no grande sofá em estilo passivo do quarto. — Admito que estou curioso para saber qual foi sua participação nisso tudo.

Ela se sentou com as costas apoiadas no irmão e colocou as pernas em cima do sofá.

— Eu facilitei para que o capturassem. O idiota do Klaus nem desconfiou de nada. É um cego. Pedi a ele que convencesse John a não trazer aquela sombra dele ao casamento. Com o motorista fora do jogo, e com a distração da festa, música alta, muita gente circulando pela mansão, os bandidos renderam John e o levaram sem serem vistos. Eu só fiz duas exigências: que ele sofresse muito antes de morrer e que o levassem para o lugar mais remoto possível do país. Se não fosse por aquela negra imunda que saiu de algum buraco, eu teria minha vingança e nós já teríamos comparecido ao funeral de John. Ele, ainda por cima, me afrontou, começando a se envolver publicamente com aquele lixo humano. Mas se ele não fosse meu, não seria de mais ninguém.

— Helene, foi uma operação minuciosa nos detalhes. Escolher e contratar os sequestradores, o chefe de segurança, o avião para levar John pro Maranhão. Não daria conta disso tudo sozinha e...

— Quem disse que fiz sozinha? Não fui a mandante, Sven — e, virando-se, riu da dúvida presente no rosto do irmão. — Sven, o ódio sempre esteve enraizado naquela família. Ah, se você soubesse...

— Me diga, então — incitou Sven, para que a irmã revelasse o máximo de informações.

— Vou te contar uma história — garantiu ela, feliz por ter a quem revelar algo que somente ela sabia. — Você se lembra de quando éramos crianças e recebemos a notícia da morte dos pais de John? Foi uma consternação. Saiu em todos os jornais a notícia do carro que caiu naquele precipício, matando o casal.

Sven fez que sim, lembrando-se de como a notícia tinha repercutido, à época, na comunidade alemã. Mas agora não conseguia ligar os pontos do que a irmã contava.

— Meu caro irmão, pois saiba que a mesma pessoa que tramou o sequestro de John Hauser matou os pais dele e fez parecer um “acidente” — ela fez sinal de aspas com as mãos. — Quem matou os pais do John está por trás do sequestro dele. E, nunca, ninguém desconfiou de nada. Ele planeja com detalhes cada passo que dá e tem olhos e ouvidos em todo lugar pertinente.

— Ele quem, Helene?

— Poxa, Sven. Pensei que fosse mais inteligente! Pensa: quem foi a pessoa mais favorecida com a morte de Agnes e Otto Hauser? Quem assumiu a posição mais alta no Hauser *Gruppe*?

Sven se pôs de pé e passou as mãos pelos cabelos avermelhados antes de dizer, atônito:

— Edgard?! Você tem certeza absoluta do que está falando, Helene? São acusações muito graves e...

— Eu mesma ouvi da própria boca do Edgard — interrompeu ela. — Eu ouvi uma conversa dele ao telefone com o sequestrador mais velho. Um daqueles que mataram o tal Jorge. Ele participou da morte dos pais do John no passado. Mas o que mais me chocou não foi essa descoberta. Edgard disse uma frase que martelou na minha cabeça. Eu estava na estufa admirando as tulipas da mamãe e ele estava aqui para uma reunião social que nossos pais ofereciam naquele dia. Quando ouvi o teor da conversa, decidi não me revelar. Ele disse: *era pro bastardo ter morrido junto com os pais e, agora, assume a presidência e quer tomar tudo o que é meu?*

Sven recordou-se da própria mãe comentar no funeral dos pais de John que o casal Hauser havia decidido, de última hora, não levar o filho junto na viagem, por causa do mau tempo e por ele ter tido febre ou algo do tipo.

— Como assim bastardo, Helene? Você quer dizer que...

— Ele não é sobrinho de Edgard. A mãe pareceu descobrir as inúmeras traições de Otto e ela o troco, tendo um caso. John é fruto de uma traição. O sangue Hauser não corre nas veias dele.

Sven ficou sem palavras, mas a irmã ainda não tinha terminado.

— Guardei esse segredo comigo para usá-lo quando fosse conveniente. Confrontei Edgard após John ter me dispensado por culpa daquela empregada. Mas Edgard não se mostrou preocupado por eu ter descoberto o crime, porque sabia que eu não procurava justiça, e sim vingança. Foi quando me apresentou seu plano e concordamos em unir forças. Eu até aceitei a proposta de voltar a namorar com Klaus, por conta da amizade dele com John na faculdade, e em seguida, aceitei me casar com ele. Tudo fazia parte do plano, como pode ver.

Sven saiu da mansão com um propósito. Pegou seu carro, ciente do que pretendia fazer. Deu uma última olhada na fotografia de Danielle sobre o banco e partiu.



Ana Clara ficou feliz por poder ficar em uma cela sozinha. Sua mãe havia levado roupas e outras coisas de que viria a precisar. Mas, tal como o pai dela, não trocou uma palavra com ela. Não se demoraram mais de vinte minutos e partiram.

— Como se me importasse... — pensou, em voz alta.

Mas, no fundo de seu coração, sentiu uma pequena pontada por não poder contar com o apoio dos dois. Sempre estiveram à sua disposição para tudo e, por mais que se recusasse a admitir, a indiferença dos pais a tinha feito se sentir mais sozinha do que nunca em toda a sua vida. Refletiu muito e decidiu que revelaria que *Herr* Edgard Hauser estava por trás de todo aquele plano. Decisão tomada, chamou a guarda que estava no corredor e disse que estava pronta para tomar banho.

— Quinze minutos — informou a mulher com cara de poucos amigos a Ana Clara.

Ana aproveitou o banho quente e tentou relaxar sob o jato de água. Pensou em seu futuro. No final, se aceitasse aquela oportunidade, depois dos anos de internação, teria, como John havia dito, recursos para viver onde quisesse. Daria adeus àquela vida medíocre que tinha ao lado dos pais.

Vendo a demora da jovem em sair do banheiro, a policial, depois de chamá-la mais de uma vez, decidiu entrar. Solicitou reforços pelo rádio e passou por todos os boxes, segurando a arma no coldre. Caminhou em direção ao som de água vindo do último box. Viu a grade da calefação abaixada e temeu pelo pior, que se confirmou quando viu Ana Clara no chão, ensanguentada. A água do chuveiro lavava o sangue que saía das costas e descia pelo ralo. Um objeto perfurante cortava sua carne. A policial repetiu o pedido de urgência e solicitou uma ambulância, mas, ao checar os sinais vitais da bela Ana Clara, constatou que já estava morta.

HORA DO BANHO, DR. PETER; HORA DA VERDADE, SR. HAUSER

— Danielle, acho que não será necessário — disse Peter, vendo a moça organizar tudo o que precisava para o banho e parecendo concentrada na tarefa.

Ele a viu pegar uma toalha, escova de dentes, creme dental e começar a procurar por algo mais nas coisas dele.

— Posso dar conta sozinho — insistiu.

— Que é isso, Peter. Eu ajudo você. Achei! — disse Danielle, levantando uma esponja e um sabonete líquido nas mãos.

Fräulein Evelise havia enviado tudo o que Peter viria a precisar.

— Quer ajuda pra tirar a roupa? — perguntou ela. Peter sentiu uma reação involuntária de seu corpo àquela pergunta. Diante do silêncio dele, Danielle sorriu e começou a ajudá-lo a tirar as calças.

Pego de surpresa, ele quase se desequilibrou, sem acreditar que ela realmente fazia aquilo. Ficou sem reação ao vê-la agachada na altura de seus quadris.

— Opa! Calma, moço — disse ela, amparando-o nos braços para que ele não caísse e rindo com a cena. Ele ficou ainda mais sem graça.

Peter se viu seminu, apenas de cueca, com as calças caídas sobre os pés e com Danielle em seus braços — ou seria ele que estava nos braços dela?

— Não imaginei que médicos teriam um senso de decoro tão grande, já que estão tão habituados com a anatomia humana. Dr. Peter, o senhor não está sem graça, está? — perguntou ela, divertindo-se com o rubor na face, que só fazia aumentar.

— Admito que estou, sim. Bastante, na verdade — respondeu, passando a mão pelos cabelos e tentando ignorar o fato de estar com as calças arriadas diante dela. — Ser o paciente em situações como essa é embaraçoso.

Ela observou seu desconforto e disse, complacente:

— Eu compreendo, Peter. Está tudo bem. Em seu lugar, talvez eu também preferisse que uma enfermeira ou que alguém do mesmo sexo me ajudasse. Imagina como seria você me dando banho?

Peter imaginou. *Droga! Por que ela foi falar uma coisa dessas?*, pensou

ele, com imagens de Danielle no chuveiro surgindo em sua mente.

— Eu não pensei direito — disse ela, soltando-se dele com delicadeza. — É complicado por vários motivos para você, não é, Peter? Pela forma como disse se sentir a meu respeito, principalmente. Daqui a pouco, o Hugo deve vir fazer uma visita. Pediremos a ele para ajudar e...

— Não! Eu prefiro que seja você — interrompeu ele apressadamente, sem pensar.

— Tem certeza disso? — ela procurou no olhar de Peter uma comprovação do que dizia, e ele fez que sim com a cabeça, parecendo menos encabulado com a situação. — Então, e se fizermos assim: você continua de cueca e assim seu segredo fica protegido.

— Meu segredo? — perguntou, achando estranha a escolha do termo.

— É. Seu... segredo... Você sabe a que me refiro. Enfim, é assim que minha mãe chamava... você sabe.

— Não, não sei. Explica pra mim — disse o médico, gostando de ser a vez dela de ficar embaraçada.

— Claro que sabe. Seu segredo, seu pê... Enfim, a minha mãe sempre dizia pra eu preservar o meu segredo quando eu era criança, principalmente quando eu brincava de vestido. Balanço e gangorra de vestido? Nem pensar, porque aparecia a calcinha.

Peter não conseguiu se conter diante da explicação infantil que ela deu. Riu tanto que seus pontos doeram um pouco. Ela ficou de braços cruzados apreciando ele rir tão espontaneamente, como jamais havia visto antes. Ela também se sentiu infantil e boba, mas o que importava era que se sentia bem ao vê-lo ali vivo e bem diante de seus olhos.

Peter, ainda sorrindo, viu que ela aguardava por uma decisão sua e, decidiu, por fim:

— Concordo, Danielle. Vamos deixar o meu segredo bem guardado durante o banho — estava inclinado a se permitir aquele momento de intimidade com ela e pensou consigo mesmo: *Está tudo sob controle. É apenas um banho, higiene pessoal. Nada de mais.*

Danielle pegou um banquinho e levou-o para dentro do banheiro.

— Pronto. Quando eu tiver acabado, você poderá se sentar e terminar o banho sozinho — disse ela, e ele agradeceu.

Auxiliando Peter a caminhar, entraram no box com cuidado. O banheiro era todo em azulejos brancos e azuis, e o piso era em um tom claro, também. O

banheiro tinha um tamanho satisfatório e, no box, cabiam duas pessoas, sem dificuldades.

Danielle dobrou as pernas de sua calça e, em seguida, abriu a ducha, ajustando a temperatura. Com a ajuda da água morna, retirou a proteção do grande curativo e jogou na lixeira. Começou ensaboando com a esponja aquela região mais fragilizada com os pontos à mostra bem devagar e com extremo cuidado. Depois, passou a esponja pelo peito dele e percebeu que ele estava tenso.

— Sente alguma dor? — quis saber ela, vendo-o estremecer.

— Nada de mais — disfarçou ele. Tentava esconder o prazer que despertava com a carícia que não era bem uma carícia.

— Vou lavar seu rosto. Feche os olhos, por favor — disse Danielle, atenta à tarefa. Peter obedeceu. Faria tudo o que ela quisesse. Tudo o que ela pedisse.

Danielle deixou de lado a esponja e passou as próprias mãos pelo rosto do médico. Gostou da sensação que experimentou por estar cuidando dele. Peter, agora, parecia um pouco mais relaxado com ela invadindo sua intimidade. Ela lavou suas orelhas, descendo pelo pescoço e, depois de fazer bastante espuma, guiou-o novamente para debaixo do jato d'água. Enxaguou o rosto dele com delicadeza.

— Sua barba já está começando a despontar. Podia deixá-la crescer. Ficaria muito bem, sei disso — disse ela, sorrindo.

— Seria a primeira vez — disse ele, ainda de olhos fechados. — Não sei se me adaptaria.

— Já pode abrir os olhos, Peter — ele permanecia com os olhos fechados, como se em transe com o toque das mãos de Danielle por suas bochechas, sua testa, sua boca... E repetiu novamente para si: *higiene pessoal, higiene pessoal*. Mas seu autocontrole estava perdendo a batalha.

— Não vi shampoo naquela bolsa, mas, amanhã, poderemos lavar seu cabelo — disse Danielle, dando a volta e posicionando-se atrás dele.

Ela passou a massagear as costas de Peter com a esponja, também com cuidado, pois o ferimento à bala tinha atravessado seu corpo. Ele sentiu a ereção se evidenciar sob a peça de roupa quando ela se abaixou e passou a esponja por suas pernas e pés. Felizmente, ela não tinha ângulo de visão para perceber, e ele entendeu que não conseguiria mais tê-la naquela proximidade. Sentir as mãos dela passeando por seu corpo daquela forma, que mais se assemelhava a uma carícia, foi uma enorme provação para ele. Resistir e não fazer nada custava

muito.

— Você está se molhando toda — disse Peter, vendo, de lado, que a blusa de Danielle já estava encharcada.

— Tá tudo bem, Peter. Depois eu tomo um banho, também — disse ela, ainda sem perceber que seus movimentos suaves o estimulavam de uma forma que ele não podia controlar.

— Acho que daqui eu consigo sozinho — disse, tomando a esponja da mão dela e mantendo-se de costas.

Danielle assentiu e saiu do box, não antes de perceber o que ele se esforçava para esconder.

Danielle fingiu não notar a excitação dele. Na verdade, repetia mentalmente os nomes das heroínas de Jane Austen como uma tentativa de manter o foco, também: *Elinor, Marianne, Fanny, Elizabeth, Emma, Catherine, Anne...* Afinal, não era cega e Peter era um homem másculo e muito bonito. Afastou aqueles pensamentos, recriminando-se. Precisava se concentrar em ajudá-lo e ponto. Não podia se aproveitar da situação para ficar admirando seu corpo, quase nu, ainda mais em um momento de fragilidade como aquele.

Ela respirou fundo e disse:

— A toalha está aqui, pendurada no box.

Peter ouviu música e estranhou. Virando-se parcialmente, viu que ela tinha colocado uma canção animada pra tocar.

— Agora sim — disse Danielle.

Ele, de costas, riu ao reconhecer a canção que todos sabiam que ela gostava. Ele agradeceu e, quando ouviu a porta se fechar, apoiou-se nas barras do banheiro e sentou-se no banquinho que ela havia lhe trazido. Virou as torneiras, deixando a temperatura da água esfriar o máximo possível.

E ficou lá por um bom tempo, olhando para o segredo que não parecia querer colaborar com ele. Ficou ali apenas apreciando a música e tentando retomar o próprio autocontrole.

Danielle secou-se o máximo que pode. Cumprimentou os policiais parados à sua porta com um “bom dia”. Lembrou-se de Ricardo e André de imediato. Sentia falta da companhia dos amigos queridos. Eles a haviam visitado com frequência e demonstraram acreditar nela, o que era ainda mais importante. Sentiu o coração apertar ao pensar em John. Não conseguia imaginar que estariam separados a partir de agora. Estava feliz por estar livre e por poder ficar com Peter e ser útil a ele. Mas sua liberdade com a ausência de John não era

plena. As palavras de desprezo que ele havia desferido a ela ainda ecoavam na cabeça de Danielle.

Tentando esquecer algo que não podia ser mudado, ela saiu em direção ao aquário da enfermagem, a poucos metros do quarto, pois não sabia para qual ramal deveria ligar para pedir o desjejum. Estava faminta. Seguia sob o olhar atento dos policiais, mas a distância era ínfima e, então, mantiveram seu posto. Danielle paralisou poucos passos depois, o que fez com que um dos agentes se aproximasse. Diante dela, como se seus pensamentos se materializassem, John Hauser tinha aparecido.

— Bom dia, Danielle — disse ele, sorrindo feliz por vê-la. Tantas noites insones, pensando na mulher que amava. Nas últimas, tinha refletido sobre a gravidade do próprio erro e tentou encontrar alguma forma de conseguir o perdão de Danielle. *Agora, ela estava ali, bem à sua frente. Linda, como sempre*, pensou ele. E, aproximando-se, levantou a mão para tocá-la o rosto.

Danielle instintivamente deu um passo para trás. Aquilo o entristeceu.

— Bom dia, Sr. Hauser — disse ela, não conseguindo enfrentar aqueles olhos negros que a perscrutavam. — Olá, Bruno... policiais.

Bruno sorriu para ela, e os agentes apenas menearam a cabeça. De repente, Danielle se deu conta de como estava vestida. A calça ainda estava dobrada, a blusa úmida e os cachos, com certeza, desalinhados. Estava sem graça por ele poder vê-la daquela maneira.

— Me molhei porque eu estava no banho com Peter. Não, estava ajudando Peter no banho — enrolou-se para justificar seu estado de desmazelo. Viu John franzir a testa ao receber a informação.

— Ele já deve estar terminando — emendou ela, odiando-se por se preocupar em dar uma satisfação a John. — Vou pedir que levem o café da manhã dele agora. Com licença.

— Danielle, eu vim para ver como o Peter está passando, mas também para ver você. Nós poderíamos conversar a sós, depois? — perguntou John, demonstrando não querer discutir a relação deles na frente de uma plateia.

— Não vejo propósito nisso. Não temos mais nenhum assunto a tratar — respondeu, tentando manter o tom de voz firme e olhando no fundo de seus olhos.

— Nós ainda temos muito o que dizer um para o outro, não concorda? — insistiu ele.

— Não. Está enganado. Tudo de relevante que precisava ser dito, Sr.

Hauser, o senhor já me disse, dias atrás, neste mesmo hospital. Darei privacidade a sua conversa com Peter — e, dizendo isso, seguiu seu caminho.

John a viu se afastar e sentiu-se frustrado diante da indiferença dela. Decidido, caminhou em direção ao quarto de Peter. O amigo era sua prioridade naquele momento. Entrou no quarto depois de se identificar aos policiais parados em frente à porta.

Após conversar com a enfermagem, Danielle optou por não voltar para o quarto. Não conseguiria ficar enquanto John estivesse lá. Avisou aos policiais que precisava espair um pouco, e um deles se prontificou a acompanhá-la. Danielle ficou sem jeito por fazê-lo andar atrás dela pelos corredores sem rumo, mas ele pareceu feliz por poder caminhar um pouco. Ela gostou da postura reservada do agente, que não parecia estar disposto a puxar assunto com ela. E era exatamente disso que ela precisava naquele momento: silêncio.

Assim, Danielle pegou o elevador no sexto andar e ambos desceram até o andar térreo. Ela sabia que havia um pequeno jardim de inverno por ali. Vira-o na primeira vez em que tinha estado naquele hospital. Sentou-se, por algum tempo, ao lado de uma fonte e ficou pensando em sua vida, em sua família, seus sonhos, seus planos para o futuro e, inevitavelmente, o rosto de John voltou a surgir em sua mente. Sentia-se imensamente triste por ele ter ignorado o sofrimento dela enquanto tinha estado presa.

Danielle se lembrou de como havia passado todos aqueles dias ansiando por uma visita sua, que nunca aconteceu. A agonia que sentiu com o silêncio de John a feriu profundamente. Uma noite até sonhou com os dois juntos e felizes, conversando debaixo do ipê rosa do jardim da casa dele. O sonho só contribuiu para que se sentisse mais infeliz ao despertar para a realidade em que se encontrava. Lembrou-se de Hugo, Ricardo, André e até mesmo do tenente Bruno Hessman que, sem titubear, acreditaram em sua versão da história, por mais que as circunstâncias indicassem o contrário.

Será que John algum dia me amou realmente?, pensou ela, disfarçadamente enxugando uma lágrima que havia teimado em rolar. Não queria que a vissem chorando. Ela precisava colocar a vida nos trilhos novamente. Decidiu que queria ouvir uma voz amiga e, pensando assim, ligou para a família. Adorou quando o sobrinho Hugo atendeu:

— Oi, titia! Tô com muita saudade. É a tia Dani, vovó! — chamou ele, animado. — Quando a senhora volta? Estamos perdendo muitas estreias no cinema. Vamos ter que fazer uma maratona, quando chegar. A mamãe não tem paciência.

Ela riu da inocência do garotinho ao queixar-se de Júlia.

— Oh, meu príncipe... a tia ainda vai ficar mais um pouquinho por aqui, mas prometo que, assim que eu voltar, vamos colocar nossas sessões em dia. Vai anotando todos os filmes que quer ver. Combinado?

— Combinado, tia — disse ele, rindo. — A vovó tá aqui. Sua bênção.

— Deus te abençoe muito, amor da minha vida.

— Oi, minha filha. Por aqui está tudo bem. Quero saber como você está.

— Está tudo bem, mãe. Bênção — Danielle tentou transparecer tranquilidade em sua voz.

— Que Deus te livre e guarde de todo mal — disse D. Rita, feliz por ouvir a voz da filha. — Já sabe quando poderá voltar pro Rio?

Danielle explicou tudo o que estava acontecendo e disse que tinha esperança de que, em breve, pudesse voltar para casa. Apenas não mencionou o fim de sua relação com John. Sua mãe também não tocou no assunto. Rose já havia esclarecido antes sobre como eles estavam distantes. A conversa girou em torno dos irmãos de Danielle, que estavam trabalhando muito ultimamente, e de Júlia, que havia saído pra conversar com Rose e Pedro sobre ela. Agora, Júlia vivia arranjando desculpas para encontrar-se com Pedro.

Falaram da situação caótica em que o Rio se encontrava, com manifestações acontecendo por toda a cidade contra as reformas da previdência e leis trabalhistas. Por fim, falaram de amenidades, como a novela favorita da mãe.

Sentiu-se mais leve ao encerrar a ligação. Era bom poder ouvir a mãe, o sobrinho Hugo e saber da família. Quando já se preparava para ligar para Rose e Pedro, uma moça a abordou:

— Olá, bom dia. Desculpe perturbá-la. Pode me dar um pouco da sua atenção?

Danielle analisou a moça miúda que tinha um sorriso caloroso no rosto, e fez que sim com a cabeça. Quando viu que o policial se aproximava, mostrou que estava tudo bem.

— Eu me chamo Edna e sou voluntária no banco de sangue do hospital — disse, mostrando o crachá. — Estamos realizando uma campanha de doação de sangue, porque nossas reservas estão bem abaixo do ideal. Para algumas tipagens sanguíneas, já estamos desprovidos, como é o caso do tipo O negativo. Você estaria disposta a colaborar conosco?

Danielle pensou um pouco, considerando que seria bom para ela participar da campanha. Além de colaborar para uma causa nobre, evitaria encontrar-se

com John novamente caso o procedimento demorasse um pouco. — Será um grande prazer ajudar, Edna. Vou só comer alguma coisa antes — disse, levantando-se.

— Ah, o lanche é por nossa conta — respondeu Edna, sorrindo. — Vamos até a coleta?

Após Danielle tomar um suco de laranja e comer um delicioso pão de queijo, preencheu uma ficha com informações pessoais e, para sua surpresa, a doação em si não levou mais de quinze minutos. Pediram que ela aguardasse um pouco para o caso de sentir algum mal-estar. Depois de comer mais dois pães de queijo e não sentir nenhum efeito colateral, subiu de volta ao sexto andar, acompanhada pelo policial cujo nome ela desconhecia.

Quando viu Bruno parado em frente à porta do quarto de Peter, soube que John ainda estava lá. Já estava dando meia volta, quando ele a chamou:

— Srta. Nunes?

Ela sorriu sem graça para o motorista e tentou ser solícita.

— Oi, Bruno. Pois não?

Ele caminhou até ela com a postura reservada de sempre, e disse, em tom comedido:

— Antes de mais nada, sei que não tenho o direito de interferir em sua vida, mas me senti confortável para falar, porque tenho muito apreço e consideração pela senhorita, por sempre tratar os funcionários da mansão de forma amigável — começou ele, observando a reação de Danielle.

Parecia que ela já sabia qual seria o teor da conversa, mas não o interrompeu. Bruno prosseguiu.

— John, além de meu chefe, é um bom amigo. E, na condição de amigo dele, vim pedir que o ouça. Sei que, quando foi necessário, ele não fez o mesmo. Mas eu tenho visto o quanto ele está sofrendo pela decisão errada que tomou. Pelo que presenciei da relação de vocês, imagino que, provavelmente, você está sofrendo, também. Poderia ouvir o que ele tem a dizer, senhorita?

Nesse momento, John Hauser abriu a porta, despedindo-se de Peter. John e o médico apenas a observaram. Peter foi o primeiro a se manifestar.

— John a estava esperando para conversar — disse, com seu comportamento mediador costumeiro. Danielle percebeu o pedido explícito de ela que desse uma chance a seu amigo. — Acho que Bruno pode me fazer companhia enquanto conversam, não é mesmo?

— Claro, doutor — disse o motorista, aguardando a decisão de Danielle.

Ela sorriu e, dando um beijo no rosto de Peter, disse:

— Não demoro, está bem?

Ele sorriu para ela e disse, antes de entrar de volta no quarto com Bruno:

— Conversem sem pressa. Afinal, não pretendo ir a lugar algum.



Sem tocar nela, John indicou o caminho da sala de convivência daquele andar que, felizmente estava vazia àquela hora. Ele pareceu relutante em começar. Havia refletido acerca de tudo o que pretendia dizer para tentar persuadi-la. Ela tentou se afastar o máximo possível de um contato dele. Percebeu que John estava de pé perto da grande vidraça que dava para uma vista panorâmica da cidade.

— Como foi passar a noite aqui? — perguntou John, finalmente.

— Tranquilo — respondeu ela, sucinta. Cruzou os braços na altura do peito para evitar que a proximidade dele a traísse.

— Pensei em revezar com você para que pudesse descansar um pouco

Ela imaginou John Hauser largando os próprios compromissos para cuidar de alguém e não deu crédito àquela afirmação. Mas, logo depois, se arrependeu por julgá-lo tão duramente, uma vez que esse alguém era Peter, seu melhor amigo. Não podia permitir que a mágoa profunda que sentia por John influenciasse sua percepção da amizade dos dois.

— Você não pode passar tantas noites aqui dormindo nesse hospital... sem conforto algum — continuou ele.

— Passei muito mais noites dormindo numa cela de cadeia e você não apareceu por lá para se mostrar tão preocupado com meu conforto, Sr. Hauser — e deu-lhe as costas para que não visse as lágrimas que ardiam em seus olhos.

John sentiu todo o ressentimento dela naquelas palavras e sabia que merecia ouvir cada uma delas e a indiferença que carregavam. Aproximou-se um pouco mais de Danielle, sem invadir o espaço que ela determinava como seguro.

— Danielle, eu errei. Talvez, de forma irremediável, estou ciente disso. Dizer que estou arrependido nem chega perto de como me sinto. Sei que pode levar muito tempo para que você considere me perdoar por minha omissão. Mas para ter você de volta, eu espero o tempo que for preciso, porque te amo.

Ele deu mais alguns passos na direção dela antes de continuar.

— Desde que nos conhecemos, você teve que abrir mão de muita coisa, outras foram tiradas injustamente de você, como o seu trabalho. Tudo consequência de ter decidido me ajudar quando me encontrou naquela mata quase sem vida. Eu mesmo não vejo como seria possível que perdoasse a forma como agi. E, ao mesmo tempo, não tenho como apagar o que você viveu naquela cela ou mesmo o que eu falei quando te acusei naquele dia. Você me disse, da última vez que conversamos, que eu não sabia o que era amar alguém. Mas eu sei, porque foi você quem me ensinou a amar, você deu sentido à minha vida.

Não suportando mais aquela distância, John tocou o ombro de Danielle. Ele a ouviu chorar baixinho.

— Meu amor... eu não mereço você — disse, secando as lágrimas dela com os dedos. — Mas também não conseguirei ser feliz sem ter você ao meu lado — e a abraçou, sentindo o calor daquele corpo que já conhecia nos mínimos detalhes.

Danielle odiou a si mesma por amá-lo tanto e por querer permanecer naquele abraço para sempre. Com muito custo, ela se afastou dele.

— John, eu te amo. Muito. Mais do que eu imaginei ser possível — disse, vendo um sorriso de esperança surgir nos lábios dele. — Mas nada do que você disser agora vai mudar o que eu sinto aqui — concluiu, colocando a mão sobre o peito. — Confiança é o mínimo que qualquer relacionamento precisa para se sustentar, e você provou que não confia em mim. Não foram aquelas fotografias que destruíram o que tínhamos. Foi a sua falta de confiança. Como seria possível eu estar te traindo? Você sabia que eu nunca tinha estado com mais ninguém. Era o único que sabia, mas até isso você questionou depois. Preferiu acreditar que eu estava te enganando desde o início. E vem me falar de amor? Como pode amar alguém em quem não confia? Eu dei minha palavra de que ouviria tudo o que

tinha a me dizer. Já fiz isso — e, tirando forças não sabia de onde, esticou o braço para tirar o colar do pescoço. Ela o estendeu para ele. — Não posso mais mantê-lo comigo. Estou devolvendo, para que você dê à pessoa a quem, realmente, um dia, entregará seu coração. Hoje, sei que não sou essa pessoa.

Ele encurtou o espaço que os separava e fechou a mão dela.

— Não, por favor — disse ele, recusando-se a receber o colar de volta. — Ele é seu. Sempre será seu.

Num momento de desalento por saber que não estariam mais juntos, Danielle tocou aquele rosto tão amado, enquanto John segurava sua outra mão como se não quisesse soltá-la nunca mais. Acariciou o rosto dele lentamente e o viu fechar os olhos ante o contato inesperado, mas tão reconfortante e prazeroso. Danielle, sem pressa alguma, experimentou a sensação de senti-lo seu por uma última vez, como se quisesse gravar na memória cada detalhe de sua expressão.

— John, eu nunca vou te esquecer — ela disse, com lágrimas marejando seu olhar. — A vida é assim mesmo. Às vezes, nos dá uma rasteira. Levantamos e seguimos em frente. É o que se espera de nós. Quando tudo isso estiver terminado, eu vou voltar para a vida que eu levava antes e vou me esforçar para ser feliz sem você. Com o passar do tempo, posso conseguir. Espero, do fundo do meu coração, que você seja feliz e que se permita amar e confiar sem reservas.

Ela se aproximou dele e depositou um beijo em seu rosto. John sentiu o gosto de adeus naquele toque, quando ela libertou gentilmente a mão e deu as costas.

— Por favor, Danielle, não faça isso conosco. Não se afaste de mim — tentou argumentar, vendo-a alcançar a porta.

Ela se virou por um instante.

— Foi você quem me afastou, John.

E, assim, ele a viu sair da sala, temendo que também saísse de sua vida.

Danielle caminhou o mais rápido que pôde e, entrando no quarto de Peter, abraçou-o, permitindo-se chorar na segurança de seu abraço. Ele viu Bruno sair educadamente e deixá-los a sós. Peter esperou que ela se acalmasse e, à medida que os soluços cessavam, ele perguntou, acariciando seus cabelos:

— O que houve, Danielle? Me diga — pediu preocupado, embora já imaginasse a razão do choro.

— Acabou tudo, Peter — disse, afundando o rosto no peito dele. — Não há mais volta.

A JUSTIÇA SENDO FEITA

— Como pôde fazer isso comigo, Sven? Meu próprio sangue. Percebe o que fez? Destruíu a minha vida. Eu odeio você! Odeio você! O papai vai acabar com você quando descobrir o que fez! — gritou Helene, em meio às lágrimas, para o irmão.

Ela passava por Sven algemada e esperneando, sendo literalmente arrastada pelos policiais que a seguravam. Em nada lembrava a imagem da elegante e esnobe dama da sociedade. Sven se resignou a franzir a testa diante do comportamento humilhante da irmã, mas voltou a atenção ao depoimento que havia sido entregue a ele pelo taquígrafo. Ele leu todo o documento com atenção e, em seguida, assinou o papel.

— Está tudo correto, tenente Bruno — Sven apertou a mão do oficial. — Como eu havia dito antes, acredito que minha irmã está desequilibrada e, por isso, aceitei testemunhar em troca de uma internação psiquiátrica após avaliação médica.

— Garanto que a Sra. Helene Heinz será encaminhada para avaliação e, sendo constatada perturbação mental, será submetida a tratamento pertinente à condição dela — disse o policial, passando a mão pela barba e entregando o documento à sargento Silvia, que saiu da sala. — Mas gostaria de lhe fazer uma pergunta de cunho pessoal, Dr. Sven.

— Pois não?

— Por que decidiu denunciar sua irmã? — quis saber o tenente.

— Não compreendendo sua surpresa — respondeu, sentando-se. — Nada mais natural do que honrar o bom nome da minha família. Consultei meu pai e ele concordou que essa era a atitude lógica a tomar. Minha família tem a reputação de zelar pela manutenção da ordem e da lei, doa a quem doer. Como oficial de justiça e filho de um desembargador, apenas demonstrei que ninguém está fora do alcance da lei. Quando minha irmã quis me manipular para publicar aquela fotografia, com a intenção de prejudicar a Srta. Nunes, eu já havia ficado sabendo do testemunho do Dr. Peter, que provou a inocência da moça. Assim, eu apenas a confrontei. Helene me revelou como, junto a *Herr* Edgard, planejava matar John Hauser.

O tenente Hessman se impressionou com a ausência de emoções do homem parado a sua frente, que não pareceu sequer sensibilizado ao ver a irmã ser presa.

Mas percebeu como, deliberadamente, ele não tinha mencionado as vantajosas relações comerciais entre sua família e o Hauser *Gruppe* como uma das razões para entregar Helene.

— Quais providências serão tomadas quanto a Edgard? — quis saber Sven.

O delegado Antunes antecipou-se e foi, pessoalmente, falar com o juiz Sérgio para expedir um mandado de prisão preventiva. Mas, diferentemente de Helene, que confessou o crime, foi requerido a Sven um depoimento assinado, a fim de justificar a causa provável para a expedição do mandado. A sargento Silvia foi levar o documento ao fórum naquele mesmo momento.

Nesse instante, John Hauser chegou, acompanhado pelos agentes Ricardo e André, que haviam ido até a mansão Hauser dar a notícia da morte de Ana Clara. John decidiu ir ele mesmo ao endereço em que estavam hospedados os pais da moça, desde que haviam saído da mansão para dar a notícia. Luíza e João, como era de se esperar, reagiram com desespero e dor. O tenente Hessman expressou suas condolências e disse a eles que estavam seguindo uma suspeita de que outro agente infiltrado seria o responsável por aquele crime. Já havia uma investigação em andamento para confirmar um possível nome. Mas nada do que disse tornou menos duro para aquelas pessoas humildes, que haviam dedicado suas vidas à criação de sua única filha, irem ao IML para reconhecer o corpo sobre a bancada. Todos os sonhos de um futuro melhor para ela morriam junto com Ana Clara.

John pediu que Bruno consultasse *Fräulein* Evelise e providenciassem tudo o que fosse necessário para o funeral da moça. O motorista saiu, levando João e Luíza para iniciarem os procedimentos. Sven se mostrou indiferente a tudo o que presenciou e não manifestou nenhuma empatia quanto à comoção da família da jovem assassinada. Mas, a pedido do tenente Hessman, aguardou John Hauser retornar à sala do policial.

— Edgard... matou meus pais? — aquela nova revelação caiu como um raio sobre John. Ele observou as feições inexpressivas de Sven e viu a foto que o irmão de Helene havia trazido sobre a mesa.

Ricardo e André se entreolharam e pareciam muito surpresos, conectando sem dificuldades todas as ações criminosas de Edgard. Ainda assim, os dois agentes acharam prudente apenas ouvir, naquele momento. John parecia tentar assimilar todas aquelas informações avassaladoras com as quais tinha sido golpeado em um único dia. Sua própria vida parecia estar ameaçada há muito tempo. Suspeitava da ganância do tio, mas saber que ele tinha sido o responsável pela morte dos pais foi de tal modo assombroso que John precisou se sentar. Tudo para estar à frente da empresa. Dinheiro e poder eram tudo o que parecia

importar para Edgard. Para ter o que queria, tinha sido capaz de planejar a morte do próprio irmão e da cunhada, mãe de John. E teria conseguido matá-lo também, caso John não tivesse fugido do cativeiro. O envolvimento de Helene explicava a programação de tortura à qual tinha sido submetido. Logicamente, havia vindo dela a ideia de fazê-lo padecer de sofrimento antes de morrer. Agora, porém, ela estava atrás das grades.

— E quanto a Edgard? Ele já foi preso também? — quis saber John, levantando-se e sentindo ódio se avolumar em seu peito ao lembrar-se de como Edgard tinha acusado Danielle de estar envolvida no crime, apenas para desviar a atenção da suspeita que pairava sobre si mesmo.

— Infelizmente, ainda não conseguimos localizá-lo. É nossa prioridade no momento. De acordo com o testemunho do Dr. Sven, foram essas também as razões para os dois homicídios ocorridos no passado, como também para o seu sequestro e a tentativa de homicídio. O testemunho dele foi exigido para fundamentar o mandado de prisão preventiva e já foi levado para o fórum — esclareceu o tenente Hessman.

— Como minha presença não é mais necessária, estou indo embora — falou Sven, com um breve aceno de cabeça e deixando o seu cartão. — Aqui estão meus contatos — e, dizendo isso, saiu.

O agente André fechou a porta. Ricardo se aproximou de John e mostrou-se solidário, colocando a mão em seu ombro.

— John, agora que estamos apenas nós quatro, queremos compartilhar algo muito sério com você — disse Ricardo.

John massageou as têmporas por um momento e sentou-se de novo. *O que há ainda, que eu não saiba?*, pensou ele.

— Sr. Hauser, estamos armando uma armadilha para capturar o suspeito da morte de Ana Clara — disse André, virando-se para o tenente Hessman, que abaixou a cabeça, parecendo triste naquele momento.

— Quem vocês acham que é o culpado? John queria saber quem era o outro policial corrompido pelo tio.

— Culpada, Sr. Hauser. Infelizmente, culpada — a voz grave do delegado Antunes fez com que John se voltasse para a porta, vendo-o entrar na sala. Atrás dele, algemada, vinha a sargento Silvia Becker.

O tenente Hessman encarou a parceira, demonstrando toda a sua decepção.

— Sr. Hauser, os agentes Ricardo e André revisaram todas as imagens das câmeras de segurança da delegacia do dia do assassinato de Ana Clara e não

encontraram nada de anormal. Cada policial estava escalado em seu posto ou atendendo a algum chamado, o que confirmamos à exaustão, para que não houvesse dúvidas.

Olhando para André, John indicou que prosseguisse.

— Desse modo, voltamos nossa atenção para os visitantes dos detentos daquele dia. Também nada de mais foi registrado nas imagens. Encerrada a visita, os presos estavam nas celas e os policiais escalados estavam desempenhando suas funções. Nada de incomum. Contudo, por sugestão do delegado Antunes, solicitamos acesso às câmeras de segurança em um raio de até cinco quilômetros do distrito e aí, sim, encontramos algo que chamou nossa atenção. No dia da morte de Ana Clara, a sargento Silvia estava de folga, mas ela se encontrou com um homem em um bar reservado, a cerca de quatro quilômetros daqui. Este homem — disse ele, mostrando a imagem em que se via a policial sentada, conversando com um homem de boné.

— Schneider? — John achou o perfil parecido com o do bandido, mas a imagem abria margem para dúvidas.

Passando as mãos pelos cabelos, John perguntou:

— Quando tiveram certeza de que ela estava enganando a todos nós?

— Com Schneider e Batista ainda foragidos, conseguimos autorização para grampear o telefone da sargento Silvia por conta dessa imagem. Porém, hoje, depois de Sven delatar a irmã, entreguei à sargento Silvia uma cópia do depoimento para que levasse ao fórum, onde o delegado Antunes a aguardava apenas para expedição do mandado de prisão de Edgard Hauser — disse o tenente Hessman.

— Exato. Mas adivinha para quem ela telefonou quando estava sozinha, a caminho do fórum? — perguntou André, embora a resposta já estivesse clara como água.

John pareceu enfurecido e, voltando-se para a sargento Silvia, disse, alterando o tom de voz:

— Como pôde ser capaz de trair Danielle dessa forma? Trair seu juramento? Ela confiava muito em você. Todos confiávamos. Foi por dinheiro, claro. Espero que tenha valido a pena vender sua integridade.

O tenente Hessman tinha apenas uma pergunta a fazer à mulher que tinha sido parceira dele ao longo de quase quatro anos.

— Por quê, Silvia?

Silvia Becker permaneceu em silêncio, pois conhecia bem o seu direito de

ficar calada. Ela os encarava sem demonstrar arrependimento algum. O tenente Bruno Hessman ainda tinha esperança de que ela apresentasse uma justificativa para estar se encontrando às escondidas com o sequestrador. Uma justificativa que nenhum deles, até ali, enxergava.

— André, você poderia conduzir a prisioneira à cela? — pediu o delegado.
— Assim, ela começa a se acostumar com a ideia de que ficará atrás das grades por muito tempo.

Sob o olhar decepcionado do tenente Hessman, Silvia foi levada.

— Hessman, sei exatamente o que está sentindo — falou o delegado, vendo como o policial tinha ficado abatido com a traição da colega, da mesma forma como ele próprio havia se sentido a respeito do agente Batista. — Mas a participação da sargento Silvia confirma o que Jorge e Rui disseram sobre o mandante ter olhos e ouvidos onde fosse conveniente — concluiu, recordando-se do que os sequestradores haviam revelado, antes de morrer.

— A partir dos registros telefônicos, porém, descobrimos que o envolvimento dela teve início após a prisão dos sequestradores — esclareceu o agente Ricardo. — O que significa que, de fato, Danielle salvou a vida da sargento Silvia, atirando em Rui na noite da festa de formatura. Ele teria matado as duas, se houvesse tido oportunidade.

— É mais um motivo para eu não compreender por que ela nos trairia assim — disse o tenente Hessman, sentado atrás de sua mesa com uma das mãos apoiada no tampo.

O delegado Antunes estendeu ao tenente o extrato de uma conta bancária no exterior, em nome da sargento Silvia.

— Ela teve três milhões de motivos.



OFENSAS, DESENCONTROS, MAS TAMBÉM ESPERANÇA

— Hauser *Gruppe*, senhora — disse o motorista.

— Obrigada — respondeu Danielle, sorrindo. Ela olhou para o edifício imponente à sua frente e desceu do táxi, acompanhada pelos agentes Ricardo e André, que puderam retornar a garantir a proteção dela sob a concordância do delegado Antunes.

Danielle mal tinha dormido depois de ficar sabendo de tudo o que Sven havia revelado. Passava de 22h quando os agentes foram ao hospital, na noite anterior, e contaram a ela sobre todos aqueles desdobramentos na investigação. Ela ouviu tudo, mas apenas pensava em John. Em como ele devia estar sofrendo. Em como queria poder estar ao lado dele. Ele precisava saber que não estava sozinho. Ela se sentia impelida a ignorar a mágoa que sentia e a oferecer seu apoio àquele homem, o mesmo homem que significava tanto para ela.

Apesar de o agente Ricardo assegurar que Hugo e Letícia estavam com John, ela decidiu ir imediatamente à mansão Hauser. Mas ainda havia Peter e, por ele, precisava agir com bom senso. Não queria deixá-lo sozinho e sem assistência, de qualquer forma. Tendo isso em vista, pediu ajuda da Dra. Evelyn naquela manhã, e ela se comprometeu a ir ver Peter de tempos em tempos, apesar de ele afirmar que não era preciso. O próprio Peter havia manifestado o desejo de ir ver o amigo pessoalmente, mas a Dra. Evelyn havia sido categórica, lembrando-o da promessa que ele havia feito quanto a seguir rigorosamente o tratamento, o que também significava “nada de excessos” e “nada de fugas do hospital”.

Agora ali estava Danielle, de frente para a empresa que levava o sobrenome do homem que significava tanto para ela. Viu Ricardo pagar a corrida e procurou, em sua bolsa, pelo celular, mas se lembrou que o havia deixado carregando na sala de médicos, onde tinha ficado conversando com a *Dr.^a Evelyn*, enquanto Peter fazia um exame, naquela manhã. Exasperou-se por seu esquecimento e fechou a bolsa, seguindo um pouco receosa diante da grandiosidade de tudo ali.

— Ricardo, você pode ligar para o John? Esqueci o celular. Que raiva de mim mesma! — pediu ela, nitidamente chateada.

— Fora de área, Danielle — respondeu ele, insistindo na ligação, mas sem

sucesso. — Vamos à recepção e pedimos para que te anunciem.

Ela consentiu e cruzaram o hall de entrada a caminho da recepção ampla, por onde circulava um grande número de pessoas. Executivos em seus ternos escuros, seguidos por suas secretárias. Mulheres, em seus vestidos e *tailleurs* em tons predominantemente cinza e preto, conversavam com seus pares e seguiam rumo aos elevadores. Funcionários trajando uniformes com o logo da companhia transitavam, carregando pacotes. Agentes de segurança observavam, atentos, todos que entravam e saíam daquele espaço.

Danielle sentiu-se pouco à vontade naquele universo acelerado do mundo dos negócios, onde todos pareciam estar correndo para cumprir um compromisso e mal olhavam para quem estava ao lado. Um ambiente bem distinto da quase informalidade do mundo acadêmico ao qual estava habituada. Tudo naquele lugar denotava *status* e poder.

— Bom dia. Em que posso ser útil? — perguntou uma recepcionista com um sorriso discreto no rosto e cheia de sardas nas bochechas e no nariz.

— Olá... Íris — disse Danielle, lendo o nome da jovem de cabelos pretos presos em um rabo de cavalo. Danielle sorriu. — Tudo bem?

— Vou bem, obrigada — respondeu a moça, estranhando o tratamento incomum ao qual não estava habituada ali. Sorriu de volta, agora menos timidamente. — E você?

— Eu também vou bem — disse Danielle, sorrindo. — Eu vim conversar com o Sr. John Hauser. Como devo proceder?

A moça esboçou uma expressão de surpresa e, por um instante, olhou para um jornal, onde a foto de Danielle ocupava uma das manchetes. Olhou de volta para ela. Danielle apenas assentiu. Tinha percebido que era reconhecida.

— Vou encaminhá-la imediatamente. Me desculpe, eu não a reconheci e...

Uma outra atendente, ouvindo o nome do presidente da companhia ser mencionado, aproximou-se. Diferentemente da outra, esta mantinha um sorriso artificial no rosto.

— Pode deixar que eu assumo daqui, Íris — disse ela à moça simpática.

— Bárbara, você não entendeu. Essa moça é a namor...

— Eu disse que pode deixar! — interrompeu a moça, sem elevar o tom de voz, mas com um olhar intimidante para a mais jovem.

— Com licença — disse a primeira, chateada pelo tom enérgico que a outra usava e cedendo o lugar.

A nova mulher percorreu, com os olhos, a figura de Danielle de alto a baixo. Observou também Ricardo e André, mas preferiu ignorá-los por completo.

— A senhora tem hora marcada com o Sr. Hauser? — perguntou a bela mulher, com seus cabelos presos em um coque alto e trajando um terninho que caía muito bem.

— Na verdade, não — disse Danielle. Tinha pensado que não seria necessário. — Mas garanto que não vou demorar mais de dez minutos. Será uma conversa bem rápida.

— Qual seria o assunto a tratar? — perguntou ela, após um suspiro.

— Bárbara, é um assunto particular. Poderia fazer a gentileza de me anunciar?

— Com licença — disse uma voz que Danielle reconheceu. Voltando-se, viu Klaus, parado, segurando uma pasta de documentos.

— Bom dia, Sr. Heinz. Em que posso ajudá-lo?

Danielle respirou aliviada e esperou que Klaus esclarecesse o pequeno engano.

— Acabei de passar pelo corredor em frente aos elevadores e alguém derramou café logo no acesso. Providencie a limpeza com urgência.

Danielle olhou para o homem loiro e, depois, para os agentes, que compartilhavam da indignação. Klaus simplesmente os ignorava e, fingindo não os conhecer, já ia dando as costas.

— Sr. Heinz, acredito que não viu a Srta. Nunes parada bem à sua frente. Ela veio falar com o Sr. Hauser e está tendo dificuldades — disse o agente Ricardo, obstruindo a passagem.

— Sinto muito, mas não conheço essa mulher — foi a resposta dele, colocando os óculos escuros.

— Talvez o duro choque pela prisão da Sr.^a Heinz tenha afetado sua memória. Diante de uma notícia devastadora como essa, é compreensível não conseguir perceber o mundo ao seu redor — rebateu Ricardo.

— Não ouse falar de minha esposa, ou farei com que se arrependa. Digo e repito, não conheço essa mulher, porque não tenho o hábito de me relacionar com pessoas negras — disse, enfatizando bem a última palavra.

Danielle deu um passo à frente, mas André a impediu. Ela respirou fundo e viu Klaus deixar o prédio, seguido pela própria assistente.

Danielle voltou-se novamente para Bárbara.

— Peço por gentileza que ligue para o escritório do Sr. Hauser e diga eu gostaria de conversar com ele — repetiu, pausadamente, cada palavra, para se acalmar. Não imaginava que teria de enfrentar aquele tipo de ofensas para conseguir falar com John.

— Sinto muito, senhora, mas o Sr. Hauser não recebe qualq... não recebe ninguém sem hora marcada — reiterou a moça. — Sugiro que apresente sua oferta de negócio ou o que quer que seja ao setor de triagem e inovações. São eles quem apreciam esse tipo de... projeto.

— Acho que houve um equívoco. Eu não estou interessada em propor nenhum projeto. O que tenho a tratar com John é de ordem pessoal — sua vontade era de dizer que era a namorada dele, mas se lembrou de que já não tinham esse laço afetivo.

— Se por John a senhora se refere ao presidente desta companhia, o Sr. Hauser — disse, frisando cada sílaba —, sinto informar que não há a menor possibilidade de que ele a receba. Como disse que se chama?

— Ela não disse — cortou André, não gostando do tom que a mulher usava com Danielle. — Mas eu te digo, ela se chama Danielle Nunes e é amiga pessoal do dono desta empresa.

Ricardo se sentia tão frustrado quanto o colega, e agora começava a perder a paciência por não poder dar ordem de prisão a Klaus. Não podia pura e simplesmente pelo fato de chamar alguém de negro não caracterizava injúria racial. Apesar do tom que tinha usado, caberia à interpretação do juiz. Naquela cidade, era conhecida a influência do nome da família de Klaus no meio jurídico.

— Então, sendo uma amiga pessoal, é natural que ela tenha o número do celular do Sr. Hauser — disse a moça, com um sorriso pretensioso nos lábios.

— Esqueci meu celular — disse Danielle, odiando a expressão de arrogância no rosto da recepcionista.

— Tentamos ligar de outro aparelho e está caindo na caixa de mensagens.

— Sugiro que o senhor contenha seu tom de voz, ou terei que chamar a segurança — disse a mulher dirigindo-se a André, que agora ria das palavras da recepcionista.

— Pois faça isso e, em alguns minutos, você vai se arrepender do que disse.

— Isso é uma ameaça? — perguntou a mulher, em tom teatral, fingindo-se de ultrajada e chamando os seguranças mais próximos, que já mantinham os olhos voltados para o trio.

— Isso não será necessário — disse Ricardo, em tom apaziguador. — Por que você não liga para a secretária do Sr. Hauser, a Srta. Eduvirges? Ela esclarecerá tudo pra...

— Não me diga o que devo ou não devo fazer. Quem pensam que são? — agora, era a mulher que mostrava perder o domínio próprio.

— Algum problema? — dois seguranças aproximaram-se da ilha de atendimento e se posicionaram ao lado de cada um dos agentes. Danielle não entendeu o motivo de julgarem que eles ofereciam algum risco ali.

— Nenhum problema. Nós somos...

— Claro que há um problema, e um problema sério. Estas pessoas me intimidaram e querem, a qualquer custo, falar com o Sr. Hauser sem hora marcada! — ela disse, elevando o tom de voz e atraindo a atenção de muitos dos que passavam pelo andar térreo.

Íris aproximou-se timidamente e, tocando no ombro de Bárbara, disse:

— Não é nada disso, Bárbara. Você está enganada. Ela é a Srta Nu...

— Cale-se, Íris! Coloque-se em seu lugar de estagiária! Só faltava essa. Você me desrespeitar por causa de uma...

— Uma o quê? — perguntou André, sorrindo, pois gostaria muito de ver o que estava por vir. — Me diga, Bárbara. Uma o quê?

Danielle entendeu na mesma hora a intenção de André e torceu para que aquela mulher agisse com sensatez.

A mulher o enfrentou com olhar altivo e, empinando o queixo, disse:

— Uma pessoa de cor... uma pessoa inferior!

— Peço que, por favor, me acompanhem — disse o segurança, colocando as mãos no ombro de Ricardo.

— E eu peço que você tire as mãos de um agente da lei, se não quiser sair daqui algemado, acompanhando a sua colega Bárbara — disse André, parecendo regozijar-se. Voltou-se para a recepcionista, que não tinha entendido nenhuma palavra. — Bárbara, qual é o seu sobrenome?

— Lafaiete — disse Íris, sorrindo cúmplice, pois sabia bem quem eles eram e, posicionando-se ao lado, não se mostrou mais assustada.

— Sua idiota porque está dando informações pessoais minhas a esses desqualificados? Farei com que você seja despedid...

— Bárbara Lafaiete, você está sendo presa em flagrante delito, com base no Artigo 140 do Código Penal, por injúria racial, e também responderá por

desacato à autoridade — anunciou o agente André, tirando de seu colete o distintivo policial. Ricardo mostrou o seu para os seguranças em seguida, com o mesmo sorriso no rosto.

Danielle e Íris viram a mulher empalidecer subitamente e ficar sem palavras.

— Percebo que já conhece seu direito de ficar calada. Garanto que tudo o que disser poderá e será usado contra você — disse o agente mais jovem. E sussurrou no ouvido de Danielle: — Estou lavando a minha alma.

Virando-se para os seguranças que, de intimidantes passaram a intimidados em uma fração de segundos, perguntou:

— Em que sala poderei aguardar com a Srta. Lafaiete a chegada da viatura? Ou preferem que ela permaneça algemada aqui na recepção mesmo?

— Eu não sabia. Por favor, me desculpe, senhor policial. Eu não tive a intenção.

— Poderá alegar isso na delegacia — disse André, ignorando-a, tal como ela tinha feito com eles. — Até lá, mantenha-se em silêncio.

Não a algemaram para não causar maior alarde e por ela não representar uma ameaça. Seguindo os seguranças, André conduziu Bárbara até a sala da segurança para que aguardassem pela viatura.

— Srta. Nunes — disse Íris, um tanto sem graça. — Sinto muito, mas acabei de falar com a secretária do Sr. Hauser e ele seguiu de helicóptero até São Paulo há pouco mais de uma hora, para resolver uma questão urgente. Mas ela disse que poderá descer imediatamente para conversar com a senhorita.

— Não, Íris está tudo bem — disse Danielle, rendendo-se àquela sucessão de incidentes. — Eu errei, de qualquer forma, vindo até aqui sem avisar antes. Pode pedir a Eduvirges apenas para avisar que estive aqui, e que vou telefonar para ele amanhã?

Ela assentiu com a cabeça e observou Danielle seguir com Ricardo para fora, a fim de pegarem um táxi. André estava decidido a efetuar aquela prisão.

Danielle, no caminho para o hospital, pensou em como estava arrependida de ter decidido ir àquele lugar. Não tinha conseguido nem passar da recepção. Parecia mesmo que ela e John viviam em mundos diferentes. Sua intenção era oferecer algum apoio a John. Não conseguia imaginar como ele deveria estar se sentindo, sabendo que o próprio tio tinha sido responsável pela morte de seus pais. Pelo visto, ele agia como de costume, mergulhando no trabalho até a exaustão para não pensar em mais nada. Tantas revelações aterrorizantes que

pareciam vir em efeito cascata, pensava ela. Danielle ainda não acreditava em tudo aquilo. A sargento Silvia cúmplice de todo aquele crime, Edgard como responsável pelo sequestro de John e, pior: ele também tinha matado o próprio irmão e a cunhada por ganância. Helene presa, por ter sido cúmplice. E infelizmente, o paradeiro de Edgard, Batista e Schneider ainda era desconhecido.

Danielle queria que John soubesse que poderia contar com ela, com sua amizade, pois não conseguia sufocar o sentimento que ainda estava presente em seu coração. Apesar de se manter firme quanto a não haver reconciliação, queria muito bem a ele. A vida de John sempre havia sido tão difícil, e ela não queria que ele sofresse mais. Quis chorar, mas resistiu. Precisava ser forte. Respirou fundo e sentiu Ricardo segurar sua mão, com gentileza. Ela sorriu tristemente para o amigo. Fechou os olhos. Odiava aquela sensação de náusea que nunca ia embora. *Que bom que, logo, estaria no hospital e poderia saber do resultado dos exames de Peter*, pensou. Já sentia falta da companhia dele. Não gostava de ter que deixá-lo, mas tinha sido preciso. e Peter, como sempre, a tinha incentivado a apoiar o amigo.

Peter..., pensou ela, sorrindo. Ele era seu porto seguro naquele mar de traições e sofrimento. Ao lado de Peter, ela conseguia sentir esperança. Esperança de que tudo aquilo terminaria bem.



HORA DE SEGUIR EM FRENTE

Danielle acordou repentinamente. O sono a havia vencido, pelo visto. Tinha passado a tarde em uma luta contra seu estômago e sentia-se fraca. Pensou em John, em Peter, na traição da sargento Silvia, em quem havia sido tão fácil confiar. Pensou em como sua primeira impressão a respeito do tenente Hessman estava errada e, por fim, pensou em Letícia. Em como a amiga deveria estar abalada com a revelação sobre o pai. Ficou feliz por Hugo estar sempre zelando pela irmã. Letícia não enfrentaria aquele golpe sozinha.

Refletiu muito no decorrer do dia sobre tudo aquilo que estava acontecendo com eles, e desejou poder sumir e esquecer-se de toda a dor que tinha experimentado naqueles meses. Queria deixar o sofrimento e aquela angústia constante da incerteza da captura dos criminosos para trás. Mas uma memória se acendeu em sua mente e recordou-se da última vez em que tinha fugido por não conseguir enfrentar a realidade: Maurício. Ele tinha roubado anos de sua vida. Ela havia conseguido superar com o tempo, e agora era uma pessoa mais forte. Não permitiria que mais ninguém tivesse tanto poder sobre sua vida e sobre seu futuro novamente.

Queria poder ser capaz de retomar o controle da própria vida, contudo, não conseguia se sentir nem no controle de suas emoções. Estava sensível demais. Não se reconhecia como aquele ser suscetível àquela instabilidade de sentimentos, e isso a incomodava muito. Queria ser senhora de si de novo. Queria o aconchego de sua casa, o abraço da mãe, o prazer de voltar a dar aulas. E, de todas as mudanças em sua vida e em suas perspectivas de futuro, a que mais a atormentava naquele último mês era não entender por que se sentia diferente em relação a Peter. Sentia que o respeito e o carinho que nutria por ele transformavam-se em algo mais. Recriminava-se por isso. Sentia-se leviana com o amor que tinha por John. Não era certo se sentir daquela forma, mesmo com Peter dizendo que a amava. Ele era o melhor amigo do homem por quem era apaixonada.

A proximidade com Hugo nunca tinha parecido confundi-la. Discernia bem a enorme ternura que sentia por ele. Hugo era lindo. Isso era incontestável e sabia que, no fundo, ele não era somente o boêmio conquistador que aparentava ser para os outros. Ele era um homem nobre. Um homem justo e bondoso. Mas ele era, acima de tudo, um amigo. Mas era um fato que, já há algum tempo, Danielle tinha deixado de ver Peter apenas como um amigo. Começava a se

considerar uma pessoa ruim pelo que sentia.

Será possível que o que eu sinto por John é tão volátil assim?, pensou, sentindo-se envergonhada de si mesma. Chorava baixinho, enfiando o rosto no travesseiro para não incomodar o outro ocupante daquele quarto. Peter notou como Danielle estava agitada e que não conseguia dormir direito. Ele também havia perdido o sono. Agora, ouvia o choro abafado e estava indeciso se deveria oferecer algum conforto a ela. Tinha percebido a forma como ela havia tentado evitá-lo ao longo do dia, mas apenas optou por dar espaço.

Tudo na vida de Danielle havia perdido a forma. Sua vida tinha saído dos trilhos e era natural que houvesse momentos como aquele, em que quisesse se isolar um pouco de tudo, da forma como fosse possível para ela.

Peter não suportava mais a ideia de que ela sofria com a distância de John. Danielle achava que devia algo a Peter. Queria cuidar dele durante a recuperação, ao mesmo tempo em que resistia a perdoar o amigo médico e a dar outra chance ao que um sentiam pelo outro. Peter não queria ser a justificativa para a infelicidade dela. Isso o destruiria aos poucos. Muito menos pretendia ser a razão para que seu amigo não tivesse a mulher que amava a seu lado. Decidiu intervir, pelo bem das pessoas que mais amava na vida.

Danielle estava deitada no sofá-cama do quarto. Ele, então, levantou-se e tentando não fazer muito barulho, parou ao lado dela. Sabia de tudo o que tinha acontecido naquela manhã e do desencontro dos dois. Também sabia de como Klaus havia se omitido.

Ricardo e André tinham contado tudo. Peter sempre havia tido uma forte suspeita sobre a suposta amizade que KLAUS mostrava por John. Algo que a medicina havia ensinado a ele era ler o temperamento e a índole humana. Por isso, nunca tinha confiado em Klaus, mas guardara para si essa opinião.

Peter congratulou André por ter sido firme diante da atitude da recepcionista. Ataques racistas não podiam ser ignorados, tratava-se de um crime inafiançável.

Peter percebeu como Danielle tinha passado mal durante quase o dia todo e sabia que os acontecimentos do dia haviam contribuído para piorar seu mal-estar que, ultimamente, parecia recorrente. Como um estalo, uma ideia surgiu na mente do médico.

Será?, pensou ele, parado ao lado dela. Aquela dúvida pareceu se infiltrar em sua cabeça e ele daria um jeito para descobrir se havia fundamento assim que amanhacesse.

— Danielle — chamou ele, tocando seu ombro. Ela se virou, secando o

rosto rapidamente.

— Peter. Está sentindo alguma dor? O que houve?

— Calma — disse ele, sentando-se a seu lado. — Estou bem, mas sei que você não está. Ainda sentindo os enjoos?

Ela fez que não com a cabeça.

— Está assim por causa de John, não é mesmo? Está preocupada com ele.

Ela assentiu, pois era parcialmente verdade. Sentiu-se feliz por ter Pedro ali, a seu lado.

— Peter, por que ele não me ligou? Eu pedi a Eduvirges para que desse meu recado. Mas não entendo por que ele não ligou...

— Eu tentei telefonar para ele algumas vezes enquanto você dormia à tarde e não consegui. Soube que ele chegou bem em Florianópolis, mas que estava tratando de um assunto urgente e que entraria em contato assim que fosse possível. Falei com o tenente Hessman, que está cuidando pessoalmente da segurança dele agora.

Peter observou como ela parecia frágil. A iluminação difusa não permitia que eles se vissem claramente, mas ele decidiu mantê-la como estava, pois sabia que ela ficaria sem graça por ter chorado.

— Danielle, ele não deve ter recebido o recado. Eu sei disso. Ele ama você e, em nossas conversas, quando você propositadamente some, até ter certeza de que ele se foi, John só fala de você. Me pergunta as mesmas coisas sempre: quer saber como está, o que faz para se distrair, se dorme bem, se tem se alimentado. Isso porque ele notou que você emagreceu. Eu sei de tudo o que ele fez e o confrontei quando ele mesmo me contou a forma estúpida como agiu com você — disse, acariciando o rosto dela. — Mas eu o conheço. Ele está perdido. Apesar de tentar manter o equilíbrio, ele sente muito a sua falta. Ele errou. Foi algo muito grave. Mas será que não perdoá-lo não vai significar o fim do futuro que poderiam ter juntos? Sua felicidade e a dele não deveriam pesar na balança mais do que qualquer outra coisa? Eu queria pedir que você desse uma segunda chance a ele. Assim, vai estar dando uma segunda chance ao amor de vocês. A tudo o que compartilharam desde o dia em que se conheceram.

— Como você pode ser tão generoso assim, Peter? — perguntou ela, tocando-o no rosto com doçura. — Você nunca pede nada pra si mesmo. Você é a pessoa mais pura de coração que eu conheço.

— Não sou, acredite. Eu travo uma batalha comigo mesmo por querer você pra mim — disse, sendo honesto. — Mas eu sei que jamais seria plenamente

feliz às custas da infelicidade de outra pessoa. E, em se tratando de vocês dois, eu farei tudo que estiver ao meu alcance para garantir que sejam felizes, porque vocês merecem — disse, sorrindo.

Ela o abraçou, chorando. Estava emocionada com suas palavras.

— Eu decidi viajar depois que tiver alta — revelou Peter, e ela imediatamente buscou seu olhar em meio àquela penumbra.

— C-Como assim, Peter? Férias? — quis saber ela, temerosa por saber que ele se afastaria em breve.

— Na verdade, eu sempre admirei o trabalho voluntário dos Médicos Sem Fronteiras e acho que seria o momento apropriado para contribuir com essa organização — ele apresentou sua intenção aos poucos, para que ela compreendesse suas motivações. — Eu tenho um amigo que trabalha com logística de suprimentos e medicamentos na Síria e...

— Peter, não! — desesperou-se Danielle, ao ouvir a referência àquele país. — Você não pode ir para um lugar como esse, onde só se respira tragédia e onde a guerra nunca chega ao fim. Só se ouve falar em estatísticas de mortos e feridos. É impossível viver em um lugar assim — alarmou-se ela, agarrando com força os braços de Peter, como se para prendê-lo ali e dissuadi-lo de concretizar aquela empreitada.

— Mas é por existir lugares assim que instituições como essas são necessárias, Danielle. Sabe disso.

— Mas eu não quero que *você* coloque sua vida em risco, se pode evitar. Você...Você pode fazer algo aqui no Brasil mesmo. Há muitos lugares em que um bom médico como *você* é necessário e... — ela parou de falar ao notar que ele desviava o olhar dela.

Entendia o motivo de ele cogitar agora ir para um destino tão incerto: ela era o motivo.

— Eu pretendo submeter meu nome ao recrutamento assim que tiver condições físicas para o trabalho novamente, mas o destino será decidido pela organização. Queria pedir uma coisa a *você*, para que eu possa focar apenas em prestar assistência a quem precisar de mim quando chegar lá.

Danielle já sabia o que ele pretendia pedir, mas mesmo assim decidiu ouvir.

— Seja feliz, Danielle. Tente esquecer de tudo que impeça sua felicidade. O tempo cura todas as feridas. Acredite em mim — disse, colocando a mão no rosto dela e sentindo uma lágrima cair em sua própria palma. — Perder alguém que amamos quando a vida nos priva daquela pessoa é uma dor sem tamanho,

mas não está em nossas mãos mudar o que aconteceu — disse ele, lembrando-se de seus pais e da dor que sentiu ao ter que enfrentar a vida sem eles ao seu lado, da mesma forma que imaginava que seu amigo John tinha se sentido.

Peter fez uma pequena pausa antes de continuar,

— Mas perder alguém que se ama por deixar que a mágoa supere o perdão nos traz apenas uma certeza: a da culpa que vai nos acompanhar para o resto da vida, quando não pudermos mais mudar a situação.

Danielle agarrou-se a Peter e chorou. As palavras dele tocaram profundamente o seu coração. Não conseguia dizer uma palavra sequer e ele mostrou que não era preciso. Apenas a abraçou de volta. Para ele, não havia nada que se comparasse à felicidade que experimentava quando a tinha nos braços. Se recordaria daquele momento quando não pudesse mais estar ao lado da mulher que amava tão profundamente. Faria qualquer coisa para que ela tivesse a chance de amar e ser amada.

Aos poucos Danielle foi se acalmando e acabou pegando no sono segurando a mão de Peter. Ele também adormeceu. E ficaram, ali, deitados. Danielle repousando a cabeça sobre o ombro de Peter e ele com o rosto voltado para ela. Vencidos pelo sono, não notaram o homem de terno escuro que entrou no quarto e ficou a observá-los dormir de forma tão entregue nos braços um do outro e de mãos dadas.

John ficou ali, imperturbável, sem saber por quanto tempo. Não queria tirar conclusões precipitadas. Mas a claridade da porta entreaberta permitia que visse bem o que estava implícito diante dele.

John viu amor e confiança naquele sono inofensivo e até ingênuo, mas, ao mesmo tempo, repleto de significado. Pensou em como tinha ficado feliz por ouvir as mensagens de sua secretária, ao voltar. Havia ido com o tenente Hessman, o delegado Antunes e os agentes da força-tarefa da investigação atrás de uma pista que haviam recebido, e que tinha determinado a captura de Schneider e do ex-agente Batista. Eles haviam decidido que, quanto menos pessoas soubessem, maior a chance de terem êxito, e assim foi. Mas todo o prazer que tivera ao saber que já não eram mais uma ameaça pareceu perder um pouco do brilho naquele momento.

John caminhou até os dois e, pegando uma manta sobre a cama de Peter, cobriu o amigo e Danielle antes de partir. Por mais que fosse duro para ele admitir, era hora de seguir em frente.



GRÁVIDA

O tenente Bruno Hessman foi até o hospital conversar com Danielle e Peter e comunicá-los do sucesso da prisão de Schneider e do ex-agente Batista. Uma denúncia tinha garantido a efetivação das prisões e, lógico, a recompensa milionária ofertada por John tinha tido óbvio peso naquela equação, também. Os criminosos estavam sendo interrogados pelo delegado Antunes, mas alegavam não saber o paradeiro de Edgard Hauser. Danielle sentiu-se aliviada por aquele sádico estar finalmente atrás das grades, lembrando-se de toda a dor que ele tinha infligido a John. Agora, só faltava Edgard ser preso para que a vida de todos voltasse à normalidade. Se é que isso seria possível algum dia.

Naquela manhã, Danielle decidiu colaborar com a jovem voluntária do banco de sangue. Edna estava perplexa e entusiasmada, pois trinta e oito policiais já haviam doado. Danielle havia pedido ajuda aos agentes Ricardo e André e eles, por sua vez, falaram com o tenente Bruno. Assim, antes do meio-dia, um enorme contingente de policiais, uniformizados ou não, respondeu prontamente. Danielle fez questão de agradecer a todos por atenderem àquele apelo. A Dr.^a Evelyn passou por ela e, aproximando-se, disse:

— Nossa! Que revolução você está realizando aqui — a médica apreciava Ricardo, que levantava a manga da camisa para que a enfermeira comesse a coleta. Ela sussurrou para Danielle: — Tem algum homem que você conheça que não seja um gato, Dani?

Ela riu da presença de espírito da médica, e virou-se quando Edna tocou-lhe o braço:

— Aqui, Dani — disse a moça sorrindo e estendendo-lhe um envelope lacrado.

— O que é isso, Edna?

— Os seus exames. Lembra? Da doação que fez, semanas atrás. Todas as amostras são submetidas à triagem para que se verifique se estão aptas para os potenciais receptores. Fazem os testes para checar contaminações com doenças como hepatite, por exemplo.

— Ah! Tinha me esquecido disso. Você mencionou na ocasião e...

Mas antes que ela pudesse pegar o envelope das mãos da moça, a Dr.^a Evelyn foi mais rápida.

— Vamos ver o que temos aqui — disse a médica, fazendo suspense e

piscando para Ricardo. — Acho que essa sua amostra talvez nem seja considerada válida, porque o *Doc* acha que está anêmica.

Evelyn abriu o envelope e Danielle aceitou a brincadeira sem reclamar. Afinal, uma opinião médica poderia ajudá-la a resolver aquele seu mal-estar insuportável, mas que, felizmente, naquele dia, ainda não havia começado a incomodá-la.

Então observou a expressão de Evelyn mudar, assumindo uma postura mais profissional.

Danielle começou a ficar tensa, notando a mudança na fisionomia de Evelyn. O sorriso no rosto da médica foi se apagando.

— O que houve, Evelyn? — perguntou Danielle, começando se preocupar. — Há algo errado em meus exames?

— Calma, Dani, você está bem. Não há motivo para se preocupar. Fique tranquila, está bem? — garantiu ela.

— Ricardo, eu posso conversar com a Evelyn em particular? — pediu Danielle ao agente, que acabava de concluir a doação e já se colocava de pé.

André colocou a mão em seu ombro.

— Pode deixar que eu a acompanho, Srta. Nunes — disse, pois eram necessários alguns minutos em observação, após a coleta, para evitar possíveis desmaios. — Marco, pode vir comigo?

— Claro — disse o policial uniformizado, acompanhando o agente.

Seguiram a médica.

— Até logo, Edna — despediu-se Danielle, tentando evitar que sua preocupação se estampasse em seu rosto. A moça sorriu e acenou para ela, voltando, em seguida, a registrar os dados dos doadores.

Na sala dos médicos, não havia ninguém naquele momento da manhã.

— Sente-se, por favor — disse a médica, vendo que os policiais fechavam as portas e aguardavam do lado de fora.

— Diga de uma vez, por favor. Estou começando a achar que tenho poucos dias de vida — disse Danielle, tentando brincar com a situação.

— Danielle, não há nada de errado com sua saúde — disse a médica, ainda se mostrando relutante em dar a notícia.

— Mas por que, então, tenho me sentido tão indisposta, Evelyn? Não faz sentido. Há um mês que eu não consigo comer direito. Às vezes, me sinto tão enjoada que nem consigo sentir o cheiro de laranja. Parece que vou me virar do

avesso. O que pode ser então? Eu não entend...

— Seus exames estão ótimos — disse, parando na frente de Danielle e segurando sua mão. — Você está bem, como eu disse. Na verdade, vocês estão.

— Vocês? — perguntou Danielle, rindo. — Eu e Peter?

— Não. Você e o seu bebê.

Aquela palavra ecoou nos ouvidos de Danielle: *bebê*.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes, como se não enxergasse lógica naquelas palavras. Evelyn pensou que ela estava em choque.

— Danielle? Você compreendeu o que eu disse?

Danielle olhou para a médica e para seu relógio de pulso. Evelyn não entendeu por que ela estava preocupada com a hora.

— Danielle? Você está bem?

Danielle ergueu os olhos marejados e, com um sorriso de felicidade misturado com surpresa, apoderou-se da médica. Danielle se jogou nos braços de Evelyn.

— Estou ótima! Mas estou atrasada pra fazer uma coisa... — e, tão depressa quanto a tinha abraçado, Danielle a soltou.

Abrindo a porta, disse ao agente, que também se surpreendeu com a alegria presente em seu rosto:

— André, preciso muito ver o John. Me ajuda?

Ele acenou positivamente com a cabeça frente àquele apelo quase desesperado.

— Está tudo bem, Danielle? — quis saber o agente.

— Está tudo ótimo! — e, dizendo isso, abraçou-o também. Até o policial Marco ganhou um abraço e, mesmo sem entender, abraçou-a de volta.

— Vou avisar o Peter que vou sair e já volto — disse ela, mal dando tempo aos policiais de alcançarem.

— Ei! Vamos com você — André conseguiu dizer, olhando para a médica como se aguardasse uma explicação. Ela deu de ombros, e fez um sinal cruzando os indicadores sobre a boca.

— Sigilo médico-paciente — foi só o que ela disse a André, antes que ele saísse atrás de Danielle.

Evelyn fechou a porta e se sentou. Ficou feliz por ver Danielle tão emocionada. Ela tinha passado por tantas coisas ruins. Merecia algo positivo

acontecendo em sua vida. Mas também sentiu-se um pouco triste por Peter. Agora, a balança estava em desequilíbrio para o lado do colega, pensou. Um filho mudava tudo.

— Peter! — chamou Danielle, entrando no quarto e ouvindo barulho de água. Ele estava tomando banho sozinho e ouvia música, por isso não a escutava.

Ela esperou que ele saísse. Precisava se acalmar. Sua cabeça era, naquele momento, um turbilhão de emoções.

— Grávida — disse Danielle para si mesma, colocando as mãos sobre sua barriga, primeiramente com receio, mas, depois, como se fizesse uma carícia. — John tem que saber — disse, sentindo as lágrimas rolarem de seus olhos enquanto abraçava sua barriga, diante da ideia que, em breve, envolveria com seus braços seu bebê.

Peter, parado à porta, observou a cena e experimentou muitas coisas ao mesmo tempo. Ela seria mãe de um filho de John. Um sorriso surgiu em seus lábios. Experimentou um contentamento que o fez sorrir. Sentia-se feliz por Danielle. Ela era a mulher mais obstinada, doce e sincera que tinha conhecido em toda sua vida.

Nossa! Como a amava!. pensou quando ela se virou para ele. Sem dizer nada, Danielle viu nos olhos de Peter que ele já sabia e o abraçou. Ele retribuiu o abraço. Peter imaginava a alegria de John quando descobrisse. Sentia-se feliz por seu melhor amigo, que tinha sido sua única família durante metade de sua vida, quando ambos não tinham mais ninguém. Agora, John finalmente teria direito a uma família de verdade.



Era sábado. Danielle sabia que John estava em casa. Esmerou-se em se arrumar, porque queria que ele a achasse bonita naquela manhã. Abriu a bolsa e deu uma última olhada no espelho do estojo de maquiagem e sorriu — gostava do que via. Assim que estacionaram em frente à mansão, *Fräulein* Evelise a recebeu. Havia sido a própria governanta quem tinha confirmado que John estaria em casa, quando Danielle telefonou mais cedo.

— Bom dia, Srta. Nunes. Como vai? — perguntou a governanta com um sorriso tímido no rosto.

— Vou bem, *Fraulein*. Espero que você também. Eu poderia falar com John?

— Claro que sim. Fiz como pediu. Não avisei a ele que viria e, como ele não demonstrou intenção de sair, não tive dificuldades de mantê-lo em casa. Ele está no escritório — indicou, solícita, a direção que Danielle já conhecia.

Ela percebeu que a senhora tentava remediar o período de distanciamento. Antes de seguir, segurou a mão da governanta; Evelise a olhou e apertou a mão de Danielle de volta, com gentileza.

— A senhora foi a única mãe que ele teve por muitos anos. Eu entendo que só queria protegê-lo. Acredite, hoje eu compreendo muita coisa que não compreendia meses atrás — disse Danielle, sorrindo e dando um beijo no rosto da senhora.

John estava de pé, parado, em frente à janela panorâmica de seu escritório. Sentia a cabeça doer, resultado da garrafa de whisky que tinha levado para o quarto na véspera, da qual havia bebido metade. Havia passado a noite quase toda em claro, mas agora já estava se habituando a poucas horas de sono. Ficou pensando na noite anterior. No que viu e no que sentiu. Peter e Danielle ocupavam seus pensamentos. John não sabia o que pensar. A intimidade e, acima de tudo, a cumplicidade daquela cena deveria desarmá-lo. Não devia sentir ressentimento ou mágoa em relação a nenhum dos dois. Não tinha esse direito. Danielle e ele não estavam mais juntos. Seguir em frente era o que planejava. Mas por que se sentia traído? Seu coração se recusava a deixá-la partir. Era um sentimento egoísta, mas não conseguiria agir de forma nobre, se isso significasse abrir mão dela. Precisava de mais uma chance.

Só mais uma chance, por favor, pediu, quase em uma prece, olhando para o horizonte. Uma leve batida na porta o tirou de seus devaneios.

— Pode entrar, *Fräulein* — disse John, sem levantar a cabeça. — Do que precisa?

Como não obteve resposta, olhou em direção à saída e a viu. Danielle sorria para ele. Ela estava linda. Sempre estava linda, mas havia algo diferente nela agora. Estava radiante. Ele caminhou até ela e viu Danielle fazer o mesmo.

— Oi — disse ela, a centímetros de distância dele. Sentia o coração bater tão acelerado que não conseguiu dizer muito mais que isso.

— Oi, meu amor — disse John, tocando de leve nos dedos dela. Vendo que Danielle não o repelia, encostou sua testa na dela, acreditando que suas orações haviam sido ouvidas.

Danielle pôde perceber que a respiração dele também estava alterada, e ficou algum tempo apenas apreciando a chance de estar sozinha com John. Percebeu que ele estava usando calça jeans. Era a primeira vez que o via usando um jeans, embora ainda denotasse aquela aura natural de elegância que tinha.

— Esperei por você ontem — disse ela, um pouco triste por ele não ter aparecido.

— Eu...

— Tá tudo bem. Não é uma crítica — garantiu ela, cobrindo os lábios de John com os próprios dedos. — Não importa mais. Nada do que foi dito ou que deixou de ser dito importa.

— Isso quer dizer que você me perdoou? — perguntou ele, esperançoso, analisando a expressão dela e vendo-a confirmar com a cabeça.

Ele não a tomou nos braços, como ela pensou que faria. Apesar disso, ela prosseguiu:

— Eu e o Peter, ontem, tivemos uma conversa importante.

Ao ouvi-la mencionar o nome do amigo, John soltou sua mão, ficando de costas para ela.

— Você e Peter? — perguntou, passando a mão pela barba. Danielle pensou ter ouvido um tom sarcástico na voz dele, mas devia estar enganada. Ela estranhou o fato dele se afastar, mas ignorou. Tinha algo muito importante a dizer. Algo que mudaria a vida dos dois para sempre.

— Sim, John. Eu e o Peter — disse, sorrindo, lembrando-se do coração altruísta do médico e encurtando a distância. — Peter é um homem fantástico. Ontem, ele me fez perceber que é um privilégio amar alguém e ser correspondido. Um privilégio que poucos vivenciam — prosseguiu, ela, sorrindo e tocando o braço dele. — John, eu quero que saiba que perdoo você, porque entendo agora que nada tem mais valor do que a chance de estar com quem se ama. Peter me fez ver isso. E eu vim até aqui pra te dizer que estou muito feliz, porque eu sei que estarei ligada agora para sempre a alguém que conquistou o meu amor — disse, sorrindo para ele.

— Você veio aqui apenas com a intenção de me dizer que me perdoa? — disse ele, sentindo o próprio coração odiar cada palavra elogiosa a Peter.

Danielle o abraçou e, olhando nos olhos dele, revelou:

— Não, John. Vim compartilhar com você a notícia mais feliz e mais maravilhosa que recebi em toda a minha vida: eu descobri que estou... grávida — informou ela, sorrindo emocionada. Tinha os olhos marejados por,

finalmente, ter a oportunidade de contar a ele.

John não esperava por isso.

— Grávida? — perguntou, trincando os dentes.

— Sim. Eu queria que fosse o primeiro a saber, mas não tive como não contar ao Peter antes. Você tinha que ver como ele ficou feliz. Ele me disse que este seria um dia que você jamais esqueceria e que queria muito estar aqui quando você recebesse a notícia, mas ainda está se recuperando e o sistema imunológico dele requer atenção. Ele tem sido um...

— O QUÊ? O QUE ELE TEM SIDO? — gritou John, passando as mãos pelos cabelos.

— John, o que houve? Você não está feliz? — perguntou Danielle, assustando-se e dando um passo para trás ao sentir o cheiro de bebida em seu hálito. Danielle cogitou se John tinha compreendido o que ela havia acabado de dizer, mas, mantendo os nervos sob controle, decidiu ouvi-lo.

— Como eu poderia ficar feliz com uma notícia dessas? Peter estava certo quando disse que eu jamais esqueceria esse dia. E você vem aqui me falar de perdão?

— John, você bebeu? Está preocupado por seu tio ainda estar foragido? Se for isso, a polícia tem realizado um bom trabalho. Será uma questão de tempo para que ele seja capturado. Você vai ver... — Danielle acreditava que o descontrole dele era motivado pelo álcool, mas não permitiria que suposições prevalecessem dessa vez. Tinha que fazê-lo entender por que estava ali. Podia ser a última chance de os dois ficarem juntos e de seu filho ter um pai, uma mãe e um lar feliz. Agiria diferente, desta vez.

Danielle respirou fundo e prosseguiu.

— John, somos adultos. Eu vim decidida a deixar no passado tudo o que nos separou. Você ficou aborrecido comigo porque eu contei antes para o Peter, é esse o problema? Por favor, não vê que nada disso importa? Trata-se de uma vida. Eu sei o que eu quero. Eu quero ser feliz ao lado do pai do meu filho — disse, segurando a mão dele. — É tudo o que eu quero. Compreendi que podemos ser felizes, porque é isso que queremos.

— Isso foi outra coisa que Peter te disse ontem à noite?

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo.

— Parece que a noite foi longa pra vocês.

— Eu tive dificuldades pra dormir, mas por que isso importa? — perguntou ela, buscando os olhos dele. — John, olha pra mim.

Ele fez isso, mas seu olhar ressentido pesou sobre ela.

— O que você entendeu do que eu disse? — tornou ela, como se falasse com uma criança pequena.

— Eu entendi o motivo de Peter ter ido até aquela delegacia naquela noite, arriscando a vida dele daquele jeito.

— Ainda duvida da minha inocência, John? É o que está dizendo? — perguntou ela, encarando-o. Esforçava-se para não entrar na defensiva novamente.

— Não — respondeu ele, com veemência — Sei que as fotos eram falsas e que tudo que afirmou sobre a câmera e sobre o que houve naquele dia no apartamento do Peter foi o que realmente aconteceu.

— Mas então por que estamos falando disso agora?

— Porque só agora entendo a razão de Peter ter feito o que fez. Peter ama você! — disse ele, num só fôlego. As palavras soaram como uma acusação.

— John, eu nunca quis ser responsável por uma desavença entre vocês. O Peter sempre colocou a sua amizade acima de qualquer coisa. Você é a única família que ele tem e...

— Eu gostaria que você fosse embora agora — John se afastou dela quando Danielle não tentou contradizer o que ele tinha afirmado.

— NÃO! — ela reagiu, segurando o braço dele. John se surpreendeu com aquele rompante de raiva presente na voz dela. — Desta vez, não! Eu não vou permitir que você faça isso conosco de novo. Chega de desencontros. Chega de meias verdades. Nem que seja pela última vez, você vai me ouvir — disse ela, odiando que sua voz fraquejava naquele momento.

Ele ficou em silêncio.

— John, me ouça — recomeçou ela e, aproximando-se dele, abraçou-o com amor, para que, assim, ele entendesse. Ouvia os batimentos acelerados do coração de John e isso mostrava que ele não era indiferente ao que ela lhe dizia.

Calmamente, sem afastar o rosto de seu peito, ela continuou.

— Eu vim até aqui pra falar de uma criança. Do nosso...

— Para falar de uma criança que eu não tenho o menor interesse de saber nada a respeito — interrompeu ele e, desta vez, não foi necessário que ele se afastasse, pois a rejeição fez isso por ele.

— Posso saber por quê? — sussurrou ela, indo até o sofá mais próximo e se sentando. Precisava de algum apoio.

— Por quê? — repetiu ele, de pé à sua frente. — Acha pouco eu ser traído por você e por meu melhor amigo?

Danielle finalmente compreendeu.

Ele acha que o filho que eu espero é de Peter?

Danielle se levantou.

— John, nunca houve outro homem — afirmou ela, respirando aliviada. — Esse filho é seu, John.

Ela pôs as mãos na barriga.

— Entende agora? É seu filho. Você acredita em mim?

— Eu vi vocês ontem à noite — disse ele, sem responder à pergunta dela. — Não ouvi de ninguém. Nem vi imagens que podem ser contestadas. Eu vi com meus próprios olhos.

— O quê? Você esteve no hospital ontem? — disse ela, percebendo que nada do que dizia parecia ter significado para ele. A insegurança em seu coração parecia impedi-lo de ver a verdade.

— Eu preciso saber — disse ele, apoiando as mãos nos ombros dela. — Eu entenderia que foi um deslize seu. Seria compreensível. Você deveria estar sentindo sozinha e desamparada, depois de tudo que eu fiz. Mas eu preciso saber a verdade. Você e Peter... dormiram juntos?

Danielle aproximou-se de John e o beijou apaixonadamente. Ele foi pego de surpresa, mas não conseguiu resistir à saudade de estarem juntos de novo. Danielle não suportava mais também. Tudo ao redor deles foi esquecido durante aquele beijo, e mesmo quando enfim os lábios se afastaram, seus corpos ainda permaneceram colados um ao outro. Danielle acariciou o rosto bonito do pai do seu filho e sorriu imaginando se a criança se parecia com John, mas seu sorriso se apagou ao ouvi-lo dizer:

— Me responde, por favor. Você dormiu com o Peter? — sussurrou ele, com os olhos cerrados.

Danielle refletiu sobre um pouco e libertou-se de seu abraço.

— Eu sinto muito pelo que Edgard fez com seus pais, John. Eu sinto tanto, porque algo assim muda qualquer pessoa. E ele conseguiu matar também a sua capacidade de acreditar no que diz seu coração.

Danielle pegou sua bolsa e, sentindo-se vazia naquele momento, apenas disse:

— Obrigada por me receber.

Não iria mais chorar. Já não tinha lágrimas. Esgotou ali suas tentativas para construírem uma vida juntos.



NÃO HÁ MAL QUE DURE PARA SEMPRE

Danielle estava sentada em um dos bancos embaixo de sua árvore predileta no jardim. O ipê rosa estava florido. Era uma profusão da cor, em toda a sua exuberância. *Belíssimo*, ela pensou. Aquele era seu lugar preferido da mansão Hauser. Antes de partir, pediu a *Fräulein* Evelise para passar alguns minutos lá, e a governanta tinha dito que Danielle devia sentir-se em casa.

E agora, com as pétalas caindo, vez ou outra, em cima dela, Danielle se sentia em paz ali. E paz era do que mais precisava naquele momento. Ricardo a observava a uma curta distância. Ele parecia conhecer a psique humana de um modo extraordinário, pois sempre entendia do que a moça precisava, e deu-lhe o espaço de que necessitava para refletir. Não compreendia por que sentia tanta coisa ao mesmo tempo.

— Danielle? — ela viu o policial agachar-se à sua frente.

— Oi, tenente — disse, com o melhor sorriso que pôde oferecer. Mas não devia ter sido convincente, porque ele pediu permissão para sentar ao seu lado e ela mostrou que não havia problema. Não queria companhia, mas não sabia como dizer isso a ele.

— Vocês não se acertaram? — perguntou ele, diretamente.

— Acho que não — respondeu ela, um tanto sem graça para falar de sua vida pessoal com o policial e por não gostar que todos sempre soubessem de cada passo que ela dava.

— As pessoas tendem a dificultar tudo — disse ele, balançando a cabeça. — Não somos propriamente amigos, mas eu sei que vocês têm muita afeição um pelo outro, e não vejo impedimentos para estarem juntos como querem estar.

— Acho que as pessoas tendem a complicar as coisas, mesmo...

— Vocês me fazem lembrar de um casal que conheci há muito tempo atrás — disse ele, olhando para a copa da árvore, mas enxergando para além dela. — Ele perdeu a esposa e, ainda muito jovem, tinha visto a si mesmo como viúvo e pai. Era um homem simples que era responsável por proteger uma dama. Com o passar dos anos, a gentileza e a bondade dela o conquistaram. Ele a amou secretamente por anos, sem nunca ser correspondido. Ela pertencia a outro

mundo e a outro homem. Ele sabia que o marido não a merecia, por ser um homem ganancioso e também infiel, mas se conformou por anos, sem nunca revelar seu amor. Tornaram-se grandes amigos e ela o tinha como um confidente de sua vida solitária, pois o marido se dedicava muito ao trabalho e viajava com frequência. Mas, um dia, ele a levava para casa quando a ouviu chorando, pois havia descoberto a infidelidade do marido e parecia devastada. Ele a consolou e eles se deixaram levar por aquele momento de proximidade e se envolveram. Apaixonaram-se e, daquele amor, nasceu um filho.

Bruno Hessman pareceu refletir um pouco antes de prosseguir, como se rememorasse uma lembrança guardada há algum tempo. Olhando para ela, o tenente continuou.

— Foi difícil para ele ver seu outro filho ser criado por um pai ausente, mas aceitou, porque era a única forma de seus dois filhos crescerem juntos e assim foi por um tempo. Mesmo sem saber que tinham o mesmo sangue, se davam bem e brincavam o tempo todo sob os olhos dos pais verdadeiros. Mas algo assim não ficaria nas sombras por muito tempo, e ele precisou partir para não comprometê-la. Ele a amava demais e, na época, o escândalo poderia fazer com que ela perdesse a guarda da criança. Assim, ele se demitiu, apesar de ela não concordar. Ela disse que se separaria para que finalmente pudessem viver aquele amor.

Danielle ouvia aquela história de amor tão bonita e triste ao mesmo tempo. E quis saber:

— E eles conseguiram ficar juntos afinal, Bruno?

Ele fez que não com a cabeça, apoiando os cotovelos no joelho.

— Ela estava decidida e contou tudo ao marido. Disse que estava apaixonada por outra pessoa e que queria o divórcio. Felizmente, ele aceitou bem, pois suas traições não eram mais segredo para ninguém. O marido concordou, porque também já não a amava mais daquela forma. Apenas pediu que ela o acompanhasse em uma viagem de negócios, e, quando retornassem, eles conversariam sobre os trâmites da separação. O filho não viajou com eles por alguma razão que desconheço, mas a mãe entregou à criança um colar que seu verdadeiro pai havia dado de presente. Pediu ao filho que o guardasse até seu retorno. Era uma jóia simples. Nem podia se comparar às demais que ela possuía, mas era, para ela, a mais valiosa de todas. Mas então houve uma fatalidade, e eles nunca voltaram daquela viagem. E um pai foi obrigado a ver o filho que tinha tido com o amor de sua vida ser condenado a crescer sem saber o quanto era amado, pois o mandaram para longe. Um oceano passou a separá-los.

Viveu o suficiente para vê-lo quando retornou ao Brasil, e viu que tinha se tornado um homem de bem. Parece que só aguardava saber como o filho caçula estava, para poder partir.

Danielle ouviu toda aquela história e foi identificando muitas familiaridades com outra história que haviam contado pouco tempo atrás. Não conseguiu dizer uma palavra até que chegasse ao desfecho.

— Entende o que quero dizer, Danielle? — disse Bruno Hessman, sorrindo para ela. — Os presentes que a vida nos dá precisam ser valorizados. Em uma fração de segundos, tudo pode mudar.

Danielle sentiu sinceridade e dor naquelas palavras. Ela pôs a mão sobre seu ombro, e perguntou, olhando no fundo de seus olhos:

— E os dois irmãos? Eles se conheceram?

— Sim.

— Seria errado dizer que, desde que o meio-irmão retornou, o irmão mais velho acompanhou sua vida do jeito que pôde? — perguntou Danielle, olhando-o compassivamente.

Ele assentiu, e Danielle viu algo que jamais tinha imaginado ver naquela figura tão segura e impassível: uma lágrima corria pelo rosto do tenente Bruno Hessman.

— Por isso você fez questão de acompanhá-lo pessoalmente quando ele foi ao Rio? E está sempre cuidando da segurança de John, Bruno? — perguntou Danielle, já se sentindo emocionada. Como seus hormônios estavam em polvorosa, por conta da gravidez, abraçou-o quando ele confirmou.

— Por isso, eu desconfiei até de você quando nos conhecemos — ele riu, ao se lembrar de que havia considerado o comportamento dela como leviano naquele interrogatório e de como ela o havia colocado em seu devido lugar. Hoje, sua opinião era completamente diferente. — Ele é minha única família, mesmo que não saiba disso — concluiu o policial.

— Bruno, por que não revelou a verdade a ele? Mudaria a vida dos dois.

— Não é tão fácil quanto parece. Eu teria que desconstruir a imagem que ele tinha dos pais que o criaram, e já havia sido tirado quase tudo dele. Ele tem o nome do nosso pai, sabia?

Danielle, com os olhos marejados, disse:

— O seu pai parece ter sido um homem honrado, Bruno. Deve ter partido muito orgulhoso dos homens de bem que seus filhos se tornaram. Mas conte comigo quando quiser revelar a verdade a ele.

Bruno se levantou e beijou a mão de Danielle.

— Vocês têm a chance de serem muito felizes juntos — disse ele, olhando-a nos olhos. — Não desista do que vocês têm, Danielle.

Ela o viu entrar novamente na mansão e, depois de um tempo, levantou-se. Sorrindo para o agente Ricardo, deu a volta no jardim para voltarem ao hospital.

Ricardo assistiu àquela cena à distância, não entendendo por que ela abraçava o tenente Hessman, nem por que pareciam tão emotivos. Mas, como tinha por hábito, guardou sua opinião para si mesmo. A caminho para o hospital, Danielle encontrou um motivo para sorrir, apesar de seu encontro com John não ter sido como havia imaginado. *A vida e suas reviravoltas*, pensava ela. A história que o tenente Hessman tinha contado mostrou a Danielle que ela ainda podia ser surpreendida pela vida. Talvez, diferente do pai de Bruno e da mãe de John, ela pudesse ter um destino junto ao homem que amava. Queria tanto contar tudo a ele, mas aquele segredo pertencia a outra pessoa. Sentia-se renovada em suas esperanças, pois, além de um filho, ela tinha descoberto que a vida dava a John um irmão também.

Semanas depois, Danielle chegou à casa de Hugo acompanhada pelo agente Ricardo, pois André havia permanecido no hospital, em prontidão à porta do quarto de Peter. Viu vários carros estacionados na bela propriedade que ficava no alto de uma colina, o que fazia com que tivesse uma temperatura bem mais fria. Danielle fechou o casaco e observou as poucas pessoas vestidas de preto que se dirigiam à entrada da mansão. Caminhavam em silêncio, pois funerais já eram difíceis por si só, e, com todo aquele pano de fundo que envolvia a família Hauser nos últimos meses, as pessoas que entravam mal se cumprimentavam com um aceno de cabeça ou um breve aperto de mãos.

Danielle estava se sentindo um pouco sonolenta por ter acompanhado as últimas 48 horas de movimentação dos agentes, até que, durante a madrugada, ficou sabendo da queda do helicóptero no qual Edgard Hauser tentava fugir do país. Como a chance de alguém escapar com vida após um acidente aéreo como aquele era mínima, depois de a aeronave explodir, essas chances tinham caído para zero.

Os dois corpos foram encontrados tão carbonizados, que nem pela arcada dentária foi possível fazer o reconhecimento. A polícia reuniu todas as imagens que antecederam à queda e constatou que, de fato, Edgard Hauser tinha embarcado na tarde anterior rumo a Punta del Leste e, de lá, pretendia embarcar em um voo fretado para a Áustria, um dos países da Europa que não havia definido um tratado de extradição com o Brasil. Pelas conversas do piloto com a

torre de controle, conseguidas por meio da caixa preta do helicóptero, localizada no mesmo dia, confirmou-se que havia apenas o piloto e Edgard Hauser no helicóptero, mas não sobrou muito dos corpos para que houvesse um enterro.

Assim, naquela tarde, aconteceria apenas uma cerimônia simbólica e uma lápide seria colocada ao lado do túmulo da mãe de Letícia e Hugo, que havia sido sepultada no jardim lateral da propriedade. Quando Danielle viu Hugo, sentiu uma urgência tão grande de confortá-lo que o abraçou forte, como se quisesse transmitir ao amigo toda a energia possível. Sabia que era difícil ter de enfrentar mais aquele duro golpe na família.

Danielle apenas o abraçou.

A maturidade de Hugo tinha surpreendido a todos naquele último mês. Ele havia dividido o próprio tempo para ajudar os que mais precisavam dele naquele momento: Letícia e John. Também ligava, sempre que podia, para Danielle, para saber dela e de Peter.

— Nossa! Será que agora finalmente a sorte sorri pra mim? Que delícia de abraço, minha rainha. Estava com tanta saudade assim de mim? — brincou ele, segurando-a pela cintura e aconchegando-a ainda mais perto de si.

Danielle disse a Hugo que contasse com ela para o que precisasse. Apesar de ele tentar sustentar a imagem de estabilidade emocional, ela já o conhecia o suficiente para saber que era apenas uma fachada. Ela sorriu para aquele homem tão bonito e que tanto tinha feito por ela desde que haviam se conhecido, e olhou bem no fundo dos olhos do ruivo. Com todo o carinho, beijou-o a face. Sentia que era o momento de retribuir toda a afeição e ternura que ele sempre havia demonstrado por ela. Danielle acariciou o cabelo de Hugo e, não dizendo nada, disse tudo. Demonstrou que sabia como era a dor da frustração de achar que conhecia alguém e ver que estava errado. Ouviu-o dizer, enquanto a estreitava ainda mais naquele abraço:

— Eu estou bem, meu anjo. Não se preocupe comigo — sorriu, querendo parecer forte e compreendendo que ela queria dar a ele alento. — Eu queria estar errado sobre minhas suspeitas sobre Edgard. Por minha irmã, entende?

Danielle assentiu com a cabeça, mas não o interrompeu.

— Letícia está muito fragilizada com tudo isso. Eu queria muito ter motivos para duvidar de que nosso pai era o culpado por trazer tanto sofrimento pra nossa família. E ironicamente, tudo o que ele sempre quis de mim e que eu rejeitei veementemente parece ter se tornado meu destino — continuou ele, não se afastando do contato reconfortante do abraço voluntário dela.

Danielle notou que ele estava vestido de modo mais formal e atribuiu à

mudança à posição que tinha passado a ocupar no Hauser *Gruppe*. Um mês havia se passado desde a revelação de Sven. Hugo, que ia com frequência quase diária visitar Danielle e Peter, sentiu-se compelido a apoiar o primo nos negócios da família, em especial depois de John demitir Klaus Heinz. O agente Ricardo havia relatado a forma como Danielle tinha sido tratada pela recepcionista e como Klaus havia fingido não conhecê-la. Desde então, John e Klaus haviam rompido relações de uma vez. A amizade já estava abalada por conta da prisão de Helene, que entrou com pedido de divórcio assim que foi colocada em prisão domiciliar, voltando a morar na casa dos pais. Mas, após Sabine descobrir, por meio de suas conversas com a suposta amiga, o paradeiro de Schneider e Batista, foi até John e contou tudo a ele, com um discurso de que estava arrependida de ter confiado sua amizade a alguém tão vil como Helene. Assim, Sabine recebeu a recompensa de mais de um milhão e meio de reais, enquanto Helene, não sendo mais ré primária, foi levada para um presídio no interior do estado, onde aguardaria julgamento.

Helene jurou vingar-se de todos, mas principalmente de Sabine, pois sabia em quem ela estava mirando para agir de forma tão traiçoeira. A barganha do irmão Sven por uma internação em um hospital psiquiátrico acabou indo por água abaixo após Helene ter sido considerada capaz e sã ao cooperar nos crimes que a estavam sendo imputados agora. A própria Helene já havia rechaçado o marido em um episódio humilhante na delegacia ao dizer, aos berros, que ele tinha sido “um meio para alcançar um fim e que casara-se apenas para se vingar de John”. Danielle quase sentiu pena de Klaus quando Ricardo confidenciou a ela o que tinha acontecido. O agente, que havia presenciado toda a cena vexatória, disse que Klaus tinha saído de lá completamente arrasado.

Danielle viu Letícia sentada em um banco, aguardando o início da cerimônia. Ricardo conversava com ela. Quando eles dois pareciam ter concluído a conversa, Danielle caminhou até Letícia e sentou-se ao lado dela. Segurou sua mão com gentileza e Letícia sorriu de volta. Hugo tinha dito que a irmã havia decidido trancar a faculdade de arquitetura que cursava em Curitiba, faltando tão pouco para a conclusão. Mas era até compreensível que, com tudo aquilo que a família estava enfrentando, ela não tivesse cabeça para se concentrar em mais nada. Estava inconsolável, pelo que Danielle tinha ouvido.

— Eu não esperava que você aparecesse. Depois de tudo que meu pai fez contra você e John — sussurrou ela.

— Eu vim por Hugo e por você, Letícia — respondeu Danielle. — Sinto pelo sofrimento que Edgard causou a vocês.

— Obrigada, Dani e, mais uma vez, me desculpe por tudo que eu fiz com VOC...

— Esqueça isso. Deixemos tudo isso pra trás.

Elas se levantaram ao perceber que o ministro estava prestes a dar início à cerimônia. Ele disse algumas palavras de conforto para a família e falou sobre a brevidade da vida e das decisões que eram tomadas hoje e suas consequências futuras. Foi tudo muito breve. Danielle reconheceu Stella e os irmãos gregos Alexandre e Heitor quando vieram desejar os pêsames para Letícia e Hugo. Danielle tinha sua primeira consulta de pré-natal agendada para o dia seguinte e, por isso, despediu-se. Queria dormir cedo e acordar disposta. Mas ainda mantinha em segredo a gravidez. Contaria quando tudo se acalmasse.

Três meses se passaram. Peter recebeu a notícia de que, em uma semana, teria alta e poderia voltar para casa. Danielle voltaria para casa, também. Decidiu ficar perto da família, já que *Fräulein* Evelise e Letícia se mostraram comprometidas em ajudar Peter no que ele precisasse, até que estivesse totalmente recuperado. Evelise passou a visitá-los no hospital toda semana. John não escondia nada dela e revelou a gravidez de Danielle e também suas dúvidas. Ela ouviu tudo, mas não quis intervir em uma decisão que só caberia a eles. Assim, *Fräulein* Evelise passou a ser visita frequente no hospital, mas, como sempre, foi muito discreta e respeitava a vontade de Danielle: não contou a Letícia sobre a gravidez.

Danielle afastou o pensamento de querer que John estivesse presente em suas consultas do pré-natal e em sua vida. Não haviam se falado mais desde sua visita à mansão. Sabia que ele não estava mais sobrecarregado no trabalho, porque Hugo tinha aceitado ser o novo diretor financeiro do Hauser *Gruppe*. Mas não podia se queixar, pois tinha Ricardo, André e Peter como acompanhantes, pensou. Peter, agora, já tinha condições de fazer a maior parte das atividades diárias sozinho, e progredia mais a cada dia. Aquele hospital contava com muitas especialidades clínicas e, para as gestantes, oferecia atividades como hidroginástica, *shiatsu* e massagens terapêuticas.

Danielle nunca havia feito ioga, mas gostou da experiência. Até nas aulas, sempre estava acompanhada pelos agentes e Peter, é claro. Peter, porém, geralmente só assistia. Evitava contatos físicos com Danielle e ela compreendia o porquê.

Mas como dessa vez era uma aula para os futuros pais, ela precisava de um parceiro para os exercícios, e até se divertia muito com os agentes fazendo os movimentos. Ela passou a usar vestidos e batas largas para disfarçar seu estado.

Pensou muito no que Peter havia dito e, também, no que o tenente Bruno tinha revelado. Daria um passo de cada vez. Ficou muito feliz por receber um e-mail da universidade onde trabalhava, informando que, no próximo semestre, contavam com seu retorno ao trabalho. Parecia que as coisas começavam a se encaixar novamente.

— Você fica muito bem assim, Hugo — disse ela, sorrindo quando ele foi visitá-la naquela tarde.

— Verdade, Hugo. Está muito bem e logo vai se acostumar em usar gravata todo dia — concordou Peter, que acompanhava a cena, em silêncio. — Fiquei feliz por saber que John tem você para apoiá-lo. A imprensa tem sido muito agressiva, relatando os fatos de forma especulativa, e soube que as ações sofreram a maior baixa dos últimos trinta anos.

— O que significa 1.9 pontos percentuais, para uma empresa com capital segurado de mais de 50 bilhões de euros? — disse Hugo, levantando os ombros e fazendo dezenas de milhões de euros parecerem míseros trocados. — A companhia é sólida e os investimentos são diversificados, então John também não se preocupou mais que o necessário. Acho que o motivo de ele não dormir direito, nessas últimas semanas, é outro — disse, olhando para Danielle, que fingiu ignorar a insinuação.

Hugo precisou sair para atender a uma ligação importante. O sinal de celular dentro do hospital era péssimo. Minutos depois, a Dr.^a Evelyn entrou no quarto, após uma leve batida na porta, acompanhada de uma senhora corpulenta com, no mínimo, 1,80 m de altura. A médica cumprimentou a todos, mas se voltou para Danielle.

— E então Dani? Já soube que o estoque do banco de sangue está acima da média? Mérito seu — disse.

— De todos, na verdade. Mas principalmente dos policiais, que colaboraram tanto — respondeu Danielle, sorrindo para a médica.

Naquelas últimas semanas, tinham se aproximado muito e já se tratavam sem tanta formalidade. Danielle pediu que ela guardasse segredo sobre seu estado. Contou que John, Peter e os agentes já sabiam, mas queria se preservar um pouco naquele momento. A médica concordou, mas aconselhou que procurasse uma obstetra, amiga sua, para o pré-natal, e sugeriu que, talvez, fosse melhor que Danielle não permanecesse no ambiente hospitalar por mais tempo. Estava suscetível a inúmeros tipos de infecções e o bem-estar do bebê deveria ser priorizado.

— Eu mesmo garantirei que ela fique em meu apartamento — disse Peter.

— Tudo bem, doutores, eu farei isso. Mas creio que posso esperar, por mais uma semana, pela alta do Peter, não é mesmo? — Danielle sorriu, quase tendo seu segredo revelado para Hugo, que entrava novamente no quarto.

— Nossa! Quanta elegância, hein, Sr. Encrenca? — disse a médica, com olhar apreciativo para Hugo.

— Olá, Evelyn. Tudo bem, linda? — cumprimentou Hugo, dando-lhe um beijo no rosto.

— Por aqui, tudo corre maravilhosamente bem, não é mesmo, *Doc*? — disse ela, piscando para Peter, que fingiu não compreender a indireta. — Dani, você e o bonitão poderiam nos dar licença por um instante para que eu possa examiná-lo. É coisa rápida. Dez minutinhos.

— Claro — disse Danielle, saindo com Hugo enlaçando sua cintura, o que não passou despercebido para os dois médicos.

Os dois decidiram aguardar no corredor.

— Esse mal-estar ainda não passou, meu anjo? — quis saber Hugo, visivelmente preocupado. — O que seus exames revelaram?

— Nada de mais. Imunidade baixa, anemia. Coisas do tipo. Você não precisa se preocupar tanto comigo. Tem milhões de coisas em que pensar no momento — mudou de assunto, propositadamente.

— Eu sempre vou me preocupar com você e sabe bem por que, não sabe, minha rainha?

Foi a vez dela iniciar o contato, segurando a mão dele. Assumiu um tom sério ao falar.

— Hugo, você é um homem bom e sinto que tem muito amor pra compartilhar...



— Mas você não quer esse amor, não é mesmo?

— Hugo, você sempre terá em mim uma amiga para o que precisar, quando precisar. Tudo mesmo — disse Daniele, beijando a mão que prendia à sua. — Devo tanto a você. Jamais poderei retribuir tudo o que fez por mim. Você foi meu amigo, meu protetor e, se eu pudesse te dar o amor que você merece, ele seria seu. Eu seria sua. Mas é algo que não depende exclusivamente da minha vontade.

Ele sorriu maliciosamente para ela e sussurrou em seu ouvido:

— Eu entendo — fazia uma cara de menino triste. — Mas me contentaria com luxúria e sexo ardente. Seria um bom prêmio de consolação.

Danielle riu da ousadia dele e encostou a cabeça no ombro de Hugo.

— Eu sei que acha que sou um mulherengo incorrigível — recomeçou ele.

— Você se engana, Hugo. Sei que você não é. Apenas se comporta como um — disse Danielle, analisando a expressão do rosto de Hugo. Sentiu-se mal por não ser capaz de corresponder àquela declaração tão significativa e honesta que ele fazia. E sussurrou de volta em seu ouvido: — Eu sei quem você é de verdade e também sei de alguém que aguarda ansiosamente por um convite seu para jantar.

Ele viu quando a Dr.^a Evelyn saiu do quarto, sorrindo e dando orientações para a profissional que a acompanhava.

Hugo pensou que Danielle sempre tinha o poder de surpreendê-lo. Ela conseguia ver através da armadura com que ele havia protegido por muito tempo suas emoções. E, olhando para Evelyn sorrindo, assentiu, pensando: *Por que*

não?

— Evelyn, como está Peter? Tudo bem? — quis saber Danielle, aproximando-se da médica.

— Sim, ele está bem. Só me preocupo com o fato do *Doc* passar tanto tempo deitado, pois isso pode ocasionar lesões na pele. A recuperação dele está indo muito bem, mas ainda não é recomendável que ele passe períodos muito longos de pé. Por isso, sugeri que ele tivesse uma sessão de massagem por dia, para acelerar o fluxo sanguíneo. A enfermeira Helga é especialista nesse tipo de massagem terapêutica.

Hugo cobriu a boca com as mãos e tentou esconder o riso ao imaginar a enfermeira que, para ele, mais parecia um rolo compressor, massageando as costas de Peter. Danielle deu uma cotovelada de leve nele, olhando cúmplice para Evelyn. Hugo entendeu a deixa e, parando ao lado da médica, perguntou, com um sorriso charmoso nos lábios:

— Doutora, estou curioso pra saber: seu plantão termina a que horas?

Evelyn não parou de fazer anotações na prancheta que segurava antes de responder

— Daqui a uma hora, por quê?

— Porque estou planejando uma noite inesquecível para nós dois — disse ele, esperando pela reação dela.

A médica pareceu ignorá-lo, lendo um documento. Hugo começou a pensar que ela não havia escutado sua proposta, até que Evelyn se voltou para ele.

— Esteja no estacionamento às 19h30 — e, disfarçando um sorriso, entrou no quarto de Peter.

Danielle quase deu pulinhos de alegria, mas se resignou a aconselhar o ruivo.

— Seja sincero e gentil com ela. É uma mulher independente e segura de si. Então, apenas procure conhecê-la melhor. Ah! E isso é muito importante: ouça o que ela diz.

— É sério isso? Você me dando conselhos para um encontro? — disse Hugo, arqueando a sobrancelha.

— Vá se arrumar. E não se atrase — respondeu ela. Danielle beijou na bochecha, despedindo-se e entrando, também, no quarto.

Hugo já havia aceitado que Danielle não seria dele. Apesar do rompimento com John, ela o via apenas como um bom amigo. Tinha deixado isso claro. Ele

também passava por um momento desafiador na vida, com as novas responsabilidades e expectativas de ser diretor financeiro do Hauser *Gruppe*. Tinha aceitado o convite de John por saber que ele era a única pessoa com quem o primo poderia contar naquele momento. Seu espírito competitivo o havia feito aceitar o desafio. Ele tinha decidido mudar, pelo bem daqueles que amava. Mas, agora, sentia que precisava experimentar um outro nível de relação afetiva. Quem sabe, Evelyn não era justamente o que buscava?

Uma hora depois voltou ao hospital e ficou sem palavras ao ver a bela mulher que parava ao lado de seu carro. Ela usava um macacão em um tecido colado ao corpo que revelava todas as curvas de sua silhueta esguia e a postura naturalmente sedutora, agora sem o jaleco.

— Olá, Sr. Encrenca.

Hugo saiu do carro e abriu a porta para que ela entrasse no Audi R8 com que John o havia presenteado.

— Você está deslumbrante, doutora.

— Eu sei disso — disse ela, autoconfiante. — Então, aonde pretende me levar?

— Prometi a você uma noite inesquecível, então... — e já apertava o botão da ignição, quando ela o deteve.

— Não está esquecendo nada? — perguntou Evelyn, arqueando a sobrancelha.

Hugo sorriu, mas não entendeu. Então, sem que ele esperasse, ela o puxou pelo blazer e o beijou. E foi um beijo selvagem de uma mulher que gostava de estar no controle, mas, acima de tudo, um beijo que continha uma promessa. A promessa de que aquela noite estava apenas começando para eles, e que outras noites se seguiriam. Afastaram-se para tomar fôlego e ela riu ao vê-lo com batom nos lábios. Gentilmente, tirou o borrado da boca dele usando os próprios dedos. Hugo ficou a observá-la. Gostou do contato e, mais ainda, do beijo que ganhou daquela jovem mulher, cheia de atitude. Ela não o intimidava, pelo contrário. Seria um desafio domá-la. E Hugo adorava desafios.

Assim, os dois partiram rumo às avenidas movimentadas, afastando-se do hospital.

QUER SE CASAR COMIGO?

— Olá, John — disse Peter, entrando no escritório.

— Você teve alta, Peter — observou John, levantando-se e oferecendo a ele a mão em um cumprimento frio, consideradas as circunstâncias.

— Sim, mas você já sabia disso. Já faz quatro dias que estou em casa e esperei que fosse me ver. Esperei que fosse ver Danielle e que se importasse em saber como ela está ou como está o seu filho — Peter disse aquelas palavras carregadas de decepção. Não reconhecia o comportamento de seu amigo.

— Peter, eu não quero entrar nessa discussão e...

— Não vim aqui pra saber o que você quer, John. Vim aqui pra te dizer do que Danielle está precisando agora. E ela está precisando de sua atenção. Vim aqui pra te chamar à razão e pôr um pouco de juízo nessa sua cabeça.

— E, também, veio para dizer que não está apaixonado por ela? — disse John, afastando-se de Peter e sentando-se atrás da grande mesa de madeira.

Peter sabia que esse momento chegaria mais cedo ou mais tarde e, encarando o amigo, respondeu:

— Não pretendo negar, John. É verdade. Eu a amo. No início, me senti o mais desprezível dos amigos quando você me pediu que viesse até aqui para fazer companhia a ela, como também na festa da Letícia. Eu relutei em aceitar seu pedido, porque achava que o melhor a fazer seria ficar longe. E depois daquela noite, tentei realmente fazer isso. Não podia alimentar esse sentimento, mas você estava sempre ausente. Você nunca estava em casa, John. Ela veio para essa cidade por sua causa, mas você não a priorizou. E, no fim, os riscos estavam dentro dos muros desta casa. Você colocou seu trabalho à frente de quem realmente importava. Mas eu só tornei a vê-la quando Danielle foi me visitar em meu apartamento, naquele dia fatídico.

— É assim que justifica a traição de vocês? Dizendo que a culpa foi minha? — disse John, alterando a voz e levantando-se, ficando a poucos centímetros de Peter.

— Eu não vim até aqui para me justificar, John. Simplesmente porque minha consciência está em paz. Não fizemos nada que nos traga culpa ou arrependimento. Eu e Danielle nos tornamos amigos. Nada mais do que isso. Nunca houve sequer um beijo. Sou homem suficiente para dizer a verdade. E a verdade é que ela ama e respeita você. E eu também, meu amigo. Francamente,

se houvesse alguma chance de ela sentir por mim o que sente por você, acredite, eu seria o primeiro a te procurar e dizer que lutaria por ela — disse ele, passando a mão pelos cabelos, exasperado pelo fato de o amigo não enxergar o que estava diante dos olhos dele.

— O que você viu... ou melhor, o que pensa que viu não tem fundamento algum. Ela só estava lá cuidando de mim porque achava que me devia isso. Ela se culpa por eu ter sido baleado. Hugo a convidou para ficar na casa dele, mas Danielle recusou por não julgar apropriado, sabendo dos sentimentos que ele nutre por ela. Com o tempo, percebi que havia outra razão para ela querer ficar no hospital comigo, mesmo depois de noites sem conforto algum na prisão. Era uma razão muito óbvia: ela não tinha pra onde voltar.

— Eu a teria recebido de braços abertos aqui. Eu mesmo a convidei, e ela nem considerou a possibilidade — disse John, com ressentimento.

— Você, no lugar dela, voltaria pra cá? — inquiriu Peter. — Me diga, honestamente, John. Todos se voltaram contra ela, com exceção de Hugo. De Edgard, já era esperado. Ele só queria denegrir a imagem dela para se safar dos próprios crimes. Ela era a estranha no ninho, e ele apostou nisso. Letícia também não acreditou nela, apesar de terem se tornado próximas. Soube que até a agrediu e a chamou de vagabunda... — Peter colocava para fora toda a decepção que sentia. — Mas nada se compara ao que você fez, John. Depois de tudo o que ela fez pra salvar a sua vida. Ela arriscou a própria segurança, a imagem dela foi jogada na lama, foi afastada do trabalho... Você foi um tolo, meu amigo. Não por ter duvidado de Danielle por conta daquelas fotografias. Provavelmente, se eu tivesse visto as tais fotos, também teria ficado abalado. Mas eu teria ouvido o que Danielle tinha a dizer. Você nem permitiu que ela se defendesse. Achou-se no direito de ser juiz e júri e a condenou.

Diante do silêncio de John, que se recordava da cena de Danielle sendo levada algemada do hospital, Peter continuou.

— John, quando você me disse, naquele hospital, que estava apaixonado por ela, eu não entendi, afinal tudo aconteceu de forma tão intensa e rápida, e eu nunca tinha visto você tão impressionado com uma mulher. Você soube, naquele pouco tempo juntos, o quanto ela era extraordinária. O que importa se eu a amo ou se o Hugo a ama? Se Danielle ama você... Ela está esperando um filho seu. Eu e os agentes a acompanhamos nas aulas de *shiatsu*, mas eu sei que ela queria que fosse você que estivesse lá, compartilhando daquele momento com ela, apesar dela não se queixar. Eu já a ouvi chorando tantas vezes quando ela pensa que ninguém está escutando...

John levantou-se, franzindo a testa, parecendo não estar mais tão seguro do que pensava a respeito da relação entre Danielle e Peter.

— Ela está voltando para o Rio de Janeiro no voo das 18h, agora que acha que não há nada mais que a prenda aqui. Os criminosos ou morreram, ou estão presos. Não há mais riscos, e ela foi inocentada das acusações — Peter se aproximou do amigo antes de prosseguir. — Eu vim aqui te pedir, John. Se você falar com ela, sei que ela mudará de ideia. Ela te ama. Você a ama. Por que está fazendo isso com vocês dois? Por que está sabotando sua própria felicidade?

— Peter, eu vi você dois no hospital deitados juntos.

— John, eu a estava confortando porque ela sofria por sua causa. Não me aproveitaria de uma mulher tão fragilizada como ela estava. Você me conhece. Acha mesmo que sou esse tipo de homem? — perguntou Peter, encarando John.

— Já disse o que tinha pra dizer. Já pode ir, Peter — algo no íntimo de John relutava em aceitar que ele tinha errado mais uma vez. Talvez porque o preço a pagar por aquele novo erro fosse alto demais.

— O que houve com você, meu amigo? — Peter continuou. — Por que está agindo assim? Esse não é você. Você e meu tio Rodolfo são toda família que me resta. Acima do que eu possa sentir por ela, sempre estive a nossa amizade. Nossos pais foram tirados de nós, mas nos tornamos irmãos e sempre protegemos um ao outro. Quero que seja feliz. Você merece isso, mas tem que fazer algo a respeito. Ela veio até aqui. Não sei o que conversaram, mas sei que não se acertaram.

— Peter, esse é um problema meu e de Danielle, escute...

— CALE-SE, HAUSER! PORRA! ESCUTA VOCÊ, SEU IDIOTA! — exaltou-se Peter, perdendo a paciência e segurando o amigo pelo colarinho, o que causou uma surpresa sem precedentes em John. Peter sempre havia sido um homem excessivamente equilibrado. Os gritos continuaram. — *Ela* é o que importa, John! Só ela e seu filho importam! Se não for atrás dela agora, você vai se arrepender pelo resto de sua vida e estará fadado a não ver seu filho crescer. É isso que quer? Pois saiba que é o que vai acontecer, se não tomar uma atitude e agir como o homem que sempre foi!

John viu o amigo sair batendo a porta e *Fräulein* Evelise entrar em seguida, com a expressão assustada por ter ouvido os gritos e ter reconhecido a voz de Peter.

— Está tudo bem, Evelise. Fique tranquila, não foi nada — disse John, querendo apenas ficar sozinho.

— Não. Não está. Você não está bem. A mãe de seu filho não está bem e seu melhor amigo também não. Mas cabe a você resolver essa situação ou amargar um futuro tão ou mais solitário do que foi seu passado, meu filho — e, dizendo isso, a governanta voltou a seus afazeres.

John sabia disso e sabia também que nunca amaria ninguém como amava Danielle.



As bagagens foram levadas pelos agentes Ricardo e André, que chamaram um táxi, conforme ela tinha pedido a eles quando foram ao condomínio de Peter despedir-se dela. Danielle não queria despedidas no aeroporto. Os agentes haviam se tornado seus amigos fiéis desde que os havia conhecido. Tinha grande carinho e respeito por ambos. Ricardo contou que havia sido convidado pelo tenente Hessman a permanecer em Florianópolis, para assumir a posição que foi da sargento Silvia Becker, tornando-se investigador. André, por sua vez, havia sido promovido, também ao cargo antes ocupado pelo colega no distrito do delegado Antunes, e retornaria a São Luís em alguns dias.

Danielle percebeu que o ferimento à bala pelo disparo do falecido chefe de segurança Henrique só tinha deixado uma leve cicatriz em seu braço.

— Foi um privilégio conhecê-la, Danielle — disse Ricardo, dando nela um abraço afetuoso.

— Acho que você seria um ótimo professor de literatura inglesa no futuro, Ricardo. Se algum dia quiser mudar de carreira — brincou ela, que sempre havia admirado a perspicácia do agente. Ela acreditava realmente na competência dele para tanto.

— Quando você for visitar sua avó ou seus amigos no Maranhão, me chama para curtimos uma sessão de cinema juntos. Deixo até você escolher o filme, mas eu pago pelo ingresso — disse André, rindo e fazendo-a rir. Abraçaram-se calorosamente. — Agora, somos apenas seus amigos. Conte conosco para o que você precisar.

— Até para escolher outro vestido para um encontro? — brincou ela.

Todos riram e, depois, despediram-se, deixando Danielle a sós com Peter. Danielle estava muito emocionada, pois tinha se acostumado com a presença dos

agentes sempre por perto. Torcia para que aquele vínculo de amizade perdurasse, apesar da distância. Voltando-se para Peter, ela sorriu.

— Eu sentirei tanto a sua falta — disse Danielle, parada à porta do apartamento dele. — Você foi... Você é meu melhor amigo, Peter.

Peter sorriu para ela e acariciou o rosto de Danielle. Nunca imaginaria que se despedir dela fosse ser tão difícil.

— Por que não quer que eu vá até o aeroporto? Na verdade, eu poderia te acompanhar até o Rio, para ter certeza de que você chegará bem — disse ele, vendo como sua barriga havia crescido naqueles meses. — Precisa de cuidados.

— Peter, eu prefiro evitar despedidas longas. São muito tristes. Além disso, os enjoos já passaram e gravidez não é doença. Você sabe disso, doutor — ela sorriu, apesar de sentir o coração apertado por saber que Peter, em breve, estaria a milhares de quilômetros de distância. — Por favor, mantenha contato comigo. Você embarcará na semana que vem, não é mesmo?

— Pode deixar que vou escrever ou telefonar, sempre que possível, para saber de vocês dois — disse, acariciando a barriga de Danielle com gentileza. — Partirei em dez dias. Hoje soube que fui designado para o Zimbábue. Será uma grande aventura — disse ele, notando a preocupação no olhar de Danielle.

— Não sei se já está forte o suficiente para essa aventura. Se cuida, por favor. Eu guardei o número do seu amigo Anderson. Caso você não me ligue a cada três dias, eu vou começar a perturbá-lo — disse, sorrindo, mas visivelmente temerosa por ele.

— Estou recuperado, Danielle. Não há por que se preocupar. Me sinto bem, mesmo. Além disso, a Evelyn me deu algumas orientações quanto a turnos excessivos, alimentação, vacinas e tudo o que pode imaginar. Como se eu também não fosse médico — avisou ele, enquanto ria da colega de profissão que agora começava a engatar um namoro com Hugo.

Hugo estava cada vez mais envolvido com sua função de diretor financeiro do Hauser *Gruppe*. Danielle preferiu não se despedir do ruivo pessoalmente. Ligaria para ele quando chegasse. Hugo ficou um pouco chateado por ela esconder a gravidez, mas, depois, a perdoou e se auto convidou para ser o padrinho. Danielle concordou, adorando a ideia. Mesmo assim, achou melhor não incomodá-lo, já que a agenda dele, agora, estava disputadíssima entre a empresa e a linda e incomum Dr.^a Evelyn.

— Fique tranquila. Eu conheço meus limites — prosseguiu Peter. — Prometo que serei prudente. Não deve se preocupar comigo. Pense apenas em seu bem-estar e no do bebê. Você não pode faltar às consultas do pré-natal.

Apresente os exames que já fez. A primeira ultra é muito importante e...

— Guardei tudo, Peter — disse Danielle, rindo e admirando o bom coração do médico, que sempre pensava, primeiro, nos outros. — Fazer isso é algo importante pra você, não é mesmo? Abrir mão do conforto e das vantagens que tem aqui para enfrentar uma realidade totalmente distinta da qual está acostumado. Aquela região está sempre enfrentando conflitos políticos.

— É algo de que sempre desejei fazer parte. É difícil de explicar, porque é maior do que eu. Poderei ser realmente útil atuando junto ao Médicos sem Fronteiras — Peter, desde a faculdade de medicina, interessava-se pela organização e por suas diretrizes tão nobres. Era verdade que ele se sentia assim e ambicionava colaborar com aquela causa humanitária há bastante tempo, mas também havia outra razão para decidir ir agora. Ele sabia, e Danielle, também.

— Vou orar todos os dias, pedindo que nada de ruim aconteça a você — disse ela, sentindo vontade de chorar. Aproximando-se de Peter, abraçou-o demoradamente.

— Se precisar de mim, não hesite em me chamar — sussurrou ele, experimentando aquele abraço reconfortante que o fazia tão bem.

Ela assentiu com a cabeça ao se afastar, acreditando que ele viria realmente, se ela pedisse.

— Promete para mim? — pediu ele, buscando seu olhar.

— Prometo, Peter — disse ela, deixando rolar a primeira lágrima. — E você promete que, quando o meu filho ou filha nascer, você irá nos visitar? — pediu, com a voz embargada.

— Eu prometo, Danielle — disse, secando o rosto dela. — Mas não chore. Serão apenas alguns meses. Passam rápido.

Ela acenou, despedindo-se, e caminhou em direção ao elevador. A porta se abriu e ela ficou ali, parada, não conseguindo entrar. Virou-se e viu Peter ainda de pé no corredor, com um sorriso doce nos lábios. Como se um ímã os atraísse, eles se viram de novo um nos braços do outro e ficaram assim.

— Nunca poderei retribuir tudo o que fez por mim — disse ela, beijando-o no rosto. — Você é meu anjo da guarda, Peter.

Peter viu quando o elevador se fechou, e pensou que demoraria até rever aquele rosto tão amado novamente. Desejou ter sido mais persuasivo quanto a convencer John a não desistir de Danielle. Sentiu-se triste por saber que ela partia infeliz e que não tinha conseguido ajudar aquelas duas pessoas que tanto amava.





“John, olhe pra mim. Fique comigo, está bem? Tente se manter consciente. Eu vou ficar aqui com você. Estamos juntos nessa...”

“Vamos, John, lute! Você consegue! Estou aqui com você. Estarei ao seu lado até você ficar bom, prometo. Mas acorda, por favor.”

“Precisa ser forte, John. Sei que está sentindo muita dor, mas o socorro vai chegar e você vai conseguir sair dessa. Acredite! Logo vai poder voltar para sua casa, para sua vida, para sua família.”

“Danielle, quero você minha vida. Não só por gratidão, mas porque, realmente, gosto de muito de você.”

“Eu queria fazer isso já há algum tempo. Beijar você foi a melhor sobremesa que já experimentei. E já sabia que seria melhor do que minhas expectativas”

“Já sabe como me sinto. Eu quero você em minha vida, mas o que eu preciso saber é se você me quer na sua”

“Quero, John. Estar com você é o que eu mais quero.”

“Eu sinto muito que isso tenha acontecido. Sei o quanto seu trabalho significa pra você, amor.” “Fala isso de novo.” “Meu amor.”

“Abra os olhos, Danielle. Não há o que temer.” “Eu sei, confio em você, amor.”

“Amor, é provável que sinta um desconforto, mas...” “Eu não tenho medo, John. Eu só quero ser sua, por completo. Por favor, não pare.” “Eu amo você, Danielle.” “Eu te amo mais.” “Diga que você é minha, Danielle.” “Sou sua, John. Só sua, meu amor. Não há espaço para nenhum outro homem no meu coração.”

“E eu sou seu.”

John não tirava as palavras de Peter e de *Fräulein* Evelise da cabeça. Viu-se relembrando os momentos que tinha compartilhado com Danielle. Foram poucas as ocasiões em que estiveram completamente sozinhos, mas se recordava de cada palavra que haviam trocado um com o outro.

Pegar o trânsito na hora do rush exigiu muita perícia de seu motorista Bruno. Recorreu, então, a outro Bruno, para ter uma chance de evitar que ela partisse da vida dele por sua falha capacidade de confiar plenamente em alguém. Com a sirene ligada, o tenente Bruno Hessman cedeu lugar ao motorista de John, que, sem respeitar limites de velocidade ou sinais vermelhos, contrariando todas as possibilidades, fez com que chegassem em cima do horário do voo de Danielle. John mal esperou a viatura estacionar e saiu em disparada.

Grupos de crianças e jovens com orelhas do Mickey recebiam orientações de guias de uma excursão quanto ao embarque rumo às férias na Disney. John Hauser passou correndo por entre a multidão que se amontoava na entrada do Aeroporto Hercílio Luz. Correu para o portão de embarque dos voos domésticos e, chegando ao balcão, perguntou à atendente:

— O voo para o Rio de Janeiro das 18h?

— Já estão embarcando, senhor — disse, sem levantar os olhos para ele.

— Preciso falar com uma pessoa que está nesse voo.

— Infelizmente, não será mais possível, senhor. Em minutos, o avião vai partir, já que não houve atrasos...

— Você não está entendendo. Eu não estou pedindo permissão! — e, dizendo isso, ultrapassou a faixa de limite e saltou por cima do balcão, mas ainda conseguiu ouvir a atendente chamar, assustada, pelos seguranças do aeroporto. John tocou o volume que trazia no bolso da jaqueta de couro e seguiu em frente o mais rápido que suas pernas permitiram. Parou ao ver três homens altos e fortes devidamente uniformizados perto dos portais dos detectores de metal, de onde ele pôde avistar o tubo que conduzia à aeronave na qual Danielle provavelmente já tinha embarcado.

— Senhor, retorne agora, ou será preso por atentado à segurança da aviação aérea! — ordenou um dos homens, aproximando-se e sendo seguido pelos outros dois.

— Eu preciso falar com uma passageira que está nesse voo para o Rio de Janeiro. É muito importante! — disse ele, tentando argumentar.

— É meu último aviso — disse o segurança colocando a mão sobre a arma,

enquanto um quarto homem dava uma chave de braço em John e o empurrava, com violência, contra uma coluna.

— SOLTE-O AGORA! — A voz do tenente Bruno Hessman ecoou no salão vazio. O oficial, mostrando o distintivo, capturou a atenção dos seguranças do aeroporto. — Este é um caso de polícia e vocês estão agredindo um agente federal.

Imediatamente, os seguranças tiraram as mãos de John. Tentaram argumentar.

— Desculpe, oficial, mas o senhor não se identificou e... — um deles tentou falar com John, que nem se deu ao trabalho de ouvir, pois, parado em frente à imensa vidraça, viu acontecer o que temia. O avião, já com as portas fechadas, taxiava em direção à pista, preparando-se para decolar.

— Basta! — o tenente Hessman interrompeu a série de desculpas do segurança de modo autoritário. — Se esse avião decolar, vocês responderão por obstrução da justiça e eu, pessoalmente, garantirei pelo menos dez anos atrás das grades para cada um de vocês.

Danielle estranhou quando o avião, que começava a taxiar na pista, parou, repentinamente. Ela ouviu o barulho das turbinas silenciar. Minutos se passaram e ela ouviu as comissárias de bordo pedindo calma a todos, pois se tratava de uma investigação policial. Danielle, imediatamente, ouviu o som de sirenes, cada vez mais próximo. Mas do lado em que estava sentada, não possuía ângulo para ver nada do que acontecia lá fora. As asas gigantescas também a impediam de ver qualquer coisa.

— Senhoras e senhores passageiros, boa noite. Permaneçam em seus assentos. A polícia já nos informou que não há com que se preocupar. Não há nenhum criminoso a bordo. Trata-se de outra emergência — disse a voz através do sistema de alto falantes da cabine.

Danielle viu os passageiros esticarem o pescoço em direção à entrada da aeronave, para tentar saber o que estava acontecendo. Ela, que estava nos fundos do avião por conta da proximidade do banheiro, já que a cada trinta minutos sentia uma vontade incontrolável de fazer xixi, não conseguia ver nada, pois muitos passageiros haviam se colocado de pé, apesar da orientação.

Seu coração parou uma batida quando reconheceu o tenente Bruno Hessman, seguido por John, que olhava para os dois lados das poltronas, à procura de alguém. Ela ficou de pé no corredor e foi quando ambos a viram. O tenente cedeu passagem a John e tocou em seu ombro, encorajando-o. Ela percebeu que John estava com os cabelos desalinhados e, quando a viu, fechou

os olhos respirando profundamente, como se se sentisse aliviado. Todos os passageiros, inclusive ela, observavam os dois homens, que haviam impossibilitado o voo de sair no horário previsto. Mas ninguém ousava dizer uma palavra, intimidados, provavelmente, pela expressão de poucos amigos do tenente, que, no entanto, intimamente, estava feliz por seu irmão ter a chance de falar com Danielle antes que ela partisse de Florianópolis.

— John, o que está acontecendo? Eu não entendo... — disse ela, mostrando-se perplexa e assustada por vê-los ali.

John se aproximou.

— Está tudo bem, Danielle. Fique tranquila. Você não precisa ficar preocupada. Eu não podia permitir que você saísse de novo da minha vida. Mas precisei de ajuda para chegar a tempo, depois que descobri que você estava indo embora — disse, olhando para o policial, que esboçou um breve sorriso para ela.

— Mas você disse que... — ele cobriu os lábios dela com os dedos, demonstrando que precisava que ela o escutasse. E foi o que ela fez. Afinal, ele tinha se empenhado para falar com ela.

John pareceu ponderar antes de começar e, depois de uma breve reflexão, disse, olhando nos olhos de Danielle:

— Um bom amigo me disse, hoje, que sou um idiota, e, agora, vejo que sou mesmo. Tenho sido um idiota há muito tempo. Por não acreditar em você, meu amor. Por não cuidar de você como você cuidou de mim quando nos conhecemos. Por não te amar na mesma medida que você sempre me amou. Não quero nunca mais me afastar de você, porque você é a pessoa com o coração mais generoso e abnegado que conheci em toda a minha vida e foi por isso que me apaixonei por você. Nunca conheci alguém capaz de fazer o que você fez por um completo desconhecido. Apenas porque julgava que era o certo a fazer, você se compadeceu e salvou a minha vida. Quando outros teriam simplesmente ignorado, talvez até por medo de se tratar de um criminoso.

Danielle notou que, agora, além dos passageiros, a tripulação da aeronave, inclusive o capitão, assistiam àquela cena, procurando o melhor ângulo para apreciar o desenrolar do motivo do atraso do voo. Era algo que não se via todo dia. Quietos, assistiram a John continuar.

— Diferente de você, eu sou um homem egoísta — disse, vendo-a franzir a testa. — Estou aqui, parado na sua frente, pensando apenas na minha felicidade. E sei que só serei feliz com você ao meu lado, porque você é a única mulher que já amei em toda a minha vida, Danielle. Peço perdão por minhas ações dizerem o contrário. Eu errei muito com você, sei disso. Quero a chance de ter a vida

inteira para me redimir dos erros que cometi. Eu quero ver nosso filho crescer. Eu quero viver pra amar vocês dois.

Danielle não acreditava em seus olhos e ouvidos. Viu que alguns passageiros filmavam tudo com seus celulares e sentiu suas pernas tremerem quando viu John se ajoelhar. Retirando uma caixinha de veludo do bolso da jaqueta, segurou sua mão dela e, olhando nos olhos de Danielle, disse:

— Não sou digno de você, mas quero estar ao seu lado para sempre de agora em diante. Você e nosso filho serão minha prioridade. Prometo que não vou deixar que nem o trabalho, nem qualquer outra coisa roube o tempo de vocês na minha vida — Danielle viu uma lágrima correr pelo rosto de John, algo que ela nunca havia visto.

Ele pareceu tão indefeso ali, abrindo seu coração para ela... Então Danielle percebeu que também estava chorando. Viu quando ele exibiu o anel que trazia consigo, para, em seguida, perguntar:

— Você ainda me ama, Danielle? Aceitaria partilhar a vida e tudo nela comigo? Me daria a honra e a alegria de se tornar minha esposa?

Danielle ficou em silêncio. Todos no interior da aeronave ficaram em silêncio. Ela olhava para John, de joelhos diante dela, como se estivessem completamente a sós ali. Sentiu que seu coração e sua mente dariam respostas diferentes àquela pergunta. Mas um movimento involuntário dentro de seu ventre a ajudou a decidir e, tocando a barriga com carinho, ela deixou que seu coração respondesse.

— Eu sempre te amei, John. Sempre. E, se me ama mesmo como diz amar, eu estarei ao seu lado para sempre.

Foi tudo o que ele precisou ouvir para soltar o ar dos pulmões, que prendia sem perceber, aguardando pela resposta. Temeu, por um instante, que ela o rejeitasse, pois sabia que Danielle tinha todas as razões para isso. John colocou o anel na mão direita dela e levou os dedos de Danielle aos lábios, sorrindo. Virou-se para o tenente e sorriu. Agradecia a ajuda inestimável do policial, que ele ignorava ser muito mais que apenas um novo amigo.

John tocou o rosto de seu amor com ambas as mãos e a tomou em um beijo apaixonado. Danielle ouviu aplausos e frases de incentivo a John dos passageiros que, agora, manifestavam-se com assobios, gritos e salvas de palmas. Mas nada daquilo importava. Danielle se sentia grata por acreditar que, finalmente, seria feliz ao lado do homem de sua vida.



QUASE UM FINAL FELIZ, MAS...

— Seja bem-vinda de volta, Srta. Nunes — disse *Fräulein* Evelise, sorrindo.

— Danielle apenas, Evelise. Lembra que já conversamos sobre isso? — disse ela, abraçando a senhora e dando um beijo na face da governanta. Evelise sorriu ainda mais, correspondendo ao abraço. — Como você está?

— Estou bem e feliz de você e o meu menino terem, enfim, se acertado — disse ela, parecendo sincera.

John não soltava a mão de Danielle, e conduziu-a até o quarto que ela ocupava antes.

— Pedi que trouxessem sua bagagem. Deve chegar daqui a pouco, amor — disse, abraçando Danielle e sentando-se na cama. Perguntou, então, com as mãos sobre sua barriga. — Posso?

Ela sorriu e fez que sim com a cabeça. Viu John levantar a bata que usava e correr os dedos sobre a forma arredondada de sua barriga de 24 semanas de gravidez, já muito evidente. John se sentia fascinado com a vida que crescia dentro dela.

Meu filho. Meu e de Danielle, a mulher que amo, pensou ele. Precisava agradecer a Peter por ter feito com que ele abrisse os olhos para o que estava perdendo. Teria a sua família. Sorriu para Danielle, e sussurrou para sua barriga:

— *Ich weißnicht, ob du ein Jungeoder ein Mädchen bist, aber weiß, dass ich dich schon mehr liebe als alles andere im Leben und auch ich liebe deine Mutter sehr.*

Danielle riu, com cara de não ter entendido nada. Então, ele explicou:

— Disse ao nosso bebê que não sei se ele é um menino ou uma menina, mas que já o amo mais que tudo na vida. E que também amo muito a mãe dele.

Nosso bebê. Danielle adorou aquelas palavras tão carinhosas vindas de John, que quase fazia com que tivesse lágrimas nos olhos. Aceitou quando ele a fez sentar em seu colo e a abraçou com carinho.

— Acho que, até agora, só aprendi a falar “bom dia, meu amor” em alemão — disse ela.

— Me deseje, então, bom dia, pra eu ouvir sua pronúncia — disse John, tocando os cabelos e sentindo a pele de Danielle quente sob a palma de suas

mãos. A vontade dele era de poder fazer amor com ela agora mesmo, mas temia estar acelerando as coisas e se conteve.

— *Guten Morgen, meine Liebe* — disse ela em seu ouvido, o que despertou ainda mais desejo em John.

— Muito bem! Logo você vai ser fluente. Garanto — disse ele, beijando-a com carinho e passando a mão por dentro da blusa dela. — Quando saberemos o sexo, Danielle? — perguntou, ansioso.

— Na última ultrassonografia não foi possível saber, porque ele estava com as pernas cruzadas. Então eu não comprei nada do enxoval ainda, querido. Mas eu preferia até que fosse surpresa e que descobríssemos só quando ele ou ela nascesse. Desde que venha com saúde, pra mim não faz diferença. E pra você?

— Queria uma menina que fosse muito parecida com você. Linda como a mãe. Mas concordo que o mais importante é que seja uma criança saudável — disse ele, sorrindo. E então a alegria pareceu se apagar um pouco nos olhos de John.

— O que houve, John? — perguntou ela.

— Me perdoe, meu amor. Eu fui tão cego, um tolo.

— John, não falemos mais do que passou. — ela o interrompeu, acariciando-o no rosto. — Estou muito feliz por estarmos juntos. Muito feliz, mesmo. Só quero poder aproveitar cada momento de agora em diante.

— Falarei apenas mais esta vez, está bem? Preciso fazer isso. É importante pra mim — John a viu assentir com a cabeça.

Mas antes que ele falasse, ela envolveu seus braços ao redor do pescoço dele e beijo-o levemente nos lábios. Ele sorriu com o carinho.

— Meu amor, eu vejo tudo agora tão claro e não entendo como pude ser tão estúpido — começou ele. — Não ter acreditado em você foi o maior erro de toda a minha vida. Nunca me perdoarei por isso. Além do Peter, eu nunca me permiti confiar, sem questionar, em ninguém, mas depois de tudo o que você fez por mim, eu não podia ter duvidado de você e ter te abandonado da forma que fiz. Eu passei todas aquelas noites em claro pensando em como queria ser capaz de acreditar na sua inocência, quando eu simplesmente deveria ter acreditado, desde o início. Sabia que até os funcionários da mansão vieram conversar comigo e estavam todos preocupados com você? Te conheciam há tão pouco tempo, mas não acreditaram que você podia estar envolvida no meu sequestro. Parece que todos que tiveram a chance de te conhecer acreditaram em você.

John passou as mãos pelos cabelos e suspirou, com remorso.

— O Hessman se mostrou um bom amigo por todo esse tempo — prosseguiu. — Ele e os agentes me disseram que também acreditavam em sua inocência. Hugo também nunca pareceu duvidar... — o olhar dele pareceu perdido em recordações. — Só de imaginar você presa e esperando um filho meu, achando-se desamparada, eu sinto vergonha de mim mesmo

Danielle acariciou e beijou os cabelos de John, mas não o interrompeu.

— Eu sou grato, sim, por tudo o que você fez, por ter cuidado de mim quando eu precisei, por ter sido paciente por eu não achar tempo pra nós dois enquanto estive aqui na minha casa. Mas eu nunca confundi o amor que sinto por você com gratidão. Eu, na verdade, nem entendo como ainda pode me amar depois dessa sequência de erros tão graves que cometi. Eu quero fazer uma promessa — disse John, mantendo-a em seu abraço.

— O quê, amor?

— Eu prometo que nunca mais duvidarei de você. Por mais que as circunstâncias possam parecer desfavoráveis e apontem para o contrário. Nunca mais! Espero que, de agora em diante, você se sinta segura ao meu lado. Você acredita em mim, *mein liebe*?

— Sim, John, acredito. A lição que aprendemos com tudo o que aconteceu foi que devemos confiar no que sentimos um pelo outro, e que as únicas pessoas que têm o poder de nos afastar somos nós mesmos — disse ela, segurando a mão dele com carinho. — Eu só desejo que possamos ficar juntos e criar nosso bebê da melhor forma possível. Não preciso de tudo isso — disse, olhando ao redor —, todo esse luxo. Eu não preciso de nada disso para ser feliz — e, mantendo uma mão no rosto de John e a outra na barriga, Danielle prosseguiu. — Eu só preciso do que cabe no meu abraço. O que vai acontecer agora? — quis saber Danielle, pensando na vida deles dali pra frente.

— Faremos tudo o que quisermos, mas de hoje em diante juntos — respondeu John. — Sem vigilância 24 horas da polícia atrás de nós. Embora, pela minha posição, eu precise de seguranças na propriedade e cuidando de você e de nosso filho, principalmente. Não quero arriscar.

Danielle tinha alimentado a ilusão de que retomaria sua rotina tranquila. Mas, esse era um preço pequeno a pagar para estar ao lado do homem que amava.

— Você concorda em morar aqui em Florianópolis comigo, *mein liebe*? Sei que estabeleceu sua vida no Rio de Janeiro, mas, talvez, possamos pedir uma transferência para uma universidade daqui. Andei me informando e existe a possibilidade de você solicitar algo que chamam de redistribuição. É um

processo em que você pode se transferir para qualquer universidade federal do país, desde que haja alguém com o mesmo cargo que o seu ou a vaga esteja em aberto, para a troca entre a universidade de destino e a de origem.

Danielle adorou o fato de ele ter se preocupado em buscar tais informações. Demonstrava que ele se importava com a carreira dela, a mesma que ela tanto estimava.

— Obrigada, amor. Pensarei a respeito, está bem? Agora, eu não pretendo voltar ao trabalho de imediato. Vou continuar com a licença sem vencimentos e, depois, decido o que fazer. Tenho minhas economias — disse ela, sorrindo.

— Mas sabe que, se quiser, eu posso...

— Eu sei — disse ela, cobrindo a boca de John com a mão e rindo da cara que ele fazia. — Prometo que, agora que seremos marido e mulher, se eu precisar de dinheiro, vou recorrer a você.

Ele riu.

— Pensei em deixar um montante em sua conta, para o caso de você precisar, ou mesmo para ajudar a sua família. Você me disse que seus irmãos estão trabalhando muito como motoristas de ônibus. Talvez pudéssemos ajudá-los a abrir um negócio próprio de transportes, onde eles seriam meus sócios. Mas é apenas uma sugestão — disse ele. Ele observou a reação dela, pois não queria ser mal interpretado, como quando havia oferecido uma recompensa pelo que ela tinha feito por ele.

— Obrigada por sua generosidade. Prometo que vou pensar a respeito, está bem assim? — disse, beijando John, que correspondeu, a princípio com ternura e suavidade.

Mas, aos poucos, o beijo foi se tornando exigente e arrebatador.

John a fez deitar-se sobre a cama e começou a tocar o corpo que tanto desejava. Encostou a testa a seu rosto e ficaram sentindo a respiração um do outro. Ela beijou seu pescoço e depositou vários pequenos beijos em toda sua extensão. Ele adorou a sensação e beijou o colo dela, notando que os seios de Danielle estavam mais fartos por conta da gravidez. Tocou por cima da bata o volume deles e adorou a forma como ela respondeu ao seu toque.

— Amor, por que pediu que eu ficasse nesse quarto novamente? Pensei que dormiríamos no mesmo lugar — reclamou ela, ainda sem graça. Estava constrangida pelo sentido contido naquelas palavras, embora percebesse o desejo crescendo dentro dela.

— Danielle, eu apenas não quis acelerar as coisas para você. Pensei que

precisasse de um pouco mais de tempo para assimilar o que aconteceu. E, estando grávida, pensei que poderia incomodá-la dormindo.

— Não — interrompeu ela. — Já estive muito tempo separada de você e não quero mais dormir sozinha. E eu não me incomodaria nunca de dormir na mesma cama que você. Senti muita falta disso. Senti sua falta, de seu corpo, de seu toque... — dizendo isso, ela o beijou apaixonadamente, deixando claras as intenções que passavam por sua mente ao começar a tirar a jaqueta preta que ele usava.

John sorriu com a forma direta como ela falou e a ajudou-a terminar de tirar a jaqueta.

— Vou falar para levarem sua bagagem pro meu quarto. Quero dizer, para o nosso quarto — disse ele, estreitando-a ainda mais o abraço e respirando fundo, como se tentar manter o controle fosse uma tarefa árdua. — Eu quero tanto você. Mas não sei se acabaria te machucando ou ao bebê...

Danielle riu de sua forma ingênua de pensar de John.

— Não há nenhuma restrição para fazermos amor, se é isso que preocupa você. Mas sei que não estou muito... atraente, por estar bem acima do meu peso.

— Você está linda! Você sempre está — respondeu ele, apossando-se de seus lábios, agora com pouco temor de causar nela algum incômodo. — Para mim, não existe outra mulher que eu deseje ou que considere mais atraente que você, meu amor.

Ele deslizou as mãos por suas pernas e subiu para seu quadril. Ela conseguiu prever o momento de intimidade que estavam prestes a compartilhar e deliciou-se por antecipação. Danielle embriagou-se com o movimento das mãos de John a tocar suas costas, subindo por seus seios. Todos os sentidos estavam alertas ao toque. Como se ela não tivesse controle dos próprios movimentos, levantou o quadril para que ele pudesse despi-la de sua *legging*, e o mesmo destino teve sua bata. Ela permaneceu apenas de calcinha e sutiã. Ele parou por um instante a observá-la, cheio de desejo e sorriu:

— Linda. Minha noiva é linda, e, logo, será minha esposa.

— Faça amor comigo, John — disse Danielle, sorrindo e parecendo perder um pouco o constrangimento de se expor daquela forma, estando grávida. Ela ficou ali deitada, apreciando vê-lo despir-se.

— Faço sim, *mein liebe*. Quantas vezes você quiser hoje, amanhã, sempre — ele sabia que ela gostava de vê-lo tanto quanto ele ardia de desejo por ela mais e mais a cada dia.

Quando a última peça de roupa caiu sobre o tapete, ele se deitou ao lado dela e a puxou para perto. O encontro de suas bocas a fez sentir descargas elétricas por todo o corpo. Danielle recordou-se do prazer que ele havia proporcionado, antes, a ela.

Mantendo-a presa em seu abraço, como se quisesse tornar aquele beijo ainda mais íntimo, John passeava com os lábios pelo pescoço de Danielle, arrancando dela murmúrios de prazer. Ele mal permitia que ela tomasse fôlego, e capturava seus lábios novamente. John, com maestria, livrou-a do sutiã, e adorou constatar o que já sabia. Estavam maiores e mais volumosos. Dedicou especial atenção a eles. Mordiscou e lambeu os bicos, depositou pequenos beijos por um seio enquanto o outro recebia o carinho de suas mãos, ansioso por experimentar o sabor, em breve. E foi o que ele fez. Juntou os dois, tentando sugá-los simultaneamente, e demorou-se com a beleza de suas formas e do prazer que aquela mulher era capaz de dar a ele.

Danielle sentiu um calor crescer de forma indômita em seu ventre, e tremeu de ansiedade por recebê-lo. John viu que o desejo dela era tão urgente quanto o dele, devido ao longo período em que estiveram separados. John a viu sorrir em concordância, como se soubesse exatamente o que se passava pela mente dele. Ela estava pronta e já ia pegando o preservativo, quando se recordou de que não era mais preciso, e sorriu.

Ele desceu a peça rosa e delicada da calcinha e não se conteve a experimentar o perfume vindo da intimidade dela. Adorava seu cheiro natural e, afastando suas pernas, beijou vagorosamente o interior delas. Por fim, provou do íntimo, lambendo e chupando Danielle, de modo que ela não conseguiu reprimir um pequeno grito de prazer. Ele a via se contorcer de prazer e sentia os tremores que indicavam que ela estava quase alcançando a satisfação. John interrompeu a carícia ousada e deitou-se novamente. Em um movimento firme, a posicionou em cima dele.

— Preciso que você conduza — quase implorou ele, cheio de desejo. Precisava senti-la. Precisava estar dentro dela com urgência, pois não suportava mais e não poderia pressionar o peso de seu corpo sobre ela.

Ela sentiu a ereção de John tocar seu sexo e levantou-se um pouco para conseguir acomodá-lo dentro de si, mas fez isso muito lentamente, como que para prolongar o máximo possível aquele prazer desmedido que sentia. As mãos dela formigavam e seu coração batia tão acelerado que só se igualava à respiração de John. Então, por fim, ela parou de brincar com ele, que agora tinha uma expressão de sofrimento misturado com prazer no rosto. E permitiu que

toda a extensão do membro de John a penetrasse, o que fez com que ele soltasse um grunhido rouco, tamanha era a excitação que experimentava.

Danielle adorou saber que todo aquele desejo e todas aquelas sensações que ele experimentava eram por causa dela e começou estabelecer um ritmo vertiginoso aos movimentos. Quando o prazer foi maior do que ela poderia suportar, Danielle deixou que ele a guiasse naquela dança, onde seus corpos se uniam e se separavam. Danielle sentia-o entrar e sair dela, em movimentos cada vez mais frenéticos, apesar de perceber que ele se esforçava para se conter o máximo que podia. Ainda temia machucá-la. Assim, quando não foi mais possível suportar, atingiram o clímax juntos e sentiram em seus corpos os tremores e a plenitude do ato de amor.

Mas não se sentiam saciados ainda, e decidiram tomar um banho, amando-se mais uma vez dentro da banheira. Ainda naquela mesma noite, amaram-se na enorme cama king size daquele quarto. Havia passado tanto tempo afastados que só tinham fome e sede um do outro. Acabaram ignorando qualquer outra necessidade que não fosse a de saciar o desejo que os consumia, depois de tanto tempo distantes e de tantos obstáculos que haviam precisado transpor para estar juntos de novo. Desta vez, ninguém bateu à porta, nenhuma visita chegou sem avisar, não houve interrupções. Eles, deitados, beijaram-se como se não conseguissem se afastar um do outro, e, assim ficaram até serem vencidos pelo sono e pela exaustão.

Os dias se passaram, e John, agora, passava mais tempo em casa, como tinha assegurado que faria. Hugo mostrou-se surpreendentemente engajado com o desafio de ser o diretor financeiro do Hauser *Gruppe* e mais que competente para lidar com as demandas da empresa. John começou a delegar mais tarefas ao primo, que as cumpria satisfatoriamente. Assim, ele próprio teve mais tempo para estar com Danielle, embora continuasse indo ao escritório quase que diariamente. Costumava chegar, porém, por volta das 16h, e passava todo o tempo que estava em casa com ela.

Às vezes, deitavam-se juntos e ficavam lendo um livro ou mesmo ela contava a ele notícias sobre Peter, com quem não passava mais de três dias sem conversar. Ela dizia que Peter sempre perguntava por John e também sobre as consultas do pré-natal, sempre preocupado com o bem-estar deles. Peter era assim. John sabia que sua relação com o amigo passava por um momento delicado. Esperava ter a oportunidade de tentar resolver aquele melindre que se interpunha entre os dois. Agora compreendia por que ele precisava de espaço e de distância. Peter havia revelado que amava Danielle, e Hugo havia dito o mesmo. Mas ambos respeitaram a escolha dela. *Ele*. Ela o tinha escolhido.

Apesar de tudo o que havia feito de errado, ela ainda o amava. Pensou, com pesar, que tanto Hugo quanto Peter eram mais dignos de estar com Danielle do que ele.

Hugo parecia ter encontrado alguém especial e que não se dobrava facilmente aos seus galanteios. Volta e meia a Dr.^a Evelyn passava no escritório para levá-lo para almoçar e, por mais que ele estivesse ocupado, o primo se rendia, sempre, ao sorriso da médica. Quando John os via juntos, tinha a impressão de que pareciam felizes, embora soubesse que não se deixava de amar alguém da noite para o dia. Percebia como Hugo, em algumas ocasiões, quando os visitava, detinha-se a observar Danielle, apesar de conseguir disfarçar na maior parte das vezes. Hugo, em todo caso, estava seguindo em frente com sua vida.

John por sua vez, fazia questão de acompanhar a noiva às sessões de *shiatsu*, que ele também achou bastante agradáveis e terapêuticas. Faziam aqueles exercícios juntos e ele parecia entusiasmado ao acompanhar as mudanças no corpo dela, à medida que o bebê crescia. Desde que ela tinha voltado à mansão, haviam passado a compartilhar o quarto dele. Agora, depois de dois meses de convivência, John estava mais que satisfeito com aquela mudança. Ele pediu que fosse aberta uma porta de conexão com o quarto ao lado do deles, e, no fim de semana seguinte, disse a Danielle:

— Este será o quarto do nosso bebê. Você poderá decorá-lo como quiser.

Ela adorou a surpresa. Mas, ao invés de contratar um decorador, como ele havia sugerido, convidou Hugo, que já assumia o posto de padrinho e agora levava Evelyn com ele. O tenente Bruno também foi convidado, apesar de John não saber que eram tão próximos. Danielle achou de bom tom convidar Ricardo e Letícia. Achava que já era hora de os dois pararem de se evitar, e também, de tirar Letícia de dentro de casa, pois temia que a moça entrasse em depressão. Hugo sorriu quando viu a irmã chegar, trazendo pincéis e tintas, com a ajuda de John.

Foi um dia muito divertido para todos. Danielle desconhecia o talento de Evelyn que, junto com Letícia, planejou uma paisagem da savana africana, com vários animais. Em menos de uma hora, todos estavam preenchendo com cores o painel que ambas haviam desenhado. Dr.^a Evelyn deixou a *playlist* de sua banda favorita tocando e, assim, ao som de *Sugar*, música do grupo Maroon 5, o quarto do bebê começou a ganhar cores e imagens de safári. Letícia se animou e, junto com Evelyn, pintou com lápis de cera o painel que haviam planejado, seguindo a sugestão de Danielle de cores suaves, mas muito alegres, no quarto

do bebê.

Hugo puxou Evelyn para dançar e Letícia estendeu a mão para Ricardo, que aceitou. Enlaçando a cintura de Letícia e deixando-a surpresa, girou-a duas vezes antes de conduzir a dança com ela em seus braços. Letícia gargalhou de felicidade. John parecia muito compenetrado pintando o céu azul, pois foi tudo o que deixaram que ele fizesse, alegando que não tinha coordenação motora para pintar os traços dos bichos.

Bruno estava muito empenhado em sua tarefa, quando Danielle sussurrou em seu ouvido:

— Vamos dançar? — perguntou, vendo a expressão de surpresa no rosto do amigo. Ele claramente seria impedido de criar uma desculpa. — Vai me dispensar, como na festa da Letícia?

John, rindo, deu duas batidinhas no ombro de Bruno e fez sinal de que era melhor aceitar.

— Vou roubar o tenente por um minuto — avisou Danielle, tirando o boné que John usava e beijando os cabelos do noivo. Saiu puxando o policial que, apesar de meio desajeitado, acabou aceitando e dançando com ela.

— Cunhado, não acha que já é hora de se abrir com o John? — sussurrou ela em seu ouvido, enquanto ele, com cuidado, apoiava as mãos em sua cintura, como se ela fosse de um delicado cristal que, com um movimento mais firme, pudesse se quebrar.

— Tenho pensado muito sobre isso. Acho que conversarei com ele em breve — disse, olhando para John que os observava e sabia que falavam dele pela forma que sorriam e o olhavam.

— Por que não hoje? Por que não agora? — insistiu ela, levantando o olhar de Bruno para que a encarasse. — Eu sei que você acha que ele ficará muito triste por saber sobre os pais, mas, na minha opinião, ele ficará mais feliz por saber que você é irmão dele.

— Acho melhor te devolver ou vou acabar ganhando um inimigo — comentou Bruno, olhando John. John disfarçava estar observando os dois conversando. Dando um beijo na bochecha de Danielle, o policial a fez sorrir.

— Não há o que temer. Você vai ver que ele não vai te rejeitar. Eu sei disso. Ele ficará feliz por saber que você, sempre que pôde, esteve por perto para cuidar dele. Sua vida sempre foi solitária, mas não precisa mais ser assim. Vocês precisam muito um do outro. Eu posso te ajudar a contar quando estiver pronto. Promete pensar a respeito?

Ela o viu sorrir e concordar com a cabeça e, em seguida, chamou John, que realmente estava estranhando a proximidade dos dois. Ele, feliz com o retorno da noiva, tomou Danielle nos braços e começaram a dançar. Não gostou do beijo que Bruno havia dado nela, mas se lembrou de sua promessa e não iria deixar que seu ciúme controlasse suas ações novamente. Sorriu quando Danielle encostou a cabeça em seu peito.

— Nossa... como eu te amo — disse John, mais para si mesmo que para ela.

— Eu te amo mais — respondeu ela, levantando o rosto e enlaçando o pescoço do noivo.

Hugo, com Evelyn nos braços, sorria, observando a irmã dançar com Ricardo, que se revelou um bom dançarino. Fazia tempo que não via Letícia sorrir como naquele momento, e trocou olhares com Danielle e John, que também sorriam e dançavam abraçados, totalmente fora de ritmo, mas muito felizes. *Um dia bom*, pensou Hugo, depositando um beijo nos lábios de Evelyn, que o abraçou ainda mais forte.

Quatro horas depois, estavam todos sujos de tinta, sentados no chão, degustando o lanche que Evelise havia levado para eles. Admiravam o trabalho bem feito. John ficou feliz com a ideia de Danielle de reunir todos ali. Sempre que olhassem para aquele painel, poderiam se recordar daquele momento especial, passado com pessoas mais especiais ainda e que, ainda nem conhecendo o filho ou filha do casal, já demonstravam o quanto o pequeno seria bem-vindo.

Naquela noite, John acordou e ficou apreensivo por Danielle não estar deitada ao seu lado na cama. Foi até o banheiro e ela não estava lá. Desceu as escadas, passando pelas salas de estar e jantar, e ela também não estava. Decidiu ir ao escritório, ver se ela estava lendo algum livro de sua biblioteca. Podia estar sem sono e ter ido para lá se distrair. Nada. Começou a ficar preocupado e já ia chamar Jean, o novo chefe da segurança, quando viu luz da cozinha acesa. Ficou parado na porta, vendo Danielle faltar-se com os *muffins* de chocolate de que ela tanto gostava. Havia um pote de sorvete de flocos sobre a mesa, do qual, pelo jeito, ela já havia devorado a metade.

— Posso comer também? — perguntou ele. Ela se virou, sobressaltada, ao ser pega no flagra. Sorriu, e estendeu uma colher limpa a John. Ficaram ali, os dois, às 3h da madrugada, cúmplices, apreciando os bolinhos e terminado o pote de sorvete.

John já sabia o que viria depois, mas não se importou em segurar os cabelos dela, enquanto Danielle colocava tudo para fora no vaso do banheiro.

— Nunca mais na minha vida vou comer tanto assim — prometeu ela. Ele fazia massagem em suas costas, enquanto ela vomitava novamente.

Enquanto Danielle escovava os dentes, ele se lembrou de três dias atrás, quando ela havia comido três pedaços de pavê de leite condensado e tinha tido o mesmo resultado. Na ocasião, ele ouviu a mesma promessa.

— Do que você está rindo, John? — perguntou ela, arqueando a sobrancelha ao vê-lo com o olhar perdido e um sorriso no rosto.

— Nada, amor. Só lembrei de uma coisa engraçada que ouvi outro dia.

Ela sorriu de volta, feliz por ele não parecer enojado vendo-a naquela situação. Mal sabia ela que John se sentia feliz como nunca tinha estado antes. Partilhar a vida com ela era tudo o que ele queria, e estava vivendo os melhores dias de sua vida. Acompanhar sua gravidez estava sendo uma descoberta diária para ele.

Ele a fez se deitar e esperou que Danielle encontrasse a melhor posição, para se acomodar ao lado dela. Ficaram ambos deitados, de conchinha. Naquela noite, ele a aninhou contra seu peito e ficaram abraçados até ambos pegarem no sono.

No dia seguinte, ela amanheceu bem-disposta, como se nada tivesse acontecido. Depois de tomarem café-da-manhã juntos, ele se despediu com um beijo, como sempre fazia, e seguiu com o motorista Bruno para o escritório. Danielle, todos os dias, ia para a piscina da mansão para sua aula de natação. John havia contratado uma professora para ensiná-la a nadar e, também, orientá-la quanto à hidroginástica. Ele devorava livros e revistas sobre gravidez, e descobriu que exercícios na água eram os mais adequados para grávidas, pois faziam bem para a mãe e para o bebê.

A professora se chamava Karine, e Danielle ficou feliz ao saber que ela era uma das jovens do projeto “Asas do Amanhã”, coordenado por Letícia. A moça tinha vinte anos e estava no terceiro período do curso de Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina. Era muito sorridente e, apesar da pouca idade, era firme na forma com que conduzia a sessão de exercícios com Danielle.

Letícia havia ido algumas vezes conversar com Danielle, mas só falaram sobre amenidades. Sentiam que ainda existia uma barreira entre elas, depois do que tinha acontecido. Talvez, levasse tempo para que as coisas voltassem a ser como antes. Ou, talvez, nunca mais fossem. Apesar disso, Danielle nunca se recusou a recebê-la. Principalmente pelo que Hugo havia dito no dia da cerimônia de sepultamento de Edgard Hauser. Letícia parecia, realmente, muito

fragilizada com a perda do pai e com a forma em que tudo tinha sucedido.

Nos dias da consulta de pré-natal John não ia ao escritório do Hauser *Gruppe*. Quando a obstetra disse que o bebê continuava com as pernas fechadas, John quase perguntou se não havia uma forma de fazê-lo se mexer, para revelar o que queria saber. Adorou ouvir pela primeira vez o batimento cardíaco do bebê, apesar de se preocupar com o fato de a frequência ser mais rápida do que o normal, em sua opinião. A médica esclareceu que os batimentos dos fetos começavam a ser ouvidos na quinta semana de gravidez e giravam em torno de 100 por minuto. Mas, diariamente, a frequência cardíaca ia aumentando e, quando o bebê alcançava a nona semana de gestação, os batimentos se aproximavam de 175 por minuto. Depois, começavam a desacelerar bem devagar, para, já perto de completar 37 semanas, haver uma média de 130-140 batimentos. Ouvir aquilo parecia tê-lo tranquilizado. Mas a médica ressaltou a contribuição de horas tranquilas de sono e, também, boa alimentação e exercícios físicos para a frequência cardíaca do feto permanecer regular.

Danielle conversava por telefone com Peter sempre que podia. A comunicação com o povoado onde ele estava atendendo era razoavelmente boa, porque utilizavam sinal de satélite. Danielle havia ficado um pouco triste quando ele ligou, já do Zimbábue, para dizer que havia decidido antecipar a viagem. Ele e John não puderam se despedir devidamente, e ela sabia que aquilo o incomodava. Não queria ser a razão do distanciamento dos dois. Assim que o bebê nascesse, daria um jeito de fazer com que se entendessem, já que Peter havia prometido presente quando o parto acontecesse.

No início daquela nova fase de sua vida na mansão, Danielle passou por algumas poucas mudanças de humor, pois estava muito sensível à saudade que sentia da família e do trabalho. Pôde, finalmente, rever a família quando todos os culpados pelo sequestro de John que estavam vivos já estavam respondendo por seus crimes atrás das grades. John fez uma surpresa para ela, levando-a até o Rio de Janeiro, e Danielle passou três dias matando a saudade da mãe, dos irmãos e de seu apartamento. Por uma questão de prudência, pediu que o tenente Hessman e Ricardo os acompanhassem, além do motorista Bruno, que sempre estava com John em suas viagens. Danielle ficou constrangida com a forma dura com que seus irmãos trataram John, mas entendia a razão pela qual estavam ressentidos. Sua mãe e Júlia também se mostraram relutantes com a aproximação dele, mas, vendo como Danielle estava feliz e sabendo do pedido de casamento, logo se derreteram e, aos poucos, foram abaixando a guarda.

— E para quando será o casamento? — perguntou Júlia, animadíssima com a novidade e contagiando D. Rita com o entusiasmo.

— Por mim, seria logo. Antes do nascimento do bebê. Mas Danielle preferiu adiar para depois do nascimento — disse ele, olhando para a noiva.

— Por que, pretinha? — perguntou a irmã, sem compreender, pois sabia o quanto ela amava John.

— Acho que será melhor assim. Apesar de tudo, ainda está muito recente a morte do tio de John, e os primos dele ainda sofrem com o luto. Além disso, um grande amigo nosso está na África como médico voluntário, e só retornará perto do nascimento do bebê. Ele é como um irmão pro John e eu também o estimo muito. Não seria a mesma coisa nos casássemos sem ele estar presente — justificou ela.

Todos pareceram compreender.

— E já sabem onde vão passar a lua de mel? — quis saber Júlia, curiosa.

— Ainda não decidimos, mas, por mim, seria em Florianópolis mesmo, por causa do bebê. Não me imagino indo para longe com ele ou ela tão pequenininho assim.

A mãe e Júlia decidiram aceitar o convite de John para passar uma temporada em Florianópolis com Danielle. De volta ao sul, John levava a noiva ao cinema duas vezes por mês, e ela adorava. Ainda assim, Danielle acabou oficializando as sessões de cinema da mansão. Na segunda e na quarta terças-feiras do mês, às 19h, todos os funcionários podiam apreciar um bom filme com ela. Alguns dos seguranças revezavam em seus turnos para participar. Danielle adorava. Quanto mais gente melhor.

Já tinha se habituado a sair com dois seguranças, quando era necessário. Mas John demonstrava um certo receio do fato de ela sair sem ele. Evelise contou, então, que em breve seria o aniversário de John. Danielle quis fazer uma surpresa. Decidiu sair no dia seguinte para comprar um presente. Ligou para Hugo e perguntou se não gostaria de almoçar com ela. Como Evelyn estava participando de um congresso, explicou que queria comprar um presente de aniversário para John, mas que ele estava receoso de ela sair sem o primo. Se ela fosse com Hugo, porém, John ficaria mais tranquilo. Além disso, Hugo poderia dar uma sugestão. Assim, combinaram o horário e, pontualmente às 13 horas, Danielle entrou no carro de Hugo. Eram seguidos pelos seguranças.

— Como vai a minha afilhada? — perguntou Hugo, dando um beijo no rosto de Danielle e fazendo uma carícia na barriga dela.

Danielle entrou no carro e reconheceu, de imediato, uma música da banda favorita da Dr.^a Evelyn. Hugo escutava a música *Payphone*, da banda Maroon 5.

— Hugo, nós não sabemos se vai ser uma menina. Você não pode ficar decepcionado se ganhar um afilhado — brincou ela, colocando o cinto de segurança.

— Não vou ficar. De uma coisa eu entendo: mulheres — disse, com um sorriso presunçoso que a fez sorrir, também. — E meu instinto me diz que vem uma linda princesinha por aí, minha rainha.

— Me lembro que conversamos sobre você não me chamar mais assim. Já esqueceu, moço?

— Não esqueci, meu anjo. É só força do hábito — disse ele, piscando para ela, charmoso. — Eu estou feliz por você e por meu primo, de verdade. E também estou feliz por ter conhecido a Evelyn. Ela é uma mulher que consegue me tirar do sério. Sabe, tenho a impressão que ela sempre me manipula para conseguir que eu faça exatamente o que ela quer. E acabo adorando a forma sutil com que me faz acreditar que fui eu quem quis fazer a vontade dela. Eu realmente aprecio a companhia dela e acho que talvez ela...

— HUGO! — exclamou Danielle, reconhecendo o veículo que subitamente mudava de direção e se aproximava à toda velocidade pela lateral do carro. Vendo que o choque era inevitável, ela abraçou a barriga e fechou os olhos. Ouviu tiros antes de perder os sentidos, e cair na escuridão.

Como um fantasma advindo do mundo dos mortos, Edgard Hauser saiu da Hilux escura e viu Hugo sangrando dentro do carro, com seu rosto encostado ao volante. Houve troca de tiros com os seguranças de John, que foram baleados e estavam desacordados no carro atrás do veículo de Hugo.

— Tragam-na — ordenou Edgard.

O gosto do sangue na boca de Danielle a fazia lembrar por que estava ali. Outro tapa a atingiu, e Danielle só conseguia pensar em seu bebê. Depois do assombro de acordar e se deparar com o tio de John, que todos acreditavam estar morto, ela pensou em Hugo. Ela não se lembrava se ele estava usando cinto de segurança.

— E agora? Quem vai salvar você sua vadia? — perguntou Edgard, puxando o cabelo dela. — Aquele bastardo vai se arrepender por ter atravessado o meu caminho. Devia tê-lo matado quando dei um fim na vagabunda da mãe dele e no trouxa do meu irmão.

— Como pôde fazer isso com Hugo? Seu próprio filho? — Danielle conseguiu exprimir, já sem entender o que era realidade e o que não era.

Como ele pode estar vivo? Vi no noticiário o acidente e também estive em

seu funeral. Danielle tentava encontrar respostas para o que parecia não poder ser respondido. Estava muito confusa e as agressões a deixavam com uma intensa dor na nuca.

— O que você vai fazer com ela? — perguntou Sabine, vendo o sangue escorrer pelo supercílio de Danielle e evitando olhar para a cena. — Eu não suporto violência.

— Então saia daqui! A sua parte do acordo você já cumpriu. O caminho está livre sem Helene e sem essa escória e o filho que carrega. Você não terá ninguém em seu caminho para conquistar aquele idiota do meu sobrinho.

Sabine ainda olhou uma última vez para Danielle.

— Por favor, me ajude. Meu bebê, ele é inocente — Danielle tentou suplicar. Mas então foi silenciada por outro tapa, que a deixou zozza. Sentia que poderia perder os sentidos a qualquer momento. — Não posso desmaiar. Preciso ficar acordada — falou para si mesma. Ela viu Sabine dar as costas e sair pela porta, sem olhar para trás.

E A AJUDA VEM DE ONDE MENOS SE ESPERA

John acabava de sair de uma reunião, e procurou por Hugo no escritório. Não entendeu por que o primo não havia comparecido e nem tinha justificado a ausência, sabendo da importância do que seria tratado.

— Valéria, onde está o Hugo? — perguntou ele, dirigindo-se à secretária de seu primo.

A moça aproximou-se do CEO, sem graça por também não compreender o motivo da ausência do chefe.

— Senhor Hauser, eu liguei várias vezes, mas não tive sucesso. Ele me disse que voltaria antes do horário da reunião — disse a senhora de cerca de quarenta anos e cabelos castanhos claros.

— John — chamou uma voz masculina atrás dele.

— Oi, Bruno. Tudo bem? — cumprimentou ele, apertando a mão do policial, e logo notando que havia algo de errado. — O que o traz aqui?

— Por favor, podemos falar em particular? — o tom de gravidade presente em sua voz fez John sentir que o assunto era muito sério.

Entraram em seu escritório, e John ofereceu uma cadeira para que Bruno se sentasse.

— Não, é melhor que você se sente — disse o policial, passando as mãos pelos cabelos, pois não sabia como dar aquela notícia.

— Bruno, o que houve? Fale logo! Está começando a me deixar preocupado.

— John, é Danielle.

John estremeceu com a simples menção ao nome dela. Havia uma expressão de medo no rosto do policial.

John venceu a distância que os separava e, segurando Bruno pelos ombros, disse:

— O que houve com ela? O que houve com minha mulher, Bruno. É o bebê? Ela está sentindo alguma coisa? Diga-me!

— John, Edgard está vivo.

Aquelas palavras tiveram o mesmo efeito de um soco no estômago para

John. Ele precisou se sentar, efetivamente, e Bruno se sentou a seu lado.

— O acidente, as imagens que nos levaram a crer que ele havia morrido, os corpos carbonizados que encontramos... Foi tudo uma armação dele, John. Mas não com a intenção de fugir. Pelo que entendemos, Edgard quer vingança. Parece que ele esteve à espreita, aguardando uma oportunidade. Hoje ele a encontrou. Hugo foi até sua casa pegar Danielle para um almoço e Evelise disse que pretendiam comprar um presente de aniversário para você. Duas quadras depois da mansão, a mesma Hilux preta que tentou atropelar Danielle atingiu o veículo que Hugo conduzia. Ele já foi levado para o hospital, junto com os dois seguranças que os seguiam em outro carro, pois houve troca de tiros. Apesar de terem sido baleados, ninguém corre risco de vida.

John ouvia tudo aquilo como se não fosse algo real, como se se tratasse de um pesadelo do qual logo iria acordar.

— Todos estão bem. Então Danielle também está, não é isso? — perguntou John, segurando Bruno pelos ombros, já que ele não havia mencionado o nome dela. Bruno abaixou a cabeça, não podendo suportar o olhar do irmão, cheio de desespero.

— Não sabemos, John. Ele a levou.

— Como assim, Bruno? Edgard levou minha mulher? Meu filho? Levou pra onde? Meu Deus — John se levantou e começou a andar de um lado para outro, sentindo-se perdido.

— Todo o contingente disponível saiu para capturá-lo. Conseguimos imagens das câmeras de trânsito e de segurança, mas não foram suficientes para traçar um perímetro concreto. John, eu preciso ser honesto com você — disse o policial, levantando-se e colocando a mão no ombro do irmão. — Considerando o que ele foi capaz de fazer com o próprio filho... Você precisa ser forte. Não sabemos se encontraremos Danielle viva.

— Não diga isso! — gritou John, enfurecido. Sacudiu Bruno pelo colarinho do paletó.

O tenente deixou que ele extravasasse a raiva que sentia e, depois, amparar-se, segurando-se em seus ombros, como se suas forças faltassem. Bruno abraçou seu irmão desolado, imaginando o destino de Danielle e do filho, lembrando-se de que, poucos dias atrás, estavam felizes, fazendo planos de uma vida juntos.

— Ela é tudo que eu tenho. Eu não posso viver sem ela. Me ajude, Bruno, por favor, me ajude...

— Farei o que for preciso para encontrá-la, John. Eu prometo — disse

firme. — Precisamos ir pra sua casa. Lá é o melhor lugar para você aguardar por notícias.

John concordou e, em menos de quinze minutos, estavam no carro voltando para a mansão.

— Evelise, alguma notícia sobre Danielle? — perguntou John, assim que entraram. Viu-a, com os olhos marejados, balançar a cabeça negativamente.

— Sinto muito, meu menino. Nenhuma notícia sobre a Srta. Nunes — disse ela, imaginando como ele devia estar se sentindo impotente. — Mas a Dr.^a Evelyn ligou e disse que Hugo está bem. Felizmente, nada grave aconteceu. Ele quebrou um braço, teve uma concussão leve e levou alguns pontos na testa, mas está fora de perigo. Os seguranças estão sendo operados agora. Jean levou um tiro no ombro e Fábio, um na perna e outro de raspão, no pescoço. Ela garantiu que vão se recuperar bem.

John ficou satisfeito de saber que Hugo e seus empregados estavam fora de perigo, mas isso não diminuiu a angústia e a dor que o afligiam.

O agente Ricardo já estava na mansão.

— O que eu posso fazer, Hessman? Deve haver algo que eu possa fazer para ajudar — perguntou John, andando de um lado para outro, perdido. — Não consigo ficar aqui, passivo, enquanto ela está nas mãos daquele miserável...

— John, precisamos que pense em algum lugar onde ele pode estar escondido. Ele pode ter conseguido sair da ilha, mas ainda está no estado, pois há blitz em todas as estradas de acesso a Santa Catarina e também policiais patrulhando o aeroporto. Acreditamos que ele possa ter um ou mais cúmplices, porque seus bens estão bloqueados justamente para impedi-lo de ter acesso às contas e movimentações financeiras.

Ricardo completou:

— Mas, para ele ter contratado os comparsas que aparecem nas imagens, é provável que alguém esteja financiando tudo isso. Consegue pensar em alguém que possa ter alguma vantagem com a situação ou mesmo mais alguém que tenha motivos para se vingar de você?

John refletiu, mas não quis acusar alguém que ainda significava muito para ele, apesar dos últimos acontecimentos. Ricardo entendeu em quem ele pensava. Lembrou-se da cena que tinha presenciado na empresa de John. Também suspeitava de Klaus Heinz, por motivos óbvios.

Klaus, desde que havia sido demitido do Hauser *Gruppe*, passava os dias gastando o máximo de energia possível. Como não conseguia dormir, depois de

rolar pela cama ou ficar vagando pela mansão, levantava cedo e, às 5h da manhã, saía para correr. Adorava esse exercício, porque o ajudava a pensar. E pensar era o que mais tinha feito naquelas últimas semanas. Vestia um agasalho e saía pelas ruas de Florianópolis próximas à mansão de sua família, como se não vislumbrasse uma perspectiva de futuro. Sem seu emprego... Havia lutado tanto para conquistar aquela posição e, agora, estava também sem Helene. Klaus recordou-se de que tinha amado Helene desde que se entendia por gente, e havia dedicado a vida a tê-la para si. Sentia-se arrependido por dedicar tanto empenho, tanta devoção, a uma pessoa que nunca tinha demonstrado afeição espontânea por ele. Agora, sabia disso. Tudo havia sido em vão. As palavras dela, rechaçando-o publicamente na delegacia, ecoavam em sua cabeça na corrida daquela manhã. *Um meio para alcançar um fim*, assim ela havia definido a relação com ele. Ele, por outro lado, só queria o amor dela. Mas como Helena poderia dar a ele algo que não conhecia? Algo que ela nunca tinha sentido?

Ele já corria havia quase duas horas e seu agasalho estava encharcado de suor. Decidiu tirá-lo, apesar do frio que fazia naquela manhã. Parou em uma praça e fez, ainda, barra, abdominais, flexões... Enfim, exercitou-se até se sentir esgotado e voltar para casa. Todos aqueles dias, ele refletia muito a respeito e, finalmente, conseguiu enxergar que tipo de pessoa ela era, de fato. Era irônico que a atitude de Helene o tinha ajudado a se libertar da obsessão que nutria por ela desde a mais tenra idade. Pensou em tudo que havia deixado de viver e de experimentar, por ter focado todos aqueles anos naquela mulher egoísta e vazia.

Ele havia convivido muitos anos com outra mulher oca de amor e sem escrúpulos como Helene. Pensou em Abigail, sua mãe. Elas tinham muito em comum. Mas não havia conseguido enxergar a semelhança entre elas, tão cego estava. Agora, porém, via refletido em Helene tudo o que repudiava em Abigail. Havia idealizado uma pessoa que não existia, e por ela se apaixonou. Apaixonou-se por uma mulher que sua própria mente havia criado, uma fantasia.

Klaus gostava de pensar que ainda tinha algo de bom dentro de si. Algo que podia ter herdado de seu pai. Petrus sempre havia sido um homem justo e honrado. Klaus, por um tempo, havia se iludido com as vantagens que teria morando com a mãe na Europa, e chegou a desprezar os valores que o pai tinha desejado ensinar. Mas agora ele compreendia o que realmente tinha valor na vida. Arrependia-se de ter estragado a amizade sincera que John sempre tinha demonstrado sentir por ele. Recordou-se de que, quando o pai faleceu, John tinha vindo da Alemanha para acompanhá-lo e dar apoio no funeral.

Klaus, por causa de Helene, sempre viu John como um rival. Quando, na realidade, ele sempre havia sido um amigo. Um amigo para os momentos

importantes de sua vida.

Peter enxergava a natureza amarga de Klaus, apesar de não dizer nada a John. Klaus sabia que Peter enxergava isso. Ainda assim, John acreditava que ele era bom, e sempre dizia isso a Klaus.

Quando soube que John tinha se apaixonado por Danielle, Klaus teve pena de seu infortúnio. Afinal, John estava se envolvendo com uma mulher que ele mesmo rotulava como simplória e sem berço. Alguém de fora do mundo que conheciam. Mas agora Klaus constatava que havia sido ele o atingido pela fogueira de vaidades de sua comunidade, onde egos e aparências significavam mais que decência e honestidade.

Não queria mais viver daquele jeito, pensou ele enquanto terminava o banho. Vestiu uma roupa confortável e quente, pois era um dia realmente frio. Deitou-se na cama e ficou pensando em como John deveria estar sofrendo com a notícia do sequestro de Danielle. Assistiu ao noticiário e seu primeiro impulso foi procurá-lo, mas o que diria? Havia se mostrado um idiota, ignorando-a na empresa daquela forma. Só queria ofendê-la para atingir John de alguma forma, mas sabia que sua atitude havia sido indigna e vergonhosa, como sua avó havia dito quando soube a razão que levava a sua demissão do Hauser *Gruppe*. Agora, o que mais queria era poder ajudar John. Remediar o que tinha feito. Seu amigo já havia passado por tanta dor...

— Você já soube, Klaus? — perguntou Magda Heinz ao neto, entrando no quarto dele após uma leve batidinha.

— Não há como ignorar, *Großmutter*. Desde ontem, os jornais só falam disso — respondeu. Ele a viu se sentar ao seu lado na cama, permanecendo em silêncio, apenas por não saber o que mais poderia dizer para encorajá-lo a prosseguir com sua vida.

Ela o ouvia caminhando pela casa durante a noite, como se procurasse por um rumo e não encontrasse. Sabia que aquela rotina de exercícios que ele tinha adotado desde a demissão servia para ocupar a mente e cansar o corpo até não suportar mais.

— Eu queria poder ajudar o John — abriu seu coração para a avó, o que a deixou surpresa. — Eu erreí tanto com ele. Se eu pudesse voltar atrás no tempo... — pareceu pensar, olhando para o teto, mas seus pensamentos estavam distantes dali. — Eu faria tudo diferente, *Großmutter*. Helene foi o maior erro da minha vida. Eu valorizei as pessoas erradas, em detrimento de quem merecia meu apoio e meu afeto.

A avó segurou a mão dele e sorriu com os olhos marejados.

— Eu esperei tanto para ouvi-lo cair em si, *mein sohn*. Ela nunca te mereceu e você é um bom homem. Merece ser feliz. Amar e ser amado de volta. Vejo muito de seu pai em você, meu neto — ela viu Klaus negar com a cabeça, mas, segurando o queixo dele, continuou. — Sim, eu vejo. Eu criei os dois. Sei o que estou falando. Ouça a sua *Großmutter* que tem muito mais vivência que você e já viu muitas coisas nessa vida. Se você quer mesmo, se é um desejo sincero do seu coração, faça alguma coisa. Você é um homem inteligente e sabe como Edgard pensa. Reflita e faça. Aquela pobre moça, se ainda estiver viva, está sofrendo. Disso tenho certeza. E, grávida como está, se algo acontecer a ela, John perderá toda a alegria de viver. Considerando tudo o que ele teve que enfrentar desde que era só um menininho... Não sei se ele conseguiria superar mais esse golpe.

Klaus pareceu ter um lampejo do que fazer e levantou-se, pegando um casaco.

— Aonde você vai, meu filho? — perguntou Magda, sem entender.

Klaus a beijou na bochecha.

— Fazer o que você disse. Tentar ajudar meu amigo — e saiu, sem ouvir ela pedir que tomasse cuidado.



— O que veio fazer aqui? — disse Helene, sem soltar o cigarro. Ela tragou profundamente e soltou a fumaça, sem olhar diretamente pra ele. — Eu não fui clara da última vez que veio me ver? Não tem um pinga de amor próprio, Klaus?

Klaus analisou a loira sentada do outro lado da mesa. Respirou fundo e pensou como era bom olhar para ela e não se sentir vulnerável às palavras da moça ou ao feitiço que o prendeu a ela por tantos anos. Isso fez com que se sentisse mais forte e confiante para seguir adiante com o que tinha ido fazer ali.

— Helene, eu não vim falar de nós. Já virei essa página — disse, de forma direta. Aquilo despertou a atenção dela, que sempre o tinha visto ser subserviente a seus caprichos. — Eu vim aqui para pedir sua ajuda. Já deve saber do que houve com a Srta. Nunes.

— Sim, aqui temos televisão. Dá pra acreditar? — disse ela, ironicamente. Debruçando-se sobre a mesa, sussurrou: — Fiquei muito feliz com a notícia!

Afinal, não é todo dia que alguém volta dos mortos. Edgard voltou diretamente do inferno e vai levar aquela criatura desprezível de volta com ele. Tomara que ela sofra muito antes de morrer. John não vai ter o prazer de ver seu rebento mulato. Pobrezinho. Parece que vai sofrer mais do que eu, afinal de contas — terminou ela, com um sorriso sórdido nos lábios.

— Você pode tentar não tornar a vida dele mais miserável do que já está. Seria uma chance de se redimir de todo o mal que causou aos dois. Hoje, eu percebo o quanto eu errei com John, por algo que não valia a pena. Vim até aqui para pedir que faça a coisa certa, e ajude a pôr um ponto final nesse sofrimento. Você tem alguma ideia de onde Edgard pode estar se escondendo com ela?

— Ah, é? Está arrependido. Acho que é tarde demais pra isso — disse Helene, rindo e ignorando a pergunta. — Vai ter que aprender a conviver com seu remorso.

Klaus percebeu que, daquela forma, não conseguiria nenhuma informação. Precisava mudar sua abordagem.

— Helene, se colaborar, seu irmão poderá negociar uma possibilidade de redução de pena ou mesmo pena alternativa. Mas, me diga, por favor, suspeita de algum lugar? Pode parecer insignificante, mas qualquer informação pode ser decisiva para encontrar Danielle.

— Mesmo se eu soubesse, não iria dizer nada. Mas não precisa ser um gênio pra saber que ele nunca iria para um lugar que pudesse ser associado a um esconderijo pela polícia.

— Helene, ela está grávida. E com Edgard cheio de ódio, como deve estar, ele não agiria com gentileza com alguém que acredita ser a causa de seu infortúnio e...

— EU QUERO QUE ELA E O FILHO BASTARDO DELES MORRAM!
— gritou Helene, interrompendo-o e levantando-se. O grito atraiu a atenção da agente penitenciária que acompanhava a conversa parada próxima à porta. Klaus fez sinal de que estava tudo bem.

— Helene, não é possível que você seja cruel a esse ponto. São duas vidas inocentes que... uma criança. Filho do John — ele pareceu se frustrar quando ela fingiu não dar ouvidos ao que dizia. Então decidiu atingi-la onde mais doía: direto no ego. — Bem, deveria ter feito o mais sensato e procurado a Sabine primeiro. Agora que ela está rica com a recompensa por ter entregado a localização dos bandidos e por ter entregado seu conluio com Edgard, está recebendo tanta atenção da mídia e da nossa comunidade... Já recebemos quatro convites de festas e cerimônias para homenageá-la. Bem, não posso dizer que foi

um prazer, porque isso você nunca foi capaz de me dar — e, dizendo isso, Klaus se levantou e bateu na porta para que a agente abrisse. — Adeus, Helene.

— Aquela piranha! Ela sempre teve inveja de mim. Da minha vida e de tudo que eu represento. Aquela barata suja! Ela não é tão inocente quanto todos pensam.

Klaus fez um sinal de que ficaria mais um pouco e voltou a se sentar.

— O que quer dizer com isso?

— A idiota sempre se contentou com migalhas. Ninguém sabe, mas ela era amante de Edgard. Foi amante dele por anos — e Helene riu ao dizer isso.

Klaus se levantou de uma vez e bateu na porta para sair.

— Ei! Desistiu, assim, tão rápido, de tentar me convencer a ajudar seu amiguinho? — disse, sarcasticamente.

Klaus sorriu e disse:

— Você já ajudou — disse ele, arqueando a sobrancelha, mostrando que a havia feito cair na armadilha.

O sorriso debochado no rosto de Helene desapareceu, pois nem ela mesma fazia ideia de que, esse tempo todo, havia sido uma marionete nas mãos de Sabine.

— Mas não fique tão decepcionada com sua inteligência, Helene. Afinal, para Sabine, você foi só um meio para alcançar um fim.

Ainda conseguiu ouvir os gritos de Helene, descontrolada e sendo contida pela agente penitenciária, quando se afastou. Aquilo fez com que Klaus sentisse um contentamento sem tamanho. Sabia exatamente o que deveria fazer agora.

— Hessman, alguma novidade? — indagou John, vendo-o entrar e indo a seu encontro.

— Nada, John — respondeu o policial, aceitando a xícara de chá que *Fräulein* Evelise servia a ele e ao delegado Antunes. O delegado tinha chegado acompanhado por André na véspera, quando descobriram que a morte de Edgard havia sido uma farsa.

— Fizemos uma varredura por todas as propriedades da família e locais em que ele, em algum momento, tenha sido visto, mas nada.

John usava uma camisa branca e uma calça de moletom azul. Os policiais jamais o haviam visto em trajes tão informais. Mas era natural que, passando pelo que estava passando, a aparência fosse sua menor preocupação.

— Já se foram 48 horas — disse John, com a cabeça baixa apoiada sobre as

mãos.

— Sr. Hauser, eu vim até aqui para que soubesse que estamos contando com a força policial de todo o estado nessa empreitada para capturar Edgard Hauser. Mas existe a possibilidade de que, quando o encontrarmos, sua noiva não esteja mais viva.

— Ela está viva! — disse John, certo do que dizia, pois sua certeza vinha do amor que tinha em seu coração e que não permitia que pensasse o contrário. Olhando para o tenente Hessman que estava ao seu lado, em apoio, afirmou: — Eu a terei de volta. Ela é meu filho.

Nesse momento, a porta se abriu e John viu um rosto que esperava ver havia meses, por sempre estar ao seu lado quando precisava de apoio. Todos seguiram seu olhar e viram Peter parado ali, caminhando em direção a John, que se levantou e soube que, no mundo inteiro, ele era a única pessoa que sabia como John se sentia. Aproximaram-se, esquecendo todas as desavenças e se abraçaram.

— Estou aqui, *mein freund*. Para o que você precisar. Conte comigo. E, sim, eu também acredito que Danielle está viva — disse, tentando transmitir força em suas palavras, pois estava convicto de que ela não morreria daquela forma. Ela não seria tirada deles daquela maneira tão brutal. Não seria justo.

Peter olhou para o amigo e viu gratidão em seu olhar.

— Quando você chegou? Como ficou sabendo? — John perguntou.

— Hugo e Letícia me buscaram agora mesmo no aeroporto — disse, sinalizando para o outro homem parado à porta.

— Oi, gente — disse John, forçando um sorriso. Já sabia que o primo havia recebido alta e que estava em casa, mas não tinha desejado sair da mansão por nenhuma razão que não fosse uma pista concreta do paradeiro de sua noiva.

Ricardo foi até Letícia e, segurando e beijando, com gentileza, sua mão, ajudou-a a se sentar no sofá de couro. Estavam se entendendo, finalmente. Desde o dia em que haviam ajudado Danielle a pintar o quarto do bebê, viam-se com frequência. O senso de dever do policial era a única coisa que o impedia de se relacionar com a moça. Precisava estar focado na segurança de Danielle, e envolver-se com Letícia poderia afetar suas prioridades.

Hugo estava calado. Não sabia o que dizer para trazer alento ao primo e limitou-se a um aperto em seu ombro com o braço bom, sentando-se, em seguida, ao lado de sua irmã. Uma batida na porta dirigiu a atenção de todos para o motorista Bruno, que parecia trazer a pior notícia que John poderia receber na

vida.

— O que foi, Bruno? — disse John, sabendo que deveria ser algo muito ruim para ele não conseguir olhá-lo nos olhos.

— Chegou algo. Está na sala. — Ouviu o choro de Evelise próximo dali.

John correu para a sala e viu Evelise ser amparada pela cozinheira, que também se debulhava em lágrimas. Todos os outros o seguiram e foi quando John viu algo que nunca esqueceria em toda a sua vida. Peter, a seu lado, sentiu-se igualmente perturbado com a cena. John sentiu o próprio coração falhar uma batida. Seus empregados depositavam, com pesar, um caixão todo preto sobre o hall de entrada e, ao seu lado, um pequenino caixão branco o acompanhava. John caiu de joelhos, como se toda a esperança e sonhos de um futuro ao lado de Danielle e seu filho se esvaíssem num piscar de olhos.

— Meu Deus! — gritou ele, caindo de joelhos. — Meu Deus! Me ajude! Por favor. Meu Deus, eu não posso mais! Não me abandone mais uma vez. Por favor...

Hugo e Peter se sentiam tão sem esperança quanto ele e pareciam não acreditar no que viam. O tenente Bruno Hessman não conseguia imaginar como um ser humano era capaz de tamanha crueldade. Tanto ódio e tanta maldade. Ele prometeu a si mesmo que, nem que fosse a última coisa que faria na vida, obrigaria Edgard Hauser a pagar por todo aquele sofrimento que causava em seu irmão. Não descansaria até que ele estivesse preso ou morto.

Peter caminhou até o caixão escuro e suas mãos tremiam só de imaginar o que poderia estar lá dentro. Olhou para Hugo que, de joelhos, abraçava John, que chorava copiosamente. Como se o tempo tivesse parado, o médico encarou os policiais que o encorajaram a fazer o que era preciso e que mais ninguém parecia ser capaz de fazer. Peter soltou as trancas. Respirou fundo, pedindo a Deus misericórdia. Fez uma breve oração pelo amor de sua vida e, enfim, levantou a tampa do caixão. Ao ver o que havia dentro dele, foi sua vez de chorar.



Klaus dirigia como um louco depois de confrontar Sabine. Havia tentado ligar para os telefones de John e de Hugo, mas não conseguiu falar com ninguém. Ligou para a mansão, mas a empregada disse que John não estava em

condições de receber ligações. Havia deixado bem claro para Sabine que, se ela entrasse em contato com Edgard para avisá-lo, não apenas ele, mas John e toda a polícia da cidade estariam atrás dela. O terror que tinha visto no olhar da moça evidenciava que ela estava mais preocupada em salvar a própria pele. Ela tinha dito que Edgard estava sozinho com Danielle, pois não queria que os bandidos que havia contratado conhecessem o esconderijo.

Assim, após serem muito bem pagos, os três homens se tinham se separado de Edgard e seguiram em outro veículo. Edgard estava em um pequeno chalé da família de Sabine, no interior de Santa Catarina. Ela garantiu a Klaus que, da última vez que havia visto Danielle, ela estava viva, mas Edgard a estava espancando. Tentou ligar novamente, mas soltou um palavrão quando viu que a bateria de seu telefone tinha descarregado. Já a caminho da localização que ela havia dado, percebeu que precisaria fazer parte do trajeto a pé, porque o carro poderia chamar a atenção de Edgard.

Não havia nenhum sinal de casas naquelas imediações. A estrada por onde seguia nem tinha asfalto, mas ele estava decidido a encontrar Danielle a qualquer custo. Apagou os faróis quando encontrou a placa com a direção de um lago, a única referência que Sabine havia dado da proximidade do chalé. Dali, seguiria andando. Conferiu a pistola de seu pai, que estava no porta-luvas, e a prendeu na parte de trás da calça quando desligou o motor e desceu do veículo. Embrenhou-se por dentro do bosque e caminhou por cerca de dez minutos na escuridão, pois a noite caía e ele contava apenas com a iluminação da lua. Quando enfim, avistou luzes, sabia que havia encontrado o lugar que procurava.

Olhou ao redor e constatou que não havia ninguém de guarda e até acreditaria que o chalé estivesse desabitado, se não visse Edgard saindo, naquele momento, da propriedade e entrando em um jipe, sem demonstrar que tinha pressa. O criminoso olhou ao redor, como se procurasse por algo de errado e, não encontrando, dirigiu pela estrada contrária àquela pela qual Klaus tinha vindo. Klaus esperou até que o som do veículo não pudesse mais ser ouvido e, com cautela, aproximou-se do chalé. Percebeu que ali não havia energia elétrica, mas algumas velas iluminavam o interior. Pela vidraça, viu ainda uma pequena lareira, onde o fogo crepitava. Caminhou até a porta e verificou que estava trancada. Procurou outra forma de acesso. Além das duas pequenas janelas com grades, havia uma segunda porta nos fundos, que também estava trancada. Foi quando Klaus percebeu que seria mais fácil forçar o acesso por ela, por ser uma porta velha. Como pensava, a porta cedeu após sua terceira tentativa de pressionar o ombro contra a barreira.

Entrou com cuidado, segurando a pistola para o caso de ser surpreendido

por algum outro cúmplice de Edgard. Mas, de fato, a casa estava vazia. Foi quando a viu. Deitada sobre o chão sujo, Danielle não se mexia. Seu corpo inerte fez com que ele pensasse que tinha chegado tarde demais.

Será que foi por isso que Edgard foi embora? Será que ele conseguiu o que queria?, pensava Klaus, sem saber o que fazer agora que via Danielle naquele estado. Havia sangue no rosto dela. Seu lábio inferior tinha um corte e, de seu supercílio, também escorria um filete de sangue. *Viva ou não, eu a levarei até John*, pensou ele, abaixando-se para tentar pegá-la no colo e sentindo seu corpo gelado. Avaliou, de perto, a extensão de seus ferimentos e viu um roxo, o que lhe causou uma revolta crescente, diante de tamanha covardia.

Danielle gemeu e abriu os olhos quando viu Klaus tentando tocá-la.

— Você? — sussurrou, de forma quase inaudível. Ao mesmo tempo em que chorava, tentava se afastar do contato dele. A lembrança de como ele a havia destratado na empresa de John ainda estava viva na mente dela, além do fato dele ser marido de Helene, cúmplice de Edgard.

— Por favor, não me machuque mais. Meu filho... meu filho não tem culpa... — implorava ela.

— Danielle, fique calma. Eu vim aqui para te ajudar.

Ela pareceu não acreditar, porque, mesmo com as mãos e os pés amarrados, tentou se afastar ainda mais dele.

— Me ouça, por favor. Não temos tempo. Edgard saiu, mas deve voltar logo. Vou soltar você. Acha que consegue andar?

Ela pareceu analisar a expressão dele, mas, não tendo outra opção, assentiu com a cabeça, embora temerosa. Viu ele começar a desatar os nós que prendiam seus pés e mãos.

— Sim. Acho que sim — disse ela. — John... ele sabe?

— Não consegui falar com ele, nem com Hugo. Não quis perder tempo — e, dizendo isso, terminou de lhe soltar os pulsos de Danielle.

Foi quando ouviu um sinal eletrônico, que o chamou a atenção e o deixou em estado de alerta.

— Fique aqui e não faça barulho — sussurrou ele, levantando-se e segurando a arma. Danielle ficou assustada ao identificar o que ele segurava.

Klaus um barulho de notificação que se assemelhava ao de um celular, e seguiu na direção de onde tinha vindo o som. Sorriu diante da própria sorte quando percebeu que não era Edgard voltando. Ele havia esquecido o celular sobre o parapeito da lareira. Mais que depressa, pegou o aparelho e discou o

número do celular de John.

— Edgard, seu miserável! O que fez com minha mulher? Onde ela está? Me diga, seu...

— John, aqui é o Klaus. Acalme-se e me ouça.

— Klaus, você também está envolvido...

— Cala a boca, droga, e me ouve! — quase gritou Klaus. — Eu estou com sua mulher e ela está viva. Descobri o paradeiro de Edgard através de Sabine. Ela foi cúmplice dele e este chalé, onde Danielle está, é da família dela. Tentei ligar para você e para o Hugo, mas não consegui. Liguei para sua casa, mas disseram que você não podia atender, por isso vim até aqui sozinho. Não quis arriscar perder tempo e vim tentar resgatá-la. Anote o endereço de como chegar até aqui e mande a polícia. Edgard saiu, mas não deve demorar. Vou tentar levar Danielle pro meu carro.

Klaus pensou que ele estava em choque.

— Você me entendeu John? Fala alguma coisa, homem! — disse Klaus, nervoso. John pareceu estar assimilando tudo o que ouvia e pediu uma caneta.

— Fala o endereço, Klaus. Estou ouvindo — disse, ansioso.

Assim, Klaus repassou as referências de como chegar e, antes de desligar, disse:

— Farei tudo o que eu puder para salvar ela e seu filho. Avise a polícia para vir rápido.

E desligou, antes que John pudesse dizer qualquer outra coisa. Foi quando Klaus viu algo que chamava a atenção no lugar onde estava o celular. Olhou rapidamente para aquela foto antiga e a guardou no bolso de trás da calça. Voltou até Danielle e a ajudou a ficar de pé. Ela estava muito fraca e debilitada, devido às agressões sofridas

— Consegui falar com John e pedi ajuda — disse ele, colocando o braço dela ao redor de seu pescoço. — Sei que não tem motivo para confiar em mim, mas...

Ela segurou sua jaqueta e apenas disse:

— Obrigada, Klaus. Obrigada por salvar a minha vida e a do meu bebê.

— Vamos indo, você ainda não está fora de perigo — disse ele, preocupado com seu estado. Ela precisava de cuidados médicos urgentes.

Klaus soltou outro palavrão quando percebeu que havia começado a chover. Tentou identificar o caminho pelo qual tinha vindo e teve dificuldades.

Demonstrando uma confiança que não sentia, olhou para Danielle e a ajudou a caminhar em meio às árvores. Viu que ela se esforçava para andar o mais rápido que podia. Eles precisaram parar algumas vezes para que ela descansasse e, quando ele viu que ela não conseguiria mais caminhar e estava prestes a perder os sentidos, carregou-a no colo.

— Então, vocês já pensaram nos nomes? — perguntou Klaus, para tentar mantê-la consciente.

Danielle sorriu, pois sabia qual era intenção dele. Respondeu, mesmo assim:

— Não sabemos o sexo. Eu queria que fosse uma surpresa — disse ela, sorrindo debilmente. — Ainda não conversei com John a respeito. Pensei em Peter se for menino e, se for menina, Agnes.

— O nome da mãe do John — disse Klaus, sabendo que o amigo aprovaria a escolha. — São nomes muito bonitos, Danielle.

Ela sorriu e recostou a cabeça no peito dele. Sentia dor e exaustão. Não conseguia mais manter-se acordada.

Após um certo tempo caminhando no bosque escuro, Klaus reconheceu o caminho por onde tinha vindo e conseguiu vislumbrar seu carro na estrada.

— Estou vendo o carro — Klaus sorriu pela primeira vez para ela, ao imaginar a alegria de John quando tudo aquilo acabasse, mas percebeu que ela havia desmaiado. Provavelmente não suportava mais a dor que devia estar sentindo após as agressões daqueles dois dias.

Destravou as portas e colocou Danielle deitada no banco de trás, com muito cuidado. Tirou a própria jaqueta e colocou sobre ela. Ela gemeu um pouco. Klaus se posicionou no banco do motorista e saiu cantando pneus dali. Dirigiu como nunca havia dirigido em toda a sua vida. Sem respeitar limites de velocidade. Olhava para Danielle pelo retrovisor e torcia para que ela resistisse e seu filho também.

Uma hora depois, ele chegava com ela a um pronto-socorro e a viu ser levada pelos enfermeiros. Um deles gritou que chamassem o obstetra de plantão. Klaus tentou acompanhá-la, mas outra profissional o impediu e solicitou que ele fornecesse informações para o prontuário. Quando esclareceu do que se tratava, as recepcionistas que faziam a ficha dela imediatamente ligaram para a sala de polícia daquele hospital.

Klaus ficou sentado, aguardando notícias do quadro médico de Danielle. Já havia ligado para John e ele já se encaminhava para aquela unidade hospitalar.

Estava repassando informações para o policial que foi colher seu depoimento, quando viu John chegando, acompanhado de uma verdadeira comitiva: Hugo, Peter, Tenente Hessman e Ricardo.

— Estou procurando Danielle Nunes. Ela está grávida e está... — disse John no balcão de informações, quando avistou Klaus e foi até ele.

— Não me disseram nada ainda sobre o estado dela desde que... — Klaus parou de falar quando sentiu o abraço de John. Por um tempo, não soube o que fazer, mas depois compreendeu o que ele sentia e retribuiu o gesto.

— Obrigado... amigo — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Não precisa agradecer, meu amigo. Me perdoe pela forma como agi errado com você por todos esses anos.

— Esqueça tudo isso. Sempre soube que você era um homem bom. Sempre soube...

Nesse momento, um homem de jaleco branco se aproximou, perguntando:

— Quem é o responsável por Danielle Nunes?

— Sou eu — disse John, dando um passo à frente. — Como ela está, doutor? Como está meu filho?

— Ela está bastante fraca por ter ficado sem comer nada por dois dias, mas, felizmente vai se recuperar, apesar das agressões que sofreu. A boa notícia é que tanto ela quanto o bebê vão ficar bem. Não há danos permanentes, mas ela deverá ficar alguns dias em observação. Fizemos uma ressonância, mas outros exames serão necessários.

— Obrigado, doutor. Eu posso vê-la?

— Ainda não. Ela está fazendo um exame de sangue. Dentro de alguns minutos, pedirei que venham chamá-lo. Mas apenas uma pessoa poderá ficar com ela — apesar de não gostar de ter que esperar, John ficou feliz por ela e seu filho estarem fora de perigo. Logo, poderia estar com Danielle.

John assentiu, concordando com o médico. Sentiu a mão de Peter em seu ombro e sorriu para o amigo, que também parecia aliviado com a boa notícia e tinha a mesma expressão que via no rosto de todos. Estavam aliviados depois do horror que havia sido receber aqueles dois caixões cheios de pedras na mansão naquela tarde. Ricardo estava ligando para o delegado Antunes e repassando a informação. Viu Hugo ligando para a irmã e fazendo o mesmo.

— Edgard está sob custódia — disse Ricardo. — O delegado Antunes disse que ele reagiu e foi baleado, mas está vivo.

John olhou para Hugo, que parecia triste diante de tudo aquilo.

— Ele precisa pagar por seus crimes, primo. Ele fez muito mal a todos nós. Espero que a justiça não seja condescendente com ele — disse Hugo, imaginando que seu pai nunca o havia amado verdadeiramente e, isso, sim, doía. Recordou-se de que Edgard havia arremessado uma picape contra seu carro e que poderia ter matado o próprio filho, sem demonstrar nenhum remorso.

— Eu achei isso, quando encontrei o celular de seu pai e pude ligar para o John. O meu estava descarregado — Klaus estendeu um pedaço de papel para Hugo, que não entendeu.

Hugo ficou observando a foto antiga amassada e então sorriu. Era uma foto de Edgard segurando um bebê, olhando-o com devoção. Hugo se reconheceu nos braços do pai e sentiu que, talvez, Edgard, de um modo estranho, o amasse, apesar de tudo que havia feito.

John entrou sem fazer barulho e viu Danielle deitada, de olhos fechados. Analisou a aparência dela. Tinha hematomas por todo o rosto. Havia cortes no supercílio e nos lábios, e seu olho esquerdo estava ficando roxo. Um ódio descomunal por Edgard só aumentava mais e mais dentro do peito de John, ódio esse que só era superado pelo amor que sentia por Danielle e pelo fruto daquele amor, o mesmo que ela carregava.

— Oi, meu amor — disse John, aproximando-se do rosto de Danielle e depositando um beijo leve em sua testa, falando baixinho.

Ela abriu os olhos e viu John sorrindo, com os olhos marejados, ao lado da cama.

— Eu te amo, Danielle — disse ele, segurando a mão que ela repousava sobre a barriga.

— Oi, *mein liebe*. Eu te amo mais, você sabe disso — disse ela, sorrindo e fazendo-o sorrir também. — O Klaus me salvou. Salvou o nosso bebê — disse, deixando as lágrimas correrem pelo rosto.

— Eu sei, Danielle. Eu conversei com ele agora há pouco. Agradei por tudo o que fez por nós e agradei ainda mais a Deus, por ele proteger você e nosso filho — disse John, acariciando os cabelos e a barriga de Danielle ao mesmo tempo. — E, como você está se sentindo agora, *mein liebe*?

— Eu estou com um pouco de dor de cabeça apenas, mas me sinto bem. Estamos vivos. É tudo que importa. Eu tive tanto medo dele — a sua voz ficou embargada e ela não conseguiu concluir a frase.

— Eu sei, mas já está tudo solucionado, meu amor. Não pense mais nisso, está bem? Edgard foi baleado e já está sob a custódia da polícia. Fique tranquila. Ele não poderá nos fazer mal. Nunca mais. Eu garanto — e, mudando de assunto para desanuviar a mente dela de tanta tensão, disse: — O Peter está aqui.

Aquelas palavras não fizeram sentido para Danielle.

— Mas como ele... — Danielle não entendia como ele tinha ficado sabendo. — Vou pedir ao médico, daqui a pouco, para que ele entre e possa vê-la. Está bem?

Ela sorriu e assentiu com a cabeça.

— Vocês fizeram as pazes? — ela quis saber, olhando diretamente para os olhos de John.

— Sim. Está tudo certo entre nós agora, meu amor — e abaixou-se para beijá-la, com carinho. — Não sei como poderia continuar vivendo se algo acontecesse a você, Danielle.

— John, agora não temos mais o que temer. Poderemos seguir com nossos planos e criar nosso filho sem qualquer incerteza — disse ela, sorrindo. — Mas mudei de ideia quanto ao casamento.

Ele pareceu confuso.

— Não quer mais se casar comigo? Mas, eu pensei que...

— Não é isso, meu amor... É justamente o contrário. Eu decidi que não quero esperar muito mais. Quero casar com você antes de o nosso bebê nascer. O quanto antes. Não precisa ser uma grande festa. Eu só preciso que estejam presentes as pessoas que amamos. Pode ser na sua casa, mesmo.

— Nossa casa — corrigiu ele, sorrindo, feliz, por ela ter mudado de ideia. — Pode ser daqui a um mês. O que acha?

— Sim. Nossa casa — riu Danielle, concordando. — Para mim, em um mês seria perfeito, meu amor. Mais que perfeito! — disse, aceitando outro beijo dele.

— Eu trouxe algo pra você — disse John, tirando o colar com pingente de coração do bolso do paletó e colocando no pescoço dela, que sorriu por poder usar novamente aquela joia que representava tanto para eles.

Imediatamente, Danielle lembrou-se da verdadeira história daquele colar.

— John, posso te pedir um grande favor?

— Claro. Peça o que quiser, meu amor. Eu farei o que quiser — disse ele, sorrindo e acariciando seu rosto.

— Preciso que procure o tenente Hessman e fale com ele.

— Dani, será que isso não pode esperar? Eu não queria me afastar de vocês agora e...

— Você disse que faria o que eu pedisse e isso é muito importante para mim. Eu tenho certeza de que ele está lá fora.

— Está bem. O que quer que eu fale para ele? — perguntou John, curioso.

— Não quero que fale nada. Apenas ouça o que ele tem a dizer — disse ela. Ela observou a expressão no rosto de John, que parecia não entender o que ela queria dizer com aquilo. — Por favor. É muito importante pra mim. Você fará isso?

— Sim, meu amor, vou falar com o tenente Hessman agora. Aproveito e peço que o Peter venha te ver — e depositou um beijo nos lábios e outro na barriga de Danielle.

Naquele momento, o bebê se mexeu dentro dela, o que os deixou ainda mais felizes, pois era a primeira vez que isso acontecia. Os dois riram e ficaram algum tempo com as mãos sobre a ventre de Danielle. Ele se mexeu de novo, como se soubesse que eram seus pais ali, conversando com ele.

Danielle se sentia grata a Deus por, finalmente, poderem respirar aliviados e por saber que seria feliz ao lado do homem que amava. Peter entrou e ela adorou vê-lo novamente. Estendeu a mão, e o médico a tomou e beijou, com gentileza.

— Você está lindo com essa barba. Eu disse que ficaria, lembra?

Peter se recordou do que ela havia dito quando ele estava internado e ela é quem estava cuidando dele..

— Acabei deixando crescer, porque o trabalho no Zimbábue me dá pouco tempo para me preocupar com minha aparência.

— Mas arranjou tempo para vir me ver, Peter — disse Danielle, feliz.

— Nada no mundo me impediria de estar aqui, Danielle — garantiu ele, sorrindo. Respirou fundo por não conseguir conter uma lágrima ao vê-la com o rosto naquele estado.

— Ei. Eu estou bem. Parece pior do que realmente é. Não fique assim — respondeu ela, puxando-o para um abraço. — Só queria que não nos reencontrássemos tanto em quartos de hospital.

Ele riu constando aquela verdade: primeiro por causa de John, depois porque ele mesmo havia sido baleado e agora ela estava ali. Ficaram assim por algum tempo, apenas se abraçando.

— Você sempre terá um espaço só seu em meu coração, Peter — sussurrou

ela em seu ouvido. — Nunca vou esquecer tudo o que fez por mim. Desejo muito que você seja tão feliz quanto eu e John. Você merece mais do que ninguém, por ter esse coração do tamanho do mundo. Tem muito amor para dar.

Ele sorriu para ela, verdadeiramente feliz por ela e seu amigo terem se acertado e estarem felizes. E, olhando com carinho para a barriga de Danielle, sorriu, dizendo em seguida:

— Logo seu bebê vai ganhar um priminho e eu vou começar a partilhar desse amor.

Vendo a dúvida no rosto dela, Peter tirou uma fotografia da carteira, e disse:

— Esse é o meu filho.

Danielle pegou a fotografia e viu um lindo menino negro. Estimou que ele tinha, no máximo, uns quatro anos.

— Como assim, filho? — quis saber ela. Peter sentou-se à beira da cama e começou a explicar:

— Ele ficou órfão pouco depois que eu cheguei no povoado. A mãe dele contraiu cólera. Eu cuidava dela, mas ela não resistiu. O pai já havia falecido antes da minha chegada. O garoto estava doente e debilitado, mas tinha tanta vontade de viver, que se recuperou — Peter olhou para foto, emocionado com o sorriso do menino. — Ganhou peso e, por incrível que pareça, apegou-se muito a mim, e eu, a ele. Decidi adotá-lo e acho que, ainda este mês, será oficial.

— Peter, não imagina o quanto estou feliz por você. Por vocês! — disse Danielle, tocada pela história de vida do menino que se assemelhava tanto à do próprio Peter. — Que bom que encontraram um ao outro. Sei que você será um pai maravilhoso! — disse ela, emocionada novamente e vendo que ele também tinha os olhos marejados. — Como ele se chama? — quis saber Danielle, segurando a mão de Peter.

— O nome que escolhi para o meu filho é Daniel Zaimo Hass, em homenagem a uma pessoa que eu amo muito.

Lágrimas correram pelo rosto de ambos, e não foi necessário que nada mais fosse dito. Eles se abraçaram, como os bons amigos que seriam para sempre.

Depois que John contou a todos, de modo geral, como Danielle estava, ele chamou o tenente Bruno para tomar um café, e o policial aceitou. Deixaram Ricardo e Hugo conversando com Klaus sobre sua visita a Helene e sobre como ele tinha descoberto que Sabine era amante de Edgard. Ela também havia sido presa e estava sendo fichada, mas, diferentemente de Helene, Sabine não tinha

curso superior, e teria que dividir a cela com outras sete prisioneiras.

— Bruno, eu não entendi bem o que Danielle quis dizer com isso, mas, ela me disse que eu deveria ouvir algo que você tem a me dizer.

Bruno agradeceu mentalmente a Danielle por ela proporcionar aquele momento. Era chegada a hora de revelar toda a verdade para John sobre seu pai e sua mãe.

— John, o que eu tenho para te dizer é um segredo de toda uma vida — começou ele, escolhendo com paciência as palavras e vendo que John parecia muito atento a tudo o que dizia. — Eu gosto de pensar que, hoje, depois do que passamos juntos, somos amigos — continuou ele, vendo John sorrir e concordar.

— Eu também o vejo como um bom amigo, Bruno.

— Mas, além de amizade, há laços ainda mais fortes que nos unem — prosseguiu o policial — Eu e você somos irmãos.

— Irmãos? — disse John, sem compreender. — Como isso é possível?

Bruno contou toda a história sobre como havia sido o relacionamento de seu pai com a mãe de John.

— Você tem esse nome por causa do nosso pai. Sua mãe quis que você tivesse o mesmo nome que ele — e estendeu uma fotografia, onde um senhor de cabelos escuros como os de John o carregava no colo, junto com um outro garotinho mais velho, que se assemelhava a Bruno.

John virou a foto, e leu a inscrição com a caligrafia de sua mãe: *John e nossos meninos. Novembro de 1985.*

— Ele sofreu muito quando sua mãe morreu, porque ele a amava de verdade. Meu pai não pôde fazer nada para impedir que você fosse educado na Europa, sem ninguém para amá-lo e o orientá-lo. Tentou falar com Edgard para que permitisse que você fosse criado por ele, mas você já deve imaginar o que Edgard disse ao nosso pai. Enfim, ele ficou muito feliz quando você decidiu voltar ao Brasil. Me disse que, como ele, sua mãe ficaria feliz, no céu, de ver que você se tinha se tornado um homem de bem. Pouco depois, John faleceu, mas me pediu que cuidasse de você, mesmo que você nunca soubesse do nosso parentesco.

— O colar? — disse John, lembrando-se de que sua mãe havia dito que havia sido um presente de seu pai.

— Sim. Papai deu a ela antes daquela viagem, pois, quando a Sra. Agnes voltasse de lá, poderiam ficar juntos, finalmente. O Sr. Otto Hauser havia concordado em dar a ela o divórcio, pois ela havia descoberto sobre as traições e

chegou a revelar que também não o amava. Otto não se opôs. Pediu apenas que o acompanhasse naquele compromisso. Infelizmente, aquela tragédia aconteceu.

John sequer mudou de posição na cadeira. Pensava em tudo o que tinha acabado de ouvir e olhava para a foto que comprovava a história. Levantou os olhos e olhou atentamente para Bruno. Refletiu sobre o zelo extremo que tinha com ele e em como o policial havia estado presente naqueles últimos meses, protegendo-o a todo custo. John então entendeu que o que Bruno dizia era verdade.

— Quando a Danielle soube? — John perguntou.

— No dia em que ela foi até a mansão para contar a você sobre a gravidez. Eu a vi chorando no jardim e conversamos.

— Por que não me disse antes? Todos esses anos, desde que voltei... Saber que eu tinha um irmão poderia ter mudado tudo. Toda a solidão que senti e... — ele mesmo se interrompeu e, abaixando o tom de voz, raciocinou que, provavelmente, não acreditaria em uma história como aquela, que ia de encontro à sua identidade e a tudo em que tinha acreditado a vida toda. Ainda mais vindo de um estranho. — Eu entendo.

John se levantou e devolveu a foto.

— Pode ficar com ela — afirmou Bruno, triste e de cabeça baixa, por constatar que revelar a verdade ao irmão não os havia aproximado, como sonhou que aconteceria.

— Obrigado — disse John. E virou as costas, caminhando em direção à saída da cafeteria do hospital. Então parou de repente. — Você não vem, Bruno?

O policial olhou para ele, sem entender.

— Vamos, quero te apresentar ao resto da família — esclareceu John. — Só que, agora, formalmente, como o meu irmão mais velho.

Bruno se levantou também e, sem acreditar no que ouvia, parou ao lado de John.

— Temos muito que conversar. Quero saber tudo sobre você e sobre o...

— Nosso pai? — completou.

— Sim. Sobre o nosso pai — e, dizendo isso, John abraçou o irmão que tinha ficado nos bastidores de sua vida por tempo demais. Um abraço que Bruno esperou a vida toda. — Obrigado por tudo o que fez por mim. Mesmo sem que eu soubesse, por todos esses anos: meu irmão.

Pouco depois, Danielle viu Peter se despedir e John entrar e lhe contar da conversa que havia tido com Bruno.

— Minha cabeça está um turbilhão, amor. Mas estou feliz por saber que minha família cresceu tanto, em tão pouco tempo. Agora, tenho um filho a caminho, uma noiva linda, que logo será minha esposa e também soube que tenho um irmão. Nossa.

Danielle sorriu, emocionada com a felicidade de John.

— Deita aqui comigo — convidou ela, dando espaço para que ele se acomodasse no leito hospitalar junto a ela.

John não pareceu incomodado por mal poderem se mexer naquela cama pequena. Pelo contrário, a posição mais confortável que encontraram permitiu que ficassem abraçados, o que o deixou feliz. Agora, sim, poderiam ser felizes de forma plena, e criariam seu filho ou filha com todo o amor possível, ao lado dos amigos e da família, como deveria ser. Danielle recebeu o beijo que John lhe deu, junto à promessa de que ele estaria sempre ao seu lado, daquele dia em diante.



EPÍLOGO

— Agora, só falta você assinar mais esses documentos, e será oficial, Dr. Hass.

Peter começou a ler o texto em inglês, idioma falado no Zimbábue por conta do histórico de colonização, além da língua ensinada nas escolas, o Xona, que Peter aprendeu um pouco trabalhando como voluntário no Programa Médicos Sem Fronteiras. Leu tudo e, sorrindo, assinou os papéis.

— Zaimo ficará muito feliz! — disse o homem em uma vestimenta muito colorida, apertando a mão dele. — Não tem falado de outra coisa desde seu retorno ao Brasil. Acho que o menino acabou com a memória da câmera que você deixou com ele. Queria registrar tudo para mostrar para o novo pai.

O ventilador de seu pequeno escritório parecia não dar vazão ao calor que fazia naquele dia. O fato de estar entulhado de arquivos com fichas das crianças do orfanato não ajudava na circulação do ar.

— Que bom que os nossos governos não burocratizaram os trâmites além do necessário, Malik. Também estou ansioso para vê-lo. Mas e a...

— A tia de quem te falei? — perguntou o homem negro, passando a mão pelos cabelos e parecendo um pouco reticente naquele momento. — Digamos que ela é uma pessoa... difícil — disse, ficando de pé e colocando a cabeça para fora da janela, olhando para os dois lados.

— Não me diga que ela rejeitou o meu convite de ir conosco para o Brasil? — perguntou Peter, franzindo a testa e olhando para as costas do homem que, agora, tinha metade do corpo para fora da janela e gesticulava para alguém. — Malik, você explicou a essa moça que ela não será minha empregada? — questionou Peter, preocupado, pois só haviam descoberto a existência daquela tia depois que ele já havia iniciado o processo de adoção, e não queria abrir mão da criança a quem tanto tinha se afeiçoado.

— BOMANI! Cadê aquele imprestável do seu irmão?! — Peter viu um homem negro de, no mínimo, dois metros de altura, dar de ombros para o diretor e continuar com a partida de futebol que jogava com um grupo de crianças. Peter, já de pé, parou ao lado de Malik, para ver se, assim, ele lhe dava mais atenção.

— Malik, eu posso conversar com ela e tentar explicar que ela terá uma

vida independente, e que seria bom pro Zaimo ter um rosto familiar por perto. Eu quero muito que ele continue aprendendo o idioma da terra em que nasceu. Ela seria o vínculo dele com suas raízes, seu povo, sua língua nativa, sua cultura. Ela pode estar pensando que eu sou um ...

— BOBO! — gritou o diretor do orfanato.

Peter, contrafeito, disse:

— Bem. Eu não escolheria essa palavra. Pensei em aproveitador imperialista ou...

— Não, Dr. Hass — disse, rindo, o outro homem, abraçando um jovem magricela que tinha aparecido na janela. — Este é o meu outro filho, se chama Bobo.

— Ah! — sorriu, sem graça pela confusão, e cumprimentou o rapaz.

— Bobo, você já foi buscar a tia do menino Zaimo?

— Fui.

— E cadê ela?

— Não quis vir.

— Por quê? — perguntou Peter.

— Ela disse que, se o doutor quer levar o Zaimo até o outro lado do planeta, ele deve conversar com ela pessoalmente.

— E quando foi isso? — Malik interveio.

— Logo cedo, de manhã. Depois do café, *baba*.^[12]

— E posso saber por que você não veio me falar antes, rapaz? — disse o pai, apertando um pouco mais o pescoço do garoto. — Já passam das 15h, Bobo!

— O senhor falou pra eu dar o recado a ela. Eu não sabia que tinha que fazer outra coisa.

O homem virou os olhos e, soltando o filho, voltou-se para o médico.

— Dr. Hass, já é oficial. O Zaimo, ou melhor, o Daniel Zaimo Hass já é seu filho.

Peter, aliviado, abriu um sorriso do tamanho do mundo. Malik continuou.

— Mas, se quer mesmo que a moça o acompanhe, sugiro que façamos uma visita a ela. O que acha?

— Eu agradeceria muito, Malik. Assim, será melhor para o meu filho — gostou de poder chamar o menino assim.

— E onde está o garoto, Bobo? Pelo menos isso você sabe? — perguntou o pai.

— Sei sim, baba. Eu o vi do outro lado do galinheiro. Estava sozinho, como sempre. Desde que a câmera caiu no chão e quebrou, ele está assim, meio triste pelos cantos.

— E quando foi que isso aconteceu? — perguntou Malik, cruzando os braços sobre o peito e encarando o rapaz do outro lado da janela.

— Eu tinha que ter contado isso também, né?! Foi ontem de manhã. Mas eu guardei todas as peças nas coisas dele — disse o rapaz, abaixando a cabeça e percebendo que o pai o encarava de um jeito que conhecia bem. — Vem, Dr. Peter. Eu levo o senhor até seu filho — disse, sorrindo e tentando mostrar iniciativa. Malik ficou satisfeito e voltou a sorrir para ele.

Peter contornou a construção e passou ao lado do campo onde acontecia o jogo de futebol. Viu Bomani acenar para ele no meio da brincadeira com as crianças. Caminhou pelo terreno acidentado, e ficou imaginando como seria o futuro daqueles meninos e meninas órfãos, crescendo sem o amor de pai e mãe. Peter sentiu, naquele momento, gratidão a Deus por ter tido pais amorosos e que, pelo tempo em que estiveram reunidos, priorizaram ensinar a ele o valor de uma família e princípios éticos e morais, como integridade e respeito à vida.

Foi quando o avistou. Lá estava o menino que, em tão pouco tempo, havia conquistado seu coração: Zaimo.

O garotinho usava uma camisa amarela e calça bege, ambas já bem gastas. Peter notou também que os pés estavam descalços. O garotinho de quatro anos estava com a cabeça repousada nos bracinhos e se apoiava no que parecia ser um grande cântaro de barro, quase da mesma altura que ele. Observando-o dali, Peter pensou que ele parecia ter menos idade, devido à subnutrição que tinha enfrentado em seu curto tempo de vida. Parecia olhar para o campo aberto à sua frente, mas sem fixar os olhos em nada específico. Realmente estava isolado das outras crianças, que brincavam e se divertiam, apesar de todas as adversidades pelas quais deviam ter passado para estarem naquele orfanato.

Peter se aproximou e sentiu seu coração responder àquele menino de uma forma única. Era como se estivessem ligados de uma maneira que não conseguia explicar.

— Zaimo — chamou Peter, e viu a transformação no rosto do menino que, primeiro, pareceu não acreditar no que via. Depois, ele correu na direção de seu novo pai com os bracinhos abertos, apesar dos pés descalços. Peter o alcançou na metade do caminho e o pegou no colo, sentindo naquele abraço todo o amor

que um pai podia sentir quando abraçava filho pela primeira vez. Agora, sim, Zaimo, ou melhor, Daniel Zaimo, era seu filho, e ninguém jamais mudaria isso. Ele seria sua principal razão de viver dali por diante.

— Eu senti sua falta, *baba* — disse o menino, chorando, mas sem se soltar do pescoço do pai.

— E eu contei cada minuto que faltava pra poder te ver de novo, meu filho. Mas eu vim buscar você. Como eu prometi, lembra? — disse Peter, beijando-o na bochecha.

O menino fez que sim com a cabeça e Peter secou as lágrimas de seu rosto.

— E eu ganho um sorriso? — brincou Peter, apertando-o no nariz e vendo os dentinhos brancos que contrastavam com a pele negra do garotinho. — Por que você não está usando as roupas e o sapato que comprei para você, filho?

— *Baba*, eu usei tudo, sim. Depois dei pro Jafari usar também e ele deu pro Muzi. Mas, da última vez que eu vi, o Talibi e a Becca, que é uma menina, *baba* — disse sussurrando e achando graça —, também estavam usando as roupas novas.

Peter nem tinha pensado nessa questão ao comprar roupas e calçados novos para o menino. Seu filho o ensinava uma lição de humanidade: compartilhar o que se tem com quem tem menos. Sentiu muito orgulho do coração generoso do menino. Era uma prova de que havia tomado a decisão mais acertada de sua vida ao adotá-lo.

— Você fez muito bem. Tirou muitas fotos para me mostrar, Zaimo?

— Sim, muitas fotos. Mas eu... — o menino olhou para Bobo como se pedisse ajuda.

— Ei. Eu já soube que a câmera sofreu um “pequeno acidente”, mas não se preocupe que tenho certeza que podemos consertar.

O menino pareceu ainda meio ressabiado e manteve o olhar baixo.

— Filho, eu não estou zangado. E, falando em fotos, vamos tirar uma agora? Que tal?

Viu o garoto voltar a sorrir ao ver sua própria imagem nos braços de Peter aparecer na tela do celular. Tiraram várias fotos dos dois e muitas crianças vieram. Bobo tirou fotos de Peter com todas ao seu redor.

— Parece um espelho, *baba*. Só que um espelho que guarda o tempo — disse Daniel, em sua inocência infantil. Ele tocou a tela do celular e, passando as fotos, viu as caretas das crianças. Riu de uma foto em que ele estava no pescoço do médico e esticava as orelhas. Por fim, o próprio Daniel tirou uma foto do pai,

embaixo de uma grande árvore, ao lado de Malik e Bobo.

— Vamos conversar com sua tia agora, filho. Quero que ela venha morar conosco. Você gostaria?

— A *tete*^[13] Aisha? — perguntou, animado.

Peter viu Malik confirmar ser esse o nome da moça, fazendo o mesmo para o menino.

— Eu gosto dos gatinhos que ela cuida, *baba*. Mas só enquanto são filhotes — disse ele, sorrindo após ter tomado banho e vestido a roupa que Peter havia levado de presente: um macacãozinho azul e uma blusa de mesmo tom, além de um par de tênis brancos. — Mas eu só fui lá uma vez...

Peter sorriu, imaginando que a moça deveria trabalhar em uma loja de animais ou algo parecido. Ele esperou, pacientemente, Daniel Zaimo se despedir de todos os seus amigos. A criança sabia que estavam indo pra longe e abraçou a todos.

Depois, junto com o Sr. Malik e Bobo, foram de jipe até o local onde trabalhava a tia do menino. Tiveram certa dificuldade para ter acesso ao terreno, por ser uma área rochosa que possuía trechos com pequenos morros. Precisaram cobrir o último trecho a pé. O médico seguiu atrás de Malik e Bobo, com o filho nos ombros. Um rugido soou alto atrás de Peter, fazendo-o congelar imediatamente. Percebeu que os dois africanos à sua frente haviam feito o mesmo.

— Não corra, nem faça movimentos bruscos — disse uma voz feminina atrás dele. — Vire-se, bem devagar.

Peter, relutante, fez o que a voz suave ordenava.

— *Tete* Aisha! — disse o menino, balançando os bracinhos.

— Filho, vamos ficar bem quietos — disse Peter, descendo o menino dos ombros bem devagar e abraçando-o contra o peito ao ver o leão que, apesar de não estar na fase adulta, intimidava. Ao lado do felino, estava uma moça negra com um lenço amarrado nos cabelos e um chapéu que cobria parcialmente seu rosto, como proteção contra o sol. Ela segurava um cajado em uma das mãos, caso precisasse se defender.

— Ele vai cheirar você. Apenas isso. Já foi muito bem alimentado hoje. Quer só sentir seu cheiro. Confie mim e não o encare — disse a moça.

— *Baba*, esse já não é mais filhote. Eu gosto dos gatinhos quando são filhotes — sussurrou o menino, cobrindo a boca perto do ouvido do pai.

O leão se aproximou, com seu andar elegante, e cheirou a perna de Peter,

que abraçou com mais força ainda o filho, tentando protegê-lo caso o animal atacasse.

Mas, tal como a moça disse, o animal seguiu em frente e ignorou os outros homens, indo se encontrar com dois filhotes que haviam aparecido, vindos da savana abaixo daquela elevação rochosa.

Um homem surgiu, usando um cajado também, e mostrou que eles poderiam ir.

— Malik, Bobo, venham. Agora, não há mais riscos — disse a moça.

Ela se aproximou de Peter e o observou de perto. Notou a forma protetora como ele segurava o menino e, tirando o chapéu e o lenço, estendeu os braços para o sobrinho.

— Como vai, *mufaro wangu*^[14] — brincou a moça, sorrindo e beijando a face do garotinho várias vezes, que riu, tentando evitar os beijos.

— Faz cócegas, *tete* Aisha — disse, rindo e colocando a mãozinha no ombro de Peter, que se mantinha por perto — Esse é meu novo *baba*, *tete* Aisha. Peter Hass. E agora me chamo Daniel Zaimo Moyo Hass.

— É um prazer conhecê-la, Srt.^a Aisha. Eu vim até aqui para esclarecer...

— Irei com você, Dr. Peter. Vamos buscar minhas coisas? — disse ela, séria, antes que ele começasse a argumentar.

Peter não entendeu, pois, pelo que Bobo havia dito antes, ela deveria demonstrar uma certa resistência em aceitar a proposta.

A moça, percebendo a expressão confusa do médico, resolveu dar mais esclarecimentos.

— Dr. Peter, a minha única preocupação é com o bem-estar do meu sobrinho. Ver como se comportou agora há pouco, como o protegeu... não tenho mais dúvidas de como se sente em relação ao Zaimo. Semana passada, eu vi um marido na mesma situação, e ele soltou a mão da esposa grávida e correu. Nem olhou pra trás. O leão reagiu e foi atrás dele. Foi difícil conter o animal e, felizmente, o homem sofreu apenas escoriações.

— É por isso que eu nunca vim aqui — disse Malik, esclarecendo seu receio de horas atrás.

— A Aisha me explicou mais cedo, mas... — começou Bobo. Interrompeu-se, ao ver o olhar de fúria do pai com a mensagem “desta, você não escapa”.

— Pois é — prosseguiu a moça, ainda com o menino nos braços. — Nós, que participamos do programa de reintegração desses animais à vida selvagem,

explicamos quais as regras que todos devem seguir. A ONG é parcialmente financiada por essas caminhadas lado a lado com os leões, mas uma das principais orientações é que nunca se deve dar as costas pra eles, pois, por mais que sejam criados em cativeiro, são animais selvagens e possuem um instinto natural.

— Eu quero que saiba, Srta. Aisha, que eu sou realmente grato por seu desprendimento em nos acompanhar. Saber que Daniel terá alguém que o ama, um familiar cuidando dele para quando eu estiver trabalhando... Isso me deixará muito mais tranquilo que deixá-lo em uma creche. Mas claro que poderá conduzir sua vida da forma que desejar. Obrigado por sua ajuda. Eu realmente não imagino minha vida daqui pra frente sem o meu filho.

Ela viu sinceridade nas feições do médico e sentiu segurança nas palavras dele. E, assim, três dias depois, Peter desembarcava em Florianópolis acompanhado de Daniel Zaimo e sua tia Aisha, sem imaginar o quanto aquele encontro representaria o início de uma nova vida para os três, repleta de desafios de adaptação, descobertas e... amor.



— Ora, ora. Vejam só quem temos aqui. Cheguei a pensar que tinha se acovardado e que nunca viria me confrontar. Vejo que trouxe seu recém-descoberto irmão com você.

John sentou-se em uma cadeira, do lado oposto da mesa. Bruno Hessman se posicionou logo atrás dele. Apesar do ódio que nutria por Edgard, após todo mal que o homem havia maquinado contra sua família, e por respeito à carreira de policial e à John, Bruno fingiu ignorar as palavras daquele homem. Afinal, aquele combate não era dele.

John pensou na conversa que tinha tido com Danielle, na véspera, em que ela havia tentado persuadi-lo a não ir até o presídio onde Edgard estava. John apenas pediu que ela compreendesse que já havia adiado muito o confronto. Era necessário entender o que aquele encontro significava para ele. Era algo que precisava fazer para encerrar um ciclo de perdas e de muito sofrimento que Edgard havia infligido.

— Amor, só não permita que as palavras dele afetem você. Promete pra

mim. Não dê a ele essa satisfação — pediu Danielle, preocupada, abraçando John e acariciando os cabelos dele.

E foi o que John prometeu, antes de beijá-la na barriga e nos lábios, dizendo que logo estaria de volta.

Encontrou os dois Brunos conversando na garagem. Conversavam a respeito da curiosidade da coincidência dos nomes, quando John se aproximou. Assim, ele seguiu com o motorista e o irmão em direção à cidade onde ficava o presídio no qual Edgard era mantido sob custódia. Agora, estava frente a frente com ele.

— Como foi capaz de fazer tanto mal e destruir tantas famílias, unicamente por querer ter mais poder, mais dinheiro, Edgard? — perguntou John, olhando no fundo dos olhos do homem que, após a morte de seu pai, havia sido, por um bom tempo, sua referência masculina.

Edgard apoiou os cotovelos sobre a mesa e John pôde ver as algemas que prendiam seus pulsos.

— O quê? Veio aqui atrás de respostas? E eu pensando que agiria como um homem uma vez na vida e que, em vez de colocar o rabinho entre as pernas, tomaria uma atitude de homem.

— E o quê, em sua opinião, seria uma “atitude de homem”? — John observou o cinismo e a altivez que o homem, mesmo preso, não abandonava.

— Se alguém me submetesse à metade do sofrimento que causei a você, já estaria comendo capim pela raiz. Eu garanto. Por muito menos, outros pagaram — disse, lembrando-se dos sequestradores Rui e Jorge, que pretendiam denunciá-lo em troca da redução de suas penas, tal como Ana Clara.

— Matou seu próprio irmão, a minha mãe e teria me matado, se não fosse Danielle me encontrar depois que fugi do cativeiro. Matou Ana Clara e ainda tentou matar Danielle, mais de uma vez. Não tem consciência? Como consegue dormir à noite?

— Pois saiba que nunca sofri de insônia. Pelo contrário, sempre tive o sono bem tranquilo, pelo simples fato de que não me arrependo de nada do que fiz. Não sinto culpa ou remorso, pois não acho errado pegar o que é meu por direito — disse ele, esticando os braços sobre a mesa, com a expressão de indiferença no olhar. — Sou um homem que sempre teve propósitos bem definidos na vida. Nunca tive reservas quando precisei sujar as mãos. Não permito que ninguém se coloque entre mim e o que eu quero. Quando aconteceu, simplesmente retirei as pedras do meu caminho.

— Foi o que fez com Hugo, Edgard? Ele foi apenas mais uma das pedras em seu caminho? Nem seu próprio filho você pouparia, nessa sua ganância desenfreada? — John viu, finalmente, a expressão do homem a sua frente se alterar, e o rosto de Edgard se tornou rubro quando ele se pôs de pé, apontando o dedo pra John.

— Nunca faria nada contra Hugo ou contra Letícia. Nunca! Não se compare a eles, seu... bastardo. Filho de um pé de chinelo — esbravejou Edgard, sendo contido pelo agente penitenciário, que o fez se sentar.

John fez um sinal com a cabeça e trocou um olhar com o irmão, que, evidentemente, não gostava da alusão ao pai com tanto desrespeito. Ainda assim, Bruno se mostrou profissional e não saiu de onde estava.

— Edgard, o lado bom de conhecer toda a verdade é saber que, em minhas veias, não corre o mesmo sangue que o seu. Hoje eu tenho um irmão que é um homem que trabalha para que a lei seja cumprida, um homem íntegro. O seu total oposto — disse John, em desabafo. — Eu vim até aqui para olhar bem no fundo dos seus olhos e dizer que, enquanto você vai apodrecer atrás das grades, eu e minha família seremos muito felizes longe de sua influência maligna. Hugo se encontrou na Hauser *Gruppe*. Acho que ele rejeitou por muito tempo uma posição no topo da hierarquia da companhia porque o único parâmetro que ele tinha de como seria seu destino no futuro era você, e ele nunca quis se espelhar em você, nem em seus valores deturpados e mesquinhos.

Edgard contraiu o maxilar, cerrando os dentes.

— Então, afinal, um Hauser por nascimento ainda será o meu legado para o futuro da empresa da família.

— Está errado, Edgard. Hugo se tornou seu próprio parâmetro e, agora, por ter ideias que rompem com o lucro a todo custo, mesmo sem visar às consequências que sempre te nortearam, ele foi promovido a vice-presidente. Letícia está noiva. Você não sabia disso, não é mesmo? — a surpresa estampada no rosto de Edgard não deixou dúvidas. — E não será você quem a conduzirá ao altar. Percebe, agora, o que você perdeu e vai continuar perdendo? O que realmente tem valor na vida é o que o dinheiro não pode comprar, Edgard, porque nos é dado gratuitamente pela vida, se fizermos por merecer. Você abriu mão de ver seus netos crescerem. Mas os seus erros não serão repetidos pelas próximas gerações. No dia em que os meus filhos ou os filhos do Hugo assumirem a Hauser *Gruppe*, o nome Edgard Hauser será lembrado apenas como um exemplo deplorável de como a ganância pode nos corromper, um exemplo do que não ser.

John se levantou da cadeira sem desviar os olhos de Edgard, e prosseguiu.

— Todos nós seguiremos nossas vidas ao lado de quem amamos, enquanto você terminará seus dias dentro desses muros, sozinho e sabendo que teve uma família que o amava, mas à qual nunca deu o devido valor.

John suspirou profundamente e libertou a última mágoa que guardava em seu peito:

— Vou embora agora e você nunca mais me verá, considerando o somatório das penas que lhe serão imputadas. Terá muito tempo para refletir se tudo isso que fez valeu mesmo a pena: matar, enganar, mentir. Impedir que um pai criasse o próprio filho, como impediu John Hessman quando ele foi procurá-lo por você saber da verdade sobre meu nascimento. Você permitiu que uma criança crescesse sozinha em outro país, mesmo sabendo que era o único com meios de reunir dois irmãos e dar a eles a chance de se conhecerem e terem uma infância e maturidade com menos sofrimento e mais amor.

Sentiu a mão de Bruno em seu ombro e sorriu pro irmão.

— Quero que guarde essa imagem em sua memória, Edgard — disse, vendo o olhar de ódio que o homem dirigia a ele e ao irmão. — Guarde a imagem desse reencontro que, por mais que você tenha se esforçado, não foi capaz de impedir. Adeus, Edgard. Queria mesmo que tudo tivesse sido diferente.

Bruno sinalizou para o agente penitenciário e saiu acompanhado do irmão, deixando Edgard refletindo, ali, sobre as palavras que tinha ouvido. Daquele dia em diante, aquelas palavras iriam assombrá-lo até seu último dia de vida. Como John havia dito: teria muito tempo para refletir.



E O TEMPO PASSA...

— Você está linda minha filha — disse D. Rita após Júlia colocar o véu na irmã.

Danielle aceitou que Stella desse por concluída a maquiagem, que era a última etapa do dia de noiva que havia oferecido como presente de casamento. Só então olhou-se no espelho.

— Pode abrir os olhos, Danielle. Acabei — disse Stella.

Danielle ficou sem palavras diante do resultado. Estava linda. Sentia-se linda naquele vestido que era simples, mas bonito. Abaixo dos seios, caía solto, respeitando suas quase trinta semanas de gestação. Sua mãe estava emocionada, tal como sua irmã, sua amiga Rose, *Fräulein* Evelise, Evelyn e a própria Stella.

— Ninguém ouse estragar a maquiagem, porque, senão, vão ficar ridículas nas fotos — disse Rose, fingindo-se de durona, mas também, visivelmente emocionada. Ela viu Letícia parada, do outro lado da porta de vidro. Danielle seguiu o olhar de Rose e sorriu ao ver Letícia.

Tinha esperado por ela a manhã toda, mas sabia que estava empenhada na organização do casamento, desde que havia tomado conhecimento da decisão de Danielle e John de que seria realizado dentro de um mês. Letícia, além adorar festas, tinha um talento natural para a organização de eventos, e se comprometeu com John de fazer o casamento dos sonhos para eles. Danielle pensava em algo mais íntimo e reservado, mas se deixou contagiar pela mãe, pela irmã Júlia e, até *Fräulein* Evelise, que concordaram com Letícia, dizendo que eles mereciam, sim, a festa mais linda e inesquecível depois de tanto sofrimento. Seria um divisor de águas, marcando com alegria uma nova etapa de suas vidas.

Assim, Stella foi convocada, junto com os gregos e a uma equipe de dois maquiadores e três *hairstylists*, que se mudaram para a mansão naquela manhã e, desde cedo, garantiam um dia de massagens, manicure, pedicure, cabelo e maquiagem para as madrinhas e a dama de honra, que seria a netinha de sete anos da cozinheira Sarah. Os pajens seriam, evidentemente, seu sobrinho Hugo e seu afilhado de coração, Daniel Zaimo, que já estava aprendendo muitas novas palavras em português.

Letícia entrou trazendo algo nas mãos. Danielle viu o delicado buquê de rosas que combinava com o tom rosa bebê que Letícia havia sugerido para a decoração. Achava que combinaria com o perfil de Danielle, que aprovou por

achar de muito bom gosto, além de ser muito mais discreto que o roxo, que era a outra opção.

— Hoje, você só deve se preocupar em estar linda para o meu primo, e isso já conseguiu — disse Letícia, entregando o delicado buquê. — Eu tomarei conta do restante. Não quero que se preocupe com mais nada.

Danielle olhou para ela, que ainda parecia realmente arrependida dos erros de julgamento que havia cometido e não conseguia sustentar seu olhar por muito tempo. Chamou Stella, e disse em tom firme:

— Não preciso que faça isso por mim, porque já pedi a Stella que fosse nossa cerimonialista e ela aceitou o convite, não é mesmo?

Stella sorriu, concordando e, antes que Letícia argumentasse, pegou a prancheta que ela segurava.

— O-OK. E-Eu entendo... Está tudo especificado aí, Stella — disse Letícia, se recuperando do choque, e tentando disfarçar a tristeza que começava a embaçar sua visão. — Os músicos já chegaram; os funcionários do *buffet* já receberam orientação, mas nem precisava, porque são muito efluentes — sorriu, um tanto sem graça com a situação. — Ah! A cerimônia já está sendo registrada pela equipe de foto e filmagem e... — não resistiu, e a primeira lágrima rolou por sua face. — Me d-desculpem. Com licença — Letícia já se voltava para a porta, quando Rose e Júlia interceptaram o caminho.

As duas estavam com cara de quem aprontava uma travessura, cada uma usando seus respectivos vestidos de madrinha, mas em tons de rosa diferentes. A Dra. Evelyn também seria madrinha e vestia uma roupa na mesma cor.

— Aonde pensa que vai, Letícia? Não está esquecendo nada? — perguntou Danielle.

Letícia secou o rosto, nitidamente confusa e virou-se. Viu Danielle com Evelyn ao seu lado, segurando um vestido de madrinha igual. Danielle caminhou sorrindo até Letícia.

— Pensou mesmo que, neste dia tão especial, não estaria ao meu lado no altar, Let? Este é o seu vestido. A Stella nos ajudou com suas medidas. Vá se trocar. A festa não estaria completa sem você, minha amiga.

Letícia não segurou mais o choro e abraçou Danielle que, também emocionada, sentiu o bebê mexer em sua barriga. Colocou a mão da amiga sobre si, para que Letícia sentisse também.

— Eu também quero — disse Júlia, e logo todas estavam ansiosas para sentir o bebê se mexendo.

— Ele ou ela está feliz porque fizemos as pazes — disse Danielle.

Letícia, de tão emocionada, não conseguia dizer nada, e foi preciso que Stella interviesse para que não atrasassem mais do que a etiqueta recomendava.

Letícia foi se trocar e um dos maquiadores retocou a maquiagem de Danielle rapidamente. Assim, no fim daquela tarde, ao som da suave melodia de violinos e violoncelos, John passou pelos convidados já assentados para o início da cerimônia, acompanhado por *Fräulein* Evelise, e se posicionou no altar preparado nos jardins da mansão, embaixo do ipê rosa de que Danielle tanto gostava. Ele vestia um terno preto muito alinhado, igual ao dos padrinhos. Foi seguido por D. Rita, de braços dados com o filho mais velho, Júlio, que tomaram assento ao lado de Evelise na primeira fileira, sem considerar o ensaio da véspera, que ditava que, em cada lado, sentaria uma das famílias dos noivos.

Peter entrou, de braços dados com Rose, que piscou para o agente André com quem começara a namorar desde o retorno do oficial a São Luís. Peter piscou para Daniel, que sorriu para o pai enquanto brincava com as outras crianças, claramente adaptado à nova vida.

Peter ficou admirado ao ver Aisha sentada no banco dos bastidores, com os cabelos livres dos turbantes que costumava usar e agora vestindo um traje diferente das vestimentas que usava no Zimbábue, embora continuasse vestindo as peças em Florianópolis. Ele tinha proposto comprar roupas novas. Ela havia se recusado, e ele não tinha insistido. Às vezes, Peter tinha a impressão de que ela queria se esconder por trás daquela imensidão de tecido. E, hoje, confirmava isso de uma forma surpreendentemente interessante. Aisha era uma jovem muito reservada, um pouco tímida, até, mas era uma mulher muito forte, pelo pouco que já conhecia dela. Sabia que ela tinha apenas vinte e quatro anos e que havia colaborado com o sustento do lar desde os doze, tal como seus outros cinco irmãos e irmãs. Tinha perdido todos ou para a guerrilha entre as etnias, ou para doenças, como malária e cólera. Daniel era sua única família.

Aisha aguardava, com a daminha e os pajens, por sua hora de entrar. Peter pensou que ela estava deslumbrante naquele vestido. Ela sorria abertamente, o que era algo incomum. Estava nervosa e um pouco desconfortável com os sapatos de salto e com aquele vestido que Letícia havia dado a ela de presente. Tinha cogitado não aceitar, mas depois de experimentar alguns, pensou que gostaria de saber a opinião de um certo médico ao vê-la usando algo tão diferente e bonito. Sorriu, desviando o olhar do dele, que não disfarçou a surpresa ao vê-la maquiada e tão elegante. Aisha viu admiração no olhar de Peter, algo inédito vindo dele ou de qualquer outro homem. Ela jamais tinha se

preocupado com vaidades, como maquiagem, e nem mesmo um simples batom tinha o hábito de usar. A vida no Zimbábue não lhe permitia tais luxos, que ela julgava futilidades.

O olhar que Peter direcionou a ela fez com que o coração de Aisha batesse mais forte e com que suas mãos ficassem frias de nervosismo. Voltou sua atenção para as crianças para distrair sua mente de ideias que nunca havia ousado considerar antes, mas que, agora, ganhavam a forma de sonhos em sua cabeça.

Peter se posicionou ao lado de John, que sorriu e o cumprimentou com um abraço. Rose ficou do lado oposto. Depois, seguiram-se Hugo com Evelyn, Klaus e *Dame* Magda, que se sentaram e trocaram cumprimentos com alguns conhecidos, como o tio de Peter, Sr. Rodolfo, e o delegado Antunes, que também havia sido convidado e acompanhava a avó de Danielle, D. Antônia. Ela estava radiante e tirava fotos com seu celular de todos que entravam, compartilhando com os parentes do Maranhão que não haviam podido comparecer, apesar de John estar pagando por todas as despesas com hotel e transportes. Mas cinquenta primos e primas, além de nove tios e tias, já representavam bem a família Nunes, pensou D. Antônia, satisfeita de viver para ver sua neta se casar e ser feliz, depois de tudo o que havia sofrido nos últimos meses.

Logo em seguida, o tenente Bruno Hessman entrou, acompanhado por Letícia, pois o agente Ricardo chegaria um pouco mais tarde. Ambos se posicionaram em seus devidos lugares no altar. Bruno sorriu para o irmão, que já dava sinais de nervosismo. Estavam cada vez mais próximos, mas Bruno havia recusado o convite de John de se mudar para a mansão, apenas por gostar do próprio apartamento e também por não querer invadir a privacidade dos recém-casados. Ainda assim, viam-se quase diariamente, e John acreditava que a nova funcionária que tomava conta dos jardins, junto a sua tia, era a razão de as visitas terem se tornado mais frequentes nas últimas semanas. Isso se confirmou quando viu a forma pouco discreta que o olhar do irmão passeava pelas fileiras de convidados até localizar o grupo de funcionários e ver a cabeleira ruiva da moça.

A troca de olhares dos dois fez com que Bruno sorrisse e o irmão, por tabela, sorriu, também. Bruno estava feliz por John, que havia levado uma vida solitária por tempo demais.

Júlia e Pedro foram o último casal de padrinhos e também demonstraram o clima de romance em que viviam, pelos sorrisos que trocavam entre si. Ao ouvir a marcha nupcial sendo tocada pelos violinistas, todos os convidados se levantaram e olharam para a graciosa daminha que cruzou lentamente o tapete

vermelho que se estendia até o altar ao lado do sobrinho de Danielle. Ambos jogavam pétalas de rosas pelo chão, anunciando a noiva que vinha logo atrás deles.

Foi quando John sentiu seu coração parecer falhar uma batida. Ele viu Danielle no vestido branco, usando um delicado arranjo de prata na testa e com o véu e o buquê cor-de-rosa a completar o traje. Notou que ela usava o colar em formato de coração, e só percebeu que prendia o fôlego quando Hessman tocou suas costas, discretamente. Ele, então, segurou os dedos de sua noiva e cumprimentou, com um forte apertou de mão, o irmão caçula de Danielle, Edson, que o puxou com educação, e sussurrou algo. John respondeu com um aceno positivo de cabeça, antes de Edson se sentar ao lado do irmão mais velho, que sorriu para o outro, cúmplice.

Logo, a cerimônia teve início.

O pastor levou uma mensagem sobre a força do amor nos momentos de adversidade, e John e Danielle pareceram recordar tudo o que haviam passado juntos, desde quando haviam se conhecido e compartilhado aquelas horas de incertezas e sofrimento no interior do Maranhão, até tudo o que havia acontecido até agora, com a gravidez de Danielle e a concretização da união diante dos olhos de Deus e dos homens. Experimentavam muitas emoções naquele momento único de suas vidas. Sentiam-se bem-aventurados e, por isso, eram muito gratos por poderem ultrapassar tantos obstáculos e pelo poder do amor, que tinha possibilitado o perdão que os havia reunido novamente.

Peter sorriu diante daquela visão de amor que compartilhava com o casal. Viu quando o pastor perguntou pelas alianças e seu pequeno Daniel veio, sorridente, trazendo-as presas em uma delicada almofada. A criança disse:

— Baba.

Já ia entregando para o pai as alianças, quando Peter apontou para John. Daniel colocou a mão na testa, como se lembrasse do ensaio. Todos riram do gesto inocente do menino, até os noivos. John aceitou os anéis, fazendo um carinho na cabeça do garoto, que não quis se sentar e estendeu os bracinhos para ir para o colo do pai.

— Danielle Nunes, você aceita John Philip Hauser como seu legítimo marido, para amá-lo, honrá-lo e zelar por ele todos os dias de sua vida?

— Sim, eu aceito — respondeu ela, sorrindo. Com as mãos visivelmente trêmulas, Danielle colocou a aliança no dedo de John, conforme o pastor orientou. John apertou a mão dela com gentileza, o que a acalmou um pouco.

— John Philip Hauser, aceita Danielle Nunes como sua legítima esposa

para amá-la, honrá-la e protegê-la, até que a morte os separe?

— Sim, é o que mais quero na vida — garantiu ele, colocando o anel no dedo de Danielle e depositando um beijo sobre ele.

— Que, a partir deste dia, o maior desejo do coração de John seja fazer Danielle feliz e, de igual modo, o maior desejo do coração de Danielle seja a felicidade de John — disse o pastor. — E, pela autoridade investida a mim, eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva, John.

Eles trocaram um beijo doce, repleto de amor. E, com a promessa de confiança e companheirismo, alicerçada na família que nascia ali, naquele altar, ouviram os gritos de comemoração de seus familiares e amigos. Todos celebravam a união de dois mundos que pareciam tão distantes um do outro, mas que o amor havia sido forte o suficiente para romper com a distância, aproximando-os.

As crianças se enchiam de bem-casados. A festa seguiu noite afora. A tradicional dança dos noivos e o corte do bolo liberaram os convidados para a pista de dança. John e Danielle agradeceram aos presentes pela presença. Foi quando Danielle aproveitou e perguntou ao marido o que o irmão Edson havia cochichado em seu ouvido no altar. John riu ao se lembrar:

— Amor, ele me disse que, se eu me metesse a besta de novo e pisasse fora da linha com você, eles iriam dar um jeito de mandar me capar. Mas eu não faço a menor ideia do que isso significa. Apenas concordei porque, pela cara que ele fez, com certeza, coisa boa não era.

Depois que Danielle explicou que capar alguém era equivalente a uma castração, John não achou tanta graça e foi a vez dela se divertir e rir muito.

— Meu amor, não se preocupe. Eu jamais permitiria que eles fizessem algo assim com você. Afinal, sou a maior interessada na questão e ainda quero dar um irmão ao nosso bebê, no futuro.

John esqueceu-se logo do assunto por conta da simples menção do bebê que ela carregava. Abaixou-se para beijar a barriga de Danielle, como fazia sempre que tinha a chance. Pouco depois, com ajuda de Evelyn e Hugo, saíram, sem se despedir dos convidados e, chegando ao hangar do aeroporto, cumprimentaram o piloto Edvaldo, que já os aguardava com o co-piloto Renan e uma comissária de bordo. Partiram, então, para a merecida lua de mel.

— Para onde vamos, John? — quis saber Danielle.

— Diga a ela, Edvaldo — disse John, fazendo suspense e vendo Danielle se virar para o senhor moreno, de cabelos um pouco grisalhos.

— O Sr. Hauser, a princípio, planejou uma viagem para Leipzig, Alemanha, mas sua obstetra não recomendou um voo tão longo no seu estado atual de gestação. Assim, eu sugeri a cidade de Bonito, no Mato Grosso do Sul, e ele concordou. Vocês passarão dez dias nesse destino, Sra. Hauser.

Danielle agradeceu a gentileza do piloto. Adorou quando Edvaldo a chamou de Sra. Hauser. Era a primeira vez que a chamavam assim. Pelo menos que ela percebesse. Na festa, falaram com tantas pessoas, pararam para tirar tantas fotos, que já estava confusa e se sentindo cansada. Percebeu que John, como ela, só pensava em quando conseguiriam escapar e ficar sozinhos novamente. E, assim que tiveram oportunidade, foi o que fizeram.

— Você está feliz, *mein liebe*? — perguntou John.

— Acho que nunca estive mais feliz em toda a minha vida, meu amor. Acho que essa alegria que sinto agora só poderá ser superada com o nascimento do nosso bebê.

E Danielle estava certa. Pouco menos de dois meses depois, eles recebiam os familiares e amigos na maternidade, para dar as boas-vindas ao maior símbolo de seu amor: Agnes Vitória Nunes Hauser, a primeira filha do casal, que ainda ganharia não um, mas três irmãos nos anos seguintes. E todos foram criados em um lar com muito amor e respeito mútuo dos pais e de toda a família, que só aumentava, com o casamento de Letícia com Ricardo no ano seguinte, e de Hugo com a Dra. Evelyn quando Agnes completou quatro anos de idade. Foi a daminha do matrimônio de seu padrinho. Após o ultimato da médica, Hugo oficializado a união, pois já moravam juntos havia mais de dois anos.

Bruno Hessman tornou-se delegado do distrito policial em que trabalhava em Florianópolis e Ricardo era seu braço direito. Bruno também se casou e constituiu família com a jovem que amava plantas tanto quanto crianças e, logo, um priminho ruivo chegou para brincar com Agnes. Peter e Aisha criavam, juntos, Daniel, que já estava com sete anos. Ela pôde retomar a própria educação e concluiu o curso normal. Trabalhava meio período, dando aulas na escola em que o sobrinho estudava. Letícia, como sempre, deu uma de cupido, e vivia criando situações para deixar os dois sozinhos. Volta e meia, levava Daniel Zaimo para dormir em sua casa. Mas levou algum tempo até que Peter e Aish assumissem o que sentiam um pelo outro, e alguns anos para vê-los formalizar a união. Mas essa já é outra história.

Danielle e John, a essa altura, além de Agnes, já eram pais orgulhosos de Sophia, Teresa e Peter. Uma família grande e feliz.

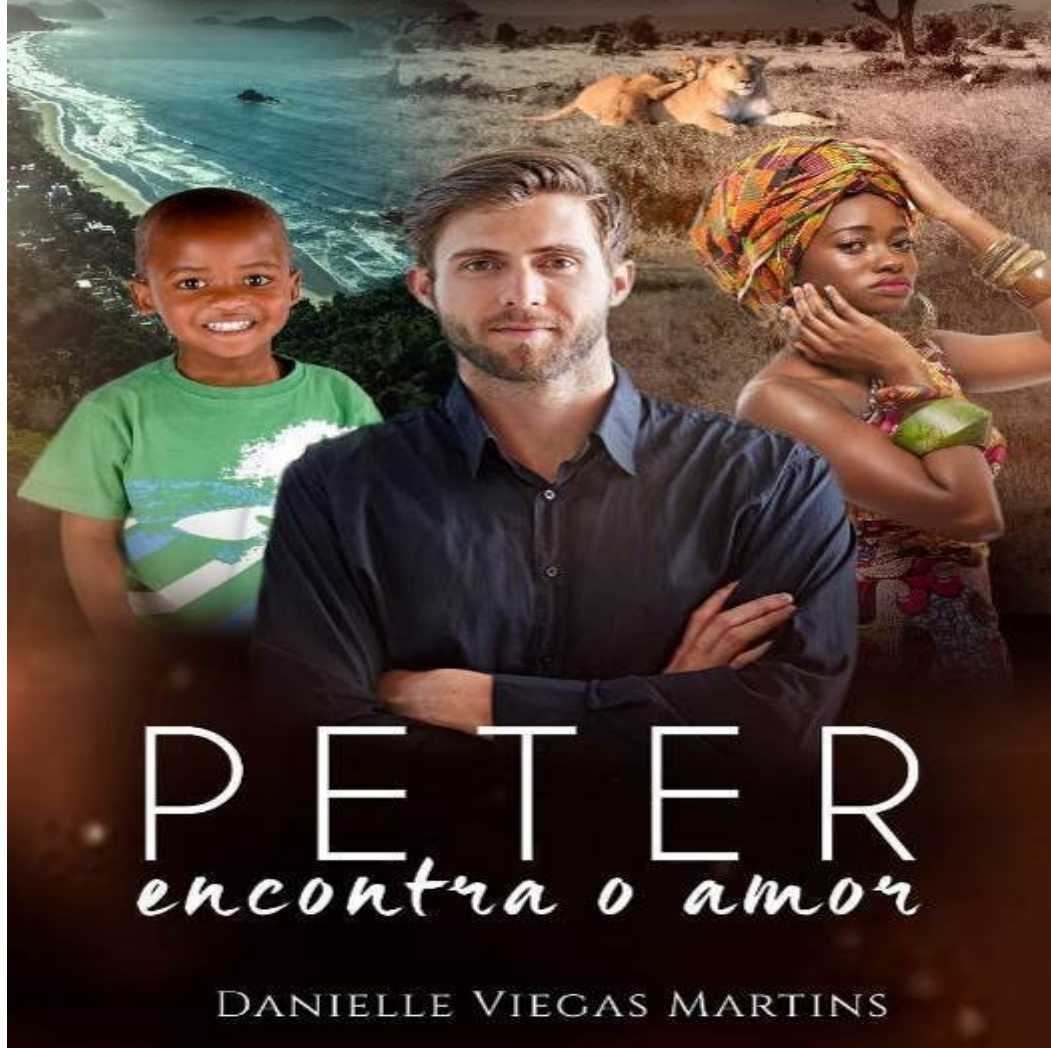
FIM

Bônus da autora.

Conheça um pouco do livro

Peter
encontra o amor

O AMOR PODE SER DESCRITO DE VÁRIAS FORMAS, MAS QUANDO O DESTINO
APRESENTA AO DR. PETER HASS AQUELE MENINO AFRICANO, O MÉDICO
ENTENDE O SIGNIFICADO DE AMAR INCONDICIONALMENTE UM FILHO.



UM NOVO COMEÇO

AISHA

O barulho dos gritos, tapas e pontapés ecoa em meus ouvidos. Não me atinge. O alvo era outra pessoa. Outra criança. Eu vejo o seu corpo tombar no chão. Os olhos grandes da minha irmã Kênya não têm mais brilho e seu sorriso, com o qual me acordava toda manhã, eu nunca mais veria.

Desperto assustada. Quase consigo ouvir meu coração descompassado. Olho ao redor, mas não reconheço onde estou. Reprimo qualquer reação de pânico. Isso é algo em que sou boa. Aprendi, da pior forma possível, a silenciar meu medo. A guerra civil em meu país me ensinou essa lição. Alguém que cresceu em tempos de guerra, vê o que de pior o ser humano é capaz de fazer com seu semelhante.

Assim, não ser notada foi minha estratégia para sobreviver. O medo fez questão de me apresentar à covardia. Todas as pessoas valentes que conheci morreram jovens. A maioria dos heróis que admiro, também. Minha irmã Kênya morreu antes de completar catorze anos.

— *Fique quietinha, Aisha. Não importa o que aconteça. Não faça barulho. Aqui eles não vão encontrar você. Só saia quando estiver escuro. Procure a Núbia. Vai fazer isso? Promete para mim.*

— *Cabe nós duas aqui... Por favor, não me deixe sozinha. Entra, Kênya. — Segurei sua mão e ela fez que não.*

Beijou o topo da minha cabeça e colocou a tampa do latão vazio de óleo onde me escondeu dos soldados, mas preocupando-se em deixar apenas encostado para que eu pudesse entreabrir quando não suportasse mais respirar aquele cheiro forte. Havia furos naquele tonel de metal. Foi assim que eu vi quando eles chegaram. Vi o que fizeram com ela.

Minha covardia salvou minha vida. Mas, a que custo? Eu e minha covardia nos tornamos cúmplices. Ela cresceu junto comigo. Nos escondemos do frio juntas. Ela até me ajudava a encontrar um local seguro para dormir durante a noite. Passamos fome juntas, porque um covarde nunca rouba comida, por mais que meu estômago pedisse por alimento depois de um dia inteiro me alimentando de sobras. Um dia de fome pode ser superado. Às vezes, até dois. Era só não pensar muito na dor no estômago. Tal covardia me lembrava o que

aconteciam com quem era pego roubando. Também me fazia acordar antes do sol nascer para que eu me embrenhasse pelas trilhas na mata, para evitar as estradas onde os soldados passavam em seus caminhões.

A ela devo a minha vida, mas também entrava na conta da minha falta de coragem o segredo mais torpe da minha existência, que me revisita em meus sonhos para me lembrar que tipo de pessoa eu sou. Como uma ferida que nunca cicatriza e que nunca deixa de doer.

Alguns dias, doía menos e, em outros, a dor era quase insuportável. Em dias assim, ela só conseguia ser superada pelo peso da saudade que sempre me acompanhava. Era dessa forma que eu me sentia há doze anos e eu sabia que seria assim para sempre. O pesadelo que me assombra é, na verdade, uma lembrança. Aquelas imagens nunca se perderam em minha memória, mesmo já tendo se passado tantos anos. Essa foi a lição que a guerra me ensinou: a covardia é quase uma condição para continuar vivo. Desse modo, minha covardia se tornou meu maior predicado.

Fecho e abro os olhos novamente querendo afastar a dor do que não pode ser mudado. Aos poucos, minha visão começa a se adaptar àquela semiescuridão e vejo pequenas luzes indicando um caminho no chão e percebo que não estou sozinha ali. Lembro agora, claramente, onde estou.

— *Estou em um avião. Um avião que está indo para o Brasil.* — Tudo agora vem à minha mente quando tento me mexer e o cinto de segurança prende meus quadris ao assento. Já devia ser mais de meia-noite e parecia que todas as outras pessoas estavam dormindo, considerando o absoluto silêncio na aeronave. Não havia ninguém sentado ao meu lado, mas me restringi a ocupar apenas a minha poltrona.

Vi que muitas outras poltronas estavam desocupadas naquela seção. Provavelmente, devido ao valor elevado que todo aquele luxo deve custar. Aquela poltrona da primeira classe era mais confortável que qualquer cama que já deitei na vida. Na verdade, só dormi em uma cama, na reserva ambiental onde trabalhava. Sempre preferi dormir em redes pela facilidade de levar comigo sempre que precisei me mudar. E foram tantas vezes...

Os assentos da primeira classe eram alinhados dos dois lados do avião. Sabia que meu sobrinho Zaimo estava em uma das poltronas à minha esquerda, ele preferiu viajar sentado ao lado do seu novo pai. Estranhei no início como tão facilmente ele se afeiçoou por aquele desconhecido e quando percebi o olhar de admiração de Zaimo para o Dr. Peter, senti um pouco de ciúmes.

Meu sobrinho parecia encantado com o pai adotivo e a nova vida que teria

pela frente. Fazia muitas perguntas ao médico e era natural que fosse assim. Seria um novo começo e ele queria saber tudo sobre o Brasil e com uma paciência inesgotável aquele homem de cabelos castanhos claros respondia a todas as dúvidas do menino.

Este seria um voo longo e houve momentos em que prestei atenção à conversa dos dois. Zaimo queria saber como se pronunciavam várias palavras em português e, para essas orientações, eu me mantive atenta também. Eu mesma não perguntaria ao jovem doutor. Não quero perturbá-lo com minhas dúvidas que poderiam parecer tão infantis quanto às de Zaimo em seus inocentes quatro anos.

Quando uma luz acendeu sobre a poltrona imediatamente à frente de onde eles estavam, uma moça negra em um uniforme elegante apareceu com um sorriso e perguntou algo à senhora idosa que a chamou. Pude ver bem os dois agora. Zaimo dormia no colo de Dr. Peter, mesmo tendo uma poltrona só para ele, dormia envolvido pelos braços do médico. O Dr. Peter, com os óculos ainda no rosto, também dormia. Vi um volume caído no chão e reconheci o livro infantil com palavras e frases corriqueiras em português que ele comprou para Zaimo ir se familiarizando com a nova língua. Me senti tentada a pegar o livro e tentar aprender algo também, mas logo mudei de ideia. O médico poderia não gostar. Não é meu. Não devo mexer.

Durante todo o voo, tentei me manter ocupada tentando ler um livro que ganhei de presente da Sr^a. Anne: *Conto de Tamari*^[15], uma edição em dois idiomas, inglês e português, para que me familiarizasse com a língua brasileira. Não sabia ler a maioria daquelas palavras, mas, felizmente, aprendi a falar inglês nos quatro anos na reserva e podia me comunicar com o pai de Zaimo com facilidade, quando ele não me compreendia na língua Xona.

Percebi que o Dr. Peter amava Zaimo e era inegável a afeição do menino por ele. Zaimo me contou que o seu *baba* também ficou órfão quando ainda era um garoto. Acho que, por terem histórias de vida semelhantes, esse amor entre os dois cresceu rapidamente e criou raízes tão profundas. Zaimo era bom por natureza. Sempre foi de compartilhar o pouco que tinha com os outros. Eu estava feliz por ele estar feliz e o motivo de sua felicidade era aquele médico de poucas palavras, mas com um olhar que parecia ver além do que estava aparente. Algo que me preocupava. Temia que ele visse em mim o que eu lutava para esconder.

Como eles estavam sentados na fileira paralela à minha, eu pude notar algo em Dr. Peter que nunca tinha reparado antes. Ele usava uma espécie de aparelho auditivo no ouvido direito. Era pequeno e discreto, por isso não percebi antes.

Perguntei-me se ele teria nascido com esse problema.

Me vi relembrando quando ouvi falar dele pela primeira vez. Não me deixaram ficar com Zaimo, porque julgavam que eu não tinha condições de sustentá-lo e estavam certos, mas assim mesmo foi devastador para mim. Eu tinha planos de criá-lo como se fosse meu filho. Ele era tudo que eu tinha e pensei que também era a única pessoa no mundo que se importava com ele. Não pude ficar com minha irmã Núbia, porque o marido dela me considerava apenas uma boca a mais para alimentar. Minha irmã e Zaimo dependiam dele, por isso aceitei o trabalho voluntário na reserva, mesmo sem saber qual seria minha função.

Quando concordei em conduzir turistas em passeios guiados, não imaginava que caminharíamos ao lado de leões. Em grande parte, eram apenas filhotes ou leões jovens que ainda não tinham juba. Mas continuavam sendo leões. Pedi para trabalhar na limpeza e Sr.^a Anne, que sempre foi boa comigo, permitiu, mas me incentivava a tentar aos poucos conhecer as atribuições dos guias. A esposa do diretor da reserva ambiental, a D. Anne, era uma mulher de mais de sessenta anos e com os cabelos, já totalmente grisalhos, sempre presos em um coque no alto da cabeça. Ela era muito atenciosa com todos os voluntários, diferente da maioria das pessoas que eu conheci. Levei um ano para me aproximar do primeiro filhote de leão.

Lá eu conheci outras pessoas que perderam suas famílias e que foram, de certa forma, acolhidas pelo casal responsável pela reserva ambiental. Tínhamos comida, roupas e recebíamos uma pequena ajuda de custo, mas não o bastante para sustentar uma criança. Depois que contei a Sr.^a Anne que meu sobrinho Zaimo havia ficado órfão, ela me conseguiu uma entrevista para um emprego fixo na casa de um diplomata belga, benfeitor da reserva. Com aquele emprego, eu poderia levar meu sobrinho para morar comigo. Mas, quando finalmente o encontrei, depois da notícia da morte de Núbia, o Sr. Malik, diretor do orfanato para onde levaram Zaimo, me falou do médico que queria muito adotá-lo e levá-lo para viver com ele no Brasil. Ele disse não ter conhecimento que Zaimo ainda tinha um parente vivo, pois tinha investigado com os vizinhos e descobriu que o pai do menino havia falecido antes de Núbia e que outros familiares faleceram em conflitos com militares ou devido aos recorrentes surtos de doenças. O Sr. Malik disse que, por essa razão, o processo de adoção de Zaimo pelo médico já estava em andamento. O que me fez cair em desespero.

Fui rude com ele por entregar meu sobrinho a um desconhecido que pretendia levá-lo para o outro lado do planeta. Pensei que jamais veria Zaimo novamente e até o acusei de ter recebido alguma vantagem financeira com a

adoção. Não fui covarde naquela única vez. Sempre evitei conflitos. Nunca tinha discutido antes com um homem. Ainda mais um homem daquele tamanho, mas perder Zaimo significaria para mim, ficar sozinha.

A sábia Sr.^a Anne me fez refletir que talvez o que era melhor para mim podia não significar o melhor futuro para Zaimo. Quando eu soube que o Dr. Peter parecia ser um homem com recursos capazes de garantir um futuro que eu jamais poderia dar ao meu sobrinho, aos poucos fui percebendo que meu egoísmo em não querer ficar sozinha podia tirar a única chance daquele menino que eu amava tanto ter uma vida feliz e com oportunidades.

Mas uma reviravolta aconteceu no momento em que o Sr. Malik me disse que o Dr. Peter queria que eu também fosse com eles para o Brasil. Eu já sabia que ele era médico voluntário em hospitais itinerantes no Zimbábue e que havia sido ele o médico quem cuidou de minha irmã Núbia. Bomani, filho do Sr. Malik, me disse que Núbia morreu por desidratação intensa ao ter contraído cólera provavelmente com a ingestão de água ou alimentos contaminados. Ela faleceu em dois dias e o médico ficou com Zaimo ainda por duas semanas até que uma assistente social o levasse ao orfanato de Malik.

E quando eu menos esperava conheci o Dr. Peter. Acompanhado do Sr. Malik e de Bomani, ele foi com Zaimo até a reserva falar comigo, mas o que eu vi naquela tarde me disse muito sobre o tipo de homem que ele era. Vi quando os leões os cercaram quando eles, sem saber, invadiram o território dos felinos. Apesar da situação de risco em que se encontrava, o Dr. Peter abraçou Zaimo contra o peito. O olhar dele não me deixou dúvidas de que aquele homem estava disposto a tudo para proteger o meu sobrinho.

Felizmente, não foi preciso. Eles atenderam às minhas orientações e conseguiram sair ilesos e eu não tive mais dúvidas. Foi ver aquela atitude do médico que me fez aceitar sua proposta e agora estou neste voo a caminho de uma terra distante para uma nova vida. Um novo começo.

Eu me senti desconfortável quando notei que éramos observados por várias pessoas desde que entramos juntos no aeroporto do Zimbábue até nos acomodarmos em nossos assentos no avião. Dr. Peter pareceu não notar como os outros tripulantes disfarçavam e se viravam em nossa direção. Eu fingi ignorar a curiosidade presente nas expressões deles. Como se já não me sentisse angustiada o suficiente desde que o avião decolou. Precisei sufocar meu pânico cada vez que subíamos mais e mais e tudo ficava tão pequeno abaixo de nós. Mas mantive a janela aberta, pois não sabia o que o destino me reservava me levando para longe da minha terra. Quando sobrevoamos as Cataratas Vitória,

me despedi do Zimbábue e só então fechei a pequena janela. Queria que a última lembrança de meu país fosse algo bonito, porque quase todas as outras eram dolorosas e tristes.

Outras luzes se acenderam na aeronave, me tirando de meus pensamentos. Outros passageiros requisitavam o serviço das comissárias de bordo, enquanto eu aproveitei para observar melhor Zaimo dormindo no colo do Dr. Peter. O menino envolvia o pescoço do médico e repousava a cabeça em seu peito tranquilamente. Suas vidas estariam ligadas para sempre. Devo ter adormecido e quando acordei, Zaimo tocava meu rosto.

— *Tete*, chegamos. Aqui já é o Brasil! — disse ele animadamente. Ouvimos o aviso para apertarmos os cintos e nos prepararmos para aterrissar. Dr. Peter o pegou no colo para retorná-lo ao seu assento e viu que eu estava com dificuldades para me soltar do cinto.

— *Kugara kure neni!*^[16] — Minha voz soou mais alta e defensiva do que eu pretendia e ele recuou de sua intenção em me ajudar.

— Desculpe-me, Aisha. Não queria assustá-la — disse Dr. Peter, na língua Xona, notando que alguns passageiros e uma das comissárias voltaram os olhares para eles.

Peter entendeu bem o que ela disse porque alguns de seus pacientes no Zimbábue receosos com o primeiro contato disseram essa mesma frase algumas vezes: — *Afaste-se de mim!*

— *Tete?* — Ela viu a confusão no olhar de Zaimo e tentou sorrir para ele ao dizer:

— Não foi nada, querido. Só estou nervosa porque é minha primeira vez em um avião. — Ele pareceu acreditar e disse, enquanto o pai afivelava o seu cinto: — Logo estaremos na nossa nova casa e a senhora vai poder dormir em uma cama só sua. Não é mesmo, *baba?* — Peter sorriu e fez que sim com a cabeça.

Meia hora depois aterrissamos e estranhei a temperatura tão fria quando desembarcamos em Florianópolis. Esse nome aprendi de tanto Zaimo repetir. Dr. Peter esperou por nossa bagagem ao lado da esteira. Apesar do meu descontrole, ele não pareceu ficar aborrecido, mas evitou ao máximo tocar em mim novamente. Fiquei feliz com isso. Eu permaneci segurando a mão de Zaimo que olhava fascinado vitrines com todo o tipo de souvenir: pequenos barcos em madeira, quadros e tapeçarias com representações de pontos turísticos da ilha e inúmeras miniaturas diferentes de uma ponte em metal com os dizeres *Ponte Hercílio Luz*, dentre outra infinidade de itens para os turistas escolherem.

Vi Dr. Peter fazer meu sobrinho vestir um casaco, dizendo que o inverno

naquela ilha muitas vezes era severo. Ofereceu-me um casaco seu que tirou da valise. Ele sorria para mim. Eu agradeci, mas recusei. O frio estava suportável, não era preciso. O médico me observou por algum tempo como se estivesse preocupado, mas não insistiu.

“— *Por que aqueles olhos me faziam sentir culpada por recusar o gesto?*”

Zaimo não se continha de tanta animação. Tudo ao nosso redor era novo e nem tínhamos saído do aeroporto ainda. Eu sempre pensei que o clima em todo o Brasil fosse tropical ou, no mínimo, temperado como no Zimbábue. Gostava da contradição dos dias de inverno na capital Harare que eram sempre quentes e ensolarados e, à noite, a temperatura caía, mas se tornava agradável para dormir. Embora, sempre tenha temido as tempestades de verão de meu país. Eram na maior parte das vezes repentinas e muito violentas. Lembro-me bem de quando ainda era criança e minha família perdeu o pouco que tínhamos mais de uma vez. Alguns de nossos vizinhos dormiram e não acordaram para ver o nascer de um novo dia, pois a força das águas ceifou suas vidas no meio da noite, por essa razão, tempestades me alarmavam de uma forma que eu não sabia explicar.

Eu imaginava como seria a minha vida ali. Uma vida nova em um país com costumes e língua diferentes dos meus, mas isso não me entristecia. Não deixei nada para trás, pois tudo que eu tinha estava comigo. De minha pátria, infelizmente, não sei se sentirei algum saudosismo. A história do Zimbábue, como de muitas outras nações da África, foi marcada pela guerra e desde muito cedo eu precisei aprender a conviver com a perda. A guerra civil levou meus pais e três de meus irmãos, os outros eu vi morrer com surtos de epidemias. Todos se foram. Só havia agora Zaimo. Ele é a única família que me resta. Zaimo é meu lar. Onde ele estivesse seria meu lar.

NÃO PRECISO DE AJUDA

— Peter! — chamou alguém acenando no desembarque internacional do Aeroporto Afonso Pena.

— Tio Rodolfo, como o senhor está? — disse ele retribuindo o abraço caloroso que recebeu do homem robusto.

— Melhor agora que você voltou, meu filho. Esse meninão eu suponho que seja o Daniel — disse ele olhando para o garotinho negro que segurava na mão da moça que vestia os trajes mais diferentes e coloridos que ele já viu na vida.

— Sim. Esse é meu filho Daniel Zaimo. Ele já aprendeu um pouco de português e logo vai falar tão bem quanto nós. Deixe-me apresentar a tia dele. Essa é a Aisha.

— Aisha, esse é meu tio Rodolfo — disse Peter na língua Xona vendo que Aisha não apertou a mão estendida de seu tio que sorria para ela abertamente, resignando-se a cumprimentá-lo com o discreto mover de cabeça — Ela é a única parente do Zaimo no Zimbábue e vai morar conosco — reforçou o médico.

— Sejam bem-vindos os dois! — disse o senhor sorridente, recolhendo a mão e ignorando a reserva da moça, julgando que podia ser um fator cultural e, abaixando-se para ficar na altura de Zaimo, disse: — Você gosta de pescar, meu garoto?

Zaimo levantou os olhos para o pai sinalizando que não tinha compreendido a pergunta. Peter traduziu e ele abriu um sorriso, confirmando com a cabeça.

— Eu comprei para você — disse estendendo um pacote embrulhado em papel de presente com desenhos de animais. Daniel aceitou o pacote e, com a ajuda do pai, foi abrindo ali mesmo, ficando animadíssimo com o enorme barco branco e azul de brinquedo que tirou da caixa.

— Como se diz, Zaimo?

— Obrigado! — disse o menino em português com um sorriso de orelha a orelha para o tio Rodolfo, abraçando aquele homem desconhecido do jeito tão espontâneo que as crianças retribuem quando sentem que alguém gosta delas.

Peter disse para Zaimo que o tio Rodolfo tinha um barco muito parecido com aquele e que em breve fariam um passeio.

O menino ficou ainda mais feliz. Seria seu primeiro passeio de barco.

— Hoje, *baba*?

— Não, meu filho. Hoje, não. Fizemos uma viagem longa e cansativa. Primeiro, você precisa conhecer onde vamos morar. Podemos ir no fim de semana, está bem assim?

— Quantos dias? — disse ele mostrando os dedinhos.

— Quatro. — Peter sorriu, encolhendo apenas um dos dedos da mãozinha para que o garotinho entendesse.

— Quatro — repetiu ele, em português.

— Além disso, tem muita gente que está ansiosa para conhecê-lo, sabia? — disse tio Rodolfo pegando Zaimo no colo, e o menino aceitando de bom grado a proximidade. Peter gostou dos dois se entenderem facilmente, pois Zaimo não demonstrou nenhuma reserva e parecia se divertir conversando com o tio que explicava algumas palavras como *barco*, enquanto apontava para o brinquedo, e *vovô*, apontando para si mesmo, para que o chamasse assim.

— *Sekuru*⁴⁷ — disse Peter para Zaimo.

— Isso, eu serei o seu *sekuru* — disse tio Rodolfo vendo-o sorrir e sacudir a cabeça afirmativamente antes de bocejar.

— Devem estar muito cansados. Mais de trinta horas de voo, conexão em Guarulhos, atraso no voo... eu vou deixá-los em casa para que se recuperem da viagem e depois colocaremos a conversa em dia. Já deixei preparado um belo robalo para vocês almoçarem. *Fraulein* Evelise esteve ontem lá e deu um toque mais feminino na arrumação. Ela é uma dama com muitos atributos — disse ele com um sorriso ao lembrar de como ela deixou o apartamento do sobrinho mais acolhedor. — Você vai gostar, Peter.

— Tenho certeza que sim, tio — disse empurrando o carrinho com a bagagem deles para fora da área de desembarque.

— Ali está o carro. Gostei de dirigir esse novo modelo, Peter. Bem diferente daquela lata de sardinhas que você tinha antes e chamava de conversível. Muito espaço para alguém do meu tamanho — disse Rodolfo sorrindo, destravando o veículo com as chaves e entregando o menino, que cochilou em seu colo, ao pai para que o colocasse no assento infantil.

— Achei que seria mais apropriado trocar de carro agora que a família cresceu, tio. A cadeirinha do Zaimo foi difícil de instalar?

— O seu amigo John andou praticando para quando a filha dele nascer e foi ele que instalou para mim. Falando nele, John me pediu que convidasse todos vocês para almoçarem com a família dele amanhã.

— Iremos, sim. Mais tarde ligo para o John para confirmar, tio. Vai ser bom! Assim, meu filho e Aisha terão tempo para descansar até lá. — E com um sorriso discreto no rosto, Peter disse: — O senhor poderia vir conosco, também.

— Não sei se ficaria à vontade. Gosto muito do John e da Danielle, mas aquela mansão é muito opulenta para mim.

— Tenho certeza que *Fraulein* Evelise ficaria feliz em revê-lo — argumentou Peter ao volante do Kia Sorento.

— Bem... A comida dela é um manjar dos deuses. Então, eu acho que vou aceitar, Peter.

Depois de acomodar Zaimo e prender o menino no cinto, Peter tirou uma girafa de pelúcia da valise para apoiar o rosto do filho e, sorrindo, deu um beijo na testa do menino que dormia. Dando a volta no carro, ele abriu a porta traseira para que Aisha se sentasse ao lado de Zaimo. Ela agradeceu sem encará-lo e sentou-se rapidamente.

— Eu lhe deixo na marina, tio. Vamos.

Peter recebeu as chaves do tio e seguiram o caminho apreciando a vista que o médico conhecia tão bem. Apesar das longas horas de voo, conversou animadamente com o tio sobre suas últimas pescarias em alto mar. Peter estava habituado a noites insones por conta de sua profissão e, pelo retrovisor, percebeu que Aisha também não dava sinais de cansaço, mas decidiu não a incomodar tentando incluí-la na conversa com seu tio.

Fez uma parada minutos depois e estacionou o carro perto da marina. Seu tio se despediu dele e de Aisha, pois Zaimo ainda dormia. Vinte minutos depois, estacionavam no condomínio onde Peter morava. Aisha não entendeu porque ele se comportava daquela forma, quando o viu abrir a porta para ela, antes de tirar Zaimo com cuidado. Ela viu o sobrinho abraçar o pescoço do pai e perguntar despertando:

— *Baba*, já chegamos?

— Sim, meu filho. Vamos subir o elevador e chegaremos em casa.

— Eu estou cansado.

— Eu sei, mas será que você consegue ficar acordado só mais um pouquinho para conhecer seu quarto?

Não foi preciso dizer mais nada, Zaimo despertou de vez, enquanto Peter já caminhava em direção à saída do estacionamento.

— Eu consigo, *baba*! *Tete* Aisha também vai ter um quarto só para ela, *baba*?

— Sim. Ela também terá seu próprio quarto — disse Peter voltando-se e vendo que ela permanecia parada ao lado do veículo. — Aisha? Algo errado? — ele perguntou voltando.

— Eu tentei abrir o porta-malas para pegar a bagagem, mas não consegui.

— O carro está trancado. Quando eu me distancio mais de três metros, ele tranca automaticamente porque estou com a chave, mas não se preocupe com isso. É muito peso para você. Depois que eu apresentar o apartamento para vocês, eu desço e pego tudo com a ajuda do porteiro. Está bem?

Ela fez que sim.

— Vamos pegar o elevador — disse apontando o caminho para que ela o acompanhasse.

O menino passou as mãozinhas pelos olhos e observou a garagem com tantos veículos que ele nunca tinha visto de tão perto.

— Eu já andei de elevador uma vez. Eu gostei.

— Que bom! Para chegar em nosso apartamento você sempre vai ter que usar o elevador, porque moramos no décimo sétimo andar, mas você nunca poderá entrar no elevador sozinho, entendeu?

— Sim, *baba*. Entendi. É muito alto?

— Sim. Bastante, mas é muito seguro. Não precisa ter medo.

— Mais do que isso? — disse Zaimo abrindo as duas mãos e mostrando seus dez dedos.

— Sim. Suas duas mãos juntas dão dez dedos, o nosso andar é o número dezessete. Quase as suas duas mãos mais as do *baba* juntas — disse Peter vendo o menino arregalar os olhos.

— Peter o imitou e os dois sorriram.

— *Tete*, vamos morar perto do céu.

Aisha sorriu para o menino. Ele já não era mais a mesma criança tristonha que se recordava, antes do Dr. Peter entrar em sua vida. Percebeu que Peter a observava e sorria também quando entraram no elevador que estava vazio naquele horário.

Zaimo e Aisha ficaram procurando de onde vinha a voz que anunciou que chegaram ao andar desejado.

— É apenas uma gravação. Vocês logo se acostumam.

O menino riu e a tia tentou disfarçar seu embaraço.

— Aquele do canto é o nosso, 1704.

Ficaram parados em frente a uma grande porta branca pivotante. Zaimo ficou sem saber o que dizer quando o pai, colocando-o no chão, abriu a porta. Ficou parado do lado de fora olhando para o interior.

— Sejam bem-vindos ao seu novo lar! — disse Peter incentivando o filho e Aisha a entrarem, vendo que ambos olhavam com atenção a sala espaçosa com sofás e móveis bem distribuídos.

— *Baba*, você morava aqui sozinho?

— Sim.

— Por quê?

— Porque ainda não havia conhecido você — disse sorrindo e vendo o menino sorrir de volta. Um sorriso que tinha o poder de encher seu peito de alegria.

— Mas não se sentia triste?

— Algumas vezes, sim. Mas acho que com o tempo acabei me acostumando, filho. *Baba* passava muito tempo no trabalho, também. Mas vamos ver o seu quarto e o da tia Aisha? — disse mudando de assunto e dando a mão ao filho.

— Sim! — disse o menino entusiasmado, mas visivelmente sonolento. Aisha observava o apartamento impressionada com a grandiosidade daquele lugar. Estava feliz por seu sobrinho poder crescer em um lugar tão bonito como aquele. Lembrou do conselho da D. Anne e sentiu-se grata por tê-lo seguido. Tudo aquilo era o melhor para seu sobrinho.

— Depois vocês poderão conhecer o restante da casa — disse Peter seguindo o olhar de Aisha.

Subiram as escadas e Peter seguiu por um corredor à direita e disse:

— A primeira porta é a do meu quarto — disse ele abrindo e mostrando um pouco da decoração em tons neutros, mas harmoniosos. — O seu quarto, Zaimo, fica entre o meu e o da sua tia Aisha.

— O meu é esse do meio? — disse ele encostado na porta.

— Sim.

— Posso entrar, *baba*?

— Claro. É todo seu. Só entra nele quem você convidar.

Zaimo pensou um pouco e estendeu a mão direita para o pai chamando-o.

— *Baba*.

Peter aceitou o convite e o viu voltar-se para a tia.

— *Tete*? — chamou o menino também estendendo a mão para a tia que entendeu o receio que viu nos olhos dele.

— Vamos conhecer seu quarto juntos, *mufaro wangu*?

Ele fez que sim. Então, com o pai de um lado e a tia de outro, Zaimo entrou em seu novo quarto pela primeira vez.

Ele soltou a mão dos dois e entrou em silêncio. Ficou um tempo olhando tudo ao seu redor. O quarto era em formato de L. A luz que vinha da grande janela era filtrada pelas cortinas claras que estavam parcialmente fechadas. Acima da janela havia uma cabeça de girafa de pelúcia elevada em seu longo pescoço. A cama de solteiro foi colocada no canto direito e Zaimo correu os dedinhos pelo tecido macio da colcha e abraçou uma almofada em formato de cachorro. Com um sorriso, olhou para o grande quadro com o desenho de rinocerontes e pássaros que estava preso à parede e levantando os olhos viu que sobre a cama havia luminárias que pendiam em suportes que imitavam galhos de árvores. No chão, alguns bancos em formatos de cogumelos e um tapete marrom cobria um outro tapete de tom claro. Um baú dividia o quarto. Havia ainda uma tenda armada ao lado do baú. Do outro lado do quarto, uma mesa e duas cadeiras e, sobre ela, alguns livros. O último nível do quarto amplo era um guarda-roupa com ilustrações de mais animais da savana pintados em cores alegres. Por fim, havia uma porta que Zaimo abriu e viu que era um banheiro. Diferente do quarto que tinha suas paredes em tons suaves de cinza, o interior do banheiro era predominantemente em azul-claro e azul Royal. Ele entrou no banheiro e ficou parado em frente à pia. Abriu receoso a torneira e quando a água jorrou livremente, Zaimo riu alto.

— *Tete*, olha! — disse ele dando pulos de alegria.

Aisha sentiu uma dor em seu peito por entender a alegria do menino. Ela mesma estava sem palavras diante de toda a beleza daquele quarto de criança. Nunca havia visto algo tão belo, mas a alegria dele ao ver o jato d'água se resumia à dificuldade de se ter água encanada nas moradias em sua terra. Era um luxo que muitas pessoas não tinham em seu país.

Peter ficou impressionado com tudo que Letícia organizou em tão pouco tempo. Além de uma excelente futura arquiteta, Letícia também seria muito bem-sucedida como decoradora de interiores — pensou ele. Precisava agradecer por proporcionar aquela alegria ao seu filho. Peter reconheceu o fascínio do menino ao correr os olhos e os dedos por tudo que tinha ali, embora, no

momento, ele parecesse mais entusiasmado com a água corrente na pia.

O médico viu seu filho correr para ele e abraçá-lo forte.

— Obrigado, *baba*.

— Você gostou, meu filho?

— É o quarto mais bonito de todos os quartos — disse ele ainda abraçando o pai.

— Agora vamos levar sua tia até o quarto dela? — disse Peter, mas viu o menino bocejar ao fazer que sim com a cabeça.

— Acho que ele está muito cansado, Dr. Peter — disse vendo ele agachar sobre o tapete, reunir alguns brinquedos e começar a levá-los para dentro da tenda onde achou uma lanterna. — Podemos deixá-lo dormir mais um pouco?

— Você está certa, Aisha.

— Está com fome, *mufaro wangu*? — perguntou ela, abaixando-se e vendo-o negar e bocejar mais uma vez. Aisha estendeu os braços para tirá-lo da tenda e disse: — Que tal dormir um pouquinho, então? O que acha?

— Só um pouquinho?

— Sim. Só um pouquinho. Depois brincamos juntos com seus novos brinquedos.

Rapidamente, Zaimo adormeceu, apesar da empolgação com o quarto e os brinquedos novos.

— Por favor, me acompanhe, Aisha. Vou mostrar o seu quarto.

Ela fez que sim e levantando-se da cama do menino, aguardou que Peter saísse. Ele entendeu que ela queria passar pela porta sem correr o risco de encostar nele. Ele parou em frente ao quarto dela e abriu a porta, mas não entrou. Peter viu que ela olhava para todas as direções, menos para ele e disse:

— Sei que sua mente ainda deve estar processando tantas mudanças, Aisha, mas quero que saiba que estou muito feliz por ter concordado em vir para o Brasil com o Zaimo e comigo. Sei que foi difícil para você saber que eu pretendia adotá-lo, mas asseguro que não quero tomá-lo de você. Você é muito importante na vida dele e eu quero que ele seja feliz — disse Peter olhando-a nos olhos. — Ele é tudo para mim. O amor que sinto por ele é algo que eu nunca tinha experimentado antes. Farei de tudo ao meu alcance para que a vida dele seja feliz e sei que com nós dois por perto as chances são maiores. Quero que se sinta em casa, porque esta será sua casa também. — Retirou um molho de chaves do bolso e estendeu a ela. — Estas são as suas chaves. Quando já estiver

ambientada com a vizinhança e quiser passear, tem liberdade para entrar e sair daqui na hora que quiser. Só peço que me avise antes.

Ela esticou o braço, aceitou as chaves e agradeceu, desviando o olhar do dele.

— Eu não faço ideia pelo que você passou todos esses anos, Aisha, mas tem a minha palavra que está segura aqui — disse Peter sentindo a apreensão quase palpável que ela parecia sentir. Estava praticamente encostada na parede para manter a maior distância possível dele. — Espero, sinceramente, que você possa ser feliz aqui. Vou descer para buscar a nossa bagagem. Assim, você poderá conhecer melhor seu quarto e ver se quer mudar algo. O Zaimo me disse que você ama ver as estrelas. Acho que vai gostar do seu quarto — disse ele com um leve sorriso nos lábios, já se afastando para que ela se sentisse mais confortável.

Aisha conseguiu parar de prender a respiração quando o viu virar à direita no corredor. Sozinha agora, ela entrou no quarto e vendo a chave presa na fechadura, trancou a porta. Virou-se e entendeu perfeitamente como seu sobrinho se sentiu agora há pouco. Uma cama de casal com entalhes em madeira branca e em cada lado um criado-mudo com um enorme abajur branco. Uma poltrona xadrez fazia conjunto com uma mesa redonda, e sobre ela, outro abajur que era provavelmente para a leitura dos livros na pequena estante. Viu a luz do banheiro acesa e o perfume de flores a atraiu até lá, mas quase tropeçou em um par de calçados masculinos e viu também uma gravata sobre um banco comprido aos pés da cama e no chão ao seu lado uma pasta social também masculina. Viu a inscrição P.H. nela. Ao lado das flores, vários produtos de higiene pessoal. Cobriu a boca com as mãos diante da linda banheira que havia em seu interior. Sempre sonhou um dia poder tomar banho de banheira, mas o mais próximo disso foram os banhos de balde quando era criança. Voltou para o quarto e deitou-se na cama. Havia uma claraboia exatamente acima da cama.

De repente, notou uma escada que ainda não havia visto. A posição do quarto na estrutura do apartamento permitia acesso por uma escada a um pequeno deck. Ela subiu os degraus e viu a grade alta e um pequeno terraço com um banco comprido de ferro chumbado no chão e alguns vasos de plantas circundando, mas o que impressionou Aisha, o que lhe tirou o fôlego, foi a vista. A bela vista do mar que conseguiu vislumbrar dali. Imaginou como seria admirar a noite daquele local belíssimo, porém a corrente de ar frio fez com que ela não suportasse ficar lá fora muito tempo.

Agora entendeu o que o Dr. Peter quis dizer quando mencionou as estrelas. Ela sorriu. Zaimo lembrou de como ela gostava de deitar na grama e esquecer do

tempo olhando para o céu. Desceu as escadas e deitou-se posicionando no meio da cama. Poderia deitar toda noite naquela cama enorme e muito confortável e apreciar as estrelas dali também. “*Isso realmente era real?*”— pensou ela.

Além da janela ampla que iluminava o quarto de teto abobadado, mas sem tirar-lhe a privacidade, sentiu o perfume e a maciez das roupas de cama e por um instante esqueceu de que aquilo poderia ser passageiro. Sentiu-se deslocada diante de tanto luxo e levantou-se rapidamente da cama, achando que seu lugar não era ali. Como um raio, algo fez sentido em sua mente e lembrou da inscrição na bolsa, da gravata e dos sapatos. — “*P. H.?*” Peter Hass... esse é o quarto dele? Ele me pôs no quarto dele? Por que faria isso?

Peter não demorou para trazer a bagagem e deixou a mala de Aisha em sua porta. Não bateu com receio dela estar dormindo. Decidiu colocar o robalo no micro-ondas supondo que Aisha acordaria com fome, porque ele mesmo estava. Aproveitou para ligar para Letícia e agradecer por tudo que ela fez e pedir um favor também.

— Peter... você quer saber como se aproximar dessa moça? É isso?

— De certa forma, sim. Quero que ela se sinta à vontade aqui. Preciso tentar minimizar os efeitos dessa transição para ela.

Letícia ficou em silêncio do outro lado da linha.

— Ainda está aí, Letícia?

— Sim. Estava pensando... você disse que ela é tímida.

— Sim... quer dizer, acho que é mais do que timidez, mas eu gostaria de pedir que você estivesse presente no almoço na casa do John amanhã e tentasse se aproximar dela. Sendo mulher, talvez ela...

— Abaixei a guarda e abra seu coração?

— Não escolheria esses termos, mas sim. Se isso acontecesse, ela teria alguém com quem conversar, caso precise de uma amiga.

— Pode deixar, Peter, irei, sim. Com muito prazer. Eu não preciso de convite, mesmo — disse rindo e fazendo com que Peter risse também. — Posso lhe dar um conselho?

— Estou aceitando qualquer ajuda.

— Roupas.

— O quê? — Peter perguntou sem compreender o que Letícia quis dizer.

— Leve-a para comprar roupas. Qual mulher resiste às compras? Além disso, você não notou que ela ficou um pouco acanhada no aeroporto? Seria uma

forma dela chamar menos atenção, se bem que já vi trajes africanos super fashions, e turbantes estão totalmente na moda. Eu mesma tenho uns...

— Letícia.

— Desculpa. Eu me empolguei um pouco — disse ela rindo do outro lado da linha.

— Eu não sei se seria a pessoa ideal para acompanhar a Aisha em compras desse tipo...

— Você é a única pessoa que ela conhece no Brasil, pelo menos até amanhã. Não acha que se ela estiver vestida de modo mais descontraído, o almoço para ela seria menos tenso? Afinal, ela se reunirá com vários estranhos. Se ela ficou impressionada com seu apartamento, imagina na mansão Hauser? Relaxa. Depois você vai me agradecer. Duvido que ela não vai dar pulos de alegria com a ideia.

Peter enxergou alguma coerência na forma de Letícia pensar. Assim, depois de tomar um banho e servir a mesa, ele decidiu chamá-la para comer alguma coisa. Ouviu uma canção vinda do quarto. Ficou alguns segundos apenas ouvindo a voz de Aisha. Não entendeu todo o conteúdo da canção em língua Xona, mas pôde compreender que a música falava de família e luto. Lembrou-se da sugestão de Letícia, de como se aproximar da tia de Zaimo e tentar estabelecer um convívio amigável. Com isso em mente, bateu na porta.

Ela levou uns minutos para abrir e ele já pretendia bater novamente quando ela apenas entreabriu a porta, permitindo-lhe ver parcialmente seu rosto. Foi a primeira vez que ele a viu com os cabelos soltos e ela pareceu embaraçada com isso.

— O senhor precisa de alguma coisa, doutor?

— Não, Aisha. E não se preocupe que eu já contratei uma profissional para cuidar da casa, cozinhar e tudo mais que for necessário. Ela deverá chegar amanhã.

— Eu sou perfeitamente capaz de cuidar das tarefas domésticas.

— Eu sei que é, mas você não veio para esta casa para trabalhar e também não é uma hóspede. Quero que se sinta em casa, aqui.

— Mesmo quando eu morava com minha família em nossa casa, eu e minhas irmãs fazíamos as tarefas e...

— Se é tão importante para você, poderá auxiliar a Guilhermina quando ela chegar. Está bem assim?

Ela apenas assentiu.

— Você já desfez sua mala?

— Não.

— Precisa de ajuda para organizar suas coisas?

— Não, doutor. Eu apenas tomei um banho. Acho que houve algum engano, porque este é o seu quarto. Não entendi por que me trouxe para o seu quarto.

— Eu não expliquei que este já foi meu quarto antes de convidá-la para vir morar aqui e peço desculpas. Quando o Zaimo me falou de como você gostava de ver as estrelas, eu pedi que Letícia apenas levasse as roupas do meu closet para o quarto de hóspedes. Ela esqueceu alguma coisa?

— Sim. Sua pasta de trabalho, eu suponho, um par de calçados e uma gravata. Mas não era necessário dar a essa Letícia todo esse trabalho e...

— Ela é uma boa amiga. Foi ela quem se ofereceu de qualquer forma. Eu já estou instalado no outro quarto e pensei que gostaria mais deste. Não gostou?

— É impossível não gostar de algo assim, mas...

— Por favor, se quiser mudar qualquer coisa, eu posso providenciar e...

— Não. Está tudo perfeito. Eu... peço desculpas se pareci ingrata. Eu realmente achei tudo muito bonito — disse tudo isso sem olhá-lo nos olhos, o que incomodava Peter sobremaneira.

— Que bom, Aisha. Você poderia me dar então essas roupas e a pasta? — Rapidamente, ela reuniu os itens e entregou a ele. — Aisha... falando em roupas, o que você acha de amanhã de manhã sairmos para comprar roupas novas para o Zaimo e para você. — Peter propôs, mas logo se arrependeu da forma que abordou o assunto. Não tinha o hábito de ter mulheres convivendo sob o mesmo teto e talvez essa mudança o afetasse também — Seria uma oportunidade de se familiarizar com a vizinhança já que temos um shopping próximo, além de algumas butiques também.

Ela levantou a vista sem mostrar alteração em seu humor quanto à sugestão de fazer compras. Nem de longe, deu pulos de contentamento como Letícia supôs que aconteceria.

— Zaimo vai gostar. Tenho certeza disso, mas eu não preciso de roupas novas, Dr. Peter. Agradeço — disse analisando a expressão em seu rosto.

— Pensei que, talvez, você gostaria de usar roupas mais... comuns — disse observando o tecido com estampas que ela enrolava pelo corpo, preso em um nó, e que, quando somado ao turbante, deixava apenas seu rosto e as mãos à mostra.

— Não vejo nenhum problema com minhas roupas, doutor. Elas parecem

incomuns para o senhor?

— Não. De modo algum, Aisha. — Peter fez questão de se aproximar e a viu dar um passo para trás instintivamente. Ele recordou-se de como ela evitou cumprimentar seu tio e como esforçava-se a todo custo para não encostar nele. Aquela atitude dela, de manter distância, especialmente de homens, começava a preocupá-lo. Temeu que fosse resultado de algum abuso em seu passado, mas decidiu que ainda não era o momento de lhe fazer perguntas tão pessoais, pois eram quase estranhos um para o outro.

— Eu quis dizer que, talvez, você se sentisse mais confortável usando roupas mais de acordo com a cultura daqui do Brasil. Percebi que quando chegamos no aeroporto, algumas pessoas a observavam e é natural que tenham curiosidade com o que é diferente. Porém, não quero que você se sinta desconfortável em situações como essa. Fomos convidados para um almoço amanhã e pensei que gostaria da ideia.

— Devo então me sentir envergonhada pela cultura de meu país e, para não escandalizar os outros, me vestir como as brasileiras? É o que está sugerindo? Quando o senhor esteve na África, não o vi usando capulana como o Sr. Malik e o Bomani usam — disse olhando-o nos olhos dessa vez, referindo-se ao diretor do orfanato onde Zaimo ficou e ao filho dele.

Peter percebendo que, provavelmente, a tinha ofendido pela postura defensiva que ela assumiu, tentou esclarecer:

— Me desculpe se soei grosseiro. Eu quero que você se sinta à vontade nesta casa e em meu país. Quando sugeri que comprássemos roupas mais discretas, não foi por me sentir embaraçado por ser visto com você, Aisha.

— *Discretas?*

Peter percebeu que só piorava a situação em que se colocou.

— Dr. Peter, a sua preocupação é com as outras pessoas, comigo ou consigo mesmo? Se sente constrangido em ser visto comigo vestida assim?

— Não foi o que eu quis dizer, Aisha. Minha intenç...

— Mas foi o que disse — o interrompeu sem alterar o tom de voz. — Eu agradeço sua generosidade, mas como eu já disse, não preciso de roupas novas. Eu não preciso de nada.

— Entendi, Aisha — disse Peter. — Então, está tudo bem. Podemos comprar apenas para o Zaimo. O que acha de comer alguma coisa?

— O Zaimo já acordou, Dr. Peter?

— Ainda não.

— Eu vou aguardá-lo acordar e comerei com ele, se não se importar.

— Não. Claro que não.

— Com licença, Dr. Peter — disse ela fechando a porta.

— Pois não — respondeu ele para a porta. Peter nunca foi de muitas palavras, mas encontrou alguém que o superava e, dando meia volta, levou seus sapatos e demais itens que Aisha lhe entregou para o quarto de hóspedes que passou a ocupar. Em seguida, guardou a louça para a refeição que pôs sobre a mesa, percebendo que havia perdido o apetite.

O MUNDO DO DR. PETER

— Peter! — disse John Hauser vendo que seu amigo chegava para o almoço, apertando sua mão e lhe dando um forte abraço. — Fizeram boa viagem, meu amigo? Eu podia ter buscado vocês no aeroporto.

— Não se preocupe, John. Meu tio foi nos buscar e tudo correu bem — disse retribuindo o abraço. — O voo foi longo, mas tranquilo. Danielle está bem? — perguntou olhando e não a vendo ali.

— Sim. Ela está se arrumando e logo vai descer. Ela e o bebê estão bem. A propósito, eu também.

— Desculpe, meu amigo. Só fiquei preocupado. Que bom que todos estão bem. E os preparativos para o casamento?

— Letícia assumiu o controle. Sabe como ela adora planejar festas. — Virando-se para o tio de Peter, sorriu ao dizer e apertar-lhe a mão: — Como vai, Rodolfo? Que bom que veio. É muito bom ter todos vocês aqui — disse ele olhando para Aisha e Zaimo. O menino parecia encantado com o tamanho daquela casa e olhava a tia que, igualmente, estava impressionada, mas experimentava uma sensação de opressão diante daquela realidade que desconhecia.

Rodolfo apertou a mão de John, agradecendo o convite.

— As famílias estão crescendo — disse Rodolfo segurando uma foto, que estava sobre o aparador do hall, de John abraçando Danielle. — Ela está linda grávida.

— Ela está cada dia mais linda — confirmou John que realmente acreditava que a maternidade tinha deixado sua futura esposa ainda mais bonita.

— É verdade... — disse Peter recebendo a fotografia e sorrindo ao ver o casal feliz na imagem. — Ela está cada dia mais linda.

O tio pigarreou e Peter olhou o sorriso compreensivo de John e a expressão interrogativa no olhar de Aisha. Percebendo que se traía, devolveu a foto ao aparador e disse:

— John, quero que conheça alguém muito especial. A pessoa mais importante da minha vida hoje — disse Peter sorrindo para Zaimo que segurava a mão de Aisha, mas que rapidamente aceitou o colo do pai e enlaçou seu

pescoço.

John olhou para o menino de quem tanto ouviu falar e viu o contentamento nos olhos de Peter. Não. Viu amor na forma como ele olhava para a criança. Quase devoção.

— Filho, lembra das fotos que lhe mostrei? — Ele viu o menino sorrir e responder:

— Sim, *baba*.

— Falei para você de alguém em quem sempre poderá confiar. Lembra por quê?

— Porque ele vai me amar, porque eu sou seu filho — disse o menino em língua Xona olhando nos olhos do pai.

— Exatamente. Zaimo, esse é o melhor amigo do papai. O nome dele é... — Peter instigou o menino a tentar se recordar das pessoas de quem ele falou que conheceria no Brasil.

— John! — disse Zaimo esticando os bracinhos para o homem de cabelos pretos que ele reconheceu da fotografia que o pai lhe mostrou. John Hauser se surpreendeu com a forma como aquela criança vinha para seus braços e tão espontaneamente o abraçava, mas, ao mesmo tempo, percebeu que gostou de tê-lo nos braços, o que o fez ter um vislumbre de como seria ter nos braços seu próprio filho ou filha que nasceria em breve. Os grandes olhos daquele menino pareciam ver o fundo de sua alma e os dentinhos de leite que se abriam em um sorriso tão aberto o fizeram retribuir aquele abraço afetuoso da criança.

— *Baba*, disse você tio — disse o menino tocando a barba de John sem cerimônia.

— Sim — disse John entendendo o que o menino quis dizer. — Pode me chamar de tio John, se quiser, Zaimo.

— *Baba*, vem — disse estendendo a mãozinha animadamente para Peter, que não entendeu, porém, aproximou-se mais ainda e observou seu garotinho abraçar o seu pescoço e o de John de tal modo que encostou a testa dos dois com a sua e falar:

— *Mhuri*^[18], *baba* — disse Zaimo rindo de gargalhar e seu pai emocionou-se com aquele abraço coletivo. Emocionou-se com a felicidade do filho e confirmou: — Sim. *Mhuri*... Família. *Mhuri* do *baba* é agora *mhuri* de Zaimo também.

Os olhos de Aisha ficaram marejados e ela sorriu ao ver a alegria do seu sobrinho que olhou para trás e disse:

— *Sekuru Dolfo e tete Aisha...* família também... — disse olhando para Rodolfo e Aisha.

Seu Rodolfo observava John, Peter e Zaimo e pensava que, meses atrás, nunca teria imaginado uma cena como aquela. Primeiro, Peter conheceu John e encontrou nele o irmão que nunca teve e um foi o remédio que ajudou a cicatrizar a ferida no coração do outro. E agora, da longínqua África, veio o alento para preencher o coração de seu sobrinho. Era como se de alguma forma aquele encontro estivesse marcado e agora aquelas três histórias de vida tão semelhantes se costuravam, pensava ele. Três órfãos que experimentaram tanto sofrimento na idade que deveriam ser mais amados. Pela forma que a vida subtraiu seus pais, todos tinham motivos para não ver sentido no amor e na alegria, mas estavam ali juntos sorrindo e mostrando exatamente o contrário.

Rodolfo também sorriu ao ver o menino brincar com a barba do pai e do tio ao mesmo tempo. Aquele garotinho chegou em suas vidas para mostrar o quanto a vida era simples, apesar de as pessoas conseguirem complicar a simplicidade. Olhou para a Aisha, que era muito dedicada ao sobrinho, e entendeu que aquele menino parecia ser o único capaz de fazê-la expor suas emoções. Aquela criança tinha esse dom de criar pontes para alcançar o coração de todos. O coração dele próprio já havia se rendido ao garotinho.

— *Tete?* — Lembrando-se da tia, Zaimo a convidou para juntar-se a eles, mas viu Aisha abaixar a cabeça negativamente, olhando para o chão. — *Tete, abraço apertado bom...*

— *Tete nyara*^[19], Zaimo — disse Peter explicando que ela estava envergonhada.

O menino fechando os olhos, botou a mão na testa entendendo.

— Nós meninos, ela menina, *baba*.

— Isso mesmo — confirmou Peter que, por ser uma moça, Aisha não ficaria confortável de abraçar tantos "meninos".

— Tio John, eu... Daniel Zaimo Hass — disse ele se apresentando e apontando para si mesmo. — Ela, minha *tete* Aisha — disse apontando para a moça em trajes típicos da África.

Aisha ficou ainda mais desconcertada de ser o centro das atenções.

— Perdão, Aisha. Eu não os apresentei. Esse é John Hauser. Somos amigos desde os tempos de escola. John, a Aisha é a única parente viva de Zaimo no Zimbábue. Ela fala inglês, além de língua xona. Então, não será um problema conversar com ela — disse Peter dizendo tudo isso em inglês para que a moça

entendesse que falavam dela.

— Muito prazer, Aisha. É uma grande felicidade recebê-los em minha casa. Por favor, entrem. Fiquem à vontade — disse John com um sorriso amistoso no rosto, pois ainda estavam no hall da mansão.

— Obrigada, Sr. Hauser — disse ela sentindo-se deslocada em meio a tanto luxo que via desde que entrou naquela propriedade.

— Tal como Peter, você e Zaimo serão sempre bem-vindos aqui, Aisha. — E virando-se para o tio de Peter disse: — Rodolfo, como você quase nunca aparece aqui, a Danielle pediu a *Fraulein* Evelise que preparasse tudo que você gosta: caldos de peixe e de camarão, polvo crocante, casquinha de siri e camarão... Por que não vai até a cozinha conferir?

— Cada dia que passa gosto mais da sua noiva, John — disse ele sorrindo e seguindo em direção à cozinha depois de piscar para Zaimo. Peter trocou um olhar cúmplice com John. Ambos sabiam que seu tio estava mais interessado em rever a governanta do que no cardápio.

— Por favor, sentem-se — disse John conduzindo todos para a enorme sala ainda com o menino no colo.

— Tio John, para você — disse olhando para o pai para ver se falou corretamente. Peter sorriu, assentindo com a cabeça.

O menino entregou a John uma folha dobrada de papel que tirou do casaco.

John se sentou, colocando o garotinho ao seu lado e viu o desenho infantil.

— Nossa *mhuri*... — disse mostrando com o dedinho. — *Baba, tete* Aisha, *sekuru* Dolfo, Zaimo, tio John, *tete* Danielle e *mwanasikana*.

Peter riu.

— O que foi? — perguntou John. — O que significa *mwanasikana*? — Mas ele observou que o menino apontava para a barriga de Danielle no desenho.

— Quer dizer bebê? É isso, Zaimo?

O menino fez que não. Não se recordava da palavra em português, apesar do pai já ter lhe ensinado.

— *Baba*?

— Significa *filha*, John.

— Filha do tio John e da *tete* Danielle — confirmou o menino parecendo um pouco impaciente e perguntou: — Cadê a *tete*?

— Onde ela está, John? — disse Peter tentando não se mostrar ansioso.

— Ela foi tomar um banho. Chegamos da aula de shiatzu há pouco tempo. Daqui a pouco ela desce e vai... — John não terminou a frase, porque logo chegou quem todos esperavam.

— Peter! Vocês chegaram! — disse Danielle caminhando o mais rápido que pôde na direção dele e abrindo os braços ao ver o médico parado de pé na sala.

Haviam passado por tanta coisa juntos. Como uma avalanche de recordações, Peter lembrou-se de quando a conheceu e de como se descobriu apaixonado pelo amor de seu melhor amigo. Lembrou-se de quando a vida dos dois foi ameaçada por um criminoso e do motivo de usar aquele aparelho auditivo. Afastou aqueles pensamentos. Queria focar no presente e no que o futuro reservava para todos eles.

— Danielle... — Peter olhou para ela e sentiu seu coração falhar uma batida. Não pôde evitar a forma como seus pés o conduziram até aquele abraço, da mesma forma que não pôde evitar o modo como seu coração o traía sempre que revia aquela mulher tão especial em sua vida.

Danielle o abraçou com carinho. Afastou-se para olhar seu rosto bronzeado pelo sol africano e lhe deu um beijo em cada bochecha, voltando a abraçá-lo. — Tive medo que não chegassem a tempo para o casamento. Nossa felicidade não seria completa se nos casássemos sem você aqui, meu amigo querido.

Aisha observava a forma espontânea como Dr. Peter reagiu ao ver aquela moça bonita. Não entendeu porque, mas não gostou de ver como ela beijou de modo tão íntimo o rosto dele. Contudo, logo tratou de afastar aquela sensação de antipatia por aquela mulher grávida. Afinal, não a conhecia.

— Ele não ousaria me deixar sem padrinho, meu amor — disse John rindo. Guardando o desenho de Zaimo, pegou o menino no colo novamente e foi até Danielle.

— Verdade, John — disse ele forçando-se a se soltar daquele abraço e acariciando a barriga de sete meses de gestação tão evidente. — Jamais poderia estar ausente no casamento de vocês. E como você tem se sentido? — disse olhando para ela. Como vai o pré-natal?

— Estamos bem. O bebê tem chutado muito ultimamente, mas parei de enjoar.

— Amor, olha quem está aqui. Seu novo sobrinho — disse John sussurrando algo no ouvido de Zaimo que o fez rir e colocando-o no chão. — Danielle não fala em outra coisa desde que você foi buscá-lo na África, Peter.

— Sabe quem eu sou, Zaimo?

Ele fez que sim. O menino observou a moça que se aproximou dele, em especial, ao volume de sua barriga e sorriu de volta para ela.

— *Baba vako ndivo shamwari yangu yepamusoro*^[20] — disse ela olhando de Zaimo para Peter.

O menino olhou impressionado porque não sabia que ela falava a língua Xona e começou a falar sem parar em seu idioma natal, e Danielle, não compreendendo muita coisa, olhou para o médico.

— Peter, aprendi algumas frases apenas, o que ele está dizendo?

— Ele só se empolgou — disse Peter rindo e passando a mão na cabeça do menino.

— Eu ganho um abraço, Zaimo?

— Sim. Abraço as duas. — O garotinho entendeu naquela frase apenas seu nome e a palavra abraço, mas gostou do sorriso dela. Foi até sua nova *tete* e a abraçou, e recebeu beijos de Danielle.

— As duas? — perguntou Danielle sem entender.

— Ele acredita que nosso bebê é uma menina — disse John, e Danielle sorriu, virando-se para a moça que estava sendo negligenciada na conversa.

— Olá — disse em inglês. Peter já havia lhe dito que ela falava o outro idioma e estendendo a mão disse: — Você deve ser Aisha. Muito prazer. Eu me chamo Danielle. John e eu vamos nos casar em menos de duas semanas. Gostaria muito que você viesse ao nosso casamento.

— Muito prazer e obrigada pelo convite. — Foi tudo que conseguiu dizer, após trocar um breve aperto de mão com Danielle.

Peter percebeu que Aisha, mais uma vez, se restringia a falar o essencial, mas percebeu algo novo no comportamento dela. Por um instante, teve a impressão de sentir uma certa frieza com Danielle. Depois conversaria com Danielle a respeito. Estava disposto a recorrer a toda ajuda possível, mas evitaria os conselhos de Letícia.

— Você gostaria de conhecer os jardins antes do almoço? São muito bonitos. Peter pode acompanhá-la, enquanto eu vou conhecendo melhor o Daniel Zaimo.

— Eu poderia ir sozinha? — perguntou Aisha receosa. Não queria parecer grosseira, mas apreciava momentos em que podia ficar só com seus pensamentos. Viveu a maior parte de sua vida assim e era essa sua zona de conforto. Aisha gostou da ideia de respirar um pouco de ar puro e depois de Peter mostrar que estava tudo bem, ela saiu da mansão.

Havia várias flores plantadas e eram muito bem cuidadas pelo que Aisha percebeu. Entendia um pouco de jardinagem e aquele belíssimo jardim era obra de um jardineiro de talento. Adorou sentir o perfume das flores e ouvir o canto dos pássaros. Aquela casa era imensa. Nunca tinha entrado antes em uma propriedade tão grande e com tanto luxo. Lembrou-se do apartamento do Dr. Peter que também era belíssimo e decorado com sutileza e bom gosto. Sem excessos. Aquele era o mundo do Dr. Peter e seria o de Zaimo também, mas duvidava que um dia seria o seu. O mundo dele era muito diferente do que ela conheceu a vida toda. Estava feliz por poder conhecer lugares tão bonitos assim, mas pensava que jamais conseguiria se encaixar no meio daquelas pessoas ricas. Eles eram gentis e atenciosos com ela, mas até quando? — pensava Aisha.

Respirou fundo o perfume das flores. Sentiu-se mais à vontade sozinha ali fora. Pelo menos, não tinha que ficar tentando adivinhar o que falavam quando ela não estava incluída na conversa por compreender poucas palavras em português. Queria aprender aquele idioma. Pensou em arrumar um emprego e com seu dinheiro pagar um curso para aprender a falar português e ter a chance de voltar a estudar também. Ficou satisfeita por não ver outras pessoas caminhando por ali naquele momento. Viu uma bela piscina e, mais à frente, um grande ipê. Suas folhas caíam espalhadas pela grama. Devia ser uma visão maravilhosa na primavera. Imaginou de que cor seriam suas flores.

Ouvindo o canto dos pássaros, Aisha refletia sobre tudo que pôde observar e compreender da conversa entre Peter e os donos da casa, percebeu que o que mais a incomodou foi o olhar de Peter para Danielle. Não entendia o porquê, mas ele não a olhava como um amigo. Entendia pouco de relacionamentos, mas teve a impressão que ele parecia hipnotizado por ela.

Perdida em seus pensamentos, não viu o homem que vinha em sua direção e nem ele a notou, pois sua atenção estava voltada para relatórios que tirava da pasta, e como ela caminhava silenciosamente, não percebeu sua presença. O choque foi inevitável.

Aisha sentiu o peso daquele homem que caiu sobre ela e imediatamente, entrou em desespero.

— *Stay away from me! Let me go! Don't touch me!*^[21]

Ela se debatia desesperadamente e gritava em inglês. Ele pedia calma no mesmo idioma. Dizia que não iria machucá-la, que apenas iria ajudá-la a ficar de pé e que não teve a intenção de assustá-la. Quando Aisha sentiu aquelas mãos que pareciam gigantescas sobre seus braços, como um gatilho, sua mente desligou, a última coisa que ouviu foi o som de passos apressados e a voz de

Peter dizer, antes dela desmaiar:

— O que você fez com ela, Klaus?

Fim do bônus da autora.
Conheça a história do Dr. Peter na íntegra.

Link e-book Amazon: <https://goo.gl/mpV4FK>

Link livro físico PagSeguro: <https://pag.ae/bbBRFH4>

CONHEÇA OS OUTROS TRABALHOS DA AUTORA

Mais de 2 MILHÕES DE LEITURAS NA AMAZON em menos de três meses.



SINOPSE:

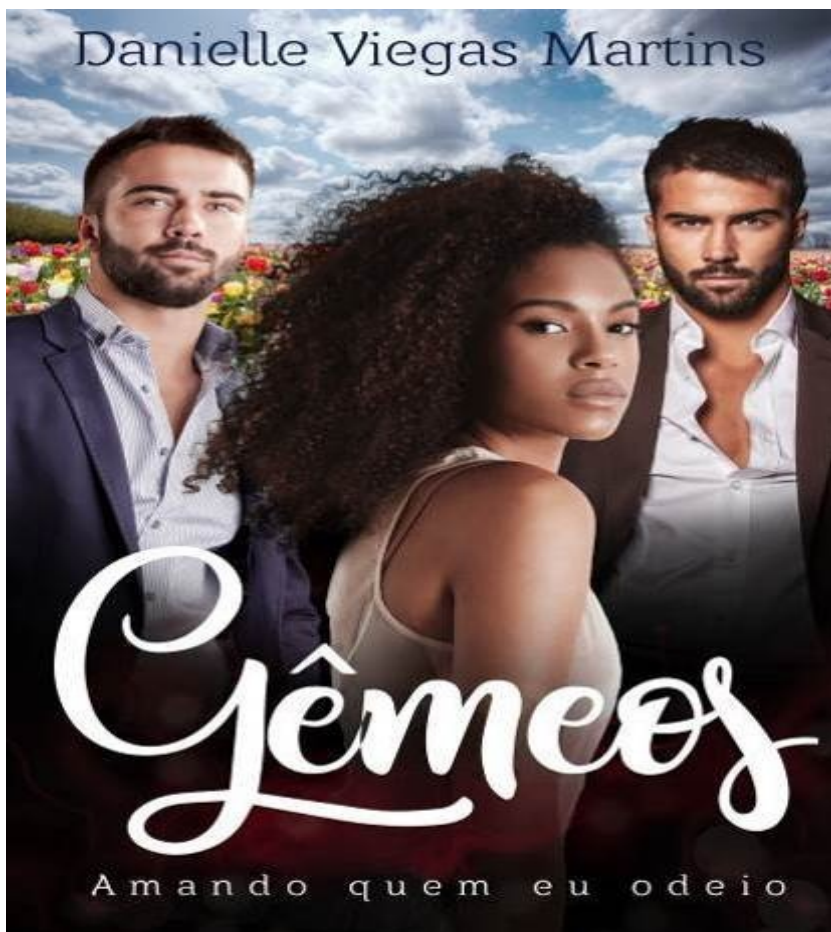
Obedecer a Bruno Lins de Carvalho e satisfazê-lo de todas as formas que ele desejasse era o que o contrato determinava e um homem implacável como ele não aceitaria menos que isso. Milena se vê em cárcere privado e refém de circunstâncias infelizes que a condenaram a abdicar do controle de sua vida e de seu corpo. Ela seria sua propriedade e só faria a vontade dele por um ano.

Quando aquele desconhecido se ofereceu para pagar a dívida de jogo de seu irmão, Milena aceitou a proposta pensando se tratar de um empréstimo, mas os termos eram de um contrato de compra: ele a estava comprando por um ano.

Por isso, NÃO CONFUNDA COM UMA HISTÓRIA DE AMOR.

Conheça a história de Milena.

Link: <https://goo.gl/eVvKPf>



SINOPSE:

Me chamo Natália e essa é a minha história. Com oito anos, presenciei o assassinato brutal dos meus pais e, depois disso, precisei me mudar para começar uma nova vida no sul do país ao lado do meu avô. Deixando para trás São Paulo e toda a dor e tristeza que nenhuma criança deveria experimentar.

Assim, cresci na cidade de Gramado e logo descobri que gentileza e amor têm nome e sobrenome: Henrique Mallmann. À medida em que fui amadurecendo, foi impossível não nutrir por ele um amor platônico, apesar da nossa diferença de idade.

Contudo, Henrique tem um irmão gêmeo idêntico e, para minha surpresa,

com a mesma face do amor e da gentileza também conheci o desprezo. Conheci Heitor. Não pensem que ele me maltratava ou que era cruel comigo. Pior. Heitor era indiferente. Quase como se eu fosse invisível. Mas com o passar do tempo eu aprendi que prefiro o silêncio de Heitor à sua ira.

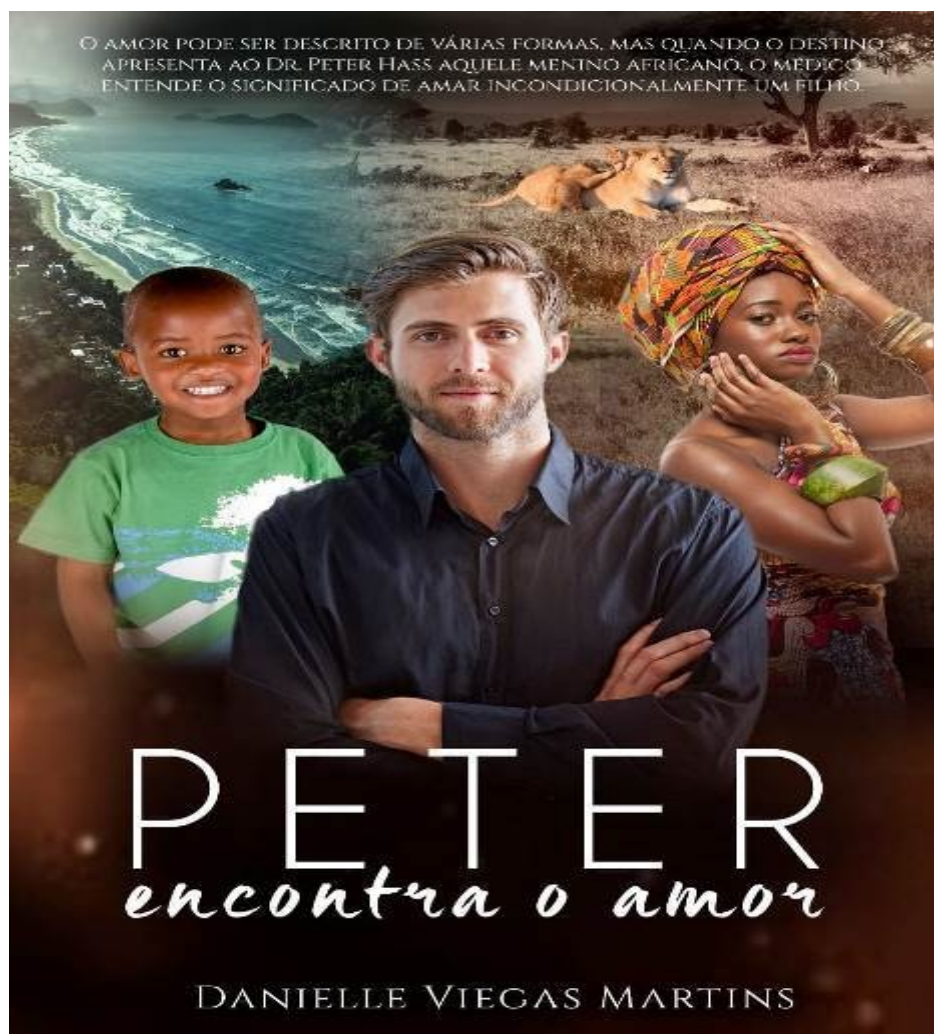
Agora prestes a fazer dezoito anos, decidi me declarar para Henrique.

_"Vinte segundos de coragem...é tudo que eu preciso".

Nunca fui de beber. Então, por que fui aceitar a primeira (e depois, a segunda e a terceira) taça de champanhe? Tenho certeza que finalmente beijei o Henrique, mas, por que o braço que enlaça minha cintura é do "gêmeo mau" Heitor?

Link e-book Amazon: <https://goo.gl/uJyk7K>

Link livro físico PagSeguro: <https://pag.ae/blx8njP>



SINOPSE:

Imagine um ser humano capaz de tudo por aqueles que ama. Um homem íntegro. Um amigo fiel. Alguém que se importa com seus semelhantes, porque, de fato, os vê como iguais e dedica sua existência a salvar vidas. Um homem apaixonado pela mulher de seu melhor amigo e que faz de tudo para assegurar a felicidade da mulher que ama, mesmo que não seja ao seu lado. É como voluntário no Programa Médicos sem Fronteiras, no coração da África, que o médico brasileiro vai encontrar o amor que mudaria sua vida para sempre. Peter encontra o amor ao conhecer o menino Zaimo e o torna seu filho, porque não consegue imaginar sua vida sem aquela criança.

O garotinho, apesar de ter enfrentado severas privações impostas pela vida, ainda preserva a inocência e a pureza em seu coração. Capaz de compartilhar o pouco que tinha com outras crianças que tinham menos ainda. Contudo, ao contrário do que todos pensavam, Zaimo ainda tinha uma parente viva e sua tia Aisha estava disposta a tudo para ter o direito criar o menino. Ela aceita a proposta do Dr. Peter e embarca com eles para o Brasil. Aisha precisará enfrentar muitos fantasmas e traumas guardados em sua alma. Exceto por Zaimo, qualquer contato físico lhe causa pavor. Ela logo entenderia que ao aprender a confiar, aprenderia também a amar.

Essa é a história do Dr. Peter Hass e de como ele encontra o amor.

Link
<https://goo.gl/mpV4FK>

e-book

Amazon:

Link livro físico PagSeguro: <https://pag.ae/bbBRFH4>

BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA



Danielle Viegas Martins nasceu em São Luís- MA, mas mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro em 2001. Ela possui formação em Letras Português - Inglês pela UFRJ e cursou mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela UERJ, tendo sido bolsista IPEA/ANPED. É funcionária pública do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ desde 2010.

A autora começou a publicar capítulos semanais na plataforma Wattpad em fevereiro de 2017. Danielle optou por usar o pseudônimo Tess91 por ter receio de que os leitores não apreciassem seu trabalho. Contudo, em menos de dois anos, seus livros já ultrapassaram quatro milhões de leituras online. O livro **Eu paguei por ela** ficou em 2º lugar entre os 100 e-books mais vendidos na lista geral da Amazon por quase duas semanas em outubro de 2018. Seu livro *Gêmeos: amando quem eu odeio* também figurou entre os mais vendidos na Amazon quando foi lançado em e-book.

Entre os autores favoritos de Danielle estão Aluísio Azevedo, Eça de Queiroz, Jane Austen e Charlotte Brontë.

Danielle é mãe do Gustavo, seu grande amor, e não imagina sua vida longe

dos livros, das salas de cinema e sem uma máquina fotográfica nas mãos.

Um grande beijo, meus amores.
Até nossa próxima jornada juntos!
Danielle Viegas Martins (Tess91/Tess Hauser).

COMPARTILHE SUAS IMPRESSÕES COM A AUTORA

Grupo Romances da Tess:

Clique nos links e visite as redes sociais da autora



No [Facebook](#)



No [Instagram](#)



Para entrar no grupo do WhatsApp basta solicitar pelos links acima.

[Página da autora](#)

Instagram: <https://www.instagram.com/tess91hauser/>

Facebook: <https://www.facebook.com/tess.hauser.90>



-
- ^[1] *Bruder*: irmão (tradução livre do alemão).
 - ^[2] *Deutsche und Kinder*: Alemães e filhos (tradução livre do alemão).
 - ^[3] *Großmutter*: avó (tradução livre do alemão).
 - ^[4] *4 Kumpel*: amigo, parceiro (tradução livre do alemão).
 - ^[5] *Herr*: senhor (tradução livre do alemão);
 - ^[6] *Dame*: senhora (tradução livre do alemão).

^[7] *Freund*: amigo (tradução livre do alemão).

^[8] *Vater*: Pai (tradução livre do alemão).

^[9] *Feel better when I'm dancing*: sinto-me melhor quando estou dançando (tradução livre do inglês).

^[10] *Cousin*: primo (tradução livre do alemão).

^[11] Porque estou feliz/ Bata palmas como se estivesse em uma sala sem teto/ Porque estou feliz/ Bata palmas se achar que a felicidade é a verdade (tradução livre do inglês).

^[12] *Baba*: pai na língua xona.

^[13] *Tete*: titia em língua xona.

^[14] *Mufaro wangu*: minha alegria em língua xona.

^[15] Conto de Tamari: do original "*Tale of Tamari*", história de escritor do Zimbábue *Shimmer Chinodya* que relata a vida

e Tamari e seu irmão que, após ficarem órfãos, passam a morar com o tio que, ao invés de zelar pelas crianças, busca

explorá-las em troca de dinheiro.

^[16] *Kugara kure neni!*: “Fique longe de mim!”, em língua Xona.

^[17] *Sekuru*: vovô na língua xona.

^[18] *Mhuri*: família, na língua xona.

^[19] *Nyara*: Nyara: envergonhada, na língua xona.

^[20] Significa: “seu pai é meu melhor amigo”, na língua xona.

^[21] *Fique longe de mim! Me deixe ir! Não me toque!* em inglês.

Table of Contents

[DEDICATÓRIA](#)
[PLAYLIST](#)
[DANIELLE](#)
[JOHN](#)
[OS HAUSER](#)
[O SEQUESTRO](#)
[JOHN E DANIELLE](#)
[“ESTAREI AO SEU LADO”](#)
[SUSPEITA?](#)
[PETER](#)
[MUITO MAIS QUE GRATIDÃO](#)
[OS HAUSER](#)
[A VIDA É UMA PERMUTA?](#)
[HUGO](#)
[AMOR E DOR](#)
[TODA AJUDA É BEM-VINDA](#)
[APENAS UM MAL-ENTENDIDO](#)
[MAIS FORTE DO QUE APARENTA](#)
[AULAS, LIVROS, CINEMA E... FLORES](#)
[JOHN – REVELAÇÕES](#)
[DANIELLE – REVELAÇÕES](#)
[COM O CORAÇÃO PLENO](#)
[A FESTA DE FORMATURA](#)
[EDGARD, SUSPEITO NÚMERO UM?](#)
[HELENE, O ANJO MAU](#)
[KLAUS](#)
[OS CAMINHOS PELOS QUAIS A VIDA NOS LEVA...](#)
[DANIELLE](#)
[AMORES IMPOSSÍVEIS](#)
[DIA DE PRAIA](#)
[ENTRE O SONHO E A REALIDADE](#)
[RESISTINDO À TENTAÇÃO](#)
[O BEIJO ROUBADO](#)
[TERAPIA DA BELEZA](#)
[O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE I: QUEM DÁ MAIS?](#)

O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE II: A SAUDADE TEM FIM HOJE
O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE III: UM CASAL APAIXONADO
COMO OUTRO QUALQUER
O ANIVERSÁRIO DE LETÍCIA. PARTE IV: A REALIDADE SUPERA O
SONHO
EU JÁ SONHEI COM A VIDA E, AGORA, VIVO UM SONHO
NÃO SEI SE PODEREI SER SEU AMIGO
A VOLTA DE SCHNEIDER
DE VOLTA A ONDE TUDO COMEÇOU
ADEUS, DR. PETER
NÃO HÁ NADA TÃO RUIM QUE NÃO POSSA PIORAR
VOCÊ NÃO É QUEM EU PENSEI QUE FOSSE
SEMENTE DA DISCÓRDIA
UMA INOCENTE ATRÁS DAS GRADES
TE AMO MAIS QUE A MIM MESMO
MORTE NA MANSÃO HAUSER
POSSO FICAR AQUI COM VOCÊ?
QUEM MANDOU MATAR JOHN HAUSER
HORA DO BANHO, DR. PETER; HORA DA VERDADE, SR. HAUSER
A JUSTIÇA SENDO FEITA
OFENSAS, DESENCONTROS, MAS TAMBÉM ESPERANÇA
HORA DE SEGUIR EM FRENTE
GRÁVIDA
NÃO HÁ MAL QUE DURE PARA SEMPRE
QUER SE CASAR COMIGO?
QUASE UM FINAL FELIZ, MAS...
E A AJUDA VEM DE ONDE MENOS SE ESPERA
EPÍLOGO
E O TEMPO PASSA...
UM NOVO COMEÇO
NÃO PRECISO DE AJUDA
O MUNDO DO DR. PETER
CONHEÇA OS OUTROS TRABALHOS DA AUTORA
BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA
COMPARTILHE SUAS IMPRESSÕES
COM A AUTORA